

Heroes of the Blues

DRAWN by R. CRUMB



AS CAPAS DE DISCOS DE ANDY WARHOL NOS ANOS 1950

POR RICARDO SCHOTT – POPFANTASMA.COM.BR

Já tinha uma fruta (e não era uma banana) e heroína (e não era a do Velvet Underground) na vida do artista bem antes de ele se envolver com Lou Reed & cia

23 DE NOVEMBRO / 2017 – Andy Warhol, o cara que criou a capa de *VELVET UNDERGROUND & NICO* (1967), estreia do Velvet Underground. E a de *STICKY FINGERS*, dos Rolling Stones (1971). Ou a de *LIVE YOU LIVE* (1978), disco ao vivo dos Stones. E de uma porrada de discos de jazz, clássicos e variedades dos anos

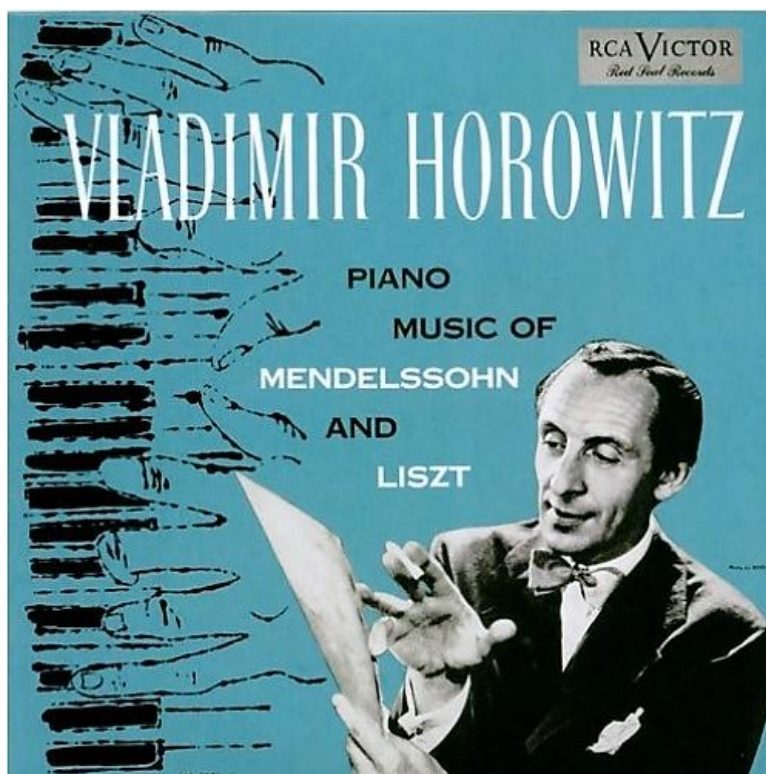
1950 e 1960. O artista multimídia morto em 1987 já tinha, como capista, uma assinatura reconhecível à distância. E isso bem antes de fazer suas obras mais conhecidas. Olha só esses exemplos aí de capas de discos de Andy Warhol.

E – detalhe – Andy Warhol já tinha uma fruta em sua vida, muito antes da banana da capa do disco do Velvet Underground. E já tinha sido apresentado à heroína anos antes de Lou Reed. Veja tudo isso nas capas abaixo.

VLADIMIR

HOROWITZ –

“PIANO MUSIC OF MENDELSSOHN AND LISZT” (RCA, 1951). Nesse período, Warhol aplicou seu estilo – que soava artístico e rascunhado quase simultaneamente – a inúmeros discos de jazz e clássicos da RCA e de etiquetas como Prestige.



ORQUESTRA

SINFÔNICA

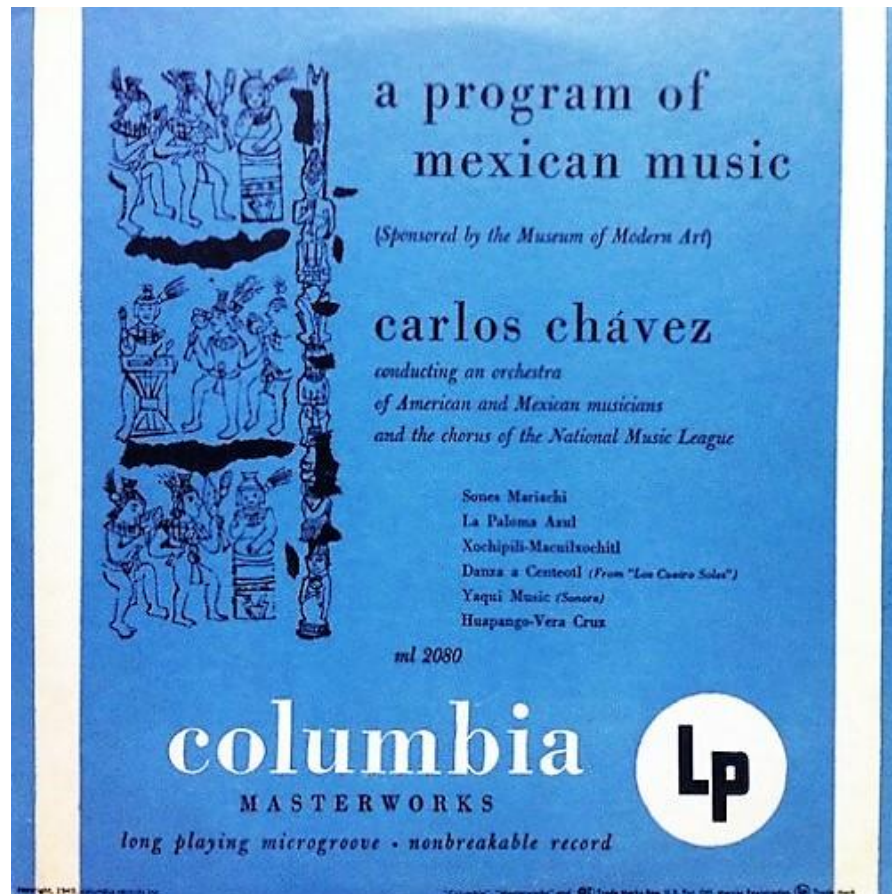
NBC/ARTURO

TOSCANINI –

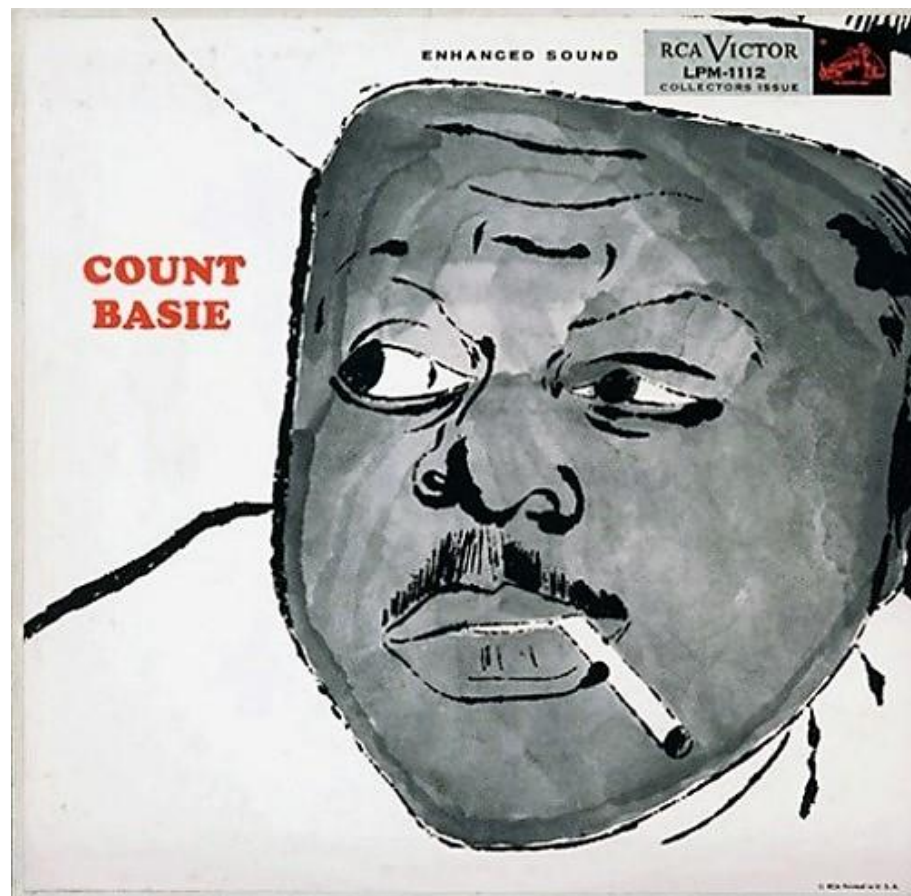
“WILLIAM TELL OVERTURE – GIOACHINO ROSSINI” (RCA, 1953). E não é que já havia uma fruta na vida de Warhol antes da banana da capa de The Velvet Underground & Nico? A maçã com a flecha representa as habilidades de arqueiro de Guilherme Tell. Uma das mais bacanas capas de discos de Andy Warhol.



CARLOS CHAVES – “A PROGRAM OF MEXICAN MUSIC” (Columbia, 1949). Lançado originalmente em 1940 num set de quatro discos de 78 rpm, esse álbum ganhou uma capa de Warhol numa edição em LP, nove anos mais tarde. Essa capa saiu com duas versões diferentes nos EUA, variando apenas as cores e mantendo a arte de Warhol. No México, o disco ganhou uma outra capa, com uma foto e sem nada feito por Andy.



COUNT BASIE – “COUNT BASIE” (RCA, 1955). O estilo de Warhol nessa capa ficou popular a ponto de ser imitado até em lançamentos da RCA brasileira, com um logotipo do lado e um desenho baseado numa foto, quase sangrando no LP. No original, era um álbum triplo, com três EPs de 45 rpm. Na Europa,

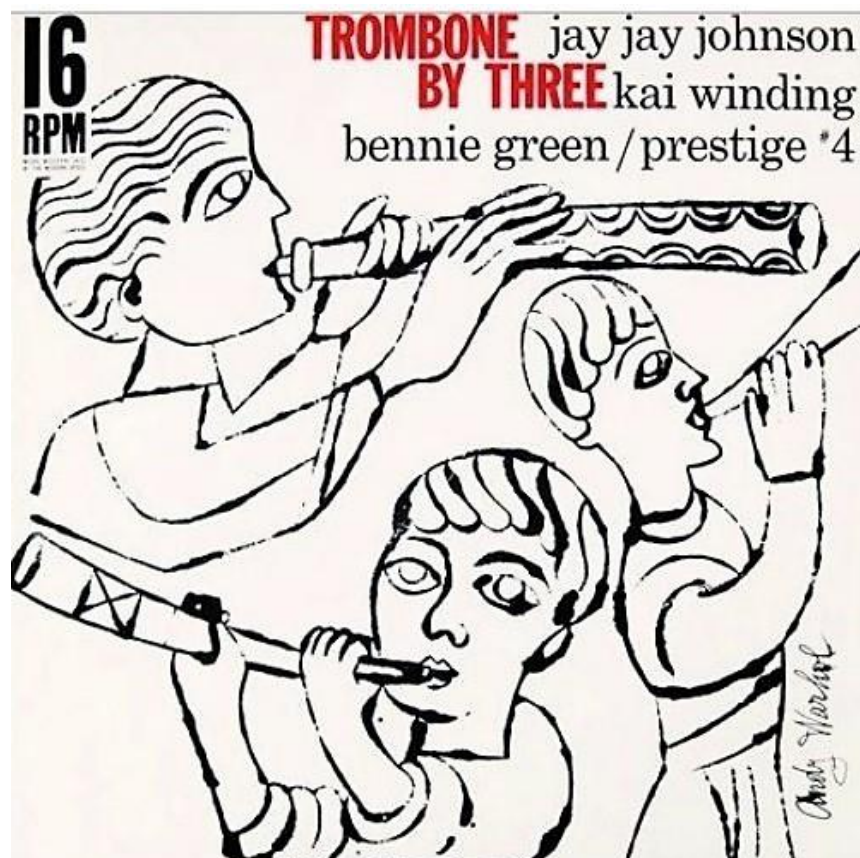


saiu tudo separado.

THELONIOUS MONK –
“MONK” (Prestige, 1956).
Trabalho em trio: Warhol
operou ao lado do
designer da Prestige, Reid
Miles, que depois
trabalharia na Blue Note.
E a mãe de Andy, Julia
Warhola, desenhou a
caligrafia da esquerda, na
capa.



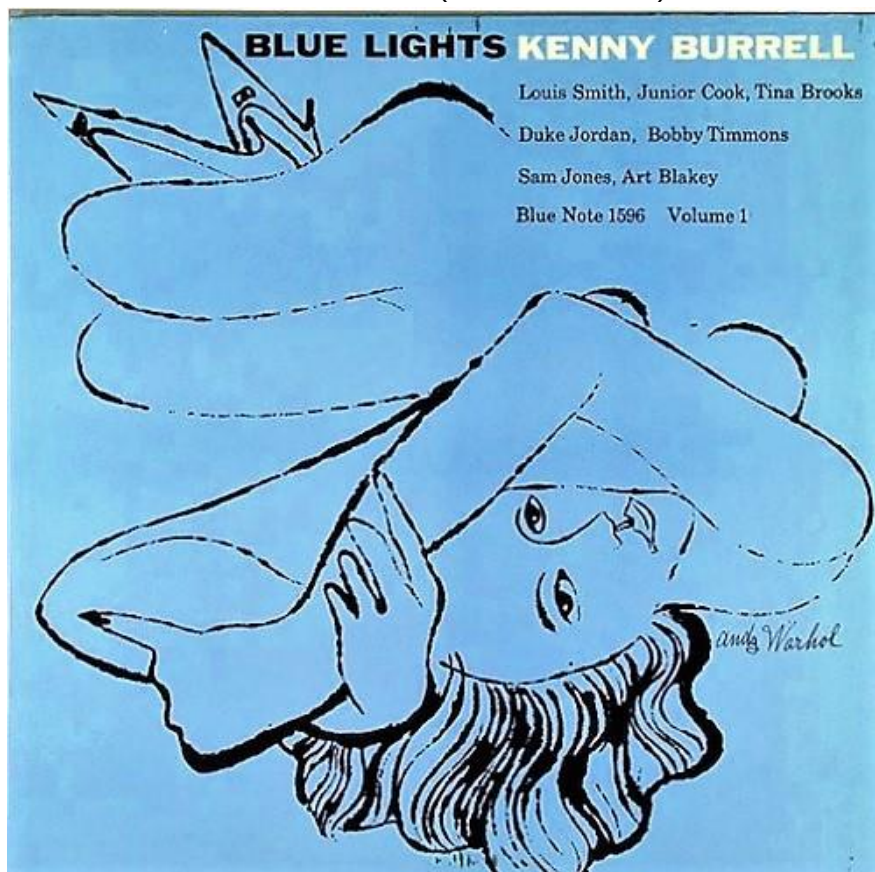
JAY JAY JOHNSON, KAI WINDING, BENNY GREEN – “TROMBONE BY THREE”
(Prestige, 1956). Durante um tempo, existiu um formato alternativo de LP em 16 rpm, com mais tempo de duração de cada lado. Trombone by three foi reeditado no formato e ganhou essa capa alternativa feita por Warhol e Reid Miles.



“VOL 2” – **KENNY BURRELL** (Blue Note, 1957). Vendo essa capa aí, que Warhol fez para o segundo disco de Burrell, dá até pra lembrar um pouco das ilustrações de Cesar Vilela para o selo Elenco. Como a do disco Baden Powell à vontade, de 1963. Essa foi igualmente parceria com Reid e foi a primeira ilustração de Andy para o selo.



“BLUE LIGHTS VOL 1 AND 2” – **KENNY BURRELL** (Blue Note, 1958). Nos dois volumes, a mesma ilustração de Warhol, variando apenas a cor. Esse desenho aparece na capa do catálogo Andy Warhol – 1950s drawings, editado por Daniel Blau para o Louisiana Museum. E que inclui algumas capas de discos de Andy Warhol.



JOHNNY GRIFFIN – “THE CONGREGATION” (Blue Note, 1958). Com o tempo, e com as reedições, as cores da camisa florida de Griffin na capa foram ficando bem menos nítidas e vivas.



MOONDOG – “THE STORY OF MOONDOG” (Prestige, 1957). Louis Thomas Hardin, o popular Moondog (1916-1999), era músico de jazz, compositor, poeta, escritor e inventor de instrumentos.

Cego desde os 17 mas bastante independente, Moondog andava por Nova York, para onde se mudou nos anos 1940, com um chapéu de viking. E era conhecido como “o viking da Sexta Avenida”, já que era por lá que ele costumava circular. Seu quarto disco tinha crédito como capista para Andy. Mas o termo “capas de discos de Andy Warhol” é só genérico aqui. Quase toda a arte

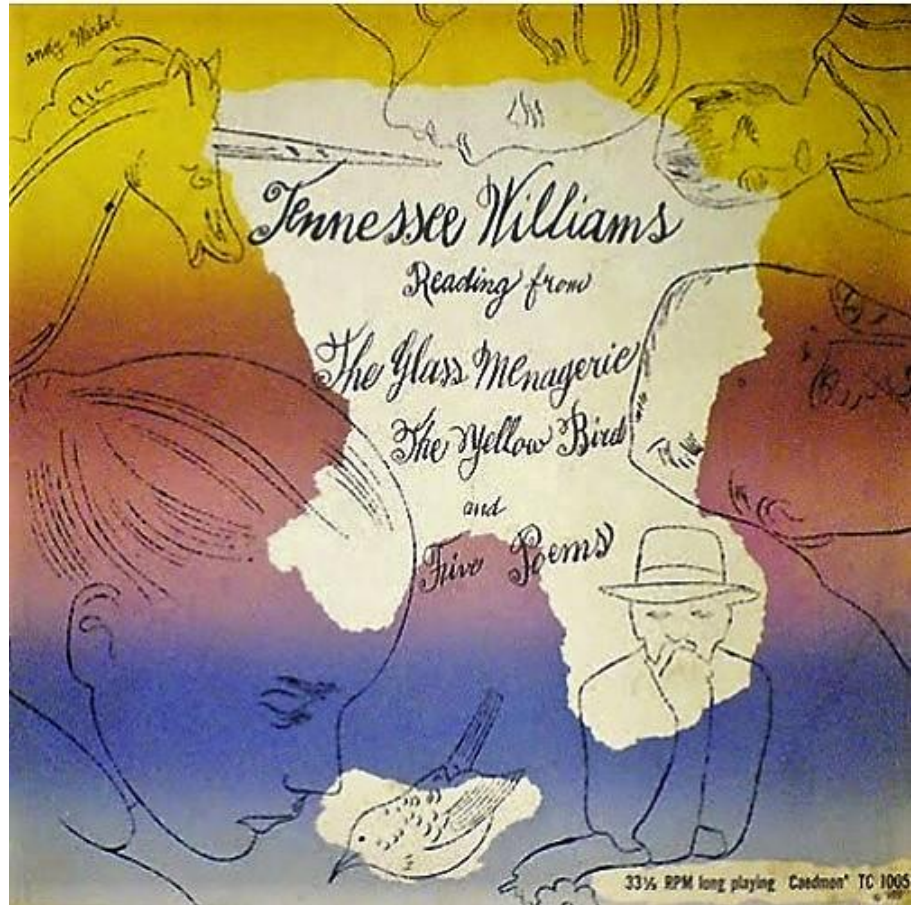
the story of moondog

moondog is a poet who versifies in sound, a diarist overcome by love curiosity and amusement by everything that reaches his ears, all of which he transposes into a symphony of himself. it may be the roar from the streets; it may be the casual chatter in a room or, best of all, it will be that street music that seeps through imagination and memory. These experiences so dull to the dull but so alive to him, he orchestrates into a record of those enchanting conversations everyone can hold with himself would he only listen for a bonus moment. They make up the script of that unique tragicomedy, the story of anyone's life. Picking up our ears would be so easy, yet it is seldom done. But when moondog compels us to do it, we are entranced and delivered willingly into new worlds of meaning.

era ocupada pela caligrafia da mãe Julia.

TENNESSEE WILLIAMS –

“READING FROM THE GLASS MENAGERIE, THE YELLOW BOOK E AND FIVE POEMS” (Caedmon, 1960). Mais uma parceria entre Andy Warhol e sua mãe. A gravadora Caedmon era especializada em discos de leitura de textos e poemas. O álbum do



dramaturgo Tennessee Williams, autor de peças como Um bonde chamado desejo, saiu originalmente em 1953. E só ganhou capa feita pela dupla Warhol/Warhola em 1960.

CBS RADIO SERIES BROADCAST – “THE NATION’S NIGHTMARE”

(Columbia Special Products, 1952). A heroína já fazia parte da vida de Warhol 15 anos antes de ele fazer a capa do LP que tinha Heroin, de Lou Reed. Um de seus trabalhos nos anos 1950 foi fazer a capa desse disco, que trazia um radiodocumentário da emissora CBS sobre o flagelo das drogas injetáveis. Como você já viu aqui mesmo no POP FANTASMA, era comum há muuuuuuito

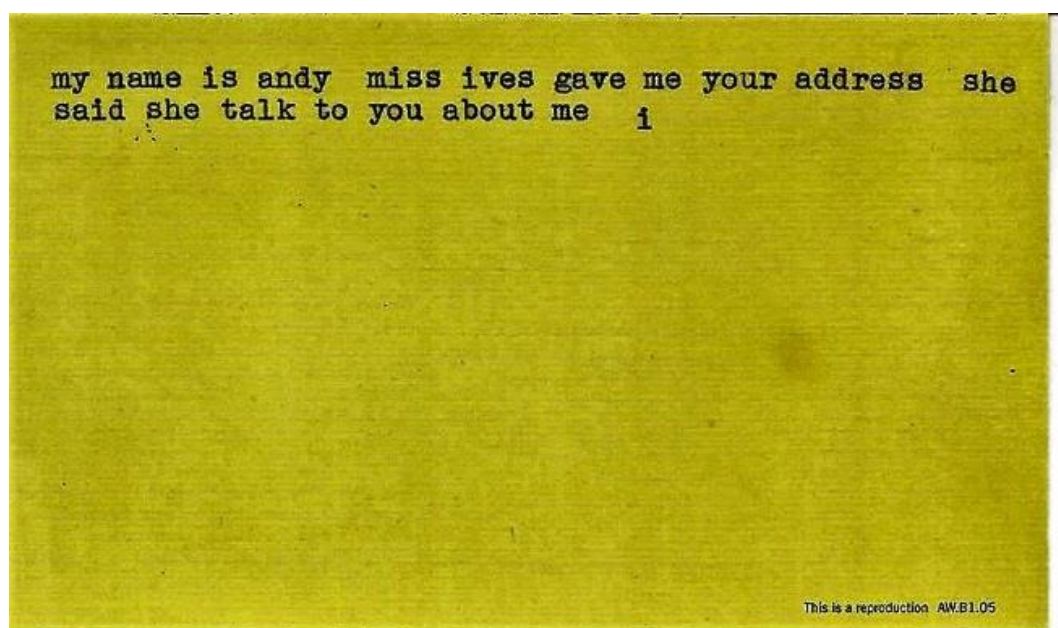


tempo as gravadoras
fazerem discos
falados. Às vezes
até com
audiodocumentários
e gravações de
rádio.



THE JOE NEWMAN OCTET – “I’M STILL SWINGING” (RCA, 1956). EP duplo, relançado depois como LP simples, e com variações das cores das letras. Warhol fez apenas o desenho e o autor do lay-out não está creditado.

De Andy Warhol para Truman Capote





“Valerie pôs a mão dentro de sua pasta de papéis e tirou uma pistola automática calibre 32. Apontou-a para Andy. Ninguém prestou atenção. Andy inclinou-se para a frente. Ela atirou...”



1959



FLES, ROSENTHAL, & MEKAS AT LIVING THEATER

Portrait of, from left, poet and musician Michael John Fles, editor and poet Irving Rosenthal, and Lithuanian American film director Jonas Mekas, as they talk together at a poetry reading (by Edward Dahlberg and Josephine Herbst) at the Living Theater, New York, New York, March 23, 1959. The person behind Mekas is unidentified. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

1960

A década se inicia sob a influência do movimento Neoconcreto, fundado um ano antes pelos cariocas dissidentes do concretismo, liderado pelos paulistas. Encabeçado por Lygia Clark e Hélio Oiticica, o movimento forja a arte de Carlos Vergara, Antonio Dias, Roberto Magalhães, Rubens Gerchman. Nos anos 60, a cultura de massa impregna a criação, através da pop art, e a figura é retomada na produção brasileira.

- Ismael Nery, passa a ser valorizado com exposições realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro.
- Adrian Frutiger abre seu próprio ateleier em Arcueil, nos arredores de Paris. Frutiger é designer, tipógrafo ilustrados e Escultor e continua em atividade.



(BEAT HOTEL).

A b/w photograph by Harold Chapman of Angus MacLise, Diane Barker and American journalist Keith Lorenz standing in front of an ancient wooden door in the Latin Quarter, not far from the Beat Hotel, nd. (c. 1958/59).

1960

21 ABRIL

É inaugurada a nova capital, Brasília, com sua inovadora arquitetura, uma das mais arrojadas e modernas do mundo.

Nesse mesmo ano, a indústria automobilística já tinha se tornado a maior anunciante do país, com as campanhas da Mercedes, Simca, Ford, GM e Volks.

Entre 1959-60, Bolão toca em vários cinemas do Estado de São Paulo junto com Osmar Milani. Ainda em 1960, ele forma Bolão e Seu Conjunto de Rock e depois Bolão e Seu Conjunto, tocando em boates, bailes e eventos até 1963.

One thing is for sure in life. If you want to succeed in what ever you are doing, you must be willing to work hard and often.

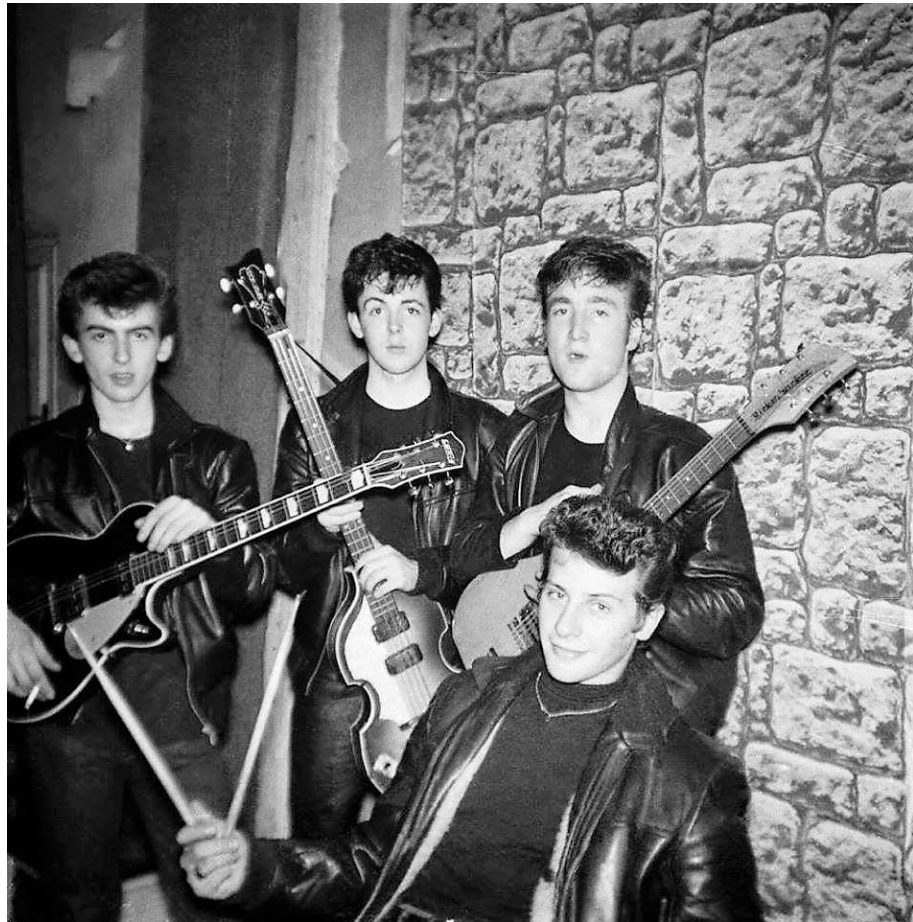
On Feb. 21, 1961, The Beatles played three separate shows in three venues on one day. They first played a lunchtime show at the Cavern. They then did an evening show at

Liverpool's Casanova Club and followed that with a nighttime gig across town at Litherland Town Hall.

We are pretty sure this was the only time they did 3 shows in one day. We also wonder if any of their fans went to all 3 shows?

Also, for those of you who were in a band, and those of you who followed a certain band, did you ever play or see the same band at 3 different places in one day?

(This picture is not from that day, but we liked it.)





Brian, Mike and Cathy Pete's wife

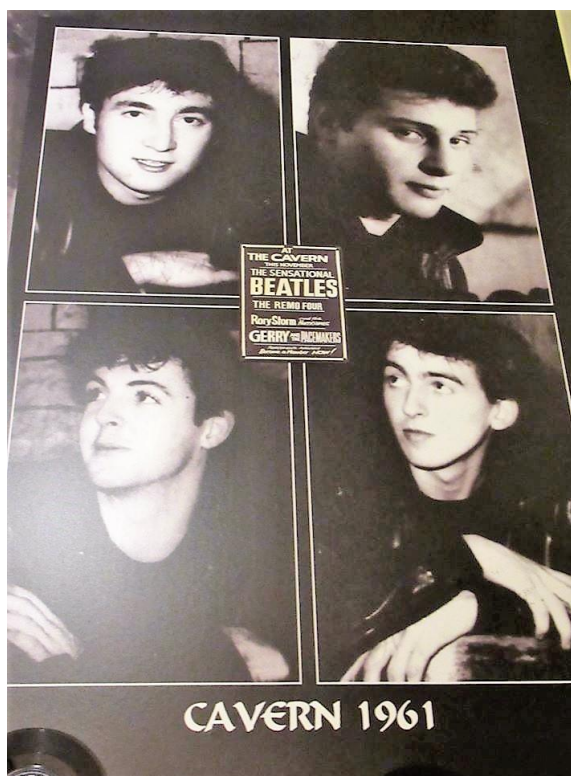
1962

EXPOSIÇÕES

Leo Castelli promove a primeira exposição individual de Roy Lichtenstein.

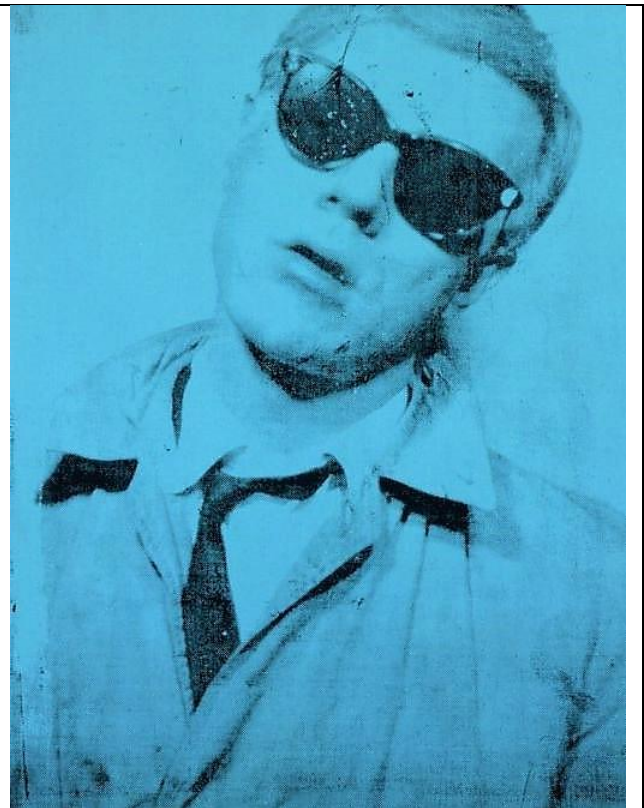
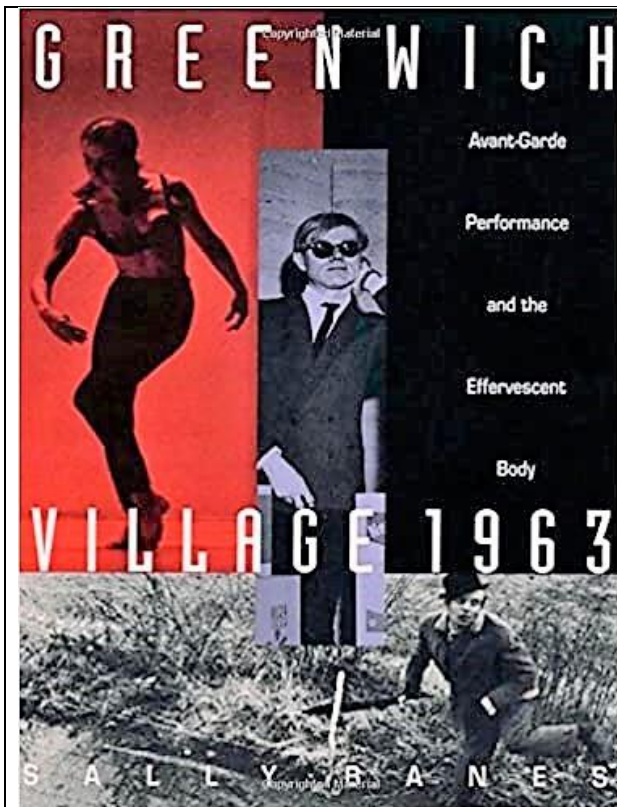
ANDY WARHOL

- Realiza uma série de pinturas de notas de um dólar e *MARILYN DIPTYCH* pequena peça redonda. Datam de 1962 os desenhos que apresentam o inventário quase completo do "universo artístico" de Andy Warhol: las célebres Latas de Sopa Campbell, frascos de ketchup Heinz, notas e maços de dólares, cápsulas de garrafas de Coca-Cola, retratos de vedetas populares do cinema, como Joan Crawford, Ginger Rogers e Hedy Lamarr. O contorno dos objetos é formado por largos traços fluidos, o texto dos rótulos e dos letreiros



cuidadosamente trabalhado, os fundos muitas vezes sombreados e os contrastes acentuados a preto e branco.





Andy Warhol, *Self-portrait* (1963 – 1964)

1963: UM ANO DE LOUCURAS

(Cinthia Rodrigues*)

Andy Warhol usava métodos não convencionais para pintar. Dizia que precisava esvaziar a mente enquanto trabalhava, e para isso ouvia discos de rock no último volume, ligava o rádio para ouvir ópera e deixava a tevê ligada sem som. Tudo ao mesmo tempo dentro da *Factory*, uma sobreloja alugada no bairro de Greenwich Village, em Nova York. "Se tudo isso não esvaziasse minha mente, eu abria uma revista e lia parcialmente um artigo", dizia Warhol.

Detalhes da rotina de criação de Warhol e de outros artistas que moravam no Village, em 1963, recheiam o livro de Sally Banes, professora de História da Dança e do Teatro da Universidade de Wisconsin. Além da arte pop de Warhol, Banes descreve os loucos 'happenings' (espetáculos mambembes em que os artistas misturavam teatro, artes plásticas, poesia e dança), o surgimento do teatro 'off-off Broadway' e a atuação dos grupos Living Theater e Fluxus. Este último contava, entre os integrantes com Al Hansen (avô do músico Beck) e Yoko Ono. Pelo relato de Banes, conclui-se que os artistas do Village daqueles tempos tiveram muito mais do que alguns minutos de fama.

***Texto originalmente publicado em 'Época', 11 out. / 1999**

1963 – OUTUBRO – NOVEMBRO

Andy Warhol pinta *LIZ*, o quadro integrava uma coleção particular desde 1965.



MARCH 5TH 1963 – Photo session in London. In the morning of 5 March 1963, prior to recording their third single From Me To You, The Beatles took part in a photography session in London.

They were captured by EMI staff photographer John Dove, who had been asked to consider LP cover ideas and publicity shots.

The shoot began at EMI House in Manchester Square, where they were snapped on the iron staircase outside the building. A picture of the group with producer George Martin and music publisher Dick James was also taken.

They then moved to nearby Montagu Square where The Beatles posed next to a parking meter, onto which John Lennon placed his glasses.

March 5th 1963
The Beatles and George Martin At EMI Studios .
Taking a break from recording their Third Single . From Me To You / Thank You Girl





March 9th 1963 –
The Beatles' second tour begins, with Chris Montez and Tommy Roe. Just five days after their tour with Helen Shapiro ended, The Beatles embarked on another. Their second theatre tour began at the Granada Cinema on Barking Road, East Ham, London. The tour bill was topped by two American singers, Chris Montez and Tommy Roe. Unfortunately for



them, The Beatles soon proved to be the acts that the audiences wanted to see. For the second performance the following day, The Beatles were at their rightful place at the top.

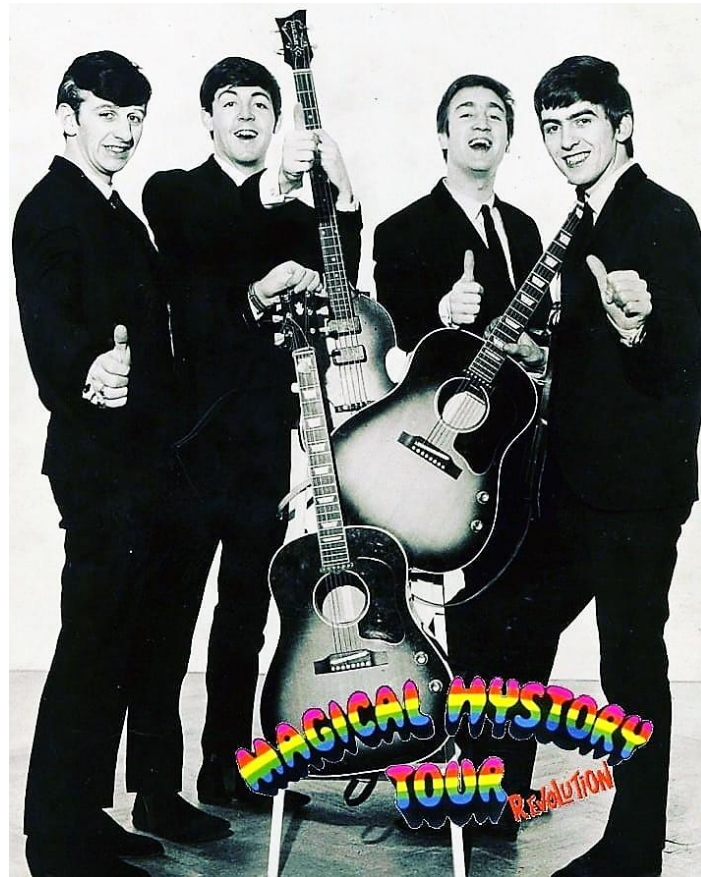
In March we toured with Tommy Roe and Chris Montez, who were supposed to share equal top billing: one of them closing the first house and one the second house for the show. Chris Montez had a big hit, Let's Dance, and Tommy Roe had Sheila.

The Beatles were getting more and more popular – unfortunately for Tommy and Chris. Barking in London was the opening night of the tour and there was a big huddled meeting after the show because Arthur Howes, the promoter, said The Beatles had better close the first half. I think Chris Montez was closing the end of the performance and Tommy Roe the end of the first half. We said, 'No, no, Tommy and Chris close,' because they still sounded like big names to us. I remember Tommy Roe getting all uptight, saying, 'I'm contracted, and I'm going to leave if I don't close the show!'

I felt sorry for Chris Montez; he was just a little Mexican bloke. He did a slow song on a chair, a Spanish tune, and the Teds were all shouting, 'Boo, fuck off.' He said, 'Oh, you don't like it, OK,' and he stopped and put down his guitar and tried something else. It was sad really, but Beatlemania was coming on; Please Please Me had been a hit and From Me To You was on the way.

The Beatles played the following set on the tour: Love Me Do, Misery, A Taste Of Honey, Do You Want To Know A Secret, Please Please Me and I Saw Her Standing There.





**THE ROYAL HALL
HARROGATE**

DEREK ARNOLD presents
**DANCING FOR
TEENS AND TWENTIES**
WITH THE RECORDING STARS OF "PLEASE PLEASE ME"
**THE SENSATIONAL
BEATLES**

TOGETHER WITH HARROGATE'S MOST POPULAR GROUPS
BARRY CORBETT AND HIS MUSTANGS
WITH THE
CHINCHILLAS AND THE APACHES

FRI. 8TH MAR.

8 P.M. TO 1 A.M. LICENSED BAR REFRESHMENTS
TICKETS 10/6 obtainable in advance
at the Box Office

ARTHUR WOODCHURCH

March 13th 1963 – (John still ill, Beatles performed as a three piece) Rialto Theatre, York. As with the previous night's show in Bedford, John Lennon was unable to perform due to illness, so The Beatles took to the stage as a three-piece. This was The Beatles' second concert at York's Rialto Theatre with a month; they had previously played there on 27 February as part of the Helen Shapiro tour. This time they appeared on the same bill as Tommy Roe and Chris Montez. The Beatles performed six songs: Love Me Do, Misery, A Taste Of Honey, Do You Want To Know A Secret, Please Please Me and I Saw Her Standing There.

A
No 15

MECCA Ltd. ~ RIALTO, YORK

ARTHUR HOWES presents
CHRIS MONTEZ
AND
TOMMY ROE

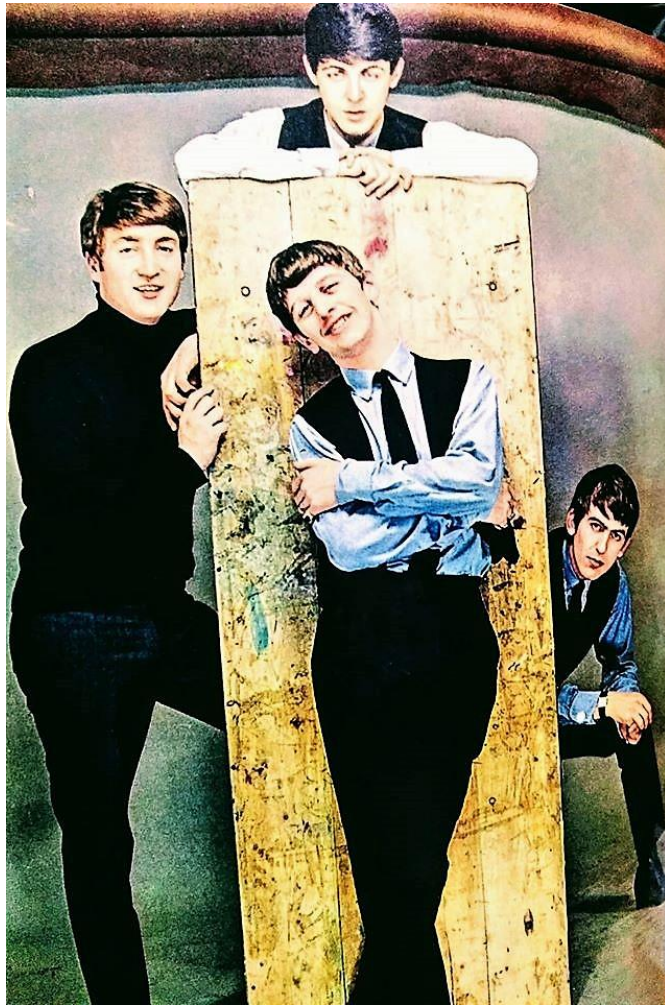
Wed., 13th March, 1963
at 6-40 p.m.
FIRST HOUSE
CIRCLE 8/6

Tickets cannot be exchanged or money refunded.
THIS PORTION TO BE RETAINED





Photo taken at the Majestic Ballroom in Birkenhead on 10 April 1963



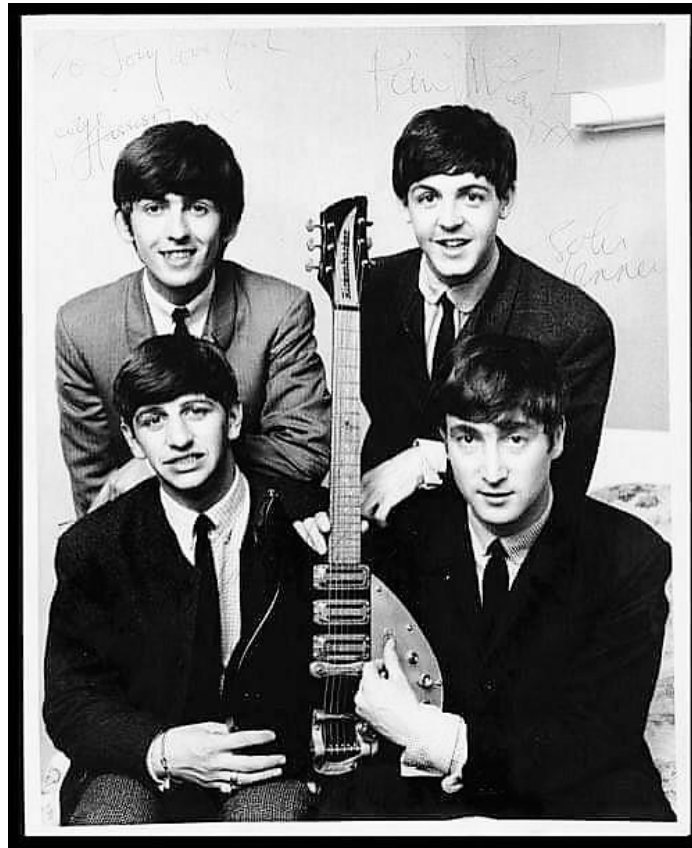
Birnbeck Pier, Weston Super Mare, **22ND JULY 1963.**



Por
favor,

use a lixeira





The Beatles 1963 Photo Taken By Don Smith At The Washington Mayfair Hotel London.



Tony Bramwell

From the earliest days in Liverpool, England, Tony Bramwell knew John, Paul and George. He worked for Brian Epstein. He is the author of the book *Magical Mystery Tours: My Life With The Beatles*. And in fact he is known as "The Authority" on all things Beatles. As Paul McCartney once said, "If you want to know anything about The Beatles, ask Tony Bramwell."

ONE REVIEW OF HIS BOOK READS AS FOLLOWS :-

Growing up in a postwar Liverpool suburb, Tony Bramwell was boyhood friends with three of the Beatles long before they were famous. And by the time he caught up with George Harrison on the top of a bus to check out "The Beatles, direct from Hamburg"--- one of which George turned out to be---Tony was well into a life story absolutely unlike any other.

Tony carried George's guitar that night, and he stayed with the band from the first Number 1 to the last. From overseeing the tours of Brian Epstein's Merseybeat stars to producing shows for Jimi Hendrix, the Who, Cream, and Pink Floyd at Epstein's Savile Theatre; and from producing and directing Beatles videos to heading Apple Films, Tony's life really did encompass a who's who of rock.

With an insider's shrewd eye, Tony describes the rise and fall of the Apple empire, Brian Epstein's frolics, Ken Kesey's Merry Pranksters, Phil Spector's eccentric behavior, and stories never before told about Yoko Ono. He uncovers new information about the Shea Stadium concert footage, John Lennon's late-night "escapes," and more. From the Cavern Club to the rooftop concert, and from scraps of song lyrics to the discovery of the famous Mr. Kite circus poster, Tony Bramwell really did see it all. It's a story in which every character is one of the musical 1960s most colorful.

Conversational, direct, and honest, the ultimate Beatles insider finally shares his own version of the frantic and glorious ascent of four boys from Liverpool lads to rock and roll kings.





Hello Boys—Having a good breakfast ?

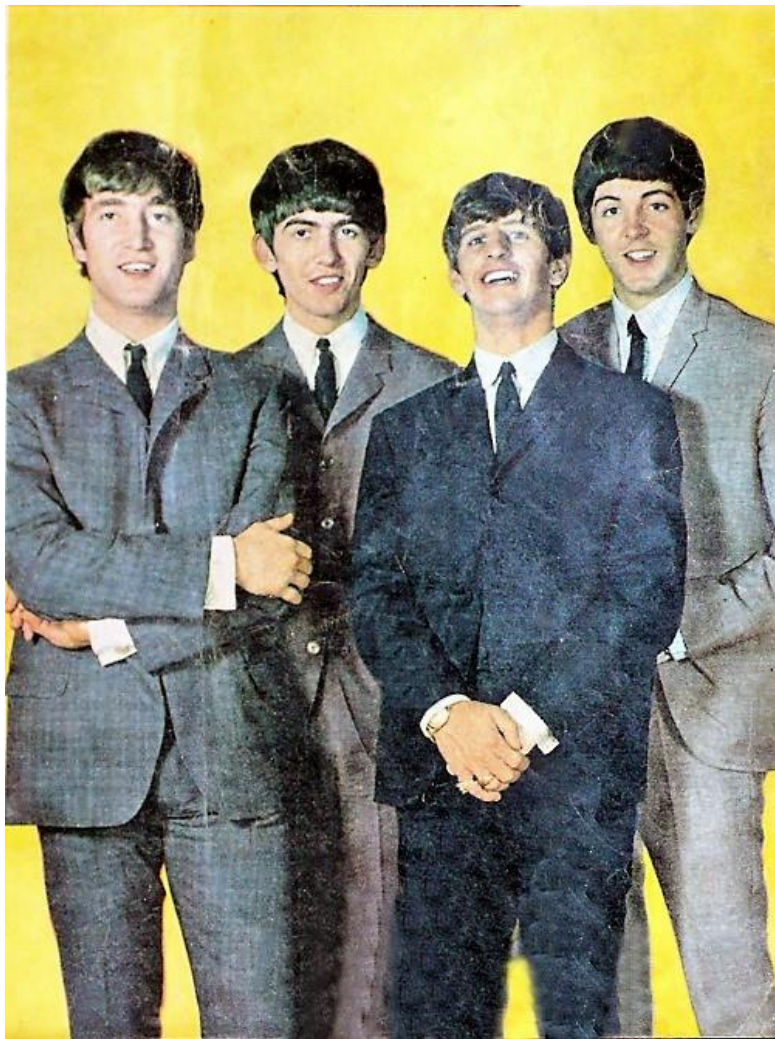


"Do you mind not interrupting while we're eating our breakfast."



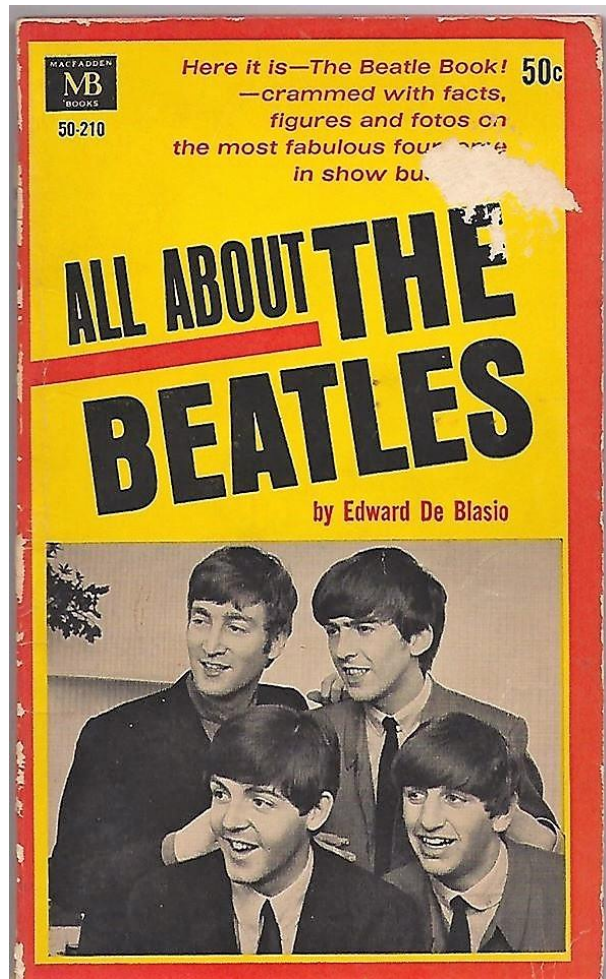




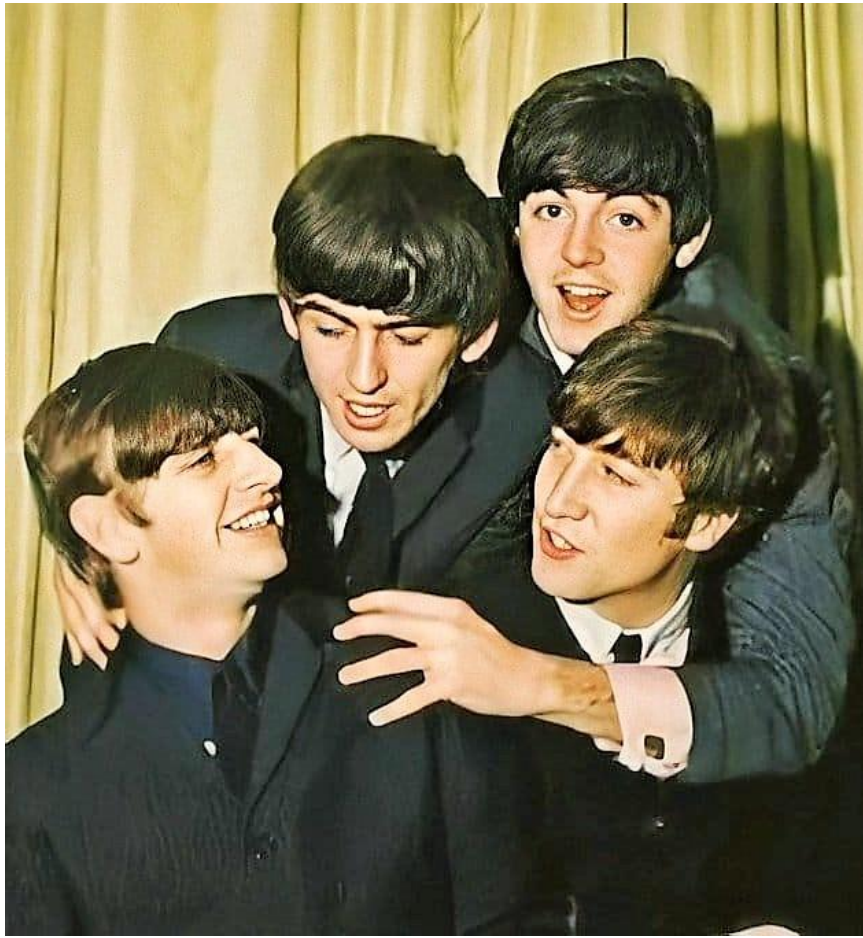










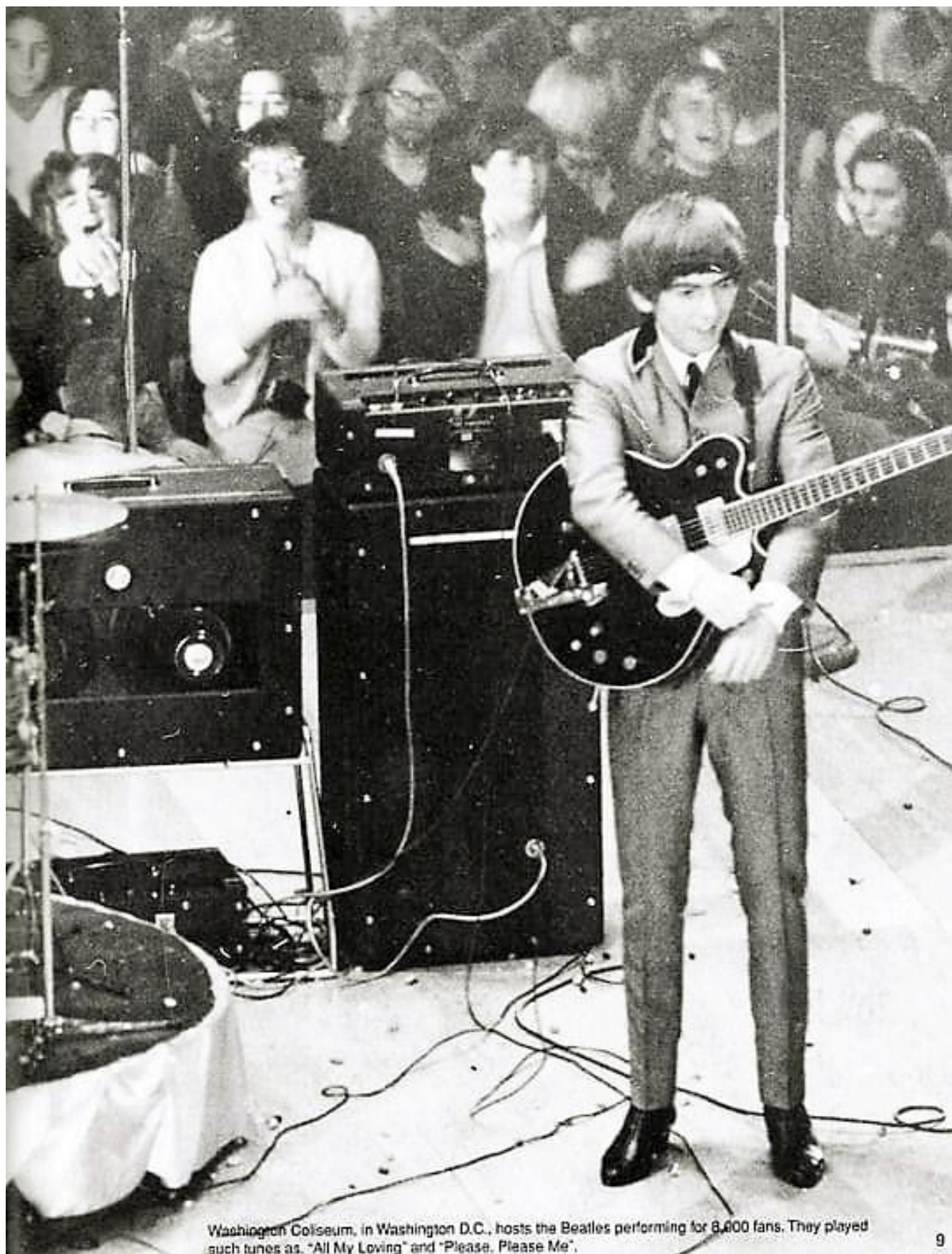








February 23rd 1964 – Being driven to the recording of Big Night Out for the BBC (Broadcast Sat 29th)



Washington Coliseum, in Washington D.C., hosts the Beatles performing for 8,000 fans. They played such tunes as, "All My Loving" and "Please, Please Me",



WARHOL'S JUICE BOXES

American pop artist Andy Warhol (1928 – 1987) (center) talks about his 'Campbell's Tomato Juice Box' installation with photographer Billy Name (left) at the Stable Gallery (33 East 74th Street), New York, New York, **APRIL 21, 1964**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

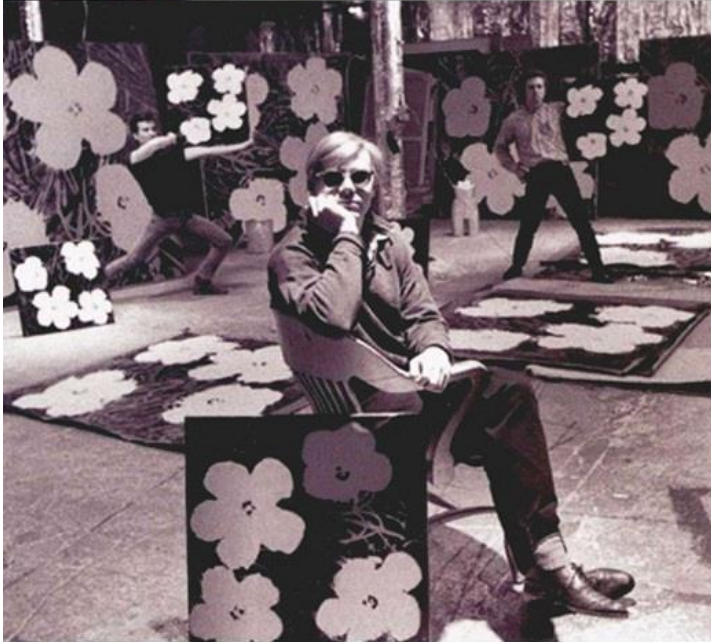


Portrait of five American pop artists, from left, Tom Wesselman (1931 – 2004), Roy Lichtenstein (1923 – 1997), James Rosenquist, Andy Warhol, and Swedish-born Claes Oldenburg, as they pose together in Warhol's loft, New York, New York, 1964. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)



Andy-Warhol with Birmingham Race Riot mounted on homemade sandwich board at the Factory fire escape door





AT A FACTORY PARTY

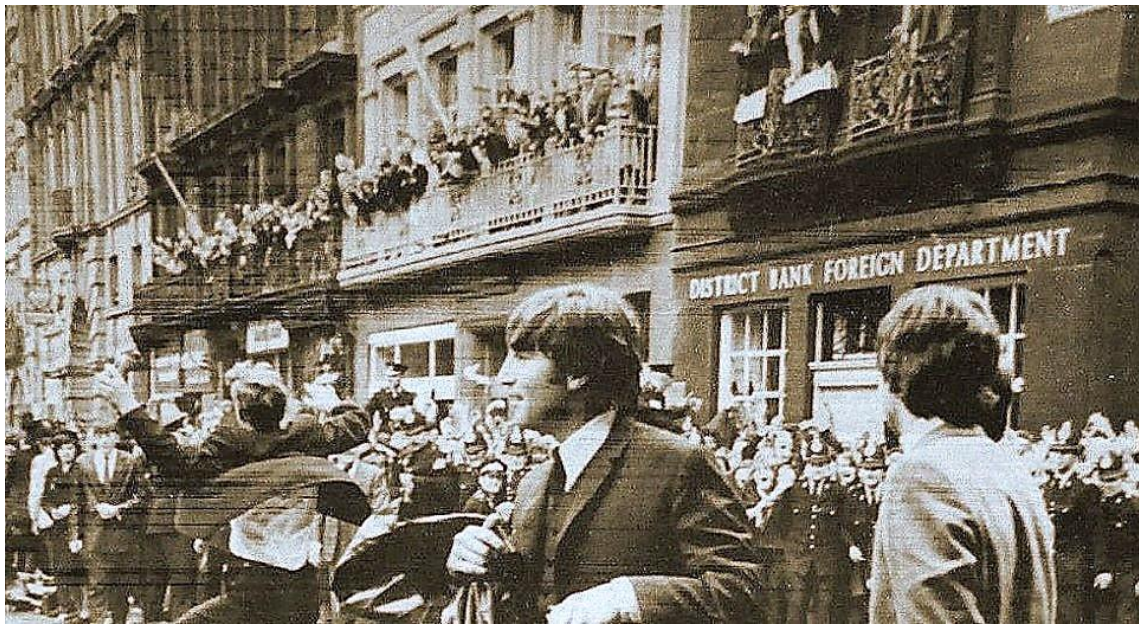


At a party at the his studio, the Factory (231 E 47th Street), American pop artist Andy Warhol (second right) listens as Margarette Lampkin whispers in his ear while next to them, American painter Edward Avedisian (1926-2007) and his wife Susan, dressed in *BRILLO BOX SKIRT*. dance, New York, New York, **APRIL 21, 1964**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

THE BEATLES AT A PRESS CONFERENCE, WITH ANDY WARHOL, NEW YORK, 1964.

UNITED STATES – **OCTOBER 05**: The Beatles being interviewed by the media with Andy Warhol amongst the photographers. Tony Ray-Jones (1941-1972) received an MFA diploma from the Yale University School of Art, Connecticut in the summer of 1964. Until the end of 1965 he spent his energies photographing the street life of New York which included festivals, gigs, demonstrations and parades. His work uniquely combines social documentary with an intensely personal vision. (Photo by SSPL/Getty Images)

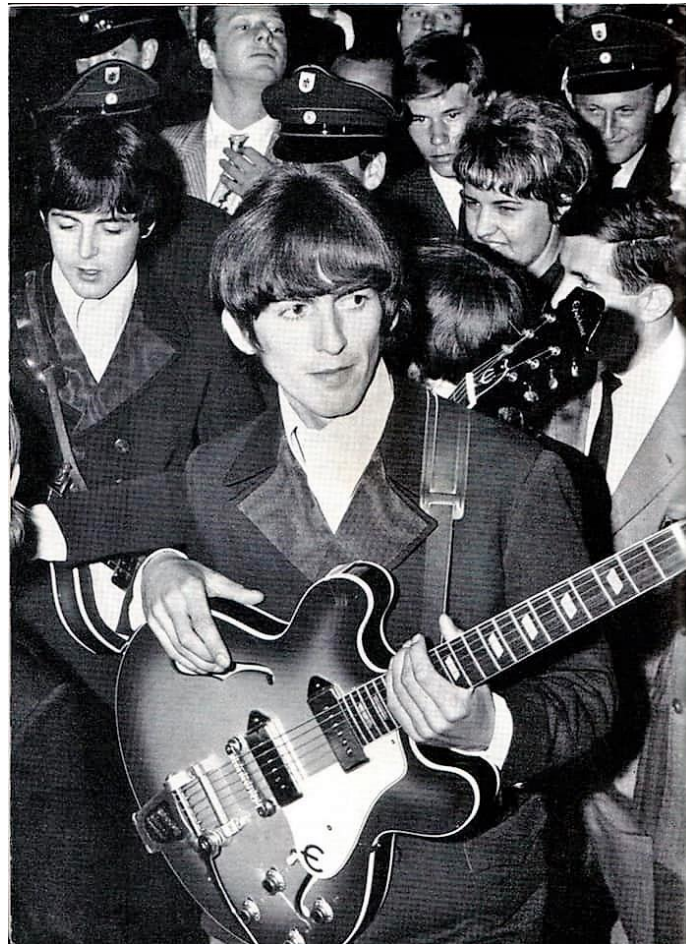
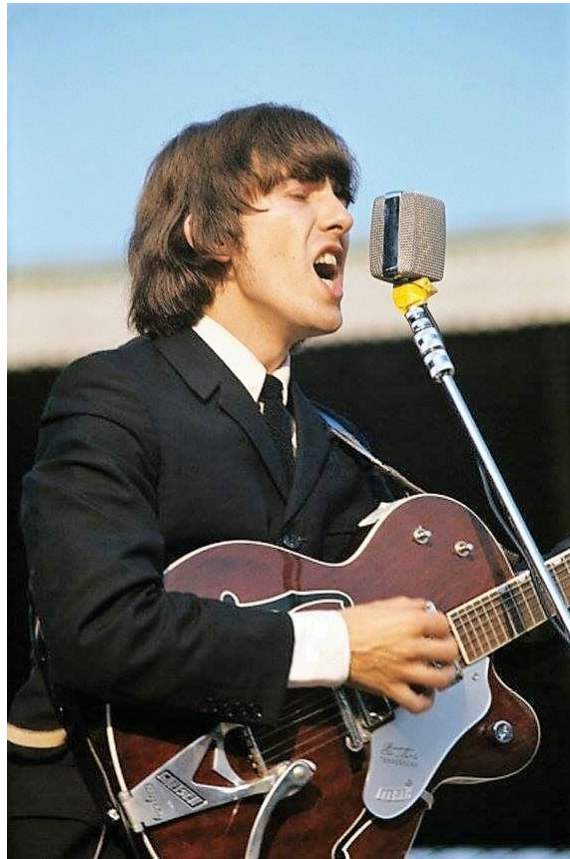


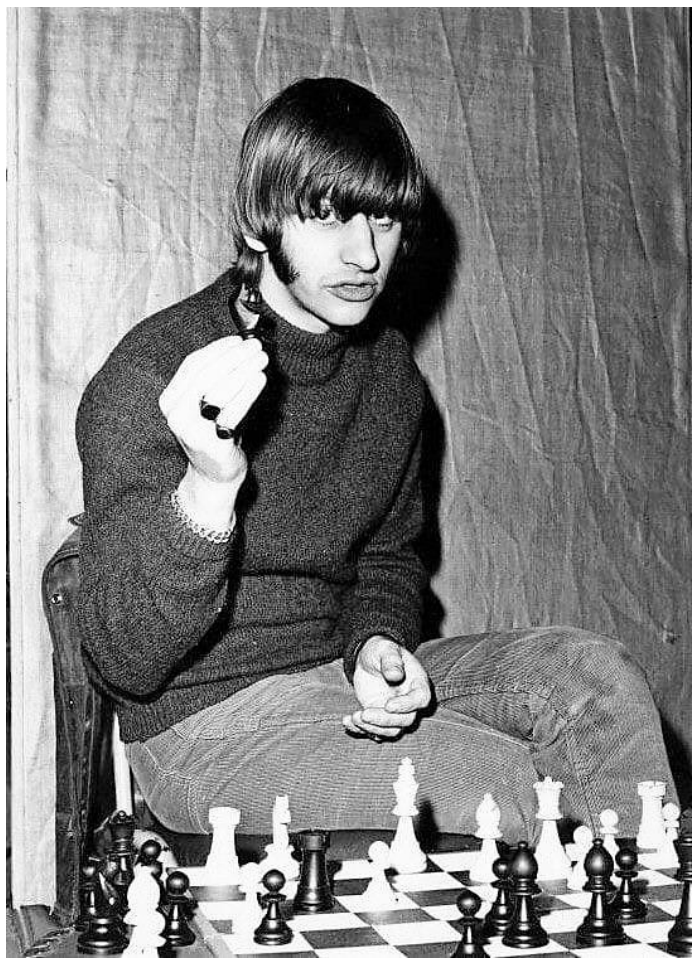


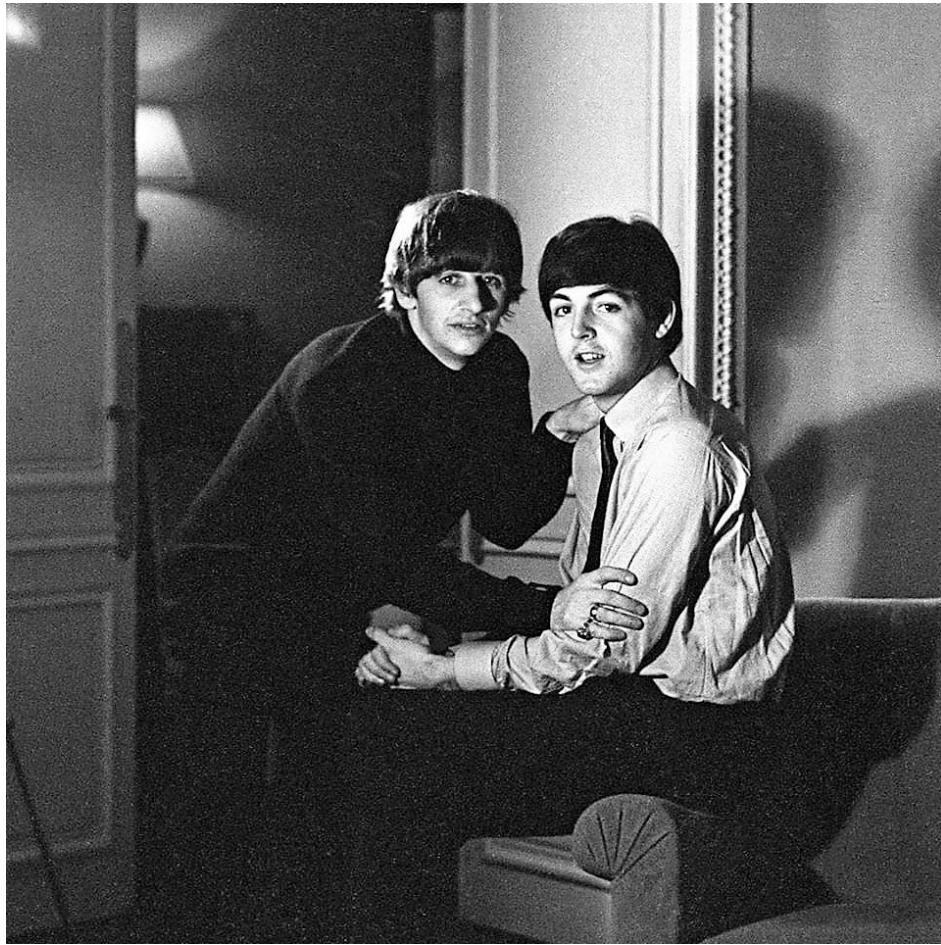
An unretouched photo of John and Paul just as they arrived in Castle Street at Liverpool Town Hall in **JULY 1964**. Later on they attended the Premier in Liverpool of A HARD DAY'S NIGHT in the 'Pool in the middle of huge crowds and supporters













MARCH 12TH 1964 – George and Ringo with Pattie Boyd, Susan Whitman, Tina Williams, and Pru Bury on the set of *A Hard Day's Night*, Twickenham Film Studios, London.

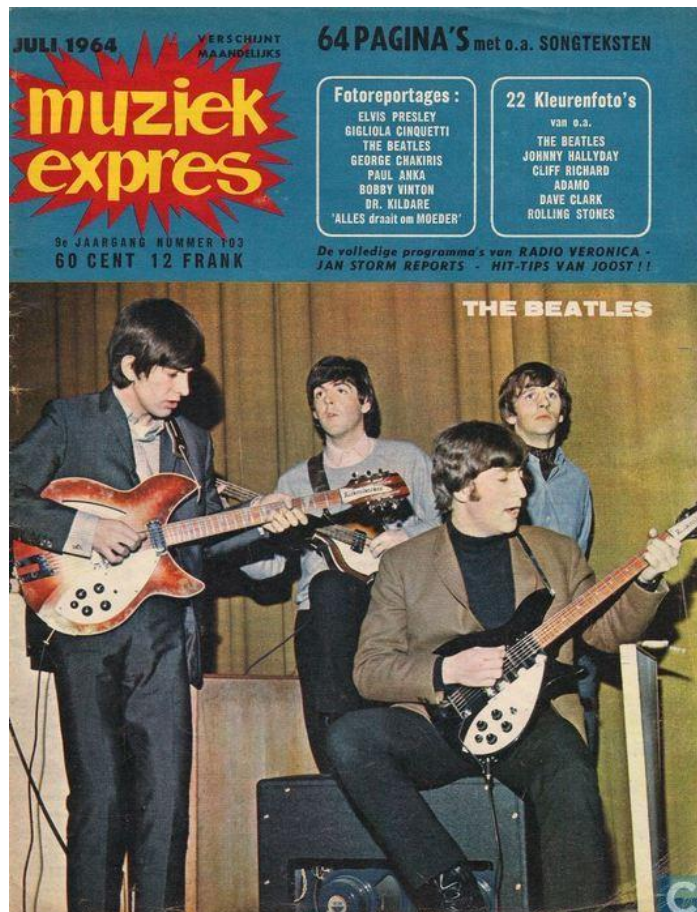
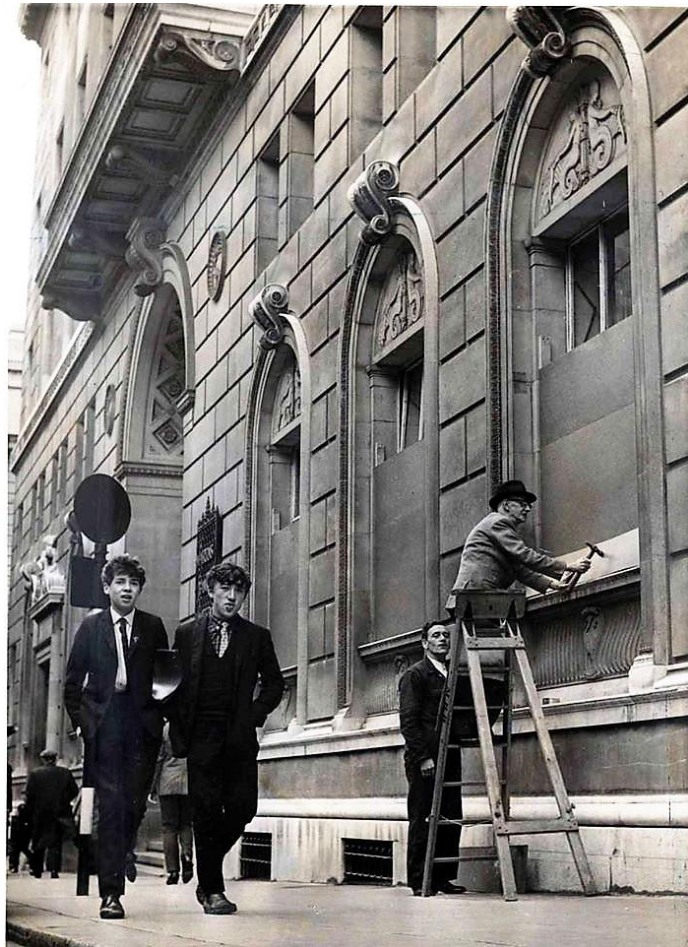




“Push Paul out first he’s the prettiest.”

— An actual thing John Lennon actually said when the Beatles car was being mobbed by Girls on the London premiere of ‘A Hard Day’s Night’.

Boarding up the windows of
Martins Bank in Water Street, on
the day the Beatles returned
home to a massive reception
(July 10th 1964)











UNITED KINGDOM – AUGUST 18: Group photo of the ROLLING STONES **AUGUST 18, 1964** at the London airport. From left to right, the singer Mick JAGGER, the drummer Charlie WATTS, the guitarist Keith RICHARD, the bass player Bill WYMAN and the guitarist and composer Brian JONES. They left for Guernsey island for a concert as a part of their Channel Islands Tour. The group at that time had released only one album: "THE ROLLING STONES" but the success of the music "IT'S ALL OVER NOW" which came out in 1964 and was later integrated into the album "12*5" propelled them into the major summer festivals and onto their first stages. (Photo by Keystone-France/Gamma-Keystone via Getty Images)

what's



Here's trendsetter Pattie Boyd (or Mrs. George Beatle), wearing a dress with super stripes. P.S. she could be a clue to our competition on page 18!

it



Meet Brian Jones, right, and his girl friend, model Anita Pallenberg, left. Both trendsetters in their own right and sporting their latest 'stripy' gear.



What's it all about

It's our new 8-page section about fun people, fashion and beauty. And this week fun people are gadding about in stripes... Even Mick's gone overboard for them. So get with the zebra look and join the IN crowd — it's GREAT!



Here's Susannah York... setting new fashion trends—see page 17.



Two model girls here are striping up a storm—these fab dresses are by Simon Massey 21 Group—and come in hip colours like: purple, lemon and lilac!

about

PLEASE
TURN OVER





Maureen, Ringo, Paul and Jane





1965 – 29 JANEIRO





25



29



33



26



31



27

31
31

35



misanthrope1993

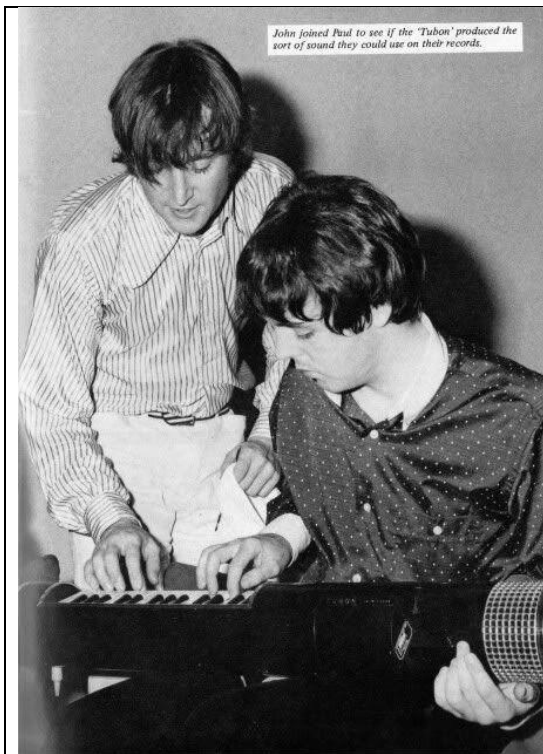
28



32



36

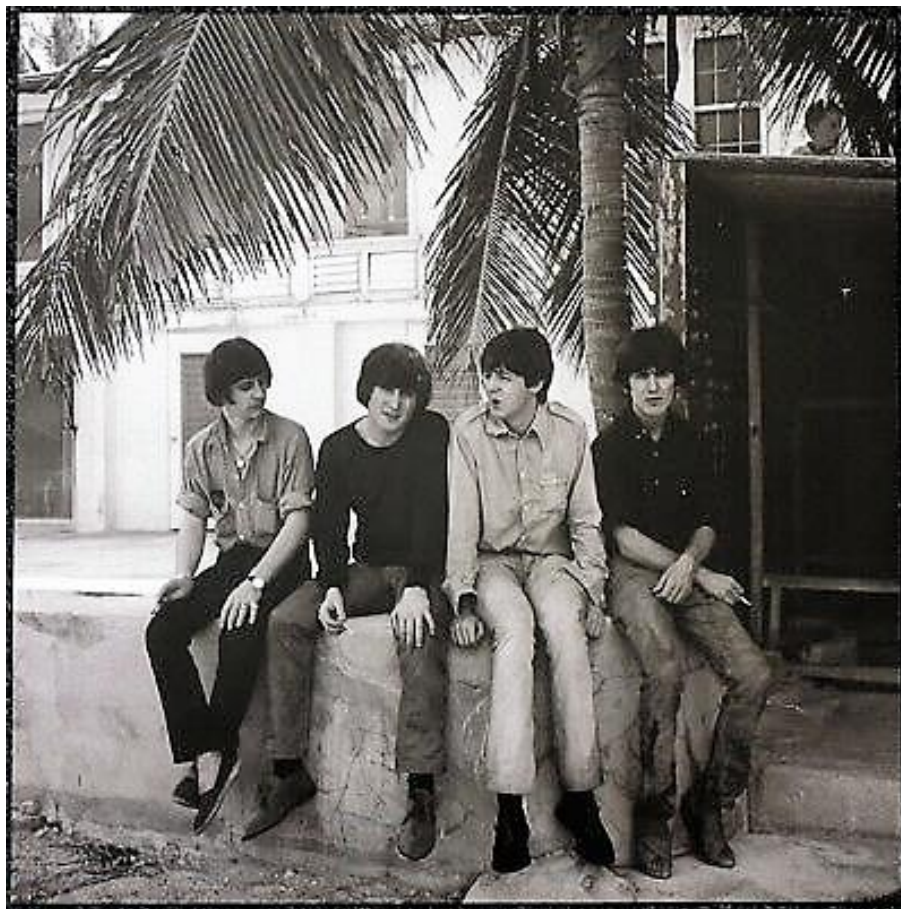




5N MARCH OF 1965



The Beatles in the Bahamas filming **HELP!** **8N MARCH OF 1965**





The Beatles in Obertauern, Austria, in 1965, filming their second feature film, *Help!*
(With their extras of some risky scenes)

Back from the
Bahamas, **11
MAR. / 1965.**

What was in that
gift box George
carried off the
plane? And who
was it for?

3 MARCH 1965

Travel: London to
Austria

Two days after
arriving back in the
UK from the
Bahamas, The
Beatles boarded
the 11am flight
from London
Airport to Salzburg,
Austria to continue
filming Help!

Four thousand fans witnessed their arrival in Salzburg Airport, as did dozens of journalists and film crews. The group held a press conference at a nearby hotel before checking into the Hotel Edelweiss in the village of Obertauern.

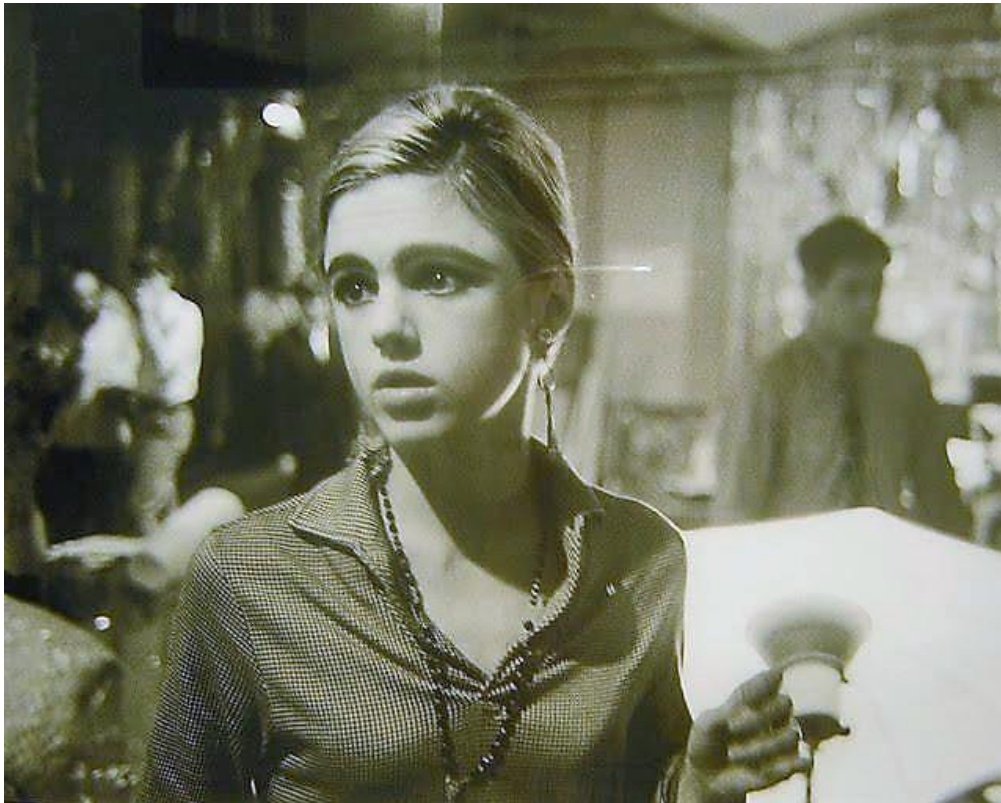
The Beatles filmed all their Austrian scenes in Obertauern, where they stayed until 22 March 1965.





1964 – JUNHO • Edie Sedgwick ao se mudar para Nova York, aos 21 anos, se torna a conversa da cidade. Lançava moda ao frequentar a boate Ondine e o espaço Max's Kansas City (um oásis para artistas) usando apenas meia-calça e blusa. O mundo fashion tomou nota, assim como Andy Warhol, que sucumbiu a seus encantos, principalmente depois de ela pintar seu cabelo cor de prata, como o artista. O ninho cativo de Edie passou a ser um loft com as paredes pintadas de prata, na Rua 47 com a Segunda Avenida, mundialmente conhecido como a Factory.





“O lance entre Andy e Edie era muito mais que uma paixão platônica”, explica Weisman. “Na verdade, Andy queria ser Edie”. Na Factory de Warhol, Edie participou de várias produções underground como *POOR LITTLE RICH GIRL*, *BEAUTY 2* e *CHELSEA GIRLS*, ao lado da cativa fauna do artista, como Paul América, Viva, Brigid Berlin (Brigit Polk), entre outros. Na época, ela também conheceria Bob Dylan, com quem, acredita-se, teria ido para a cama.





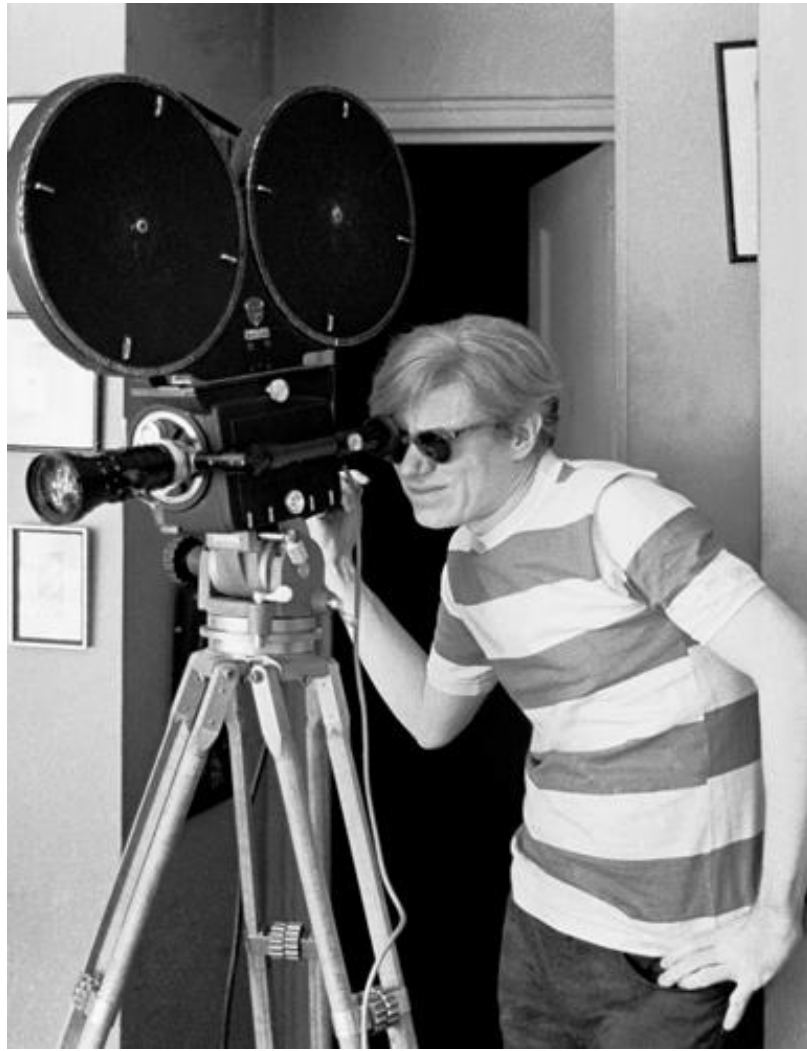


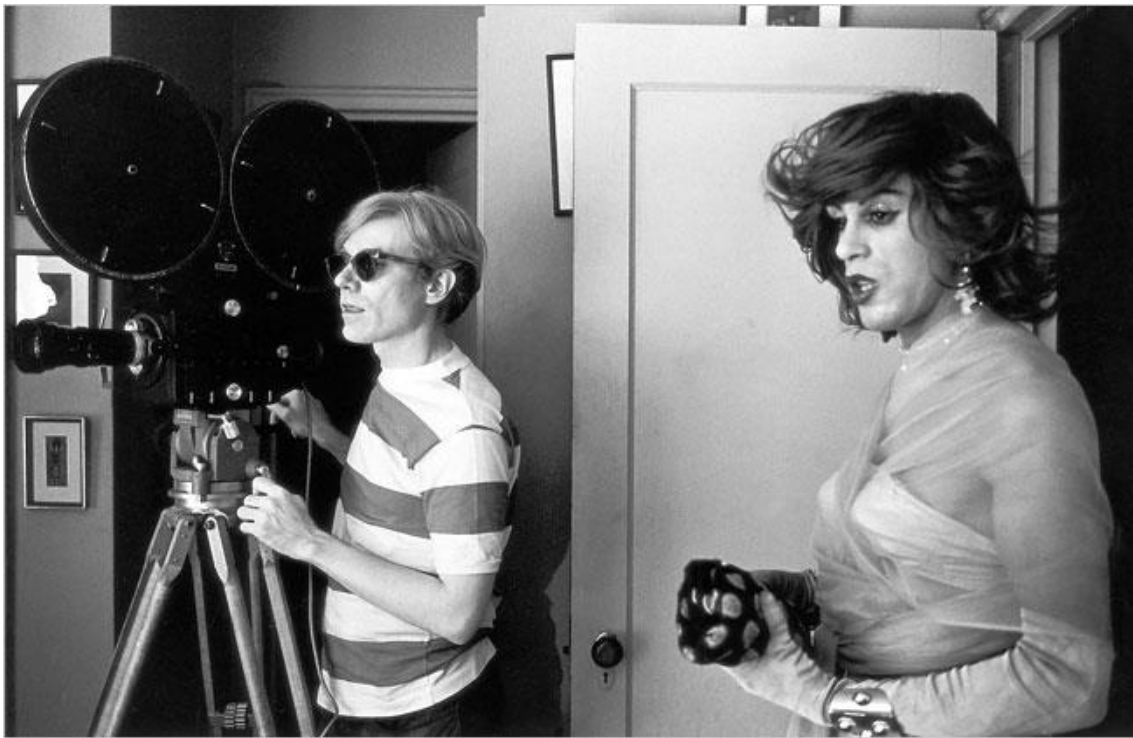
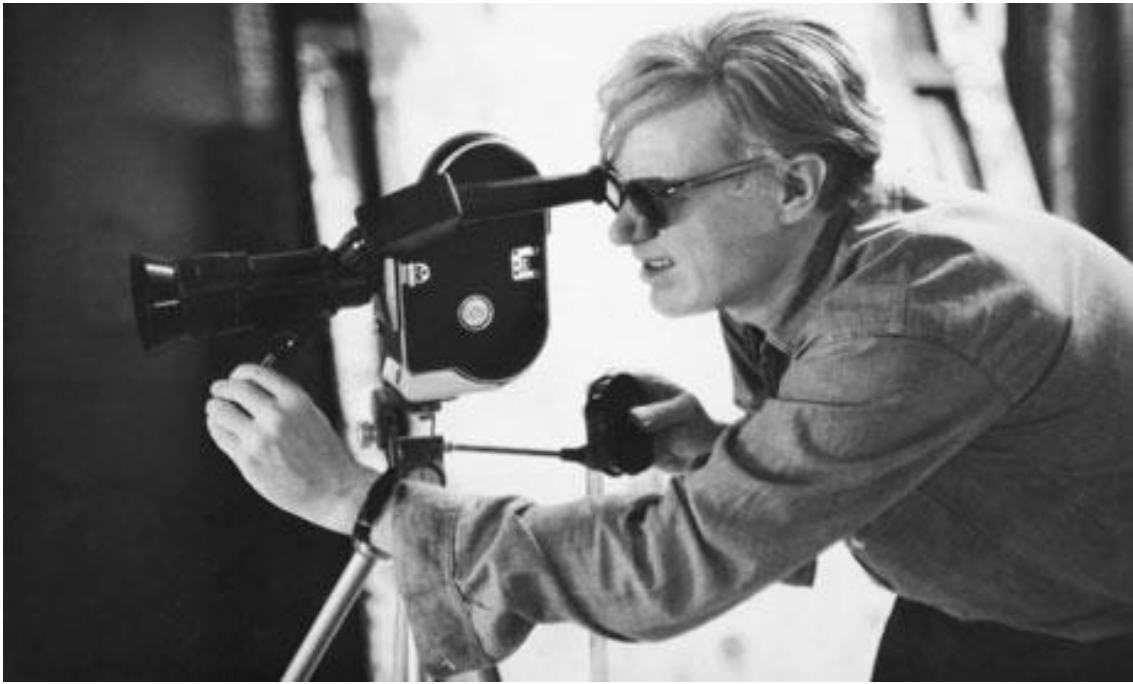
Edie Sedgwick, Gerard Malanga, Baby Jane Holzer, Andy Warhol Factory



Gerard Malanga, Sarah Dalton, Baby Jane Holzer, Andy Warhol Factory









Billy Name
Ultra Violeta, 1966





Andy Warhol, Edie Sedgwick & the Empire State Building from the roof of David McCabe's studio, NYC, spring 1965

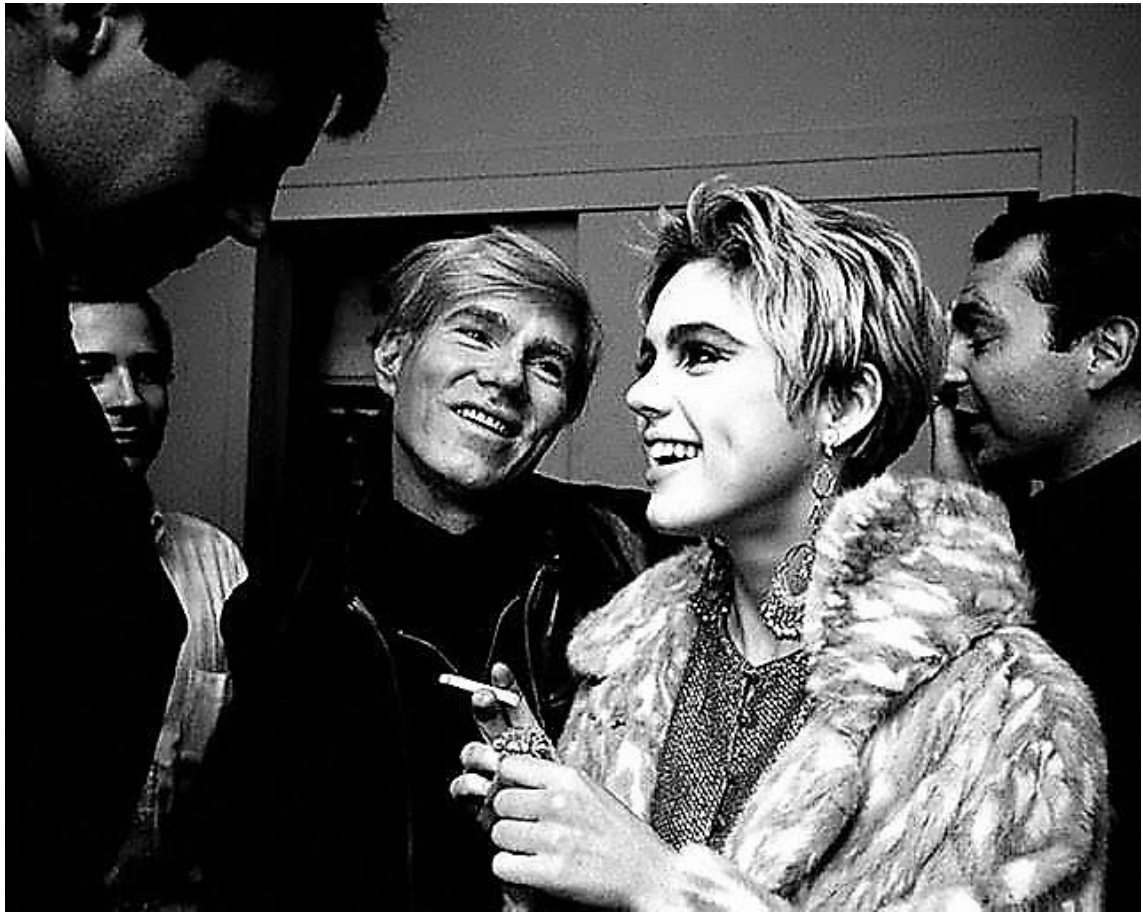








Andy with Edith Skull (art collector) talk at a Factory party for John Rublowsky and Ken Heyman's book *POP ART*.1965.



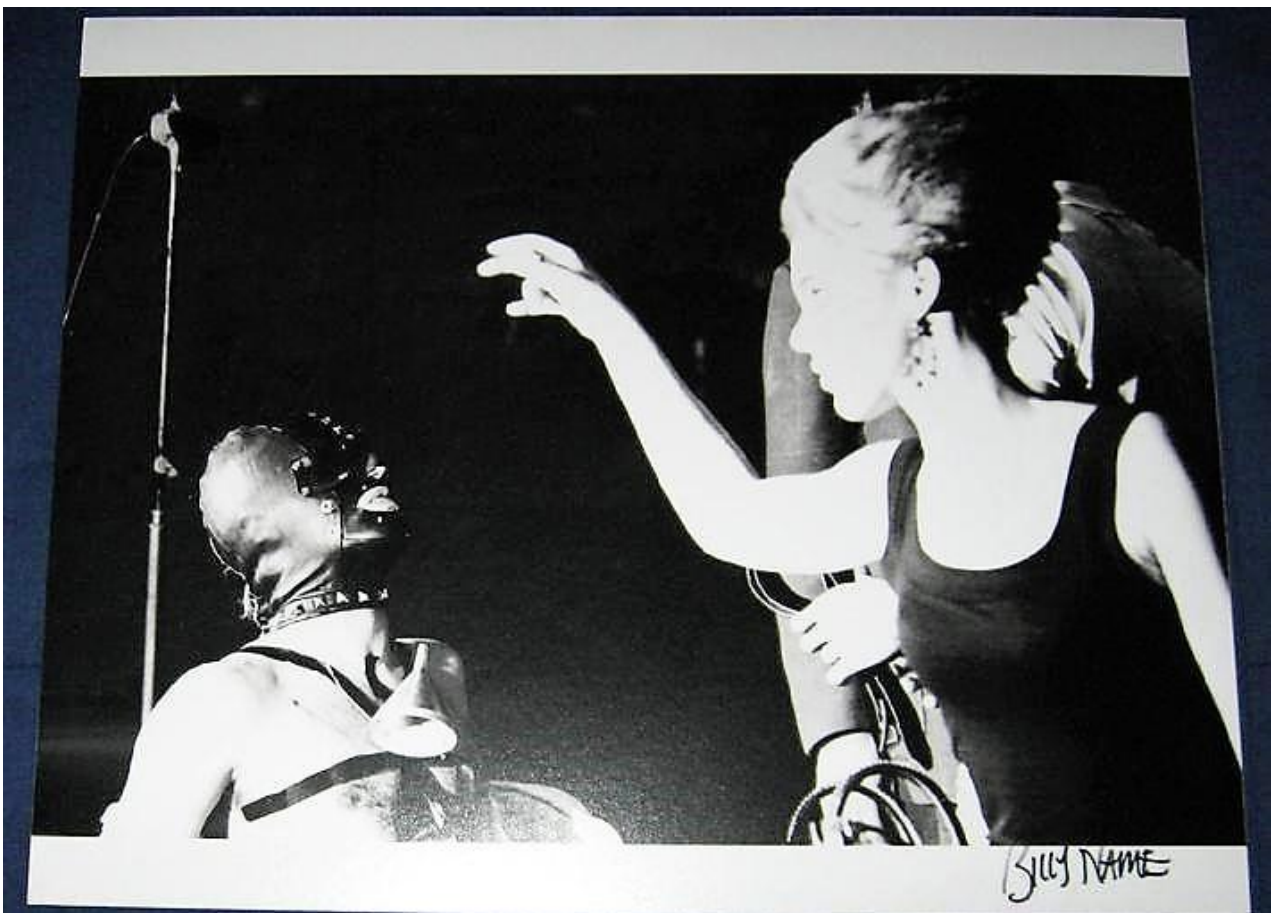


ANDY WARHOL AND ACTRESS EDIE SEDGWICK SEATED ON STAIRS

Artist Andy Warhol and Edie Sedgwick, who wears a black feather boa, sit on a staircase chatting.

Undated photo. (Photo by
 ?????? John
 Springer
 Collection/CORBIS/Corbis
 via Getty Images)





Circa 1965: American Pop artist Andy Warhol sits next to actor Edie Sedgwick (1943 – 1971) and lights her cigarette, on the set of one of his films. (Photo by Walter Daran/Hulton Archive/Getty Images) Getty Images

Andy Warhol with Actors at The Factory

Photo shows a scene during the shooting of Warhol's film *CAMP* in 1965: Lady laying on the couch is Jane Holzer; Seated foreground with back to camera: dancer Paul Swan; Seated at center in railroad cap, looking at floor: Philip "Fu-Fu" Smith; Center way in the back with tall dark wig: Mario Montez; Standing at right: filmmaker/actor Jack Smith.



IMAGE:
© Steve
Schapiro/Corbis
DATE



PHOTOGRAPHED
1965

LOCATION
Manhattan, New York, New York, USA

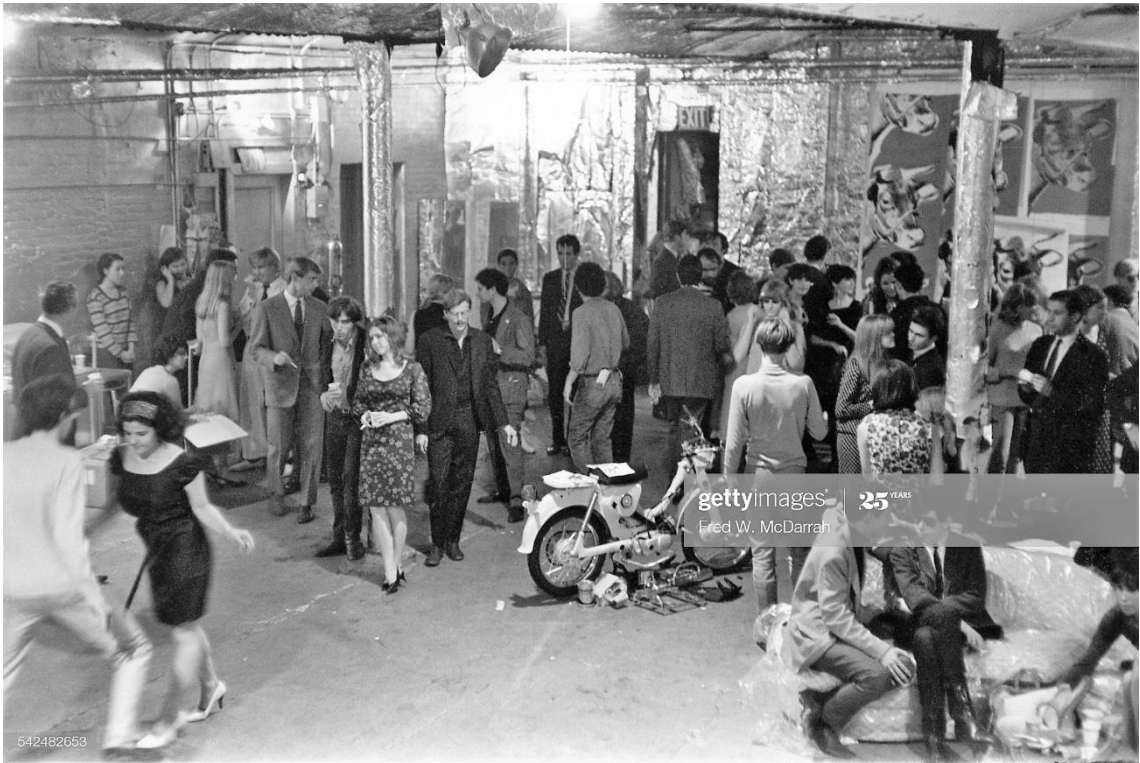
COLLECTION
Historical Premium



CELEBRITIES AT ANDY WARHOL'S FACTORY

Photo shows a scene during the shooting of Warhol's film *CAMP* in 1965, including Jane Holzer, Paul Swan, Philip "Fu-Fu" Smith, Mario Montez and Jack Smith. (Photo by Steve Schapiro/Corbis via Getty Images)





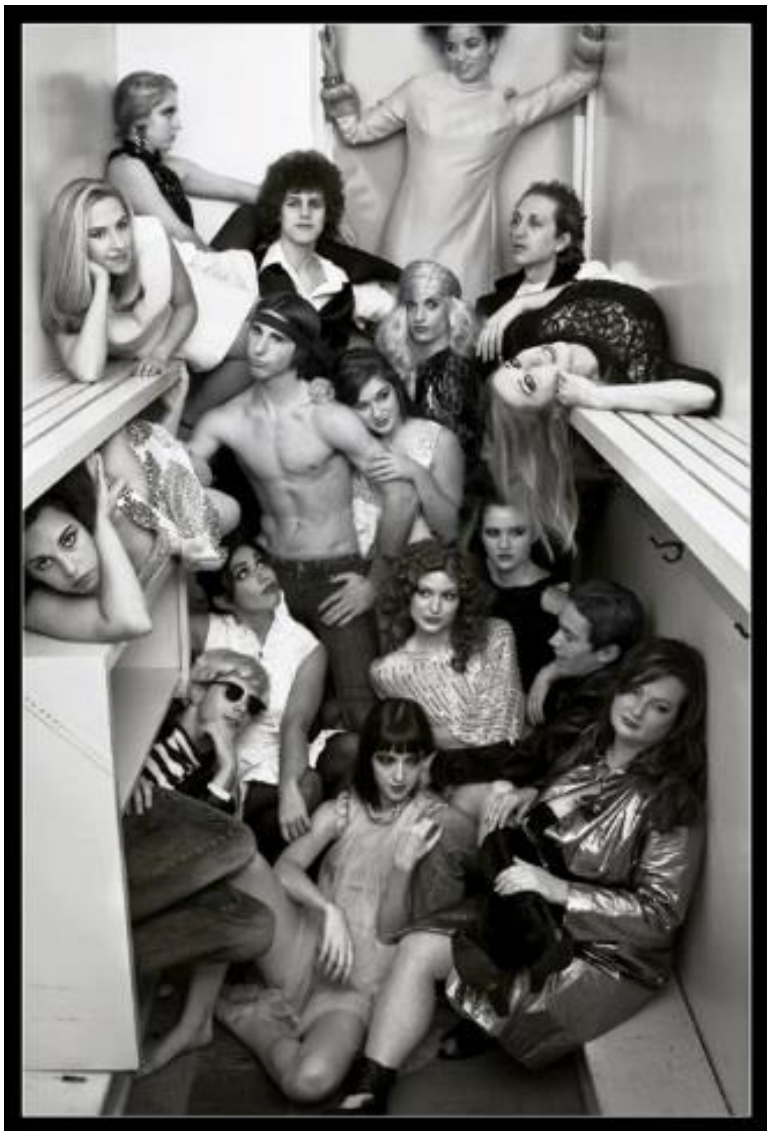
FACTORY MADE

WARHOL AND THE SIXTIES



S T E V E N W A T S O N

1965: (ao alto, da esquerda para adireita) Nico, Brigid Polk (also known as Brigid Berlin), Louis Waldon, Taylor Mead, Ultra Violet, Paul Morrissey, Viva, International Velvet, pessoa não identificada; (embaixo) Ingrid Superstar, Ondine, Tom Baker, Tiger Morse, Billy Name, Warhol.



1965 – AGOSTO

MARIO MONTEZ: ATOR UNDERGROUND

Mario Montez foi descoberto, como dizem, por Jack Smith numa estação de metropolitano. Seu nome não era então Mario Montez. Era algo diferente, e em *The Flaming Creatures* foi Dolores Flores. Mario desempenhou papéis femininos em todos os seus filmes exceto no pseudopornográfico *Movie*, de Robert Blossom. Quando se traja passa por uma metamorfose para uma jovem tonta e vã. Ele age como uma mulher. Ele parece uma mulher. Sua fantasia é bastante real.

Ele aparece como uma sereia banhando-se em leite em *Normal Love*, de Jack Smith, e trabalha em *In the Grip of the Lobster*. Está presente também em *Chumlum*, de Rice, Lupita, de José Rodriguez-Soltero, e *The Mystery of the Spanish Lady*, Lil Picards, *Beauty Environment of the Year 2065*, e *Brothel*, de Bill Vehr.

Montez também foi um dos celeiros de estrelas de Warhol, desempenhando Jean Harlow em *Harlot*, Lana Turner em *More Milk*, Yvette, e Hedy Lamarr em *The Fourteen Year Old Girl*. Trabalhou em *Camp*, e seu desempenho mais tocante é feito em *Screen Test Number Two*, de Warhol/Tavel. Neste ele desempenha uma atriz que faz um teste para um papel, e no fim é completamente humilhado sendo obrigado a admitir (da maneira mais virtual possível) que é um homem. Mas só cede e admite a humilhação porque é uma mulher.

UNDERGROUND UMA INTRODUÇÃO AO CINEMA / UNDERGROUND – PAG. 115

ESCRITO POR SHELDON RENAN

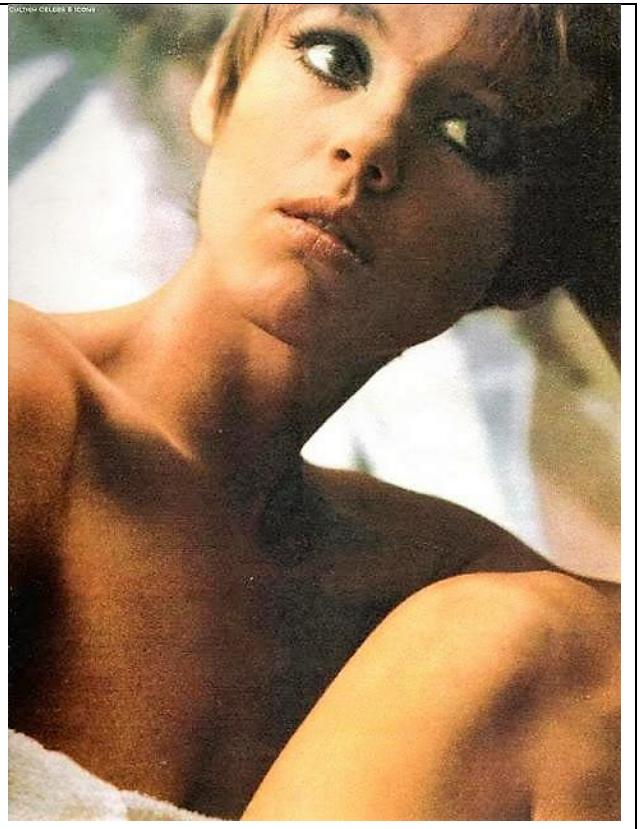
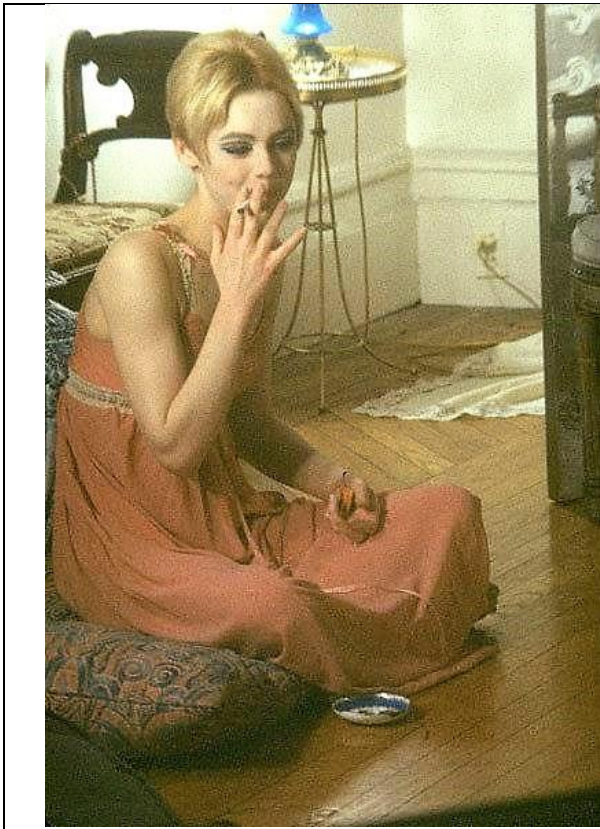


Cesar Romero de costas para Mario Montez como Carmen Miranda. Foto: Carlos Vergara





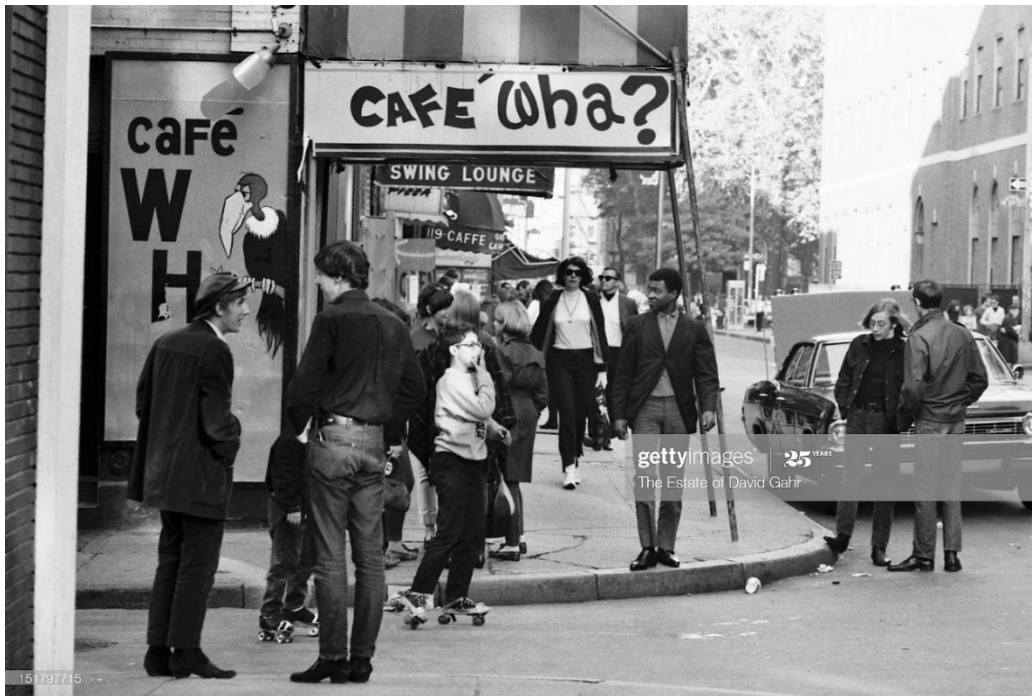




O bueiro foi pavimentado – Foto: Burt Glinn



CAFE WHA? IN GREENWICH VILLAGE



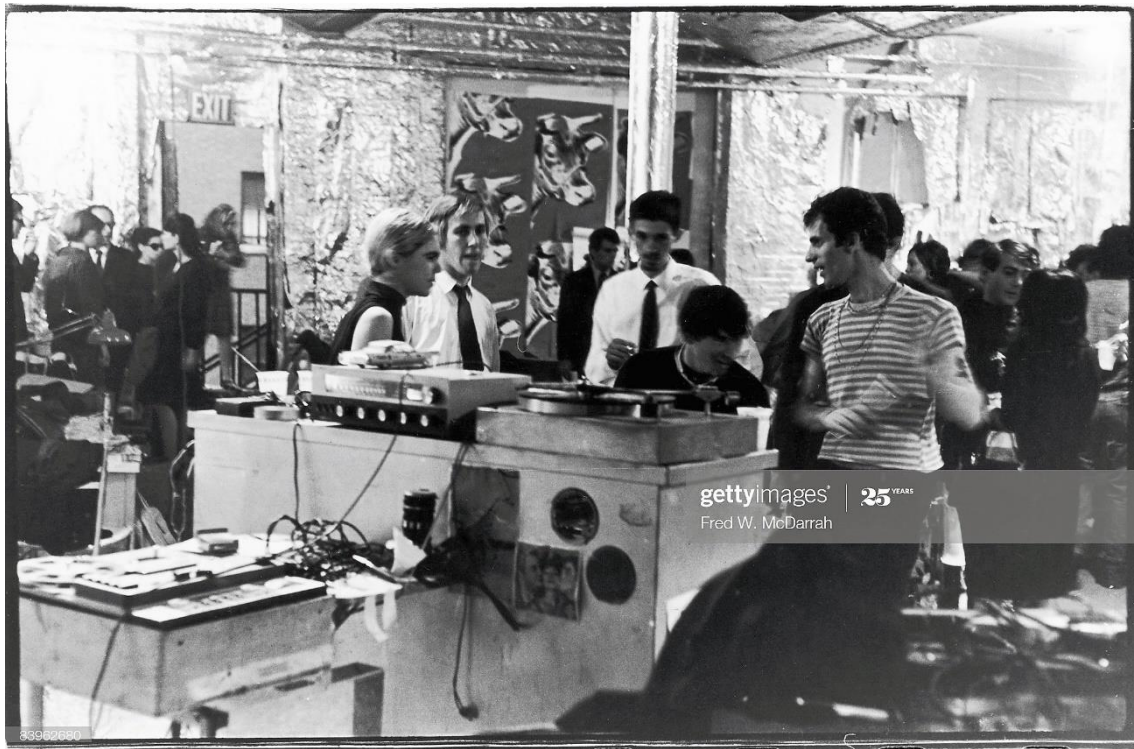
NEW YORK – OCTOBER 13: Exterior of the Cafe Wha? on MacDougal Street between Bleecker Street and West 3rd Street in Greenwich Village on **OCTOBER 13, 1965** in New York City, New York. The historic Cafe Wha?, a nightclub, featured inaugural performances by musical legends such as Jimi Hendrix, Peter, Paul, and Mary, and The Velvet Underground, and many others. (Photo by David Gahr/Getty Images)

ARTIST ANDY WARHOL MAKES A PHONE CALL AT THE SILVER FACTORY

NEW YORK – 1966: Artist and filmmaker Andy Warhol poses for a portrait in 1966 while making a phone call at a payphone installed in his studio, The Factory (famously known as the Silver Factory), at 231 East 47th Street in New York City, New York. The studio was called the Silver Factory because the walls were lined in Reynolds Wrap aluminum silver foil. Visible are posters on the wall for Warhol's most famous film,

CHELSEA GIRLS (1966), featuring Velvet Underground singer and chanteuse Nico (Christa Päffgen). (Photo by David Gahr/Getty Images)

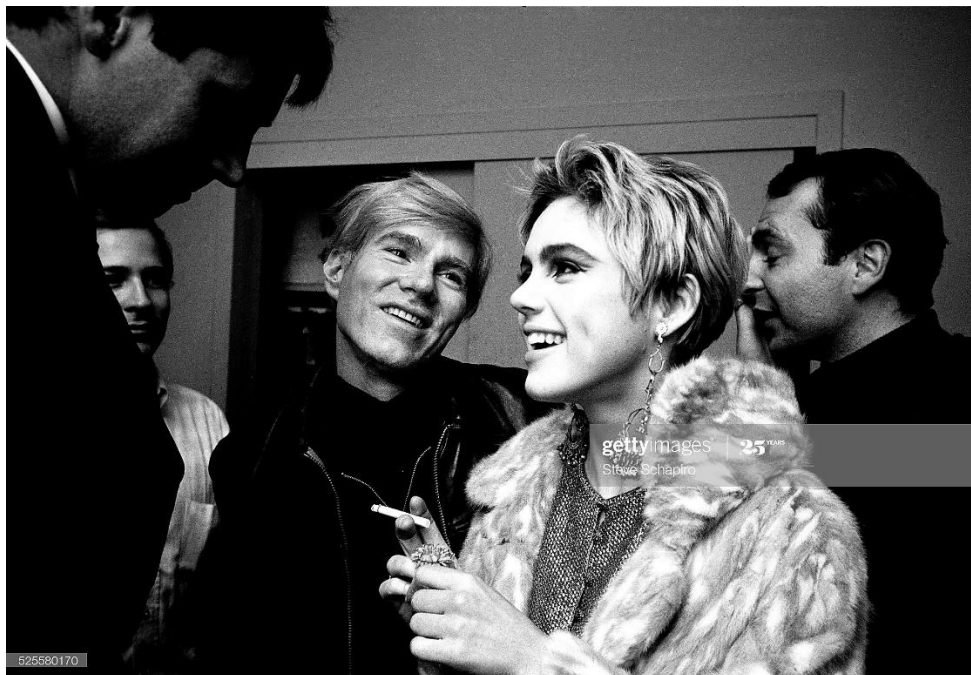




AT A FACTORY PARTY

American fashion model and actress Edie Sedgwick (center left, in sleeveless outfit) and photographer Billy Name (right, in striped shirt) stand with unidentified others on either side of the dj 'booth' during a party in pop artist Andy Warhol's studio, the Factory (231 East 47th Street), New York, **NEW YORK, AUGUST 31, 1965**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

ANDY WARHOL LOOKS ADORINGLY AT EDIE SEDGWICK



Andy Warhol Looks Adoringly at Edie Sedgwick (Photo by Steve Schapiro/Corbis via Getty Images)

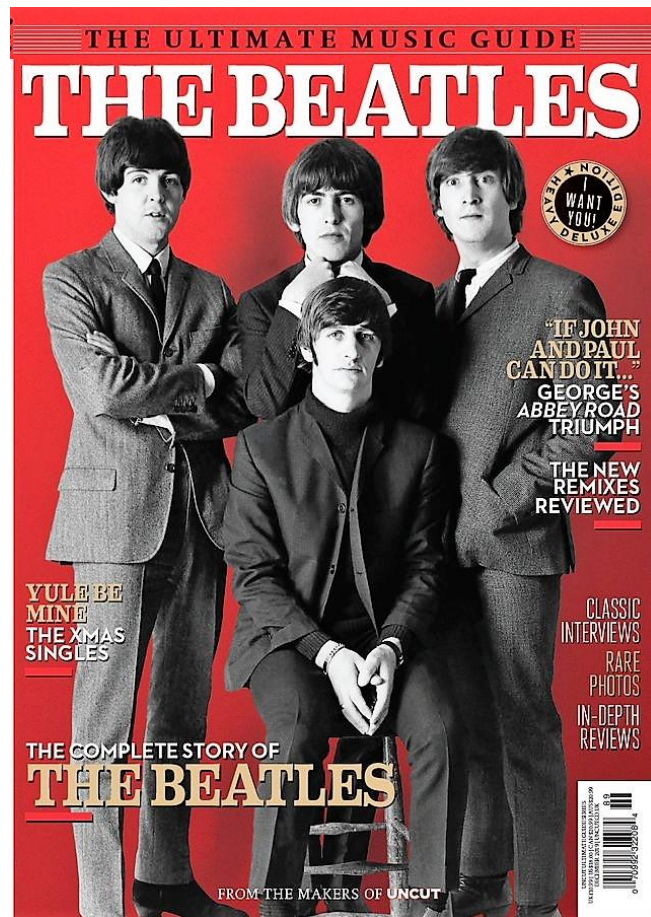






20 November 1965 rehearsing for their final UK tour at the Donmar Rehearsal Theatre







Paul Butterfield recording with Peter Green and John Mayall's Bluesbreakers, England late 1966



Velvet Underground perform, with Edie Sedgwick and Gerard Malanga dancing, at NY Filmmakers' Cinematheque, New York, **FEBRUARY 1966**. L-R Edie Sedgwick, Gerard Malanga, Lou Reed, Sterling Morrison and John Cale. (Photo by Adam Ritchie/Redferns)



One of Andy Warhol's multimedia shows, known as the *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*, on **APRIL 7, 1966**. The evening featured the Velvet Underground and Nico at Warhol's nightclub, the Dom, in the East Village. Onstage, from left, are: Nico, Lou Reed, Sterling Morrison, John Cale, Gerard Malanga, and an unknown woman. Credit Larry C. Morris/The New York Times



STEVE SCHAPIRO

Steve Schapiro

Warhol, Reed and Bowie

Among the most respected American photographers, Steve Schapiro has photographed American history, culture, and life over the last 50 years.



@

THE ED PASCHKE ART CENTER
5415 W. HIGGINS, CHICAGO

PUBLIC OPENING

13 SEPTEMBER 2014

show ends 15 November • www.edpaschke.org





UNITED STATES – CIRCA 1966: Andy Warhol in New York, United States in 1966 – Andy Warhol with the Velvet Underground, from left to right: John Cale, Andy Warhol, Nico, Gerard Malanga. (Photo by Herve GLOAGUEN/Gamma-Rapho via Getty Images)

VELVET UNDERGROUND: O PÁSSARO, O CORVO E O HOMEM DA LATA

“Essa música é uma série selvagem de atonalidades e de ecos eletrônicos. As letras combinam sadomasoquismo e livre-associação da imaginação. O ato parece nascer do casamento secreto de Bob Dylan com o Marquês de Sade”. Richard Goldstein em 1966, escrevendo no New York Herald Tribune, a propósito de um show planejado pelo artista americano Andy Warhol, pai do Underground.

Era quase o fim de 1965, quando, a 11 de novembro, estreou um grupo no Cafe Bizarre em Greenwich Village, o Velvet Underground, que tinha, além de Louis Fairbank (Lou Reed, Long Island, Estados Unidos, 2 mar. / 1942, vocais, guitarra), John Cale, (Crynant/GB, 5 dez. / 1940, viola, violão, baixo, teclados, um “galês de aparência translúcida e formação clássica”; mais Sterling Morrison, (East Meadow/GB, 29 set. / 1942-95, contrabaixo) e Angus McLise, baterista demissionário logo substituído por Maureen Tucker (Mo, Nova Jersey/Estados Unidos, bateria). Um mês depois, o dono do Bizarre os avisou: “Se continuarem tocando essas músicas, vocês vão ser despedidos” – continuaram, e foram. Apesar do curto período acabaram chamando a atenção das mãos talentosas de Andy Warhol (boa parte do chique de Nova York fechava com as ideias dele), que abriga o grupo no projeto múltiplo Factory, super-atelier pop. E decide utilizar o grupo como parte de seu projeto de arte-total, fornecendo trilha sonora para seus experimentos visuais. Lou não discute, acha bom. Era um pessoal legal, Andy, Ondine e Nico, (um anagrama de icon), uma lindíssima modelo cuja idade e a nacionalidade são tema controversos e incongruentes em biografias, que passa a integrar o Velvet em 1966, de quem se dizia que “quando abria a boca, parecia um caixão de defunto, mas, quando cantava, parecia um corvo” ou “um computador IBM com trejeitos de Greta Garbo” (definição de Andy Warhol).

EXPLODING PLASTIC INEVITABLE AT THE DOM



High-angle interior view of the stage at The Dom (from 'Polski Dom Narodowy' or 'Polish National Home', 23 St. Marks Place), where the Velvet Underground performed as part of *ANDY WARHOL'S EXPLODING PLASTIC INEVITABLE* series of staged, multimedia events (held primarily in 1966 and 1967), New York, New York, **APRIL 1, 1966**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

Em 1966, estreia em Nova York o *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*, projeto da banda e de Andy Warhol envolvendo música, performances, projeções, dança e pintura.

Sob as mãos protetoras de Andy Warhol o Velvet Underground faz o circuito subterrâneo de Nova York e o “maldito” dos Estados Unidos até ao Canadá, participam de happenings e mostras de arte-total. Não são acontecimentos pacíficos e coloridos como os Be-ins da costa oeste. São shows violentos em lugares sórdidos, com os filmes e slides de Andy Warhol explodindo nas paredes enquanto Lou Reed canta a paranóia, a droga, a rua e o sadomasoquismo, Nico faz caras de Frankenstein e dois bailarinos criavam uma aura de bordel, dançando com roupas de couro e chicotes imensos nas mãos. Era tudo um pouco louco demais, a contracultura jamais se identificaria com a voz dos subterrâneos de Nova York. Que cantava, por exemplo, uma canção de amor assim:

Prove o gosto do chicote /Beije o chicote! Agora faça-o sangrar... por mim!

A América jovem e totalmente absorvida pelo poder da flor, odeia e tremendamente critica cada segundo da excursão que eles fazem em 1966-1967, “Lou Reed é um zumbi, Nico é Mick Jagger travestido”, assinam os jornais da Califórnia.

Essa música pesada que falava de drogas, desilusões fascina um círculo influente da cultura de Nova York e se torna chique gostar do Velvet Underground.

O grupo, contudo, consegue sobreviver bravamente a dois anos. Andy Warhol consegue um contrato de gravação com a MGM, que, infelizmente, não estava nem um pouco interessada naqueles bandidos barulhentos.

Cada álbum do Velvet Underground vai, automaticamente para a geladeira: nenhuma divulgação, nenhuma venda digna desse nome. Nico só participa do disco de estreia *THE VELVET UNDERGROUND AND NICO* e em **MAIO DE 1967**, ela deixa a banda. Nesse disco Lou Reed cita o Sacher-Masoch da Vênus das Peles e o William Burroughs de Junkie. As canções falam de michês, garotas que fazem sexo oral e viciados que se estrepam dentro de carros. A capa, na versão original, tinha uma banana que, descascada, virava um falo rosáceo, assinada por Andy Warhol.

Nesse mesmo ano, sai o primeiro solo de Nico, *Chelsea Girl* traz cinco faixas compostas por integrantes do Velvet Underground, mais composições de Jackson Browne e Bob Dylan. Depois John Cale abandona o grupo, separam-se em 1970, quando já não tinha o apoio tão grande do caprichoso Andy Warhol.

A verdade é que estavam muito à frente de sua época e, finalmente, da realidade – as ruas de Nova York e o submundo – que se sobrepôs ao sonho hippie. Além da resistência de Lou Reed e da sua poesia, os críticos agora convencidos indicam a voz do “pássaro negro da meia-noite” como “um extraordinário instrumento de comunicação... que o leva muito perto da genialidade”.

Um compositor que começou cantando as pernas raspadas de Candy Darling, o travesti; de motoqueiro gay que levava viciados em sua Harley Davidson, autor de uma centena de canções dirigidas a burgueses escandalizáveis, Lou Reed passou a ser consumido até em comerciais de motocicleta japonesa na televisão e cuja trilha era o seu hino “Walk on the Wild Side”.

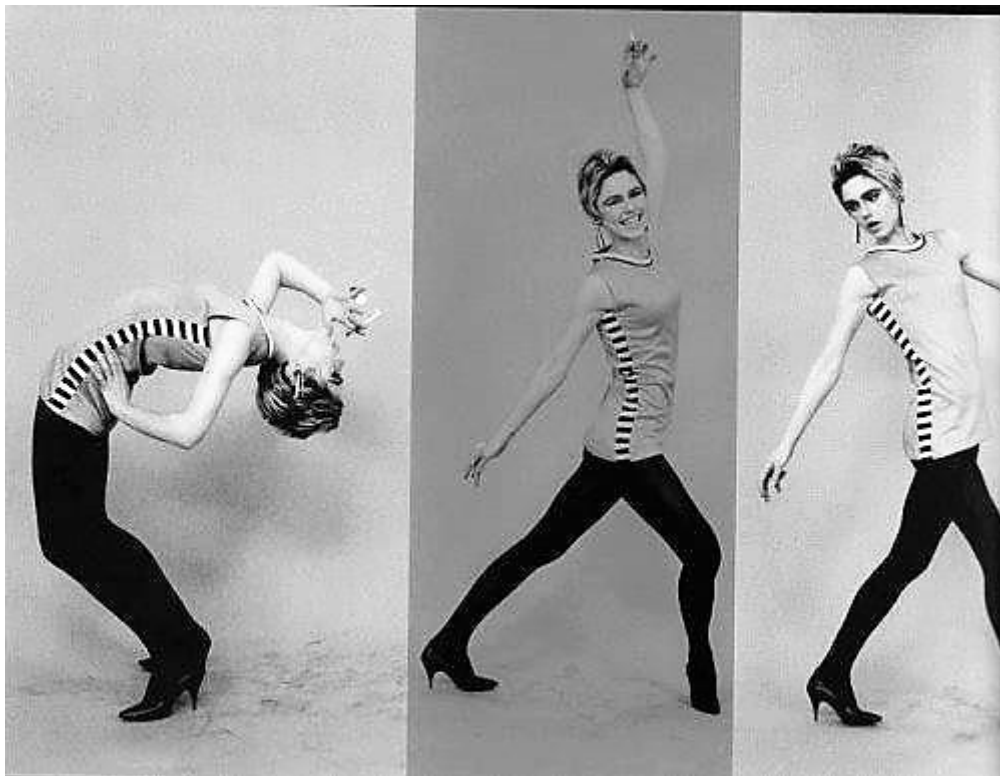
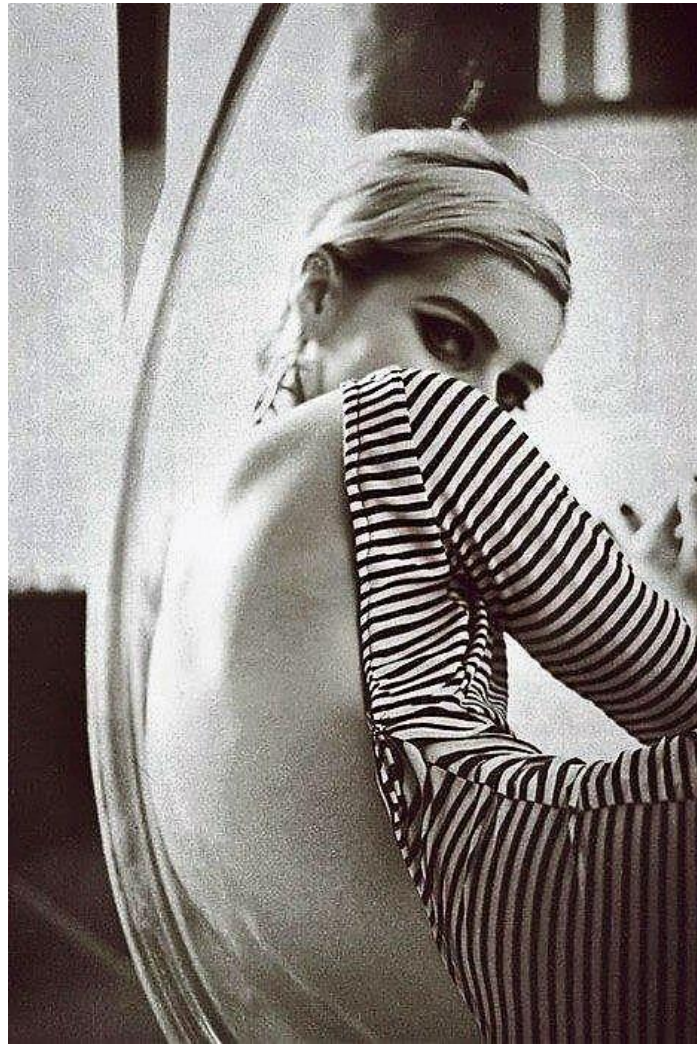












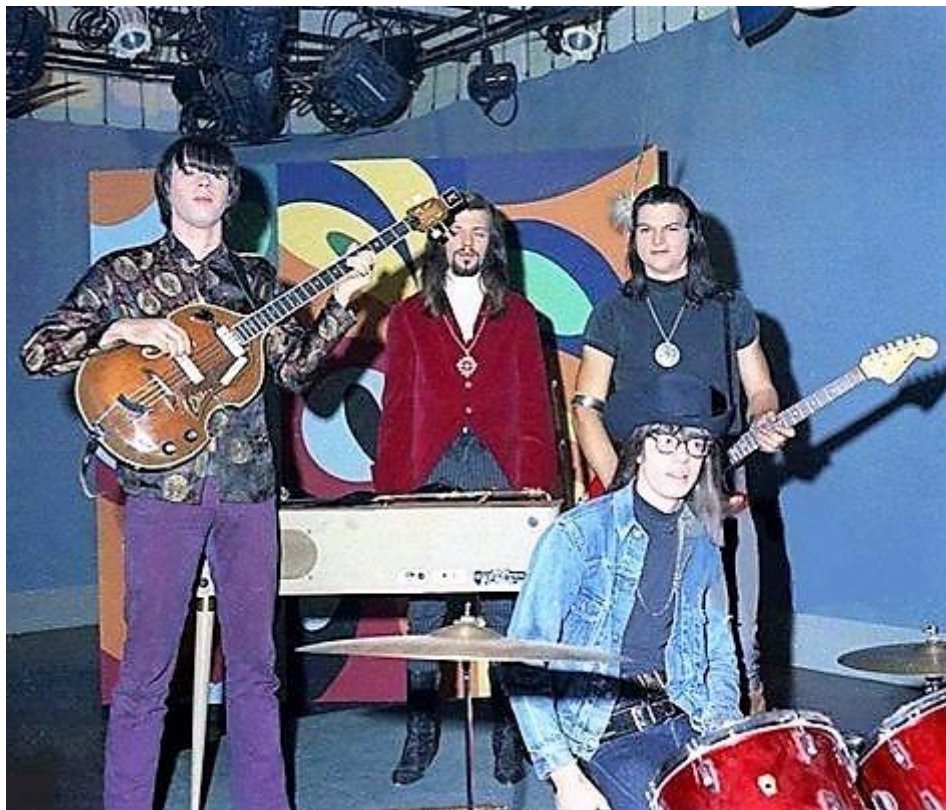




3rd March 1966
 Brian Epstein announces The Beatles' 1966 tours

"I bought that same EKO Bass back in 1966 and have one just like it today. I'm a very cool, very old man."

(MARC LOVE)



FREE
with
FLIP
Magazine

THE GROUPS BRITISH SECTION

**FOR GEAR
GROUPERS
ONLY**

PUBLISHED AND PRODUCED BY THE EDITORS OF FLIP MAGAZINE

THE REAL STORY ABOUT THE BEATLE RINGO REPLACED!

By Keith Altham

Pete Best is the fifth Beatle. The Beatle who got away. Pete was the drummer who was replaced by Ringo just before the group hit the big time.

What kind of guy is this who spent over two years drumming with Lennon, McCartney and Harrison before mysteriously leaving the group? Why did he leave? I got the answer to all these questions when I visited Pete at his home in Liverpool.

The house is mansion-like and set in its own grounds. The basement of the club was the famous Casbah Club where the Beatles played for a few shillings a night.

"John and the others used to cycle over here and prop their bikes outside against the wall," said Pete. "We did all our rehearsing in the club which my mother ran for us."

Pete is now running his own group The Pete Best Four and trying to make it on his own. I asked him why he had left the group at such a crucial moment.

"I don't know myself," admitted Pete. "You can be assured of one thing - I didn't go of my own free will. One minute I was the guy receiving all the fan mail in the group, girls used to sleep out on the lawn outside just to be near me, next moment Brian Epstein said I was no longer required."

I asked Pete if he knew Ringo from the old days.

"Sure," replied Pete. "He was good friend of mine. I used to ring him up on the occasions when I was ill and used to deputise for me. It was because I had bronchitis one night that Ringo first played with us."

Did he feel resentful that he was not a part of their success now?

"A little resentful of the way I was treated," admitted Pete. "But there



**PETE BEST'S
BAD LUCK!**

all good guys in the group - I've no gripe against the boys."

Were they the same now as in those early days when they were known as the Quarrymen.

"John was a bit wilder if anything," recalled Pete with a grin. "There were some raving scenes in Germany. I remember him smashing the door of the Star Club one night with a small up rooted tree. They'd got locked out by mistake and broke in - we had quite a time explaining it all to the police."

There were also stories of John on the roof of the club wrapped around a TV aerial in the early hours of the morning but that as they say is another story.

Pete's front room was littered with the new equipment with which he was launching his new group.

"One cymbal cost £30," he said. "The equipment cost about £800. If we don't make it - it won't be because of the gear."

A heavy thud against the door announced the arrival of most enormous bull mastiff I have ever seen.

"That's Satan," introduced Pete. "He hasn't had his dinner."

I left.

A telephone call to Ringo provided the other side of the story later.

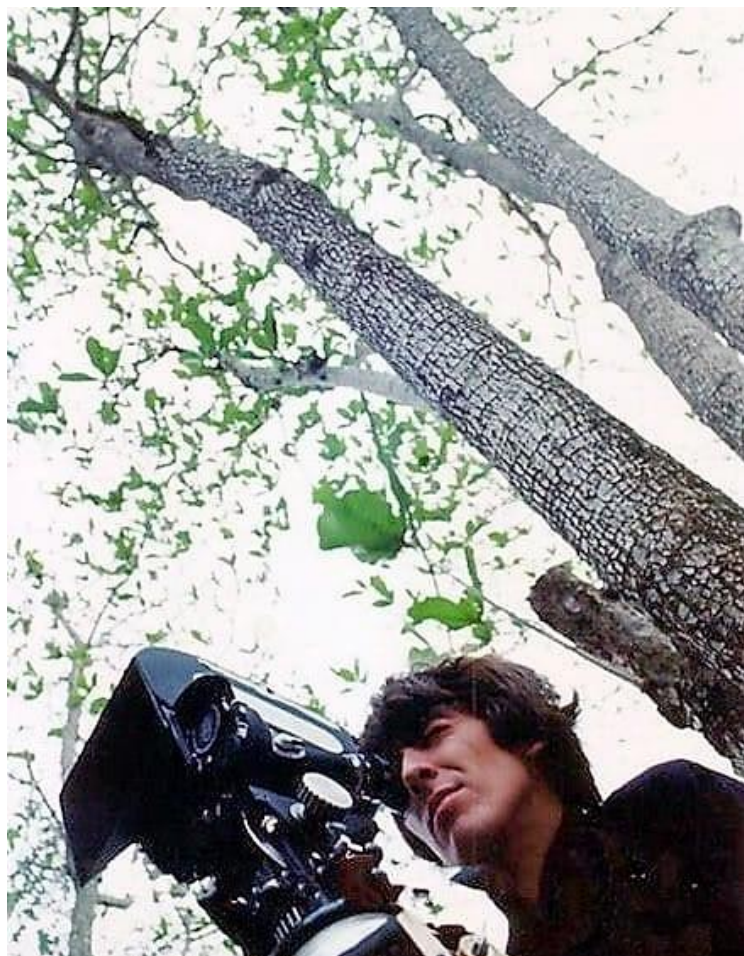
"I'm sorry about Pete," admitted Ringo. "But that's the way it goes. I was offered the job and I took it but I was in right from the start of our discs so you can't really say I hopped a bandwagon. It's just the way things go—I might have been Richard Starkey with his four and Pete might have been one of the Beatles now. That's life."

FLIP

51

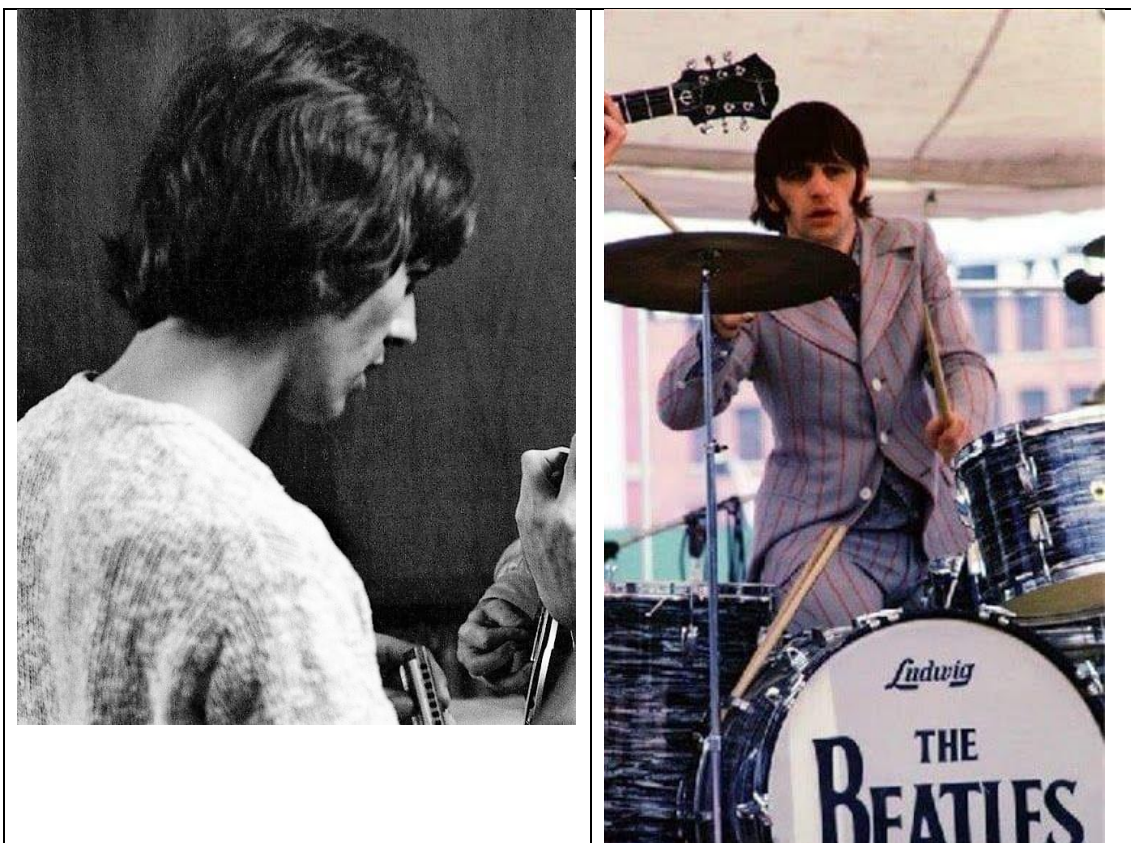
MARÇO

Com o apoio técnico dos arquitetos André Lopes e Eduardo Oria, Carlos Vergara vence o concurso para execução de um mural no auditório da Escola Nacional de Saúde Pública, em Manguinhos (RJ), com projeto de painel realizado com tubos de PVC, medindo 4m de altura por 18m de comprimento. O júri é composto por Flávio de Aquino, Lygia Clark e Lygia Pape.









Agosto, Philadelphia, 1966



22 MAIO

Ciclo de Estudos da Arte Brasileira: Galeria Macunaíma, Pedro Geraldo Escosteguy, juntamente com Ivan Serpa, Rubens Gerchman, Carlos Vergara, Carlos Zilio, Antonio Dias, Antonio Maia, Lygia Clark, Helio Oiticica, Lygia Pape, Roberto Magalhães, Solange Escosteguy, Wesley Duke Lee entre outros.

JUNHO

- É formado o Grupo Rex (junho de 1966 a maio de 1967), em São Paulo, que abre a Rex Gallery ands Sons e lança o jornal Rex Time. A intenção é reagir ao circuito tradicional, buscando novas formas de comunicação com o público. Além de exposições, seus integrantes promovem happenings, palestras e projeções de filmes com irreverência e humor.

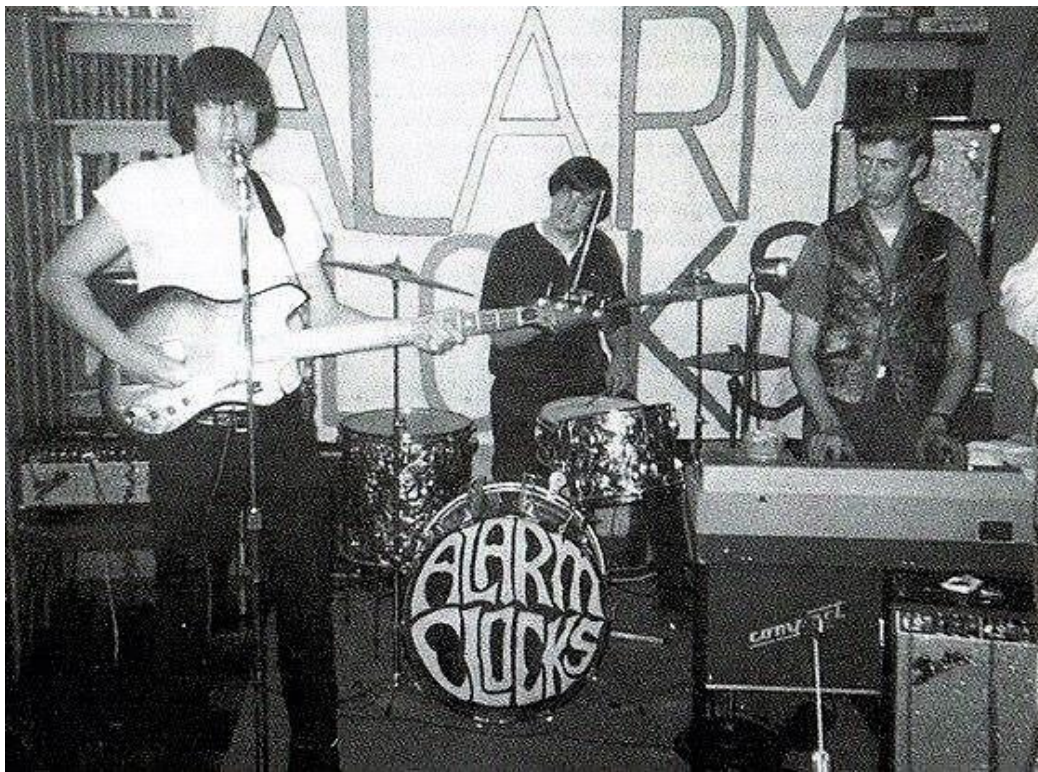
- A segunda e última edição da mostra Opinião.

- Walter Smetak, participa da *PRIMEIRA BIENAL DA BAHIA*;

ANTONIO GOMIDE

Fica cego e aprende a ler em braile.

– São Paulo SP – Meio Século de Arte Nova, no MAC/USP.



The Alarm Clock

1966 – JUNHO

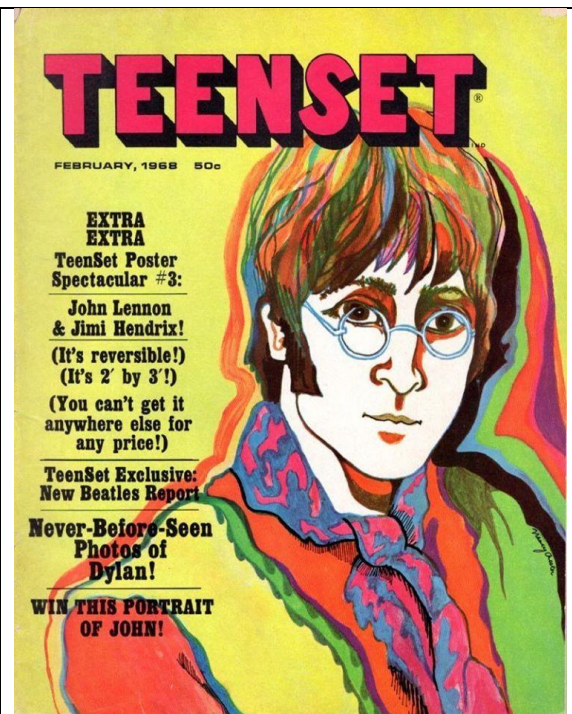
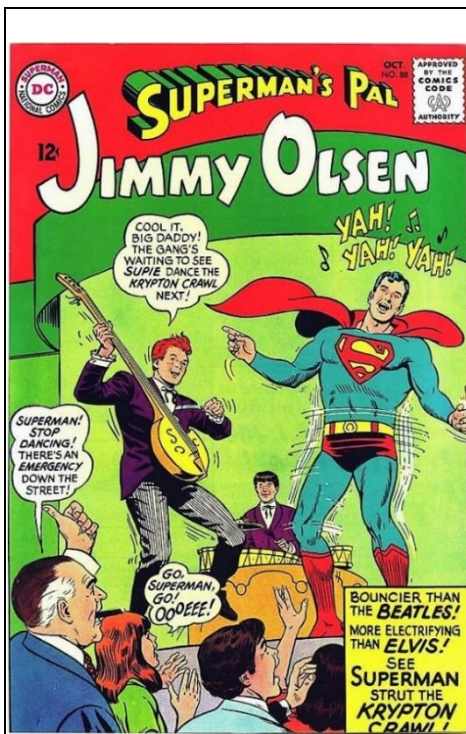
- Em seu disco seminal *Blonde On Blonde*, Bob Dylan compôs "Leopard-skin pill box hat" para Edie Sedgwick. Acredita-se que outra faixa do álbum – "Just Like A Woman" – e também "Like A Rolling Stone" tenham sido também feitas para sua musa.

SETEMBRO

'THE YARDBIRDS' WITH WARHOL



NEW YORK – SEPTEMBER 8: Singer Keith Relf (left) and guitarist Jimmy Page (right) of the rock band 'The Yardbirds' chat with Andy Warhol at the press party announcing that Page will join the group on **SEPTEMBER 8, 1966** in New York City, New York. (Photo by Michael Ochs Archives/Getty Images)



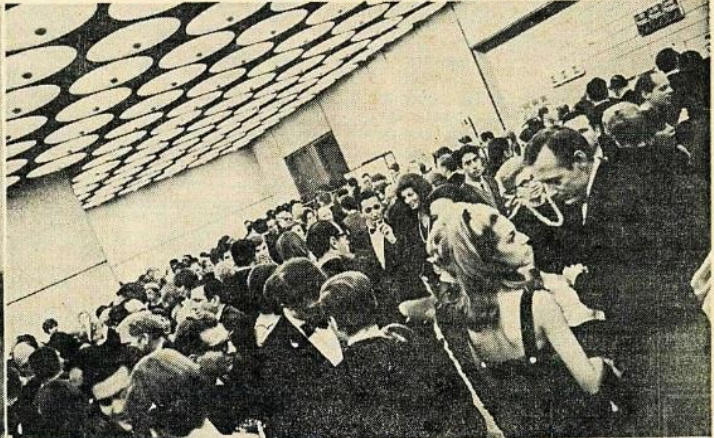
Perusing New York's Press - pp. 5 & 9

15c

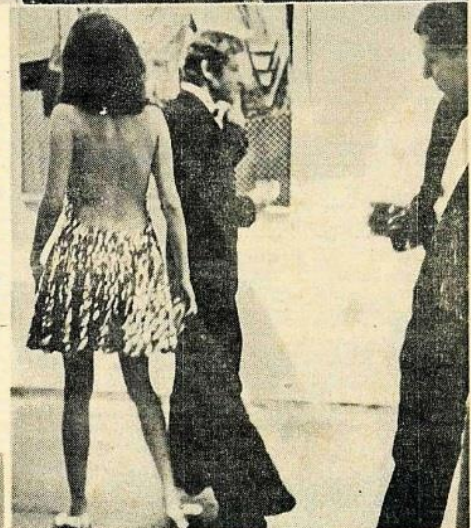
the village Voice

15c in New York City; 20c elsewhere
Copyright © 1966, The Village Voice Inc.

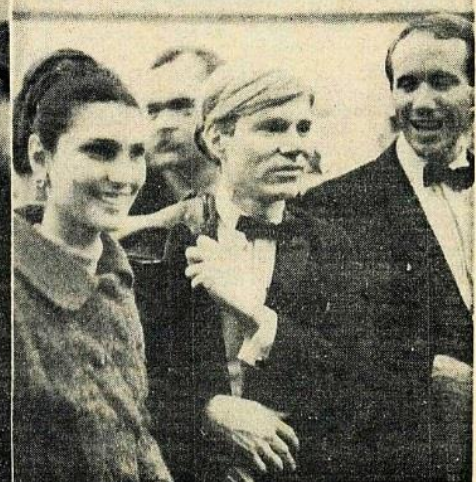
Vol. XI, No. 51 • New York, N. Y. • Thursday, October 6, 1966



THE WHITNEY MUSEUM opened last week with Mrs. Lindsay, see-through dresses, bareback dresses, Andy Warhol, and a melange of American art covering three centuries, all in the monumental building of Marcel Breuer. Though black tie predominated, there was a scattering of leather jackets. Warhol managed to make the best of both worlds by coming in black tie with a leather jacket casually flung over his shoulder. The Whitney has come a long way from the days it was a modest outpost of bohemia on West 8th Street in Greenwich Village. (Photographs: Voice—Fred W. McDarragh)



Night at the Whitney



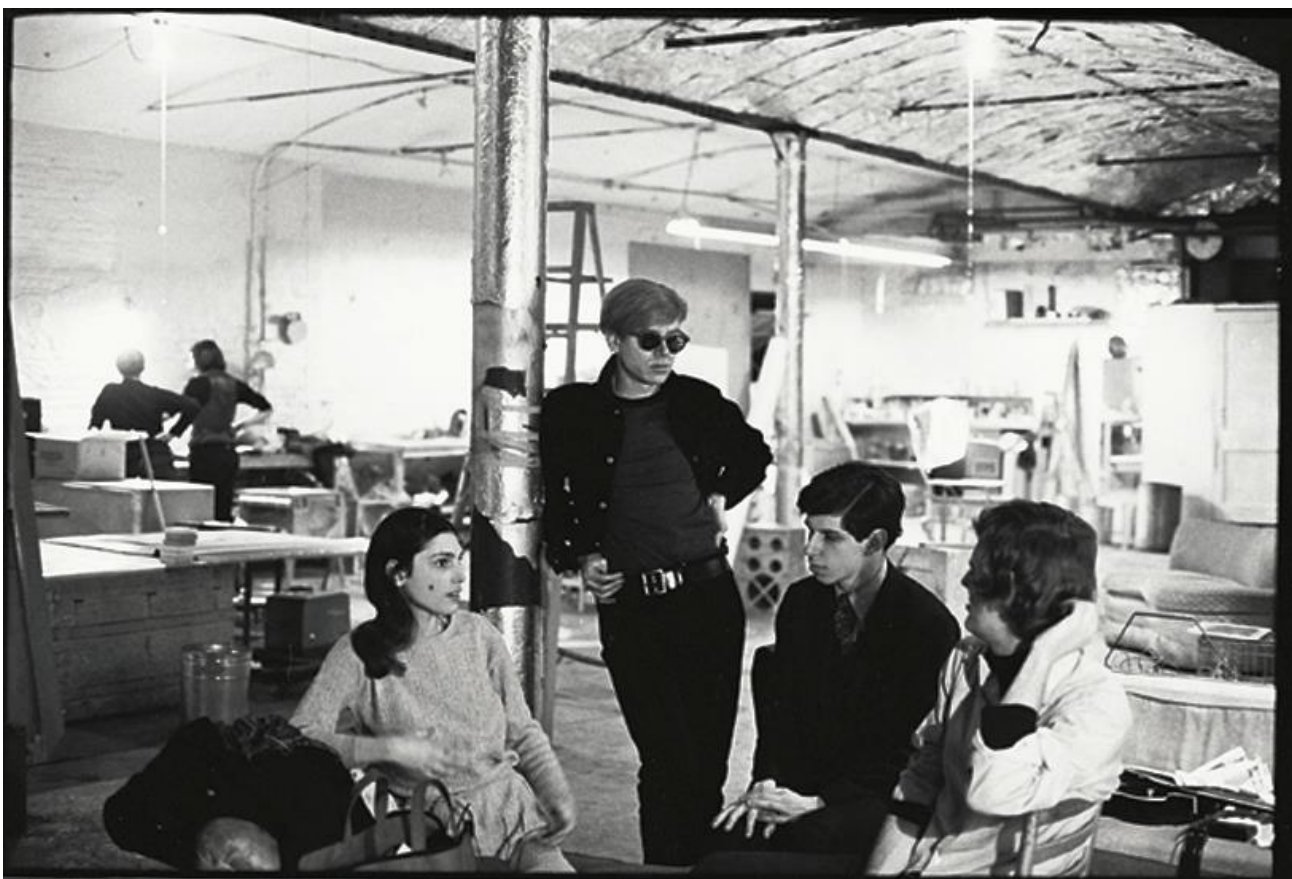
1966
DEZEMBRO

4th
December
1966: A
female go-go
dancer
whispers into
the ear of
American
Pop Artist
Andy Warhol
during a
Velvet
Underground
and Nico
performance
in a
'Freakout'
party at the
Action House
disco, Island
Park, Long
Island, New
York. They are



surrounded by three men. (Photo by Tim Boxer/Hulton Archive/Getty Images)







ANDY WARHOL CHRONOLOGY

1966

Andy Warhol and the Velvet Underground entertain psychiatrists. Andy Warhol films the Velvet Underground. Lou Reed writes Femme Fatale. Andy Warhol gets uptight. Andy Warhol advertises. Edie Sedgwick leaves Andy Warhol. Holly Woodlawn meets Jackie Curtis. Andy Warhol does Cow Wallpaper and Silver Clouds. Andy Warhol meets Ronnie Cutrone and Eric Emerson. ANDY WARHOL'S EXPLODING PLASTIC INEVITABLE AND THE VELVET UNDERGROUND WITH NICO TOUR. Henry Geldzahler and Andy Warhol drift apart. Andy Warhol shoots THE CHELSEA GIRLS, KISS the Boot and the final SCREEN TESTS. Danny Williams dies. Andy Warhol is sued for Flowers. Andy Warhol designs Aspen. Andy Warhol splits up with Richard Rheem.

JAN. 1966: NICO MOVES TO NEW YORK.

She continued her modeling career, signing up with the Ford Model Agency. (DB221)

JAN. 13, 1966: ANDY WARHOL TAKES THE VELVETS TO PSYCHIATRISTS.

Andy Warhol was invited to speak at the [annual banquet](#) of the New York Society for Clinical Psychiatry at the Delmonico Hotel. He brought along the VELVETS and other factory regulars. JONAS MEKAS and BARBARA RUBIN filmed [the event](#). It was the first time that NICO performed publicly with the band. (members.aol.com/olandem2/perf6566.html)

JAN. 31, 1966: GERARD MALANGA READS DROP-OUT POEMS.

Gerard Malanga did a poetry reading at The Folklore Center of his "Debbie High School Drop-Out Poems".



1966: ANDY WARHOL FILMS THE VELVET UNDERGROUND.

In addition to the Warhol footage of the Velvet Underground, other filmmakers also filmed the band during this period. Rosalind Stevenson filmed them in their apartment in 1965 and Jonas Mekas/Barbara Rubin filmed the Psychiatrists' Convention on January 8, 1966. They were also filmed at the Balloon Farm (previously the Dom) in October 1966 and Ron Nameth filmed them playing at Poor Richard's in Chicago in June 1966. (UT123)

Victor Bockris:

"January to April 1966 was the golden period for the Velvet Underground and Andy Warhol. After the psychiatrist's convention, Warhol shot a scintillating film of the band rehearsing at the Factory, **SYMPHONY OF SOUND**, which remains the single best visual record of the Velvet Underground. They also recorded sound tracks for two of Warhol's best movies shot at the beginning of the year, **HEDY** and **MORE MILK YVETTE**." (LR108)

According to Stephen Koch, *More Milk Yvette* was filmed in November of 1965. (SG147) *Hedy* was shot in February 1966 - inspired by Hedy Lamarr's arrest for shoplifting which appeared in the press on January 29, 1966. (BN68)

Lou Reed on Andy Warhol:

"The thing is that Andy works very hard. One of the things you can learn from being at the Factory is if you want to do whatever you do, then you should work very, very hard. If you don't work very hard all the time, well then nothing will happen. And Andy works as hard as anybody I know... Whenever he'd ask me how many songs I'd written that day, whatever the number was Andy would say, 'you should do more.'" (UT128)

The filming of **THE VELVET UNDERGROUND AND NICO: A SYMPHONY OF SOUND** was broken up by the NYC police after complaints about the noise. (UT34)

1966: LOU REED WRITES FEMME FATALE ABOUT EDIE SEDGWICK.

Lou Reed:

"Andy said I should write a song about Edie Sedgwick. I said 'Like what?' and he said, 'Oh, don't you think she's a femme fatale, Lou?' So I wrote 'Femme Fatale' and we gave it to Nico." (LR107)

FEB. 1966: MARY WORONOV APPEARS IN HEDY.

HEDY was Mary's first full length Warhol film. The cast also included MARIO MONTEZ. Mary played the arresting officer in the film. (MW37) After leaving Cornell, Mary moved in with her parents in Brooklyn until eventually moving into an apartment on St. Marks that she shared with Jane, a friend from Cornell. (MW87)

FEB. 8 - 13, 1966. ANDY WARHOL GETS UPTIGHT.

During the second week of February, Warhol presented a week of mixed media performances at the Film-Makers' Cinematheque which was then using a venue on West 41st Street. The ad for the event that ran in the February 3rd, 1966 issue of the

Village Voice announced 'ANDY WARHOL, UP-TIGHT/presents live/The Velvet Underground, Edie Sedgwick, Gerard Malanga/Donald Lyons/Barbara Rubin/Bob Neuwirth/Paul Morrissey/Nico/Daniel Williams/Billy Linich', promising 'Up-tight Rock 'n Roll/Whip Dancers, Film-maker Freaks'. (DB221)

Also on exhibit were some of the photographs that NAT FINKELSTEIN had been taking of Warhol's entourage in the form of large contact sheets - the first documented show of large contact sheets.

The Velvet Underground and Nico performed while **VINYL**, **EMPIRE** and **EAT** were screened in the background, "and BARBARA RUBIN and her crew ran around the audience as usual with movie cameras and bright lights. GERARD was up on stage whipping a long strip of phosphorescent rope in the air. The whole event was called Andy Warhol Up Tight." (POP148) Barbara Rubin had suggested the name. (UT3)

Also included was the premiere of Warhol's film, *MORE MILK*, *YVETTE*, (based on Lana Turner), starring Mario Montez.(DB221)

Nico:

"They also played the record of Bob Dylan's song, *I'll Keep It With Mine*, because I didn't have enough to sing otherwise. I had to stand there and sing along with it. I had to do this every night for a week. It was [the most stupid concert](#) I have ever done." (LR109)

Sterling Morrison:

"We most certainly did not want to be compared with Bob Dylan, or associated with him. We did not want to be near Bob Dylan, either physically or through his songs. When Nico kept insisting that we work up *I'll Keep It With Mine*, for a long time we simply refused. Then we took a long time to learn it (as long as we could take). After that, even though we knew the song, we insisted that we were unable to play it. When we finally did have a go at it on stage, it was performed poorly. We never got any better at it either, for some reason." (UT53)

Warhol also appeared on WNET TV in New York in February and announced he was sponsoring a new band, The Velvet Underground.

ca. JAN/FEB 1966: ANDY WARHOL TAKES OUT AN AD.

Andy Warhol puts an ad in the *Village Voice* advertising his services. The ad says: 'I'll endorse with my name any of the following: clothing, AC-DC, cigarettes, small tapes, sound equipment, ROCK 'N' ROLL RECORDS, anything, film, and film equipment, Food, Helium, Whips, MONEY; love and kisses Andy Warhol. EL 5-9941"

Andy Warhol:

"We had so many people hanging around all the time now that I figured in order to feed them all we'd have to get other people to support them - like find a restaurant that wanted us to hang around that would give us free meals." (POP152)

In 1966 Warhol also appeared in Piero Heliczer's underground film, *Joan of Arc* (above)

FEB. 13, 1966: EDIE SEDGWICK APPEARS IN THE NEW YORK TIMES.

Edie Sedgwick appeared in photographs, posing with ANDY WARHOL and CHUCK WEIN in the [New York Times magazine](#). (AF201)

3RD OR 4TH WEEK OF FEB. 1966: EDIE SEDGWICK LEAVES ANDY WARHOL.

Edie Sedgwick left Andy Warhol after a public argument at the Ginger Man restaurant about money and her lack of role in the Velvet Underground. She left Andy to hang around with BOB DYLAN who, according to writer Victor Bockris, had an extreme drug problem with amphetamine." (L&D244)

Although most accounts place the argument at the Gingerman, Gerard Malanga has written about an argument that took place at "a crowded table at Maxwell Plum (present were Andy, Paul Morrissey, Donald Lyons, Ingrid Superstar, Barbara Rubin, Nico, Chuck Wein, Lou Reed and John Cale)." (GMW117)

According to Malanga, Edie, unwilling to pick up the tab as was her usual habit, confronted Warhol about money for the films she had appeared in. Warhol protested that he wasn't making any money with the films and that she had to be patient. At one point she got up to make a phone-call, then returned to the table shortly thereafter and left the restaurant. (GMW117)

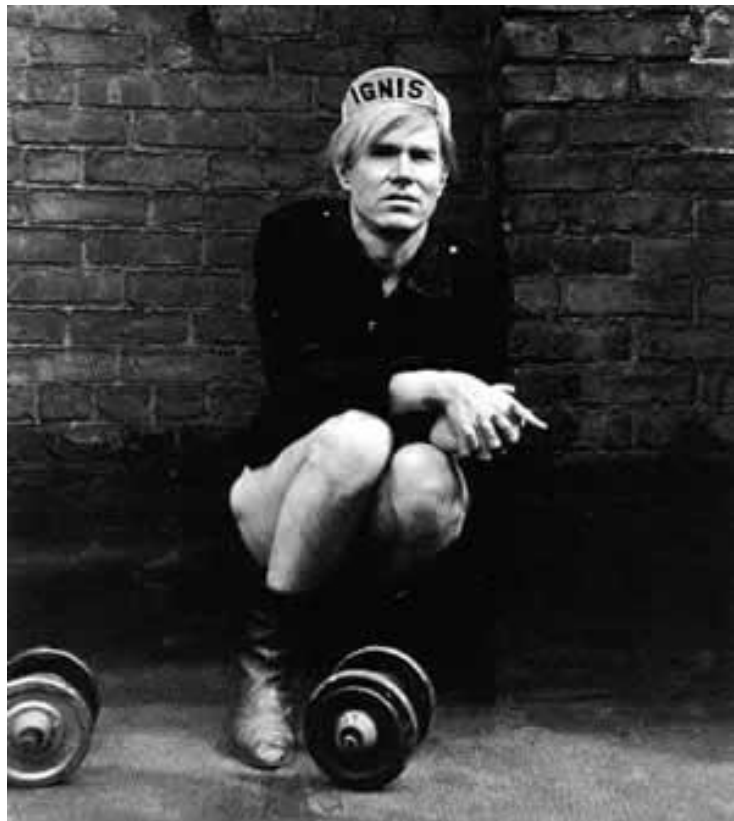
MARCH 3, 1966: [KITCHEN](#), STARRING EDIE SEDGWICK, PREMIERES AT THE FILM-MAKERS' CINEMATHEQUE. (DB217)

MARCH 9, 1966: THE VELVETS GO TO COLLEGE.

Andy Warhol took The [VELVET UNDERGROUND](#) to perform at the college film society of Rutgers University and then on March 12th to the University of Michigan Film Festival in Ann Arbor. Warhol's entourage included the counter-culture journalist, John Wilcock, who would later write [The Autobiography and Sex Life of Andy Warhol, by John Wilcock and a Cast of Thousands](#), consisting of interviews with many of Warhol's superstars.

John Wilcock:

"The eleven member Warhol group (supplemented by



accompanying cars) had rented a microbus for the 1,500 mile round-trip to Ann Arbor (\$50 per day plus 10 cents per mile) and although it offered some of the comforts of home - including a toilet that, like the one in the 47th Street Factory, didn't work - it proved to be far from the most reliable mode of transportation. The most chaotic moments came on the way back when a stop was made in the parking lot of a pop art monstrosity called the White Hut Superking for everybody to order hamburgers. Even before Nico, blonde locks falling about the shoulders of her black leather jacket, had brought the bus to a halt, a police patrol car came snooping around to see what else it contained." (UT40)

MARCH 1966: BETSEY JOHNSON HAS A PARTY.

Betsey Johnson hired Warhol to stage a party at Paraphernalia, the flagship store of Pilgrim Clothes who had hired Johnson to design the clothes. The Velvet Underground, who had returned to New York after playing Ann Arbor, performed at the party. [Nat Finkelstein](#) took photos.

Nat Finkelstein:

"We staged a party in a fishbowl, a store window on Madison Avenue. Crowds gathered... the idea was that everybody who saw the party would buy clothes there. The girls showed the new fashion while they were dancing to the Velvet's music." (NF85)

MARCH 30, 1966: HOLLY WOODLAWN MEETS JACKIE CURTIS.

Candy Darling and Holly Woodlawn went to Candy's friend Seymour's house in the West Village to watch Barbara Streisand's TV special *Color Me Barbara* on Semour's color TV. Jackie Curtis was there - "an aspiring actor/playwright who worked as an usher at the Winter Garden Theater, where Streisand was starring in *Funny Girl*." (HW76) Curtis wasn't in drag at this point, although Holly and Candy were.

APR. 2 - 27, 1966: ANDY WARHOL'S SECOND SHOW AT CASTELLI.

Andy Warhol's second show at the Leo Castelli gallery included the Cow wallpaper and the floating silver pillows. (L&D503/UW39)

Ronnie Cutrone:

"Andy said he wanted to end his painting career with those silver pillows, to let them fly away from the rooftop, but they didn't really fly away. It was a grand gesture; he was a master of the grand gesture." (UW59)

EASTER SUNDAY, 1966: EDIE SEDGWICK MAKES HER FIRST NON-WARHOL FILM. (EDIE285)

Bob Neuwirth:

"She [Edie Sedgwick] never made a film with Dylan. After Edie left Warhol, I was actually the first one to make a film with her. We made it on Easter Sunday in Eric Dolphy's old loft near the Fulton Fish Market - a Chaplinesque, satirical movie of Edie making breakfast and ending up with her wearing a nine-thousand-dollar leopard-skin coat and walking her huge rhinoceros, that big footstool of hers outfitted with four roller

skates, up Fifth Avenue in the Easter Parade, pulling the rhino along behind her on a leash. It was very early in the morning. We'd been shooting since daylight. At one point on Park Avenue she tied her rhino to a fire hydrant, and the police, as a joke, gave it a ticket. I have footage of them giving her a ticket for parking her four-wheeled rhino, or actually her sixteen wheeled rhino." (EDIE285)

APRIL 1966: THE VELVETS PLAY THE DOM.

[The Dom](#) had been a Polish dance hall (Polsky Dom Narodny - the word "Dom" being Polish for home) called Stanley's. The two people who had rented it from the owners did "sculpture with light" but were not ready to use the space until May. So Andy rented it during April to present the Plastic Inevitable. (POP156) Entry was \$6 and it was a success, making \$18,000 in the first week.

Sterling Morrison:

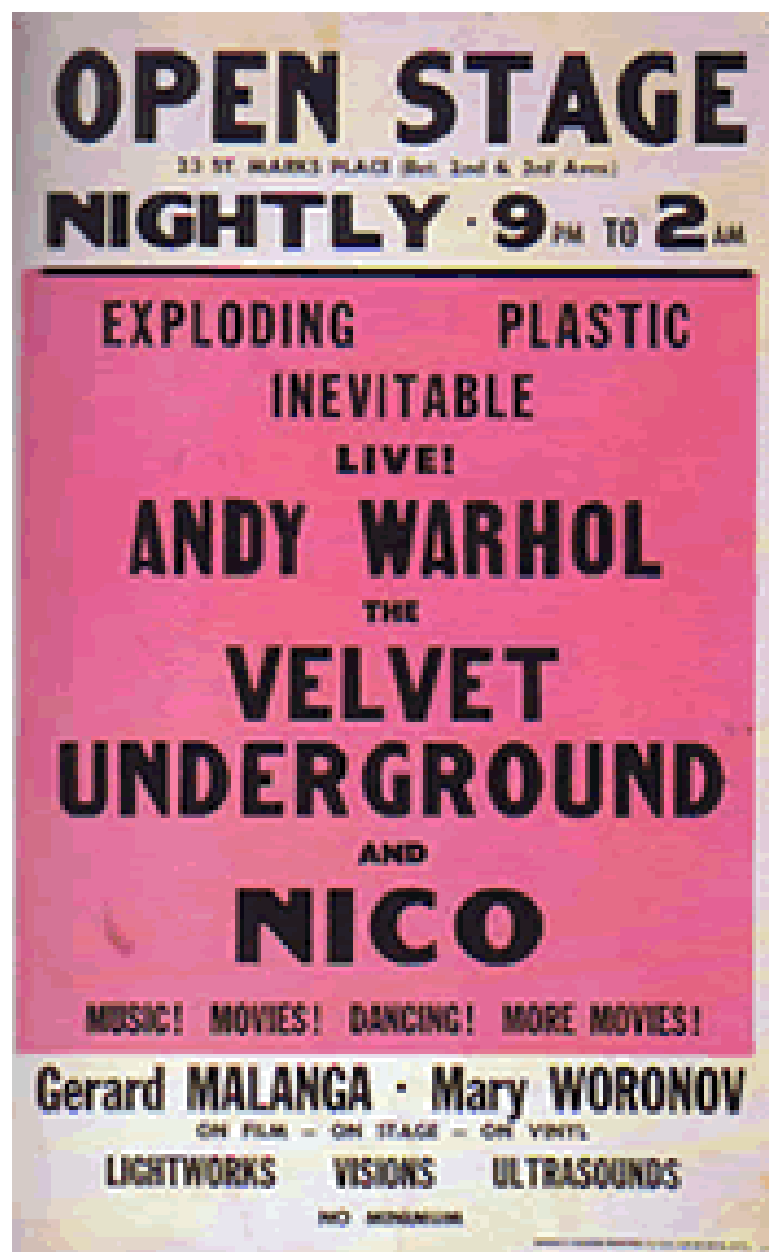
"But our actual salary from Paul Morrissey, who handled the business side for Andy, was five dollars a day, for cheese or beer at the Blarney Stone. He had a ledger that listed everything, including drug purchases - \$5 for heroin. When the accountant saw it, he said 'What the hell is this?'" (LR122)

According to Gerard Malanga and Victor Bockris, all the people contributing to the show were paid the same amount - Lou Reed got the same for playing as Gerard did for dancing or Danny Williams for doing the lights: "On an average night at the Dom they would be paid a hundred dollars apiece". (UT52)

During the first week that the Dom was open, it took in \$18,000.00.

While performing at the Dom, Lou Reed's Gretsch guitar and record collection was stolen. (LR124)

DANNY WILLIAMS who did the lights/sound for the **EXPLODING PLASTIC**



INEVITABLE would later mysteriously disappear in 1967 "off the coast of Cape Cod leaving his clothes by the side of his car." Although his body was never found, it is presumed to be a suicide. (GMW111)

Sterling Morrison:

"It was at this time that The Velvets started wearing dark glasses on stage, not through trying to be cool but because the light-show could be blinding at times." (UT54)

At the same time that the VELVETS were playing at the Dom, Andy's film, **MY HUSTLER** was playing uptown at the Film-Makers' Co-op and Warhol's silver helium-filled pillows and yellow and pink cow wallpaper was being shown at the Castelli Gallery. (POP162)

The final performance of *THE EXPLODING PLASTIC INEVITABLE* at the Dom took place on April 30, 1966. (UT57)

1966: ANDY WARHOL MEETS RONNIE CUTRONE.

[Ronnie Cutrone](#) lived in the Velvet's apartment which was subleased from TOM O'HORGAN who would later direct the musical *Hair*. Cutrone would eventually work for Andy for ten years as his full-time painting assistant from 1972-82.

1966: ANDY WARHOL DISCOVERS ERIC EMERSON.

Andy Warhol noticed Eric Emerson dancing at the Dom - "...a small, muscular blonde kid made a ballet leap that practically spanned the dance floor". (POP212) Eric Emerson's mother had sent him to ballet school as a youngster, while his father worked as a construction worker in New Jersey. Both Ronnie Cutrone and Gerard Malanga already knew Eric before Andy Warhol noticed him at the Dom. Eric had got married two years previously to someone he met at a party in Los Angeles. He fell in love instantly and they drove to Las Vegas the same night for a quick wedding.

Eric Emerson:

"I got really attached to my wife, and when she went out free-loving the way I did, I got crazy and went through a heavy gay scene for awhile..." (POP212)

**Eric leaps while
Ronnie Cutrone watches**



1966: EDIE SEDGWICK FALLS APART.

Edie Sedgwick, "falling apart" and "hooked" on drugs "goes through eighty thousand dollars in six months..." ONDINE became her French maid "serving her drug paraphernalia and a saucer filled with speed" for breakfast. "Desperate for money, Edie steals English antiques and pieces of art from her grandmother's elegant apartment and sells them to buy drugs." (UV211) "Dealing drugs, she gets busted, goes to jail briefly, and is put on probation for five years". (UV212)

1966: ANDY WARHOL PRODUCES THE VELVET UNDERGROUND LP.

Warhol invested some of the Dom money (along with an investment by NORMAN DOLPH, a former Columbia Records sales executive) to produce *The Velvet Underground and Nico* album. The Cameo-Parkway Studios on Broadway were rented for \$2,500 for three nights. Lou Reed did not want Nico on the album and Nico wanted more songs to sing.

John Cale:

"Lou was paranoid and eventually he made everybody paranoid."

Andy Warhol:

"The whole time the album was being made, nobody seemed happy with it."

Lou Reed:

"Andy made a point of trying to make sure that on our first album the language remained intact. He would say, 'Make sure you do the song with the dirty words, don't change the words just because it's a record.'" (LR129-30)

The album was turned down by every record company in New York.

When Warhol and The Velvet Underground went Los Angeles to perform at the Trip, they met with various record companies to try and flog the album. Ahmet Ertegun rejected it, saying "no drug songs". Elektra rejected it, saying "no violas". (UT68)

Tom Wilson at Columbia (who was a friend of Nico) was interested and told the band to wait until he moved to MGM so that he could release them on the Verve label. They were eventually signed by MGM who also signed The Mothers of Invention at the same time. Tom Wilson suggested they make the album more commercial by adding more Nico songs and releasing one as a single. Lou complies by writing 'Sunday Morning', which Wilson later produced for the banana album. Andy suggested making it a song about paranoia which Lou did with lyrics like 'Watch out, the world's behind you, there's always someone watching you...' (LR135) Lou insisted on singing the song himself on the recording even though Nico sang it at live performances.

Although contracted to receive 25% of the Velvet's earnings, Andy Warhol never received any money from the album sales due to legal complications with the contract which failed to state what royalties the band would receive. (LR135)

MAY 3 - 18, 1966: THE VELVETS PLAY THE TRIP.

Charlie Rothschild booked Warhol and the *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE* (consisting of fourteen Factory regulars) to play at the Trip in Los Angeles. The Mothers of Invention featuring Frank Zappa opened for them and were cheered by the L.A. crowd. The Velvet Underground were greeted with boos. (UT65)

Lou Reed on Frank Zappa:

"He's probably the single most untalented person I've heard in my life. He's a two-bit pretentious academic, and he can't play rock'n'roll, because he's a loser. And that's why he dresses up funny. He's not happy with himself and I think he's right." (UT65)

Among the celebrities attending the opening night were JOHN PHILLIPS of the MAMAS AND THE PAPAS, RYAN O'NEAL, JIM MORRISON (who was a film student at UCLA) and CHER who commented that the Velvet's music would replace nothing, except perhaps suicide. (LR133) The reviews were terrible and on the third night the sheriff's office shut the club down for disturbing the peace. They stayed in LA as Union rules stated that in order to be paid, they had to remain in Los Angeles, even if they didn't perform. (MW23-4)

Warhol and most of his entourage stayed in the [Castle](#) in Los Angeles - "a large imitation-medieval stone structure... where many rock stars put up their entourages at \$500 a week." (LD250) Bob Dylan had just stayed there with Edie Sedgwick. Photographer Nat Finkelstein and Velvet road manager Faison both stayed at the Tropicana instead of the Castle. [Sterling Morrison](#) joined them there after a week and a half in the Castle. (UT65/7)

While in L.A. The Velvet Underground met Steve Sesnick who would become their manager in 1967. According to Sesnick, it was himself who originally came up with the concept for the *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*. He also said that it was himself who arranged for The Velvets to perform at the Fillmore on May 26 and 27. However, this contradicted Andy Warhol who, in *Popism*, said (via Pat Hackett) that Bill Graham kept calling Paul Morrissey to set up the date. (UT69)

Steve Sesnick:

"My room-mate at the time was Tim Hauser who was the founder of the Manhattan Transfer. I told him I had come up with this space idea. All that was an idea of film and



dancing and music - space music - and he was working at the time on doing 30s and 40s so we were very diametrically opposed in our personal interests. I mentioned it to Andy at a party at the Factory and he said, 'Oh gee, Steve, that sounds great. Do you think we can do it?' I said, 'Yes,' and we had a series of meetings with Brian Epstein on the telephone through Nat Weiss. Danny Williams was the only one I remember, besides Andy and Edie Sedgwick, who was in on the original meetings for this whole idea. Epstein and Nat Weiss were partners. Nat was his American attorney. I was very friendly with Nat for a number of years, prior to his even getting into music. So having access to him I went to speak with him about this idea and he passed it on to Brian, and Brian went nuts over it. He said it really is fantastic and they did want to get involved. But their idea of what it was and mine and Andy's were just really different." (UT70)



Poster designed by Wes Wilson
advertising the May 1966 EPI concert
at the Fillmore in San Francisco

MAY 26, 1966: THE EPI PLAYS SAN FRANCISCO.

THE EXPLODING PLASTIC INEVITABLE [arrived in San Francisco](#) to play for two nights at BILL GRAHAM's Fillmore Ball Room with the MOTHERS OF INVENTION and the early JEFFERSON AIRPLANE. The Warhol crowd hated the hippie culture of San Francisco. Bill Graham pulled the plug on the Velvets the second night when the band left the stage after leaning their instruments against the amplifiers creating a "barrage of sonic feedback".

Lou Reed:

"We had vast objections to the whole San Francisco scene. It's just tedious, a lie and untalented. They can't play and they certainly can't write... You know, people like Jefferson Airplane, Grateful Dead are just the most untalented bores that ever came up. Just look at them physically, I mean, can you take Grace Slick seriously? It's a joke! It's a joke! The kids are being hyped." (UT71)

While in San Francisco, the poet/playwright MICHAEL MCCLURE refused to sign a release for a film that Andy Warhol had made of McClure's controversial play '[The Beard](#)'. (Warhol's film of the play starred Gerard Malanga and Mary Woronov).

to [filmography](#)

At a cocktail party that both [Andy Warhol and Michael McClure](#) attended in San Francisco, Warhol met someone identified as "RICHARD GREEN" by Victor Bockris. When Warhol returned to New York, Richard and himself entered into an "erotic correspondence" which led to Richard moving in with Warhol in October. "Richard Green" is probably Richard Rheem. Rheem appeared in the film Mrs. Warhol and there are several letters from him to Warhol in the archives of The Warhol museum. (W8/8/07)

After the second night in San Francisco Gerard Malanga was arrested in an all night cafeteria in North Beach for carrying an offensive weapon (his whip) and spent the night in jail. He had gone to the diner with Lou Reed and Nancy Worthington Fish, a friend of Warhol who was performing with The Committee. (UT73)

While In San Francisco, Lou Reed shot up some bad speed causing his joints to seize up and he was incorrectly diagnosed as having a terminal case of lupus.

Upon their return to New York, Lou Reed checked into Beth Israel hospital with a serious case of hepatitis and had a six week course of treatment. Nico left for Ibiza while the rest of the Velvets started rehearsing for an upcoming June booking in Chicago - a one week stint at Poor Richard's. ANGUS MACLISE returned as drummer and MAUREEN TUCKER switched to playing bass.

Gerard Malanga:

"Just before the Chicago gig, Andy, Angus MacLise and I went to visit Lou in the hospital, because Angus was going to play with the group in Chicago. I distinctly remember Lou telling Angus, 'Just remember you're only coming back for two weeks. You're on a temporary basis. I don't want you to get any idea that you're coming back into the group again.'" (UT74)

JUNE 1966: ANDY AND HENRY DRIFT APART.

Warhol and HENRY GELDZAHLER drifted apart when Henry was made Commissioner for the Venice Biennale and did not tell Andy and also did not use his art in the show (using instead HELEN FRANKENTHALER, ELLSWORTH KELLY, JULES OLITSKI, and ROY LICHTENSTEIN).

Henry Geldzahler:

"I had to get out of there to save myself. It was so unattractive I walked away. There was one tense moment. There was a blackboard in the studio and I wrote: 'Andy Warhol can't paint any more and he can't make movies yet.' That was when he was between the two. But he never forgot that." (L&D256)

JUNE 1966: MAY WILSON MOVES.

Artist MAY WILSON moved first into the Chelsea Hotel, then into a studio apartment next to the hotel at 208 West 23rd Street. VALERIE SOLANAS would store the gun she would later use to shoot Andy Warhol on June 3, 1968 under May's bed in a laundry bag in the studio apartment. (REWSW)

JUNE 21 - JULY 3, 1966: THE VELVETS PLAY POOR RICHARD'S.

The performed at Poor Richard's in Chicago without LOU REED who was recuperating from hepatitis at Beth Israel Hospital. Although NICO was advertised to appear, she stayed in Ibiza instead.

Poor Richard's was a club inside an poorly ventilated old church in which the temperature rose to 106 degrees. (UT75)

Angus returned to play drums, Maureen played bass and STERLING MORRISON and JOHN CALE did vocals. INGRID SUPERSTAR replaced MARY WORONOV as Gerard Malanga's dance partner. DANNY WILLIAMS flew in from San Francisco to do the lights. Warhol was supposed to attend to do interviews but sent BRIGID BERLIN (BRIGID POLK) in his place. RON NAMETH filmed one of the shows.

The Chicago shows were so successful that the band were held over another week. Originally booked until June 26, they stayed until July 3, 1966. (UT75)

While in Chicago the band was also hired by Playboy to perform at an afternoon fashion show which was written up in their VIP magazine. They also appeared on Studs Terkel's TV show and did some radio shows. (UT76)

It was at the Poor Richard's concerts that [SUSAN PILE](#) first met GERARD MALANGA and the rest of the E.P.I. crowd. The following month, on her way to the Newport Folk Festival with a friend from high school, she stopped into the Factory to say hello and Gerard introduced her to Andy.

Malanga needed help pulling together his literary output, beginning with a special issue of [Film Culture](#) magazine. Susan contributed [an essay](#) and typed/proofed most of the other content.

When Susan moved to New York to study at Barnard College, she ended up working at the Factory (until approximately February of 1968) and transcribed some of the tapes that would be published as 'A: A Novel' by Andy Warhol. She also looked after Nico's son, Ari, when the Velvet Underground played two nights a week at the Gymnasium. (S)

Susan documented her activities at the Factory in weekly letters to her friend and co-conspirator Edward K. Walsh who dated each letter upon its receipt.

Susan Pile [July 26, 1966]:

"Dear Ed,
...Indeed, I did start working for ('lurking about' might be more accurate) Andy and Gerard at the Factory, but nothing has happened - it's total Catatonia until the filming starts (very late usually - the Factory never opens until 2pm daily). They're filming

tomorrow night, and we get to watch...[color sequences for *CHELSEA GIRLS* with line-up of Superstars]." (S)

One of Susan's classmates at Barnard was Pat Hackett who would also later work for Warhol. Hackett co-wrote *POPISM' WITH WARHOL AND, AFTER HIS DEATH*, edited *The Andy Warhol Diaries*, published in 1989.

SUMMER 1966: INTERNATIONAL VELVET JOINS THE FACTORY.

SUSAN BOTTOMLY (INTERNATIONAL VELVET) was "*the new girl in town*." (POP175) Her father was a district attorney in Boston and her family paid her rent at the Chelsea Hotel and gave her an allowance. (POP175)

Andy Warhol (via Pat Hackett in Popism):

"Gerard stayed with Susan at the Chelsea for the first couple of months she was in town, and all that time he was writing poems to her and about her. Her parents weren't happy with her new 'career' - modeling in New York - and later on, when she was on the cover of *Esquire*, photographed in a garbage can ('Today's Girl, Finished at 18'), they were really upset... but they went on supporting her, and she went on supporting lots of her friends." (POP176)

SUMMER 1966: ANDY WARHOL SHOOTS [THE CHELSEA GIRLS](#).

ca. SUMMER/AUTUMN 1966: BOB DYLAN'S MANAGER TAKES OVER THE DOM

BOB DYLAN's manager AL GROSSMAN and Oliver Coquelin took over the Dom and renamed it the Balloon Farm.

PAUL MORRISSEY arranged for Nico to sing in a small bar underneath the Dom called Stanley's. (LR139) After a few weeks of Nico singing alone to tape recorded guitar solos by Lou Reed, Paul Morrissey hired unknown folk singer TIM BUCKLEY to accompany her, later replacing him with an unknown JACKSON BROWNE who Morrissey discovered sitting at the bar - Jackson Browne having come there to hear Tim Buckley. Browne ended up writing some of the tracks on Nico's first solo album, *Chelsea Girl* as well as performing on it. (UT86/90) Jackson Browne lived with Nico for awhile on Columbus Avenue at 51st Street. (UT106)

The Velvet Underground played the Balloon Farm (The Dom) in October. SUSAN PILE was there and recorded her impression of the performance in [letters to Ed Walsh](#).

LATE AUGUST 1966: ANDY WARHOL GOES TO LOS ANGELES

Andy Warhol and his entourage (Paul Morrissey, Ultra Violet, Ondine and Billy Name) went to Los Angeles for personal appearances when *THE CHELSEA GIRLS* opens at the Presidio Theater. (POP231)

SEPT. 3 - 4, 1966: THE EPI GOES TO PROVINCETOWN

THE EXPLODING PLASTIC INEVITABLE played the Chrysler Art Museum in Provincetown, Massachusetts. Steve Sesnick, who would later become the manager of The Velvet Underground after they were dropped by Warhol in 1967, arranged the dates. In addition to The Velvet Underground (consisting of Maureen Tucker, John

Cale, Lou Reed and Sterling Morrison) and EPI regulars Gerard Malanga, Ronnie Cutrone, Mary Woronov, road manager Faison, Warhol assistant Paul Morrissey and Andy Warhol, the group also now included Susan Bottomly (aka International Velvet), her boyfriend, fashion illustrator David Croland - and Eric Emerson who stayed with Nico in Provincetown.



**The Exploding Plastic Inevitable at The Chrysler Museum
Provincetown, Mass. August 31 - September 4, 1966**

The police interrupted one of the performances and untied Eric Emerson from a post (which he was strapped to in preparation for being whipped by Mary Woronov) in order to retrieve some belts and whips that were stolen from a leather store in Provincetown. (UT83)

There was also a problem with the landlord of the house that Warhol's entourage had rented in Provincetown. The toilets in the house had stopped up and Warhol's stars were throwing shit out the window.

And Eric Emerson stole a work of Art from the town's museum "just to see if he could get away with it. Paul Morrissey had to act as a liaison between Eric and the Museum, restoring the painting in order to avoid having charges pressed." (UT84)

Gerard Malanga expressed his displeasure with direction that the EPI show was taking in a [letter to Warhol](#) that he wrote in his diary, but never sent. (UT82)

SEPTEMBER 1966: PAINTERS AND POETS DRIFT TO MAX'S

The Factory crowd started going regularly to "a two-story bar/restaurant on Park Avenue South off Union Square that MICKEY RUSKIN had opened in late '65" called Max's Kansas City. Previously, Mickey had a "place on East 7th Street called Deux Megots that later became the Paradox, and then he'd had the Ninth Circle, a Village bar with a format similar to what Max's would have, and then an Avenue B bar called the Annex... at Deux Megots, he'd held poetry readings - and now painters and poets were starting to drift into Max's." (POP185)

SEPT. 15, 1966: THE CHELSEA GIRLS OPENS AT THE CINEMATHEQUE

The Film-makers' Cinematheque was on 41st Street at the time, but due to public demand the film was moved to the larger Cinema Rendezvous on West 57th Street.

According to BILLY NAME, *CHELSEA GIRLS* made \$20,000 in one week at the Regency Theater. (UW42)

Billy Name:

"I think *CHELSEA GIRLS* and *LONESOME COWBOYS* are the classic Warhol films. The previous movies are really art films." (Ibid)

Andy Warhol:

"It was the movie "that made everyone sit up and notice what we were doing in films... It was eight hours of film, but since we were projecting two reels side by side on a split screen, it only took about half that time. Parts of it were in color but it was mostly black and white." (POP185)

MARY WORONOV's mother sued Andy for showing the film without a release and settled out of court. (L&D259)

AUTUMN 1966: STERLING AND JOHN CALE MOVE IN TOGETHER.

Sterling Morrison:

"In the Fall of 1966 John and I got a place on East 10th Street just east of First Avenue. Shortly thereafter, Lou [Reed] got his place on East 10th just west of First Avenue, so the three of us were living about 50 yards apart. We would have lived together if we could have found a place large enough. We were hanging around together day and night." (UT97)

SEPT. 1966: DANNY WILLIAMS DROWNS.

DANNY WILLIAMS, who had rejoined the EPI (minus Andy, Nico and Lou) in June for a week of shows in Chicago, drove to the shore, undressed, leaving his clothes "in a neat pile by the car", swam into the sea and drowned to death. (LD257)

OCTOBER 5, 1966: ANDY WARHOL SHOOTS THE FRENCH BOB DYLAN.

French singer Antoine (real name: Pierre Antoine Muracciolo), known as the French Bob Dylan, arrives in New York and is greeted at the airport by Nico holding a bunch of bananas. At the Factory Warhol gives him a poster featuring a peel-off banana and films (in color) Antoine, Nico and Susan Bottomly (International Velvet) sitting under the poster eating bananas. (The footage has become known as *Nico/Antoine*.) He also shoots Antoine's black and white *Screen Test*. (AD30)

OCTOBER 1966: EDIE SEDGWICK GETS BURNED.

The candles that EDIE SEDGWICK always had burning in her apartment on East 63rd Street started a fire in the middle of the night and she was rushed to Lenox Hill Hospital with burns on her arms, legs and back. (POP188)

OCTOBER 29, 1966. THE EPI GOES TO BOSTON.

The Velvet Underground and Nico performed as part of *WARHOL'S EXPLODING PLASTIC INEVITABLE* show at the Institute of Contemporary Arts in Boston

Massachusetts. Warhol also exhibited paintings in an adjoining room of the Boston Institute of Contemporary Arts.

Ronnie Cutrone and Rona Page (aka Rona Paige) - the girl who Ondine slapped in *THE CHELSEA GIRLS* - joined Gerard Malanga onstage for the last number. (UT98)

Susan Pile, who was also part of the Warhol entourage, recalled the event in her weekly correspondence to Ed (aka Edward K. Walsh).

HALLOWEEN 1966: JACKIE CURTIS DOES DRAG.

Jackie Curtis dressed in full drag for the first time, with the help of Candy Darling and Holly Woodlawn. (HW297)

NOV. 3 - 7, 1966: THE EPI TOURS THE MIDWEST.

THE EXPLODING PLASTIC INEVITABLE SHOW did a short tour of the Midwest, with Paul Morrissey acting as road manager. Some of the venues paid less than \$1,000 a night. Nico was now sleeping with John Cale. (LR141) Warhol did not accompany them on this trip. (GMW59-61) From the end of October through mid-December the EPI played various dates in the Midwest, the East Coast and Canada. (UT97)

NOVEMBER 1966: THE DOORS PLAY ONDINE.

The Doors came to New York for the first time and played at the nightclub, Ondine.

Andy Warhol:

"Gerard took one look at JIM MORRISON in leather pants just like his and he flipped. 'He stole my look!' he screamed, outraged." (POP189)

Jim Morrison had seen Gerard Malanga performing earlier that year at The Trip in L.A., as part of the *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*. Morrison was supposed to be the star of Andy Warhol's first "blue" (porn) movie. According to Warhol, Morrison had "agreed to bring a girl over and fuck her in front of the camera but when the time came, he never showed up." (POP190)

NOVEMBER 20, 1966: ANDY WARHOL GIVES AWAY A BRIDE.

The event was called *THE MOD WEDDING*. The bridal couple, Randi Rossi and Gary Norris won the wedding in a competition on WKNR radio. Films and psychedelic lighting were courtesy of *WARHOL'S EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*. Music was by the Velvet Underground.



The unusual wedding ceremony included a man smashing a car with a sledgehammer and Warhol applying paint and ketchup to a woman's paper dress while she was wearing it. Warhol's wedding gift to the couple was an inflatable copy of a Baby Ruth candy bar measuring five feet long. The couple was also invited to the Factory for a screen test. The wedding was part of the Carnaby Street Fun Festival in Detroit which also featured the Yardbirds, Gary Lewis and the Playboys, Sam the Sham and Dick Clark. (AWM47)

NOV. 1966: WARHOL IS SUED FOR USING FLOWERS.

PATRICIA CAULFIELD, who took the photograph that Warhol used for his *Flower* paintings, brought a lawsuit against him. After a "long, costly court case", Warhol eventually agreed to give her several paintings and a percentage of all profits from future reproductions of the painting as prints. (LD260)

1966: SUSAN AND GERARD BREAK UP.

After breaking up with Gerard, Susan Bottomly (International Velvet) started seeing DAVID CROLAND. Andy Warhol had met David Croland "at a party Paraphernalia had for those big earrings he designed." (POP178) Gerard Malanga started seeing model BENEDETTA BARZINI, the daughter of author LUIGI BARZINI. (POP176)

1966: HOLLY WOODLAWN ALMOST GETS A SEX CHANGE.

Holly went to the Johns Hopkins Medical Centre in Baltimore to get a sex change with money given to her by her (straight) boyfriend, Jack. When she found out that she had to wait a year, she used the money for a shopping spree instead. (HW96)

WINTER 1966: ANDY WARHOL FILMS KISS THE BOOT.

Andy Warhol filmed GERARD MALANGA and MARY WORONOV performing their whip dance at the Factory and called it [KISS THE BOOT](#) - after the lyrics of the LOU REED song *Venus in Furs*. (BN84)

to [filmography](#)

DECEMBER 1966: ANDY WARHOL DESIGNS ASPEN.

Each issue of Aspen- the "magazine in a box" - had a different guest editor. The December issue was designed by Andy Warhol and David Dalton and looked like a box of FAB detergent. The issue contained a flip book which, when flipped in one direction, presented Jack Smith's *Buzzards Over Broadway* and, in the other direction, Andy Warhol's *Kiss*. (JS147)

2ND WEEK OF DEC. 1966: ANDY WARHOL SPLITS UP WITH "RICHARD GREEN."

The day after Warhol threw "[Richard Green](#)" (as referred to in the Bockris biography of Warhol but who was probably Richard Rheem) out of his townhouse, Warhol started seeing Rod La Rod.

Gerard Malanga:

"It appeared to be a physically violent relationship, but Rodney was always very corny about his physical overtures towards Andy. It wasn't like he slugged him, they were always love taps, or Andy pushing him away or trying to block the punches." (LD267-8)

DEC. 1966: ANDY FILMS GINSBERG AND ORLOVSKY.

Warhol filmed the poet Allen Ginsberg and his boyfriend, Peter Orlovsky for their SCREEN TESTS.

Susan Pile [December 1966]:

...Allen Ginsberg and Peter Orlovsky arrive at the Factory for their Screentests. I am introduced and they blow me (goodbye kisses) upon their departure, in the midst of another argument between Rene [Ricard] and Gerard with me in the middle. Everyone is at the Factory... Billy Linich insists that everyone leave because of the vice raid, and every one goes - Andy, Rodney, Mary, Gerard, Billy Smith and me--in the limousine.... We proceed to Il Mio at the Delmonico Hotel for a party with the Yardbirds, me very casually school-clothed and looking vile. Il Mio=ultra chic. Gerard is doing dying swans, and I have to dance with him.... (S)

Susan was told that Antononi originally wanted The Velvets for his movie *Blow Up*, but that the part went to the Yardbirds instead.

Ginsberg had originally met Orlovsky in December 1954 and they became lovers. Warhol had previously filmed them in **COUCH**.

Allen Ginsberg:

"I was interested in the films, the civil liberties and the beautiful boys he [Warhol] had. But they were unobtainable or in another realm of some sort. I didn't find any serious Angels there to talk to who wanted to know about poetry." (GAB331-2)

DEC. 1966: THE CHELSEA GIRLS PLAYS THE REGENCY.

The film moved further uptown to the Regency on Broadway and 68th after leaving the Cinema Rendevous on West 57th Street.

1967

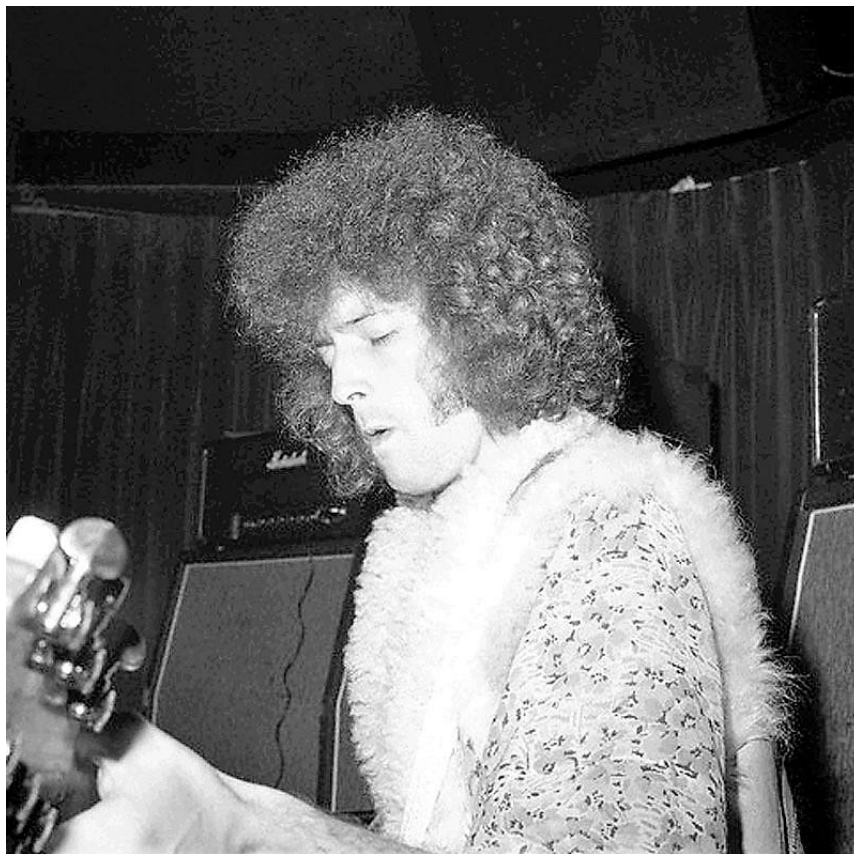
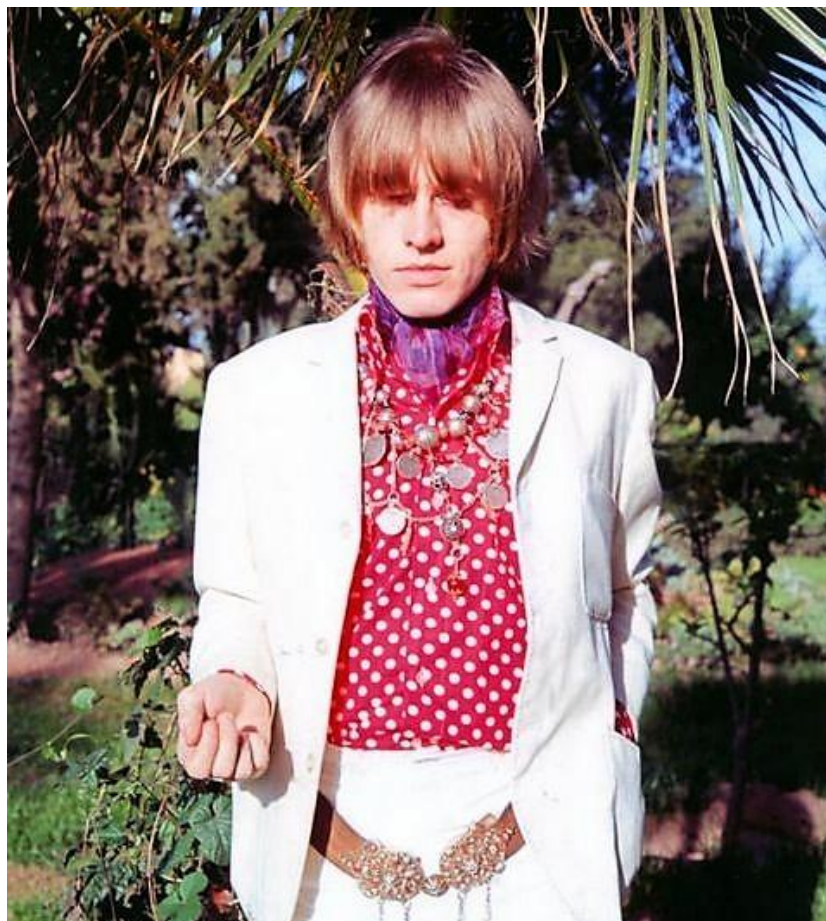
Nico with Andy Warhol, New York, 1967

Archiv: Robert Lebeck

The Velvet Underground with Nico and Andy Warhol at Phillip Law's home during the *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE* tour (Photo by Steve Schapiro/Corbis via Getty Images)







Eric Clapton at the Whisky, 1967



On March 3, 1967, the newly formed Jeff Beck Group, which featured Rod Stewart on vocals and Ronnie Wood on bass, kicked off their first tour at the Astoria in London.

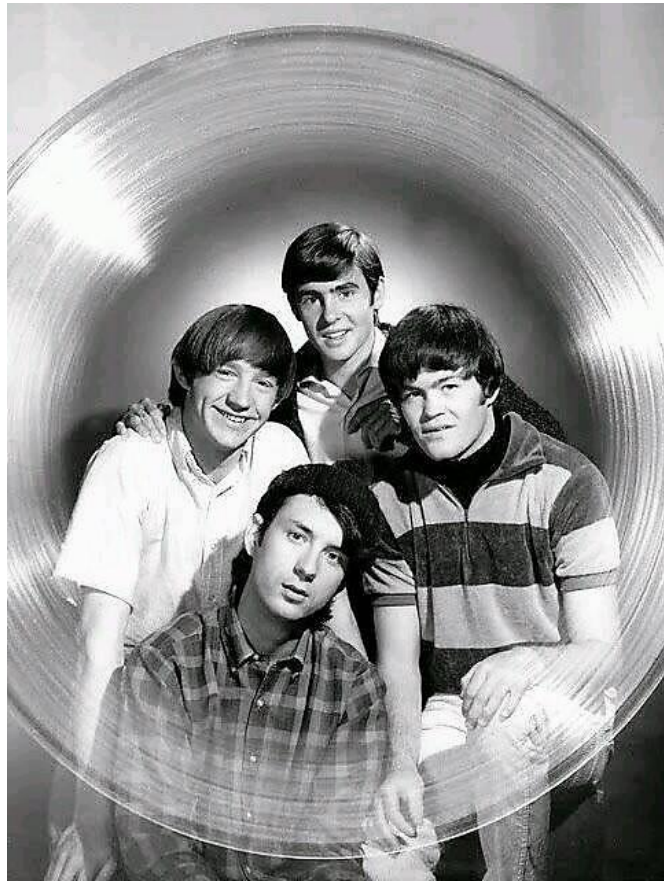
They were part of a package tour with Roy Orbison & the Small Faces. They didn't go over as well as you would expect. After receiving poor notices, The Jeff Beck Group was asked not to complete the tour.

They couldn't have possibly been that bad, could they? With that much talent? The first show, 53 years ago today. Notice how young they looked... well we guess because they were...



The Doors, San Francisco 1967







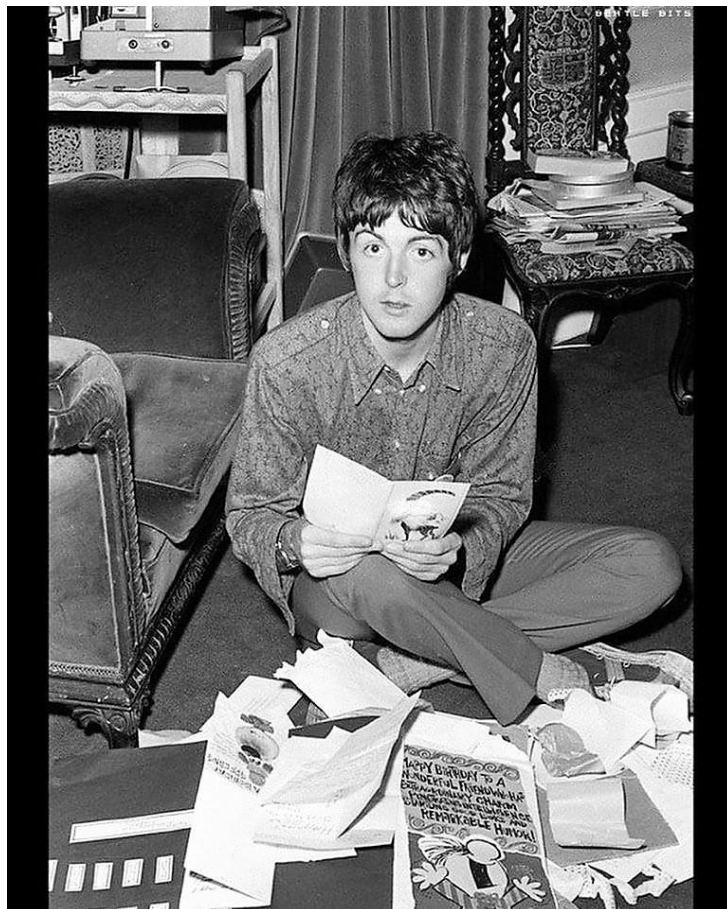
Jueves 9 de Marzo de 1967....7:00 P.M....Estudio 2 de Abbey RoadLos Beatles comienzan a grabar la canción "Getting Better"..... La inspiración para esta canción vino de la mente de Paul McCartney mientras paseaba a su perra Martha en compañía del periodista Hunter Davies, en Primrose Hill..... Estaba empezando la primavera, y era el primer día del año en el que verdaderamente el día estaba soleado.... Conforme la mañana pasaba y el clima se hacia cada vez más cálido, Paul le comentó a Davies que el clima "está cada vez mejor" ("Its getting better").... Esta frase hace reír a Paul, ya que lo hace recordar a Jimmie Nicol, baterista que sustituyó a Ringo en la gira de 1964, mientras éste era operado de las amígdalas..... Nicol, que no hablaba mucho con los chicos, tocó en directo habiendo ensayado una sola vez.... Conforme los conciertos fueron pasando, después de cada uno, los tres Beatles restantes le preguntaban como iba todo..... La respuesta siempre era la misma "It's Getting Better" (va mejorando).... La frase sin embargo había marcado ya a Paul y los otros Beatles, volviéndose un tipo de broma entre ellos... Y quedaba como un buen título para una canción..."Getting Better" da realmente la impresión de haber sido escrita por dos voces, una diciendo claramente que todo está mejorando, mientras que la otra dice que no podían ya ir a peor... Por supuesto el optimismo de Paul se contraponía al realismo e ironía de John.....La canción esta grandemente basada en un acorde repetitivo de sol agudo producido por la guitarra de John Lennon y un pianet tocado por George Martin, golpeando las cuerdas con un mazo..... Harrison por su parte toca la tamboura, un instrumento indio que genera un acompañamiento rítmico, aunque sin producir notas claramente definidas, además de sonidos de palmadas y los bongós que toca Ringo Starr.... Tenemos por tanto una canción innovadora, un tanto experimental y novedoso para el estilo original de Los Beatles....El Productor fue George Martin, mientras que los Ingenieros fueron Malcolm Addey y Ken Townsend.... Finalmente "Getting" Better" formó parte importante del álbum "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", editado el 1 de Junio de 1967...



Como sempre, eles foram geniais!





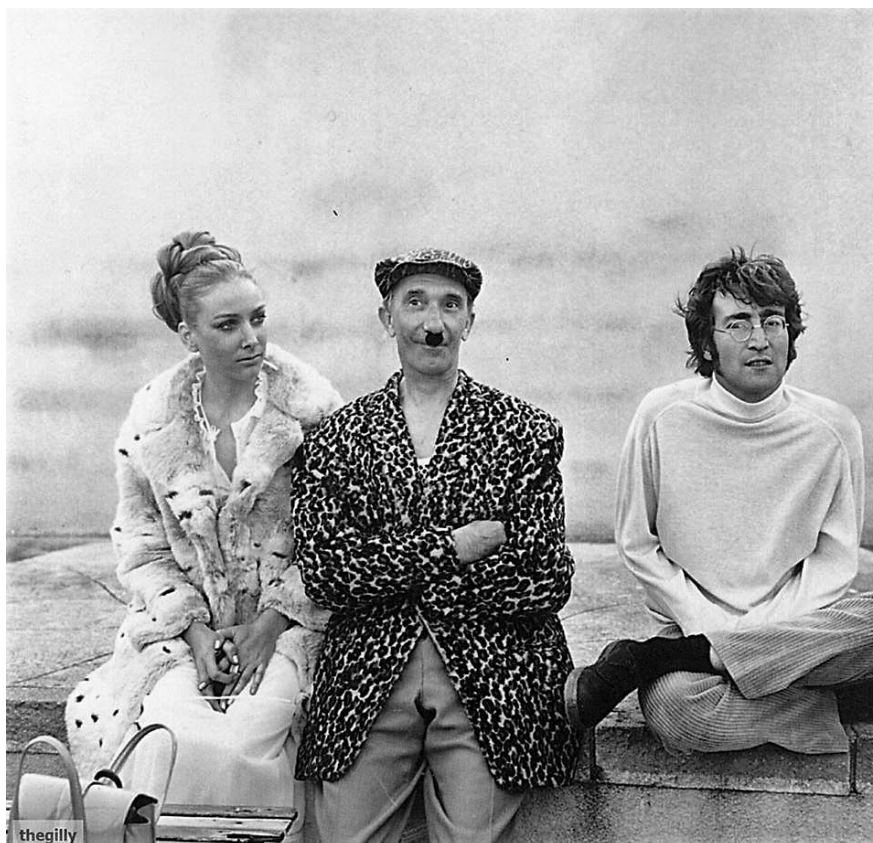


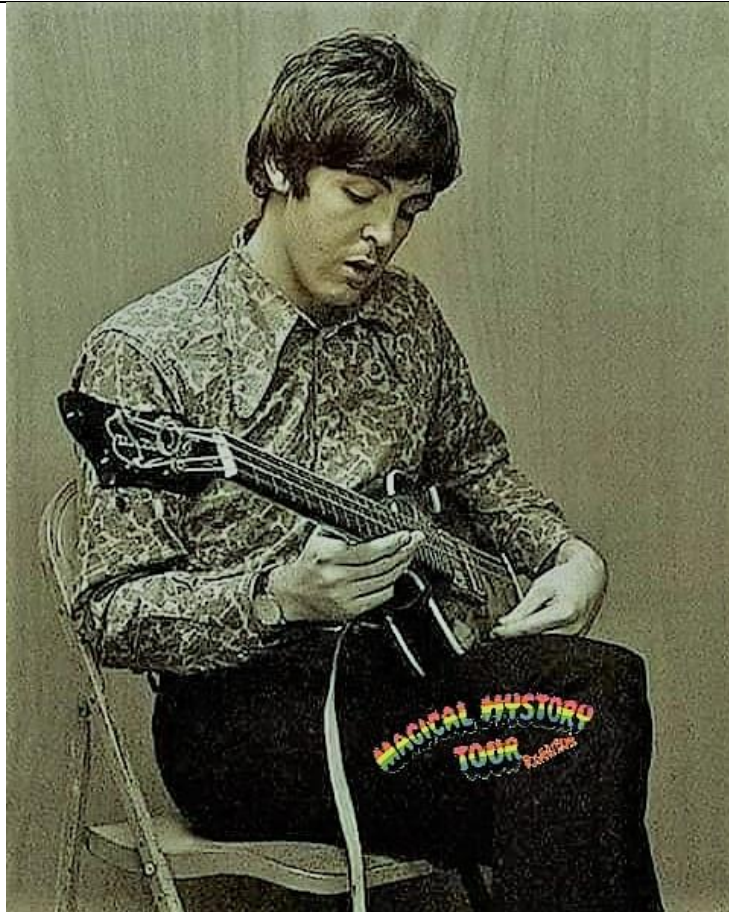


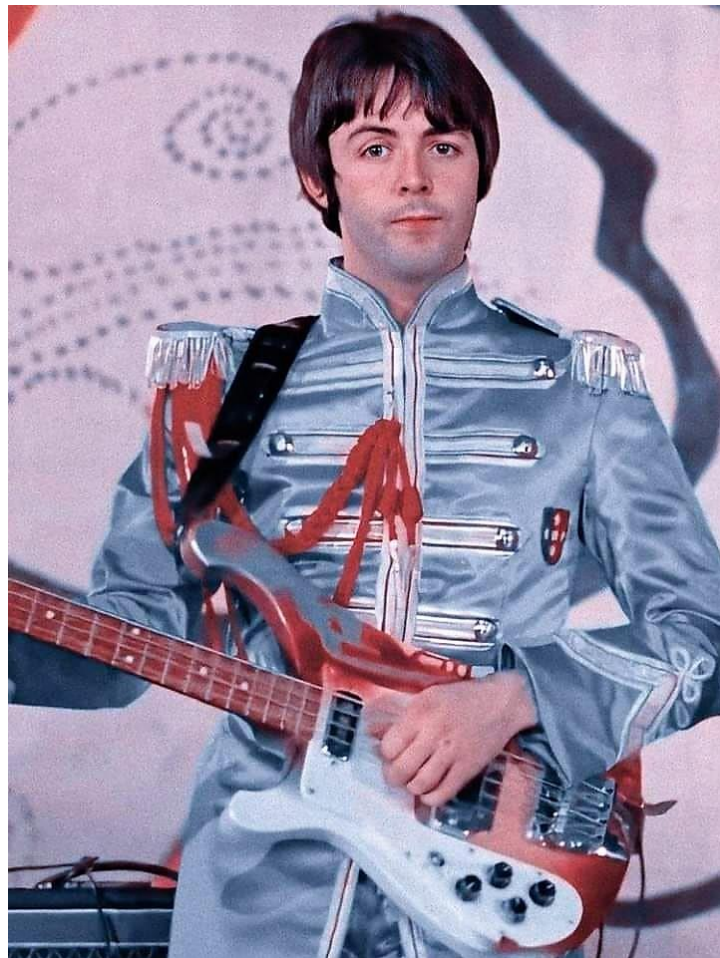
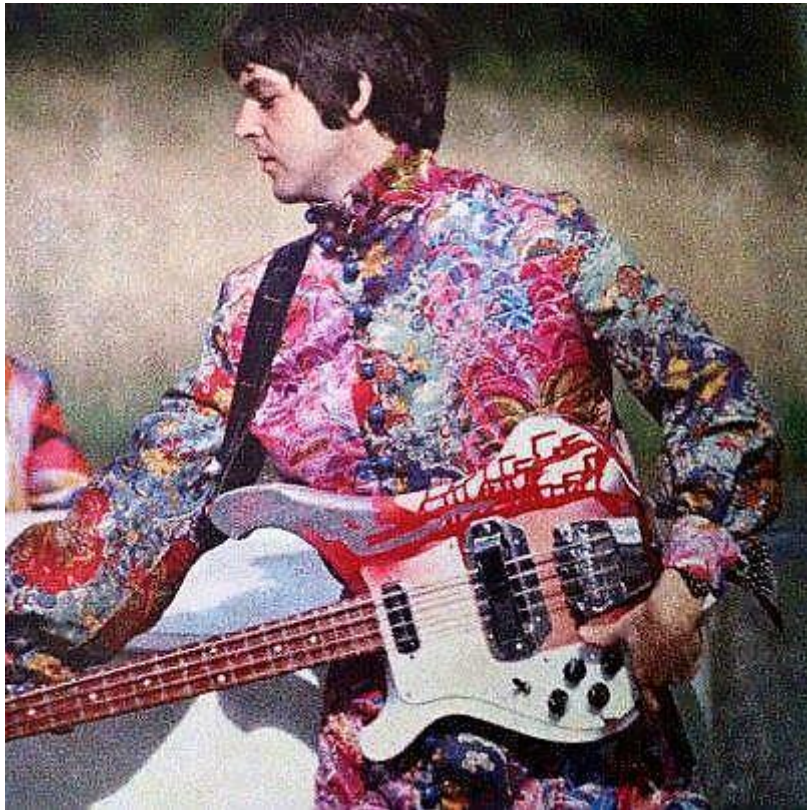


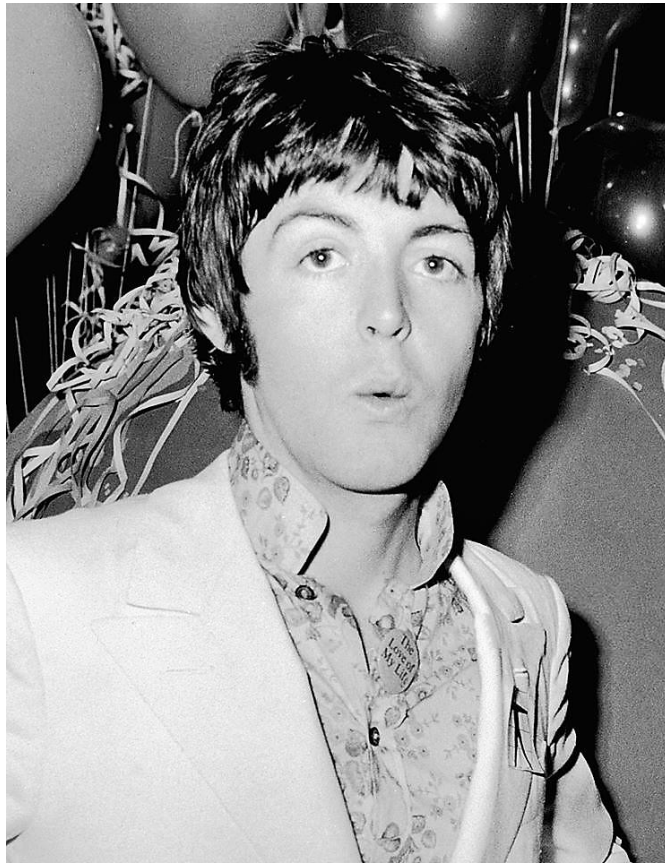


Los Angeles, August 1967

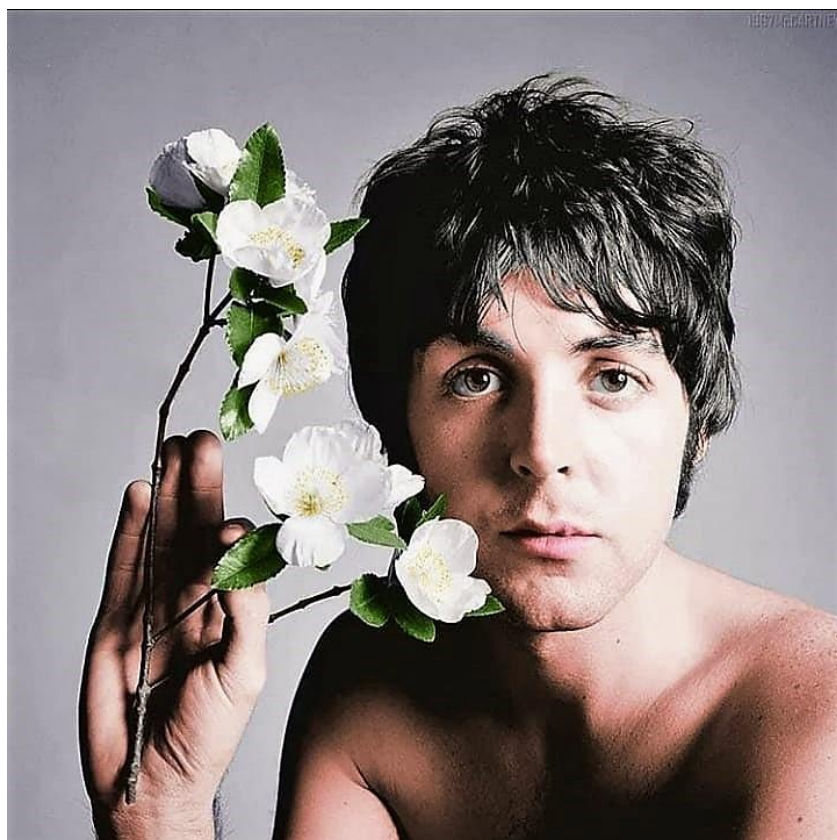






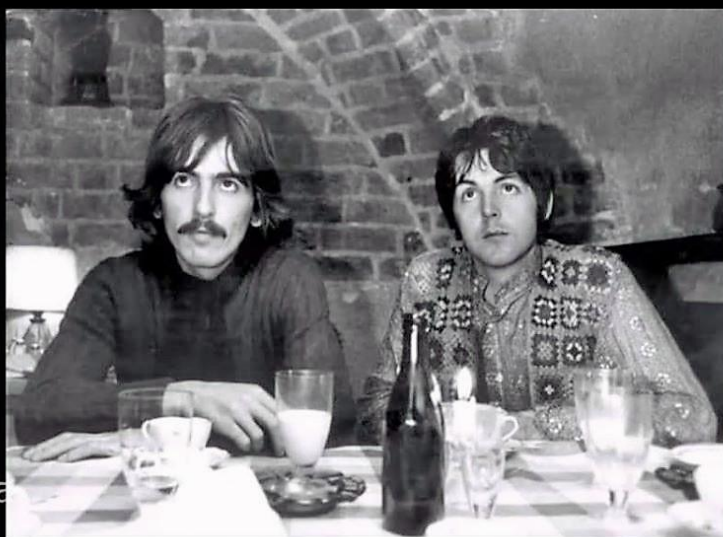
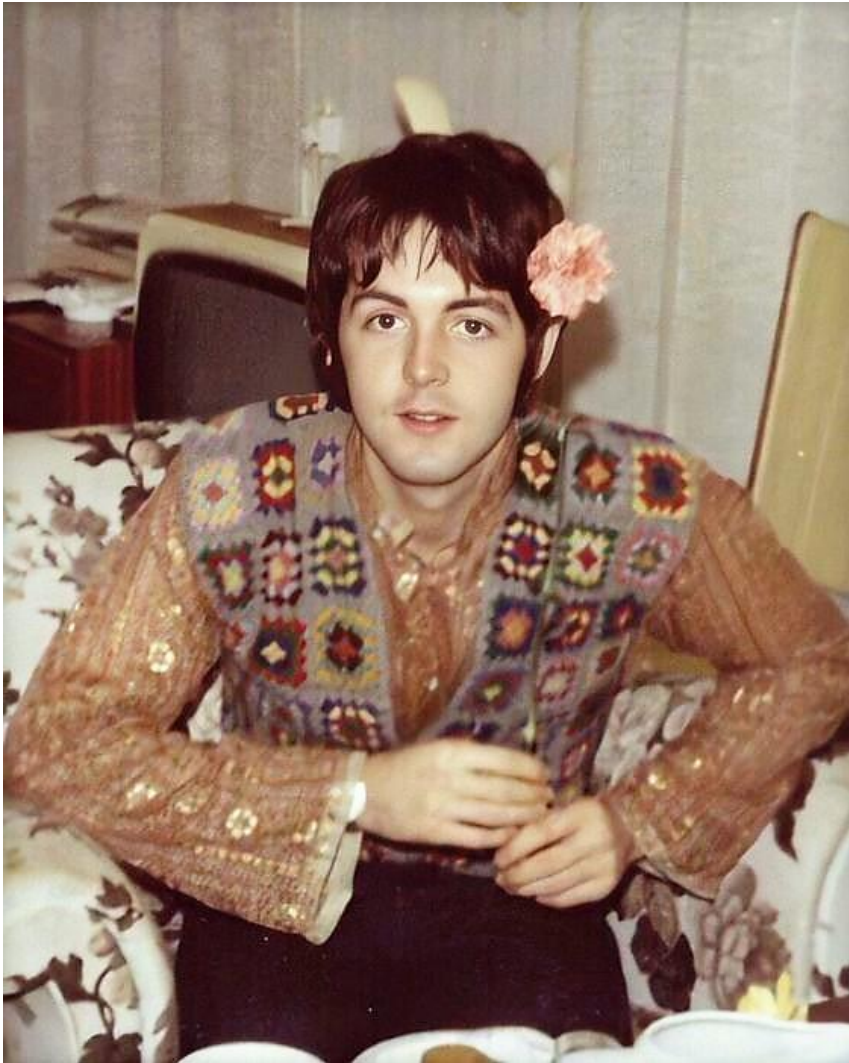


Revista/set./1967





Si es Michael Cooper, en una reunion con el Maharishi



1967 – 11 OUTUBRO

Conduzida pela análise da produção de vanguarda no eixo Rio-São Paulo, a exposição *Nova objetividade brasileira* congrega no MAM do Rio 47 artistas, como Lygia Clark, Nelson Leiner e Waldemar Cordeiro.

Ainda em 67, Lygia Clark participa do *Ciclo de Estudos da Arte Brasileira*: Galeria Macunaíma, junto com Ivan Serpa, Rubens Gerchman, Carlos Vergara, Carlos Zilio, Antônio Dias, Antônio Maia, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Roberto Magalhães, Solange Escosteguy, Carlos Escosteguy, Wesley Duke Lee entre outros.

VILLAGE VOICE STAFF PORTRAIT

(Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

Group portrait of writers for the Village Voice newspaper as they pose in Sheridan Square Park, near the paper's offices, New York, New York, December 21, 1967. Pictured are, standing from left, Margot Hentoff, Michael Harrington, Nat Hentoff (1928 – 2017), Carman Moore, and Jonas Mekas; Ross Wetzsteon (1933 – 1998) kneels in the foreground.



In the Heart of Hippieland

The Throbbing Electric Circus

Free Press-Chicago News Service

NEW YORK — The giant klieg lights cut great swatches of moving light across the front of the plain, factory-like facade of 23 St. Marks Place, the former Polish National Home building on New York's Lower East Side.

A jumble of people, some in tuxedos, some in elegant long gowns, others in bear-skins and bare feet, stood in perspiring lines stretching down the block, waiting to get in.

Throbbing, bleating electronic noises wafted out of the upper-story windows and were swallowed up into the hot, dark summer night. A few old women leaned out of the windows of adjoining apartment buildings on folded arms, their faces impassive, occasionally exchanging a phrase in Polish.

They were witnessing the opening of the Electric Circus, New York's latest electronic discotheque, which promises to be some kind of landmark in LSD-less psychedelic experiences.

Across the street, pop artist Andy Warhol and three other young men slouched against a black wrought-iron railing in front of the Underground Uplift, an air-conditioned button shop in the heart of East Village Hippieland.

Hippies Think It's Best So Far

The new spot is replete with artificial turf grass rugs, silver cube cushion seats, psychedelic slide shows on three walls, flickering strobe lights, fluorescent butterflies painted on the dance floor, a silk-shirted juggler, go-go girls in silver sequin bikinis,



Andy Warhol

and \$75,000 worth of sound equipment.

The Circus occupies the third and fourth floors, in what was the site of Warhol's short-lived night spots, "Velvet Underground" and "Balloon Farm."

The first floor houses another hippie nightclub, "The Dom," and, as a symbolic last outpost, the Poles retain part of the second floor as a meeting and dance hall.

"I'll have to say it's the best thing New York's got so far," said a young man standing next to Warhol. He wore a navy blue frock coat and denim pants, and his curly hair poked out haphazardly from under a floppy top hat.

Warhol, a shy-looking fellow whose smooth blond hair is combed to one side, said nothing. He clutched a North-

west Orient Airlines flight bag against the green T-shirt he wore.

The Circus opening, a benefit for the children's recreation foundation at \$15 per person, had promised a tentful, at the very least, of celebrities, including the Robert Kennedys.

Inside the door, ushers collected chartreuse tickets, and a society reporter from a New York paper sat on a wooden table, her legs crossed, puffing on a cigaret holder. She complained: "Nobody's here, absolutely nobody."

She wasn't entirely accurate.

David Merrick showed up, took one look at the line to get in, and commented: "This reminds me of the refund line at 'Breakfast at Tiffany's.'"

Kevin McCarthy was there, Charles Addams, George Plimpton, Mary McCarthy, Murray the K, Gunter Grass, Peggy Cass, Allan Sherman, Rip Torn and Geraldine Page. Tony Randall and Steve Smith. The Bobby Kennedys did not come. It was rumored their car passed by, they took a look at the mob and continued on.

Donyale Luna, the 6-foot 4-inch Negro model from Detroit, came in a white, long-sleeved, long-legged body stocking.

A man in a tuxedo escorted a girl in a Rudolph Gernreich-style dress, a sequin jumper which barely covered her small bosom, held up by a transparent plastic band across her tanned back.

Petite Liza Minnelli, her equally petite father Vincente and her husband, Peter Allen, arrived and climbed the lav-

ender stairway to the large dance hall.

The invitations had stipulated "black tie or costume," and there were ample representations of each.

Five barefooted people, each wearing a feather Indian-style in a leather band around their heads, leaped into the air occasionally and let out shrieks and hoots of various lengths and intensity.

They stood on green and pink and gold fluorescent butterflies painted on the floor to the rear of the ballroom.

Louis Abolofima, the self-appointed candidate for president from the East Village, stood smiling benignly, occasionally stroking his beard and flipping his black cape over one shoulder, revealing a bare, hairy chest.

On the two side walls, giant projections of swirling color patterns flicked and jumped in time to the electronic beats. Across the breadth of the wall behind the bandstand a series of underground-style movies was projected.

In one, a Negro girl leaned against a yellow road sign which read, "Yield." She straightened up and looked meaningfully into the camera, then slumped down again.

The dark dance floor opens into a well-lighted side room, where a plump, rather plain girl is painting flowers on people's foreheads.

A boy and girl sitting next to the face-painter cup each other's faces in their hands and kiss each other enthusiastically. They stop, the boy looks at the floor and smooths his blond hair, while the girl looks stealthily from side to side beneath her false eyelashes.



AP Photo

Mob scene outside the Electric Circus in Manhattan's East Village

Back on the dance floor, Louis Aboloffina was awaying in time to the music of a five-piece rock 'n' roll band that now had replaced the unmelodic electronic sounds from the high-powered amplifiers.

His cape was thrown back over both shoulders and his pants had begun to sag. The strobe lights began to flash and imposed the effect of an old-time movie on the crowd, people moving in halting, artificial movements.

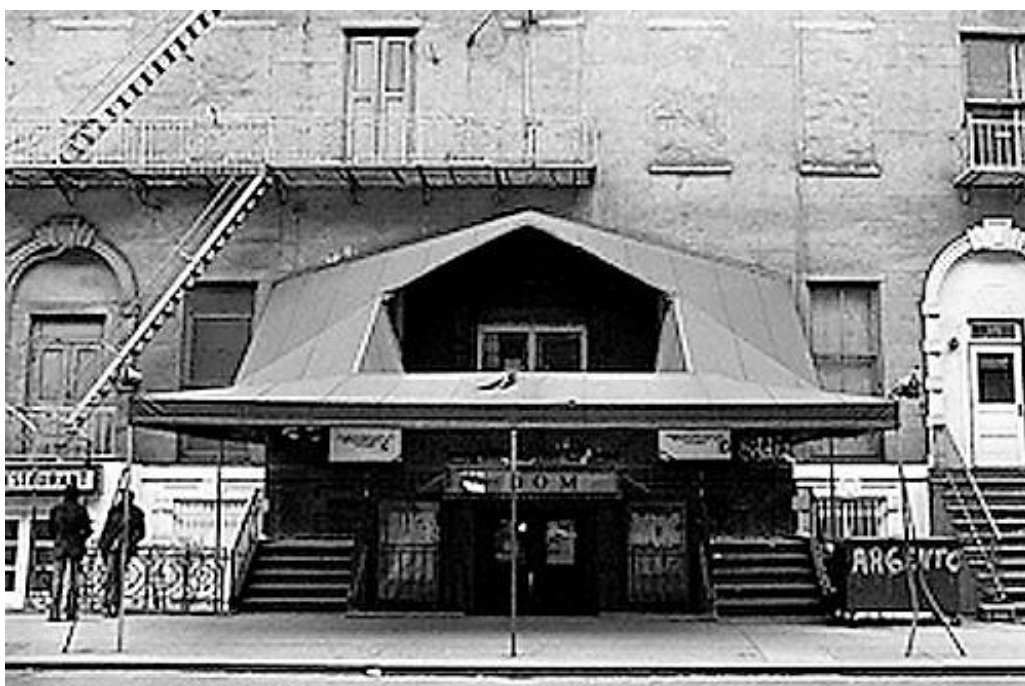
A few moments later, the Electric Circus displayed its main gimmicks — simulated circus acts spotlighted at intervals during the course of the dancing.

A Negro girl in a skimpy silver sequined bikini ate a banana while she danced a serpentine frug on a spotlighted pedestal. Across the room, a bearded boy in a purple silk shirt unwound himself from a tangle of chains and ropes.

The Circus also will include a boutique sponsored by Paraphernalia shops, when it is finished.

The club will accommodate more than 1,000 persons seven days a week at \$3.50 apiece, \$4.50 on weekends. But, perhaps as a gesture to its hippie environment, it will allow 100 persons an evening in free, and anyone barefooted gets 50 cents off.

I love Andy but I love you more!!
much, much



9ª BIENAL DE SÃO PAULO

22 DE SETEMBRO - 8 DE DEZEMBRO DE 1967 © Autor não identificado



Visitantes observam a obra de Andy Warhol, 'Saturday Disaster' [Desastre de Sábado], na Sala Especial: Ambiente U.S.A - 1957/67

"I'm afraid the more we look at something, it loses its meaning." - **Andy Warhol**

A *BIENAL DA ARTE POP* foi inaugurada sob uma polêmica: a polícia federal, antes mesmo da abertura, retirou duas obras alegando que “feriam” as autoridades e a Constituição brasileira: a pintura *O PRESENTE* da carioca Cybèle Varela, por ser considerada antinacionalista – a obra foi destruída e a artista quase presa pelo DOPS –, e a série de Quissak Jr. (1935-2001), *MEDITAÇÃO SOBRE A BANDEIRA NACIONAL*, que infringia as leis da época que proibiam o uso livre do símbolo nacional. A delegação estadunidense foi a responsável por apresentar o preciso recorte de arte pop que trouxe ao evento obras de Jasper Johns, Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Robert Rauschenberg. Várias obras da exposição danificadas e a sala da representação estadunidense foi pichada poucos dias após a abertura. Júri de Premiação deixa de ser formado por comissários e passa a ser constituído por críticos de arte.

Você tem uma obra muito polêmica, *O PRESENTE*. Fale um pouco sobre ela.

Em 1967, uma obra minha foi retirada da Bienal pelos militares, que acharam *O PRESENTE* ofensivo ao governo. Era uma caixa de parede com um cartãozinho escrito “abra-me”. Quando a pessoa abria, aparecia um mapa do Brasil e um militar. Então, saltava um coração que era acoplado com uma mola ao peito de um militar que estava retratado. Tinha também escrito: “recebe o afeto que se encerra em nosso peito juvenil”. Deu muito falatório, foi até motivo de peça de teatro, acredita?

Isso foi em 1967. Quando você foi estudar arte em Paris?

Foi a partir daí mesmo, em 67. Eu tive que destruir *O PRESENTE* porque o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) estava invadindo casas de artistas. Achei que o melhor era sair e pedi uma bolsa de estudos ao governo francês. Fui artista residente em Cité Internationale dês Arts, onde estudei História da Arte na École du Louvre. Depois, fiz Antropologia Social na Sorbonne. Isso tudo complementou minha curiosidade por outras matérias.

PROVA DE CONTATOSUB-HOME2

BOICOTE INTERNACIONAL À BIENAL DE SÃO PAULO

Como reação à repressão da ditadura, vários países abandonam a mostra, depois do AI-5

Fonte: artebrasileiros.com.br

POR LEONOR AMARANTE -29 DE NOVEMBRO DE 2018



Como uma ditadura pode modificar a fisionomia cultural de um país? O Brasil já experimentou desse veneno com o Golpe de 1964, quando o regime militar passa a ditar normas para todos os setores da sociedade e, as artes plásticas não fogem à regra.

Um dos torpedos é desferido na Bienal Internacional de São Paulo, em sua edição de 1967/1968, quando minutos antes da inauguração, a Polícia Federal retira a obra de Cybele Varela por julgá-la “ofensiva” às autoridades. O jovem artista Quissak Júnior é

ameaçado de prisão por seu trabalho, cinco óleos sobre tela, moduláveis, representando a bandeira brasileira. Contrapondo-se a essa proibição, os Estados Unidos, com a maior sala na exposição,

o *AMBIENTE USA: 1957/1967*, exibiram a bandeira americana em *THREE FLAGS*, de Jasper Johns, um dos Prêmios Bienal de São Paulo, ao lado de César, Cruz Dias e Pistoletto.

Na edição seguinte, com a promulgação do AI5 (Ato Institucional no 5), a situação piora. O crítico Mário Pedrosa é ameaçado de prisão, assim como Mário Schenberg. Muitos intelectuais saem do País e outros são exilados.

No Rio, a polícia invade o MAM e fecha a exposição que reunia as obras dos brasileiros que participariam da 6ª Bienal de Paris. O ministro das relações exteriores, José de Magalhães Pinto, em artigo publicado pela Folha de S. Paulo, dizia que as obras continham mensagem contra o regime e “pretendiam incompatibilizar o governo com a opinião pública”. Diante da repressão a participação dos brasileiros se restringe às áreas de arquitetura, urbanismo e música.

Nesse ano de 1969 a *BIENAL DE SÃO PAULO* sofre seu maior revés, o “boicote internacional”, que começa com os artistas brasileiros e transcende as fronteiras, chegando aos Estados Unidos, França, México, Suécia e Holanda, onde muitos artistas aderiram ao movimento. Na Europa, a ação era liderada pelo crítico francês Pierre Restany, amigo de Mário Pedrosa, que na reunião no Museu de Arte Moderna de Paris, declara: “O protesto cultural toma aqui uma súbita expansão, e isto é somente o início”. A petição de boicote contou com 321 assinaturas e teve adesão de Pablo Picasso. Pontus Hultem, sueco, um dos mais atuantes críticos na época, responsável pela formulação do conceito do Beaubourg, de Paris, foi um dos militantes do movimento. O manifesto chegou a Nova York, com artigo no New York Times, criticando a censura brasileira nas artes. No Itália, o Corriere della Sera publicou: “A Bienal está em perigo por causa da situação política do Brasil”. Eduard de Wilde, diretor do Stedelijk Museum, de Amsterdã, foi um dos primeiros a aderir ao boicote e a Holanda, o primeiro país a se retirar e o último a voltar ao Ibirapuera.



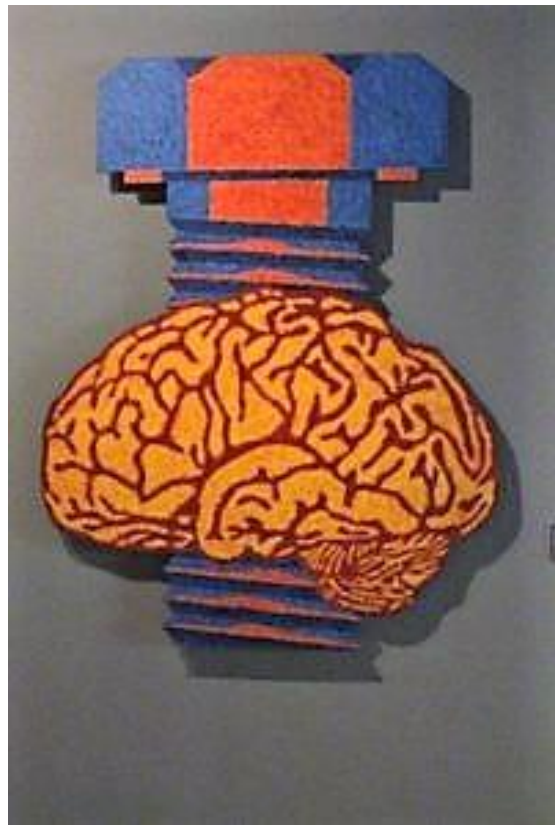
Enquanto o artista Quissak Júnior era ameaçado de prisão pela obra BANDEIRA NACIONAL, o americano Jásper Johns recebia o prêmio de pintura, com FLAGS, na mesma 9A BIENAL DE SÃO PAULO

Fora dos muros da *BIENAL DE SÃO PAULO*, os artistas também militavam. Em 1967, Nelson Leirner e Flávio Motta, com humor e críticas veladas, fazem grandes de bandeiras de tecido, impressas em serigrafia, com imagens de literatura de cordel, futebol e carnaval, e vendem no cruzamento av. Brasil com rua Augusta, em São Paulo. Ambos são confundidos com ambulantes e as bandeiras confis cadas. No mesmo ano, Antonio Henrique Amaral lança o álbum de xilogravuras *O meu e o Seu*, com forte sátira aos militares. A partir de 1968, com a edição do AI-5, artistas utilizam metáforas alusivas ao regime. Cláudio Tozzi, além do painel *GUEVARA VIVO OU MORTO*, trabalha a série *Parafusos*, referência à dura realidade vivida pelos brasileiros na época. Em 1971, Tomoshige Kusuno, convidado da *II BIENAL DE ANTUÉRPRIA*, é proibido de fotografar sua obra ambiental no gramado próximo ao pavilhão da Bienal, considerada pelos militares “ocupação de área de segurança nacional, pela proximidade ao quartel”.

S/T, Claudio Tozzi, 1971. Liquitex Sobre Duratex, 115x104cm

Apesar da marcação sob pressão, os artistas às vezes conseguiam driblar os censores. No Salão Nacional de 1971, o mais importante da época, Antonio Henrique Amaral, recebe o prêmio Viagem ao Exterior, com a série *BRASILIANA*, telas de grande formato, com forte crítica ao regime, tendo bananas como tema. Regina Vater também recebe o mesmo prêmio com a série *NÓS*, de 1972.

Quem viveu este período, com certeza, não quer ver a história se repetir, muito menos os artistas plásticos que, ao longo da história, são alvo constante de qualquer regime de exceção.



15c

the village Voice

15c in New York; 20c elsewhere
Copyright © 1967. The Village Voice Inc.

THE WEEKLY NEWSPAPER OF NEW YORK

Vol. XIII, No. 10 • New York, N. Y. • Thursday, December 21, 1967



POP GOES TO A PARTY. Uptown feted Andy Warhol (left) on the publication of his *Index (Book)*. Host was Bennett Cerf (bottom left). The scene was made by Andy's people: (above) Viva, Superstar of "The Nude Restaurant," and Bridgit Polk, and Louie Waldon; (below) Vera Cruz and Billy Name. And the literary: Terry Southern and Dennis Hopper (right), and William Styron (just below).

A Tinfoil of Superstars

Andy Warhol's Book Party: Put-On, Pop-Out, Blow-Up

by Sally Kempton
and Ross Wetzstein

"Do you think pop art is . . ."
"No." "What?" "No." "Do you think pop art is . . ."
"No . . . no I don't." Andy Warhol has a way without words.

Last Thursday evening Random House hung aluminum foil over its doors and gave a make-believe Andy Warhol party. They piped in rock 'n' roll music and some of Warhol's superstars, and all those people who go to publish-

ers' parties came to stand around and stare at the superstars.

What do you call a group of superstars? A tinfoil of superstars? A decadence of superstars? A gabble of superstars? Does this mean we are on the verge of creating life in a test-tube?

Bennett Cerf wandered around, waiting for O'Hara, but undaunted by the superstar sitting at his Mussolini desk, a huge desk,

Continued on page 3



Of Ancestors & Ogbuni: Yorubaland in Harlem

by Leticia Kent

"A dazzle, a stink glow of the source, the possibility of being kings and loved men of a strong people."
—LeRoi Jones

In a back room of the Ujamaa Market at Seventh Avenue and 119th Street—far from the savannas and forests of Yorubaland—is the headquarters of the Yoruba Nation of North America.

"Alafia, alafia, alafia (peace)," someone greeted me through a room divider. "Baba will be here soon. Please be seated."

The main room of the market, which doubled as an "exotic" coffeehouse, was rectilinear, painted white, and had a worn white ceramic tile floor. There were three pots of artificial greens and eight round white tables with folding chairs. Toward the front a glass showcase held some costume jewelry and a few "filas" that resembled

fezes. Beyond the showcase stood two metal racks of rainbow-colored African robes. Pamphlets on Yoruban culture and a copy of Elijah Muhammed's book "Message to the Blackman in Africa" lay on a low table. The walls of the market were lined with African artifacts and hand-drawn likenesses of Prince Akiyele Awolowo, King of the Yoruba Nation of North America and Dean of the Yoruba Academy; Chief Plankhi Akinbaloye, Associate Dean of the Yoruba Academy; Baba Osejeman Adefunmi, Chief Priest of the Yoruba Temple; Rap Brown of the Student Non-Violent Coordinating Committee; and playwright LeRoi Jones.

A tall figure emerged from behind the room divider. Resplendent in reds and purples, he was

—no doubt about it—Prince Akiyele Awolowo. For a moment the man studied the names and telephone numbers tacked beside the wall phone. His lean, graceful fingers flew down the list: Florynce Kennedy (Rap Brown's attorney), the missions of Tanzania and Zambia, SNCC . . . Awolowo selected a number and dialed. He spoke standard English.

Two women entered and sat down. One was dressed in African clothes. The other wore a simple white dress and kerchief. Polite tension pervaded their pleasantries—as if they were friendly rivals.

A man in gray and white striped African clothes appeared and began to sweep the floor, disturbing the women, who rose and disappeared behind the room divider.

Soon, Baba Osejeman Adefunmi arrived. "Please sit down," he suggested, goodnaturedly waving at the two women. "They are

my wives," he explained. "The one in white is my first wife, Olumbunmi, Priestess of Yemoja. The other is my second wife, Majile."

"Two wives at once?" I asked. "Yes, we were married in a Yoruba ceremony. We didn't bother going to City Hall."

"How do you manage?" I persisted.

"I try to spend five days with each wife."

"Any children?"

"One child with each."

"How," I asked, changing the subject, "do you characterize the subject, 'do you characterize the Yoruba Nation of North America? Would you call it a revitalization movement?'"

Baba Osejeman nodded. "Essentially," he agreed, "it is a restoration movement. Black Americans—whose Yoruban ancestors were brought here as slaves—have unsuccessfully tried other kinds of movements to deal with their deprivation. Most of these have failed to look back. It is the past that makes the present coherent."

"About 12 years ago," he continued, "I went to Cuba for the purpose of being initiated into the priesthood of the Lukumi cult. According to their ritual, I sub-

Continued on page 15

Andy Warhol's Book Party: Put-On, Pop-Out, Blow Up

Continued from page 1

as vast and as empty as a television grin.

The superstars sat in a corner and talked to one another, and Warhol stood in another corner while people talked to him.

Ah, excuse me, Andy, I have a few questions . . . Is persona the same as self? Is "being yourself" being yourself? Should art become more lifelike or should

life become theatrical? What's the difference between calculated spontaneity?

Everyone drank liquor and ate little sandwiches, and several young Random House editors sat on the desk in Bennett Cerf's office, looking defiantly around to see if Cerf would notice them.

Is pop art the aesthetic justification for retaining childhood tastes? What's the difference between parody and acquiescence? Is worship of the surface a fear of what might be underneath?

Those who were not staring at the superstars hovered by the entrance looking for Beautiful People, of whom there were few in evidence. A young lady in a knitted see-through mini-dress was mistaken for a Beautiful Person and had her picture taken by several photographers.

Is Andy Warhol the Hemingway of our generation? Defining our sexuality, refining our vocabulary? "And finally there were some words one could not bear to hear any more, and the only words that had any meaning or dignity were words like 'yeah' and 'no' and 'I like it.'"

George Plimpton had his picture taken by several photographers. People said that William Styron was around somewhere, but no-one could find him.

Does Andy Warhol chew more than he bites off? What is he going to do when this circuit learns his job?

The superstars lay about on a large couch, dressed in various shades of excess and exuding languor, and had their pictures taken by several photographers. Is Viva the Camille of the '60s? Is over-ripeness all?

The book has a balloon, a record, a disappearing signature, an interview with a German reporter (Guttenberg was a German), and it was Made in Japan. It's the book McLuhan tried to do in "The Medium is the Massage." Put-on, pop-out, blow-up. But I really can't describe it—you had to BE there.

It was a very large party.



Be Seated, Inc.
43 GREENWICH AVE.
WA 4-8444



EVERYTHING FOR THE FIREPLACE!
SCREENS ANDIRONS BRUSHES FIRE TOOLS BELLOWS GRATES
SIEGLER BROS. INC.
OR 5-2333 62 Greenwich Ave.
Fireplace bucket FREE with this AD on sales of \$15 and over

**Yogi
Zen
says:**



BIG DISCOUNTS NOW!

We are prohibited by law from mentioning prices on our own private label whiskies and gins—a minimum savings of 20-25% versus standard brands is a certainty.

HELLER'S LIQUOR STORE

"The House of Instant Booze"

93 Greenwich Ave
CH 2-8666

Between Bank & 12th Sts.
at the sign of the clock
**BON VOYAGE PACKAGES
DELIVERED—TO ALL PIERS**

WE DELIVER . . . BUT FAST 9 AM—TILL MIDNIGHT



the WALLPAPER STORE
wishes everyone
HAPPY HOLIDAYS!

ATTENTION VOICE ADVERTISERS

THE VILLAGE VOICE OFFICE WILL BE CLOSED ON CHRISTMAS DAY AND NEW YEAR'S DAY, MONDAYS, DECEMBER 25 AND JANUARY 1. DEADLINE FOR DISPLAY AND CLASSIFIED ADS FOR THE NEXT TWO ISSUES WILL BE FRIDAY.

**FOR THE DISCRIMINATING CHRISTMAS SHOPPER
EXOTIC CLOTHING, FABRICS,
ARTS AND CRAFTS—**



of the Highest Quality
selected for the discriminating

Christmas shopper—

—DIRECT FROM IMPORTER—

—Personalized Service (HONESTLY!)

One visit and you'll see!

- INT'L ARTS & CRAFTS

49 Greenwich Ave.
(bet. 7th & 8th Ave.)
242-8484

264 5th Ave.
Wholesale Only
(212) 679-2055

MONDAY-FRIDAY 1-9, SATURDAY 12-10



This is the
year of the
MAO

the MAO Cocktail Suit
the MAO White Tuxedo
the MAO-NEHRU Suit
for festive occasions,
entertaining, Scenes and
Happenings!

You'll find all these avant
garde imports (as you'd
expect) at BRITISH
AMERICAN HOUSE.

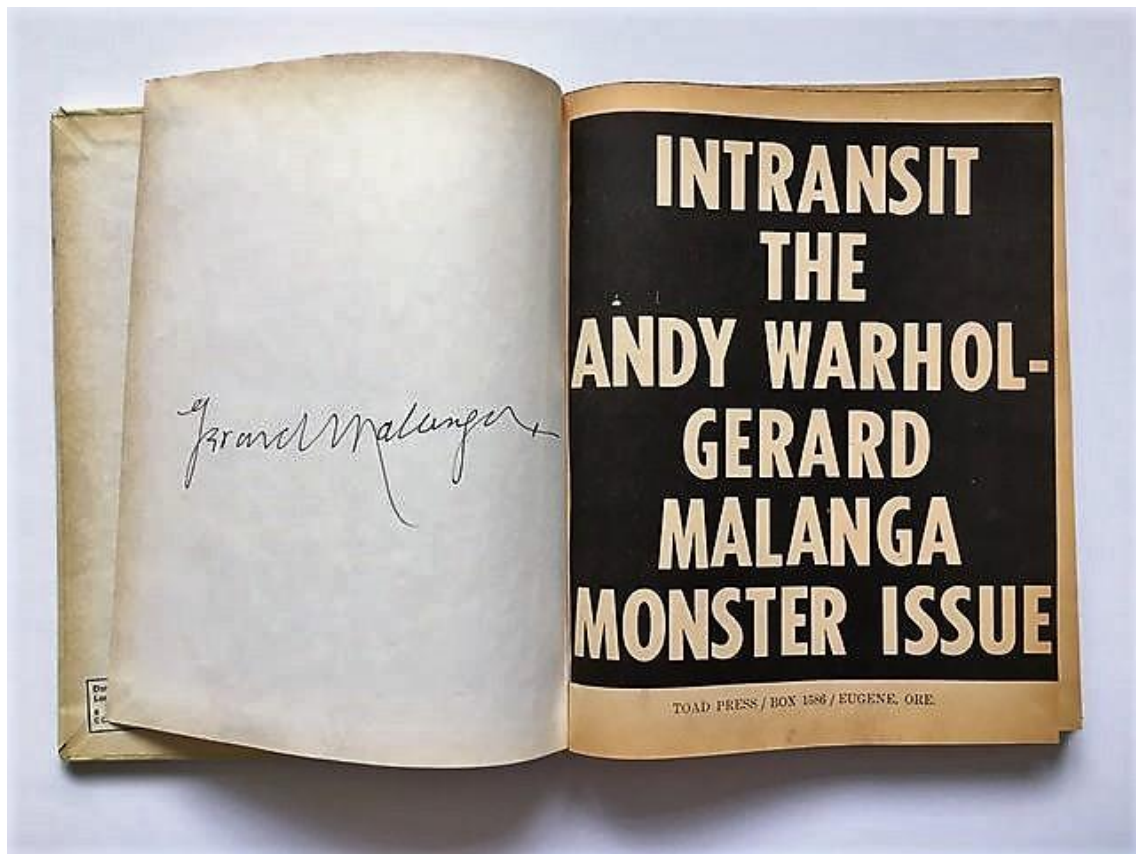
The white MAO Tuxedo
with white satin facing on
collar, buttons, and
piped pockets. 160.

Other MAO-NEHRU Suits in
navy or black bedford cord
from 135.

BRITISH AMERICAN HOUSE

488 Madison Avenue at 51st, New York City 10022 • PL 2-5880

1968





Minneapolis Tribune (now Star Tribune) photo by Pete Hohn, Wednesday **FEBRUARY 14, 1968**. (left to right) Paul Morrissey, Andy Warhol, Viva, and Gordon Locksley. From a Mpls Trib article **FEB 16, 1968**: "Andy Warhol brought his special brand of societal schizophrenia to Minneapolis Wednesday, along with Viva, his reigning superstar, and Paul Morrissey, a producer-spokesman for the Warhol movie-making machine." The article goes on to say that the hit of the trip was a Valentine's Day party at the home of art dealer and beauty salon operator Gordon Locksley.(Photo By Pete Hohn/Star Tribune via Getty Images)

***CHARLES HENRI FORD* SILVER
FLOWER COO 1968 KULCHUR**

FOUNDATION book Published by the
Kulchur Foundation (1968). ♦ Softcover,
unpaginated; lists other titles by Charles
Henri Ford; typographic "collage" style
printed words or designs, black on white
or white on black paper, some with
"graph paper" backgrounds. Silver gray,
design printed paper card covers:

"People-collage (cover) created by
Charles Henri Ford photographed by
Peter Fink at Andy Warhol's Union
Square Factory, MARCH 7, 1968".
Measures 7.5 x 10 inches. VERY GOOD
CONDITION! Charles Henri Ford

(February 10, 1908 – September 27,
2002) was an American poet, novelist,
filmmaker, photographer, and collage artist best known for his editorship of the
Surrealist magazine *View* (1940–1947) in New York City, and as the partner of the
artist Pavel Tchelitchew.

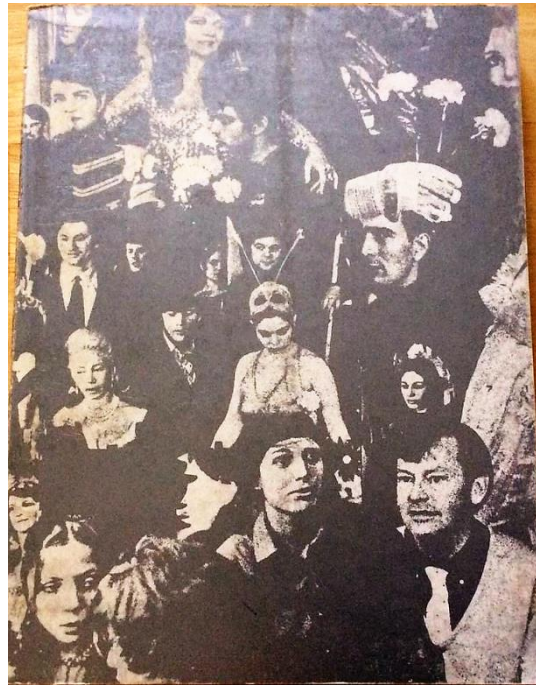


Foto de Peter Fink

'FRIENDS OF THE FACTORY'



Group portrait taken at Andy Warhol's Factory (Warhol is fourth left, in the bottom row) in honor of the publication of 'Silver Flower Koo,' a book of poetry by Charles Henri Ford (directly behind Warhol), New York, New York, **MARCH 6, 1968**. Pictured are, left to right, bottom row: Johnathan Lieberman, Andreas Brown, Penelope Tree, Andy Warhol, Catherine Milinaire, and Jason Fishbein; second row: Lil Picard, Frances Steloff, Lita Hornick, Al Hansen, Viva, Charles Henri Ford, Kenneth King, and Ruth Ford; third row: Bruce Miller, Buddy Wurthschafter, Ultra Violet, Taylor Mead, Jack Smith, Sally Chamberlain, Wynn



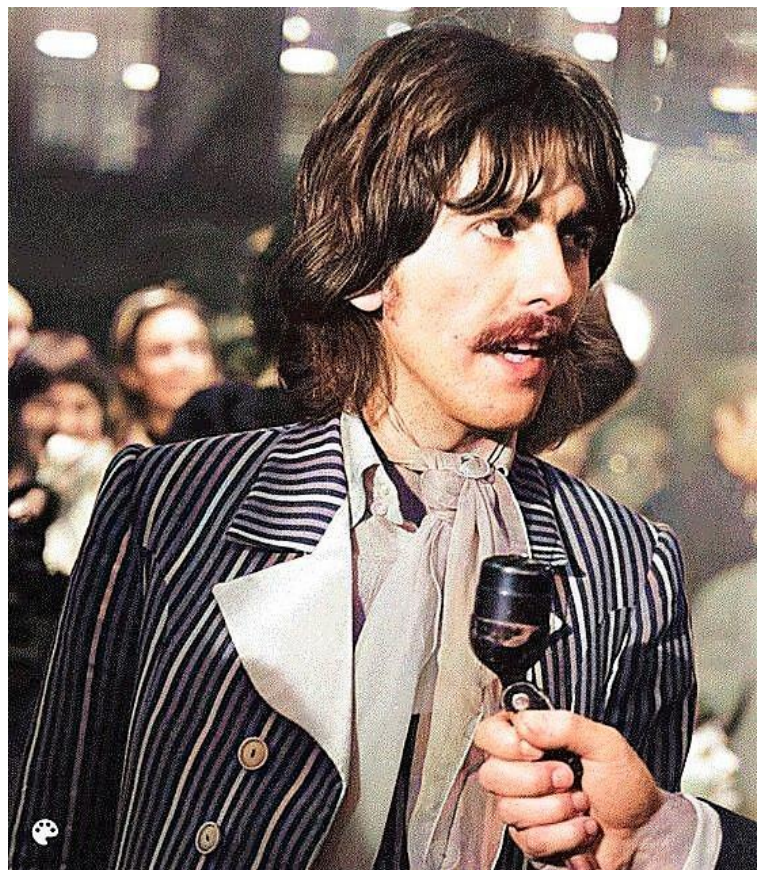
Chamberlain, Ron Zimardi, Ken Jacobs, Florence Jacobs, and Maurice Hogenbaum; back row: Bob Cowan, Fred Hughes, Paul Morrissey, Donna Kerness, John Wilcock, and Willoughby Sharp. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

MARCH 13TH, IN 1968, the premier British power trio, Cream, with Blue Cheer, rolled into the Selland Arena to perform material from their upcoming LP, "Wheels of Fire". They were hot off their acclaimed Fillmore and Winterland performances in San Francisco the weekend before. This is perhaps my favorite poster of Cream during the 60's, right up there with (BG-109), and Gary Grimshaw's "Creamsicle" Grande Ballroom (Detroit) poster. I just love the mimeograph-looking blue. The art by "Sogy" has a Disraeli Gears album cover vibe. This is not an easy piece to find. Note at the bottom of the poster it advertises the upcoming Big Brother and the Holding Co gig. I have that one too. Enjoy... down at the Crossroads.

ANDY WARHOL AT THE FACTORY ON THE PHONE

NEW YORK –
MAY 5: Andy Warhol at the Factory on the phone on May 5, 1968 in New York, New York. (Photo by Santi Visalli/Getty Images)

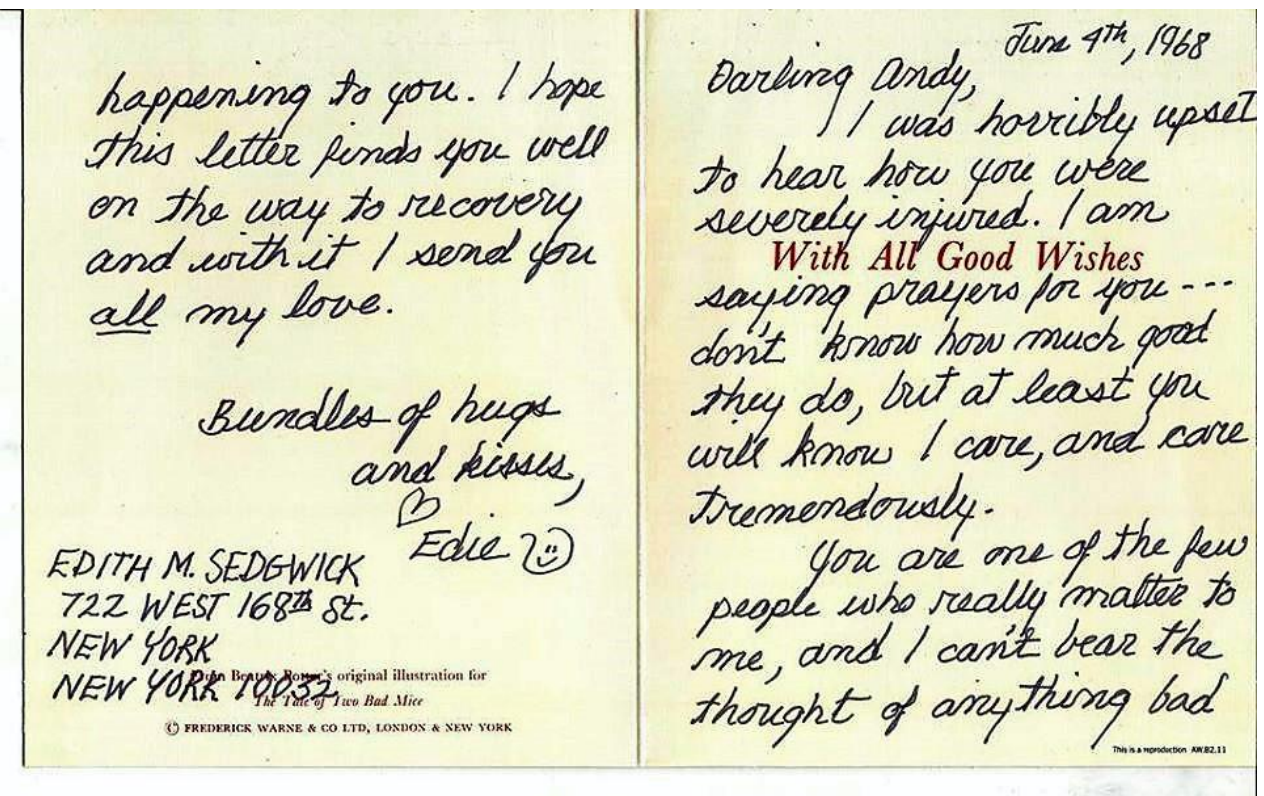






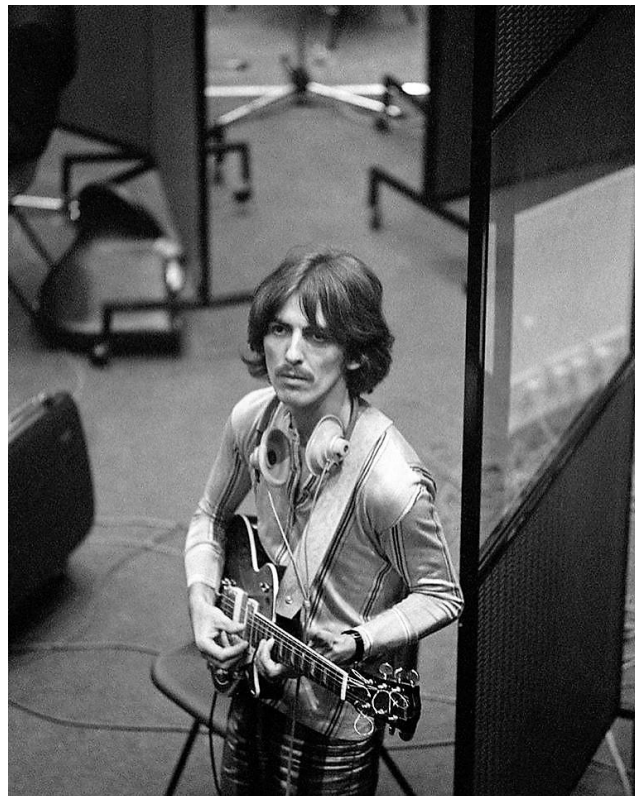
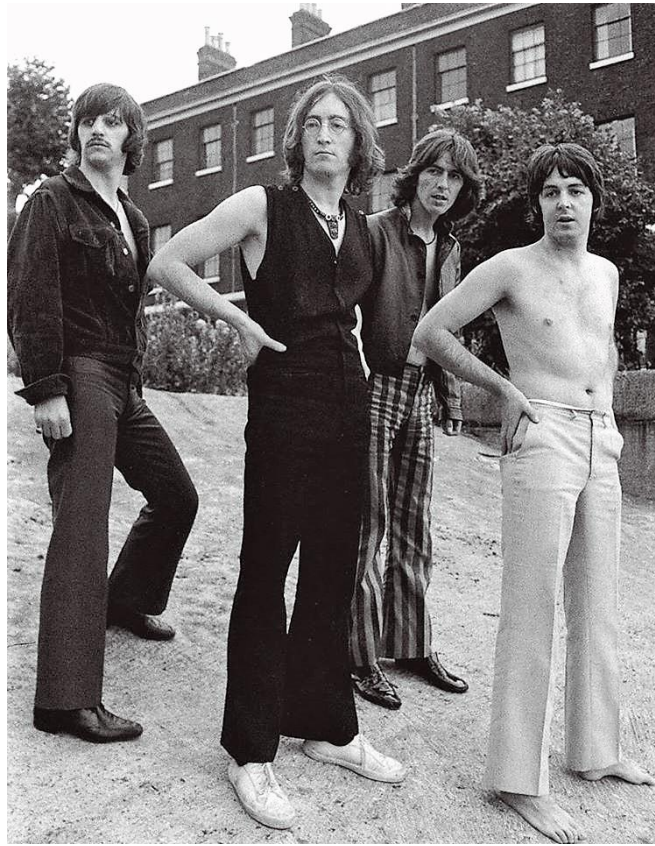
George & Magic Alex

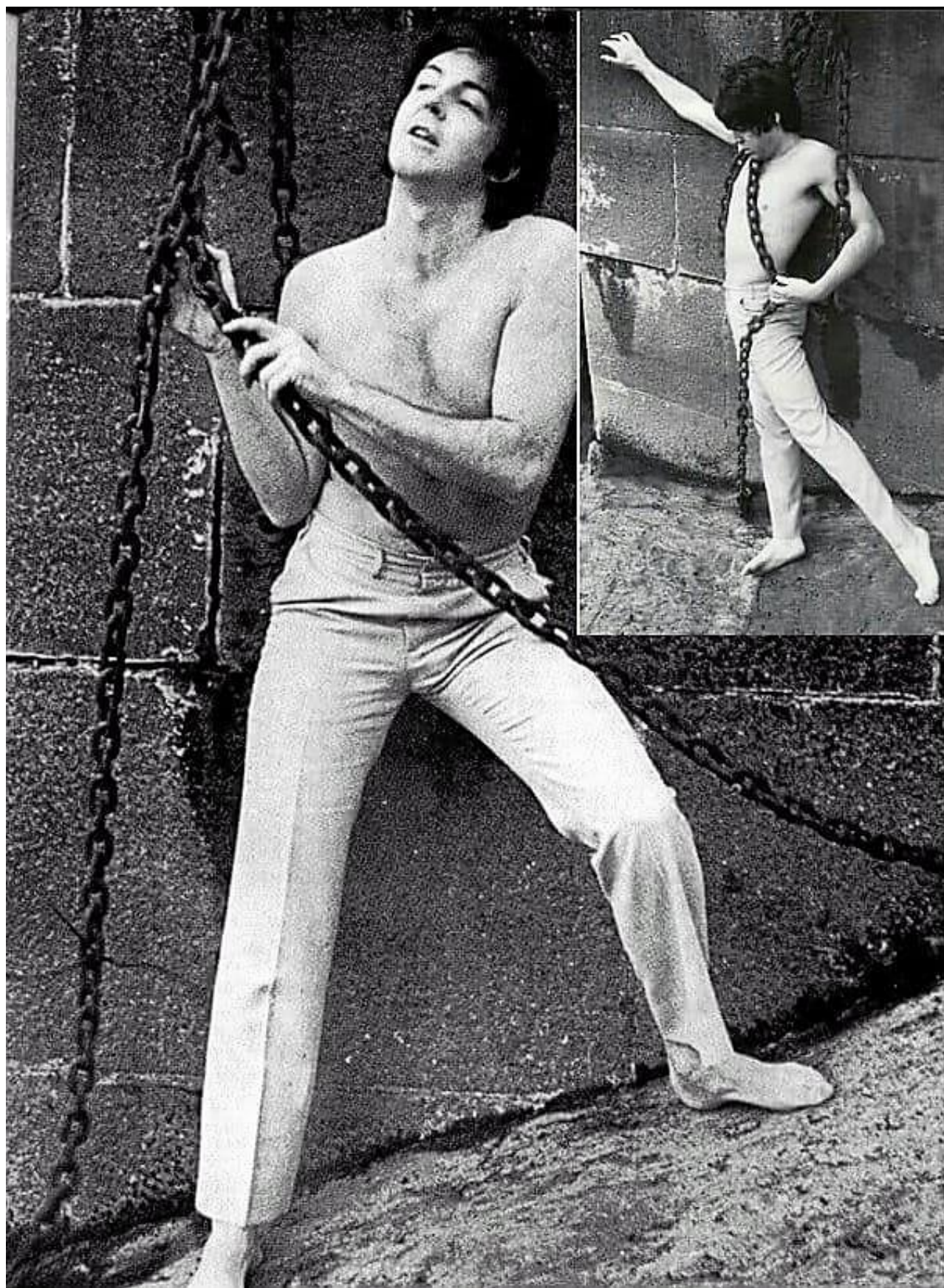


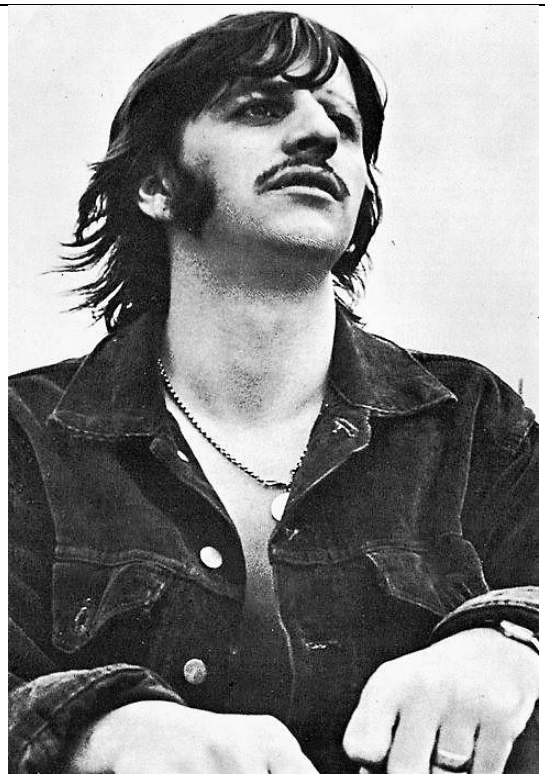
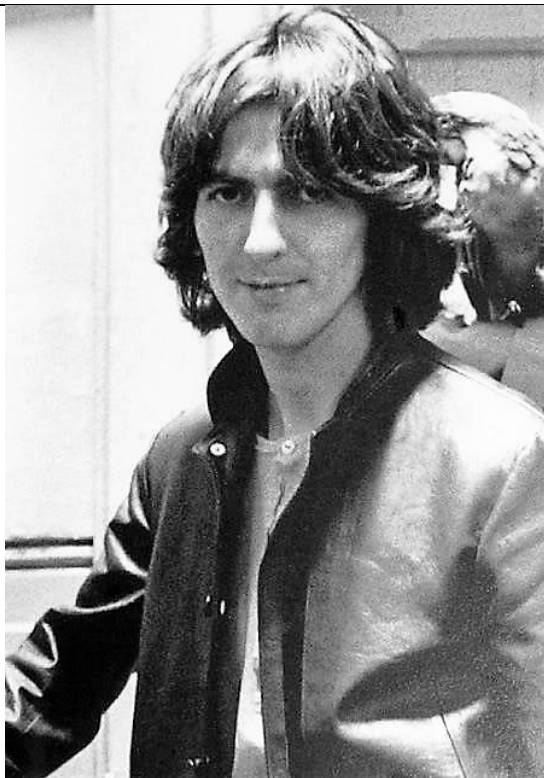


Cartão de Edie Sedgwick a Andy Warhol quando ele foi baleado

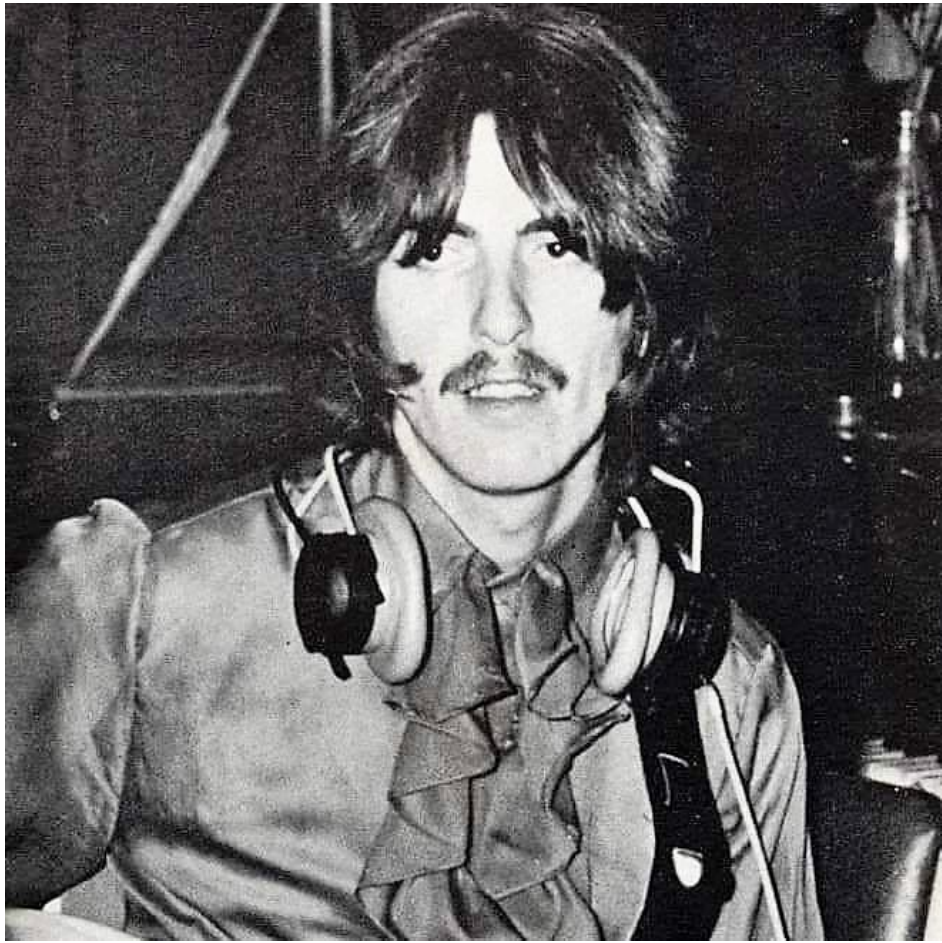


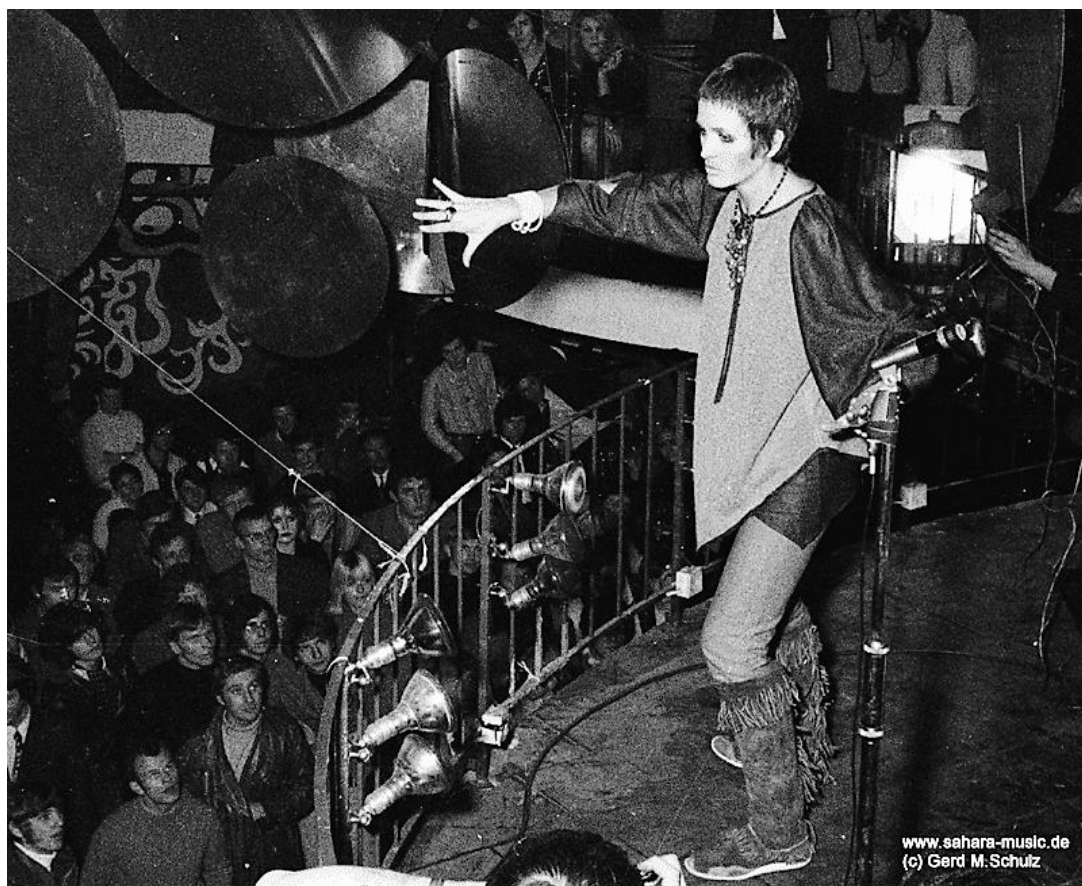
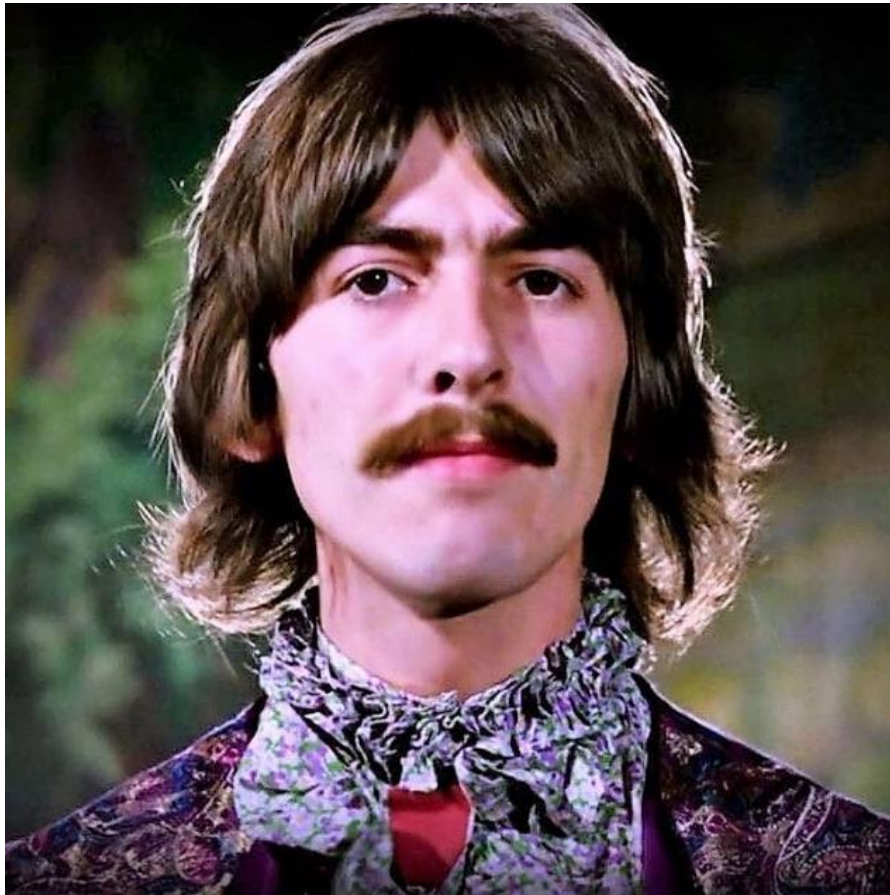












Julie Driscoll Tippetts (born 8 June 1947)



Jim is smoking hot in Phoenix, 1968.



Photo by Gunter
Zint, 1968

Photo by Gunter
Zint, 1968



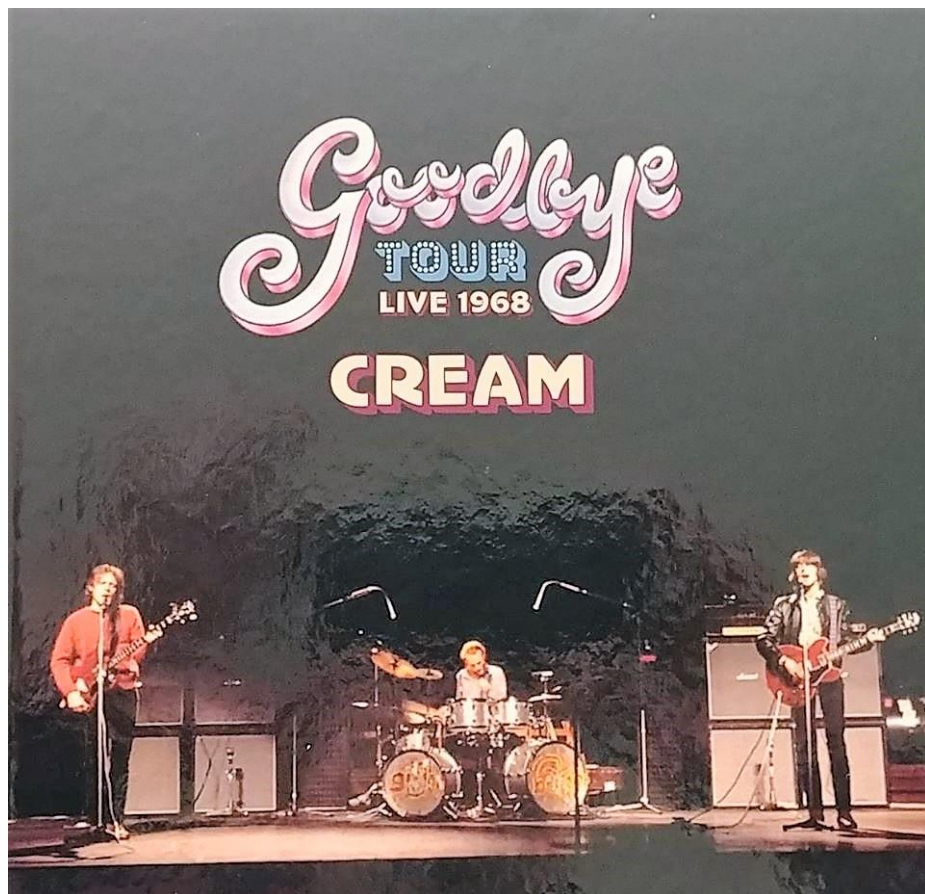


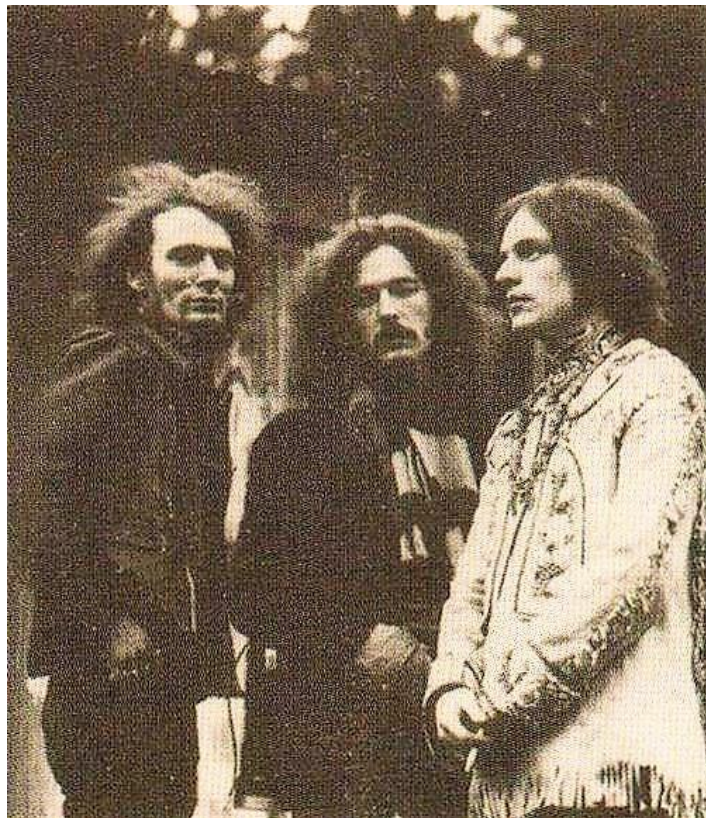
The song is called 'Step inside love' for the 1968 Tv special Cilla Black



1968 Regent's Park London, Paul by Linda and Linda by Paul









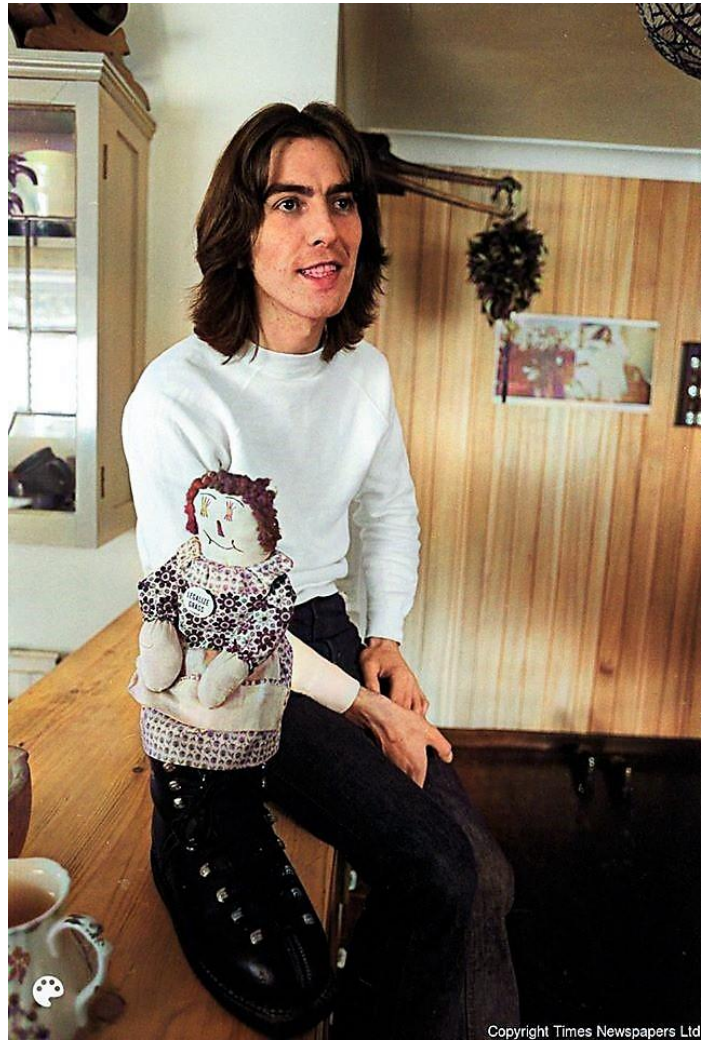


NEW YORK CITY – DECEMBER 1968 : Andy Warhol and the Factory Gang, including Taylor Mead, Fred Hughes, Gerard Melanga and Ultra Violet, pose for a portrait to

publicize Warhol's 1968 book 'a' in **DECEMBER 1968** at The Factory at 33 Union Square West in New York City, New York. (Photo by David Gahr/Getty Images)

NEW YORK – DECEMBER 1968: Andy Warhol 'Superstars' (l-r) actor Taylor Mead, actress Ultra Violet, and poet and photographer Gerard Malanga pose for a portrait at Andy Warhol's studio, The Factory, at 33 Union Square West in December, 1968 in New York City, New York. (Photo by David Gahr/Getty Images)

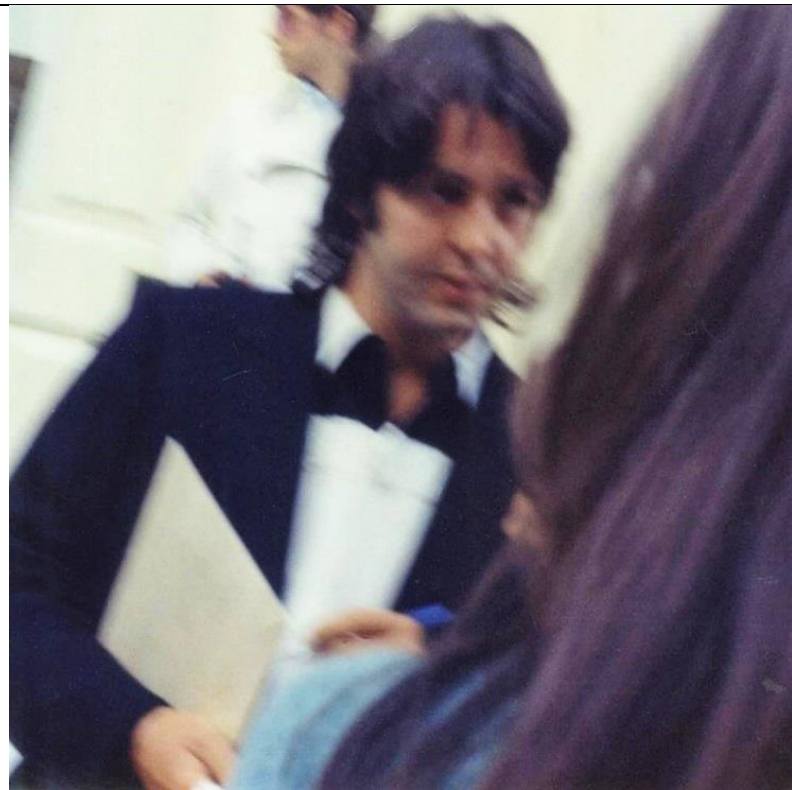






Copyright Times Newspapers Ltd





MARCH 11TH 1969 – Paul McCartney and George Harrison produce a Jackie Lomax session.

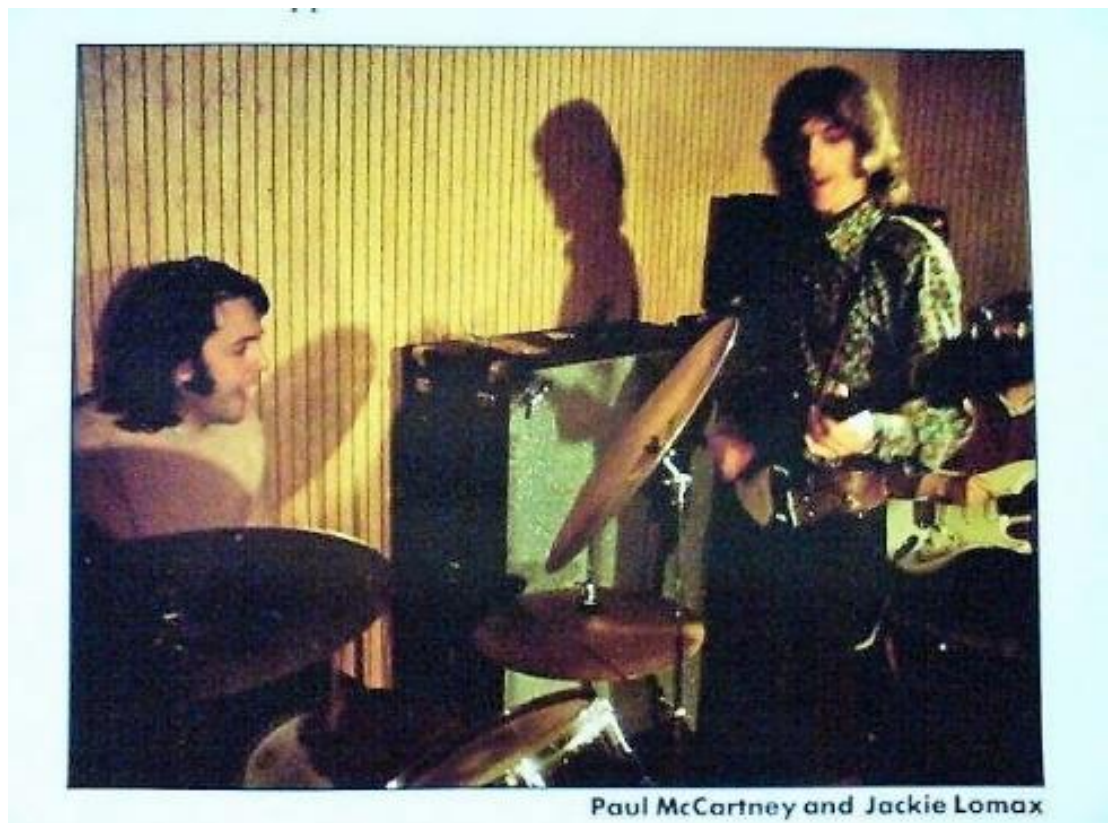
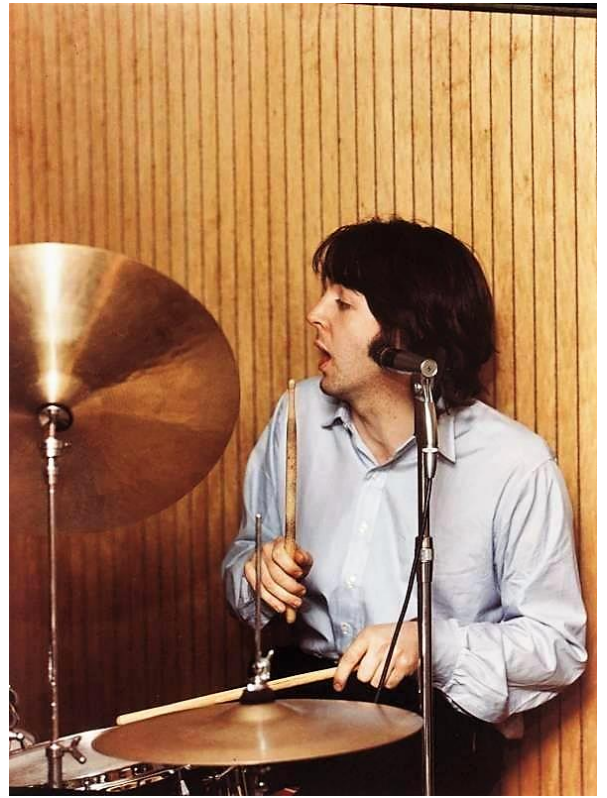
Jackie Lomax's debut single for Apple, *Sour Milk Sea*, was an unexpected chart failure. Ahead of the release of his album, *Is This What You Want?*, a hastily-arranged session took place for a follow-up single.

The session was produced by Paul McCartney and George Harrison. McCartney had decided that a cover version of The Coasters' *Thumbin' A Ride* was to be the single's a-side, with an original Lomax composition, *Going Back To Liverpool*, on the b-side.

McCartney played drums on *Thumbin' A Ride*, which was recorded in Apple's basement studio in their Savile Row headquarters. McCartney and Harrison also performed guitar parts, with Harrison on lead.

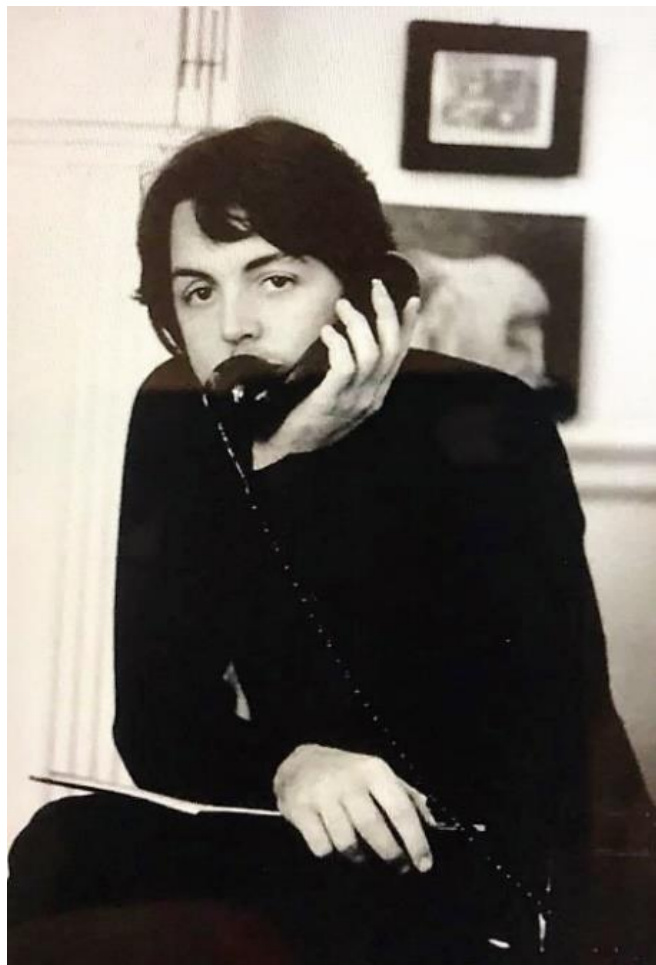
Going Back To Liverpool may have been recorded on this same date; the drumming sounds like McCartney, and he certainly performed backing vocals and guitar.

The two songs were reported as making up Lomax's next single in an issue of the *New Musical Express* dated **22 MARCH 1969**. However, a new song – titled "New Day" – was eventually released as the a-side, making *Thumbin' A Ride* the b-side. *Going Back To Liverpool* was eventually released as a bonus track on a 1991 reissue of *Is This What You Want?*.



Paul McCartney and Jackie Lomax

On this date, March 12th 1969, Paul & Linda McCartney were married at the Marylebone Register Office in London. Also there was Heather Eastman as flower girl, Paul's brother Mike and Beatles insiders, Mal Evans and Peter Brown



CECIL BEATON AT THE FACTORY

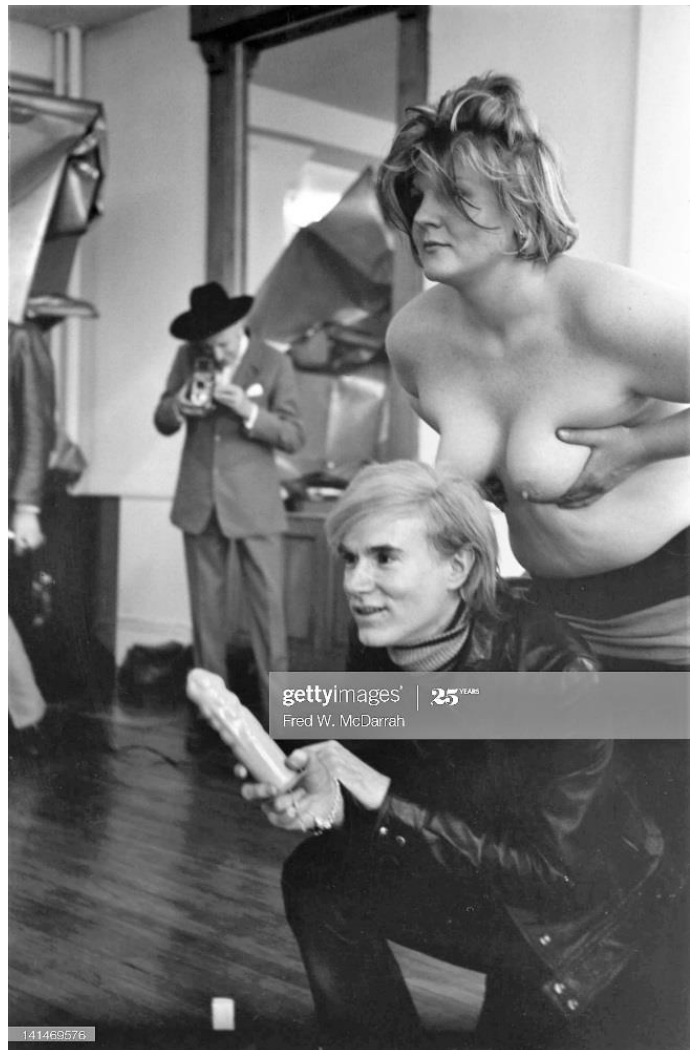


British fashion photographer Cecil Beaton (1904 – 1980) (left) talks with American pop artist Andy Warhol (second left) and twin brothers Jed (1948 – 1996) and Jay Johnson as he takes photographs in Andy Warhol's studio, the Factory (near Union Square), New York, New York, **APRIL 24, 1969**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)





Candy Darling, Ultra Violet, Brigit Berlin





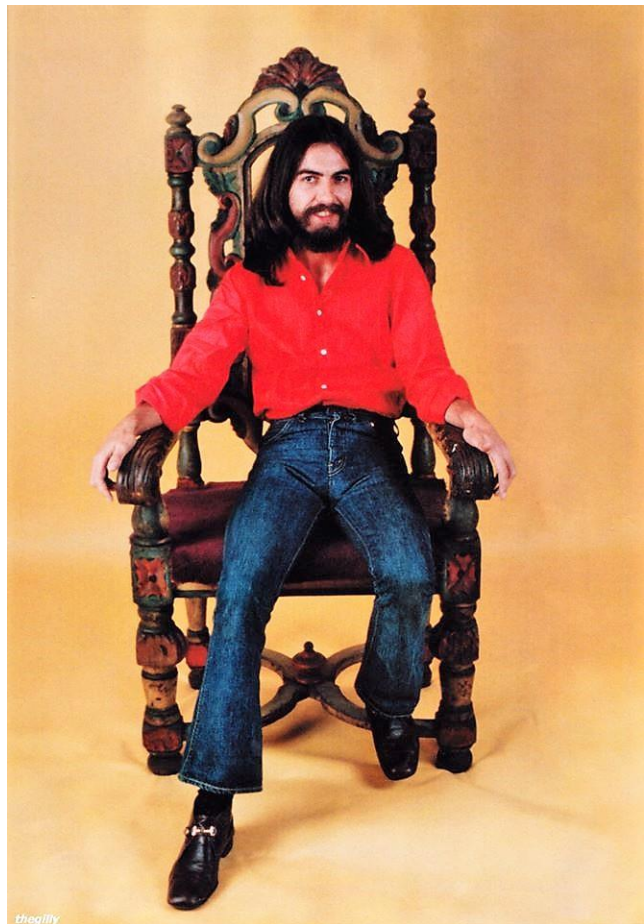
ANDY WARHOL AT FILM PREMIER



NEW YORK: POP ARTIST AND UNDERGROUND FILM MAKER ANDY WARHOL IS ACCOMPANIED BY TWO OF HIS SUPERSTARS, CANDY DARLING AND GERARD MALANGA, AS THEY ARRIVE AT A MANHATTAN THEATER LATE MAY 25TH FOR THE PREMIERE OF A NEW MOVIE, "MIDNIGHT COWBOY." 5/25/69



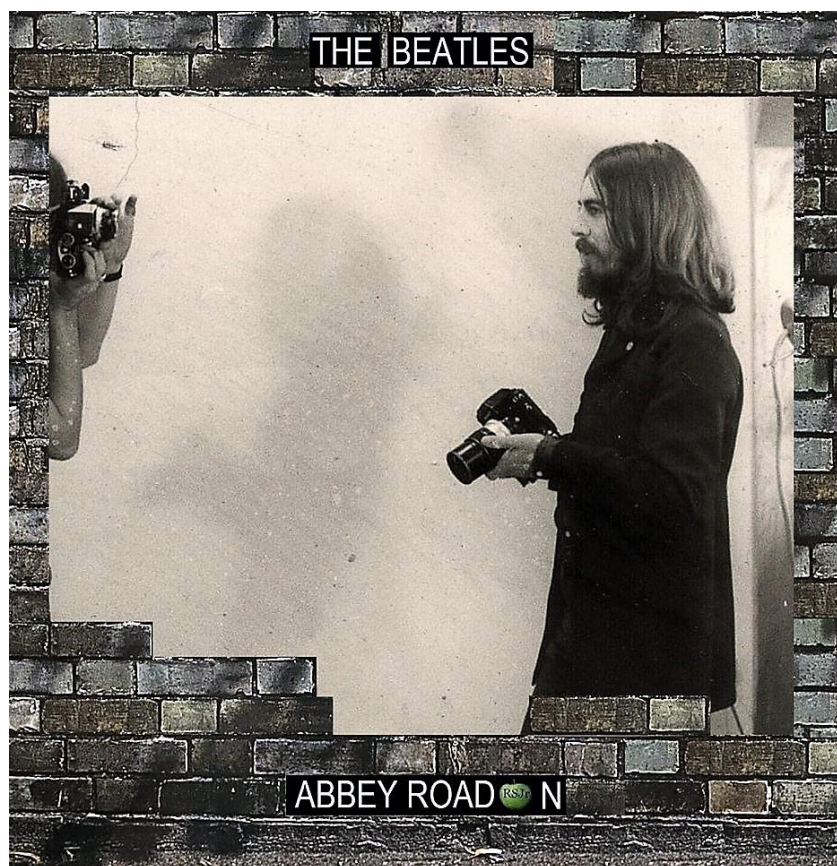


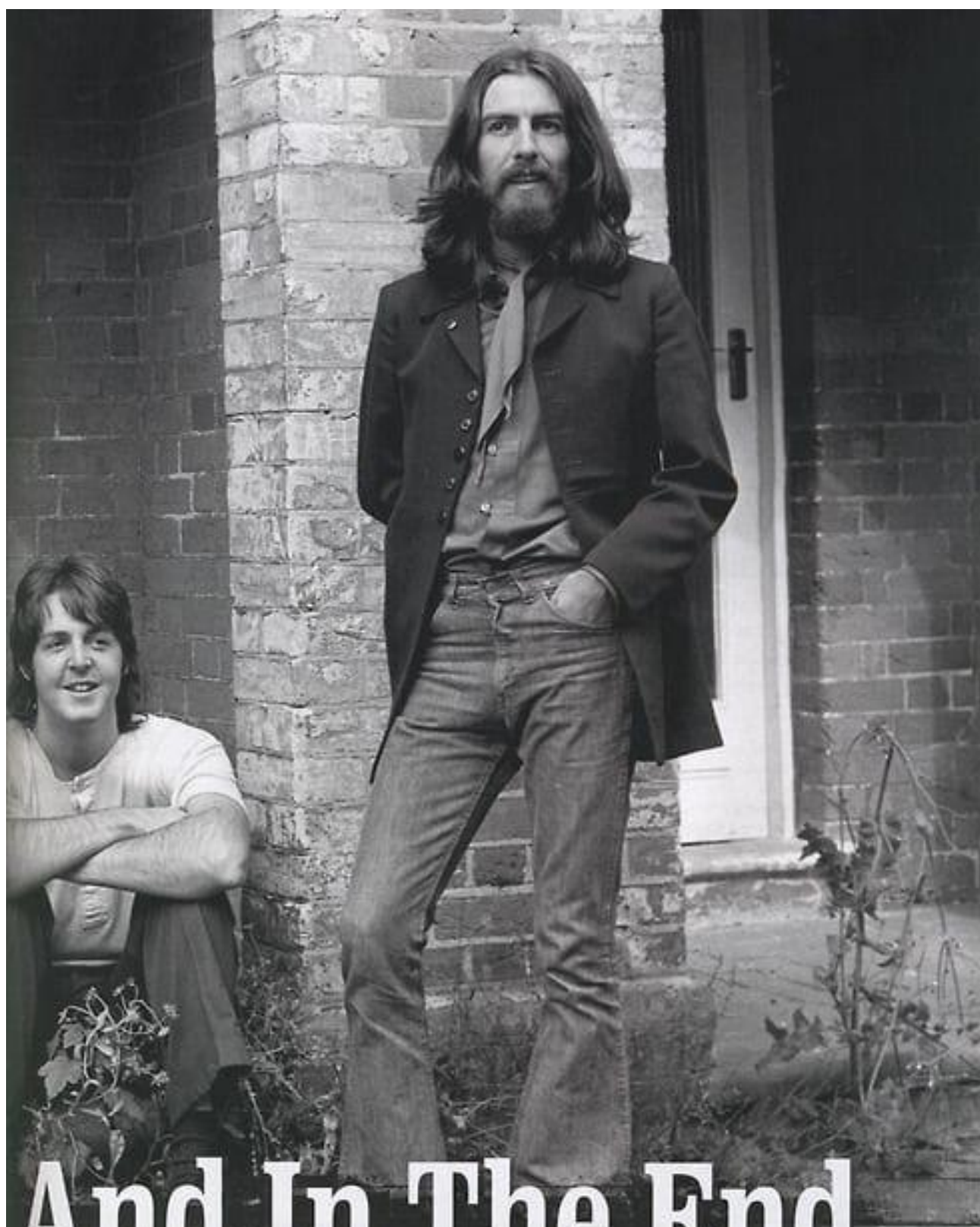


**WARHOL & MEKAS AT
FILMMAKERS
CINEMATHEQUE**

View of American Pop artist
Andy Warhol (left) and
Lithuanian American avant-
garde film director Jonas
Mekas at Filmmakers
Cinematheque, New York,
New York, October 1, 1969.
(Photo by Fred W.
McDarragh/Getty Images)







And In The End...

The Beatles' last recorded album, **Abbey Road**, was the chance for John, Paul, George and Ringo to kiss and make up after the misery of *Let It Be*. But how harmonious was it, what with Allen Klein's business takeover, Yoko's bed-in and Maxwell's Silver Hammer? **Paul McCartney** and a wealth of backroom



Don McCullin, Liverpool, 1970





12 MARCH 1970

George and Pattie Harrison move into Friar Park.

ARTES

A geração de 70 é marcada pela arte conceitual e produz sob forte repressão do regime. Despontam Cildo Meirelles, Tunga, Artur Barrio, Waltércio Caldas, Luis Alphonso. Um dos mais importantes críticos de arte do país, Mário Pedrosa é processado por denunciar as torturas no Brasil no estrangeiro. Mário refugia-se no Consulado do Chile até conseguir viajar para Santiago. O *The New York Review of Books* publica abaixo-assinado com mais de cem assinaturas de intelectuais e artistas internacionais, entre eles Pablo Picasso e Max Bill, responsabilizando o governo brasileiro por sua integridade física.

Radicalização da vanguarda. Ruptura com a noção de obra de arte única. Ganham espaço a videoarte e as performances.

Na década de 1970, ocorre uma mudança de atitude na arte e na cultura brasileiras. A Censura, a violência e o fim das garantias constitucionais, determinadas pelo Ato Institucional n. 5, de 1968, não permitem a indiferença. Muitos artistas e intelectuais, entre os quais Hélio Oiticica, Antonio Dias e Gerchman, saem do Brasil. Outros, como Carlos Vergara, mudam o foco de seu trabalho. Segundo o próprio artista: "(...) a gente começa a ter uma atitude mais reflexiva, mesmo. Eu começo a usar fotografia e fazer uma espécie de averiguação mais antropológica do real (...)". Essa busca de linguagens reflexivas se traduz, na obra de Vergara, na extensa pesquisa sobre o carnaval e na realização de filmes super-8, sem deixar de lado os trabalhos decorrentes de sua experimentação com materiais industriais, sobretudo o papelão.

Carlos Vergara participa, da *2ª Bienal de Medellín*, Colômbia, apresentando o trabalho América Latina, dois grandes desenhos no chão, com recortes e caixas de papelão – que foram extraviados em sua volta ao Brasil. Para Hélio Oiticica: "(...) os

superdesenhos crescem das caixas-estruturas-cenários caligarianos: espalham-se pelo chão, desenham-se, recortam-se: as folhagens de papel barato: moitam-se-desgarram-se: invadem, por seu turno, o ambiente (...)"

Entre 1970 e 1975, Lygia Clark leciona na Sorbonne, em Paris, ultrapassando os limites da arte, para buscar em seus alunos reações que trouxessem à tona impulsos reprimidos, substituindo-os por energia criativa. Tudo era válido na busca dessa transformação. Estimulava os discípulos a usar elementos até então estranhos em uma sala de aula, tais como tubos de caça submarina, saquinhos de plástico cheios de água, bolinhas de pingue-pongue e outros materiais fora da didática convencional.

O fotógrafo, Marc Lacroix, nascido em 1927 em Paris, conheceu Salvador Dalí.

A pintora surrealista tcheca Eva Svankmajerova se une ao movimento surrealista no início dos anos 1970, quando ela ficou conhecida por seu "Ciclo de Emancipação", variações sobre telas famosas nas quais as figuras femininas foram substituídas por homens.

FILMES

Carlos Vereza, Renata Sorrah, Dina Sfat e Djenane Machado posam na Praia de Ipanema no ano de 1970, no intervalo de gravação da novela 'Assim na terra como no céu'. Foto: Dina Sfat

"Um dia, em 1970, veio alguém me procurar para fazer um filme pra Shell. 30 milhões. Respondi que a Shell era americana. Que estava disposto a fazer de graça pra Petrobrás. O sujeito me respondeu que a Shell era holandesa. Que a Shell e a Esso controlam a cultura brasileira. Onde está o Ministério da Educação e Cultura que permite duas companhias de lubrificantes e gasolina controlar nossas Letras e Artes?". (Glauber Rocha).

COPACABANA, MON AMOUR de Rogério Sganzerla.

CABEÇAS CORTADAS – (Glauber Rocha). Título Original: Cabezas cortadas. Inicialmente intitulado: Macbeth 70.

O LEÃO DAS 7 CABEÇAS (Glauber Rocha). Título Original: Der leone have sept cabeças.

O DIAMANTE COR-DE-ROSA. Segunda parte da trilogia comandada por



Roberto Farias, com Wanderléa, Eoberto e Erasmo.

BEYOND THE VALLEY OF THE DOLLS – Drama – Colorido – 109 minutos. Direção: Russ Meyer. Um grupo de rock formado por garotas encontra a fama e a fortuna neste impressionante filme sobre o cenário musical de Hollywood. Música por Stu Phillips e Bill Loose. The Strawberry Alarm Clock aparece em muitas cenas de fundo e cantam duas músicas. The Sandpipers cantam a música-título.

JESUS CRISTO SUPERSTAR. O musical Jesus Cristo Superstar, de 1970, inovou ao colocar a figura e as palavras de Jesus dentro do contexto da contracultura da época.

Além disso, o apóstolo Judas era interpretado por um ator negro, como uma maneira de demonstrar simbolicamente as raízes da intolerância racial.

Jesus Cristo Superstar procurava renovar a história de Cristo, criticando as interpretações dogmáticas de sua figura.

Junto com *HAIR*, o musical entrou para a história como a investida de maior sucesso da contracultura na Broadway.

WOODSTOCK – THE SPIRIT OF A GENERATION. Masterizado digitalmente. Cor. 165 minutos em vídeo. É um filme de audiência e locação garantidas. E, num sentido pelo menos, tornou-se um verdadeiro clássico, já que conta sempre com atentas e entusiasmadas platéias. Michael Wadleigh realizou um filme memorável menos pela realização em si que pelo registro do evento máximo da geração flower-power, que reuniu 500 mil jovens. Wadleigh? arrolou um farto material, filmando com 15 câmeras 120 horas. Pensava, inicialmente, em editar duas versões – uma de duas horas para os cinemas comerciais e outra, para a exibição em estádios, de cinco horas. Acabou lançando só uma, com três horas e quatro minutos (as primeiras cópias em circulação no Brasil tinham corte de 14 minutos, a tesoura da censura?).

1970. Ritchie Havens resolve passar umas férias no Brasil e o filme Woodstock entra em cartaz no Cine Rian, na Atlântica no Rio. Durante a sessão você podia bater um papo com Ritchie Havens, que contava os detalhes de toda aquela aventura. O filme estimulou, a todos, acreditar na perspectiva de se enturmar e viver em comunidade, pegar carona e acampar. De qualquer forma, Woodstock permanece como melhor realização do gênero, a começar pela reunião de um inigualável elenco de nomes da música pop americana, inglesa ou indiana. Nós créditos do filme uma curiosidade: Martin Scorsese – que mais tarde realizaria *O Último Concerto de Rock* – aparece como um dos responsáveis pela montagem.

Woodstock, o festival, deu um prejuízo de 100 mil dólares. Mas Woodstock, o filme, rendeu 17 milhões de lucro, disseminando por todo mundo a ideia de que, para fugir das pressões e desumanidades da vida urbana no mundo ocidental, bastava um fim de semana no campo em companhia de alguns milhares de outros garotos com o mesmo problema de evasão e ao som de um rock potente.

“A música é uma mediação entre o inteligível e o sensível, que o delírio mítico da droga concretiza: duas imagens inesquecíveis do filme de Woodstock: uma a de Richie Havens que progressivamente se emociona num riff ascensional até ao paroxismo mais contagiante; a outra a mímica esquizofrênica, típica do junkie em estado high, de Joe Cocker que, num teatro aberrativo, interpreta 'A Little Help From My Friends' – um observador quadrado, pequeno-burguês, estreito normal, terá a imediata ideia-dupla de repulsa ou chamar o polícia ou o enfermeiro para sequestrarem do palco os músicos, invocará a censura cinematográfica para cortar

aquelas cenas psicopáticas ou desancará o filho por ter pensado que esses dois momentos de bom cinema e bom rock eram consequência da experiência psicodélica”.
(**JORGE LIMA BARRETTO**).

ZABRISKIE POINT. 112 min. Com Mark Frechette, Daria Halprin, Rod Taylor, Kathleen. Michelangelo Antonioni dirige esta descompromissada, surrealística aventura em cinema contracultura. Dois jovens amantes, alienados da moderna vida americana, perdidos na misteriosa atmosfera do Vale da Morte. A trilha-sonora reúne feras do peso de Pink Floyd, Grateful Dead e Keleidoscope.

Em 1970, seu filme *EL TOPO* chamou atenção de John Lennon, interessado na originalidade daquele faroeste surreal. O Beatle ajudou a consagrar internacionalmente o trabalho do chileno Alejandro Jodorowsky, que já exibía um senhor currículo, como a parceria com o mímico francês Marcel Marceau, além de ter feito teatro com o espanhol Fernando Arrabal, criando o Movimento Pânico, e de ter escrito o texto de quadrinhos ilustrados por Moebius. Cultor da magia e do oculto,

A photograph of Mr.
Taylor Mead from
1970. Credit
Raeanne
Rubenstein





RICHARD AVEDON



Jay and Jed Johson

1970

**ANDY WARHOL:
CINEASTA
UNDERGROUND**

**3. Uma Galeria de
Cineastas: Andy Warhol***

Nasceu em 1928, em New
Port, Rhode Island.

Reside em Nova York.

Dos filmes subterrâneos
recentes os que mais
publicidade recebem são os
trabalhos de Andy Warhol.
São filmes que parecem
apresentar um mundo de
morte viva prateada, e
alguns deles, tais como
SLEEP, são filmes que não
possuem movimento –



quase. Todos estão precariamente equilibrados entre o controlado e o casual.

Tão cuidadosamente estáticos que a mais leve variação na exposição, no enquadramento ou no movimento sobre a tela pode sacudir as sensibilidades, estes neodocumentários têm por propósito ganhar a atenção. Eles o conseguiram. Também mostraram o grau a que se podia reduzir um filme e ainda ser um filme.

A grosso há quatro fases na obra cinematográfica de Andy Warhol. As produções bastante conhecidas da primeira fase, tais como *SLEEP*, são filmes classicamente simples, de ritmo lento e silenciosos, com luminosidade desarmoniosa e sem drama. Os filmes da segunda fase, tais como “The Life of Juanita Castro”, são filmes poéticos e satíricos, e são, com som e encenação mais complexa, menos suavemente puros. Os filmes da terceira fase, tais como “Beauty Number 2”, embora ainda com emprego de câmara imóvel, são dramas do estilo realista do cinema vérité, alguns com uma iluminação convencional. A quarta fase é o trabalho de desempenho ao vivo e *THE CHELSEA GIRLS*.

Warhol é antes de tudo um estilista visual. Embora muita gente trabalhe em seus filmes, mesmo escrevendo e dirigindo-os, ele exerce o controle final na escolha do tema e da abordagem visual. Assim, independentemente de quem o escreva, de quem o fotografe, de quem nele apareça, ou mesmo o dirija, um filme de Andy Warhol é inconfundível. Na verdade, seus filmes combinados podem ser considerados parte de uma vasta obra, documentários definitivos sobre os socialistas, starlets, viciados, homossexuais, modelos, artistas e gente por dentro que está englobada no demi-monde bizarro de Nova York.

Depois de se formar em arte em 1950 no Instituto Carnegie, Warhol se tornou em primeiro lugar um ilustrador de moda de primeira em Nova York, em seguida o artista pop que pintou panelas de sopa. Na primavera de 1963 ele comprou uma câmara de filmar. Fez experiências com filmes de quadros rápidos, e numa viagem a Hollywood fez “Tarzan and Jane Regained... Sort of” (1963).

O filme que lançou o atualmente famoso estilo da primeira fase de Andy Warhol foi *SLEEP* (1963), que apresenta um homem dormindo durante seis horas. (Na realidade são três horas de trechos de dez minutos cujas tomadas foram feitas num período de seis semanas. Cada trecho é apresentado duas vezes).

O método de Warhol é fazer muitos filmes e tornarem públicos os poucos que forem bons. Os ruins são exibidos uma vez, e às vezes seus títulos são usados outra vez em outras tentativas. Os que se seguem são os que estão registrados como tendo seguido a *SLEEP*.

EAT (1963); “*KISS*” (1964); *NAOMI AND RUFUS KISS* (1964), *HAIRCUT* (1964); *ROLLER SKATE* (1964); *DANCE MOVIE* (1964); *SALOME AND DELILAH* (1964); *PAUSE* (1964); *APPLE* (1964); *MESSY LIVES* (1964); *THE END OF DAWN* (1964); *LIPS* (1964); *COUCH* (1964); *EMPIRE* (1964), feito com John Palmer; *THE THIRTEEN MOST BEAUTIFUL BOYS* (1964); *BATMAN* (1964); *SHOULDER* (1964); *THE LESTER PERSKY STORY – A SOAP OPERA* (1964); *HENRY GELDZAHLE* (1964); e *BLOW JOB* (1964).

A despeito de seu assunto perverso, *BLOW JOB* é um dos melhores exemplos desta fase. Mostra a cabeça e os ombros de um homem à medida que presumivelmente está se praticando um ato sexual nele. Em um tempo de quarenta minutos, seu rosto, interrompido apenas pelo branqueamento de fins de fitas expostos, exprime um êxtase

prolongado. A cabeça violentamente brilhante movendo-se para frente e para trás sob luz e sombra constrói um forte de sentido de volume sem montagem, conta uma história sem palavras, movimento de câmera ou montagem.

Harlot (1965), uma versão de Warhol de “Harlow”, com a personificação feminina de Mario Montez como estrela, e *Drunk* (1965), iniciou a sua era do som e encerrou a primeira fase.

A segunda fase é principalmente de dramas escritos por Ronald Tavel. Dentre estes se incluem *SCREEN TEST NUMBER TWO* (1965); a peça de palco *LIFE OF JUANITA CASTRO* (1965); e *VINYL* (1965), que apresenta um documentário interior sobre o sadismo. Vistos com emnos frequência são *SUICIDE* (1965); *HORSE* (1965); *BITCH* (1965); e *KITCHEN* (1965), todos desfigurados por acidentes técnicos de menor importância.

Direção e cenários da terceira fase foram proporcionados por Chuck Wein. Dentre estes se encontram *BEAUTY NUMBER TWO* (1965), sobre um confuso ménage à trois pseudossexual; *PRISON* (1965); vários trechos construídos em torno de Edie Sedgwick denominado *POOR LITTLE RICH GIRL* (1965); e *MY HUSTLER* (1965), um semidocumentário velhaco sobre prostitutas homossexuais.

Ao mesmo tempo, Warhol fez *Space* (1965) e algumas experiências em vídeo-tape.

Após uma variedade de filmes de gente e rotinas de “acampamento” chamada “Camp” (1965), Warhol começou a apresentar filmes de telas seccionadas. Na sua maioria eram tomadas de meia hora não suficientemente interessantes para serem apresentadas por si sós e desse modo convertidas em filmes simultaneamente duplos. Filmes feitos nessa época incluem *WHIPS* (1966), *FACES* (1966), *MORE MILK* (1966), *YVETTE* (1966), *HEDY (THE FOURTEEN YEAR OLD GIRL!)* (1966). Exibido primeiramente como uma apresentação denominada Up Tight, com um grupo de rock and roll chamado The Velvet Underground, sua apresentação do filme/vida eventualmente tornou-se *THE EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*, um ambiente de discoteca em que produções de tela seccionada eram projetadas sobre os conjuntos e os dançarinos.

Warhol selecionou os melhores de uma série de tomadas de meia hora filmadas no Hotel Chelsea e combinou-os em *THE CHELSEA GIRLS* (1966), de três e meia de duração, que na realidade empregou sete horas de material, três horas e meia em cada lado da tela.

Warhol produz a maior parte de seus filmes num sótão revestido com tinta e folhas prateadas chamado A Fábrica. Seu gosto pela publicidade é considerável, e da gente do cinema subterrâneo ele é o que é visto com maior frequência. Ele também ajudou a fazer celebridades de uma espécie de “superestrelas” suas, Naomi Levine, Baby Jane Holzer, Edie Sedgwick e Nico.

***Retirado do livro, Uma Introdução ao Filme Underground. – Escrito por Sheldon Renan**

***FILMOGRAFIA ALTERNATIVA OU...**

“Aqueles que andavam com o Andy eram todos uns idiotas drogados”, afirma Paul Morrissey que dirigiu todos estes filmes, “fiz os filmes para mostrar como eram estúpidos”.

SLEEP, 1963.

Mostra, em seis horas de duração, John Giorno, amigo de Warhol simplesmente dormindo... nas recentes exposições mantém a projeção a 16 quadros por segundo e são exibidos "apenas" 42 minutos de filme, que já é um delírio. Estética de Andy Warhol de que o olhar implacável da câmera pode romper comportamentos normais e forçar uma resposta específica;

BLOW JOB, 1963, 35 minutos, silencioso (o registro de um ato de sexo oral em que se vê apenas o primeiro plano de um jovem ator anônimo).

KISS, 1963. com Baby Jane Holzer e Gerarde Malanga: dois dos novos superastros criados por Warhol mostra quase uma dúzia de pessoas, numa sucessão de beijos que dura 58 minutos.

HAIRCUT, 1963.

Eat, 1963. 39 minutos silencioso (o ator e artista plástico Robert Indiana come meticulosamente um cogumelo frente à câmara, evocando retratos de santos feitos pelos pintores flamengos no século 15).

EMPIRE, EM 1964, warhol filma oito horas de um quadro parado do empire state building ele queria mostrar a "vida sob o olhar de um defunto".

*TARZAN AND JANE
REGAINED ... SORT
OF*, 1964

*DANCE
MOVIE/ROLLER
SKATE*, 1964

*BATMAN
DRACULA*, 1964

*SALOME AND
DELILAH*, 1964

SOAP OPERA, 1964
(CO-DIR.)

COUCH 1964

*13 MOST
BEAUTIFUL
WOMEN*, 1964

HARLOT, 1964 "O grande filme, insuperável da carreira de Mario Montez, foi 'Harlot' de Warhol, em que



ele faz uma loura (que seria uma fusão de Harlow e Marilyn; 'harlot' vem de Harlow) travestida, de luvas brancas, que come bananas todo o tempo, devagar, descascando-as de luvas brancas, num sofá claro que isso é uma descrição bem careta, que não é tudo; a última banana é enfiada no cu pela própria; Warhol fez 'harlot' em 1964, e se situa na sua obra como uma transição da fase de *EAT, SLEEP, KISS*, para a que culminaria com *THE CHELSEA GIRLS*; vou lhe enviar um novo livro que saiu: *VIDA E SEXO DE ANDY WARHOL*.

TRECHO DE CARTA DE HÉLIO OITICICA PARA TORQUATO NETO, 18 JUN. / 1971.

THE LIFE OF JUANITA CASTRO DE 1965. 65 minutos, sonoro

(Sátira a Fidel, seu irmão Raul e Che Guevara são interpretados por mulheres).

POOR LITTLE RICH GIRL, 1965

SCREEN TEST, 1965

VINYL, 1965

BEAUTY #2, 1965

HORSE, 1965

MY HUSTLER, 1965

CAMP, 1965

AFTERNOON, 1965

SUICIDE, 1965

DRUNK, 1965

BITCH, 1965

PRISON, 1965

SPACE, 1965

THE CLOSET, 1965

HENRY GELDZAHLER, DE 1965. 90 minutos, silencioso (o curador de arte nova-iorquino fuma um interminável charuto).

TAYLOR MEAD'S ASS' (1965).

FACE, 1966

OUTER AND INNER SPACE, 1966

THE 14-YEAR OLD GIRL/HEDY/HEDY THE SHOPLIFTER, 1966



MORE MILK
YVETTE/LANA
TURNER, 1966

THE VELVET
UNDERGROUND
AND NICO, 1966

KITCHEN, 1966

LUPE, 1966

CHELSEA
GIRLS, DE 1966,
210 minutos,
sonoro

(Nova-iorquinos
drogados e
ensimesmados,
viajando em seu
próprio mundo,
enquanto os
Estados Unidos
lutavam no
Vietnã)

I, A MAN, 1967
By the time
Isabelle Collin
Dufresne
appeared in her
second Warhol
film, *I, a Man*
(1967), which
also starred Nico
and Valerie
Solanas (who
later shot and
seriously injured

Warhol), she had taken the name Ultra Violet. But when she was not in character, with some combination of purple hair, purple lipstick, trowel-heavy purple eye shadow and beet juice as cheek color, she looked like the prettiest girl at the prom — a soignée brunette with a shoulder-length bouffant, delicate features and maximum false eyelashes. And she had a French accent.

BIKE BOY, 1967

NUDE RESTAURANT, 1967

Screen grab of American actor Ondine (born Robert Olivo, 1937 – 1989) in a scene from the film *THE CHELSEA GIRLS* (directed by Andy Warhol and Paul Morrissey) during a presentation at the Film-Makers Cinematheque (at 125 West 41st Street), New York, New York, **NOVEMBER 9, 1966**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)





****/*FOUR STARS/24-HOUR MOVIE*, 1967

(Andy Warhol).– 16mm/25 hrs/sound/color/24 fps filmed **AUG. 1966 – SEP. 1967**

starring: almost everyone, including Billy Name, Ondine, Edie Sedgwick, Ingrid Superstar, Nico, Tiger Morse, Ultra Violet, Taylor Mead, Andrea Feldman, Patrick, Tally Brown, Eric Emerson International Velvet (Susan Bottomly), Ivy Nicholson Brigid Berlin (Brigit Polk), Gerard Malanga, Rene Ricard, Allen Midgette Orion, Katrina, Viva, Joe Dallesandro, Tom Baker David Croland, the Bananas, etc...

Drama – Preto e Branco – 1.500 minutos. Direção: Andy Warhol. Uma extravagância (25 horas!) de Warhol, com o Velvet Underground aparecendo ocasionalmente na tela,

interpretando algumas de suas canções. Existe também uma versão de 120 minutos deste épico.

JACK SMITH: ASTRO DOS FILMES SUBTERRÂNEOS



Jack Smith died on **SEPTEMBER 25, 1989** from AIDS

Não há muita ênfase nos filmes subterrâneos sobre os “astros”. Por um lado, é o próprio cineasta que se acha na ribalta. Por outro, a maior parte das obras subterrâneas não são narrativas e por conseguinte não utilizam protagonistas de destaque.

É claro que aparecem pessoas nos filmes subterrâneos, mas as que se sobressaem são aquelas que comunicam um senso poderoso de personalidade no filme, e não aquelas que representam personalidade a despeito de pirotécnicas visuais de trabalho de cinegrafia e de montagem que ocorrem à sua volta. E elas têm de ser capazes de transmitir este senso sem a ajuda de make-up profissional, trajes sob medida ou montagens de iluminação cuidadosas.

Até mesmo para fazer parte dos filmes, o astro subterrâneo tem de estar disposto a trabalhar sem pagamento. Tem de estar disposto a aplicar seu tempo, mesmo embora saiba que o filme resultante pode jamais ser visto, ou mesmo revelado. Tem de estar disponível sempre que o cineasta estiver fazendo tomadas. E tem desnecessário dizer, não existe nenhuma Agência Central para Elencos do cinema subterrâneo. E isso explica por que a maioria dos atores e atrizes aqui relacionados são eles próprios cineastas.



Jack Smith lê quadrinhos de detetive

JACK SMITH

É mais conhecido por suas aparições em trabalhos dos outros do que pelos seus próprios filmes. Ele aparece com Polichinelo e a sua mulher, e também com um Peter Ustinov magro, alto e cabeludo. Em um filme ele faz uma cara de criança e encara a câmera. Em outro mastiga a entreperna de uma boneca de borracha com um gozo satânico. Em outro flutua com uma túnica através da tela em um transe caricato.

Smith começou como uma espécie de dama cigana apaixonada que dança escada abaixo em *LITTLE COBRA DANCE: SATURDAY AFTERNOON BLOOD SACRIFICE*, de Ken Jacobs, também atuando em *LITTLE STABS AT HAPPINESS*, *BLONDE COBRA*, *THE DEATH OF P'TOWN* e *STAR SPANGLED TO DEATH*, de Jacobs. Para Ron Mice ele atuou em *CHUMLUM* e *THE QUEEN OF SHEBA MEETS THE ATOM MAN*, e para George Kuchar no 8 mm *THE LOVERS OF ETERNITY*.

O papel favorito foi como *BATMAN*, de Andy Warhol, e apareceu ainda em *CAMP*, de Warhol. Ele é no filme de Bill Vehr *THE MISTERIOUS SPANISH LADY* e *BROTHEL*. E numa viagem a San Francisco, atuou em "Skin" e *THE DEVIL IS DEAD*.

Desempenhou o papel-título de *EARGOGH*, de Dov Lederberg. Aparece em *THE ILLIAC PASSION*, de Markopoulos, e em *JEREMELU*, de Naomi Levine, bem como em *DIRT*, de Piero Heliczer. E creditou-se pelos filmes sem título de Jarry Joffen.

ESCAPE FROM RENTED ISLAND: THE LOST PARADISE OF JACK SMITH

© Jerry Tartaglia[...]

In his essay film, Jerry Tartaglia, longtime archivist and restorer of the film estate of queer New York underground, experimental film, and performance legend Jack Smith, deals less with Smith's life than with his work, analyzing Smith's aesthetic idiosyncrasies in 21 thematic chapters.



ESCAPE FROM RENTED ISLAND: THE LOST PARADISE OF JACK SMITH is a film essay about the artist's work, rather than a documentary about his life. Therefore, it does not present a rational, linear, and detached explanation of his work. Instead, it asks the viewer to sympathetically experience the aesthetic choices behind the work of Jack Smith. This strategy that I have chosen creates a challenge for the viewer, particularly those who are reliant upon external commentary or non-diegetic material in the documentary film form; I have no apology to offer those who cannot bear the unmediated vision of Jack Smith; only an invitation to join him in his lost paradise."

WITH

Jack Smith, Mario Montez, Beverly Grant, Tony Conrad, Agosto Machado, Francis Francine

Irving Rosenthal, Tally Brown, Mary Waronov, Tiny Tim...

THE LOVES OF ONDINE, 1968

FLESH (1968 – produtor) ano da "aposentadoria" de Andy Warhol como cineasta underground neste ano, o artista sobreviveu a um atentado praticado pela feminista Valerie Solanas, que lhe desferiu três tiros foi assim que ela, que mantinha uma tempestuosa relação de amizade com Warhol, paradoxalmente garantiu seus 15 minutos de fama sua história virou o filme: *Um tiro para Andy Warhol (I SHOT ANDY WARHOL)*, Estados Unidos, 1996), longa de estreia de Mary Harron.

LONESOME COWBOYS, 1968

BLUE MOVIE/FUCK, 1969



Shown with actress Viva in his film *BLUE MOVIE*, 1968.

TRASH, 1970 (PRODUCER)

HEAT, 1972 (PRODUCER)

WOMEN IN REVOLT, 1972 (CO.DIR. WITH PAUL MORRISEY)

L'AMOUR, 1973 (CO.DIR. AND CO-SCRIPT WITH MORRISEY)

ANDY WARHOL'S FRANKENSTEIN/FLESH FOR FRANKENSTEIN, 1974 (PRODUCER).

ANDY WARHOL'S DRACULA/BLOOD FOR DRACULA, 1974 (PRODUCER).

UNDERGROUND AND EMIGRANTS, 1976 (ACTOR)

ANDY WARHOL'S BAD, 1977 (PRODUCER)

AN UNMARRIED WOMAN, 1978 (ART COLLAB.)





Fernando Carpaneda - www.fernandocarpaneda.com

“Foto de Joe Dallesandro feita durante as gravações do filme *DRACULA* de Andy Warhol. Foto assinada por Joe e que faz parte da minha coleção de fotos assinadas pelos Andy Warhol Superstars. Um luxo só. (**FERNANDO CARPANEDA**)

COCAINE COWBOYS, 1979
(ACTOR)

THE LOOK, 1985 (ACTOR)

VAMP, 1986 (CONTRIB. ART)

SUPERSTAR: THE LIFE AND
TIMES OF ANDY WARHOL, 1991
(DOCUMENTARY)

ANDY WARHOL: SLEEP

Film evening in the context of the
exhibition *SCREENING REAL*.
CONNER LOCKHART WARHOL

01.12.2009, 06:00 PM



KIZ ROYALKINO, CONRAD VON HÖTZENDORFSTRASSE 10, 8010 GRAZ, 6PM

“Oh well, it’s a movie where you can come in at any time. And you can walk around and dance and sing,” was Andy Warhol’s comment on his first experimental film in 1963. Time – to be more precise, what the audience does with the time – is a major factor in it. Warhol juggles with the attention and expectations of the audience as they watch bits of bare flesh of a man asleep.



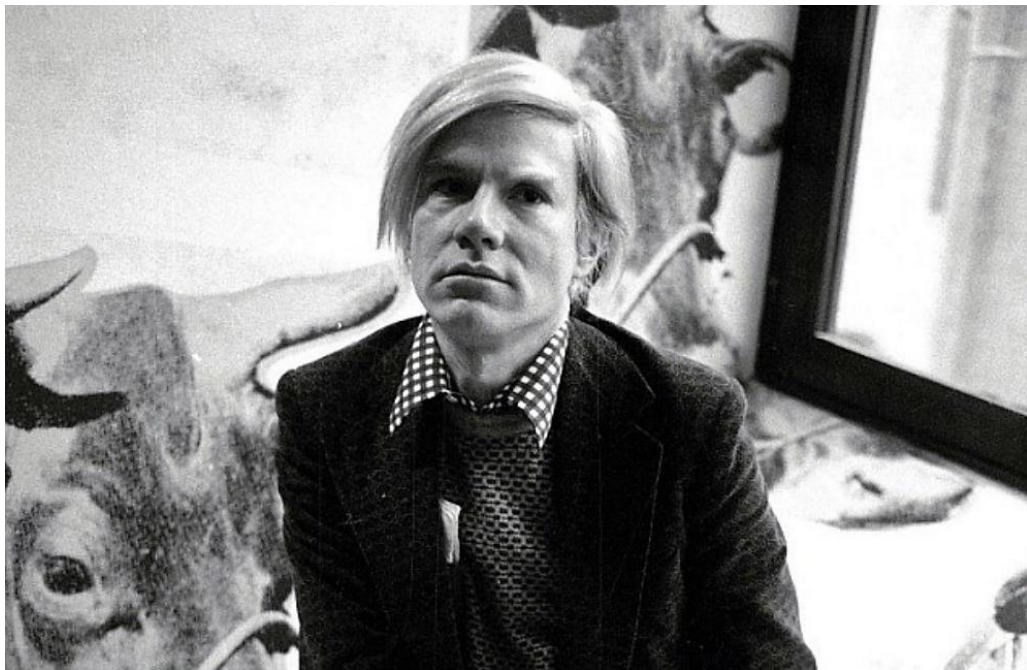
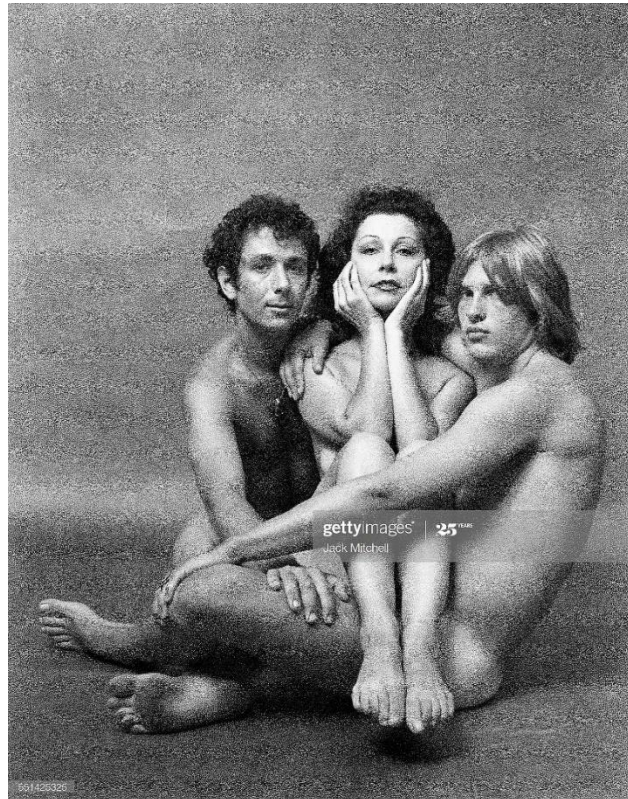
Ultran, Andy and Brigit Berlin

1971 – ABRIL

Ultra Violet

ABRIL

STICK FINGERS (LP) dos Rolling Stones. A calça jeans cortada nas pélvis: indica que os temas do disco devem ser curtidos pelas vísceras e outros "membros"...



Andy Warhol sitting during the opening of his exhibition at the Whitney Museum, © Bettmann/CORBIS Date Photographed: **APRIL 29, 1971**, (U1702998-21)

1971 – DEZEMBRO

Hunky Dory (LP) David Bowie grava a faixa "Andy Warhol" memorável homenagem Andy Warhol.

A reação do público nova-iorquino à apresentação da peça *THE RISE AND FALL OF ZIGGY STARDUST* foi excelente, tendo David Bowie convencido os muitos céticos e o próprio Andy Warhol que, apesar do seu status, se viu impedido de contatar com a star rodeada de um segurança paramilitar.



FRANCE – **JANUARY 29**: Photo of VELVET UNDERGROUND; Event: Paris 1972
(Photo by Mick Gold/Redferns)

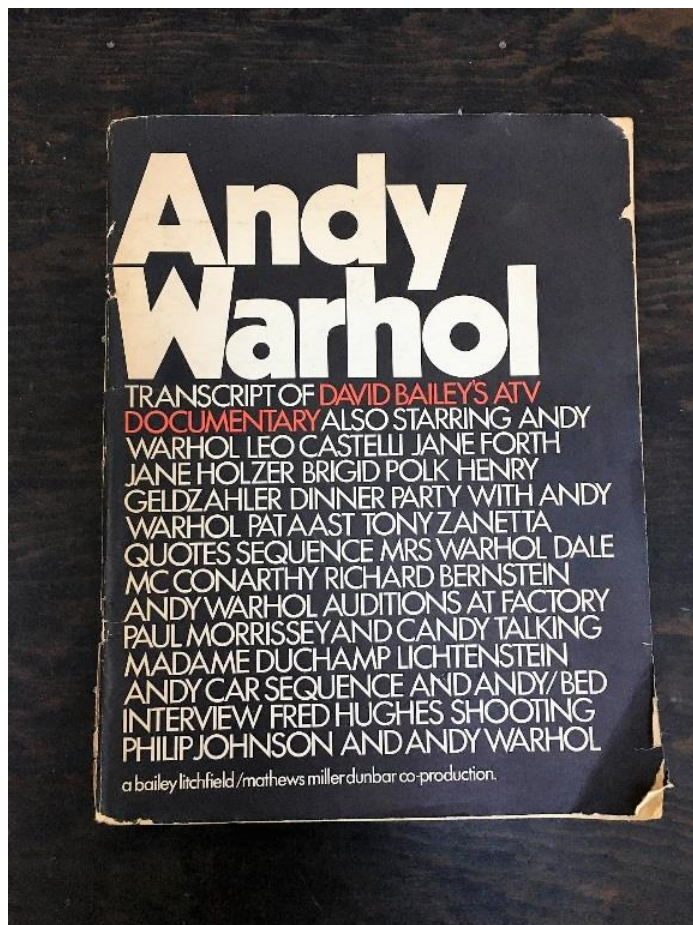
ANDY WARHOL: O DOCUMENTÁRIO BANIDO DA TV

David Bailey, fotógrafo-
celebridade dos anos 1960,
dirigiu o filme para uma estação
britânica

POR RICARDO SCHOTT –
popfantasma.com.br

6 DE JUNHO / 2019 – Você leu
livros como *FAMOSOS POR 15
MINUTOS – MEUS ANOS
COM ANDY WARHOL*, da
Ultraviolet? E sentiu um misto
de fascínio, repulsa e (vá lá)
medo por aquela loucura toda
da Factory (o ateliê-escritório-
tudo de Warhol)?

Bom, você não está sozinho.
Em 1972, o celebrado fotógrafo
de moda David Bailey fez, sob
encomenda do canal ITV, um



documentário sobre Warhol que já abria batendo nessa tecla, num texto de abertura. Explicava, já no fim de festa da Factory, que o estilo de vida de Warhol e sua turma poderia soar como degradante e ofensivo para muita gente. E que era necessário ver o que havia de realidade e fantasia nisso tudo.

Bailey, hoje com 81 anos, foi o fotógrafo-celebridade da Vogue nos anos 1960 e tinha sido o inspirador do fotógrafo Thomas (David Hemmings) de Blow up, de Michelangelo Antonioni. Mesmo não tendo experiência em direção de documentários, foi contratado pela ITV para fazer uma série de docs sobre arte. Fez um sobre Cecil Beaton, um sobre Visconti e o de Warhol. Este último, programado para ser exibido em 1973 após mais de um ano de trabalho de Bailey e sua equipe, foi censurado no último minuto antes de ir ao ar.

Um dos maiores objetivos (atingidos) de Warhol, o filme, era capturar o que havia de mais interessante nas técnicas do artista. E mostrar no que exatamente ele havia sido pioneiro, seja em arte, música ou comportamento. Não economizou no lado “cinema-verdade” da coisa, com imagens de Bailey deitado na cama ao lado de Warhol e cenas com todo tipo de gente que frequentava a Factory naqueles tempos. Uma das cenas mais exploradas pelos tabloides da época (antes do filme ir ao ar) foi da atriz Brigid Berlin (Brigit Polk) fazendo tit press: pintando os seios e, com a tinta na pele, imprimindo papeis.

O site Reprobate Press conta a história do filme e de sua censura com detalhes e explica que Ross McWhirter, ex-editor do Livro Guinness dos Recordes e fanático direitista, sequer chegou a ver o filme. Mas viu as reportagens publicadas na imprensa e resolveu fazer justiça a seu modo. Emitiu um mandado para a empresa que controlava a ITV proibindo o filme, baseado nas descrições da cena dos seios e de uma outra que falava sobre fazer sexo em uma motocicleta viajando a 60 km/h (e que – oh Deus – contrariava normas de trânsito).

McWhirter só contou vitória por pouco tempo, porque o filme foi exibido em março pelo canal, sem cortes e sem maiores problemas. O estrago foi feito de qualquer maneira, já que Bailey nunca mais dirigiu nada para a ITV. Mas o filme ficou bastante famoso. E alguém jogou no YouTube.

MARIO MONTEZ – *ho nyk oct. 12/15, 71*

ESCRITO E DATILOGRAFADO POR HÉLIO OITICICA

THE CHELSEA GIRLS : clássico , obra-prima de WARHOL : MARIO faz uma aparição de 15 mns., quando entra num quarto onde um duo masculino se diverte na cama, e canta IT'S WONDERFUL – "que acham do meu vestido ?" – "it's lovely" – outros filmes: NORMAL LOVE e IN THE GRIP OF THE LOBSTER (JACK SMITH); THE MYSTERY OF THE SPANISH LADY e BROTHEL (BILL VEHR), CANDY, THE QUEEN, THE WHORES OF BABYLON (onde faz DELILAH Nº 1), e em SCREEN TEST Nº 2 de WARHOL-TAVEL, para muitos seu filme mais perfeito.

MARIO trabalhou durante anos com THE RIDICULOUS THEATRICAL COMPANY de CHARLES LUDLAM, estreando em maio de 66 em THE LIFE OF LADY GODIVA, logo em seguida na segunda produção de BIG HOTEL, até seu desligamento em 1970 – MARIO é uma pessoa muito inteligente, encantadora, que adora ter precisão nas coisas que faz, nos detalhes que conta da sua fantástica experiência : não gosta de "drag queenery" (mentalidade de travesti) : considera o seu trabalho algo maior (e o é!), com uma razão de ser : é a sua obra, e dela ele quer estar permanentemente consciente; é

organizadíssimo: tem arquivo de tudo, fitas gravadas de tudo que já fez, e de coisas que possam a elas se relacionar: colocou para que eu ouvisse, uma de um filme de CARMEN MIRANDA com JANE POWELL e WALLACE BEERY, onde pode-se ouvir CARMEN no diálogo e cantando: "gravei da tv"; ao natural, de homem, que é como anda, êle se parece com tantos outros portorriquenhos de new york : tem um corpo masculino bem feito, e vez em quando posa como modelo para cursos de desenho; sua simpatia congênita nos coloca sempre "at ease" quando se está com êle – "dê duas notícias em primeira mão aos seus leitores no brasil : 1-vai ser editado aqui, um calendário MARIO MONTEZ para 1972; 2-deve sair ainda êsse ano um livro de CHARLES HERSCHBERG chamado MARYLIN & THE OTHER GIRLS, sôbre tôdas as pessoas, homens e mulheres, que personficaram MARILYN MONROE, e no qual, é claro, figuro".

MARIO está em cartaz aqui, na 3ª produção de VAIN VICTORY, no FORTUNE THEATRE na east 4th st (entre o bowery e a 2ª. avenida); muito em breve vai fazer sua reentrêe com ANDY WARHOL , no próximo filme dêste, que deveria ser rodado em hollywood, num motel, mas que agora vai ser aqui mesmo : dever-se-ia chamar TROPICANA (que é o nome de uma cadeia de moteis na califórnia), mas foi escolhido o de HEAT, e ninguém pode imaginar o que será quando o filme for montado e distribuído.

ANDY WARHOL'S HEAT

Sylvia Miles as
Hollywood has-
been Sally Todd
and Joe
Dallesandro as
hustler Joey Davis
in Andy Warhol's
'Heat' in March
1972. (Photo by
Jack Mitchell/Getty
Images)

DETALHES

H.O. conta que
conheceu o ator
Mario Montez na
casa do cineasta Ira
Cohen. Em texto
para Torquato
Neto, Hélio Oiticica
descreve uma
célebre cena de
Marilyn Monroe (em
NIAGARA),
parodiada por
Mario Montez em
filme de Bill Vehr.

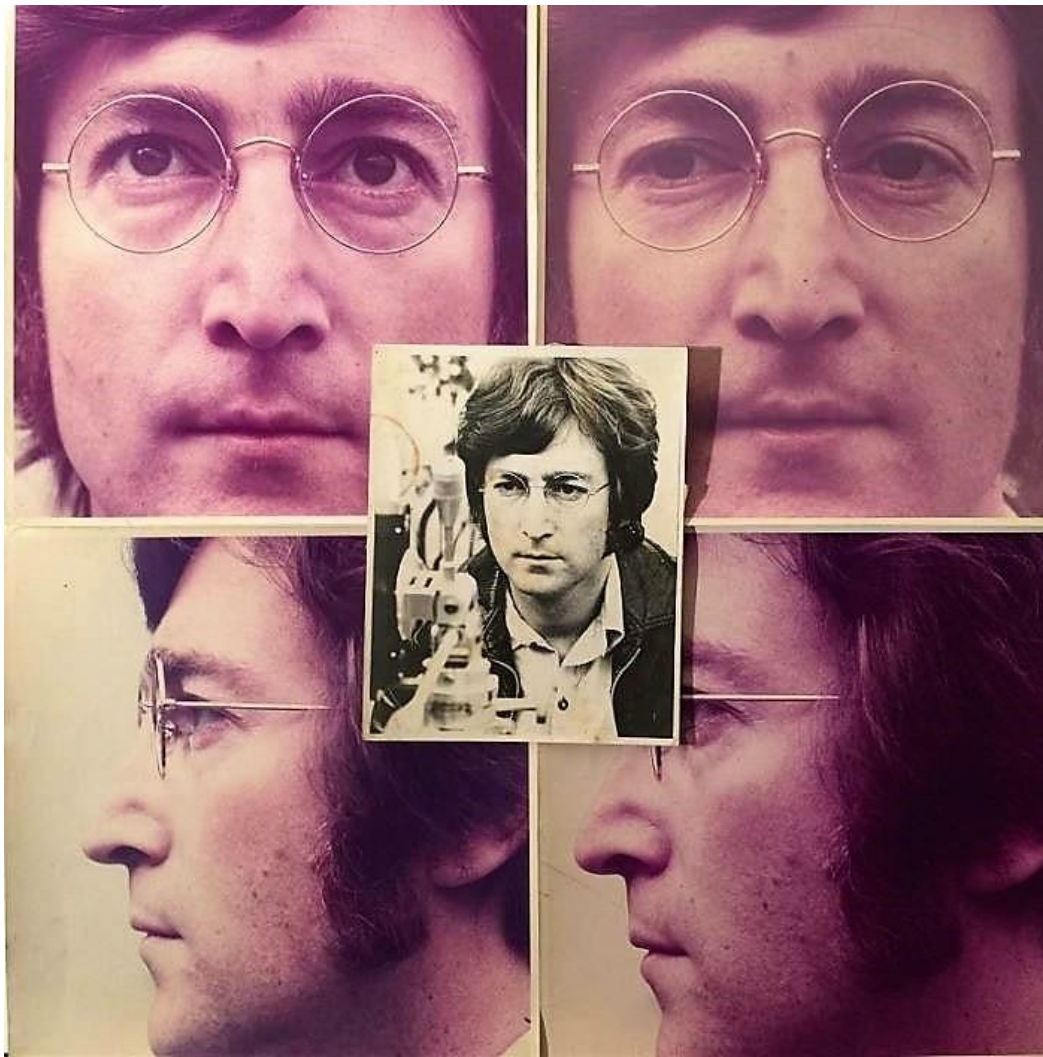


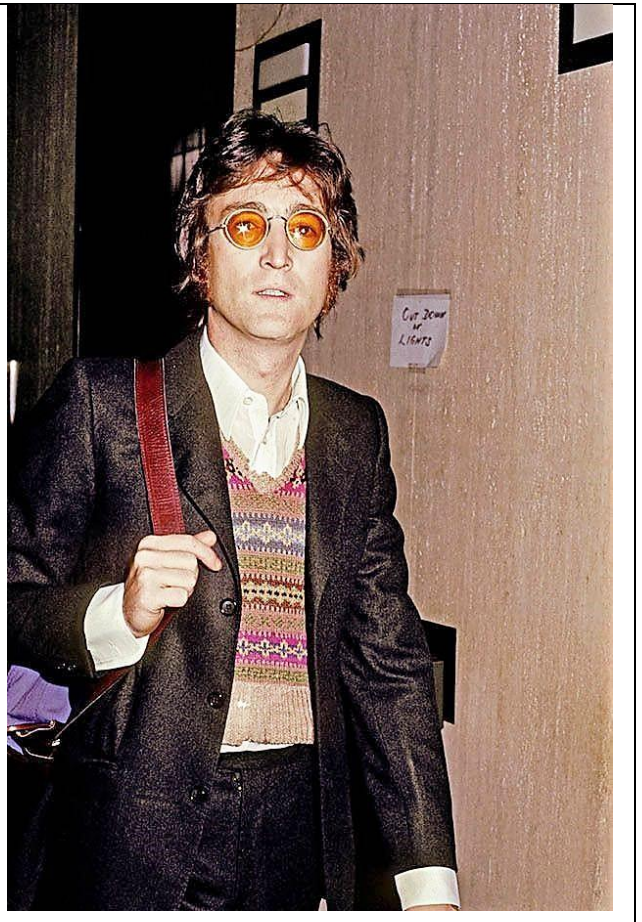
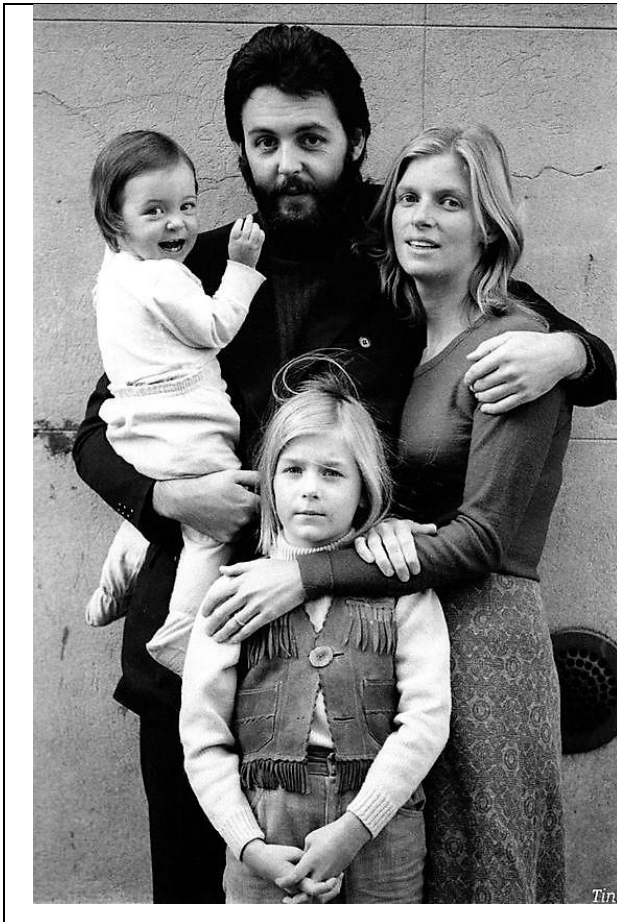
THE SOUL OF CARMEN MIRANDA

*Since the soul of carmen miranda had captured the mind of man
Dismissed with her generation for the price of a can-can
Consigned to the sideshows of history, with the patronized orphans of film
She seeded the bait and offered the faint hope of chance to innocent men
In love with the trance of her dances
And abandoned by them
And abandoned by them
She called in the boys
She remembered their names, and the sorry condition they came in
The dances were soiled, they spun and recoiled
From the master tapdancer inside them, beside them
The soul of carmen miranda had captured the mind of man
Dismissed with her generation for the price of a can-can
The soul of carmen miranda for the price of a can-can
The soul of carmen miranda for the price of a can-can*

LYRICS BY: JOHN CALE – THE SOOL OF CARMEN MIRANDA – JOHN CALE

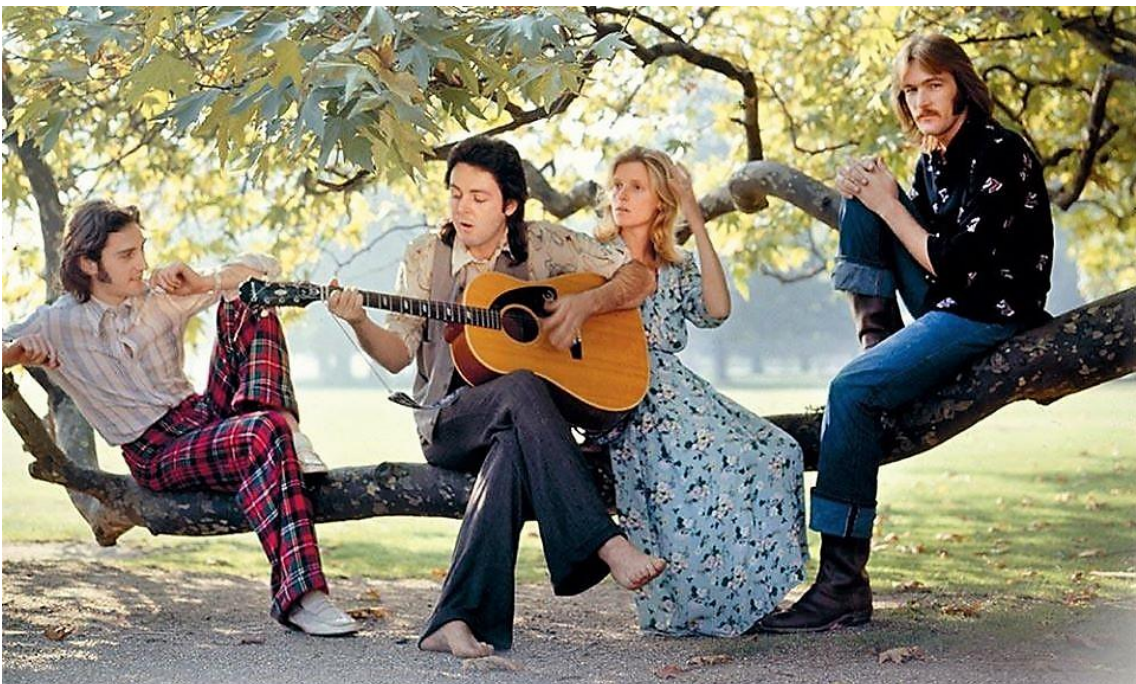






29 February 1972

The Lennons' six-month US visitor's visas expire. They are allowed only a 15-day extension. This is the beginning of a three-and-one-half-year struggle by John Lennon to continue to reside in America.





Boston Mayor Frees Rolling Stones From RI Police



Mao 1972 – Andy Warhol

1972
KARMA (AGORA TODOS NO CÉU)



Jorge Amiden, Alen Terra e Luiz Mendes Jr.

HÉLIO OITICICA & RUBENS GERCHMAN: ARTE EM NYC

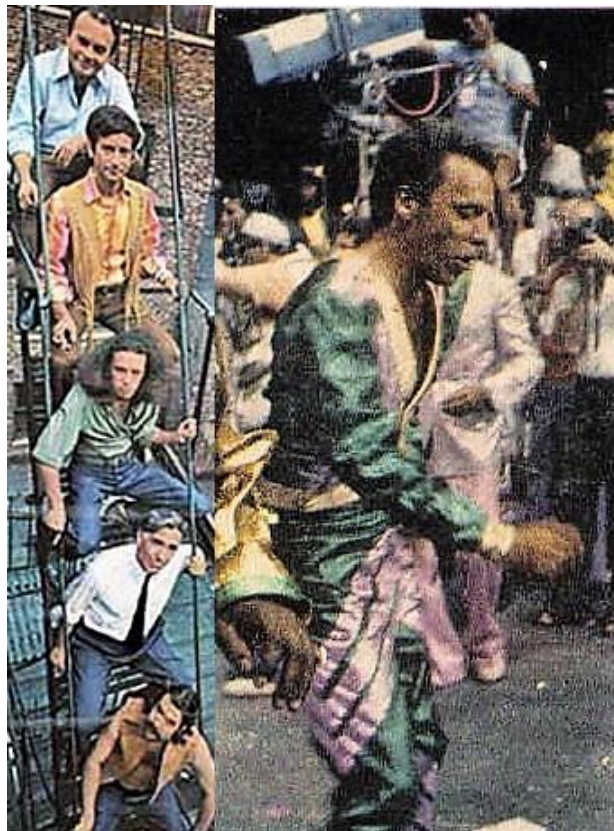
"Em Nova York levaram Abby Rockefeller para olhar Os Ninhos. Aí quando abriram, tinham um casal trepando lá dentro. Esse foi o máximo que eu já vi em participação, e foi um escândalo! Ninguém sabia o que fazer (...)

"Loft aqui está ficando legal: construí seis Ninhos para viver: também um troço que têm dois níveis, e por onde se entra pra o de baixo, por cima; Mário Pedrosa ficou louco, pois quando queria falar ao telefone tinha que subir tal plataforma". **(HÉLIO OITICICA).**

250 BOWERY – NYC

1972 À esquerda, na escada de incêndio do ateliê do artista no 250 Bowery, Soho, Ivan de Freitas, Roberto Delamonica, Hélio Oiticica, Amílcar de Castro e Rubens Gerchman

"O Hélio Oiticica morou um ano comigo em Nova York. Em 69 ou 70, veio de Londres e não tinha onde morar, aí ficou lá. No Brasil a gente já tinha feito capas de parangolés porque ele tinha assim uma profunda admiração por mim. Ele me abriu a cabeça para muitas possibilidades da participação do espectador. Então não era um artista ligado nessa coisa: ainda era um pintor, um artista gráfico." **(DEPOIMENTO A INTERVIEW – DEZEMBRO DE 1994)**



— O Hélio marcava o leite com fitas delimitando a quantidade de consumo diário. A carne também – Rubens Gershman conta, para dar a ideia do que era ser um artista de vanguarda sem público no Brasil e no exílio. **DEPOIMENTO A TONI MARQUES, CORRESPONDENTE DO JORNAL 'O GLOBO' EM NOVA YORK, 25/09/2002**

"Ele participou de uma importante exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York, a *INFORMATION*. Mas nunca conseguiu realizar nada além disso. Vivia das traduções que fazia. Nos seus últimos tempos lá, todo mundo sabe disso, fazia tráfico. Tanto que seu atelier foi invadido por um bando, destruíram e arrasaram tudo e ele foi se esconder noutra parte de Manhattan, virou um foragido. Ele sempre foi genial. Mas, quando o Hélio voltou de Nova York, ninguém mais deu bola pra ele. O Hélio, coitadinho, vivia aqui meio doente, sempre, dizendo: "Agora estou purificando meu nariz, pego ar puro da praia, estou até nadando". Mas a saúde já não era boa e ninguém ia às suas manifestações, como a do "Caju" e a do "Buraco Quente na Mangureira". Sempre fui a todas elas, mas e os outros? Sua morte foi um exemplo deste abandono. Depois de entrar pela janela da cozinha, Lígia Pape, amiga da vida inteira, encontrou-o desacordado atrás de um sofá. Ele teve um aneurisma e ficou dois dias desmaiado no chão. Como não teve socorro imediato, acabou morrendo pouco depois". (**RUBENS GERCHMAN EM DEPOIMENTO A INTERVIEW – DEZEMBRO DE 1994**)

'O MARGINAL ILUMINADO'

"Solitário, Oiticica viveu seus últimos dias. Na última noite em que foi visto, o artista bebia cerveja sozinho na boate 'Dancing Day's', no Morro da Mangureira. Ao chegar ao seu apartamento, teve um derrame cerebral que o paralisou. Durante três dias, ele tentou se arrastar pelos poucos metros que o separavam do telefone. Sua amiga Lygia Pape, estranhando a ausência prolongada do artista, foi ao apartamento e bateu na porta – sem obter qualquer resposta. Pela janela do vizinho, ela entrou na sala de Oiticica, que estava enrolado em suas próprias obras. Um projetor de slides iluminava seu rosto. (...) "

Levado para fora do prédio, Hélio Oiticica pareceu recuperar-se. 'Seu rosto iluminou-se quando ele viu a rua', lembra Lygia Pape. No hospital, o artista ainda tentou falar com a amiga, mas não conseguiu. Entrou em coma e morreu no dia seguinte, 19 de março de 1980. Oiticica foi enterrado no Cemitério de São João Batista. A bandeira da Mangureira cobria o caixão e um surdo da escola entoava o canto fúnebre em homenagem ao passista, ao companheiro de tantos carnavais". **WILSON COUTINHO IN VEJA 5 FEV. / 1986**

"O que me interessa nessa evolução de Gerchman é exatamente essa superação de uma época de superação da imagem, para formulação de uma síntese necessária hoje. (...) Em Gerchman, a tendência crescente ao uso do objeto é bem significativa (havia a tendência a um uso semântico da imagem, na maneira em que era exposta antes). Em 68 dizia eu, sobre isso (Correio da Manhã, **9 NOVEMBRO / 1968**), que havia uma tendência do 'esvaziamento do mais sensorial para o objeto essencial ou probjetessência, já que a estrutura aberta não se fecha no significado dirigido, mas se abre na redundância'. Era um processo claro, em Gerchman, e se mostra cada vez mais como sendo a espinha dorsal de suas experiências." **HÉLIO OITICICA, JORNAL DO BRASIL, 21 MARÇO / 1970**

Hélio Oiticica, Glauber Rocha e Rubens Gerchman, em conversa informal no Rio de Janeiro, discutem os destinos da cultura brasileira em Nova York. (FOTO: IVAN CARDOSO)

À MEIA-NOITE COM GLAUBER, UM FILME DE IVAN CARDOSO



(MÁRIO PAZCHECO)

Colorido. 35mm com 16 minutos, montagem de Francisco Moreira. Telecineclipe sobre a obra de Glauber Rocha, Hélio Oiticica, José Mojica Marins e Rogério Sganzerla em depoimentos tomados na década de 70, originalmente o título era *À MEIA-LUZ COM GLAUBER NA ZONA PROIBIDA*. A intenção inicial de Ivan Cardoso era realizar um média-metragem sobre o encontro de Glauber Rocha com Hélio Oiticica, no apartamento de Daniel Más, no Rio de Janeiro ao final de 1978. Ivan Cardoso, fotografou este encontro, que saiu como reportagem especial da revista Vogue, de janeiro de 1979.

Durante o desenrolar do processo Ivan Cardoso percebe que o documentário tem que ter Glauber Rocha como figura central e Hélio Oiticica como interlocutor de Glauber e do texto que Haroldo de Campos escreveu especialmente para os dois. Segundo o diretor:

— O filme se transformou num filme sobre a *ESTÉTICA DA FOME* somada a *ESTÉTICA DA VONTADE DE COMER*. Nesta vertente — Eu coloco o Mojica e o Sganzerla, especialmente. Por isto há imagens no meu curta também do Zé do Caixão e de O bandido da luz vermelha. O diretor também quis utilizar trechos do curta Di-Glauber, mas não pôde.

Quando dona Lúcia soube que tinha o Zé do Caixão e que não era exclusivo sobre Glauber Rocha, estrilou: — Deus me livre, não tem nada de Zé do Caixão. Se ele colocar Zé, eu tomo o filme e mato ele.

— Na verdade é um diálogo virtual com a experimentação no cinema. Ivan Cardoso. (...) Mais que engajado, Glauber foi amante da experimentação, seus filmes são trash, B. Os piores filmes brasileiros. Mas por serem os piores, são os melhores.(...) O lado desconhecido de Glauber o lado pop, trash, experimental, psicodélico.

“A preocupação principal de Gerchman centra-se no conteúdo social (quase sempre de constatação ou de protesto) e na procura de novas ordens estruturais de manifestação de modo mais profundo e radical (no que se aproxima das minhas em certo sentido): a caixa-marmita, o elevador, o altar onde o espectador se ajoelha são, cada uma delas, ao mesmo tempo que manifestações estruturais específicas, elementos onde se afirmam conceitos dialéticos como o quer seu autor.

Daí surgiu a possibilidade de criação do Parangolé social (obra em que me propus a dar sentido social a minha descoberta do Parangolé, se bem que este já o possuísse latente desde o início, e que foram criadas por mim e Gerchman em 66, portanto mais tarde.” Hélio Oiticica (primeiro à esquerda). *ESQUEMA GERAL DA NOVA OBJETIVIDADE*, IN

NOVA OBJETIVIDADE BRASILEIRA, RIO DE JANEIRO, MUSEU DE ARTE MODERNA – MAM-RJ, 1967.

**GERCHMAN: ROLIMÃ ARTÍSTICO
(MÁRIO SALIMON *CORREIO BRAZILIENSE,
6 NOVEMBRO / 1990)**

"A bordo do cargueiro 'Netumar', que o levava à cidade de Nova York onde gozaria o prêmio da viagem oferecido pelo MEC em 1968, escuta pelo rádio a promulgação do AI-5. Na 'Grande Maçã', aluga um apartamento na West 71 e participa de várias coletivas, dentre elas a 'Fashion Poetry Eventa', do qual faz parte o papa do pop Andy Warhol. Juntando-se com outros artistas, funda o 'Museu Latino-Americano' e logo vê suas obras sendo adquiridas para coleções particulares e museus dos Estados Unidos. Em Nova York, vai morar no apartamento 250 da rua Bowery, esquina da Spring Street e vê nascer o Soho, ponto de encontro artístico. Em seu ateliê, onde mora até 1973 com a mulher e dois filhos, hospeda Hélio Oiticica, Lygia Clark e Glauber Rocha. Antes de voltar para o Brasil, experimenta com a linguagem de vídeo em uma peça de seis horas com Glauber Rocha. O trabalho, que teve trilha sonora de Naná Vasconcelos, foi considerado uma das primeiras produções latino-americanas de vídeo alternativo-cultural e abriu caminho para um segundo 'Triunfo Hermético', com música de Aírto Moreira e a participação de Flora Purim e do baixista Stanley Clarke, então um dos pupilos de Miles Davis. De volta ao país do futebol e do carnaval, passa a co-editar a revista 'Malazarte', criada por um grupo de artistas do Rio e de São Paulo e a dirigir a 'Escola de Artes Visuais do Parque Lage'.



1970 ATELIÊ DO ARTISTA NO NÚMERO 250 BOWERY, SOHO

"Aí, como eu era o único em quem confiava, fiz uma edição dos seus parangolés. Levei-o no melhor impressor, o Claus Oldenburg, que atendia o Roy Lichtenstein, para fazer a gravura do Hélio. Era uma foto que ele me deu, com o Luiz Fernando vestindo a capa no cais da rua 42. Mas ele não gostou do resultado, achou uma merda. Por causa de um preto, cara, refizemos a impressão cinco vezes. Era um off-black complicadíssimo, com quatro impressões de preto, mais um cinza, um prata, vários grises no fundo, mas no final ele ficou satisfeitíssimo. Aí ele assinou aquilo tudo, eram umas 100 gravuras, tirou uma prova de artista para ele e me deu uma, que está emoldurada aqui em casa. Até ai, tudo bem...

(...) Guardei o trabalho e trouxe-o comigo para o Rio. Combinei com o Hélio: quando você puder ou quiser, vamos fazer um lançamento no Brasil. Passaram-se uns oito anos até que um dia o Hélio me ligou, nervoso, gritando: "Gerchman, cadê aquela edição? Você está me roubando!" Ele estava puto, era dado a iras assim, mas consegui dizer: "Porra, Hélio, tá tudo aqui guardado, vou levar agora aí na sua casa". Quando ele viu o pacote fechado, ainda com o carimbo da alfândega, intacto, começou a chorar. (...) Um

artista abandonado pelo mundo das artes plásticas, mas que depois de morto foi endeusado. Em vida, ele nunca vendeu nada, a não ser uns meta-esquemas que o Vergara vendeu para o Gilberto Chateaubriand. Depois fizeram esta Fundação Hélio Oiticica e aí sumiram com algumas coisas. Como aquela tiragem de 100 gravuras que fizemos em Nova York – edição lindíssima, investi uns 5 mil dólares, hoje seriam uns 20, delas nunca recebi um tostão -, andou sendo vendida lá fora por um alto preço. Esta Fundação H.O., vendeu muita coisa, levantei a lebre, tentei publicar isso no 'Globo', contra esse cara que monta todas as exposições, o Luciano Figueiredo, mas fui sabotado. Estão vivendo em cima do cadáver dele. São os vampiros do Hélio Oiticica. Fizeram exposição dele, em Paris, no Petit Palais, no Grand Palais, no Jeu de Paume, também em Sevilha, hoje, depois de morto, virou um grande nome mundial". **(RUBENS GERCHMAN EM DEPOIMENTO A INTERVIEW – DEZEMBRO DE 1994)**



Edição serigráfica realizada a pedido de Hélio Oiticica por Rubens Gerchman

(100 exemplares impressos sob supervisão do artista, numerados e assinados, Editora Ludos).

- Em 1972, Carlos Vergara idealiza a mostra intitulada *EX-POSIÇÃO*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em lugar da individual que estava agendada, o artista organiza uma mostra coletiva, posicionando-se criticamente em relação à realidade política do país. Em suas palavras: “Era tão agonizante a situação que se vivia, que achava um absurdo fazer uma individual fingindo que não estava acontecendo nada. Era já uma postura política tentando abrir o espaço individual para uma coisa mais coletiva.” De Nova York, Hélio Oiticica envia para a mostra o projeto do *FILTRO*, um penetrável que conduz o trajeto do público. A exposição abriga múltiplas linguagens, apresentando pinturas, desenhos, fotografias e filmes super-8 de muitos artistas, entre os quais Roberto Magalhães, Caetano Veloso, Chacal, Bina Fonyat, Glauco Rodrigues, Ivan Cardoso e Waltércio Caldas. Além de organizar a exposição, Vergara apresenta seu trabalho fotográfico sobre o carnaval e uma reportagem realizada com Fonyat no vilarejo de Povoação (ES). Também mostra seu filme *Fome*, em super-8, e o *Texto em branco*, publicado pela editora Nova Fronteira.



- Uma década após sua criação, o *Resumo da arte do Jornal do Brasil*

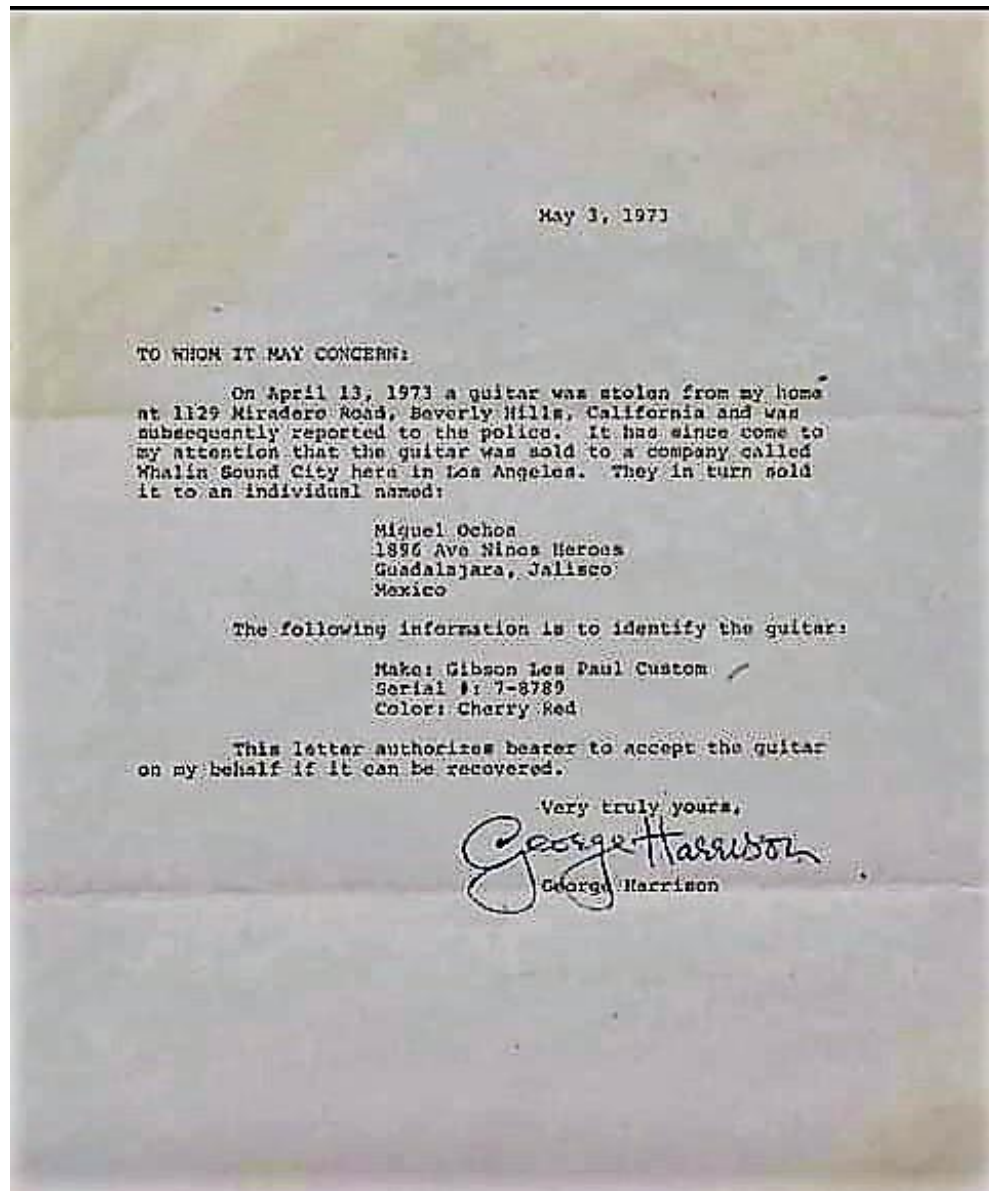
realiza sua décima e última edição. A mostra recebe elogios do pintor Di Cavalcanti e do crítico Ayala.

- O fotógrafo, Cecil Beaton é nomeado cavaleiro do Império Britânico.

Jackie Curtis e Andy Warhol na Margo Leavin Gallery, West Hollywood, 1972



David Bailey and Andy Warhol

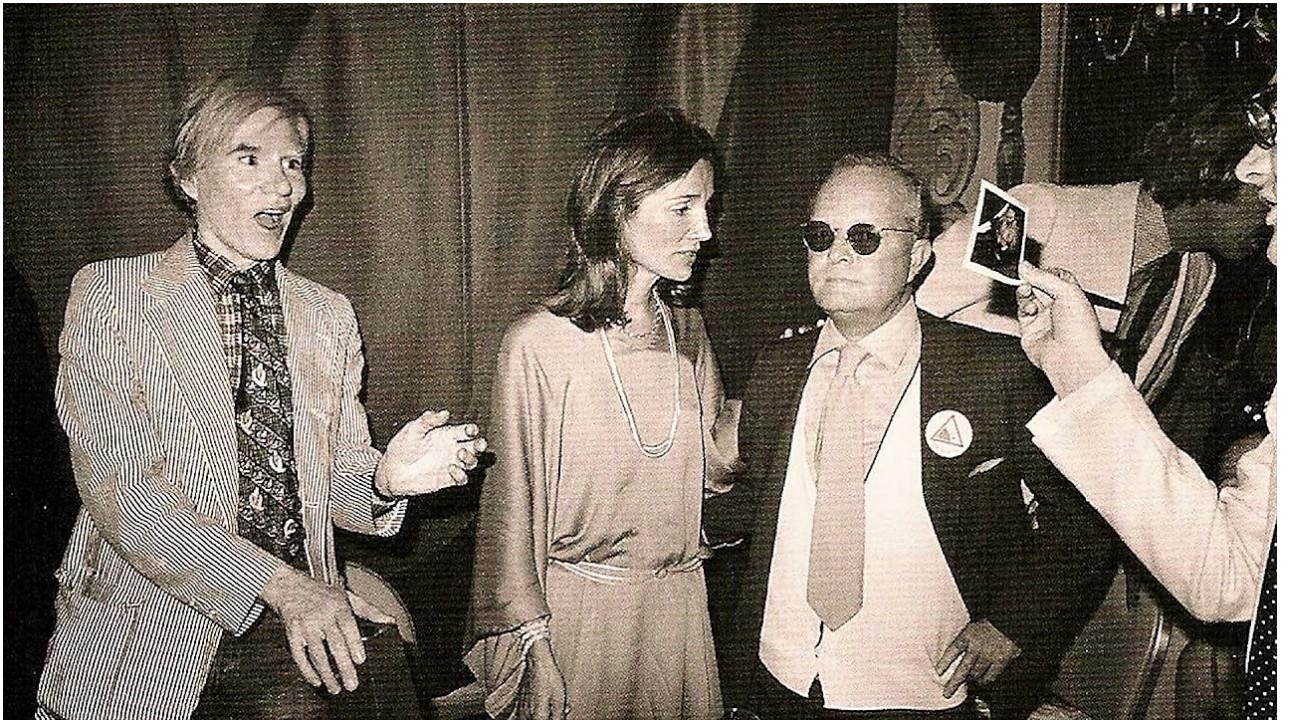


**ROY
LICHTENSTEIN**

Still Life with
Picasso from
Homage to Picasso
(Hommage à
Picasso) **1973**

Silvia Amélia, a pantera carioca de Paris – teve colocado um quadro seu na porta da famosa galeria de arte, a Sonnabend Gallery. O quadro segundo se apurou, foi encomendado pelo Barão de Waldner, que pagou “somente 30 mil dólares pela sua feitura e exposição.”
1974





Andy Warhol, Lee Radziwill, Truman Capote & Vincent Fremont, New York City, 1972
by Annie Leibovitz

1975: EVERY DUDE IN BROOKS BROTHERS

Andy Warhol, with Fred Hughes, Vincent Fremont, Ronnie Cutrone, Bob Colacello, and Sean Byrnes, all dressed in Brooks Brothers.



Fred Hughes and Andy Warhol



Andy Warhol photographed with art collectors Ethel and Robert Scull, sculptor George Segal, and painter James Rosenquist at the Scull's residence in 1973. (Photo by Jack Mitchell/Getty Images)



TRUMAN CAPOTE POR ANDY WARHOL (1973)

12 DE ABRIL DE 1973

Em 1972, a revista Rolling Stone pediu a Truman Capote para cobrir a turnê *Exile on Main Street*, dos Rolling Stones. Mas, meses depois, Capote não foi capaz de produzir uma história. A revista pediu a Andy Warhol para entrevistar Capote, e a história resultante foi chamada de “um áudio-documentário”, de poucas conversas e números do contador do gravador inclusos.

631

(Deixando o quarto Ok. Lado de fora – Central Park South)

000

TRUMAN: Por que não saímos para uma volta no parque? A gente pode visitar o iaque. Em Bonequinha de Luxo, era isso o que Holly Golightly costumava fazer, todas as vezes que ela fazia o que costumava chamar de “os significados vermelhos”. Ela costumava ir visitar o iaque no zoológico...

060

(Eles passam pelas carruagens de cavalos alinhadas à periferia do parque.)

TRUMAN: De alguma forma, eu nunca poderia andar numa dessas porque me identifico com o cavalo... Você se identifica com animais, Andy? Eu sei que você se identifica com gatos, porque você costumava ter uns vinte...

(Truman vê um jornal.)

Tim Leary vai para Vacaville. Vacaville possui segurança máxima, mas é a melhor prisão e o melhor...

ANDY: Você sabe que eu o acabei de ver em St. Moritz? O zoológico é por ali. Eu vi Leary na véspera de Natal. Não é louco isso?... O zoológico é logo ali. Não é o zoológico ali?

TRUMAN: Não, não.

ANDY: Não, não. O zoológico é ali... Mas foi tão estranho ir à casa de alguém e lá estar Timothy Leary.

TRUMAN: Eu pensei que ele estivesse a caminho do Afeganistão.

ANDY: Não. Ele estava com uma moça muito bonita que parece estar apaixonada por ele.

TRUMAN: Ele era como Meyer Lansky sem dinheiro. O cara realmente escapou da prisão na Califórnia, certo ou errado, por qualquer que tenha sido seu crime. Mas a questão é: ele realmente fugiu de maneira maravilhosa com o dinheiro. Foi para a Argélia, se mandou com Eldridge Cleaver... Eldridge Cleaver não o colocou na cadeia? Vai ser realmente interessante ver o que acontece quando finalmente eles pegarem Eldridge Cleaver. Ele vai ter de voltar porque a Argélia já está de saco cheio dele. Para onde ele pode ir?

BOB (Colacello, editor da Interview): Ele pode ir para qualquer país-africano, ou qualquer país comunista. Cuba ficaria encantado de recebê-lo.

ANDY: Bem, então por que Cuba não pegaria Tim Leary?

TRUMAN: Bem, ele tentou lá. O governo argelino quer muito Cleaver fora de lá, eu compreendo. Eles o consideram uma encrenca danada. Além disso... você sabe aquele avião que eles sequestraram e enviaram para a Argélia, e eles conseguiram os US\$ 750.000,00 de resgate. Foi tudo feito por Eldridge Cleaver.

ANDY: Oh.

ANDY: Você vai ver o gorila? Oh, nós vamos para os veados.

TRUMAN: O iaque é bem aqui – em algum lugar...

ANDY: O estilo hippie realmente já era. Todo mundo se voltou para as roupas bonitas. Não é ótimo?... você alguma vez quis alguém para te chamar de papai?

TRUMAN: Me chamar de papai?

ANDY: Sim.

TRUMAN: Não. Nem o contrário, também.

ANDY: Mas “papai” não é legal? “Papai”... “Pai”... soa legal...

TRUMAN: Eu sempre fui uma pessoa muito independente. Estritamente sozinho.

154

TRUMAN: Você disse uma coisa pra mim que realmente me espantou quando fui à sua hoje.

ANDY: O quê?

TRUMAN: Você disse que minha mãe te telefonou. Eu fiquei pasmo. Realmente pasmo.

ANDY: Você ficou? Por quê?

TRUMAN: Porque minha mãe era uma alcoólatra.

ANDY: Mas eu encontrei sua mãe.

TRUMAN: Eu sei que você encontrou minha mãe. Mas minha mãe era uma mulher muito doente, e uma alcoólatra.

ANDY: Sério Quando eu a encontrei, ela não era.

TRUMAN: Sim, ela era uma alcoólatra quando você a conheceu. Ela era uma alcoólatra desde que eu tinha 16 anos, então ela era uma alcoólatra quando você a conheceu...

ANDY: Eu nunca soube disso.

TRUMAN: Você não percebeu?

ANDY: Ela foi tão doce comigo.

TRUMAN: Bem, ela tinha essa coisa de ser doce e carinhosa, e de repente ela... bem, você sabe, ela cometeu suicídio.

ANDY: Mesmo? Oh, eu não sabia disso. Pensei que ela tivesse ficado doente.

TRUMAN: Não, não, não, não. Ela cometeu suicídio. Ela possuía essa qualidade de doçura extraordinária, mas era uma dessas pessoas que tomavam um drinque aqui outro ali...

ANDY: Eu acho que você tem de ser diferente para ser capaz de ser outra coisa.

TRUMAN: Vou te dizer uma coisa sobre Mick Jagger. Ele é fascinante no sentido de ser um dos artistas mais complexos que eu já vi. Ele possui essa notável qualidade de ser absolutamente capaz de ser totalmente extrovertido. Muito poucas pessoas podem ser inteiramente, absolutamente, completamente extrovertidas. É uma coisa rara, delicada, estranha. Só puxar de você mesmo assim e whamm! Isto ele consegue fazer muito fácil. Mas o que faz disso algo mais incrível é que, no momento em que está feito, está acabado. E ele volta a ser essa pessoa privada, quieta, sensível e muito mais madura emocionalmente do que a maioria dos atores e intelectuais são capazes de ser. Ele é uma das poucas pessoas que consegue fazer isso; ser uma pessoa absolutamente extrovertida e depois reverter para uma introvertida. E então, nesse sentido, ele é um ator extraordinário. E é isso mesmo o que ele é, porque: a) ele não sabe cantar; b) não sabe dançar; c) não sabe porra nenhuma de música. Mas ele sabe subir lá e ser esse incrível showman. E fazer uma performance fantástica, cujo elemento vital é a energia. Você não acha?

Diga me o que acha. Você acha que ele sabe cantar?

BOB: De quem vocês estão falando?

TRUMAN: Mick Jagger. Bem, ele não sabe cantar se o compararmos a, digamos, Billie Holiday. Ele não sabe cantar se comparado a Lee Wiley. Não sabe cantar se comparado a...

ANDY: Al Green.

TRUMAN: Ele não sabe se comparado a Frank Sinatra. Eu sei que você pensa que estamos falando sobre coisas em categorias separadas, mas não estamos. Você sabe? Não é que seja... A amplificação do som – o rock – está levando a coisa à frente. A batida. Mas isso não tem nada a ver com a habilidade de o vocalista na verdade levar a coisa toda. Porque Mick não leva a coisa. Ele a conduz como um performer com sua energia, sua condução e confiança.

Eu ouço bastante os discos. De maneira nenhuma estou tentando denegri-lo como intérprete, porque acho que ele é um intérprete realmente extraordinário. Mas o que acho que é fantástico sobre ele é que não há nada a respeito das coisas que ele faz que não seja bom em fazer. Ele não – ele de fato não sabe dançar, e não sabe se mover. Ele se movimenta de maneira mais desengonçada, um tipo de paródia entre uma garota americana cheer leader... e Fred Astaire. É como se ele tivesse essas pessoas esquisitas combinadas conjuntamente. De um lado, é essa cheer leader, de outro é um negócio à la Astaire. Mas, de alguma forma, a combinação funciona. Ou, ao menos, funciona para a maioria das pessoas...

ANDY: Você gostava de viajar com eles?

TRUMAN: Oh, eu gostava. Eu só não queria escrever a respeito, porque nunca me instigou criativamente. Você sabe? Mas eu gostei como uma experiência. Acho que foi divertido... eu gosto dos Rolling Stones individualmente, um por um, mas o que eu não gostava é que eles tinham – e especialmente as pessoas ao redor deles -, tinham tal desrespeito pelo público.

Aquilo acostumava realmente me irritar. Era como se: "Bem, esses garotos ficaram na fila por apenas 27 horas, sabe?".

ANDY: Por que não vamos nos sentar em um bar? Tomar uma bebida?

TRUMAN: Eu achei as pessoas no backstage muito bacanas. As que estavam realmente fazendo o trabalho. São aqueles fingidos com agentes de imprensa. Existe um agentezinho de merda cujo nome... algo... que era um grande amigo de Charlei Manson, e que gravou três dos discos de Charlei Manson, e acreditava que Charlie Manson era Jesus Cristo – isto foi antes de Charlie Manson ir. Ele era uma gente de imprensa na turnê de rock and roll! Digo, eles tinham umas belezinhas lá... Marshall Chess...

504

ANDY: Por que não vamos a um bar e então eu posso te perguntar as seis questões que a Rolling Stone quer que eu faça?

TRUMAN: Ok. Meus dedos estão congelando.

000

(no bar Carlyle do Hotel)

TRUMAN: De quem são essas perguntas? De Jann Wenner?

ANDY: Sim. A primeira é.

TRUMAN: Espere. Quero pedir alguma coisa antes de você fazer isso.

091

TRUMAN: Eu vou querer um J&B on the rocks com um copo de água, por favor.

ANDY: Eu quero um Grand Marnier.

TRUMAN: Bem, essa foi uma caminhada boa. Acho que a grande coisa de se andar no zoológico em Nova York seja... Eu costumava ir pra escola aqui por dois anos. Eu fui pra um colégio particular aqui, e matava quase todas as aulas. Digo, literalmente, quase não as assistia. Ao menos quase todo dia. Não aguentava ir à escola. Eu tinha por volta de 12 anos. E costumava passar mais tempo vagando por aquele parque, junto ao zoológico, para usar meu tempo entre as nove da manhã, quando supostamente estaria em aula, e às duas da tarde, quando deveria estar saindo.

Finalmente, encontrei três coisas pra fazer. Uma era: eu ia dar um passeio no parque, se o dia estivesse bom. Dois: eu ia à Biblioteca da Sociedade de Nova York. Foi lá onde encontrei Willa Cather, e ela tornou-se essa grande amiga minha, quando eu era, você sabe... só um garoto. Ela ficou muito interessada em mim. E terceiro: acredite ou não, ir ao Radio City Music Hall e sentar-me durante uma produção inteira, começando o filme às nove, e eu veria dois shows e um filme.

Mesmo assim, não consegui meu diploma.

291

ANDY: A primeira pergunta era "problemas".

(Truman ri)

ANDY: Jann quer saber qual seu problema. Sobre escrever o artigo.

TRUMAN: Por que eu não escrevi o artigo?

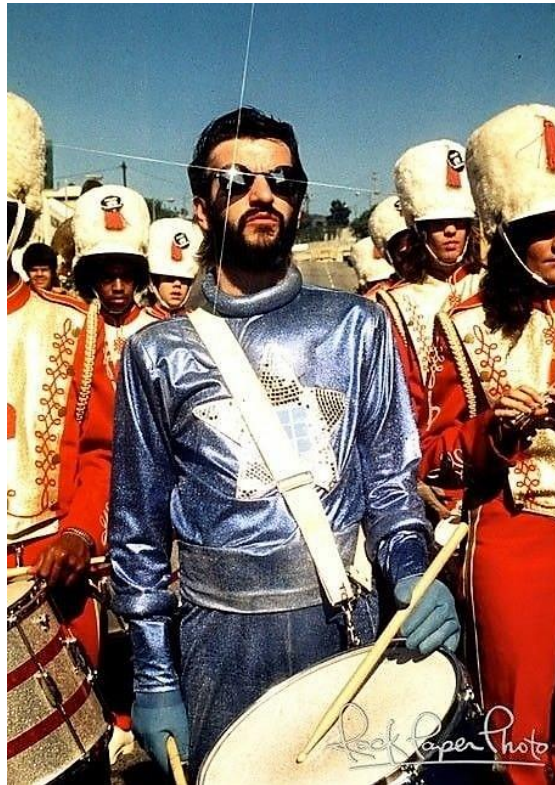
ANDY: Sim.

TRUMAN: O motivo foi – duplo. Um: à medida que a coisa progredia, eu via mais e mais besteiras escritas sobre a turnê inteira, e, ordinariamente, esse tipo de coisa não me incomoda, digo, por exemplo, posso cobrir um julgamento que está sendo coberto por dezesseis ou dezessete jornais ao mesmo tempo, e isso não me irrita em um pouco porque sei que tem alguma coisa a ver com meu próprio conhecimento.

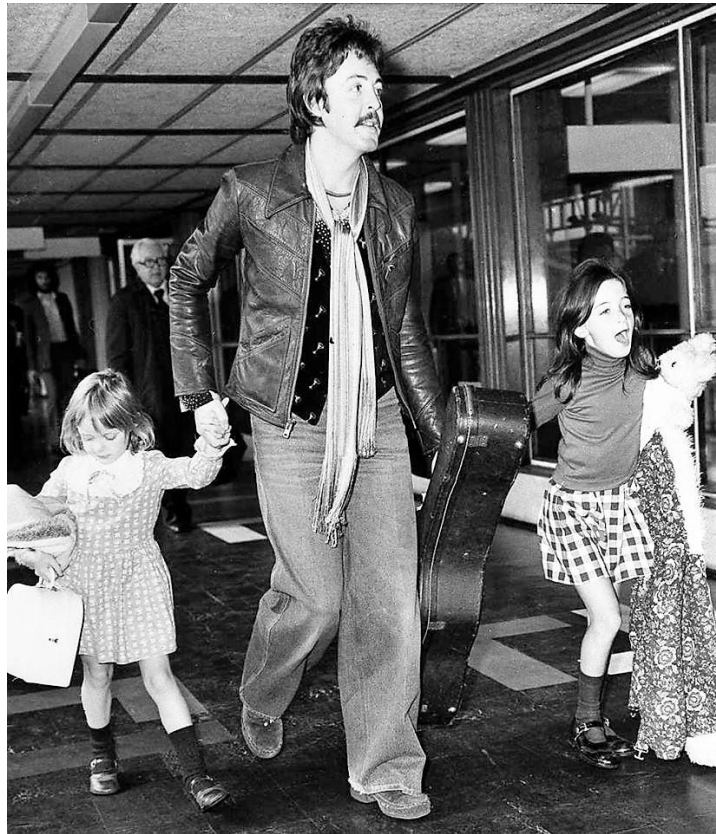
Mas meu problema com isso era que especialmente no jornalismo literário... au reportage... precisa haver um elemento de mistério para mim sobre isso. E o problema para mim a respeito daquele artigo em particular.



Jerry Hall, Andy Warhol, Debby Harry, Truman Capote and Paloma Picasso



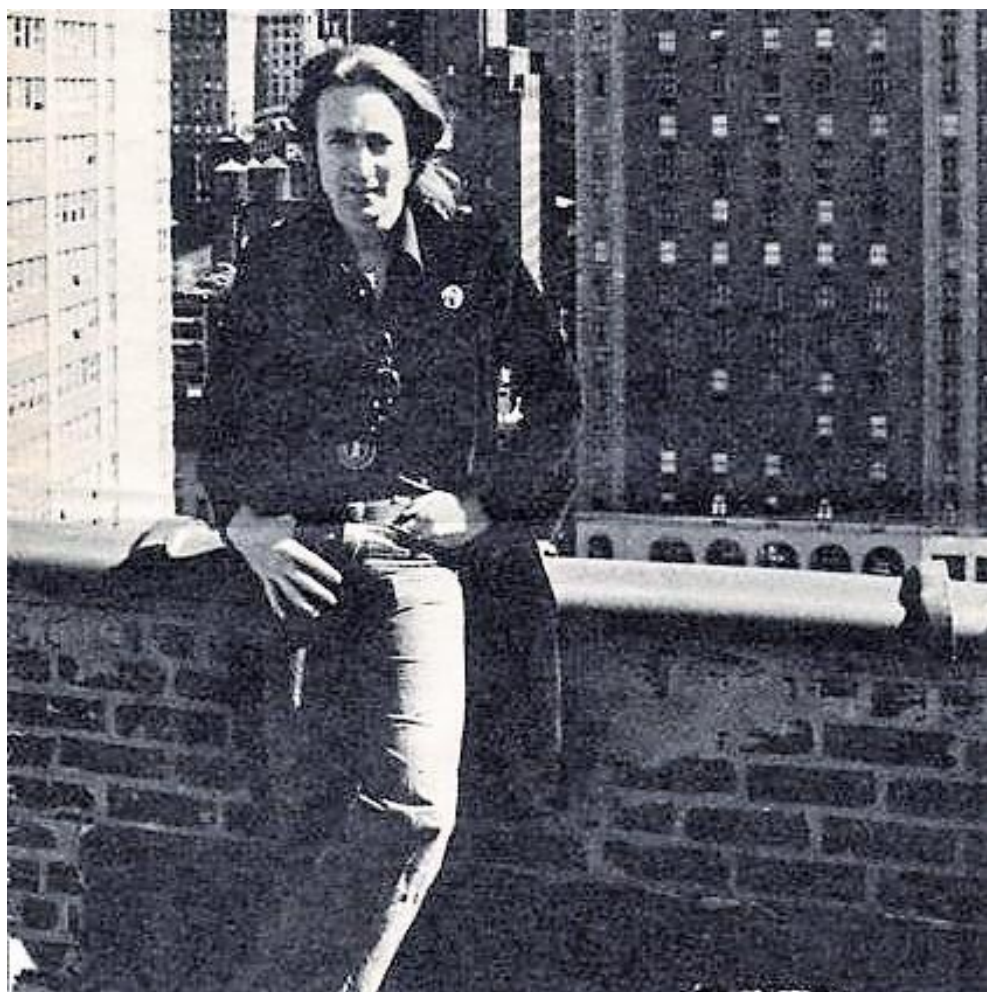
1974

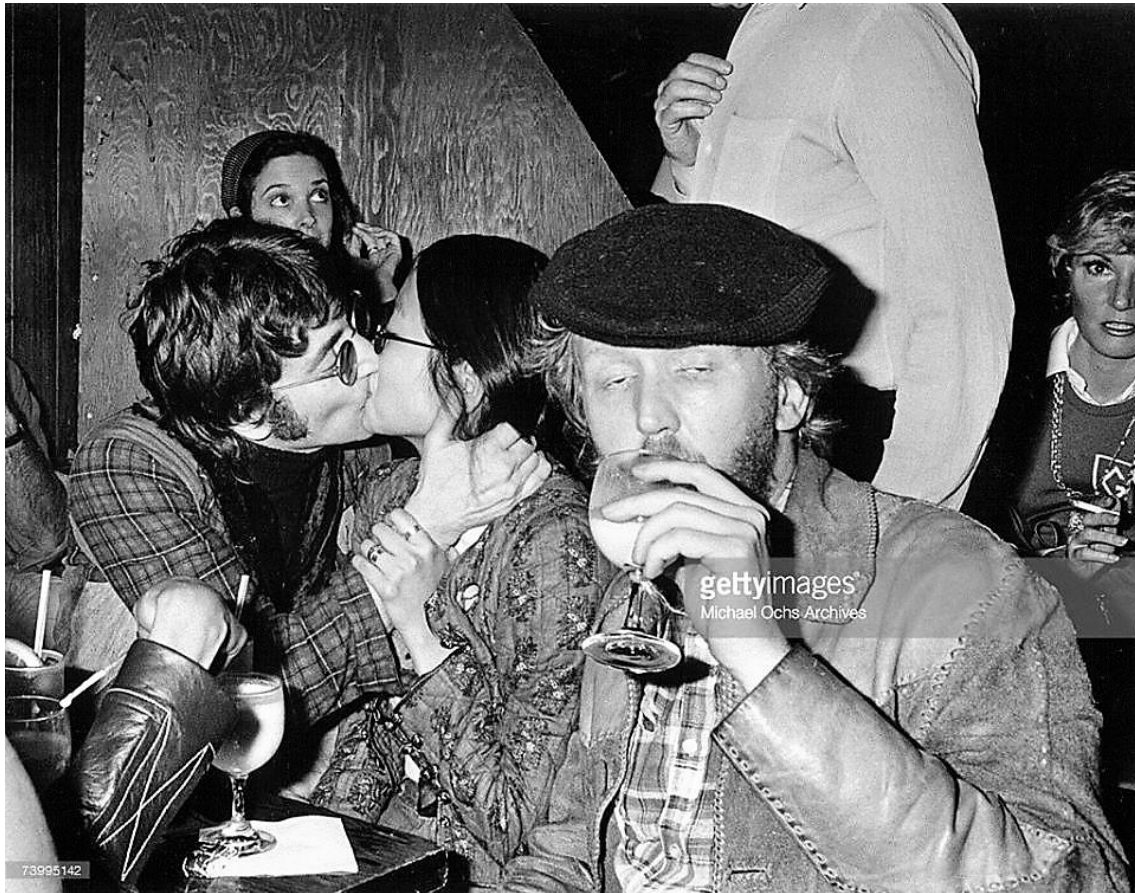


Paul, Mary, and Stella at Heathrow, 1974 (Mary is 5 years old)

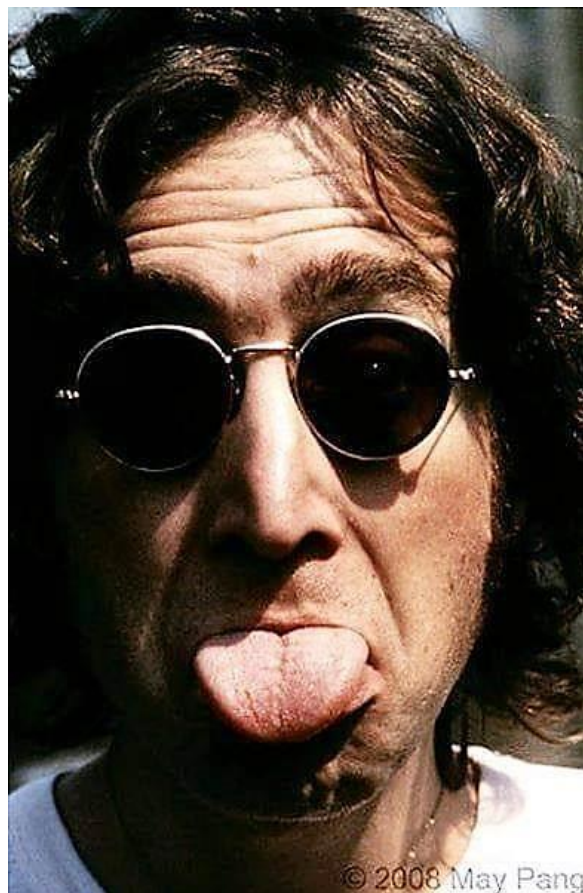


Elton John and John Lennon at Record Plant, New York, June 1974





MARCH 12TH 1974 – John Lennon and Harry Nilsson Tossed From Troubadour for drunken heckling





John Lennon and Elton John at The Record Plant in NYC before the Madison Square Garden show in 1974. (Photograph by Sam Emerson).





Martes 26 de
Noviembre de 1974....
John Lennon y Elton
John ensayan en los
estudios de Record
Plant en Nueva York
para el concierto de
Elton que tendría lugar
en el Madison Square
Garden en Nueva
York en el día de
Acción de Gracias el
Jueves 28 de
Noviembre,
cumpliendo así su
promesa de actuar
con él si la canción
"Whatever Gets You
Through The Night"
llegaba al número 1
en Estados Unidos...Y
así fué...La canción
llegó al número 1 el 13
de Noviembre de
1974...También
aparecen en alguna foto Nigel Olsson y Ray Cooper .



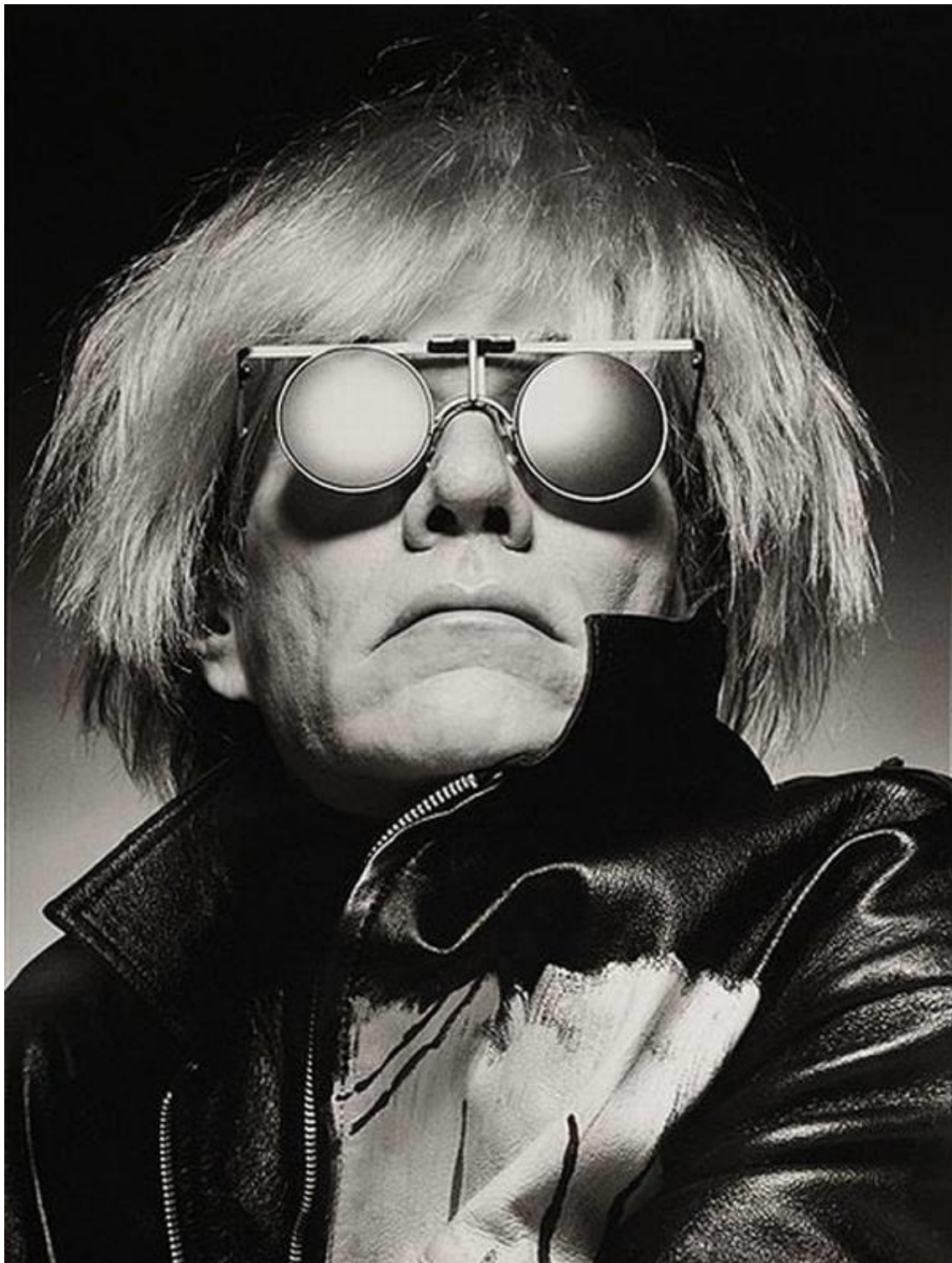


FOTO: ALBERT WATSON

1975

14 ABRIL

Ron Wood's entrance into the debauched world of rock 'n' roll excess that was the Rolling Stones arrived via a press statement on April 14, 1975. Turns out, even after proving his meddle by playing his first show as the band opened a world tour, Wood would have a long way to go in order to become a full-time member.

18 ABRIL

Reatado com Yoko Ono, John Lennon apresenta-se ao vivo, num especial de tevê pela última vez.



Harry Nilsson, Ringo Starr, Elton John, Paul McCartney and Linda

27 MAIO

Paul McCartney & Wings lançam o LP *Venus and Mars*.

JUNHO

Serguei trabalha na Centaurus Production, uma empresa que, o escala para shows. É o primeiro roqueiro brasileiro a cantar para adolescentes americanos. Recortes de jornais americanos documentaram suas passagens também por boates cantando Elvis Presley e Chuck Berry.

George and Paul chatting at a party in 1975. NOTICE how they are both holding on to the same glass which I interpret as a deep bond between them, in spite of their sometimes rocky post Beatle relationship. I seriously doubt Paul would let someone (aside from family) to touch his glass, George being the rare exception.





*Sabine
Schoof e
Sérgio
Dias*



Skema
Seis

1975 – 18
DE
OUTUBRO



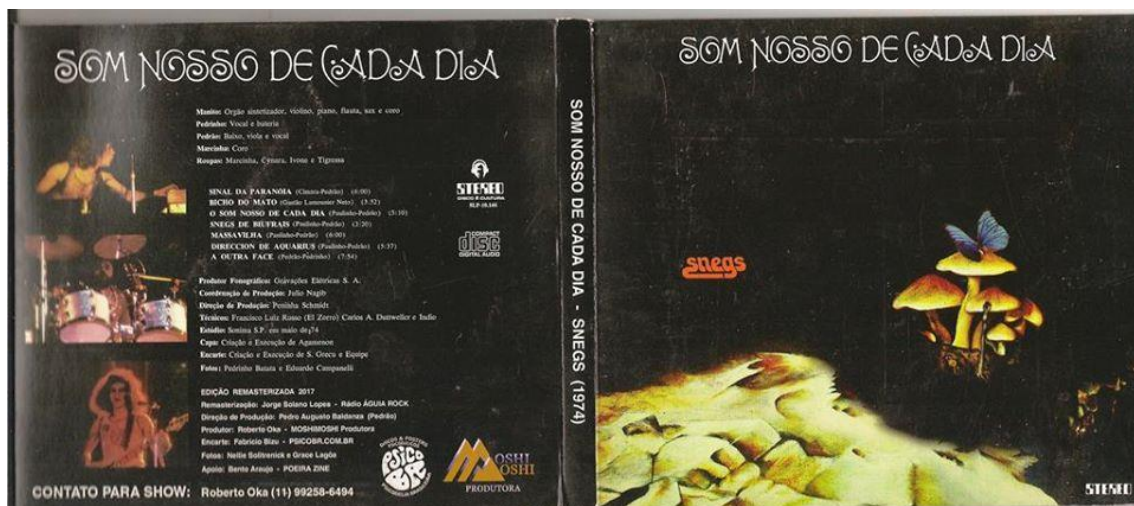
Colaboração de Marcelo Lafaro – Correio Braziliense, 18 out. / 1975

"Entrevistei o Pedrão em um hotel do lado do Setor Comercial, um daqueles mais baixos. Me lembro bem que a gata do cara trocou de vestido na nossa frente e eu achei aquilo o máximo." (SERGIO PINHEIRO)

"Existe a 'estória' dos padres maristas achando que pelo nome, O Terço e o Som Nosso de Cada Dia, eram bandas de música religiosa. Essa é a única e exclusiva razão pela qual essas bandas tocaram na L2 Sul em 1975 no auge da repressão, Golbery et caterva mandando no país e se não fosse o aval dos Maristas (que só na hora do show viram do que se tratava), de maneira alguma ia ter sinal da paranóia no Plano Piloto. Essa aí foi contada pelo Pedrão." (TIAGO RABELO)

"Alguma info dessa gig? Como estava o som do P.A? Quem fazia som aqui nessa época? Deu uma galera? Alguma foto? Rock Nacional (dessa época) = info zero." (ROLANDO CASTELLO JUNIOR)

"Segundo Pedrão, o som foi trazido pela banda, parece que teve um público e que os padres queriam cancelar mas a molecada no ginásio não deu espaço pra que isso ocorresse, muitos alunos e entusiastas eram filhos de militares de alta patente e diplomatas, e isso sempre foi um salvo-conduto pra playboy roqueiro no Plano Piloto, depois disso, O Terço só viria tocar aqui em 1986, no ROCK WAVE e depois no Projeto HERÓIS DO ROCK do Vecchione do Ferrock e o Som Nosso de Cada dia também no Ferrock do ano passado." (TIAGO RABELO)



Comprei o LP Snegs junto com o LP do Moto Perpétuo, era 1985? A UVA ouvia Sá, Rodrix, e Guarabyra. Snegs foi um divisor de águas, é o disco nacional que eu mais escutei. Ao longo de 1988-91, os anos verdes, o som da farra era Snegs e Cécé aparece cantando sem parar "Cenouras" do Som Imaginário. Snegs foi o disco tocado mais alto aqui na chácara e perturbava os vizinhos, o disco era tocado assim desde quando chácara. Os cachorros se deliciavam com. As letras de Snegs por serem letras tão urbanas tornou o disco pastoral e proporcionou muitas viagens. O disco abriu as portas para Zezinho Blues, Ricardo Lima já curti e aí pintaram Tiago, Blavis, Thomé, Protofonia, o Zimmer-Cöllén Studio. Esse artefato digital nacional psicodélico foi ganho do Fabricio Bizuio.

"Adoro esse disco. Me lembra bons momentos da minha adolescência." (**SÉRGIO PINHEIRO**)

*Pedro
Baldanza &
Blavis*





*Andy
Warhol,
Paris,
1975 –
foto:
Helmut
Newton*



*Foto de Richard Drew –
1976/Associated Press*

Artes Plásticas: o artista pop Andy Warhol sorri com uma câmera fotográfica polaroid em foto tirada em 1976, em Nova York (EUA).

- *Underground and emigrants, (Andy Warhol ator).*

1976

- It's the thirtieth anniversary of Max's Kansas City.

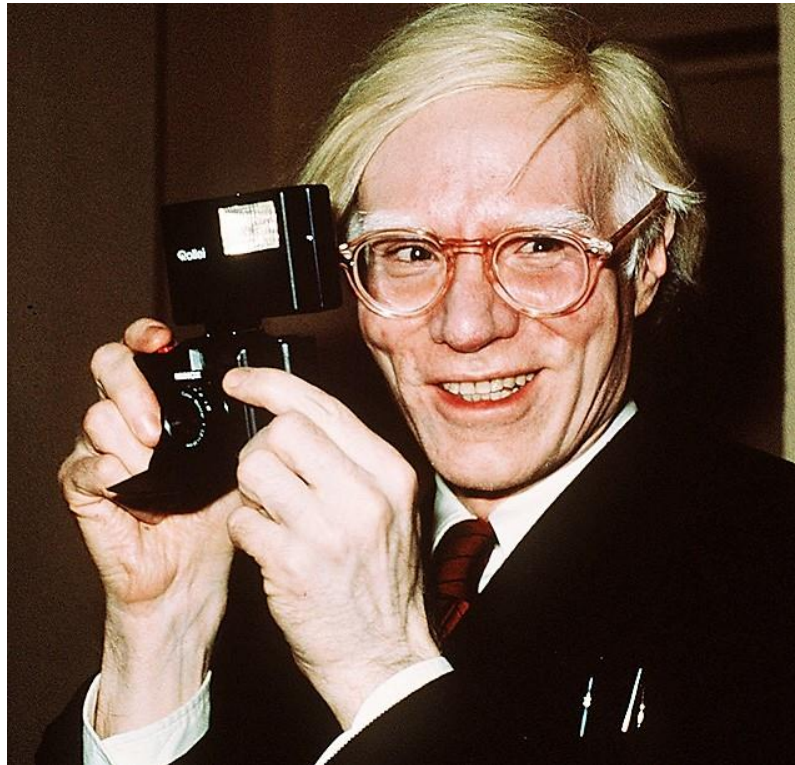
BOB GRUEN – I first entered the Max's scene in 1971. An artist neighbor of mine was

going there. He said I should go with him, it was a great place and we'd have lots of fun. I said, 'the restaurant? I've been there for dinner, no big deal, the food's decent'. He said 'no, you've got to come at one in the morning'. I wondered who'd go to a restaurant at one o'clock in the morning, but sure enough, after midnight the place was quite different. That was the end of the Andy Warhol time and the drag queen crowd was thinning out and the rock and rollers, the NY Dolls and Patti Smith crowd were coming in. That's where I first met David Johansen. I had made some videotapes of the Dolls at Kenny's Castaways and invited him to come over and see them. He liked them a lot, and I started working with the Dolls, making more videos and pictures for them.

But it wasn't a rock club back then.

No, it was just a back room, and upstairs they were trying to do a disco for a while. I remember the first band to play there was the Dolls, then Suicide, the Miami's. It wasn't until much later, maybe '75 and '76, when Blondie, Patti Smith and the CB's bands started playing there. (...)

Bob Gruen – In '76 my son was in Paris, which was my original inspiration for going to Europe. Jane Friedman was there with John Cale. I went to his show and met Patti Palladin and Judy Nylon and some people from the French press. I ended up working out a deal that lasted for years with one magazine there which printed many of my pictures. Because French laws made it very difficult to send money out of France, I'd wait until they owed me for several issues and then go and pick my money up, have some great meals, travel around Europe and the trip would pay for itself. I went to Paris with Blondie, toured England with the Clash, and had a great time. When I first got to London, Malcolm's was the only phone number I had. He had just started the Sex Pistols. He found me a rooming house that was really cheap and took me to a place called Club Louise, where he and a lot of the kids who were buying his clothes were hanging out.

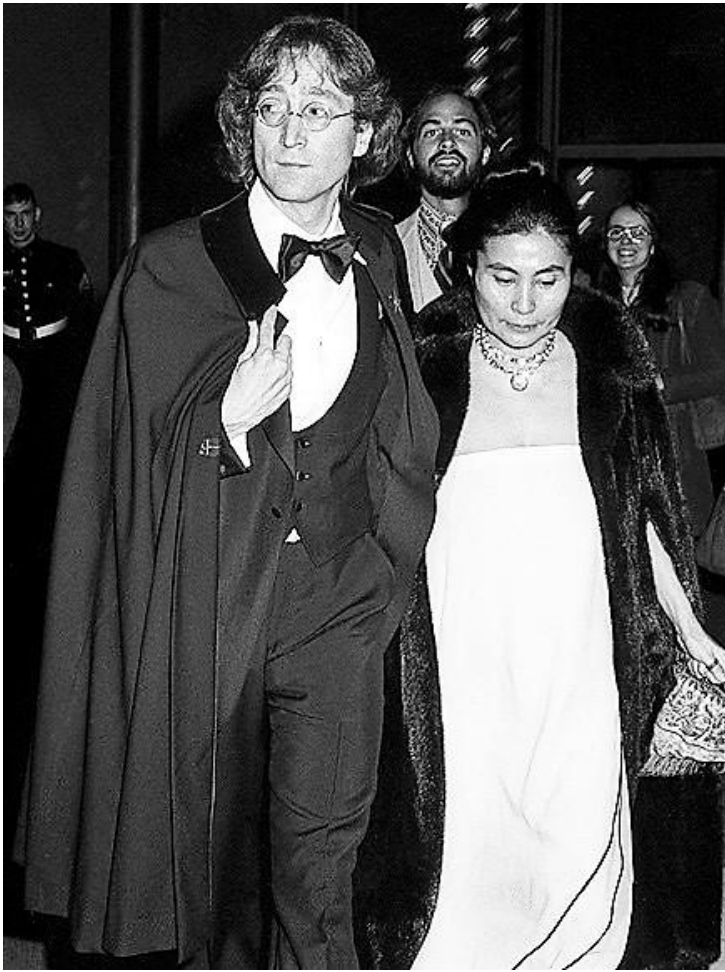




R47 – Debbie Harry at Max's 1976 (C)1996 Bob Gruen1977







1977 – PARA JUKINHA MENDONÇA

Ah, eu acreditava no texto, foi onde eu meti a porrada na crítica, claro que agredi os meus ídolos, fui covarde e quem não foi? O texto merecia ser impresso naquelas revistas de papel jornal, os tais tabloides. E não é que o sonho foi impresso pelo Jornal do Guarará?! O veículo da capital que melhor expressa a cobertura da coluna cultural de nossa cidade e ermos imaginários. Quando descobri esse lance, foi surpresa, foi o primeiro contato dessa cidade com um show de qualidade. Teve o Som Livre Exportação na abertura da Concha Acústica em 1971, quando estreou-se aqui a rede Globo. Mas este show dos Mutantes e do Terço estava 'perdido' como a ponta de lança do rock Brasília. Feliz em poder pegar o jornal e lê-lo. No devaneio, eu sou um quase sócia de Edson Salazar.



MARIO PAZCHECO

POLO DE CULTURA



O Terço e Mutantes por Clarissa Lambert

A Beatlemania em Brasília, em 77

Os grupos brasileiros de rock tiveram seus corações espetados pela cruz da inquisição da crítica nacional – carola e ensimesmada, a cara da classe média botocuda. Num período histórico de resistência, a mídia exercia a incurável patrulha ideológica e se excedia, como se excede tudo que é carente, seja de pão, seja de inspiração. As resenhas do show foram parcas e porcas; a destoante foi a de Irlam Rocha Lima, do Correio Braziliense que se esbaldou, mas não insultou.

Não dá pra saber se os caras da imprensa encangada às gravadoras tinham razão ou propositalmente sabiam no que estavam se metendo. A mídia impressa que depende dos resultados de vendagem de suas edições se afundou num messianismo compulsivo, digo indulgente. E os bons tempos foram embora pra Passárgada. A crítica impiedosa e filibusteira estaria certa? Era justo seu veredito sentenciando aquela linha melódica progressista à morte natural? Percebe-se que seus críticos de plantão não apuraram os ouvidos com suficiente interesse quando escutaram os novos discos, os quais mostravam revelavam, se não um triunfal, pelo menos um obstinado retorno ao campo minado de suas escolhas estéticas.

Essa mídia teria sentido os tremores do punk-rock ou o sismógrafo estava escangalhado e seus ponteiros tortos viraram mais um item da coleção de desafetos interessados em dividir o palco com seu ídolos?

Em Brasília, o público se impres-

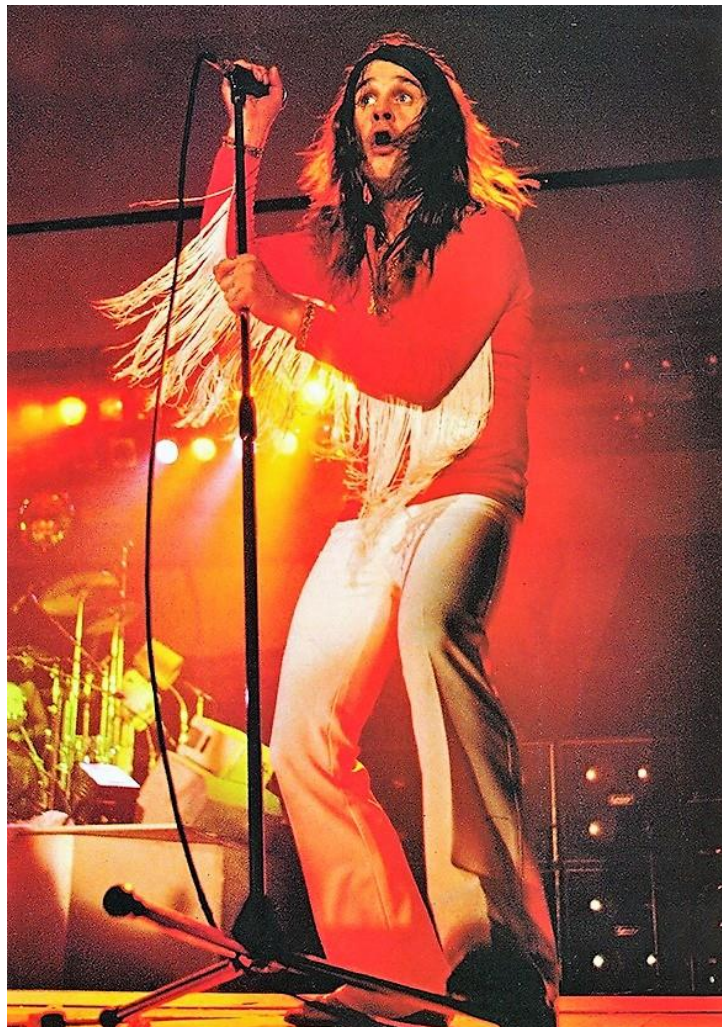
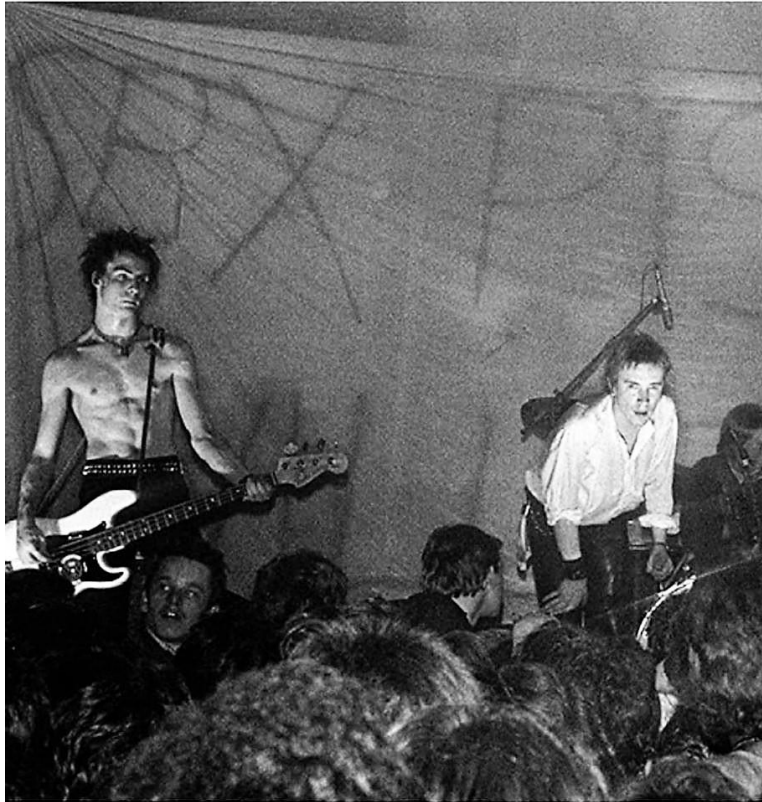
sionou com a espuma colorida fluante, suspensa em frente ao palco e com o calibre dos decibéis. Não estavam interessados nas colunas de jornais, mas na interpretação de Sérgio Dias, cantando "Lady Madonna" e de "Penny Lane" com o coração e demais músculos.

Em Brasília, não houve um corpo de policiais ostensivamente enviados para garantir o clima de paz e amor. Não houve ingressos com preços pra todo gosto nem cadeiras numeradas revestidas de veludo.

Sintomaticamente, na capital federal, tudo voou pelos ares, num distúrbio dissipado de jovens apocalípticos, desintegrados. Foi proibido proibir numa sucessão de excessos. Pulou-se, dançou-se, fumou-se – sem depredação. E muitos doidos e inebriados voltaram para casa, para ouvir mais Beatles. Tudo só iê-iê-iê e adrenalina.

Sincretismo

Pelas calçadas dos teatros em Londres ou Nova Iorque, cartazes estampavam o espetáculo Beatlemania. Uma peça que conduzia o público ao chororô, ao histerismo, ao êxtase e à total entrega aos quatro cabeludos de Liverpool. Na verdade, eram bandas meia-boca sem as virtudes e o virtuosismo de um Mutantes ou O Terço. Apresentações onde reluziam coberturas de plástico, em filmes de perucas falsas projetados sobre nossas cabeças. O Brasil seguiu no vácuo dessa nostalgia, economizando dólares com uma produção caseira – em brilho, digna do Municipal –, mas aquém do furor cosmogônico das grandes plateias.





Ozzy Osbourne and Angus Young, 1977.

"I love AC/DC, they were great. They opened for Black Sabbath in the 1970's.

Angus, he played meat and potatoes – that's what I like about them: there ain't no one to touch

Angus Young for that groove.

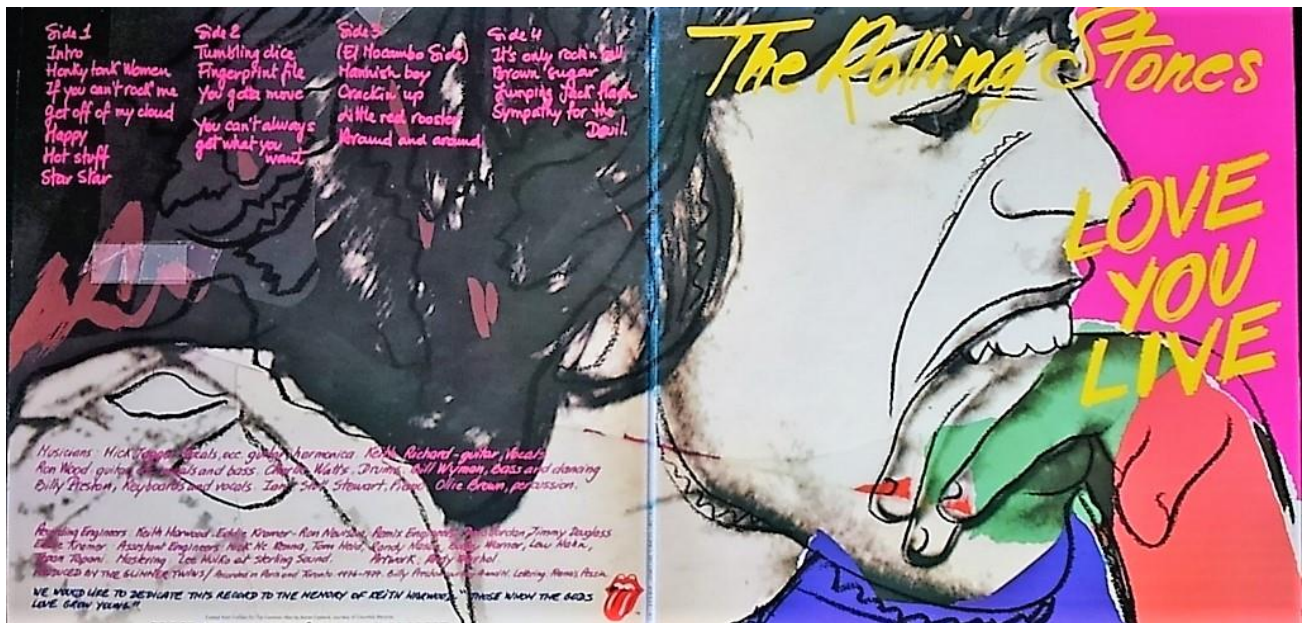
You could bang your head all day and night and not get fed up" –

Ozzy Osbourne during a conversation with Broken Record Podcast, March 2020.



MARCH 12, 1977 Hammersmith Odeon, London, 'Technical Ecstasy Tour'





SETEMBRO

- Love You Live álbum-duplo dos Rolling Stones. Capa antropofágica de Warhol: Mick "Lábios de Borracha" morde uma mão alheia.

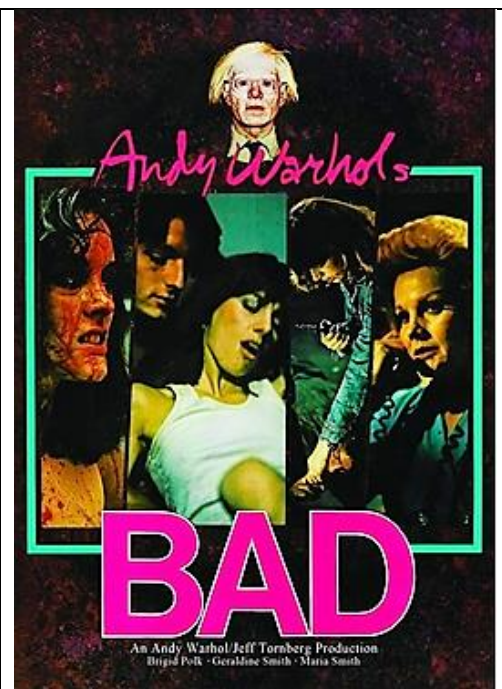


NEW YORK: Andy Warhol talks to Mick Jagger from The Rolling Stones at a party in New York in 1977 (Photo by Richard E. Aaron/Redferns)



FILMES

Andy Warhol's bad, 1977 (producer).



Black Sabbath, 'Never Say Die! Tour', Floral Hall, Southport, England – 17TH MAY 1978

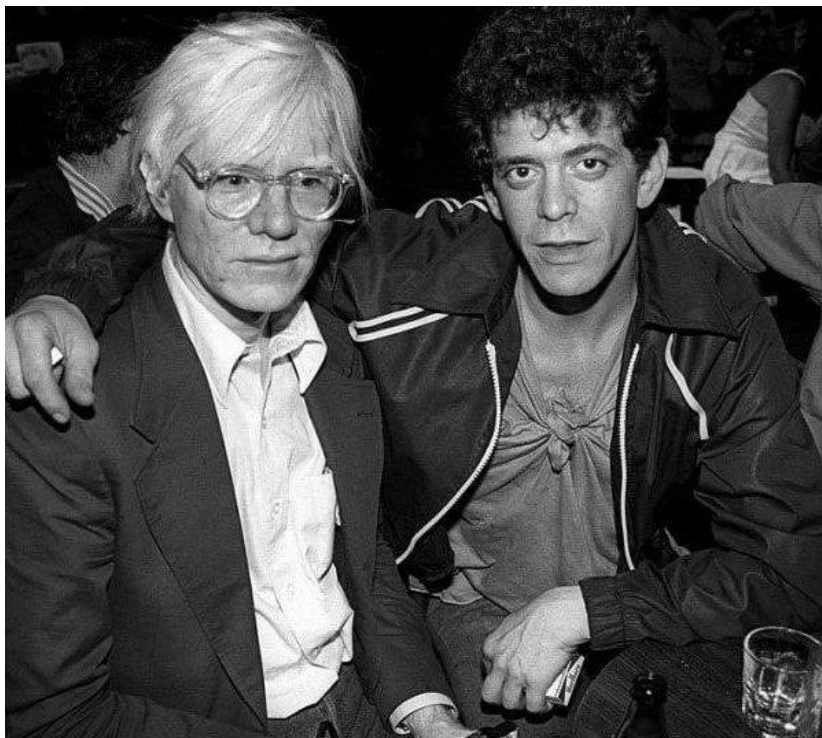


1978

ABRIL



From left: Gerard Malanga, Andy Warhol and Canadian First Lady Margaret Trudeau at a disco in April 1978.



Andy Warhol with Lou Reed pictured by Ebet Roberts at the Bottom Line in New York, 1978.



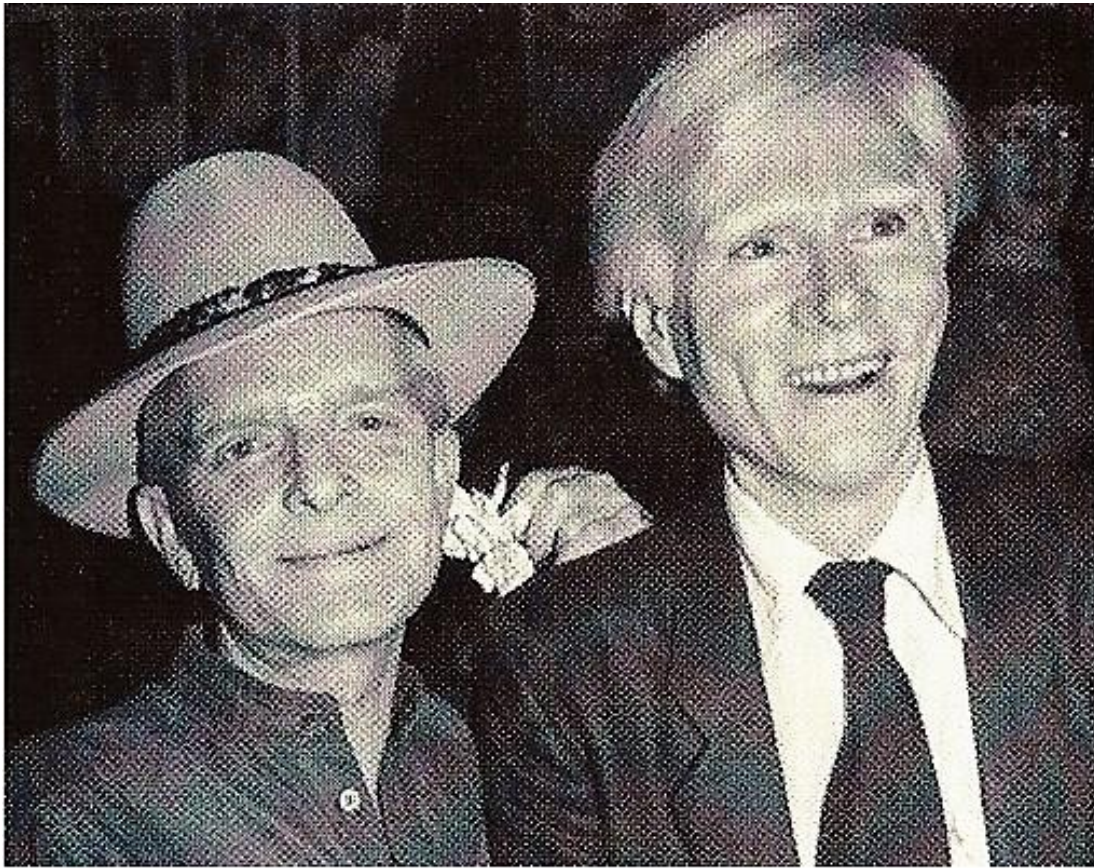
Morrison Hotel Gallery
 Andy Warhol, Lou Reed & Danny Fields, NYC, 1978 | Bob Gruen

FILMES

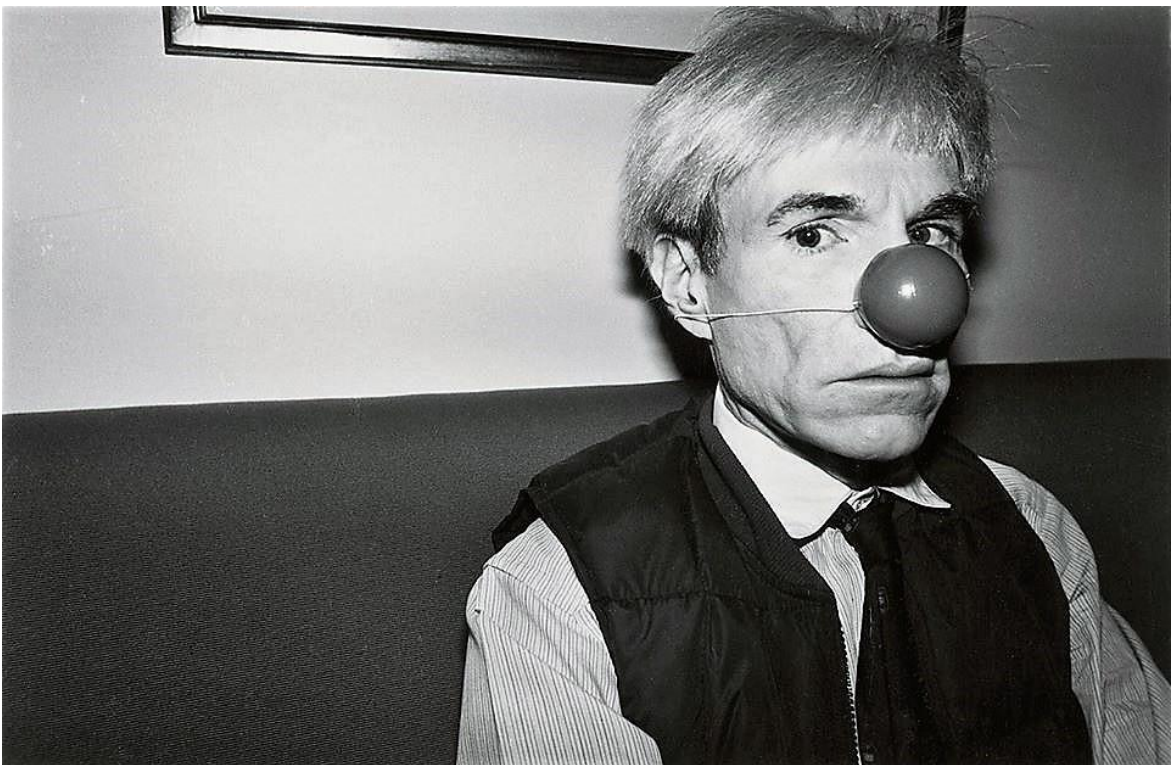
COCAINE COWBOYS, 1979 (Andy Warhol actor).

1980





Truman Capote and Warhol. Studio 54, 1979



Andy Warhol by Christopher Makos

ANDY WARHOL & BOB COLACELLO



Artist Andy Warhol & 'Interview' publisher Bob Colacello arrive at Times Square's Tango Palace for Mr Mike's Mondo Video Party, New York, New York, September 19, 1979. (Photo by Allan Tannenbaum/Getty Images)



1978

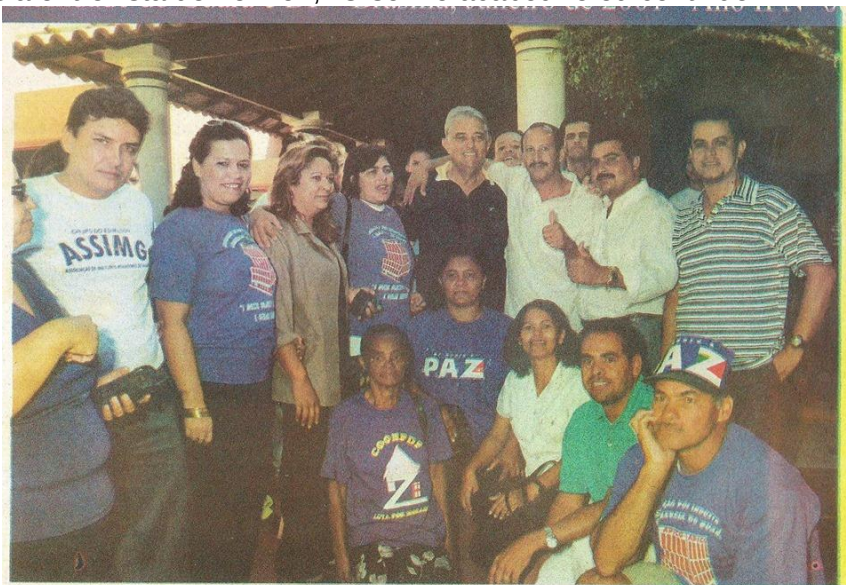
A



entrequadra 110/111 Sul, onde ficava o Cine Karim, era um dos principais locais de apresentação das bandas de rock da cidade no fim dos anos 70 e início dos anos 80. Esse histórico registro de 1978 mostra o ainda anônimo Renato Manfredini na plateia de um dos shows.

No final dos 70s, eu persuadi Reginaldo Coxinha a visitar o sótão do avô para arrancar folhas das revistas Manchete que eram trocadas por LPs do Kiss. Numa dessa, veio a primeira parte daquela entrevista de Lennon, "O sonho acabou" e eu continuei

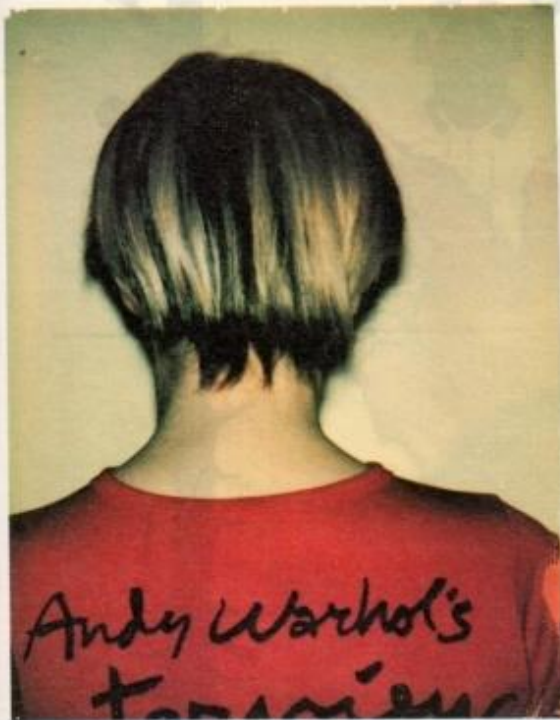
pentelhando Reginaldo para que ele conseguisse a parte final. Uma década depois comparávamos a entrevista reproduzida no período ditatorial com uma reedição às vésperas da redemocratização, a edição não mudava muito, eles tinham



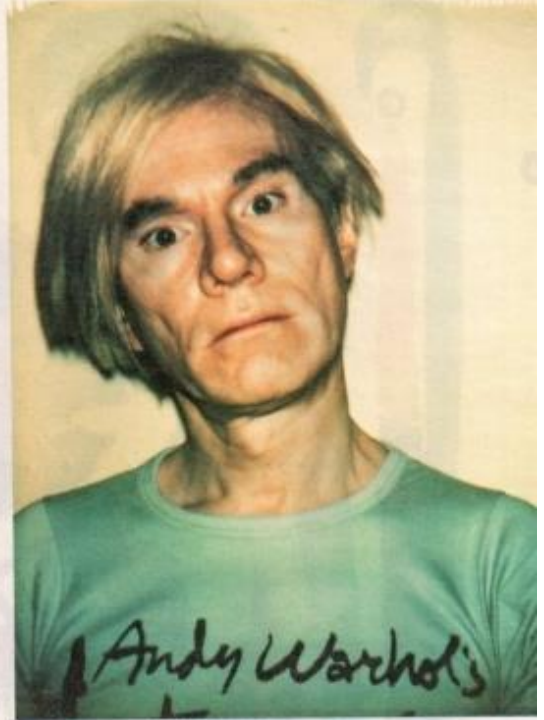
cortado as partes sobre as drogas.

Reginaldo, irmão do Mauro, moradores do Conj. D da QE 32, manteve por anos uma lanchonete frente à Paróquia Maria Imaculada nas entrequadras QEs 17/15, seu sanduíche era o de melhor desempenho e o de melhor preço – nesta foto, ele aparece ao lado do governador Roriz.

E WARHOL OF FAME



Self-Portrait (back, red T-shirt) (1977/78)



Self-Portrait (In Interview T-shirt) (1977/78)

WWW.FIFTEENMINS.COM

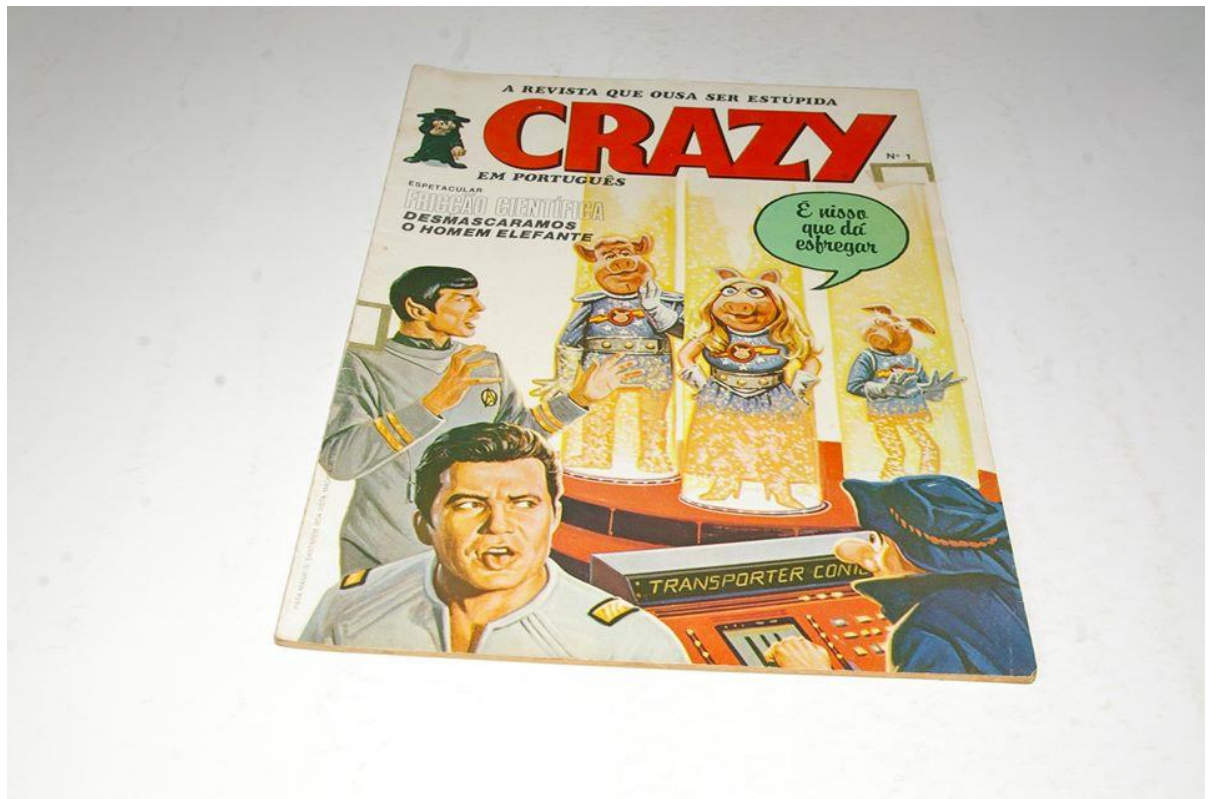
Polaroids and Interviews by Andy Warhol

From the archives of Andy and *Interview*, the enormous historical legacy of his art and tap following pages show Andy Warhol wearing a interviews, a record of the life he lived, a different hat than the one he's best known some of the amazing folks who have made t for as the grandfather of Pop. Here, we see the last thirty years some of the most colorful ev



1979

Toda aquela loucura do Segundo grau e era isso que liamos depois do almoço, eu tive um tempo livre verdade, foi em 1979



1979 – PATRULHA DO ESPAÇO



Clic by Roberto Grimaldi

1979 – OUTUBRO – É GRAVADO O PRIMEIRO ÁLBUM DA PATRULHA DO ESPAÇO



"No estúdio em São Paulo, gravando o primeiro disco da Patrulha, que alguns dizem ser o primeiro disco independente de rock do Brasil, de qualquer maneira nem sei pra que serve isso, só sei que foi uma baita aventura, tensa e divertida, gratidão eterna a meus companheiros de viagem e ao Guto Guidon e o Ronaldo Lark, que gravaram o disco para nós."

(ROLANDO CASTELLO JR. – CLIC BY GRACE LAGOA)





1980
16 JANEIRO



Ex-Beatle é preso em Tóquio

O ex-Beatle Paul McCartney, algemado e escoltado por policiais, chega à delegacia onde foi interrogado ontem, depois

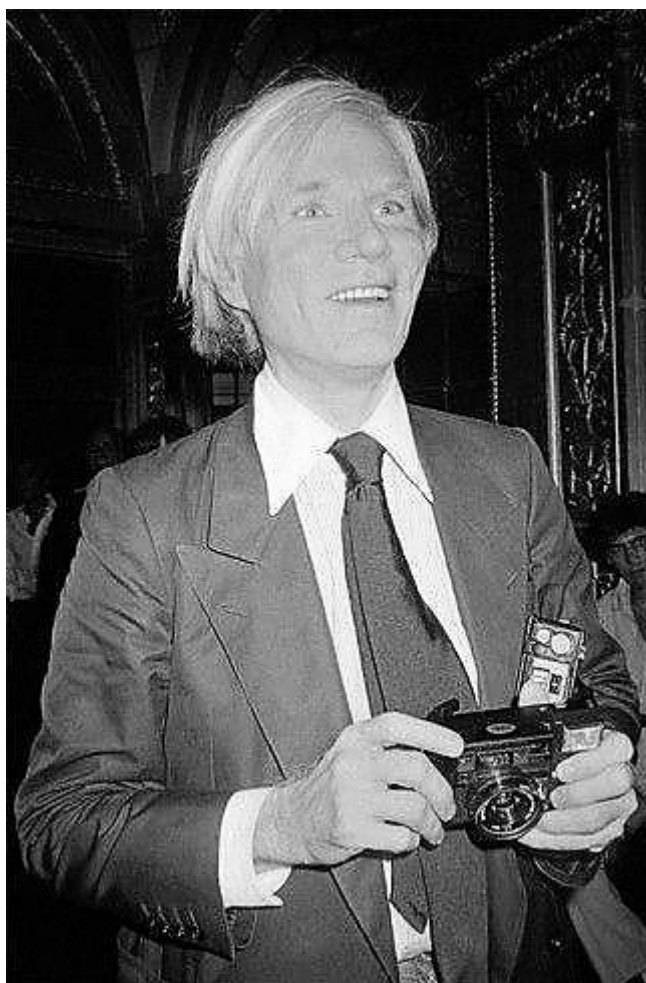
de ser preso ao desembarcar no aeroporto de Narita, em Tóquio, com 220 gramas de maconha na bagagem. Segun-

do as leis japonesas, Paul McCartney pode ser condenado a até sete anos de prisão. (Página 18)

O consumo de drogas de McCartney é tema de manchetes mundiais, quando ele é preso por dez dias, durante uma turnê pelo Japão, após encontrarem 225 gramas de maconha em sua bagagem.

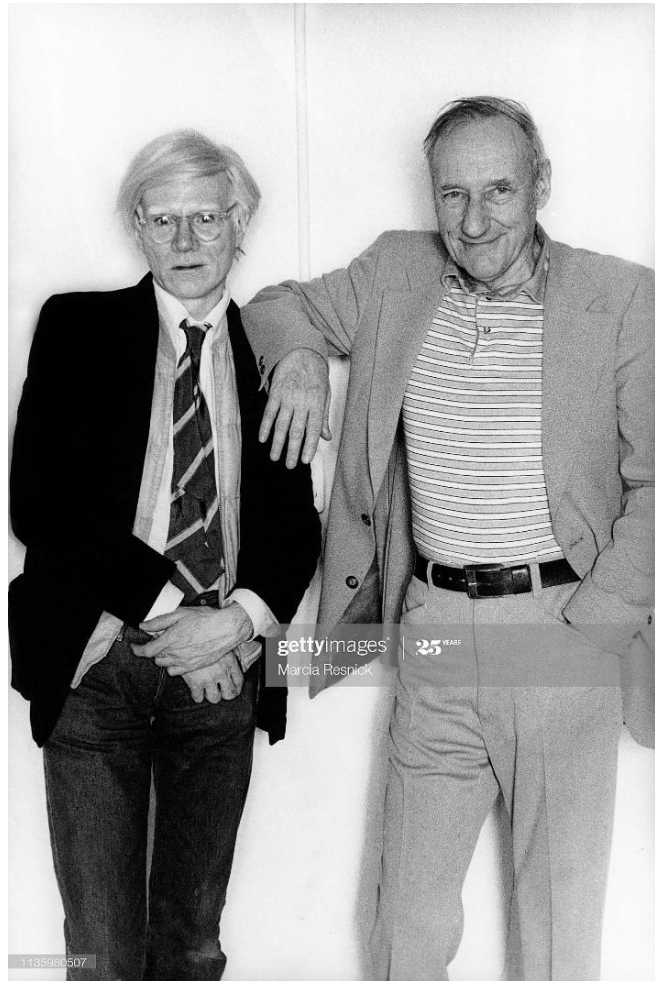


Núcleo Bandeirante, 1980. Foto enviada por Sulamita Alves



Andy Warhol por Vânia Toledo

Photo of American Pop artist Andy Warhol and Beat author William S Burroughs (1914 – 1997) at Burrough's Bunker on the Boewry, New York, New York, **1980**. (Photo by Marcia Resnick/Getty Images)



Mick Jagger, William Burroughs e Andy Warhol durante uma refeição em uma mesa simples.



Photo of American Beat author William S Burroughs (1914 – 1997) & Pop artist Andy Warhol as they dine together in Burrough's Bunker on the Bowery, New York, New York, **FEBRUARY 1980**. (Photo by Marcia Resnick/Getty Images)



UNITED STATES – circa **1980**: Andy Warhol and Donald Trump and Ivana Trump (Photo by The LIFE Picture Collection via Getty Images)

19 DE MARÇO

Hélio Oiticica viveu solitário seus últimos dias. Na última noite em que foi visto, o artista bebia cerveja sozinho na boate Dancing Day's, no Morro da Mangueira.

Ao chegar ao seu apartamento, teve um derrame cerebral, que o paralisou. Durante três dias, ele tentou se arrastar pelos poucos metros que o separavam do telefone. Sua amiga Lygia Pape, estranhando a ausência prolongada do artista, foi ao apartamento e bateu na porta – sem obter qualquer resposta. Pela janela do vizinho, ela entrou na sala de Oiticica, que estava enrolado em suas próprias obras. Um projetor de slides iluminava seu rosto. Levado para fora do prédio, Hélio Oiticica pareceu recuperar-se. “Seu rosto iluminou-se quando ele viu a rua”, lembra Lygia Pape. No hospital, o artista ainda tentou falar com a amiga, mas não conseguiu. Entrou em coma, e morreu no dia seguinte, 19 de março de 1980. Oiticica foi enterrado no Cemitério de São João Batista. A bandeira da Mangueira cobria o caixão, e um surdo da Escola entoava o canto fúnebre em homenagem ao passista, companheiro de tantos carnavais.

O Hélio Oiticica morou um ano comigo em Nova Iorque. Em 1969, ou 70, veio de Londres e não tinha onde morar, aí ficou lá. No Brasil, a gente já tinha feito capas de parangolés, porque ele tinha assim uma profunda admiração por mim. Ele me abriu a cabeça para muitas possibilidades da participação do espectador. Então não era um artista ligado nessa coisa: ainda era um pintor, um artista gráfico. (...) Ele participou de uma importante exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York, a Information. Mas nunca conseguiu realizar nada além disso. Vivia das traduções que fazia. Nos seus últimos tempos lá, todo mundo sabe disso, fazia tráfico. Tanto que seu atelier foi invadido por um bando. Destruíram e arrasaram tudo. Ele foi se esconder noutra parte de Manhattan, virou um foragido. Sempre genial, mas quando o Hélio voltou de Nova Iorque, ninguém mais deu bola pra ele. O Hélio, coitadinho, vivia aqui meio doente, sempre dizendo: – Agora estou purificando meu nariz, pego ar puro da praia, estou até nadando. Mas a saúde já não era boa, e ninguém ia às suas manifestações, como a do Caju e a do Buraco Quente na Mangueira. Sempre fui a todas elas, mas e os outros? Sua morte foi um exemplo desse abandono. Depois de entrar pela janela da cozinha, Lygia Pape, amiga da vida inteira, encontrou-o desacordado atrás de um sofá.

Ele teve um aneurisma e ficou dois dias desmaiado no chão. Como não teve socorro imediato, acabou morrendo pouco depois. Rubens Gerchman, em depoimento à revista Interview, dezembro 1994.

JUNHO

Carlos Vergara participa, ao lado de Antônio Dias, Anna Bella Geiger e Paulo Roberto Leal, da 39.^a BIENAL DE VENEZA. Apresenta um desenho de 20m de comprimento e 2 de altura; para o artista “uma espécie de catarse de desenho”, no qual parece encerrar seu trabalho de documentação do carnaval. O catálogo que acompanha sua participação traz texto de Hélio Oiticica.

- Pedro Escosteguy participa de exposição, na Galeria Jean Borghici – Rio de Janeiro, com *Objeto Popular*. Retorna a Porto Alegre. Encerra suas atividades médicas.

TEATRO

SOS 1980 - Peça criada pelo Estado Teatral e Dança contada em estêreo até o dia 8 de maio, no horário das 21h, no Teatro Galpão. Ingressos: 120 e 60 cruzeiros estaduais.

SOS 1980 - Uma produção de João Esteves Lima e sua equipe de meia dúzia de atores-bailarinos e outros meio dúzia de artistas-músicos-cenógrafos. Segundo a equipe, este trabalho é um experimento decisivo no sentido de se estabelecer um novo conceito corporativo, sólido, vivo e com uma expressividade máxima, em modo a transcender do espetáculo.

Para a materialização do tema da peça foram pesquisados em arquivos de caráter psicológico e social dados que vivem dentro do esquema urbano do Plano Piloto, dando-lhe, principalmente, à observação que sobra e sobra o projeto da cidade idealizada por Lúcio Costa e Oscar

PÓS-GRADUACÃO

Fuamg/88 - Curso de Formação de Assistentes em Métodos Quantitativos será oferecido pelo Departamento de Estatística da Universidade de Brasília, no período de 4 a 29 de janeiro. Este é um curso de especialização, a nível de pós-graduação, com 400 horas de duração, inferior às 17 de alguns. Este curso objetiva formar, a curto prazo, especialistas para atuarem como assessores no processo decisório, através de técnicas de Análise de Estatística e de Investimento. Métodos Computacionais e Pesquisas Operacionais. Saíra os dois candidatos para graduação em Administração, Ciências Contábeis, Economia, Engenharia, Estatística ou Planejamento de Dados.

CORRIDA

X Corrida de Rato - Estão abertas, até o dia 6 de janeiro, das 8-30 às 11-30 horas e 14-30 às 17-30 horas, na sede do Defer, Parque Páthos Parias, as inscrições para a competição de pedestrianismo a ser disputada no dia 8 de janeiro, às 12 horas. A X Corrida de Rato conta com o prêmio em dinheiro de 8 mil reais. O percurso será o Quilômetro do Comando Geral da PMDF, seguindo pela pista do Senor Policial Sul até o Quilômetro CBDF, retornando pela Av. W3 Sul, seguindo até a altura do Edifício Sofia, no Senor Comercial Sul. Aí a prova termina.

Será formada um vencedor e Troféu Transatlântico, atualmente em poder da Associação Atlética Maratona (IAM). Os primeiros indivíduos são os seguintes: até 10º lugar, masculino, troféus; do 11º ao 20º, colocados; medalhas; o 1º lugar feminino; medalha; o 2º lugar e medalhas da 4ª a 8ª colocados. A classificação será feita pelo limite de idade: classificações em 1º lugar nas faixas até 39 anos, entre 18 e 40 anos e acima de 41 anos de idade.

CURSOS

Curso Intensivo de Férias de Dança - Exatão abertos na Escola Ensino Teatro e Dança, W/3 Nono, Q. 502, Bloco B, sala 202, as inscrições para os cursos de **Ballet Clássico Intermédio** e **Cursos de Dança Moderna (Graham)**, ministrado pelo professor Paulo Bourque, de Teatro Geral de Curitiba, e o curso **Técnicas de Movimento Oriental**, pelos professores Irara Pietrowsky e Antônio Hierculano Lopes. Os Cursos têm a duração de uma hora e meia de aula diária. Informações: Tel.: 728 0992.

Auditoria - As inscrições para o Curso de Auditoria Operacional serão abertas no Senac. Av. W/4 EQ. 703/703-Jun "A", das 8 às 22 horas. Este curso tem carga horária de 30 horas/aula e será ministrado no período de 14 a 25 de janeiro, do próximo ano, das 10:45 às 12:30 horas. O curso com programa: Auditoria Interna; O Auditor Interno; Exames Auditoriais; Papéis de Trabalho; Auditoria Parcial e Relatórios de Auditoria Interna, será ministrado pelo professor Márcio Braga, Técnico em Contabilidade.

GUARÁ

Aguarda - Na festa de abertura do carnaval "Aguarda", promovido pela Banda do Guarã, será promovido O Primeiro Concurso de Samba para a Banda, com premiação para o 1º, 2º e 3º lugar.

De hoje a domingo estará sendo apresentado na Escola-Parque o documentário "Woodstock", de Michael Wadleigh, sempre às 15, 18 e 21 horas. Astros da música pop e 500 mil jovens que compareceram, em 1969, aos três dias do histórico festival são os protagonistas do filme

MAIS DO QUE UM FILME, UMA VIAGEM AO SONHO DOS ANOS SESSENTA

Tudo isso de Woodstock, não tinha de acontecer que nada tinha em comum com os charutos vendidos nas esquinas. Importando as mãos erradas.

maista gente aduando o encontro, ou mesmo, voltando a casa e aguardando o próximo encontro de contato. Em tempos de recado, não há tantas facilidades de câmeras e "discretos" de rua, alguns. Diminuíram vagar nos encontros, a maioria se encontra em locais fechados, tendo burocratizado o enano para "quer não faíem dentro na enigmam". A grande cruzada da "revolução pacífica" justificada no belo texto de Ghandi, não conseguiu vencer a "opressão e a dependência civil, mas Keshu e Ghandi quer sua resistência não-violenta bulindo na gramada de Westmestick dista tran ao mundo: a roupa incorporada certa de Ghandi, a roupa de Ghandi, a social desconfira tran, a sua me memora da casa mais abunda ad, buca-se uma nova discursão para estruturar familiar, revela-se o papel da mulher, dos homossexuais, eleva a importância da luta social, a sua diminuído a figura e polifoca de

leto na América. Para alguns não significa nada de especial, pois "as profundezas" são uma expressão corriqueira, usada com os polígrafos e os analfabetos, e não fazem apelo ideológico no teatro da moda e nos textos que revalorizam os mitos de Washlinski. Entretanto, a expressão carrega um significado em Altamirio, ali, se uma nova possibilidade de democracia crítica contra o sistema, através da recuperação da pressa massacrada pela máquina e seus códigos, e da criação de uma nova comunidade rural americana constituída pelos sobreviventes deste impacto ideológico e individual que foi a convulsão da "percepção social" e da "consciência coletiva" acobardado. Mas não somente, termino um ensaio, não o estado in-

Enquanto uns recrudescem ainda mal, refinando seus métodos de tortura, outros abrem o caminho da tolerância e da desmistificação da violência. É o que acontece com "Maram Jasson" no filme de maior maturação teatral nos anos 1960, "Jasson" ou, "Importance à l'acte" (significando "necessidade", propriamente dita), que trata da violência regressiva da juventude, através a ser o modo geral, quanto "Jasson" não caram no ridículo tendo levado a "barra" da sua comunidade. E tudo em um momento. Os "barra" da sua comunidade de pais, sujeitos vulneráveis às exigências e minuciosos que filhos determinam, em crise de consciência, como regra, a sua própria vida dando de peso, com força e muito mais notificação.

Não é preciso fracionar. Apenas o jogo de fazer ficar mais claro, o **lado de cima** ficando mais sólido e disposto a cumprir o próprio destino que o **lado de baixo** ficando mais líquido e disposto a cumprir o seu destino. Assim, o homem não precisa se fracionar, apenas se tornar mais sólido e mais líquido, sempre dependendo de qual momento estiver vivendo. Assim, o homem não precisa se fracionar, apenas se tornar mais sólido e mais líquido, sempre dependendo de qual momento estiver vivendo. Assim, o homem não precisa se fracionar, apenas se tornar mais sólido e mais líquido, sempre dependendo de qual momento estiver vivendo.

...passado ainda semelhante em termos de "verdades" estabelecidas, que não duram uma década. Vide, o exemplo recente despirar de 15 anos de veridicidade, muitos daqueles pontos de virada, pelos quais milhares de pessoas foram prejudicadas em liberdade e violência, não agora "assumidas" como corretas historicamente. Esta trágica realidade da produção em etapas indefinidas e sucessivas caracteriza, tem, sem dúvida, o cotidiano nesta era final do "apocalipse" - na falta de melhor palavra referida - em que os tal se fecha?

Nas telas uma pequena enciclopédia do bom rock

JOAO JOSE MIGUEL

As duas são três horas de filme e, desta vez, completinhas: as 14

palcova e de lá retiradas somente após os últimos representantes da faga "Woodcock nation" ru-
to em uma casa com muitos do "Bentley"

Jimi Hendrix e Janis Joplin se transformaram nas maiores lendas do rock. Joan Baez, por insígnia de marca, não pode ser considerada.

O que restou então da nata do
um pop? Um Santana, que após
confundir-se com a utopia do shire,

o, ataca o clássico "Purple Haze" a própria evolução do blues. A visionária entrada de Richie Havens, cantando "Freedom" e, em seguida,





Title: Inside The Cannes Film Festival Type: TV Show Special Filming Location: Cannes, France Filming Date: **MAY 14TH 1980**



**1980 –
JUNHO**
Renato
Russo
ainda
nos
tempos
do
Aborto
Elétrico
e
amigos
Da



esquerda para direita, Renato Russo, Flávio Lemos, Cris Brenner, Geraldo Ribeiro,
Márcio Moraes, Ana Resende, Gutje e Renato Martins

Foto: Luiz Acioli

WITH WILLIAM BURROUGHS – A REPORT FROM THE BUNKER

BY VICTOR BOCKIS

ON WRITING

DINNER WITH SUSAN SONTAG, STEWART MEYER, AND GERARD MALANGA:
NEW YORK 1980

BOCKRIS: What is writing?

BURROUGHS: I don't think there is any definition. Mektoub: It is written. Someone asked Jean Genet when he started to write, and he answered, "At birth." A writer writes about his whole experience, which starts at birth. The process begins long before the writer puts pencil or typewriter to paper.

SUSAN SONTAG: Do you write every day?

BURROUGHS: I feel terrible if I don't; it's a real agony. I'm addicted to writing. Do you?

SONTAG: Yes. I feel restless if I don't write.

BURROUGHS: The more you write the better you feel, I find.

SONTAG: I've trained myself to be able to produce some writing that I tell myself quite sincerely is never going to be published. Sometimes something comes out of those things.

William Burroughs and Susan Sontag after dinner at Victor BOCKRIS' apartment. Photo Gerard Malanga

BURROUGHS: People will get ahold of them unless you destroy them. Papa Hemingway got caught short with a whole trunkload of stuff !

SONTAG: Do you write on the typewriter?

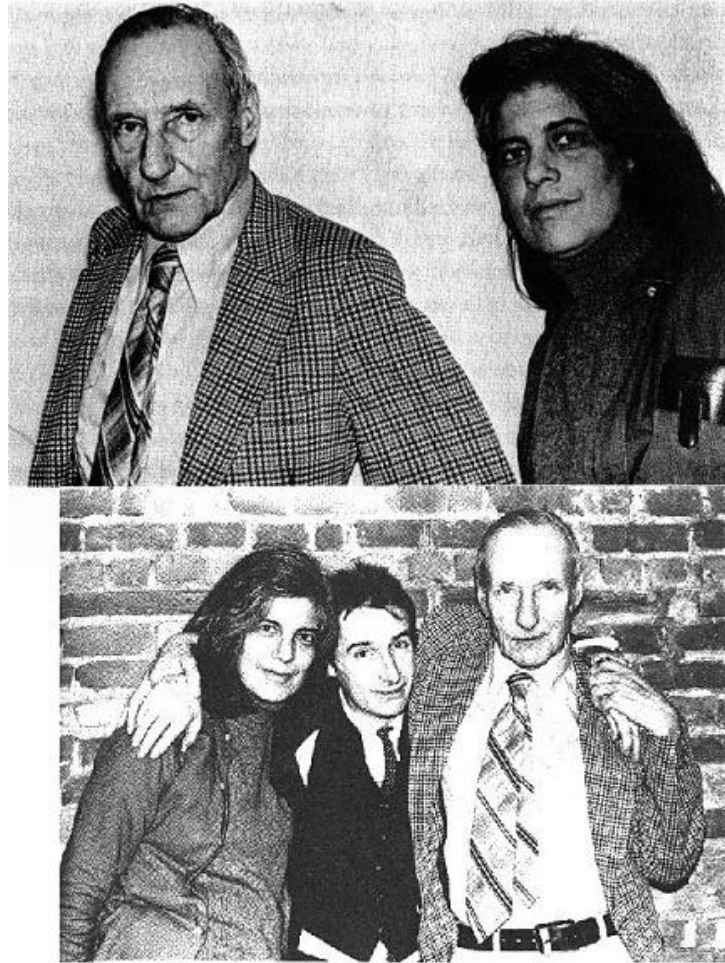
BURROUGHS: Entirely. I can hardly do it with the old hand. I remember that Sinclair Lewis was asked what to do about becoming a writer and he always said, "Learn to type."

STEWART MEYER: I remember waking up at the Bunker and hearing the typewriter going like thunder. James Grauerholz told me every morning Bill just gets up, has coffee and cake, and hits the typewriter . . .

BURROUGHS: The world is not my home, you understand. I am primarily concerned with the question of survival?with Nova conspiracies, Nova criminals, and Nova police. A new mythology is possible in the Space Age, where we will again have heroes and villains, as regards intentions towards this planet. I feel that the future of writing is in space, not time?

SONTAG: This book [Cities of the Red Night] which is 720 pages long, did you just write it out? I'm not asking if you revise. Is your method to write it out and then you have a version to revise, or do you write it in pieces?

BURROUGHS: I used a number of methods, and some of them have been disastrously wrong. In this book I tended to go ahead and write a hundred pages of first draft and then I'd get bogged down in revisions. What I do personally is make ten-page hops. I do a version of a chapter, go over it a couple of times, get it approximately the way I want it, and then go on from there, because I find that if I let it pile up I suddenly get a sickening feeling of overwrite. The whole matter of writer's block often comes from overwrite. You see, they've overwritten themselves, whereas they should have stopped, gone back and corrected. No writer who's worth his salt has not experienced the full weight of writer's block.



BOCKRIS: How long did it take you to write your book about cancer?

SONTAG: That was easy and fast. Everything is hard for me, but it was easy. I was inspired. When you're really full of a subject and you're thinking about it all the time, that's when the writing comes, also when you're angry. The best emotions to write out of are anger and fear or dread. If you have emotions like that you just sail.

GERARD MALANGA: I used to think it was love until love took a third place.

SONTAG: Love is the third. The least energizing emotion to write out of is admiration. It is very difficult to write out of because the basic feeling that goes with admiration is a passive contemplative mood. It's a very big emotion, but it doesn't give you much energy. It makes you passive. If you use it for something you want to write, some strange languor creeps over you, which militates against the aggressive energy that you need to write, whereas if you write out of anger, rage, or dread, it goes faster.

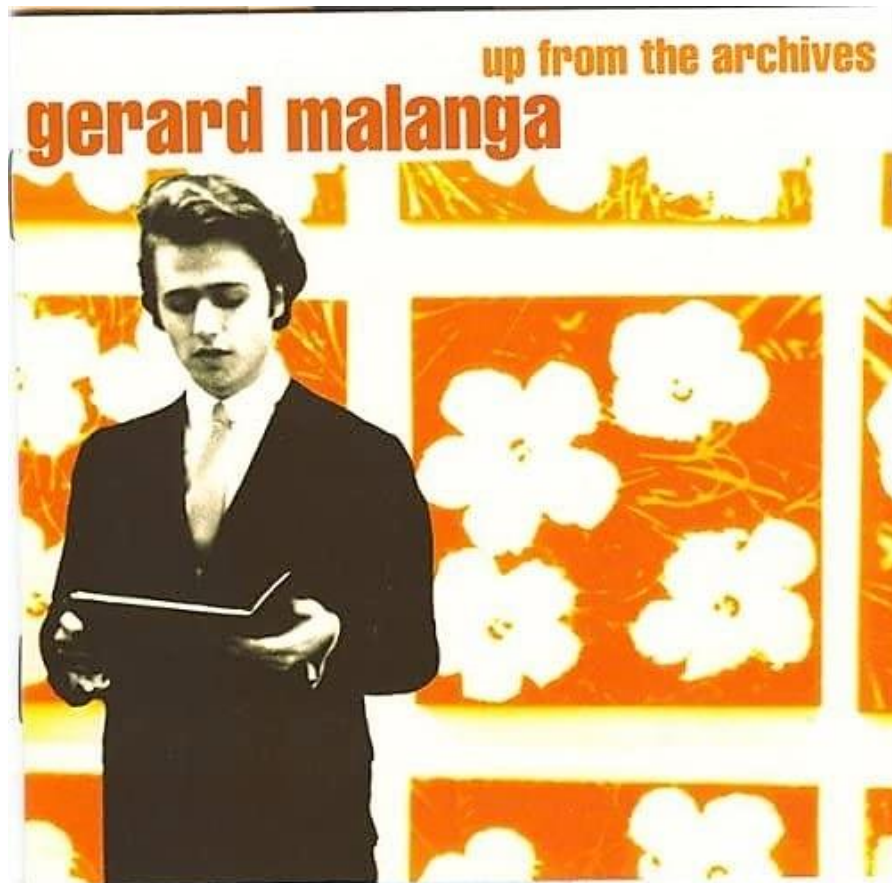
BOCKRIS: William, have you ever written anything out of admiration?

BURROUGHS: I don't know what this term means. It does seem to me an anemic emotion.

SONTAG: Bill, suppose you agreed, which maybe you couldn't even conceive of doing, to write about Beckett. Somebody offered you a situation at which you said, yes, I'd like to say what I want to say about Beckett, and my feeling about Beckett is mainly positive. I think that's harder to get down in a way that's satisfactory than when you're attacking something.

BURROUGHS: I don't see what's being said here at all.

SONTAG: Victor asked me how long it took to write the little book about illness. I wrote it in two weeks because I was so angry I was writing out of rage at the incompetence of doctors and the ignorance and mystifications and stupidities that caused people's deaths, and that just pulled me along. Whereas I just finished writing an essay on something I really adore, Syberberg's seven-hour movie about Hitler, and it took months to write.



BURROUGHS: I see what you mean, but it doesn't correspond to my experience.

SONTAG: I think you write more exclusively out of some kind of objection or admonitory impulse.

BURROUGHS: A great deal of my writing which I most identify with is not written out of any sort of objection at all, it's more poetic messages, the still sad music of humanity, my dear, simply poetic statements. If I make a little bit of fun of control with Dr. Schaeffer, the Lobotomy Kid, they say, "This dark pacifist who's paranoid, who's motivated completely by rejection of technology." This is a bunch of crap. I just make a little skit that's all. I am so sick of having this heavy thing laid on me where I just make a little slapstick and someone comes upon me with this "Oh, God, he's rejecting everything!" shit. I always get this negative image from critics, but the essays in *Light Reading*, for *Light Years* will make me sound like some sort of great nineteenth century crank who thought that brown sugar was the answer to everything and was practicing something he called brain breathing. You know, he believed in Reich's orgone box. I think the real end of any civilization is when the last eccentric dies. The English eccentric was one of the great fecund figures. They're the lazy men. One man just took to his bed and died from sheer inertia; another would just walk around his estate and he was so lazy that he would have to eat the fruit without plucking it, which caused a lot more trouble than if he had actually plucked it. Yes, the English eccentrics were a great breed.

SONTAG: There are southern eccentrics.

BURROUGHS: Oh by heavens yes, living on their crumbling estates controlled by their slaves.

Timothy Leary & William Burroughs







Finely found a Great Clear shot of the band with Def Leppard
Backstage September 13, 1981 Daytona Beach Peabody Auditorium the last night of
the Blizzard Tour



Ann Margret

NANÁ SAIU DO BRASIL PARA MERECER JUSTIÇA



NANÁ Vasconcelos precisou se afastar do Brasil para ser reconhecido seu trabalho como músico. Hoje, ao lado de Egberto Gismonti e radicado na Europa, ele é considerado um dos melhores percussionistas do mundo, e sua participação no Rio-Monterrey Festival, onde mostrou a Dança das Cabeças, com Egberto Gismonti, lhe valeu prêmios nos Estados Unidos e Japão. Há oito anos sem vir ao Brasil, ele está de volta para o lançamento do disco "Saudades Nana Vasconcelos", gravado na Alemanha com a Radio Symphony Orchestra Stuttgart.

Vin ao Brasil para mostrar um trabalho único: o berimbau junto com a orquestra sinfônica. A importância maior de seu trabalho é tocar para o músico brasileiro.

Assis — Foto de Wil-

A fama fez Netinho ser injustiçado

"Sofri muito em 78 quando quiseram envolver o meu nome na morte de um caboman da TV Record. Muita gente me olhava de forma desconfiada, outros me chamavam de irresponsável, arruaceiro, delinquente. Foi realmente muito duro. Só agora consegui dar a volta por cima e retornar a carreira artística."

É o que afirma Netinho, ex-Clevers, o baterista mais famoso dos Idos da Jovem Guarda. Há dois anos o vocalista Simbas do grupo que Netinho liderava na época — Casa das Marquês — foi o pivô de uma briga na porta da TV Record, que resultou em morte. Falou-se muito do assunto na época. Vestido de maneira extravagante, Simbas não se conteve diante dos grãos que lhe dirigiam algumas passadas naquela oportunidade. Irritado, partiu para a briga. Um cabo-man da Record levou a pior no incidente e morreu dias depois.

"Quiseram tornar o assunto um escândalo" — reclama Netinho, ainda magoadado. "Como eu era o mais conhecido do grupo, usaram e abusaram do meu nome. Foi uma coisa muito sordida, sensacionalista. E não havia motivo algum

para tanto alarde. A pessoa que veio a falecer era muito doente e não poderia de forma alguma se envolver em brigas. Por isso mesmo o processo, no qual não consta o meu nome, já está para ser arquivado."

Netinho, que nem sequer estava presente no momento da briga, quase não podia sair as ruas naquela época. "Agora eu já sei que qualquer coisa que aconteça com músico de rock, no Brasil, é explorada de maneira negativa. As pessoas adoram identificar o rock com vandalismo, marginalidade, irresponsabilidade, uma estereotipação total. O preconceito é incrível mesmo. Tem uma música nova da Rita Lee que, brincando, dá bem o retrato da coisa, dizendo: "Roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido." Mas eu não me conformo ao hoje em ver meu nome envolvido numa briga a que sequer assisti."

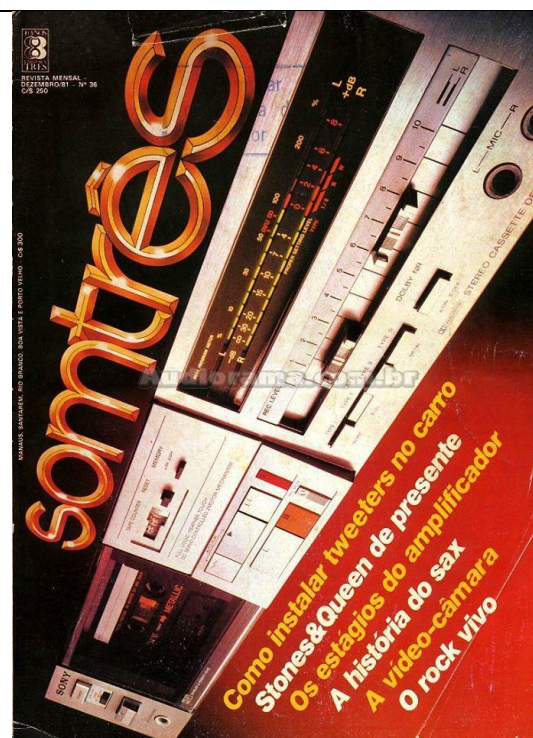
Por um ano e meio Netinho ficou afastado da vida artística, num sítio em Itapetininga, a 200km de São Paulo, com a mulher Sandra, e os filhos Sandro, de nove anos, e Samadhi, de três. Queria esquecer o assunto, apertar o botão, plantando e cuidando da família (Walterson Sardenha).

Netinho (na foto com a mulher Sandra e o filho Sandro) está voltando



(os de José Basso)

1981



"Amigos colecionadores de revistas sobre música, algum de vocês tem os exemplares 35 e 36 de Somtrês, de novembro e dezembro de 1981, respectivamente? Minha vaga lembrança me

diz que, em um desses (que não localizei minha coleção), tinha uma crítica do segundo LP de Kleiton e Kledir, aquele do "Deu Pra Ti", inclusive brincando com o leitor, dizendo algo como "não é o que você está pensando". É essa crítica



especificamente que estou procurando.
Não lembro quem escreveu.” (EMÍLIO
PACHECO)

*Release neandertal dos paulistas da
banda Zero*

1981



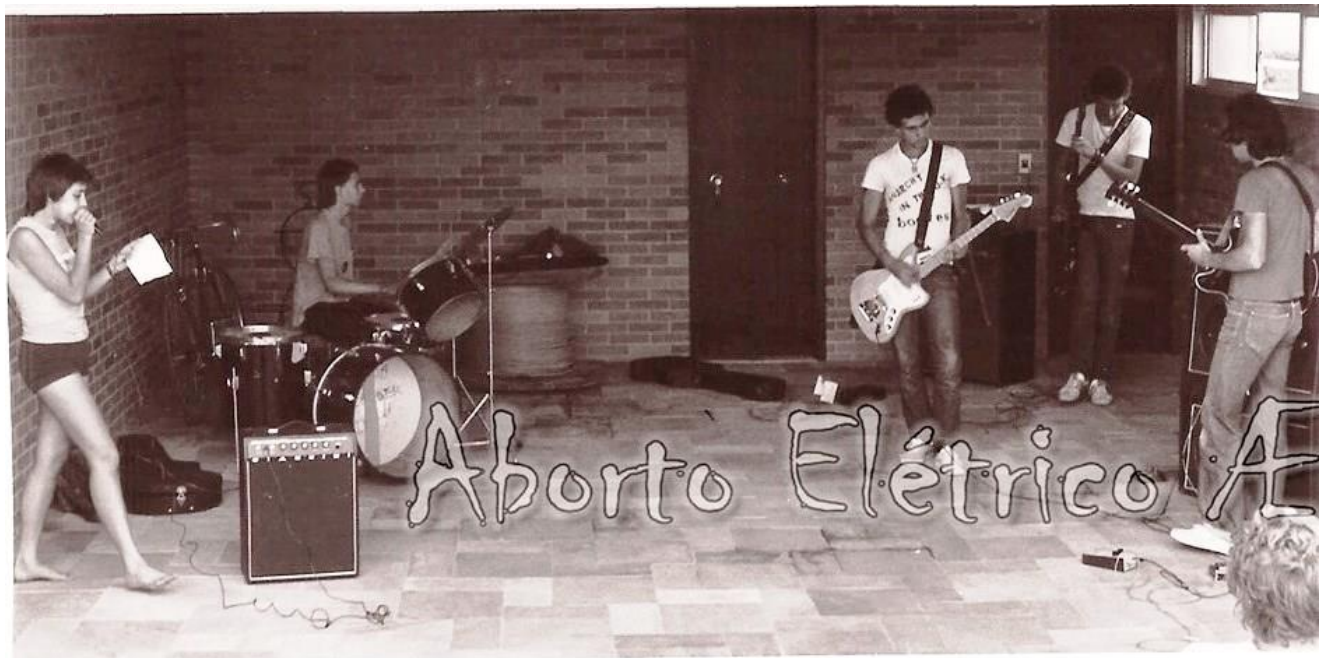
SEPUTURA – NA ARUC, CRUZEIRO



Izamar de macacão, voz, Eduardo, guitarra, Ivo, bateria, Robson, baixo e Magu Cartabranca, pandeiro



Litinho, Loirinho, Luiz Goiano, Pedro Lúcio e Paulo Romano, a rapaziada no EMG – Encontro de Músicos do Guará que de 1981 a 1984, produziram cinco concertos. Foto no Cave, na época em que a Legião Urbana fez o seu show no Guará em 1982



Da esquerda pra direita: Chris (vocal), Gutje (bateria), Loro Jones (guitarra), Gerusa (baixo) e Tóti (guitarra): A banda Blitz 64 (que nessa altura já tinha adotado o nome de Blitx , para evitar problemas com a polícia), durante um ensaio na garagem da casa da vocalista Chris. Brasília, 1981.

**Foto: acervo Chris Brenner – *Thanks: Paulo Marchetti*

MITOS, SUAS ANDANÇAS E PARTICIPAÇÕES

Quem é Miro Ferraz?

É gente que faz. Ele é uma espécie de outdoor da QE 40, um guia de mão para reparos e consertos. Além de guitarrista é luthier dedicado que sabe onde encontrar as peças. Os outdoors e faixas de Miro Ferraz, da Eletroarte estão espalhadas pelos 4 cantos do Guará e adjacências e não espalhe, ele é uma das fontes confiáveis quando trata-se do rock de todos os tempos no Guará.

"Muito bom, Mário Pazcheco! Já pedi a galera da festa dos amigos pra guardar um exemplar pra mim. História pura, valeu!" (WELITON VICENTE)

JORNAL DO GUARÁ



POLO DE CULTURA

MÁRIO PAZCHECO

RUMO AO ENCONTRO DOS MÚSICOS DO GUARÁ

Produzido pelo: Grupo Presença do Guará 1, (Litinho, Loirinho, Luiz Goiano, Pedro Lúcio, Paulo Romano) em parceria com a Galeria Cabeças, Neio Lúcio, Nicolas Behr com apoio da TV Nacional.

Fim da década de 70, aurora dos anos 80. Espalham-se festivais de música pelos colégios particulares e públicos das satélites de Brasília. Neste 1982, na praça comunitária da QE 4, frente ao Jumbo, aconteceu o primeiro Encontro de Músicos do Guará que foi acústico. A sigla EMG inspira a óbvia paródia fascista: "encontro de maconheiros". Sucesso de público, o festival expandiu-se para o Teatro de Arena do Cave.

Havia uma variação, quando Encontro de Músicos no Guará, a cidade recebia Liga Tripa, Mel da Terra, Essência, Blitz 64, Elite Sofisticada e a Plebe Rude. Para muitos, o primeiro contato com essas bandas.

Fazia parte da essência do festival, a participação de músicos amadores da própria cidade, como o violonista e beatlemaníaco Zenas de Oliveira.

"Nesta época, o professor Brandes, administrador do Guará e o senhor Márcio, secretário de cultura colaboraram com o espaço do Teatro de Arena, mais a aparelhagem de som do Pádal ou o Som do Hermann, as únicas capazes de atender ao porte do Teatro. Ainda havia o palco do Detur. Aconteceram cinco encontros, quatro no Teatro de Arena com a média de mil espectadores por evento." (Weliton Vicente de Oliveira)

DE CARROÇA FUI AO ROCK

O último EMG será o mais pesado, com a participação de bandas de hard rock cantando em português, material próprio, como Fusão e Extremo.

Entre os acompanhantes do movimento, o professor e escritor, Lincon Lacerda, uma das pessoas que mais compareceu às apresentações de arte em Brasília, e o guitarrista, Miro Ferraz que já tocava na Durangos d'América.

"O Lincoln Lacerda, meu amigo, garoto. Já era poeta e sei que muitos." (Litinho)

A tarde era triste, pois tinha que trabalhar aos sábados. Atrasado, esperava pelo ônibus na pista central do Guará, na altura da QE 32, para um bonde que demorou uma eternidade. Foi quando ouvi o ritmo do galope, da carroça. Argemiro, o condutor foi gentil e acelerou o trote até a QE 15. Argemiro seguiria para o Guará 1, onde recolheria a folhagem no mercado para os bichos da chácara.

Nesta tarde, o quarteto Fusão se apresentou com músicas como "Chuva na Praça", "Punk Garota" no final, Marco, Bahla, Rodrigo e Renato, se atiraram na plateia. Renato Estrela, o guitarrista era plugado em Jimmy Page, era Led Zeppelin.

Sentimo-nos representados pela nossa geração. Como fã do rock cru, fiquei estremecido com a apresentação da Extremo. Naquela tarde memorável, a história recomeçou e marcaria para sempre as nossas vidas. Passamos um ano extraordinário na casa dos 20 anos, realizando a fantasia de andar para cima e para baixo perseguindo bandas de rock como Banda do Cachorro Louco, Ligação Direta, Marciano Sodomita, Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial, Tellah, Capacetes do Céu, Sepultura, Por do Sol e outras.

EM CIMA DO CAMINHÃO, UMA MEMÓRIA DE MIRO FERRAZ

Na QE 7, Miro Ferraz vivia uma empolgação musical com a postura e os efeitos da guitarra do jovem Fejão que estreava no Guará com a Nirvana. Nesse show, Fejão não usou a mítica guitarra Tonante, modelo Rei, se apresen-

tou com uma guitarra comum. Ele era grande, era um colosso negro com a camisa de brim oliva sem mangas. Seu visual pareceu intimidador, mas depois de abrir o contumaz sorriso largo e alvo, a impressão ruía. No palco, ele tocou próximo às caixas e não era para se esconder; Miro desconfia que fosse para ele se ouvir melhor, foi a primeira vez que vimos alguém solar os elaborados solos de Randy Rhoads, seu ouvido e conhecimento musical extraordinários ficaram patentes.

Andy Warhol on 17th Street in New York City by Robert Levin, 1981



William S. Burroughs, Jean-Michel Basquiat and Debbie Harry



CB - 30/05/82

Lago Norte realiza hoje seu terceiro concerto ao ar livre

Neste domingo, na área de lazer na entrada do Lago Norte, vai acontecer o 3º Concerto do Lago Norte, promovido pela Prefeitura, com colaboração de Silkscreen, som de Herman Sonorização e produção de Juãozin e Tenisson.

Na programação, que começa às 10 da manhã, está incluída a apresentação da Banda da Polícia Militar e dos palhaços do grupo **Idéia Colorida**, com brincadeiras, teatro e dança. À tarde, a partir das duas horas, show musical entremeadado com um recital poético, do qual participarão os grupos **Beijo a Quatro**, **Boca Seca**, **Cabeça Solta**, **Sepultura** e **Marcus Rocha**, além dos poetas Tony Passos que estará lançando a sua trilogia **Homem Universal**, composta pelos livros **Amor**, **Mão Verde** e **Juventude e Alienação**, Nicolas Behr, Lincoln e Osny Calixto, entre outros.

Haverá ainda o lançamento do cartaz-poema **Rumo Ao Sol**, lanches naturais, a cargo de Elton e Tony Pessoa e exposição de artesanato em geral. Tanto artesãos quanto poetas interessados em expor sua arte, podem aparecer por lá, segundo Tenisson, mas os grupos musicais, de teatro e dança que quiserem se apresentar no 4º Concerto, neste já não é mais possível - devem procurar Tenisson lá ou pelo telefone: 5772868.

Há algum tempo que Tenisson e Juãozin vêm procurando reunir os artistas da cidade para apresentações coletivas ou individuais, bem ao gosto da rapaziada, através da Associação de Movimentos Culturais. Realizaram, há pouco tempo, na 111 Sul, o Concerto Artesom, mas se queixam de que em Brasília há uma marginalização desse trabalho, por falta



Tony Pessoa, Peter e Tenisson participam e organizam o III Concerto do Lago Norte

de patrocínio e de interesse do governo.

Em geral, o que eles fazem é conseguir patrocínio para pagar o som e, se possível, as pessoas que trabalham nos espetáculos. Nesse caso, do 3º Concerto, quem está bancando as despesas é a Prefeitura do Lago Norte, que buscou seu know how para organizar o acontecimento, transformando-se numa opção para os que querem mostrar seu trabalho artístico.

Tenisson diz que "as pessoas estão se apresentando pelo espaço a ser conquistado e para poder mostrar o trabalho", justamente porque, aqui em Brasília, a falta de espaço onde possam ser feitos estes espetáculos deixa os grupos e as pessoas ociosos. Pierre, do grupo **Cabeça Solta** concorda com o raciocínio de Tenisson e confirma a dificuldade que seu grupo encontra para se apresentar.

"Os homens oficiais, o Detur e a Fundação Cultural, ao invés de se colocarem a serviço dos artistas locais, tratam-nos como se estivessem fazendo um favor a eles", conta Tenisson, que durante algum tempo contou com alguma ajuda oficial pa-

ra realizar seu trabalho. E explica a razão disso: "Eles não querem deixar realizar por uma questão moral, não deixam a gente fazer os espetáculos, que é o que o público jovem mais gosta, porque dizem que aparece muito macabro".

— Recentemente - conta ele - a Secretaria de Segurança Pública não queria deixar a gente realizar o Concerto do Lago Norte. Então, numa cidade como Brasília, que tem tantas praças, até parece que é proibido estar nelas, porque estão sempre vazias, com uma camburão por perto.

Como consequência disso, Tenisson aponta o êxodo dos artistas, que acabam indo embora daqui para outras cidades, em busca de melhores condições de trabalho. E como resultado disso, segundo ele, há uma rotatividade muito grande, em que os novos trabalham sempre para reerguer aquilo que os que foram embora já tinham começado a fazer e desistiram por falta de meios.

Isto suscita uma questão para o poeta Tony Pessoa, para quem "não só o artista quer mostrar o seu trabalho, como o público quer ver es-

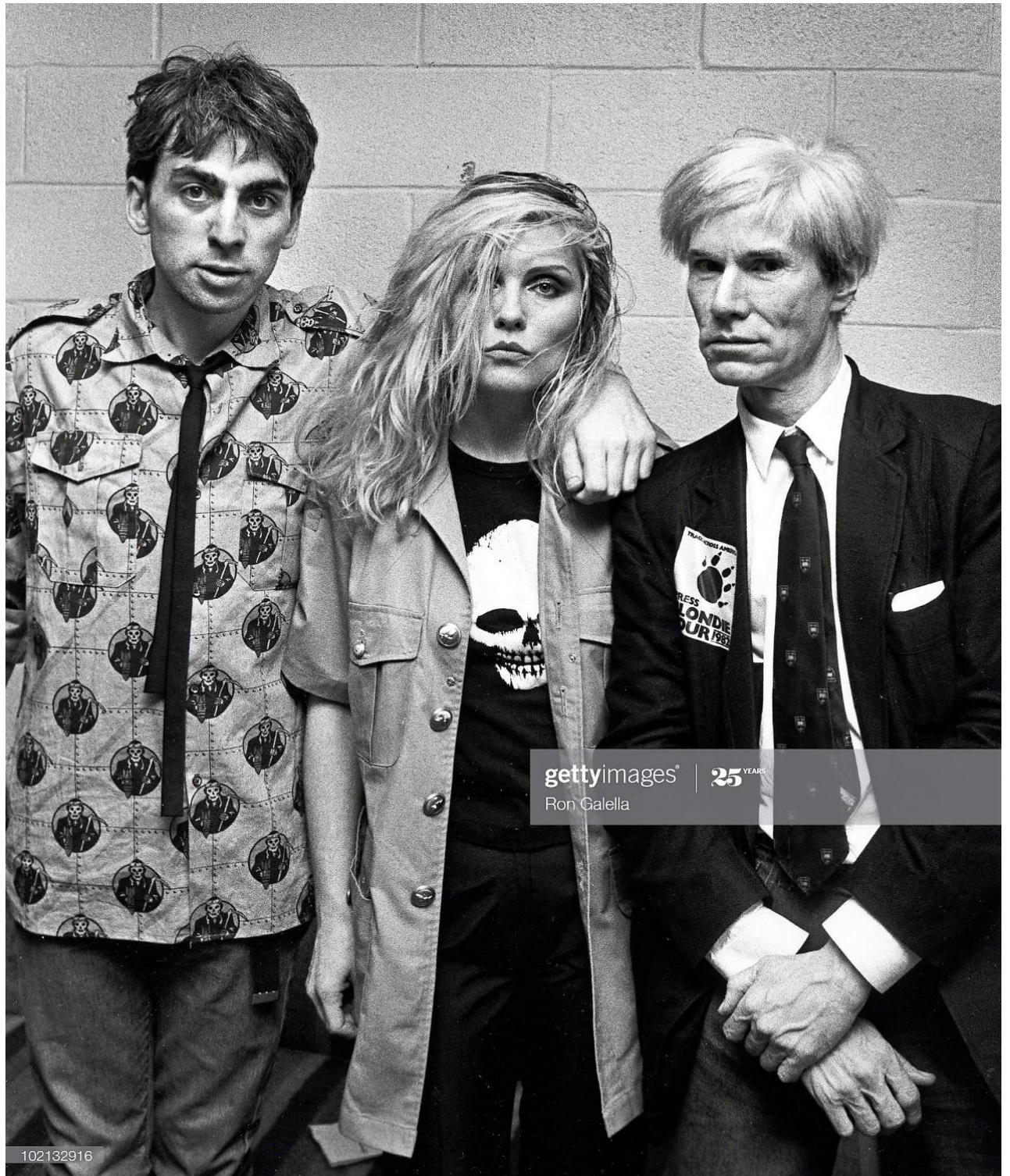
ses trabalhos de música, poesia, dança, teatro, fora da indústria cultural das televisões e dos teatros. Quando concluíram o Teatro Nacional, eu pensei que seria ótimo, mas ele acabou abafando a arte local, virou uma embaixada de artistas tipo classe A, de fora de Brasília. E os outros espaços, que poderiam ser nossos, como o Galpão, a Escola-Parque e o Teatro Garagem do SESC foram desarticulados, criando uma concorrência difícil para nós em termos do espaço. E nós nem sabemos se estes espaços serão mantidos".

Uma coisa importante deste Concerto, para Tony, é a união da poesia à música, em um ambiente propício ao poeta marginal, "porque as pessoas foram ali para curtir aquilo, não é como no bar, que quando você aborda uma pessoa na mesa, você está invadindo o espaço dela, que foi ali para beber".

E parece ser este mesmo o aspecto mais positivo dos Concertos do Lago Norte, dar a rapaziada, tanto a artistas quanto ao público, a oportunidade de mostrar/ver uma arte que é feita por eles e para eles, na medida exata de suas necessidades e de seu gosto.

AGOSTO

Blondie in Concert at the Meadowlands Arena in East Rutherford, New Jersey –
AUGUST 14, 1982



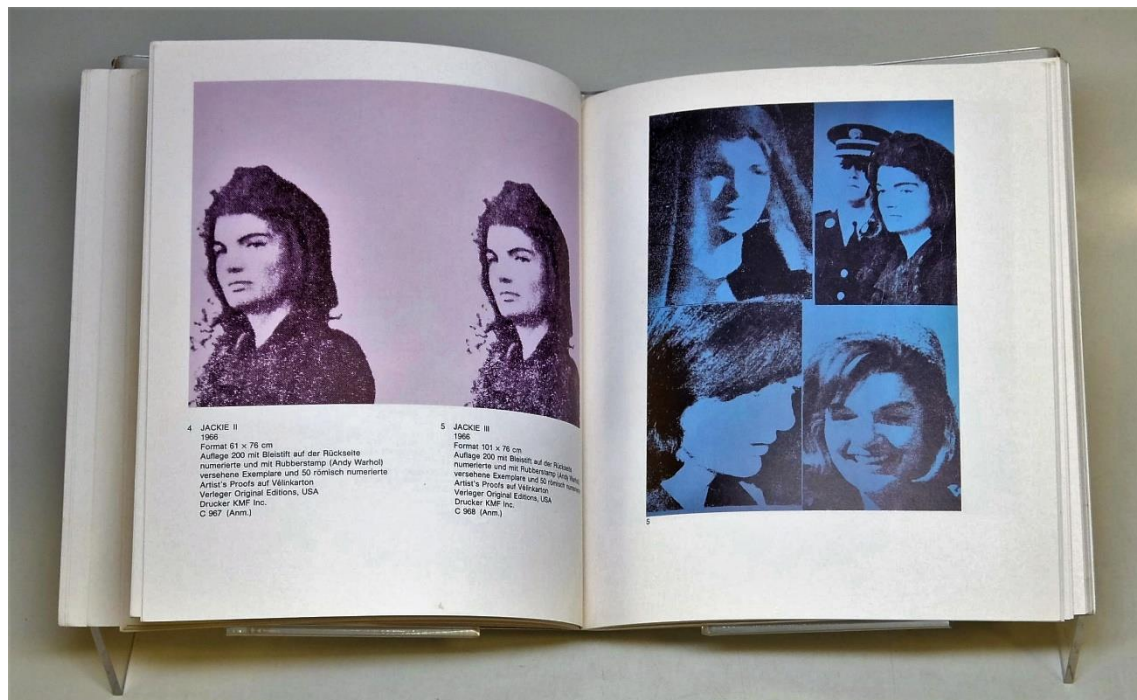
Chris Stein, Debbie Harry, and Andy Warhol (Photo by Ron Galella/Ron Galella Collection via Getty Images)

1982



“Essa foto foi feita em uma ruína na UnB onde hoje é o Departamento de Artes Cênicas.” (JOÃO ROCHAEL MEIRA ALCÂNTARA)

OUTUBRO

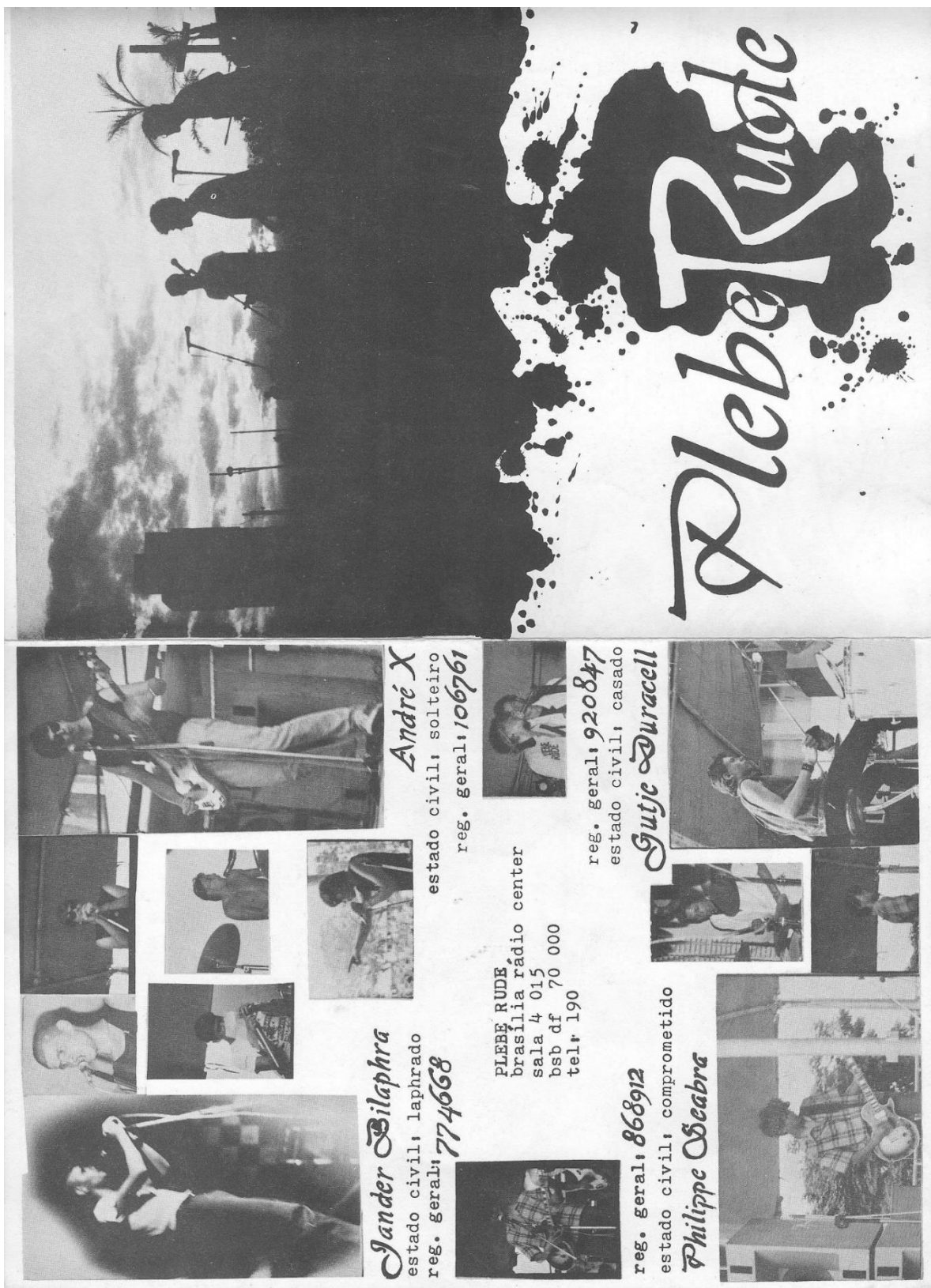


- Alemanha, no final de 1982, Andy Warhol lança o livro *Andy Warhol Das Graphische Werk 1962-1980*, que dá uma geral na sua carreira, e inclui retratos de Mick Jagger, Pelé, Mao-Tsé-Tung. Um livro em três dimensões, mais incontáveis loucuras visuais

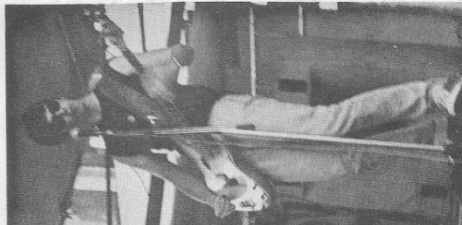
1982 – OUTUBRO – XXX NO CAVE – GUARÁ



Flyer de divulgação da Plebe Rude, com as letras das músicas no verso. De quando, eles ensaiavam na sala, 4 015, no Radio Center/1983



Plebe Rude



André X
estado civil: solteiro
reg. geral: 106761



Gutje Duracell
reg. geral: 920847
estado civil: casado



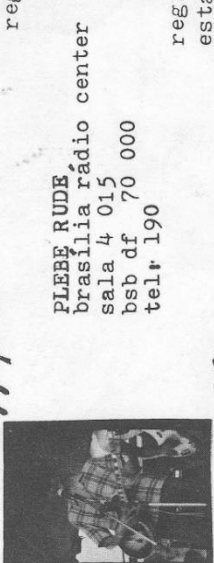
Jander Bilaphra
estado civil: laprado
reg. geral: 774668



Philippe Seabra
reg. geral: 868912
estado civil: comprometido



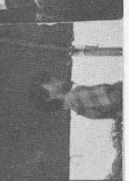
Jander Bilaphra
estado civil: laprado
reg. geral: 774668



Gutje Duracell
reg. geral: 920847
estado civil: casado



André X
estado civil: solteiro
reg. geral: 106761



Gutje Duracell
reg. geral: 920847
estado civil: casado



Jander Bilaphra
estado civil: laprado
reg. geral: 774668

Jander Bilaphra
estado civil: laprado
reg. geral: 774668

PLEBE RUDE
brasil radio center
sala 4 015
bsb df 70 000
tel. 190

Philippe Seabra
reg. geral: 868912
estado civil: comprometido



Philippe Seabra
reg. geral: 868912
estado civil: comprometido

14 DE SETEMBRO DE 2019



POLO DE CULTURA

MARIO PAZCHECO

BAILA COMIGO



PRIMEIRO NÍVEL ONÍRICO.

Da esquerda, a namorada do Véber (já falecido, poesia); Hugney Geraldo, contrabaixo; Pazcheco, canto silencioso e Véber – assim caminhava a humanidade, em passos desordenados desde 1981! Mário e Hugney Geraldo cursaram o Segundo grau no Centrão. À noite descobriram a aventura de frequentar a QE 19, o point nessa época e no fim de semana, o Salão de Múltiplas Funções. (FOTO: IVALDO CAVALCANTE)

MEMÓRIA EPISÓDICA

– O Pantera sempre repetia a cassette com aquele hit do Frampton: "Breaking all the rules"!

– A equipe de som de vocês tocavam discos ou era tudo fita?

Em minhas memórias, a experiência do Salão de Som do Pantera é uma marca feita a ferro e fogo – episódios inaugurais de nossa existência tais como o primeiro beijo, a primeira viagem através de paraísos clandestinos, a gente nunca esquece.

Décadas antes do cosplay e dos quase sócias, clones e fakes, atravesssei a noite do último sábado mergulhado em febre alta e relembrando o saudoso Michael Jackson da QE 32. Andarilho descalço, notável pedinchante de cigarros, arrastava a barra da calça boca de sino listrada pelo asfalto, e – ai que dó! – nu da cintura pra cima, sempre suplicando por um violão, do qual não sabia combinar três notas harmônicas. Chamavam-no de Michael Jackson acho que porque era moreno e miúdo.

Nesta galáxia, também habitava o rockstar Roberto Plant, da QE 28.

Nos anos de lazer na praça, uma das maiores sensações era o esguio Roberto Plant da QE 28. Um dos malucos da paz, sempre

sem camisa, bronzado, cabelos curtos e o rosto marcado por eczemas lunares. Não havia uma só atividade nas redondezas em que nosso Robert Plant particular não prestasse a tradicional canja: enroscado no pedestal abraçado ao microfone com a cabeça levemente inclinada, os quadris fechados e o tronco retesado, sua postura era bem Robert Plant, desabusado, trauteava: "See Me / Feel Me / Touch Me / Heal Me". Apesar de carregar o nome dos Led Zeppelin na hora da convocação se bandeava para o The Who.

MAGRELLO'S DO BREAK

Grupo da QE 26, com Genival, Sanderson, Rossi da 30, e outros...

Os papas, os coadjuvantes, o deflagrador da contorção e da explosão da coreografia foi coordenada pelas ruas de Nova Iorque. Quem era ligado no rock, sabia que um dos nomes das ruas, era Run DMC. O selo Rolling Stones havia lançado Peter Tosh, isso em 1979. No grafite, apadrinhado por Warhol, houve Basquiat. O Sindicato do Reggae nos apresentou a Linton Kwesi Johnson com aquele mantra falado afiado, hipnótico e Barbieri nos aplicou outro ativista, Gil Scott-Heron e não posso esquecer de Damião Experiência, – teve a novela Sinal de Alerta que catapultou o sucesso dos grupos de dança de rua, o nome era o break dance. Os Magrello's com essa grafia, surgiu um tempo depois de Os Magrelos, os primevos do punk rock do Guará 1. A maior influência desses Magrello's foi Michael Jackson!

Parte desses Magrello's do Break moravam no Conj. A da QE 34, meus vizinhos – dançaram muito nos lazers! Entre 1982-84! Eles não se misturavam com roqueiros!

14

27 DE SETEMBRO DE 2019



POLO DE CULTURA

MARIO PAZCHECO

EXTREMO: ROCK CRU FEITO NO GUARÁ

De cabelo curto, o baixista Tuca que cantava, era mais Led Zeppelin, usou a sua calça jeans dragão.

Cécé tocou empolgado, numa guitarra Gibson SG vermelha, com os captadores Tokai rugindo através do phaser. O guitarrista colocou cruzeiros entre os trastes no braço da guitarra.

O esguio Ricardo mandava na bateria, além de possuir um dos cabelos mais longos da cidade.

Até as cruzeiros chegaram a usar. O que baixou foi o santo do Black Sabbath naquele hard rock cru cantado em nacional como se eles não tivessem outra escapatória. Foi o que rolou quando conheci o Extremo.

Eles sonhavam com fama, riqueza, olhares de admiração das garotas e tudo o que um show poderia lhes render.

FÃS DE JOE PERRY PROJECT E MC5

Em julho de 1983 no Teatro de Arena do Cave, assisti ao espetáculo Estrada Estelar com os grupos Extremo, Fusão e 4.º Crescente. Depois que se apresentaram, o guitarrista do Fusão se atirou na plateia, Franco tocou contrabaixo nesse show, ele gostava do LP No more heroes, do Stranglers porque o contrabaixo deles se destacava. Esses grupos possuíam mais pique, som e repertório.

Na onda, a turma do fã clube do Led Zeppelin da SQN 410, Fernando, o China e o Sérgio do Mel

da Terra, os Magrelos. Da 411 Sul, as irmãs Joana, loirinha e a mais velha, Gisele, elas eram fãs do Extremo.

Naquele tarde, nascia uma amizade duradoura, por vezes distante, mas sempre generosa, eterna, e eu passei a acompanhar a sina, a saga, o destino, sempre querendo saber da próxima apresentação.

Cécé estudava com o Ricardo no Elefante Branco, e o Tuca os conhecia. Foi a partir dali que pensaram em tocar juntos, e formar o Extremo.

Eram cabeludos e rasgados, e os achavam punks. De punk, eles só ouviam o som. Sempre foram roqueiros.

A cultura musical do Extremo mesclava cabelos grandes e o protopunk dos Stranglers, Suzi 4, MC5, a fúria do Grand Funk e o peso do Black Sabbath, o rock urbano de São Paulo, via Made in Brazil, e a Patrulha do Espaço, que influenciavam suas canções "Rock nas Veias", "Onda de Viver", "Círculo da Ambição", "Mundo Vazio", "Medo de Existir". Elas eram carregadas de apelo e pegavam na primeira audição. Uma banda formada no Guará, com raça e ardis – tecnologia de quintal com pedais, câmaras de eco e instrumentos "melhorados" eram os seus trunfos.

"Ainda hoje, quando passo na QE 4, eu olho com saudades para a padaria onde comprávamos pão e vinho. Tudo perfeito."
(Zeca Ribeiro, fotógrafo)

FOTO: NALDO CAVALLANTE



Têm os olhos vermelhos de tanto fumar / têm os braços furados de tanto aplicar / Um olhar assustado de quem vive a fugir / De uma realidade que não quer admitir Viciado! Viciado! Viciado! Viciado! Viciado! : um blues-rock violento, dedicado a Christiane F.

1982 – 3 DE MARÇO



Beuys, Joseph – Bildender Kuenstler, D/ mit A. Warhol (m.) u. R. Rauschenberg (r.) (GERMANY OUT) Beuys, Joseph Bildender Kuenstler, Objektkuenstler, D- mit Andy Warhol (m.) und Robert Rauschenberg (r.) – 1982 (Photo by Stark-Otto/ullstein bild via Getty Images)

HOUSE AND GARDEN 1983

Interior of Andy Warhol's Factory at 860 Broadway in New York City, with French Art Deco brass desk and Warhol artwork including portraits of Marge Cowen, Antonio Lopez and Lorna Luft, and two paintings of yarn. (Photo by



UÉ, ANDY WARHOL FEZ PINTURAS PARA CRIANÇAS?

Sim, fez uma série inteira a pedido de um marchand em 1983

POR RICARDO SCHOTT – popfantasma.com.br

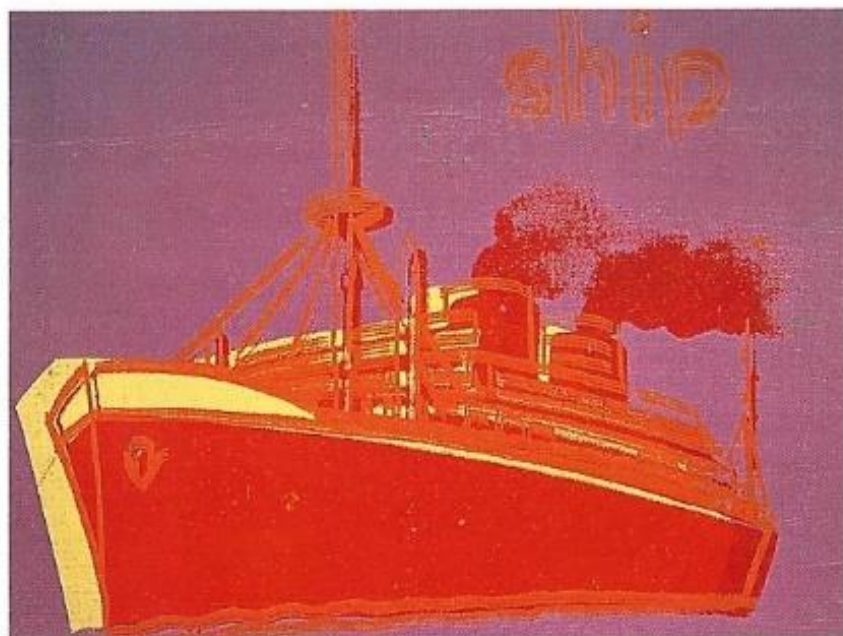
17 DE OUTUBRO / 2018 – Em 1983, Bruno Bischofberger, marchand de Andy Warhol em Zurique, pediu a ele que fizesse uma série de telas com brinquedos. A ideia dele era expor todo o material em sua galeria num nível baixo, e organizar uma exposição para crianças – isso depois de levar seus filhos a um museu e ter que erguê-los para que pudessem ver os quadros. Warhol atendeu o pedido e a expo Pinturas para crianças (ou Pinturas de brinquedos) foi inaugurada na Bischofberger Gallery em 3 de dezembro daquele ano, com 128 telas trazendo não apenas brinquedos, como também animais, frutas, aviões, carros e imitações de capas de revistas.

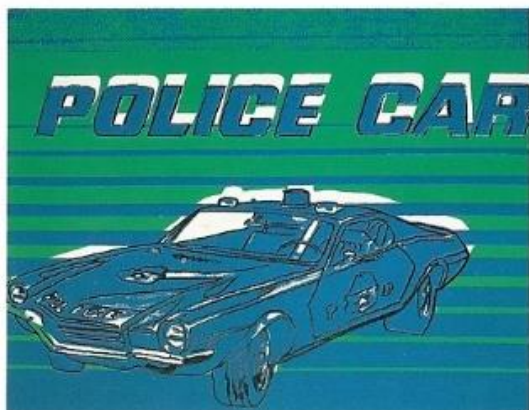


Se você acha difícil imaginar que Warhol possa ter algum tipo de relações com arte infantil, amigos do pintor lembram que ele adorava crianças e aprendia bastante com

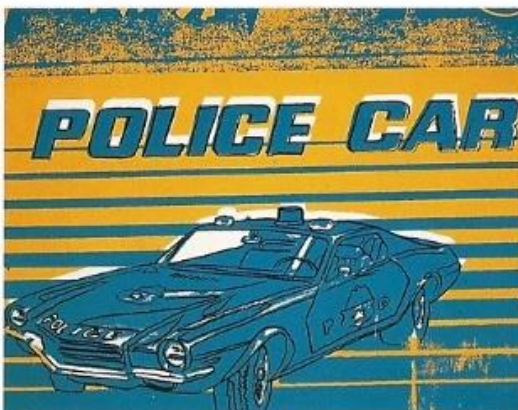
elas. “Ele ficava mais à vontade com crianças do que com colecionadores de arte ou fãs adultos”, recorda o amigo e fotógrafo pessoal Christopher Makos.

Em seu acervo, era possível achar vários brinquedos – alguns deles foram retratados na série. Esse material chegou a ficar de fora de algumas exposições do rei da pop art. Quando aconteceu a primeira grande retrospectiva de Warhol por aqui – no Centro Cultural Banco do Brasil, em 1999 – essas pinturas chegaram a ser exibidas e figuraram até no catálogo da mostra. Foi de lá que tiramos essas imagens.

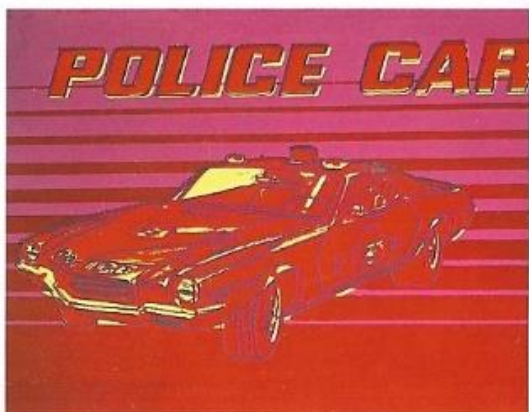




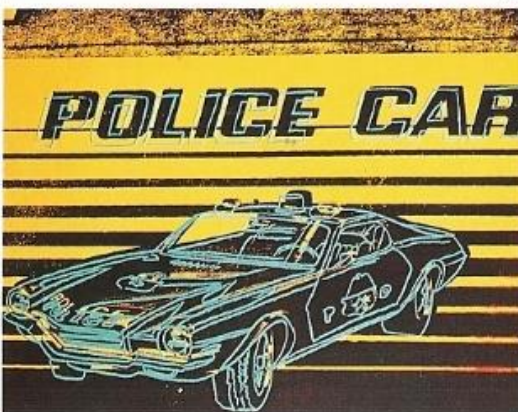
195



196



197



198



206



207



208



209



210



211



212



213



214



215



216



217



218



219



220



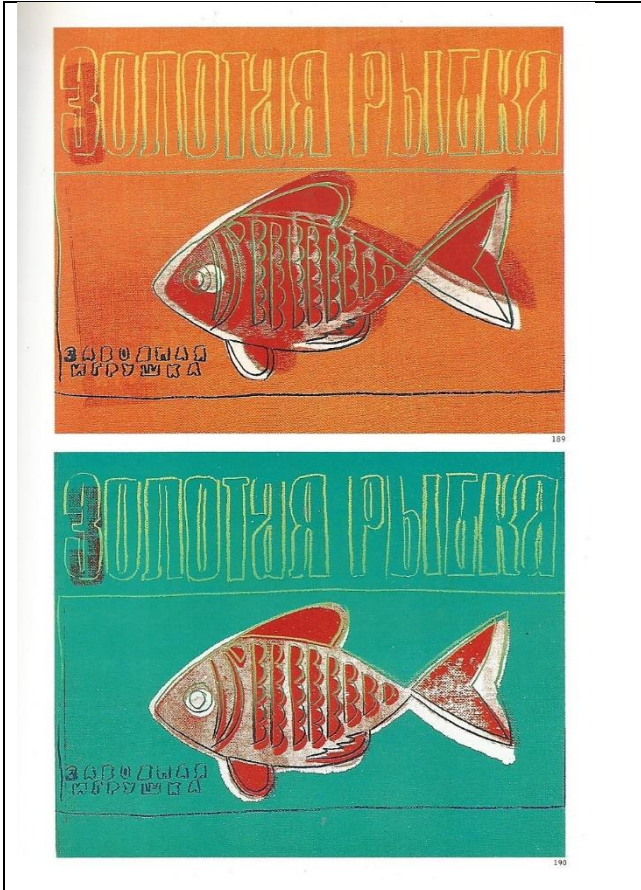
221



222



223



1983

Andy Warhol lança a série de serigrafias *ESPÉCIES EM PERIGO*.

8 OUTUBRO

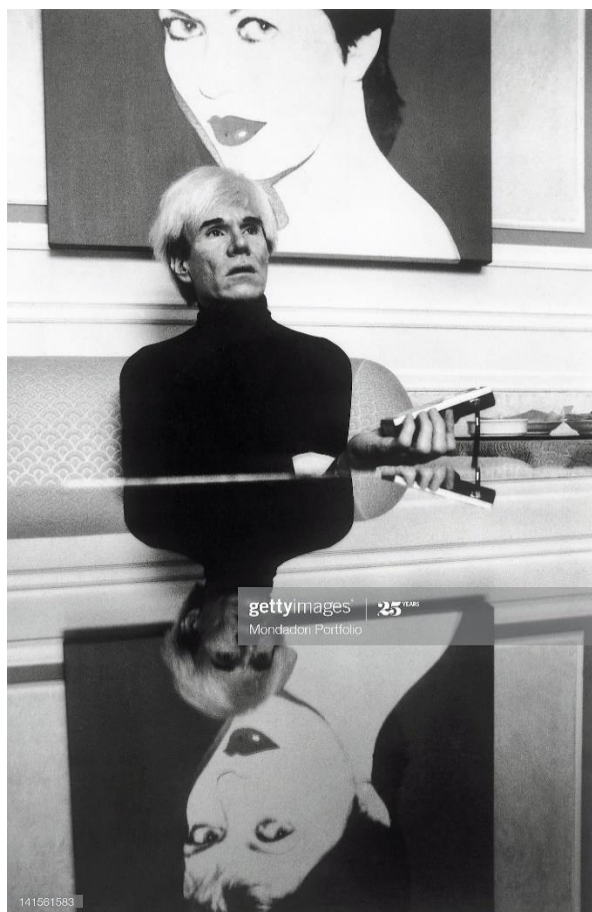
Howard Brookner

El director Howard Brookner (derecha), junto con el poeta William Burroughs, en un fotograma del documental 'Uncle Howard'

- *BURROUGHS: THE MOVIE* 1983 (Direção: Howard Brookner (30 de abril de 1954, Nova Iorque, Nova Iorque, EUA Falecimento: 27 de abril de 1989)

BERLINALE

HOWARD BROOKNER, EL HOMBRE QUE FILMÓ LA CONTRACULTURA NEOYORQUINA



'Uncle Howard' muestra en la Berlinale la fascinante obra de un cineasta casi desconocido

por GREGORIO BELINCHÓN – Enviado especial a Berlín 13 FEB 2016

La Berlinale ha sido la plataforma de lanzamiento en los últimos años de grandes documentales musicales. Pero en esta edición ese caldo de cultivo ha derivado hacia el documental social y político, que ha llegado incluso a la sección oficial, porque, como dice el director del certamen, Dieter Kosslick, hay todo un rastro en la sociedad actual de búsqueda "del derecho a la felicidad".



Aun así, quedan buenos ejemplos de esos documentales culturales. Como el sorprendente *Uncle Howard*, la vida de un cineasta que solo ocupa un párrafo de los libros de historia del cine gracias a su *Burroughs: the movie* (1983). Fallecido a los 34 años en 1989 víctima de complicaciones derivadas del sida, de Howard Brookner quedaban solo ese documental y su salto a la ficción, *Noches de Broadway*, estrenada tras su muerte. Su sobrino Aaron Brookner ha buceado en su vida y su carrera, ha buscado casi todo su material fílmico inédito (que resulta vibrante) y con todo ello ha estrenado en la Berlinale la magnífica *Uncle Howard*.

Howard Brooker filmó el mejor momento de Nueva York, el de finales de los setenta e inicios de los ochenta. Algunos de sus amigos aparecen ante la cámara de Aaron: Jim Jarmusch y Tom DiCillo trabajaron con él en el documental sobre el poeta y líder contracultural William Burroughs, y a todos les dejó huella indeleble. El primer paso de Aaron fue indagar en el Bunker, el apartamento de Burroughs en el barrio de Bowery. Allí aparecen algunas de las filmaciones de su tío, imágenes inéditas de aquellos años: Patti Smith, DiCillo y Jarmusch, Andy Warhol, Burroughs bromeando con otro grande de la literatura, Allen Ginsberg, Brian Jones, Frank Zappa, Laurie Anderson... Con 23 años, gracias a su talento y a su encanto, Brooker logró la complicidad de Burroughs –hasta le compra heroína- y acceso a un mundo muy especial.

Su exitoso documental lleva a Brooker a viajar por todo el mundo: hay fotos de un festival en Japón con Spike Lee (que debutaba en el largo con *Joe's Bed-Stuy Barbershop: We Cut Heads*), John Waters (*Polyester*) y Jarmusch, visita Londres, París... Aaron recorre su camino y en Hamburgo encuentra otro tesoro: el otro largo documental de su tío, *Robert Wilson and the civil wars*, dado por desaparecido y que ilustra el trabajo del mítico director teatral (presente ayer en la primera proyección en la Berlinale) que fracasó al querer montar una ópera épica de 12 horas para los Juegos Olímpicos de Los Ángeles en 1984.

Brookner siempre llevaba una cámara en la mano, así que levantó testimonio de todo lo que le rodeaba. Aaron también, pero con buen criterio es comedido con su familia. Para su abuela, la madre de Howard, fue un drama el día en que en esa familia judía su segundo hijo, el pequeño, se declaró homosexual: no tendría nietos, en aquella época le discriminarían... La tormenta escampó cuando la madre conoció a su novio, el escritor Brad Gooch. “Era tan guapo y atento”, confiesa ella entre risas. Aaron idolatra a su tío, al igual que Howard le quería, aunque entiende que ese amor puede contaminar el filme y no se deja llevar por la pasión. Deja que la pasión salga poco a poco, empujada por el carisma de su tío y la marca que dejó en la gente que le conoció, y no la provoca con trucos bajos fílmicos

El Nueva York de los ochenta es el del hotel Chelsea, el de una maravillosa eclosión cultura. También, el del hospital St. Vincent, donde fueron tratados miles de enfermos con el síndrome de inmunodeficiencia adquirida, el sida, que acabó con toda una generación. Hoy es un bloque de pisos, y nada queda del paso de Howard Brookner por aquellas habitaciones. A los 34 años, decide abandonar la medicación para poder acabar su largometraje *Noches de Broadway*, con Madonna, Matt Dillon, Randy Quaid, Jennifer Grey y Rutger Hauer. No llegará a verlo en las salas. Deja una carta maravillosa a sus padres: ha vivido como ha querido, ha hecho todo lo que deseaba, sin resquemores ni remordimientos. A ellos les pide lo mismo. Y Aaron deja que sea su tío quien se despidiera desde la pantalla. *Uncle Howard* finalmente encaja como retrato de una generación y testimonio de alguien que amó y se dejó amar.

MEMÓRIAS DO HOTEL CHELSEA: A CASA DE TOLERÂNCIA INFINITA

(ARTHUR MILLER – COLABORAÇÃO: DÊNIS DE MORAES)

Decidi me mudar para o Hotel Chelsea em 1960, pela privacidade que me foi prometida. Parecia ser um lugar fantasticamente afastado do burburinho central, quase uma favela, onde seria pouco provável que alguém fosse me procurar. Era pouco depois de Marilyn [Monroe] e eu nos separarmos, e parte da imprensa ainda perseguia meus passos, de vez em quando buscando novas revelações de maneira um tanto quanto desanimada. Uma amiga com a qual, mais tarde, eu iria me casar [Inge Morith] tinha feito fotos para um livro de Mary McCarthy sobre Veneza, e Mary recomendara o Chelsea como sendo um hotel barato, mas decente. Minha amiga, que normalmente vivia em Paris, tinha se hospedado lá durante breves períodos de trabalho na América, e eu achei o lugar surrado e, sem exagero algum, informal. "Ninguém vai incomodar você lá", ela me garantiu.

O proprietário, sr. Bard, me levou até um apartamento recém-redecorado no sexto andar, com vista para o estacionamento situado atrás do hotel (que, desde então, deu lugar a um prédio de apartamentos). O estacionamento é importante.

Eu não sabia exatamente o que pensar de sr. Bard. Judeu húngaro de olhos azuis, baixo e com um rosto redondo e feliz, iluminado e repleto de energia, ele fez com a mão um gesto em direção ao quarto, dizendo: "Tudo é perfeito. Os móveis são todos novos em folha, os colchões são novos, as cortinas... Olhe no banheiro".

Enquanto andávamos em direção ao banheiro, observei um caminho gasto que percorria o centro do tapete e o que parecia ser pó de carvão debaixo de meus sapatos. "O tapete", comecei a dizer, mas ele me interrompeu. "Um tapete novo vai chegar amanhã", falou, com o dedo indicador levantado, e percebia-se que ele não tinha pensado em trocar o tapete até aquele exato momento.

Ele abriu as duas torneiras da pia e apontou com orgulho para a água que jorrava forte. "Torneiras novas em folha, no chuveiro também. Mas tome cuidado no chuveiro, a torneira fria é quente, e a quente é fria. Sr. Katz", ele falou. Voltamos para a sala.

"O que tem o sr. Katz?", indaguei.

"Ele cuida dos encanamentos. Às vezes ele..." Mais uma vez Bard se interrompeu no meio e disse: "Então, o que o senhor me diz?". Antes que eu pudesse responder, prosseguiu: "Garanto que ninguém saberá que o senhor está vivendo aqui. Uma empregada vem todos os dias. Às vezes, quando estou deprimido, vou pescar no reservatório Croton; talvez o senhor queira juntar-se a mim". Era quase possível saber do que o sr. Bard estava falando, mas não por completo. Ele tinha o dom de superar as probabilidades, um fluência emocional que levava seus pensamentos a voar de um tema a outro como mergulhos de andorinha, uma visão progressista e entusiasmada da vida. Em suma, anarquia. "A mobília é toda nova."

"O senhor me disse isso", falei. Na realidade, era uma mobília barata, vinda do sul da fronteira –da Guatemala, talvez, ou da periferia de Queens-, e eu toquei uma escrivaninha com algum receio, mas, felizmente, o verniz já estava seco.

Dentro de uma semana os colunistas de fofocas, como eu mais ou menos previra, já estavam divulgando meu novo endereço, e amigos meus na Europa observaram a mesma notícia importante em alguns jornais europeus e britânicos. "É uma pena", disse o sr. Bard quando falei com ele sobre o assunto. "Fizemos o melhor que pudemos para não mencionar nada. Todo o mundo fez."

"Todo o mundo quem?"

"Todo o mundo a quem dissemos que não deveria mencionar."

"Incluindo os jornais?"

"Incluindo os jornais, o quê?"

"Aos quais você disse para não mencionarem."

Ele achou graça e deu risada. Eu também. Eu já estava entrando no clima. Tinha ouvido um boato de que o sr. Bard tinha ganhado o hotel num jogo de cartas com apostas altas que acontecera no hotel New Yorker, que também tinha trocado de mãos algumas vezes em consequência de um jogo(...).

(...) Apesar de quase me esquentar no chuveiro algumas vezes, comecei a gostar do hotel ou pelo menos de alguns de seus hóspedes ou residentes, como alguns deles gostavam de se chamar. Você podia ficar chapado nos elevadores apenas com os resíduos de fumaça de maconha. "Que fumaça?", o sr. Bard indagava, indignado. De vez em quando o poeta Allen Ginsberg tentava vender sua nova revista, "Fuck You", no saguão do hotel, Andy Warhol filmava cenas em um dos apartamentos, e vez por outra uma moça de olhos malucos aparecia no saguão, distribuindo uma resma de maldições mimeografadas jogadas sobre pessoas do sexo masculino e ameaçando atirar num homem num dia qualquer. Tive uma conversa séria – ou que eu achei que fosse séria – com o sr. Bard e seu filho Stanley, que estava pouco a pouco assumindo a direção da casa, mas eles desprezaram a ideia de que ela pudesse realmente fazer alguma coisa arriscada. Como fui saber aos poucos, eles simplesmente não se interessavam por más notícias. É claro que a moça atirou em Warhol, mirando diretamente em suas bolas, dois dias mais tarde, quando ele entrava no saguão vindo da rua 23. Mas, como tudo o mais que acontecia por lá, aquilo perturbou a tranquilidade do dia no Chelsea apenas momentaneamente.

De qualquer maneira, era com certeza muito mais "gemütlich" [acolhedor] do que viver num hotel de verdade. No início dos anos 1960, caminhoneiros ainda se hospedavam em quartos do segundo andar que não tinham banheiros e estacionavam seus imensos veículos na frente do hotel durante a noite. O Automat ainda ficava na esquina da rua 7. Lá eu tomei café muitas vezes com Arthur C. Clarke [escritor de ficção científica], que, à sua maneira seca, lembrando o jeito de um pastor da igreja Unitária, tentava me explicar por que populações novas inteiras dentro em breve estariam vivendo no espaço. Fingindo estar interessado nesse absurdo, eu me perguntava por que alguém iria querer viver no espaço. "Por que Colombo quis atravessar o oceano?" Eu supunha que ele tivesse razão, mas não realmente. Em pouco tempo, europeus começaram a aparecer no Chelsea, na esperança de encontrar sabe-se lá que aventuras no hotel de celebridades e artistas sobre o qual tinham lido, e alguns fugiam tão rapidamente quanto tinham chegado, em pânico bem-educado. Um deles, um empresário alemão, me disse: "É como um certo tipo de hotel que existe em Paris", acrescentando: "Na verdade, a semelhança é até um pouco excessiva". Para muitos, porém, o Chelsea satisfazia suas expectativas: era emocionante saber que Virgil Thomson estava escrevendo suas resenhas musicais antipáticas no último andar e que as telas penduradas no saguão eram de Larry Rivers, sem dúvida a título de aluguel e, ainda, que a garota de faces encovadas no elevador era Viva, que o homem de olhos cansados que a acompanhava era Warhol e que o aroma que você estava sentindo era de maconha. Em certa manhã foi feita a entrega fatídica e espantosa de um novo rolo de tapete. Ele foi deixado

temporariamente no saguão, onde os residentes da casa paravam para olhar, espantados, já que era o primeiro objeto novo que muitos deles já tinham visto entrando no Chelsea. Sua chegada sugeria uma possível nova atitude reformista por parte da direção do hotel, que, para alguns de seus residentes, tinha implicações preocupantes. Para começo de conversa, poderia significar que a casa seria arrumada e consertada. Isso com certeza resultaria em aumento dos aluguéis, colocando na rua alguns dos inquilinos.

Mas o novo rolo de tapete foi especialmente inspirador para Mendel Rubin, o "engenheiro" do prédio -um antigo soldado raso da Marinha, grande, bonzinho e judeu, que começou a ousar nutrir a esperança de que alguns dos equipamentos guardados no subsolo e aos quais ele dispensava cuidados constantes também pudessem ser substituídos. De tempos em tempos, entre um e outro encontro com seus queimadores de óleo, Mendel dava as caras para ajudar a dependurar quadros no saguão ou bater papos artísticos, de passagem, com os hóspedes. Ao tomar conhecimento das somas astronômicas que Rivers recebia por seu trabalho, Mendel não viu razão para não começar a rabiscar seus próprios desenhos sobre placas de linóleo avulsas que encontrara no porão e que começou a cobrir com jatos de tinta laranja, verde e preta que sobrara no fundo de latas deixadas lá embaixo. Ele espalhava as placas pelo saguão, e uma visitante da Islândia, creio eu, ou talvez tenha sido da Nova Zelândia, comprou várias delas e pagou a ele em dinheiro. Mendel nunca mais seria o mesmo. Ele começou a passar seu tempo todo com suas placas e até conseguiu fazer uma exposição numa galeria no centro da cidade. Eu nunca soube como nem por que ele desapareceu do hotel, mas, antes de fazê-lo, ele me confidenciou que nutria um ódio profundo e duradouro pelo detetive da casa, que, tinha certeza, não passava de um enganador -o que, como será explicado dentro em pouco, revelou ter uma ligação profunda com o novo rolo de tapete(...).

O Chelsea, nos anos 60, parecia unir dois ambientes: o caos assustador e otimista que antecedeu o futuro hippie e, ao mesmo tempo, a sensação de uma família grande, antiquada, protetora. Esse, pelo menos, era o mito que acalentávamos em nossa cabeça, mas, como todos os mitos, ele não resistia totalmente quando inspecionado de perto. A ideia de família tinha limites. A não ser que você estivesse drogado ou passasse seus dias colocando tinta sobre uma tela, palavras em papel, cinzeiros em pedra ou cantando árias de óperas ao piano, era muito difícil conseguir que Stanley prestasse atenção em você.

Fosse o que mais fosse, o Chelsea era uma casa de tolerância infinita. Essa era a genialidade dos Bard, pensei eu: ter conquistado um caos operacional que, ao mesmo tempo, podia ser um lar para pessoas que não eram malucas. Escrevi a maior parte de "After the Fall" [Depois da Queda] ali, e nossa filha tomou seus primeiros banhos na pia da cozinha do hotel. Virgil Thomson oferecia martinis letais a seus convidados ocasionais, e Arthur C. Clarke teimava em traçar o mapa do próximo milênio em seu quarto ao lado. Tragicamente, também havia pessoas que tinham chegado a seu limite, que vagavam pelos corredores ou elevadores de pijama ao meio-dia, uma das quais, segundo seus pares, tinha sido o melhor estilista de moda feminina que a América já vira nascer, Charles James.

Que ele era alguém profundamente problemático era evidente; seu desespero impotente estava escrito em seus olhos. Era um homem de rosto largo, na casa dos 60 anos e ainda bastante forte, eu pensava, e inteligente, mas de vez em quando esquecido a ponto de sair à rua em sua roupa de dormir. Kennedy acabara de ser assassinado quando topamos um com o outro num corredor, e ele segurou minha mão

e disse: "Será que isto é o começo do fim?" e me olhou nos olhos, fixamente, como se as balas tivessem passado raspando por ele.

Na realidade, o lugar me lembrava [o Estado de] Nevada no início dos anos 60 – e ainda lembra. Havia um tipo semelhante de deslocamento, de inadaptação, em tantas das pessoas que ou tinham abandonado ou nunca tinham chegado a adentrar os caminhos batidos normais pelos quais flui a maior parte do tráfego humano. O pobre Brendan Behan esteve hospedado lá por dois ou três meses, no momento de sua vida em que parecia divertir-se casualmente com a proximidade da morte, coisa na qual não diferia da tristeza depressiva de Charles Jackson antes de pôr fim a sua vida (em 1963, 24 anos depois de publicar "The Lost Weekend") ou do bravo mergulho de Dylan Thomas em direção a uma catarata particular de álcool que acabaria por agarrá-lo e atirá-lo de encontro às pedras lá embaixo. Mas onde há artistas sempre haverá suicidas. Sempre me pareceu estranho o fato de muitos escritores acharem Nova York tão glamourosa. Para mim, nascido na esquina da rua 112 com a Terceira avenida, a cidade era, com certeza, o lugar mais interessante do mundo, mas não um campo de diamantes reluzindo sob o luar, sendo repleta de meras pessoas, e não de possibilidades infinitas.

Parecia bizarro que tivesse sido ali no Chelsea, dez anos antes, que eu me vira me compadecendo de outro alcoólatra celta autodestrutivo, Dylan Thomas. Tudo o que Brendan podia esperar era trabalhar por um pouco mais de tempo, mas ele já tinha praticamente parado, encharcado. Com Dylan a sequência tinha sido diferente; ele ainda se sentia perseguido, pensava eu, pelo sentimento de culpa por seu próprio sucesso, quando seu amado pai poeta não tinha conseguido nenhum reconhecimento próprio.

Quando Dylan, ainda jovem, redondinho e de faces rosadas, se postou diante do público reverente no auditório de Irving Place, uma mão agarrada ao pódio para se equilibrar, sua voz cadenciada, um verdadeiro instrumento musical, nos conduzindo com segurança extraterrena até seus campos, seus sonhos e as ruas de seus povoados, ouvíamos algo muito antigo e misteriosamente grave. Sua voz ecoava, saída de criptas de pedra e coisas enterradas, e ele me parecia ser um homem escolhido para conduzir um espírito perdido de volta ao mundo, muito mais do que um simples escritor à procura de uma palavra ou um tema. Ouvindo-o, eu soube o que era um bardo, e o fato de não estar morrendo de doença alguma enquanto cantava por moedas e para o prazer de desconhecidos era estranho e terrível. As paredes do Chelsea poderiam nos dizer muito sobre o auto-repúdio de pessoas talentosas.

*Patti Smith
At The
Chelsea*

**NEW
YORK
CITY –
MAY 4:**
Poet and
singer
Patti Smith
poses for a
portrait on
MAY 4,
1971 on a
balcony at
the
Chelsea
Hotel in
New York City, New
York.

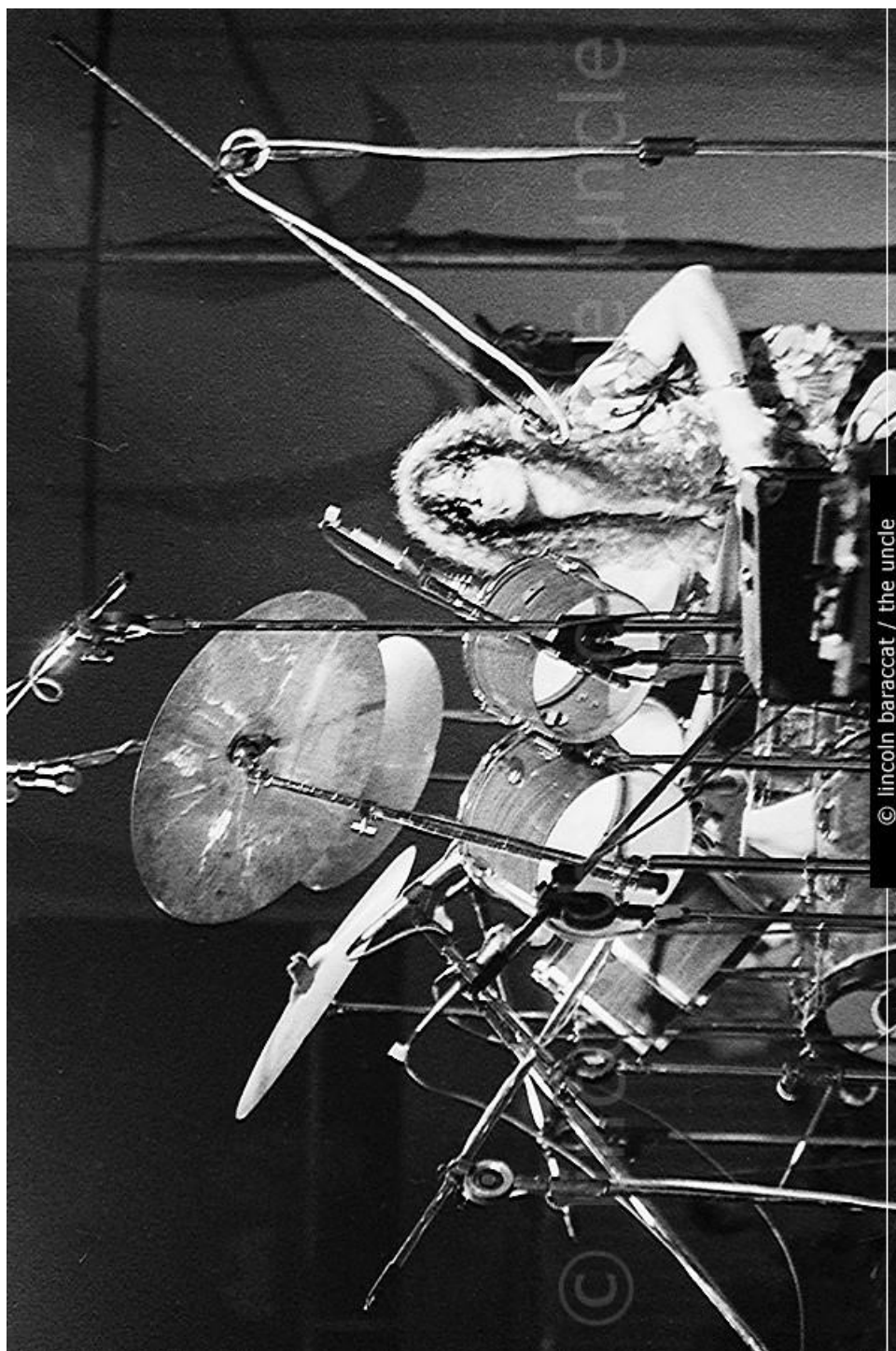
(Photo by David
Gahr/Getty Images)

Patti Smith and Warhol
Superstar Viva in May
1971 at the Hotel
Chelsea in New York
City.



Foto: Albert Watson

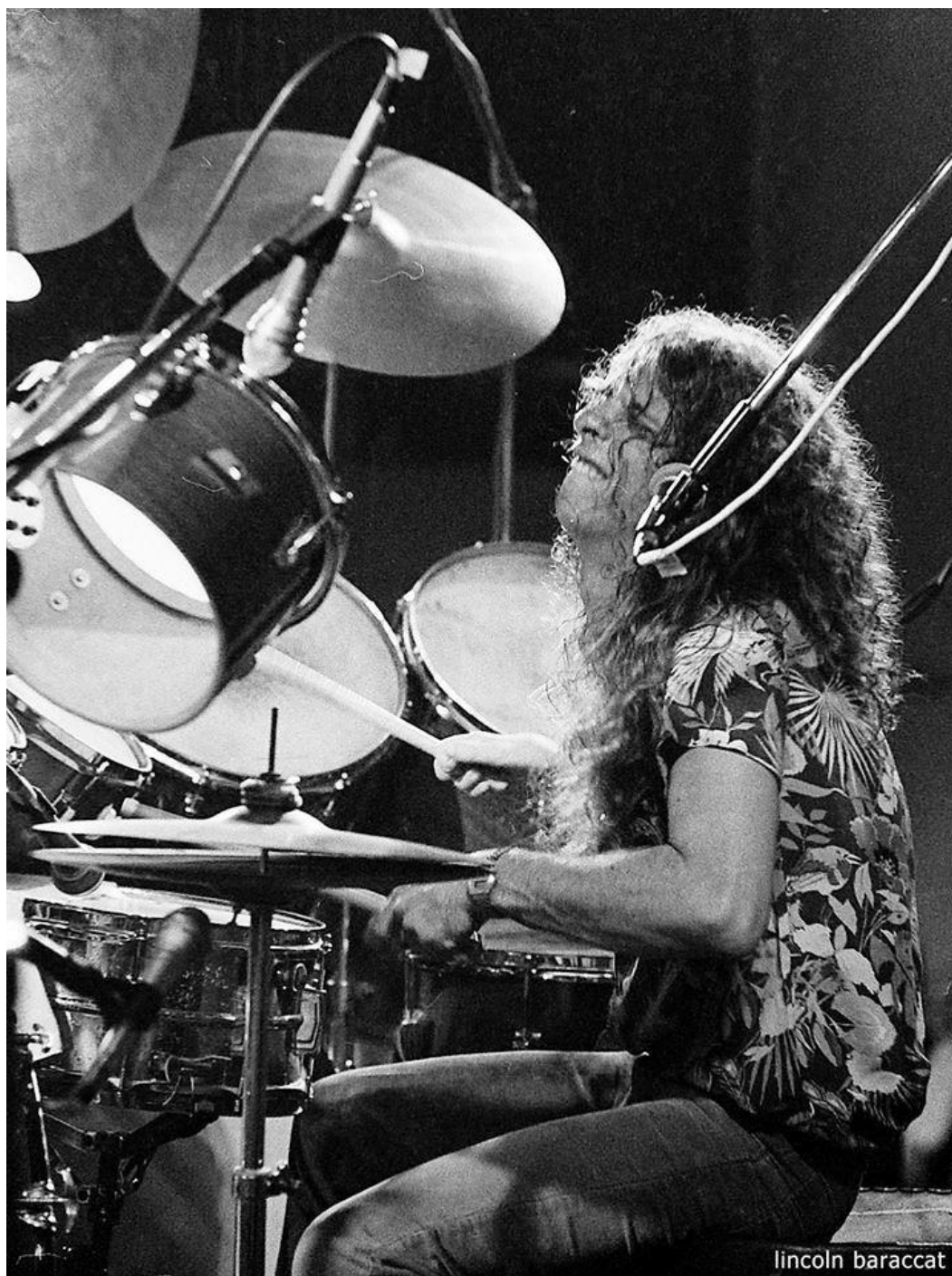




Clic by titio, vulgo Lincoln Baraccat, tanx a lot

DUBAÚ!

"A memória desperta em um turbilhão de imagens e emoções de um dado momento de nossas vidas. Essa foto é de um show numa segunda-feira, no Ginásio do Palmeiras, em São Paulo, lançamento do segundo play da Patrulha, baita tensão e emoção, trabalhamos um monte pra essa gig acontecer. Particularmente adoro fotos em que se vê bem a bateria, ela é tudo pra mim, sem ela não existo, e essa batera Ludwig ainda me pira o cabeção, altos shows e gravações com Aeroblus, Arnaldo e por fim Patrulha, miss u baby." **(ROLANDO CASTELLO JR.)**



"Dizem por aí, que hoje é dia da música ou do músico, não sei ao certo, o que sim sei é que precisamos de vocês para seguir nessa estrada que escolhemos, o apoio de vocês é fundamental.

"Então, lembro que estamos junto a Baratos Afins, relançado o vinil do Patrulha 3, conhecido como disco branco, remasterizado, com um encarte muito legal, o play já está na mão, são poucas unidades e quem estiver afins de dar uma força, por favor escrever para patrulhacds@gmail.com, muito obrigado, feliz dia, abs a tds."
(ROLANDO CASTELLO JR.)

Photos by Lincoln Baraccat



Mais uma rareza, cortesia do titio, Patrulha do Espaço, sessão de fotos pós show, no Auditório Augusta em São Paulo, começo dos 80's deve ser, época do terceiro disco da banda, nosso primeiro com a Baratos Afins, grande parceria e parceiros, da esq; Eduardo Chermont, este servidor e Sergio Santana + Fenders e Ludwig." **(ROLANDO CASTELLO JR.)**

Clic by Lincoln Baraccat



Amigas e amigos, anunciamos com muita alegria, que a Baratos Afins está lançando uma reedição em vinil de nosso disco 3, conhecido como disco branco.

Será uma edição ultra limitada, remasterizada, com a capa original e mais um encarte novo, do qual vemos um lado aqui neste post, por aqui teremos umas poucas cópias para venda, assim que os interessados em já comprar alguma dessas poucas cópias que teremos, por favor escrever para patrulhacds@gmail.com, muito obrigado pela força e apoio de sempre, abraço a todos.

Clic by Lincoln Baraccat

Clics by Grace Lagôa



"Gravando o disco 'Patrulha do Espaço 4', estúdio Abertura, São Paulo, de costas o engenheiro de gravação Silvio Fernandes, figuraça e cúmplice em dois plays da

Patrulha, a data não sei ao certo, acho que é em algum momento de 1983." **(ROLANDO CASTELLO JR.)**

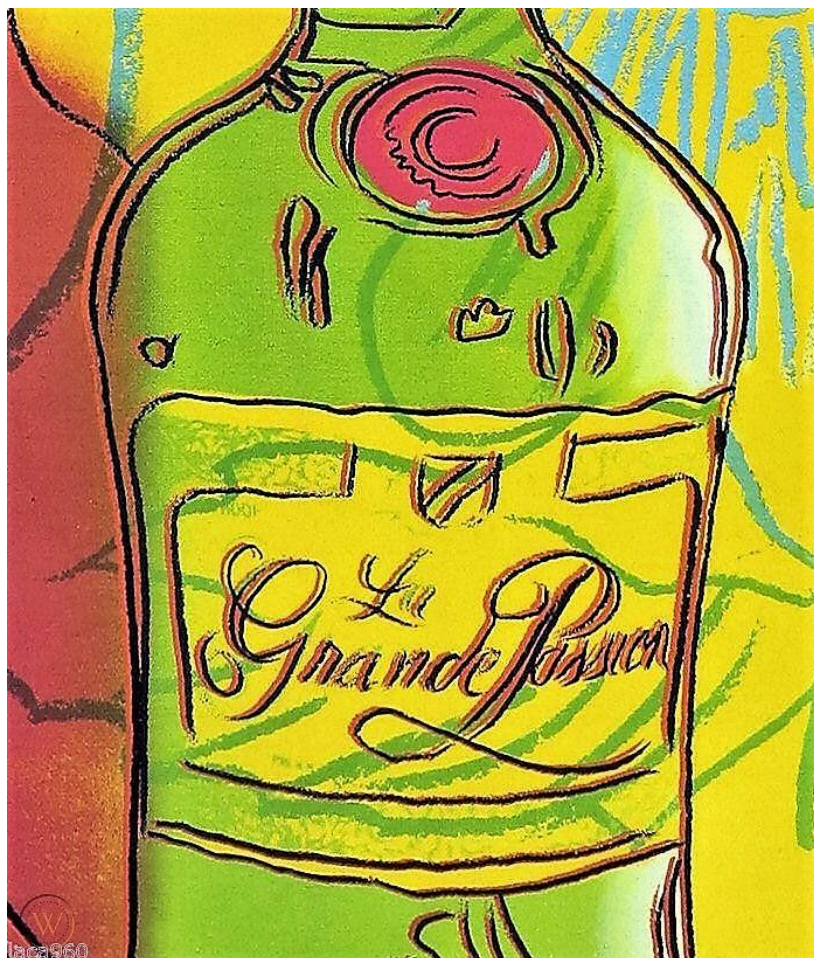


"Estúdio Abertura, São Paulo, gravando 'Depois das Onze' com uma bateria Asba francesa de aço e a inigualável caixa Ludwig Supraphonic, já amos mixando o disco 'Patrulha 4', quando nos demos conta que o disco estava curto e faltava uma música, interrompemos a mix e gravamos o tema, por isso usei a bateria do estúdio, éramos assim, independentes e tudo feito a toque de caixa, ultra rápido, não pensávamos muito, resolvíamos." **(ROLANDO CASTELLO JR.)**



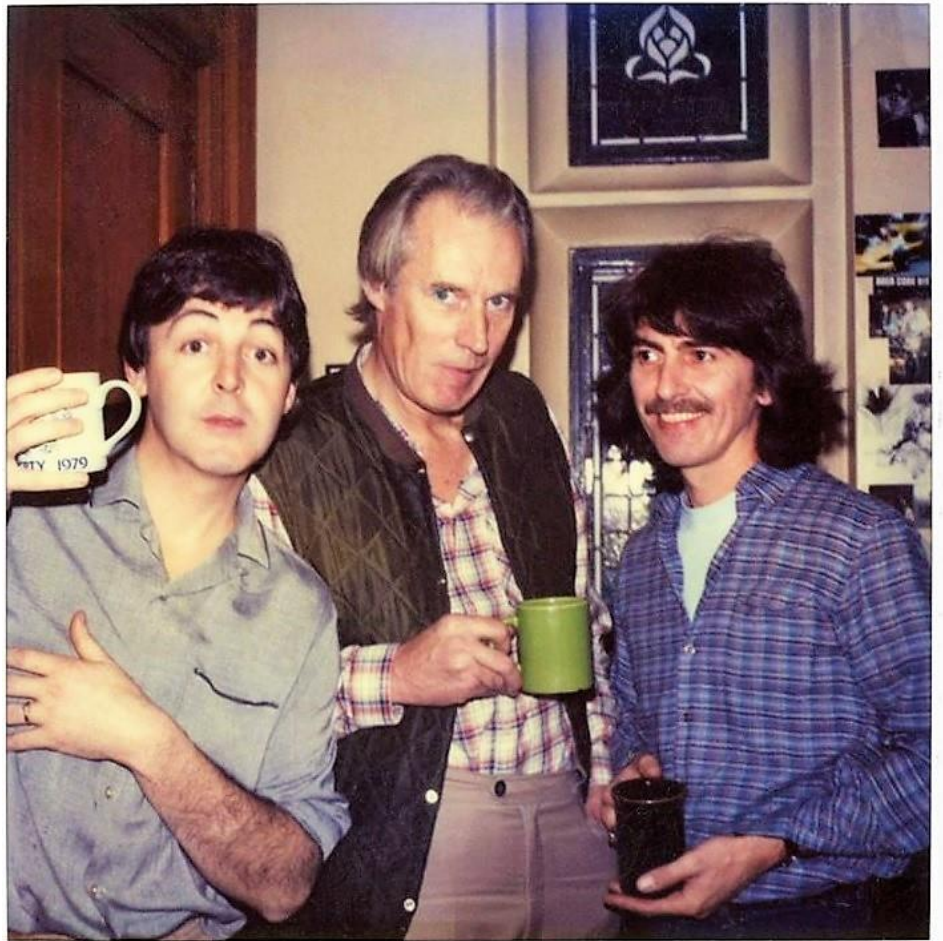
1984

- A obra de Andy Warhol, *Le Gran Passion*, é uma serigrafia, que o artista realizou como parte de uma campanha publicitária da marca de conhaque Passion.



1984

Cécé tocava na guitarra emprestada pelo Zeca. Essa é a correia que a segurava. A correia não aguentou os trancos e quebrou uma alça durante um daqueles shows do Extremo no Rolla Pedra. Ela estava numa caixa de recordações e agora novamente entrou em ação.





Nesses idos, a vida era dura, me lembrei disso porque ontem folheava o zine tabloide Contracorrente e vi como as coisas eram difíceis, mas havia aquele fogo da juventude. Esses são os 3 números que faltam na coleção insignificante de memorabilia dos Beatles. Meus tios maternos nadavam na grana, fruto do suor deles e até nos ajudaram com uma cesta básica quando as coisas pesaram em nossa casa, não posso reclamar deles, mas jamais me jogaram na mão uns cobres para comprar revistas. É por isso que escondo deles a quantidade que descolei de coisas durante a vida toda. É por isso que se alguém vir me falar para mostrar, eu retruco na hora, mostre a sua mostra. Você não sabe, joguei na mão de Reginaldo Coxinha uns plays do Kiss e ele me devolveu matérias de revistas Manchetes dos anos 60, que pertenciam ao avô dele e que ele ia rasgando as páginas e levando LPs do Kiss, pelos menos estes LPs serviram para isso. Você também não sabe que o cara, que outro dia me ligou sobre mostra, eu joguei uns LPs de rock na mão dele e ele me deu alguns de Aguinaldo Timóteo. E eu presenteei o tio Antônio com eles, só não entendo por que eu na dureza extrema podia presentear as pessoas com LPs raros e novos do bardo Timóteo e eles jamais podiam me dar um troco para um tênis ou revistas.

*JON GOULD and TRUMANN
CAPOTE IN MONTAUK,
AUGUST 20, 1984*



2019 – 5 A 11 DE OUTUBRO –
JORNAL DO GUARÁ

"O Guará É O Bicho da Amante", alguma mão artística pichou isso em alguma parada. Não é porque se trata do Guará, mas ele sempre foi diferente.

Abomino qualquer tipo de violência e o espetáculo subitamente foi substituído pela violência. E, eu já não ia como ia aos concertos ao ar livre e a coisa foi ficando cada vez mais underground. O show da PM, então muito mais violenta era meter o cassete girando no meio da muvuca. E aqui era diferente, era valente e a turba avançou em cima dos PMs e uma menina gritou: – Não vai levar o meu irmão! Tiraram o carinha de dentro do camburão. Passado décadas, naquela de sobreviver algum escrito, por sorte do destino, encontrei este texto datilografado de maneira quase apagada pelo tempo. Foi um deleite, ali estava a dinamite, o TNT. Éramos influenciados pelo Correio Braziliense, sonhávamos em ter um texto no jornal, então tentávamos capturar o eco. Fiquei feliz de ter o texto debaixo do braço. E dezenas de anos depois quando publiquei o texto, de tão crítico e ácido ele semeou discórdias e foi o motivo de rompimento.

Porém não se maquia uma lembrança como essa que a gente traz para as pessoas se lembrarem como foi aquele dia na Arena como Daniel. E se você tiver outro relato somos ouvidos.

JORNAL DO GUARÁ



POLO DE CULTURA

MARIO PAZCHECO

SHOWS DE ROCK NESSE VILAREJO ADORMECIDO

Sempre pensei que show de rock fosse para encontrar os amigos e se divertir, mas aqui nesse cerrado é ao contrário: show de rock é sinal de violência militar e de vandalismo dos maloqueiros e agitadores, que se dizem rockeiros.

CENA UM

Em recente concerto do grupo Malas & Bagagens (Rock do Balão, na 405 Sul), só se testemunhou cenas de violência entre espectadores, que jogavam água ou cerveja nos amplificadores. O resultado foi que o amplificador pifou.

E o show acabou. Essa violência sempre é um baixo astral, que acontece em qualquer show em Brasília. Foi assim no Estádio do Peleão, quando Rita Lee se apresentava.

Repetiu-se também nos concertos Rock Way, cujo destaque foi a violência dos seguranças ignorantes, mal-nutridos e certamente pouco remunerados, que desabafam seus recalques em cima dos jovens, inclusive das garotas.

Os PMs também contribuem para isso, acostumados que são no trato com os diversos marginais. E com a subversão eles têm certeza de que os jovens são igualzinhos, e assim mandam ver cassetes na garotada, que tratam como se fosse uma turba de bandidos agressores, que não são. Então, como resistir a eles, se estão de armas em punho? É desse modo que a repressão se faz presente.

NO TEATRO DE ARENA DO CAVE, A CENA SE REPETE

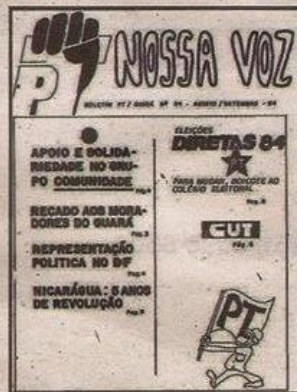
Mel da Terra • Lado A • Guilherme Lassance • Escola de Escândalo • Breakers

9 de setembro de 1984 – Para o povão, show ao ar livre deveria ser de graça. Como os organizadores podem ter coragem de cobrar 3.000,00 cruzeiros?! Ainda num show com cinco bandas, em que nenhuma se destaca? Sem promoção, sem patrocinador, sem infraestrutura, ninguém consegue nada. O que se viu foram 50 pessoas no Teatro de Arena do Cave. Com certeza, a renda mais baixa de todos os tempos. Contam-se, no entanto, dez PMs, mais igual número de seguranças, duas dezenas de músicos, fora claro os promotores e seus

convidados. A renda total foi de dez pagantes. Os que pularam a cerca não entram nesta conta.

Sempre um inocente vai em cana, ou leva uma garrafada. E nossos pais pagam os impostos, que pagam os PMs, e esses metem a porrada na gente. Os promotores? Ainda escondem esses bastardos.

De repente, eles começaram a cobrir um jovem, e uma garota começou a gritar, desesperada! A turma ficou irritada com eles, e começou a jogar garrafas, a pular e depredar as portas e muros. Em 10 segundos, os PMs partiram para cima da massa de rapazes e moças interessados na festa do rock. Uns assim caem, outros vão para o cubículo. Alguns são coagidos, e há os que se safam, pulam a cerca e desaparecem na noite.



RESULTADO NEGATIVO

Seria melhor que conjuntos como Mel da Terra, Lado A, Guilherme Lassance, Escola de Escândalo e Breakers pegassem um nível maior de profissionalização, ou então que cumprissem a promessa que fizeram de nunca mais tocar no Guará.

O mais interessante é quando uma banda pequena se apresenta, ou se está na sua primeira apresentação... O som costuma ficar embotado, pouco nítido. Mas quando é a vez de uma mais estruturada, o som fica mixado, equalizado, claro, perfeitamente audível. Será que o operador da mesa de canais e tal banda se mancomunaram? Vocês já perceberam isso nos shows? Para evitar a violência, mas também o prejuízo, não será plausível os concertos serem realizados em teatros fechados, e ainda o concurso de patrocínios?

1985

FILMES

*THE
LOOK*,
Andy
Warhol
como
ator.



The Renaissance of Andy Warhol, 1984 :Detail of Sandro Botticelli's Birth of Venus, 1482

(@Susan Sheehan Gallery, Art Basel Miami Beach 2019)

OBRAS INÉDITAS DE ANDY WARHOL



A Vênus de Botticelli ganhou um terceiro em uma das intervenções

Uma série de trabalhos que Andy Warhol desenhou em 1985, em um computador Commodore Amiga 1000, e que não tinham visto a luz devido à dificuldade de ler o conteúdo dos disquetes.

OBRAS DE ANDY WARHOL SÃO ACHADAS APÓS QUASE 30 ANOS EM UM DISQUETE



Imagens fazem parte de uma campanha para fabricante de computadores

INTERNACIONAL DO R7

Reproduções/The Andy Warhol Foundation

Uma das obras mais famosas de Warhol ganhou nova versão

25 DE ABRIL / 2014 – Doze obras desconhecidas do artista Andy Warhol, foram encontradas em um disquete. As intervenções digitais do idealizador da pop art faziam parte de uma campanha da fabricante Commodore para divulgar o poder gráfico dos computadores Amiga 1000, em 1985.

Incluídas nas imagens, versões digitalizadas de obras famosas de Warhol, como a lata de sopa Campbell e Marilyn Monroe, além de uma intervenção no quadro O Nascimento de Vênus, do pintor italiano Sandro Botticelli.

A busca começou após um vídeo que mostra Andy Warhol pintando em um retrato de Debbie Harry, na época vocalista da banda punk Blondie, em um Amiga 1000 ser publicado no YouTube.

O artista Cory Arcangel entrou em contato com o Andy Warhol Museum em busca de possíveis artes não encontradas nos arquivos do pintor e quase três anos depois elas começam a ser



divulgadas. A demora se explica pelo fato dos arquivos estarem totalmente obsoletos e necessitaram ser "restaurados" por softwares especiais.

"Warhol nunca viu limites para sua prática artística", afirmou Eric Shiner, diretor do Andy Warhol Museum, em entrevista ao site Mashable. "Essas imagens geradas por computador enfatizam o espírito de experimentação e de sua vontade de abraçar as novas mídias".

14th Annual Costume Exhibit Benefit "Costumes of India"

Jed Johnson (1948-1996) and Andy Warhol (Photo by Ron Galella/Ron Galella Collection via Getty Images)



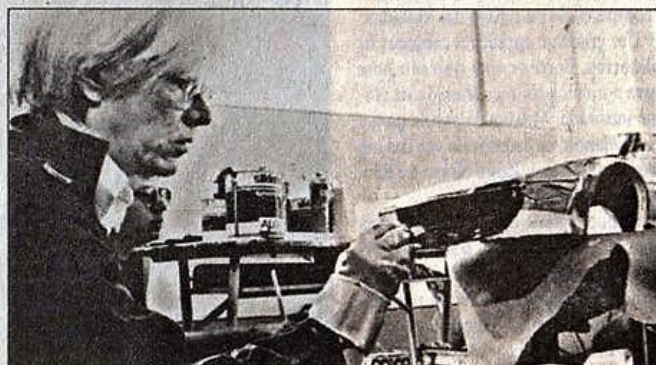
Itália exhibe obras de Andy Warhol

Milão — A Fundação Mazzotta de Milão organizará uma grande exposição dedicada ao artista pop norte-americano Andy Warhol, que começará em 22 de outubro e terminará em 11 de fevereiro.

Duzentas obras (entre pinturas, esculturas e obras gráficas) serão expostas na galeria passados oito anos da morte de Warhol e cinco da primeira grande retrospectiva do artista.

O norte-americano é uma referência extremamente importante na arte moderna, porque ele revolucionou os cânones do gosto estético dos anos cinquenta e sessenta, massificando a obra de arte ao mais alto nível.

Entre as obras que estarão expostas figuram as famosas fotos de Marilyn Monroe, os retratos de Mao Tse Tung, as serigrafias de Elizabeth Taylor e de Jackie Kennedy, as latas de sopa Campbell's e as garrafas de Coca-Cola, além



Artista pop, Warhol revolucionou os padrões estéticos nas décadas de 50 e 60

de seu próprio auto-retrato.

uma das maiores curiosidade da exposição será o setor dedicado ao tempo em que Warhol estava iniciando suas atividades na publicidade e produzia trabalhos inusitados para o estilo da época.

A rebeldia estética de Warhol, documentada na exposição, foi seguida, a partir dos anos 60, por um grande número de artista do mundo ocidental, pois ele rompeu barreiras entre arte e publicidade.



AQUELA VEZ QUE ANDY WARHOL DESENHOU DEBBIE HARRY NUM COMPUTADOR AMIGA 1000

POR RICARDO SCHOTT

– popfantasma.com.br

24 DE SETEMBRO / 2018

– Só de ouvir o nome “Amiga 1000”, muitos fãs de computadores antigos já começam a salivar. Lançado em 23 de julho de 1985 com uma baita festa no Lincoln Center, em Nova York, o tal Amiga 1000, lançamento da Commodore International, era o sonho de consumo de qualquer pessoa que desejasse dar passos definitivos no mundo da computação gráfica.

A ideia era que, no começo, o modelo fosse próprio para jogos – o criador do Amiga, Jay Miner, trabalhara na Atari. O projeto foi evoluindo a ponto da máquina ganhar tela com 4096 cores

ESSAI COMPLET



L'AMIGA

DE COMMODORE

Un ordinateur de rêve testé dans le laboratoire de pointe où il a pris forme

L'Amiga de Commodore est un micro-ordinateur mythique. Si l'on avait demandé aux plus fous d'entre les passionnés, il y a un an, de décrire l'ordinateur de leurs rêves, ils auraient probablement égrené la fiche de caractéristiques techniques de l'Amiga. Cela ne suffirait certes pas à assurer son succès. Pour en savoir plus sur cette machine beaucoup décrite mais en réalité mal connue, nous sommes allés réaliser ce banc d'essai à l'endroit dans le monde où se trouvent les meilleurs spécialistes de l'Amiga : ceux qui connaissent le mieux les recoins les plus intimes de la machine : à Bristol, en Angleterre, où se trouve la société Metacomco, auteur du système d'exploitation de l'ordinateur. Ceux qui se trouvent ainsi à la charnière entre l'électronique et le logiciel ont un point de vue unique sur le fonctionnement de l'Amiga. Cela nous a permis de corriger nombre d'idées reçues. L'ordinateur vedette de Commodore, qui devait coûter moins de 20 000 F HT tout compris en France, nous est apparu comme la synthèse de trois grands types de machines qui ont émergé durant la courte histoire de la micro-informatique : l'ordinateur de jeu, l'IBM PC et le Macintosh d'Apple. Résultat : des objectifs contradictoires, une machine entièrement nouvelle, et, par bien des côtés, fascinante. Cohérente ? C'est moins sûr. L'Amiga devrait être en vente en France vers le mois de mars. Les créateurs de logiciels suivront-ils ?

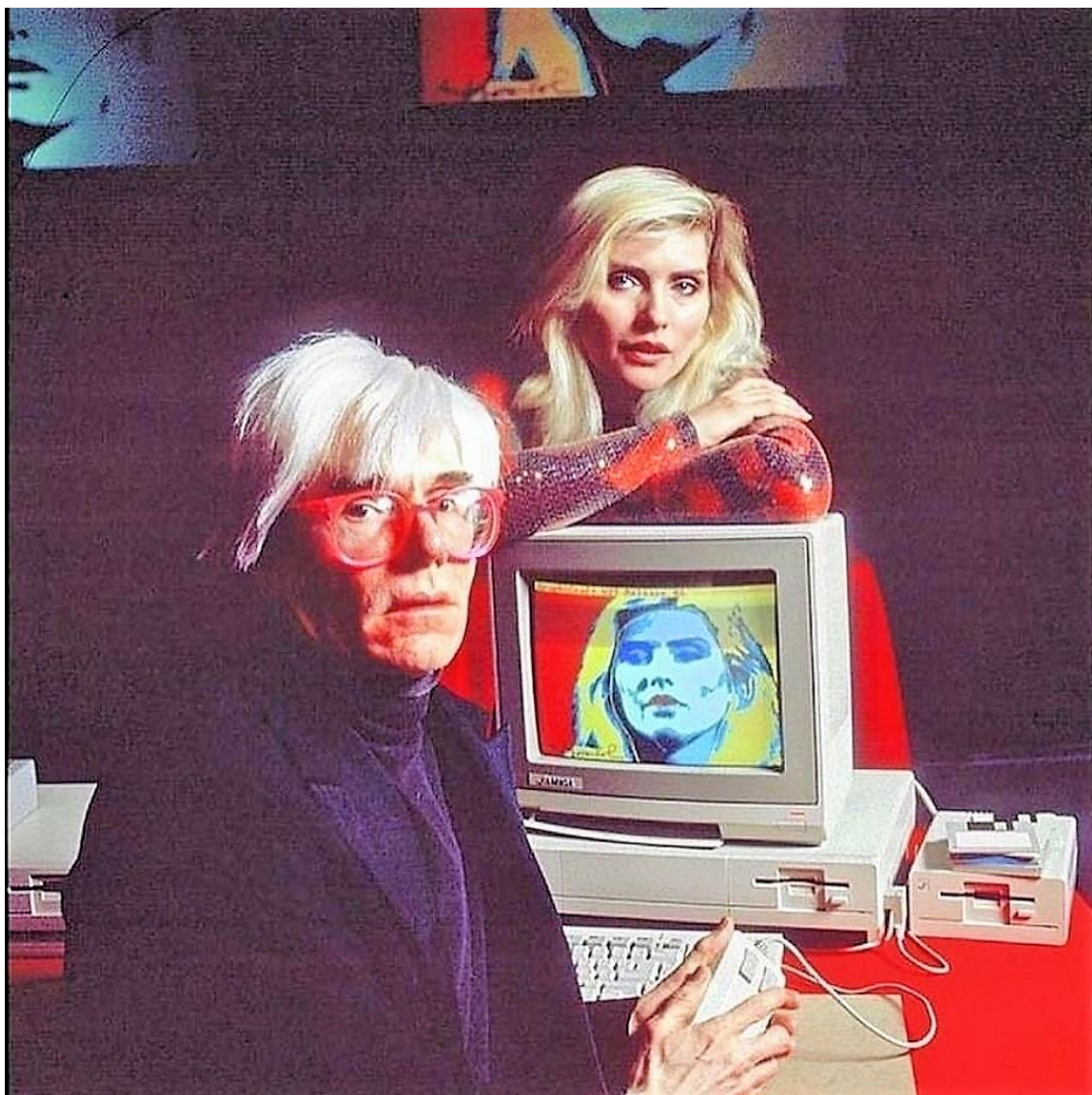
52

SCIENCE & VIE MICRO N° 24 - JANVIER 1986

simultâneas, som estéreo com quatro canais e outros detalhes que faziam muita gente babar.

Quem ganhou um Amiga 1000 logo que ele foi fabricado foi ninguém menos que Andy Warhol. O criador da Factory tinha virado o rei da arte digital lá pra meados dos anos 1980. Tanto que no tal evento do Lincoln Center, ele e ninguém menos que Debbie Harry, do Blondie, foram duas das principais atrações. Na frente da plateia, Warhol sacou do novo software ProPaint e fez um retrato de Debbie no computador.

Não foi a única criação digital de Warhol, que logo depois desenharia no computador uma lata de sopa Campbell, O nascimento de Vênus de Botticelli e até flores. Embora Warhol tenha falado numa entrevista sobre o desejo de imprimir essas imagens e distribuí-las como obras de arte próprias, nunca rolou. O site do Andy Warhol Museum fala um pouco sobre esse lado digital da obra do rei da arte pop.



1985

2019 – 14 A 20 DE OUTUBRO
– JORNAL DO GUARÁ

14

19 A 25 DE OUTUBRO DE 2019



POLO DE CULTURA

MARIO PAZCHECO

1985: EUFORIA DE ROCK

ONDE ANDARÁ QUINZINHO?

Já desde o início do ano a galera estava ouriçada – Rock in Rio! Ah, nada como curtir o festival e dormir sobre a maciez das areias da praia. Chegou Quinzinho, um cara que adquirira carro zero e os instrumentos de sua banda eram made in Zona Franca de Manaus. Chegou e foi logo disparando: “Magrão, você não teria 1 hum mil cruzados?”, e suspirou antes de explicar numa convicção olímpica em tom de confidência: “Sabe como é, né, estou investindo na Bolsa de Valores... detenho informações privilegiadas sobre a cotação de ações...”. A vizinhança, num pré-êxtase de noivado, apostou alto, sonhando com cifrões gigantes a persegui-la pelas vias do Guará. O corretor súbito desapareceu, levando os tostões das ações sem lastro. Mais tarde, seus pais venderiam o sobrado. A última que soubemos dele é que foi visto vendendo produtos de beleza e de limpeza da Amway. Pobre Joaquim.

NOSSA ÚLTIMA VEZ COM RUSSO

7 de março de 1985 – Sala Funarte. Ele achou que ninguém tinha vindo para o seu show. Renato Russo deu uma boa olhada na nossa cara iluminada pela lâmpada da carrocinha. E foi embora. Minha namorada perguntou se ele me conhecia. Foi a última vez que eu o vi ao vivo.



A última vez que vimos Renato Russo não é fácil de contar porque é muito sentimental. Peguei minha namorada, Branca, no Venâncio 2000 e atravessamos o gramado até a Sala Funarte, além de nós tinha a carrocinha de pipoca e o porteiro. Renato Russo chegou a pé. Visivelmente alterado. Veio na nossa direção e me deu uma boa encarada. Pensei que ele nos chamaria para a passagem de som... Não rolou. Eu devo ter dito: “Oi Renato”. Ele virou as costas. Branca perguntou: “Ele te conhece?” Outra ação desastrosa foi tentar convencer o porteiro a assistir ao ensaio de Renato Russo com Cida Moreira. Só ouvimos.

Quando, no show, pintou a canja do Renato em “Summertime”. Alguém gritou: “Janis!” Renato parou e respondeu: “Gershwin!”. Meu desempenho na primeira cadeira do show também foi reprovável. Passei o show todinho gritando na primeira fila: “Traidor”. Era moda em Brasília chamar as pessoas de traidores.

A gente era jovem.

JORNAL DO GUARÁ



POLO DE CULTURA

MARIO PAZCHECO

A LENDA DEL VECCHIO

Del Vecchio de 1957, um violão tão mágico e valioso que bem poderia ter encantado mãos de músicos do The Quarry Men – o grupo origem dos Beatles.

Márcia Zarur perguntou se o violão havia pertencido a alguém: “sempre namorei o violão elétrico que veio da paróquia fundada junto com o Núcleo Bandeirante pelo pastor André Vicente, uma pessoa de estatura avantajada; possivelmente ítalo-paulista, um carismático comerciante de óleos para cozinha”.

No dia 24 de maio de 1985, cheguei em casa e o violão estava sobre a cama, um gesto de amor da Branca Chamon. Filhos nasceram, casamentos ruíram, e eu jamais larguei dele, sempre bem guardado. Uma vez, retirei as teias de aranha que comprovavam sua quase virgindade! Numa ocasião, o violão mágico saiu para uma reforma em Taguatinga. Quando fui buscá-lo bateram a minha carteira dentro do ônibus. O dono da oficina de reforma estranhamente não acreditou quando falei que havia perdido o dinheiro! Arrumei a grana de novo e ao resgatá-lo vi que a reforma não correspondia ao nível do objeto reformado. Passado o tempo, as cores da madeira voltaram ao normal. Fecho os olhos, e vejo o Celso Blues Boy tocando no doce-divino violão: dedos ágeis que roçam cordas de aço.

Guitarrista de uma das grandes bandas pioneiras do rock Brasília andou atrás oferecendo grana:

- Quanto você quer?
- Não está à venda!



No meio de uma explosiva carreira, uma grande cena final

O Extremo estava indôcil desde a entrada do baixista: “um dos grandes erros de estratégia foi deixá-lo entrar”. Agora ele ficou com a banda, tirou o batera e o vocal e mudou de nome, mas a amizade do Extremo era mais forte.

Tuca subiu no palco com um par de asas mordiscadas por rebites, abriu os braços e insinuou um voo e voou rasante, tropeçou na borda do palco e desabou sobre a mesa de equalização do finado Hermann. A galera pirou – achava que o tropical lisérgico do Tuca fazia parte do show! O Ginásio de Esportes do Gama inteiro tremeu. Foi o último ato. Foi o que me contaram.

Aquele rock’n’roll em português era substituído pelo heavy metal.

1986 – PRIMÓRDIOS DA CULTURA NO GUARÁ



"Há algumas décadas atrás era comum haver eventos nas Praças da Cidade. Vários Festivais de Praça e Ruas de Lazer eram organizados por voluntários e a comunidade comparecia. Desde exposição de quadros, peças teatrais, jogos, troca de gibis, capoeira, apresentações musicais e muita alegria. As Praças lotavam e as pessoas iam se conhecendo." (JOEL ALVES RODRIGUES)

Evolução capilar – o corte de cabelo daquele verão de 86, era curto na frente e comprido atrás, o tal Menudo, banda que Renato Russo era fã.

Ocorreu um fenômeno, nossos vizinhos e irmãos caçulas estavam desfilando pra cima e para baixo com instrumentos. Era ensaio todo dia depois das aulas, eles eram chatos e jamais deixavam-nos assisti-los. Ex fãs de Rita Lee agora fãs de egotrip e o espírito da coisa. Gostavam de mim porque eu falava que tá parecendo Liverpool

Foi um bom ano, pois eles sepultaram os acid days e distanciaram-se do culto dos anos 60, notoriamente Os Doors. Era a geração-lanchonete e nem todos, mas no meio deles filhos dos novos ricos. Perto deles, éramos dinossauros, tios! O som pesado era farofa, até o Ozzy tava fazendo metal farofa. Suas roupas eram pretas, tudo era preto, ainda havia o medo dos irmãos mais velhos descobrirem que eles dividiam os cigarros fedidos. Eram convencidos com seus instrumentos caros e cabelos gel-descoloridos. Eu já havia visto gomalina, rockabilly e eles nos tacharam de velhos e feios e doidos e tiraram nossas bandas do palco. Era a administração new wave, esse era o som que rolava. A danceteria era o templo. Para nós foi um bom idílio, voltamos para o vinho o chá as cassetes e o vinil não tínhamos que ir mais em shows. Aos 21 anos estávamos acabados com a carteira assinada, nosso documento era andar com a carteira

assinada no bolso. Esse tempo nos surpreendeu. Depois tudo vira bosta e farsa, a gente não se surpreendeu mais com novos bodinhos tirando um som pesado essa foi a boa ação do grunge e eu acho que essa geração dos oitenta na década de 90, sofreu o mesmo baque que havíamos experimentados. Engraçado, eles também abandonaram a onda rock e foram constituir família.

Na QE 7, eu me lembro, começavam a montar o som do palco pela manhã e na hora do show ainda não estava regulado. Em cima do palco, os melhores instrumentos e bons músicos, mas o som era engraçadinho tipo o Casino do Chacrinha. No ginásio do cave, o teto é de zinco, o som era altíssimo, uma tortura, nem afixando balões infláveis corrigiriam a distorção, isto foi entre 1986-88, havia uma proibição de usar o teatro de arena. Mas nas asas, o som dos cinemas, teatros e conchas era bom.



Banda Manto, na QE 7, em cima do caminhão), eles tocaram muito no Guará naquele ano. No palco, os compositores da música 'Estrela cadente', Paulo Maciel e Edibert Torre. (FOTO DA PÁGINA DO MANTO)

ABRIL

No Brasil, através da Galeria Papier e pagando 800 dólares, vinte dias depois de encomendado e pelo correio, você recebia uma serigrafia de Andy Warhol.

O marchand Hans Mayer, observando o layout dos anúncios que a Mercedes publicou comemorando o centenário da invenção do automóvel, pensou: — Talvez a Mercedes se interesse em pagar Warhol para criar serigrafias sobre carros. Em maio, a empresa encomendou na hora quatro pinturas. Andy Warhol entregou quatro telas dando a sua versão do primeiro carro esporte fabricado pela Mercedes: o 300 SL coupê, de 1952. Encantada com o resultado, a Mercedes ainda em setembro, assinou um contrato com Warhol, aceitando de bom grado sua sugestão de retratar a história do automóvel, apenas a partir de modelos da empresa. As três telas que foram criadas nas duas últimas semanas de vida do artista, provam mais uma vez o grande talento colorístico de Andy Warhol nove modelos geraram 47 obras pictóricas diferentes as variações são cromáticas, ora em tons pastéis, ora em cores primárias.

A base de todos os trabalhos é a serigrafia Andy Warhol mais uma vez pintou e desenhou sobre as telas previamente impressas em "silk screen" o contorno das figuras muitas vezes foi feito em cores mais claras e luminosas do que o fundo num procedimento caro ao artista.

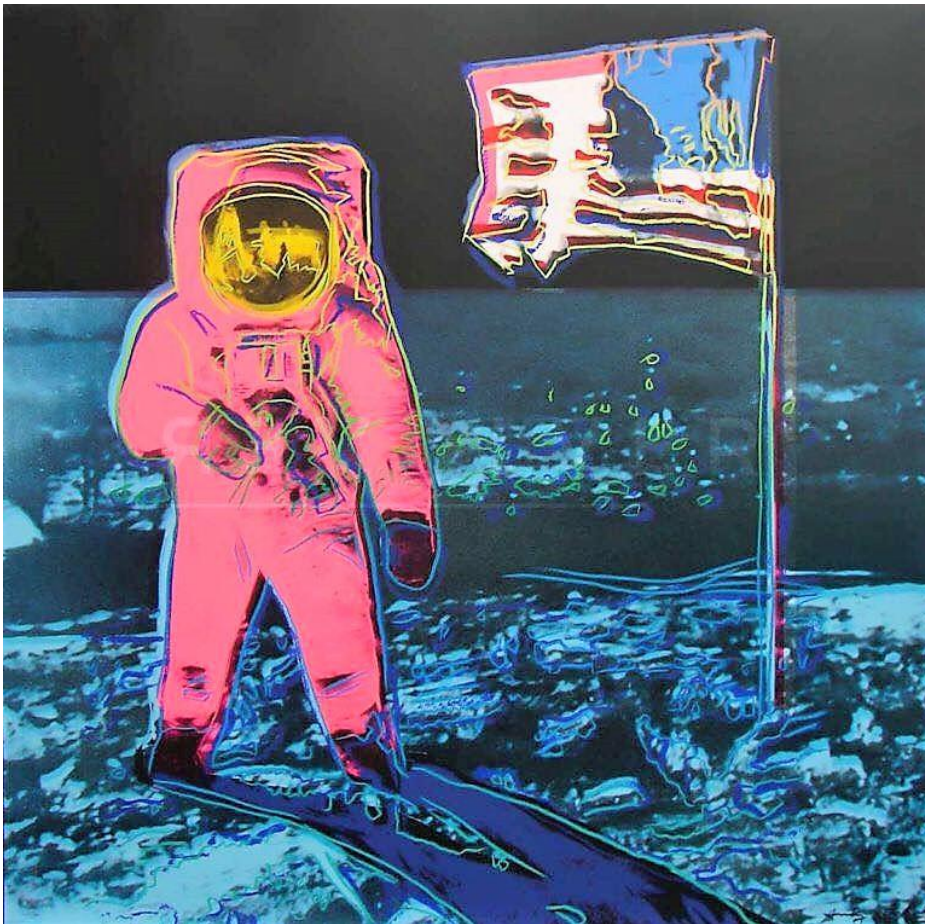
1986 – 14 DE
NOVEMBRO –
CIRCO VOADOR –
RJ





One of the last photos taken of Andy Warhol. Five days before his death he participated in a celebrity fashion show at the Tunnel nightclub which also featured Miles Davis. Warhol was in a considerable amount of pain from his gallbladder during the show ("estava sentindo muita dor de sua vesícula biliar durante o show.")





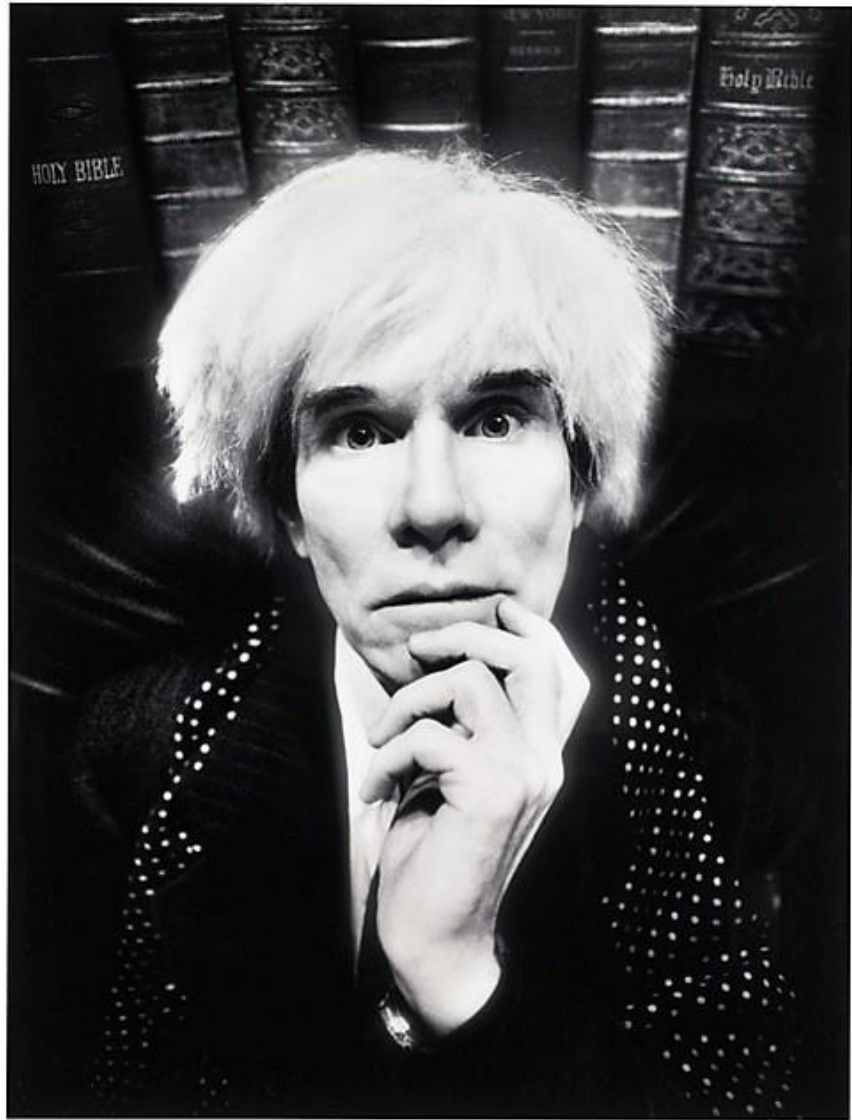
**1986 –
NOVEMBRO**

David LaChapelle,
ANDY WARHOL:
LAST SITTING,
November 22th,
1986

**1986 – 6 DE
DEZEMBRO**

"Quando nos
deparamos com o
Venom nesse
visual pré-show
nos 80s, ficamos
decepcionados!
Kkk, kkk, kkk.
Éramos radicais
nessa época."
(ALCEBÍADES)

"Tô aqui
imaginando o
Mário Pazcheco
com aquele
cabelão, 'batendo
cabeça' na frente
do palco..."
(DINHO
KAMERS)



– De cabelo curto e só
observando. Meu amigo
também de cabelo curto
e fanático foi recebê-los.
Aos 22 éramos
responsáveis pela nossa
vida. Kkk, dura
realidade.





POLO DE CULTURA

MARIO PAICHECO

Grana, fama e você

O corte de cabelo em voga naquele distante verão de 1986 era curto-cortinha na frente e comprido-cascata atrás - estilo Menudos, banda que Renato Russo era admirador exaltado e confesso.

Um fenômeno: os vizinhos e os irmãos caçulas desfilavam pra cima e para baixo com instrumentos. Os ensaios rolavam depois das aulas e os meninos jamais nos deixavam assisti-los. Eles eram ex-fãs de Rita Lee e agora fanáticos da Egotrip e d'O Espírito da Coisa.

Nossos conjuntos residenciais lembravam o urbanismo operário do pós-guerra de Liverpool - a vermelhidão deles estava nos tijolos, a nossa, nos terrenos baldios.

As roupas eram pretas; gravatas, meias, cintos e calçados desciam para os tons escuros. Taxaram seus antecessores de obsoletos e os castigaram com o banimento do palco. Era o modo new wave de administrar as coisas da vida e de impor o som que deveria reverberar a toda gente. A nova geração inaugurava um inédito templo de prazeres: a dançeteria.

"Há algumas décadas, era comuns eventos nas Praças da Cidade. Vários Festivais de Praça e Ruas de Lazer eram organizados por voluntários e a comunidade comparecia. Desde exposição de quadros, peças teatrais, jogos, troca de gibis, capoeira, apresentações musicais e muita alegria. As Praças lotavam e as pessoas iam se conhecendo." (Joel Alves, um dos organizadores)

No Guará, alguns dos rolês mais expressivos aconteceram nas praças das QEs 7, 17, 32, 34 e no Ginásio do CAVE.

27 de abril de 1986 - Os punks da Stuhlzapfchen Von "N" (Supositório Nuclear) se apresentaram na Praça da QE 32, no II Festival Cultural de Praça. Tempos em que o som do palco era sem monitor para os músicos e com alto-falantes no centro da praça... tempos em

que exibir sua música exigia um tipo de heroísmo bravateiro, que só se encontra nos artistas, nos estóicos e nas crianças. Próximo ao palco, não se conseguia ouvir muito bem, apenas os instrumentos (principalmente a guitarra). Nos falantes da praça era tudo muito claro: "Instrumento de tortura medieval / é usado na polícia tradicional / é usado por homens de farda azul / não importam com nada fazem chacina".

Do outro lado da praça, na transversal (apesar de toda torcida pelo desfecho sem constrangimentos e zoeiras em nome da lei) a 'zebra' era certa... Mal Gil-

mar desceu do palco, a dupla de policiais Cosme e Damião, formais e rápidos, quis averiguar seus documentos do vocalista. Cheguei de mansinho e tasquei

- Dando autógrafos?

Ríamos pra caramba dessas situações.

Manto: instrumental forte

A Banda Manto, atuou na QE 7, sobre o caminhão e no Ginásio. Na Manto os compositores da música "Estrela cadente": Paulo Maciel e Edibert Torre, mais o vocalista Muka e o baixista, o baterista, o tecladista e o guitarrista, músicos de instrumental forte. Muka fez sucesso local com a música "Vampiro Doidão".

Frutos do Meio, Qualquer Coisa e Mel da Terra também tocaram no Guará.

Em 25 outubro de 1986, em frente ao Centrão, ocorreu a maior aglomeração no II Concerto da Primavera de Brasília.

O inesquecível, II Festival Cultural de Praça - QE34



O contrabaixo é a consciência grave

Nosso saudoso amigo-contrabaixista Cláudio Nando, também conhecido como Charuto (irmão do Ismael Rogério), moradores do Conj. C da QE 34. Ele insistiu com a mãe, dona Sebastiana (in memoriam) para comprar seu contrabaixo num bre-

chô, na Asa Norte - era árduo conseguir instrumentos de cordas elétricas naqueles idos.

Negro, esguio e portentoso como um atleta de salto em distância, sua imagem jovial, vibrante suava no palco, acompanhada pelo sorriso dos não menos jovens Jean Carlos (na guitarra) e Aderbal (do cabellão) nos vocais da Lágrima - sorrisos de satisfação e plenitude. Nas quatro cordas, Nando se inspirava em Artur Maia.

Outras bandas do Guará que surfavam nos festivais eram a Tropa de Choque, a Mahatma e Os Nefelibatas, Durangos da América e os Magrellos!



A vida deles daria um filme

A cabeça tomada de assalto pelo melhor skank varou a noite ligada na TV: Timeless, e suas aventuras pelas linhas do tempo, fez menção a Os Waltons, série clássica dos anos 1970. Começa o longa Dois Caras Legais (2016), uma comédia surreal, rodada na metrosssexual Los Angeles e inspirada em absurdos contos noir – tipo pornojornalismo investigativo – protagonizado por Russell Crowe. Eu juro: Os Waltons são citados na fita (e homenageados!), com direito à aparição de um ardiloso vilão codinome "John Boy", o qual, soberbo, ostenta uma mancha sinistra na carantonha.

Eu e um screenplay de injúrias: é quando a TV te mastiga e te deglute. Meu pulmão esquerdo estava com a ventilação prejudicada, e eu respirava, lentamente, pela boca, para tossir menos. Ingeria generosas colheradas de melaço, buscando alentar a imunidade, e mascava cravo, para alcançar a chegada da manhã. Tossia, tossia muito, não suave. Pensei em hospital. Dispensei.

Um cochilo me trazia paz de espírito – ou estaria eu desvanecendo pensando estar em placidez etérea?

Décadas antes do cosplay e dos quase sósias, clones e fakes, atravessei uma noite de sábado mergulhado em febre alta e relembrando o saudoso Michael Jackson da QE 32. Andarilho descalço, notável pedinchante de cigarros, arrastava a barra da calça boca de sino listrada pelo asfalto, e – aí que dó! – sempre nu da cintura pra cima, suplicando por um violão, do qual não sabia combinar três notas harmônicas. Chamavam-no de Michael Jackson acho que porque era moreno e miúdo.

Nesta galáxia, também habitava o rockstar Roberto Plant, da QE 28.

Nessa história só tinha Led Zeppelin

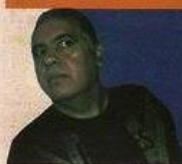
Nos anos de lazer na praça, uma das maiores sensações era o esguio Roberto Plant da QE 28. Um dos malucos da paz, sempre sem camisa, bronzado, cabelos curtos e o rosto marcado por eczemas lunares. Não havia uma só atividade nas redondezas em que nosso Robert Plant particular não prestasse a tradicional canja: enroscado no pedestal abraçado ao microfone com a cabeça levemente inclinada, os quadris fechados e o tronco retesado, sua postura era bem Robert Plant, desabusado, trauteava: "See Me / Feel Me / Touch Me / Heal Me". Apesar de carregar o nome dos Led Zeppelin na hora da convocação se bandeava para o The Who.

Num domingo, no Guará 1, fomos ensaiar em trio num canteiro de obras onde Júlio "Page" trabalhava como apontador. Ele na Gibson, além de um colega dele e de mim. Na hora, minha inaptidão nas quatro cordas foi determinante para que eu fosse sumariamente defenestrado do conjunto!

Eis que, do nada, irrompendo vociferante, surge pelos portões do

canteiro da obra, nosso Roberto Plant, e, aos brados, nos anuncia em frenesi: "Vocês tocaram como homens!". Com uma única pose para a câmera, achei melhor fazer o registro. Um dos caras do trio (agora um duo) disse: "Você deveria ter feito uma foto nossa", e propôs que eu aprendesse gaita para retornar à banda. Fiquei p., não necessariamente com minha exclusão, mas tomado por um cioso e íntimo desprezo pela gaita de boca. Objetei: "Vocês deveriam convidar o Roberto Plant para os vocais". Foi a gota d'água, o solo sem cordas, o desafino sem perdão. Por conta da amizade com Júlio "Page" – que era um bárbaro guitarrista – aquele meu último ensaio com eles foi tolerado.

"Roberto Plant era uma figuraça, ele chegava na roda de violão em hora de ensaio e já soltava logo a voz, a gente dava um tempo dos trabalhos para viajar um pouco com ele, eu jogava uns acordes e ele mandava um The Who... muito boa a lembrança." (MIRO FERRAZ)



VÉSPERA DE ANO NOVO

Os surdos não ouvem os absurdos que as pessoas comentam esperando pelo coletivo debaixo sob a chuva de uma tarde fria ao final de ano. Um mudo, com todos os sintomas da sede da aguardente, gesticulava fazendo mímica, explicando que não tinha o dinheiro da passagem. Apresentava uma sudorese bíblica na testa, fechava e abria os dedos nervosamente, tentando conter os formigamentos lancinantes da abstinência, os olhos úmidos ressaltavam remelas antigas e a boca seca balbuciava nomes indecifráveis.

Com os cegos, o desprezo não é menos mordaz. Através dos papeizinhos distribuídos por seu secretário de desventuras, o ceguinho pedia sua ajuda na esperança mórbida de quem crê na humanidade. Felizmente, seu infortúnio de trevas concedia-lhe um alento pungente e silêncio são ao não permitir que ele enxergasse a indiferença no olhar pardacento e vago dos que lhe sonegavam o dinheiro miúdo para adoçar a noite de Natal.

Na minha paciência exterior, aguardava ansioso por rodar a roleta do tambor e sentar ao banco, para devorar o conteúdo do jornal de ontem. Pensava na influência do telefone nas relações humanas, enquanto calculava o ganho diário na perspectiva de juntar moedinhas e comprar o gibi do Capitão Underground.

Ao lado, sentada, uma jovem saudável e bela e solitária. Moçoila com a barriguinha de sete meses. Ela queria morrer, sentia-se como uma tartaruga à espera da desova numa praia. Ela não explicou porque engravidou e o pior de tudo: seu homenzinho havia abandonando-a, deixando-a aos cuidados de seus pais, que nunca confiaram nele, e insistiam para que ela o deixasse antes do pior. Pelo menos, ela estava sozinha agora – para infelicidade ou felicidade paterna.

Pausa para um cigarro...

Fomos aconselhados a irmos para casa contra a nossa vontade. O mato era o único lugar seguro e corremos como cabritos da montanha. Fomos dispersados pelo aroma do pó de café em contato com a água fervente. Sumimos como surgimos, e tornamo-nos sementes mal germinadas pela sociedade.

Dai a alguns quilômetros, puxei a cordinha da "cigarra" energeticamente; desci os degraus e me coloquei lentamente em caminhada pelas alamedas da grande cidade. Queria chegar logo aos braços de minha amada e cultivar o alimento da paixão.

Na casa de Lucy, todos respeitam sua individualidade, sem analisá-lo ou reprimi-lo. Aqui os loucos gargalham de acordo com tempo e necessidade. Sempre há vinho, cigarros e mulheres. Fazem dos corpos uma companhia de balé que rodopia e coreografia um sabá inconsciente diante de garrafas transparentes e vazias. Candelabros improvisados. Clamam por vingança e pedem a

presença de velhos ancestrais ou velhos espíritos sábios – os quais nunca aparecem e, quando aparecerem, não quero estar lá para ver.

No pick-up, o bom e velho Pink Floyd. Lucy e Quinzinho, gente fina, querem ser aspiradores para aspirarem todo o pó do labirinto. Em falta, se contentam com cervejas e quase todas as noites desmaiam em seu quarto de paredes listradas com uma janela que dá para o fundo do quintal, onde dormem um amontoado de garrafas esvaziadas.

Fomos para a praça para pichar, enaltecer a poluição visual, e a polícia chegou numa Kombi verdinha, com dez homens. Não se sabe de boa ou de má conduta, e pediram nossos documentos, mas na verdade queriam bebericar o nosso vinho e perguntaram: "Não tem barato, só música e vinho?". Ninguém respondeu. Com toda certeza o aparato do tal barato já havia sido incinerado por alguém mais esperto e ninguém deu conta do que eles queriam – para a felicidade da ocasião e tristeza da vizinhança que espreitava pelas frestas das portas e brechas das janelas.

Alguém me ligou me acordando para dizer que não devíamos parar de sonhar. Fiquei absurdado 1987!! A linha caiu...

ARTES

- Uma das telas da série de pinturas de notas de um dólar é vendida num leilão em Nova York por 385 mil dólares. Foi o maior preço já alcançado por um trabalho de Andy Warhol em vida!
- Seu último negócio foram as 47 pinturas de *Cars*, patrocinadas pela Mercedes Benz. Desde setembro de 1986, Andy Warhol cumpria esse contrato.



Nirvana

1987

20 FEVEREIRO

Last known photo of Andy Warhol, taken February 20, 1987, as he heads to New York Hospital never to return. Two days later, after receiving gallbladder surgery, Warhol died of Cardiac arrhythmia.

22 FEVEREIRO

Domingo. No hospital da Universidade de Nova York, Andy Warhol sofre uma parada respiratória fatal. Tinha sido operado da vesícula, e aparentemente sofreu um ataque cardiopulmonar,



enquanto dormia. Tinha 57 anos e não teve tempo de recuperar a imagem polêmica e o poder de chocar, se desgastando com a supercomercialização de seu trabalho.

Todos os ateliês de Warhol, ficaram conhecidos como Factory, mas um especificamente, localizado na Quinta-Avenida, tinha as paredes forradas de papel-alumínio, uma ideia de Billy Name.

OUTUBRO

CARS – Guggenheim de Nova York primeira exposição em um museu americano desde sua morte em fevereiro de 1987. CARS foi também seu último grande negócio.

- Seis volumes do catálogo da exposição dos dez mil objetos vendidos ao público pela Sotheby's, de Nova Iorque, são colocados à venda em livrarias a 95 dólares o volume. O público se dava por feliz com a oportunidade de conhecer a coleção – e o estilo – de Andy Warhol.
- *ANDY WARHOL* por Wayne Koestenbaum. Editado por Penguin Lives.
- *61/63*, primeiro volume do Catálogo Raisonné, projeto de catalogação das 15 mil obras de Andy Warhol. Trabalho começado há quase vinte anos, o quarto volume deve sair em 2014 e o sexto e último volume sem previsão...

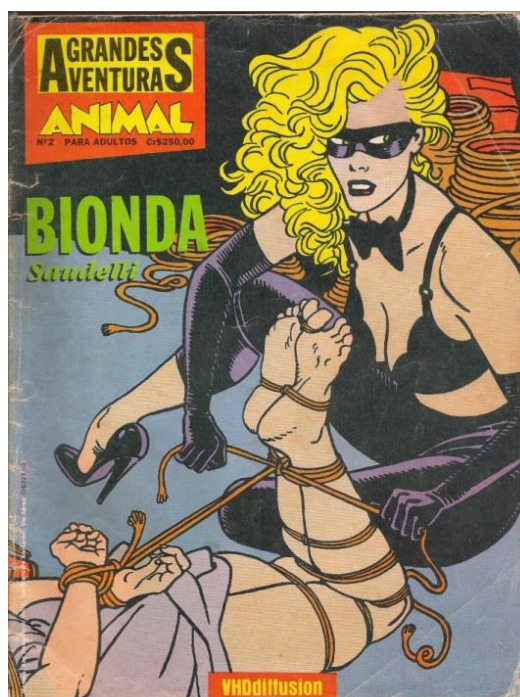
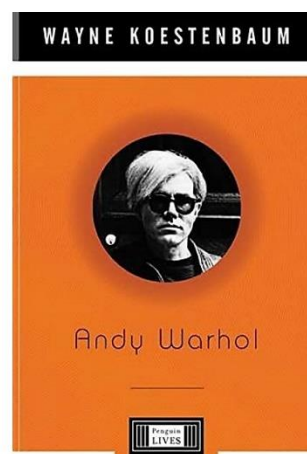
1988

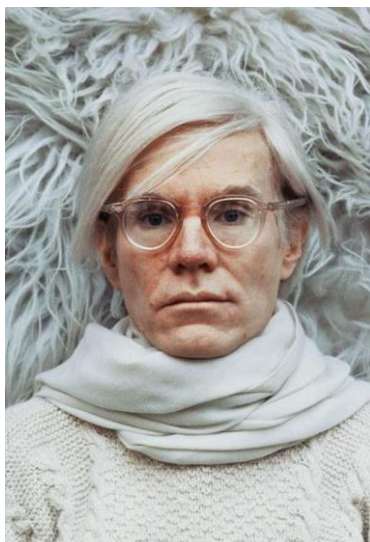
De quando, conhecemos os Skrotinhos eram essas aventuras que líamos. Os Skrotinhos eram herdeiros legítimos de Os Magrelos e muitos eram vizinhos deles no Guará 1, e havia intercâmbio entre as duas turmas. Aliás, foi na casa do Hamilton Zen no Conj. Q da QE 34 (reduto de outra turma, a Uva, durante uma festa que os conheci). Naquela noite, rolava o som do MC 5, e Hamilton Zen com calça de listras e blusa de franjas, contorceu o joelho ficando com o corpo apoiado numa perna só (tipo um alongamento e girou o braço) foi o passo de dança mais doido que até então, eu tinha visto. Ah! Temos orgulho de nossas noites e histórias!

1988

ABRIL/MAIO

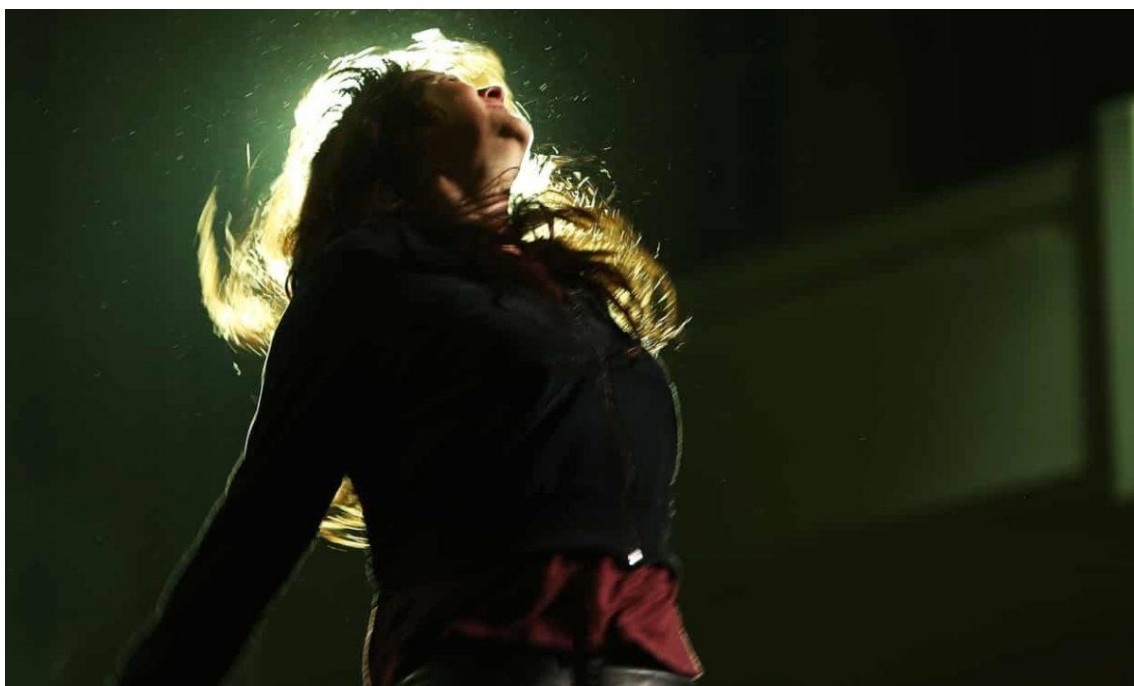
Sotheby's de Nova York, leiloa tudo o que Warhol recolheu em suas andanças como consumidor – ele fazia compras virtualmente todo dia.





31.08.2018 / CULTURA POP / POR FFW

NICO, 1988: TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER (OU RELEMBRAR) SOBRE A ARTISTA ANTES DE VER O FILME



Cena do filme NICO 1988 / Reprodução

Vencedor da mostra Horizontes do Festival de Veneza 2017, o filme “Nico, 1988” estreou ontem no Brasil e deve arrastar para os cinemas fãs de rock e especialmente do Velvet Underground. Nico ficou conhecida nos anos 60 quando se tornou musa da contracultura, integrante da banda de Lou Reed, amiga de Andy Warhol e namorada de Jim Morrison e Alain Delon.

Mas o filme de Susanna Nicchiarelli passa longe desses tempos de sexo, drogas e rock’n’roll (e glam). Ele se ocupa com os últimos dois anos de vida da alemã Christa Päffgen, seu nome real e como ela exigiu ser chamada pós Velvet Underground. “Muita

gente acha que depois de sua experiência com o Velvet e a Factory, ela simplesmente se tornou uma junkie e desapareceu. Mas para mim, a segunda parte de sua vida é muito mais interessante. Foi quando ela realmente foi ela mesma”, diz a diretora. Coube à atriz dinamarquesa Trine Dyrholm a difícil missão de interpretar Nico – ela também canta todas as músicas. “Quando cantava, Nico estava quase sempre fora do tom e às vezes soava horrível. Mas isso não importava. Ela contava uma história com suas canções. Eu olhei para suas músicas como monólogos para capturar o estado emocional de sua personalidade”, diz a atriz.

A influência de Nico é muito mais importante e duradoura do que se imagina e vai, de fato, muito além dos anos com o VU. Abaixo, conheça alguns fatos sobre a artista antes de ver o filme:

O COMEÇO

Nico foi descoberta pelo fotógrafo Herbert Tobias em Berlim aos 16 anos. Foi ele quem a apelidou de Nico por conta de um namorado que ela teve, o cineasta Nikos Papatakis. Ela se mudou para Paris e começou a fotografar para Vogue e Elle e chegou a ser contratada pela Chanel, mas em vez de ir para o trabalho, ela voou para Nova York onde começou a fazer comerciais para televisão e a estudar atuação com Lee Strasberg.

CINEMA



Nico em LA DOLCE VITA / Reprodução

Em 1959 ela foi convidada por Fellini para visitar o set de La Dolce Vita e acabou ganhando um papel pequena, interpretando a si mesma. Em 61 ela estreia no filme A Man named Rocca, de Jean Paul Belmondo, e em seguida ganha o papel principal em Strip-Tease (1963), de Jacques Poitrenaud. Ela também canta uma música escrita por Serge Gainsbourg que só foi lançada em 2001 como parte da coletânea Le Cinéma de Serge Gainsbourg. Na década de 70, ela fez sete filmes com Philippe Garrel, com quem

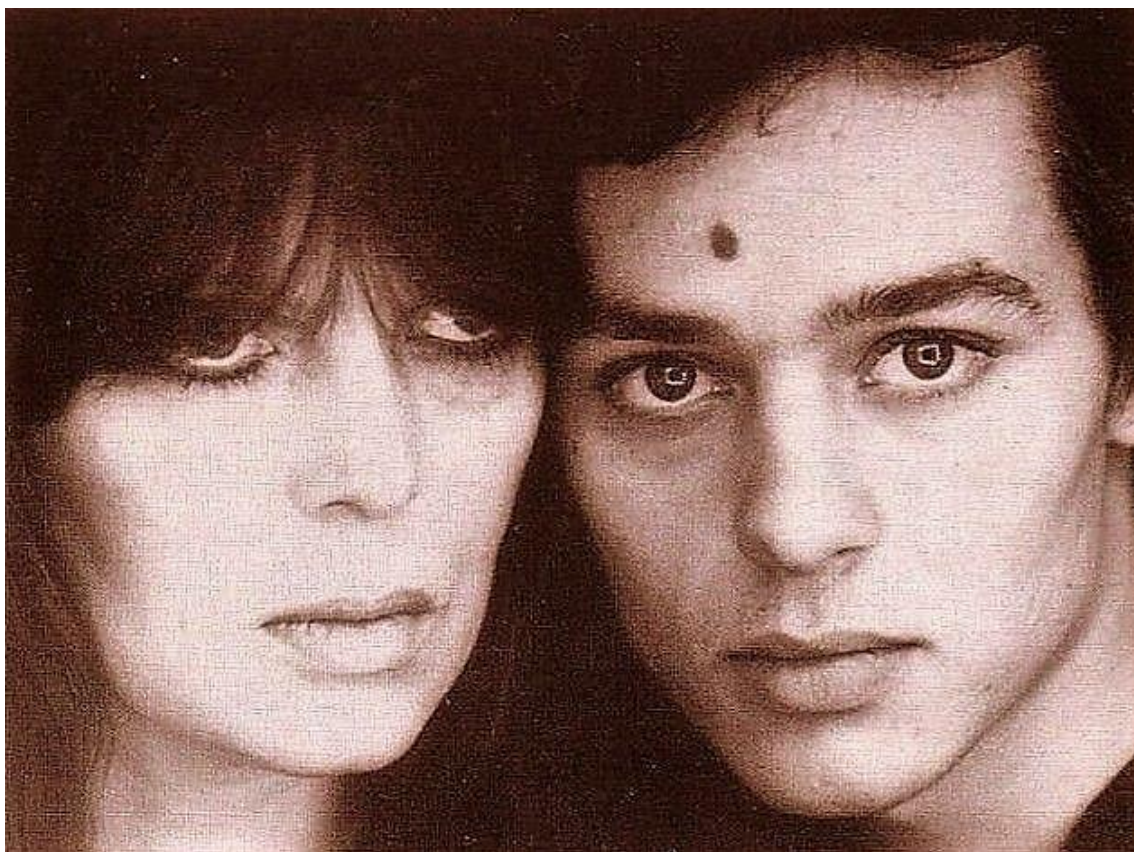
morou e por um tempo virou o centro de suas produções. Seu filme de 1991 *J'entends Plus la Guitare* é dedicado a ela.

THE FACTORY

Nico foi uma das musas de Andy Warhol. Ele era manager do Velvet Underground e deu a ideia de introduzi-la na banda. Foi quando ela estourou e virou um símbolo de beleza e também da contracultura.

CARREIRA SOLO

Ela logo iniciou sua carreira solo como cantora e sempre teve a colaboração de membros do Velvet. Eles contribuíram para seu primeiro álbum, *Chelsea Girl*. John Cale produziu *THE MARBLE INDEX* (1969) e *THE END* (1974), que também tem a participação de Brian Eno. Com Cale, ela também abriu um show pro Pink Floyd nos anos 70. Nos anos 60 e 70, ela circulou com Rolling Stones, Bob Dylan e Jim Morrison, que a incentivou a escrever suas próprias músicas.



Nico e seu filho Ari / Reprodução

Em 1962, Nico teve um filho com o ator francês Alain Delon, Christian Aaron Boulogne, a quem ela chamava de Ari. Delon nega a paternidade, mas seus pais assumiram sua guarda quando ele tinha 4 anos. Nico sofreu com a culpa por não ter conseguido cuidar dele e por ter induzido seu filho ao consumo de drogas pesadas. Ari é fotógrafo e tem um filho. Ele estava com sua mãe no dia de sua morte em Ibiza. Ele viu o filme e, segundo a diretora, ficou impressionado com o trabalho da atriz Trine Dyrholm.

APARÊNCIA

A beleza de Nico abriu muitas portas para ela, mas era, no fundo, algo que a atormentava. Ser muito bonita virou um peso e ela queria desfazer essa imagem. Pro final dos anos 70, ela começou a deixar o cabelo marrom e passou a se vestir praticamente só de preto. “Não era feliz quando era bonita”, ela disse. Nessa época, ela estava envolvida com Lutz Ulbrich, guitarrista da banda experimental Ash Ra Temple.

No final de sua vida quando estava morando em Manchester, ela foi a um programa de rádio. O DJ a introduziu como “a femme fatale de Lou Reed” e logo ganhou uma patada: “não me chame assim”.

ÚLTIMOS TRABALHOS

Seu disco final, *CAMERA OBSCURA*, foi lançado em 1985 e também produzido por John Cale. Ela gravou o clipe de “My Heart Is Empty” no clube The Fridge, no bairro de Brixton, em Londres. Sua última visita ao estúdio foi para gravar um dueto com Marc Almond, um mês antes de morrer. A música “Your Kisses Burn” foi lançada meses mais tarde no álbum *THE STARS WE ARE*, de Almond. “Ela era um dos assuntos pelos quais era obcecado no colégio. Ela tinha essa voz intrigante, gelada e remota, mas também calorosa ao mesmo tempo”, diz o cantor.

INFLUÊNCIA

No início dos anos 80, seu trabalho causou um impacto na cena gótica. Ela convidava bandas como Sisters of Mercy para abrir seus shows e participava como special guest de gigs do Bauhaus e Siouxsie. Em uma turnê em 1978, Siouxsie Sioux convidou Nico para uma participação especial. Ela também fez um cover de All Tomorrow's Parties. Nico foi uma grande influência também para Robert Smith, do The Cure, especialmente no álbum *Pornography*. Peter Murphy, do Bauhaus, considera Nico a primeira original do movimento gótico com os álbuns *Marble Index* e *The End*. Morrissey disse que ela é uma das cantoras que mais o influenciaram, junto com Frank Sinatra e Elvis Presley. Para ele, a faixa *Innocent and Vain* representa sua juventude inteira em apenas uma música. *Desertshore* é um dos álbuns favoritos de Björk e *Chelsea Girl* é o favorito de Peter Hook. Em 2014, Patti Smith fez um show em homenagem a Nico. Duas músicas de *Chelsea Girl* (*The Fairest of the Seasons* e *These Days*) estão no filme *Os Excêntricos Tenenbaums*, de Wes Anderson.

FIM

Nico morreu por conta de hemorragia cerebral enquanto passeava de bicicleta em Ibiza em 18 de julho de 1988.



MARIO PAZCHEDO

POLO DE CULTURA

A maldição da moda dark em Ipanema

Atenção pós-caretas e neo-inovadores do pedaço! Cuidado!!! Mais mortal/imortal que vírus, somente o germe dark que se manifesta pelos seguintes sintomas: expressão facial indicando tédio, falta de perspectivas, medo de viver, hábitos noturnos e roupas frouxas de tons negro escuro, causadores de blackout cerebral.

Não é o fim do mundo, nem o início do Armagedon, é a cor da moda onde filhos psicopatas de diplomatas matam seus pais nos gabinetes presidenciais, onde os carecas que penduram seus cabelos de laqué e correm atrás dos metaileiros de camisetas negras que não possuem correntes. A ala feminina insiste nas minissaia e maquiagem berrante, como quem acabou de acordar de uma bad-trip. É o reinado dark, onde shoppings fatutam vendendo suas mercadorias, onde importadoras de discos batem recordes de faturamento. O último é saber qual a cor das letras dos encartes e dançar como se rolasse uma canja nalgum show em Londres ou nalguma poluída danceteria de Cubatão.

que "nem sempre se vê, lágrimas no escuro". Um dinamo!

Participações especiais

Heróis da Inconfidência, Arte no Dark, Violeta dá Sono, Rigoroso Ultra-je, Manets Falsos e a estrela do super-grupo Kid Vermelho e as Abóbora do Sucesso. As gangues do asfalto dominam um país falido do 3º Mundo, são os hardcores, os black hearts, yuppies-ups, forever punks e o terrível duelo entre as radicais alas dos dark-metals versus os pós-black devils.

No papel principal o galã global Paul Richard, em cenas ousadas, realçando as performances mais sensuais pós-Carmem Miranda, vivendo o papel do diplomata psicopata brasileiro, já que o ilustre desconhecido Renato Manfredini Jr. recusou o papel e Roger foi reprovado no teste drive para substituir Renato. O jeito foi importar Mr. Paul Richard.

Tudo ainda corre em segredo, mas sabe-se que a Plebe Grude dirigirá a "Veraneio vascaína" e que Cauza e Caetano estão compondo funks atômicos e sambas psicodélicos para a

trilha sonora...

Retrocesso 87

Desperdício de recursos publicitários marketing inútil com os co-mentários sobre Madonna, Michael Jackson, Tina Turner, Sioux, The Cure, Neo rock, Bruce Springsteen, Venom e outros mais...

Perdi muito lendo para fãs da Blitz, Kid Abelha e Duran Duran, artigos que visavam atingir e sensibilizar leitores e ouvintes amadurecidos com razão de granja. Não sei o que é bom ou ruim, o que é novo ou paleolítico.

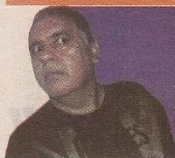
Canssei de ver serem repetidas todas as fórmulas de programação, e descobri os sempre velhos chaves acobertando e divulgando que a indústria fonográfica queria através da mídia, um caso? Heróis do Brasil e da Resistência? Ou seria Insistência? Não confio em nenhuma publicação periódica musical (nativa ou importada). Confio apenas nos meus ouvidos. Anúncios em revistas difundiam a New Age em compact disc.

Track!!! "O disco acabou, vira o outro lado" restou o zumbido de um pernilongo ou mosquito no ar...



Dançaram o samba do crioulo doído ouvindo a 6ª de Beethoven na versão massiva de Giorgio Moroder...

Uma superprodução digna de Dino de Laurentis, totalmente rodada em Ipanema e financiada pela herança da tia do Lobão, o cantor heteronormativo, nietzchiano, dublê de Zaratustra,



MARIO PAZCHECO

POLO DE CULTURA

A turma dos Skrotinhos se reencontra

Personalidades máximas da cena brasileira-guaiana dos 80s – direto das páginas de algum gibi preto e branco do Angeli – reapareceram com a velha energia e sagacidade. Fátima, figura literária emblemática, e Léo, a quem coube comandar o baile. Jihan, que não parou de dançar a psicodelia, o punk rock e o lado B da cena independente dos 80s. E Ed, não menos importante, ainda provocador e realizador.

Turma dos Skrotinhos, homenagem óbvia a Laerte e suas personagens. Atualmente os remanescentes deste coletivo dark do Guará I, ainda congregam, dentre eles, os ilustres e famosos Ly, escritora, Marlon e Manuela, atores, Gerard, roteirista, Salazar, fotógrafo, Macaé, músico, Maggie, Andrea, Isabela, modelos, Marcelos Vasques e Vítor, Aderbal, cantores, Jê, mestre-cuca, Antônio Júnior, informático-performático, Ronaldo Lima “Gaffa”, baterista; Deusa Barakat, cantora; Marco Siqueira, artista plástico e Mafra, cartunista. Esses amigos queridos tomavam as suas cervejas no Bar do Lincon, na QE 24.

Julho de 1988 – as biografias não autorizadas registram que eu conheci essa turma louca numa festa na casa do Tom Zen, no último conjunto da QE 34, à direita, quando a vista dava para o infinito. Eu retorcia os quadris freneticamente ao som de Joe Perry Project, como copulasse.

“Um cara esquisito esse Mário! Arregala os olhos e fala coisas desconexas! Essa foi minha primeira impressão, quando fomos apresentados pela primeira vez. Hiperativo! Que saco, não sabe ficar sentado nem por dois minutos.”

Depois, eu e Fátima e a turma descíamos de ônibus para a 109 Sul ou o Botequim Blues em Taguatinga. A festa continuava no Mutante Bar – nesse dia rolou a exposição do Fernando Carpaneda.

NA ALA CHIQUE OU SEMPRE PREFIRIMOS A FESTA DOS SKROTINHOS

Quando o sábado é frio e distante, quando o vento sopra, a gente se reúne na cobertura do cafofo, planejando os próximos meses, rodam coisas Incríveis e sentimentais, nós nunca seremos covardes.

Jihan caprichava ao selecionar as tirinhas dos Skrotinhos e fotos de Elvis, James Dean e Morrissey, impressas em papel de qualidade, com tinta de mesmo padrão.

“Unindo-me aos meus amigos Skrotinhos, entendi o que é viajar na música, sentir o coração quase explodir quando a banda sobe ao palco, deixar a música entrar nas veias e correr pela corrente sanguínea, como uma droga potente, poderosa. Pular até gastar o último pinga de energia, cantar junto, gritar e soltar todos os bichos. É uma das energias mais poderosas, que só fui conhecer aqui em Brasília. Ela se potencializa ainda mais por conta da energia das pessoas que vão lá vibrar contigo. É lindo!” (Jihan Arar)





MARIO PAZ CHICO

POLO DE CULTURA

Filmagem do Rock Brasília 'atravessou'

1988, março – Havia pouca gente para ver os shows e participar das filmagens. Desconfio que, por isso, nem todo mundo se apresentou no set de filmagens. Para filmar Brasília, Capital dos Brasis, Geraldo trouxe Renato Russo para gravar depoimentos, o que acabou provocando protesto de músicos locais.

Quem esteve no Teatro de Arena da UnB na noite da última sexta-feira, 29, para assistir às gravações do filme Brasília, Capital dos Brasis, que faz parte do longa-metragem Brasília no Cinema, patrocinado pelo GDF, pode assistir a dois shows: um deles de rock – com as bandas Pânico, Peter Perfeto, Nexô e 5 Generais, supostamente chamadas para uma apresentação que integraria o documentário –, o outro show (mais performático) foi do diretor do filme, Geraldo Moraes, quando subitamente retira duas músicas do Pânico, desliga o equipamento, recolhe as câmeras e apaga os spots de luz, deixando o Peter Perfeto tocando no escuro.

Renato chegou um pouco antes do início dos trabalhos. Como a equipe de Geraldo Moraes ainda estava montando os equipamentos, ele atendeu a um convite para gravar um depoimento a outro cineasta, Vladimir Carvalho, que está fazendo um vídeo sobre o Rock Brasília. Daí então prontificou-se a atender fãs que dele se acercaram, pedindo autógrafos ou, simplesmente, querendo conversar, fazer perguntas. A curiosidade maior era em torno da apresentação da Legião em Brasília. E todos ficaram sabendo que o grupo vai fazer show aqui no dia 18 de junho, possivelmente no estádio Mané Garrincha.

Em seguida, foi convocado para as filmagens, que imediatamente tiveram início.

Renato fala de sua experiência como jovem, como adolescente, morando em Brasília a partir dos 12 anos de idade e da sua relação com a cidade. De como Brasília influiu para que ele e seus amigos chegassem à música, ao rock. Fez referência ao Têlha, considerado o primeiro grupo de rock da cidade. Por fim, ele tece comentários sobre a Legião Urbana, fama, sucesso etc.

Um pouco antes da fala de Renato, as filmagens se concentraram sobre a banda Pânico, sorteada entre as quatro convidadas para ser focalizada no filme. Tocou três músicas do seu repertório. Entre o Pânico e o Peter, subiram ao palco um grupo anunciado como "roqueiros do futuro" quatro garotos: João Marcelo, bateria, 14 anos; André Ricardo, baixo, 14 anos; Bruno Corrêa, teclados, 12 anos e André Torres, guitarra, 11 anos (filho de Geraldo Moraes) para executar "Que País É Este", música composta em 1978, por Renato Russo e que dá título ao terceiro LP da Legião.

Sua participação nas gravações já havia terminado, mas Renato permaneceu no Teatro de Arena, atrás do palco, conversando com o pessoal do 5 Generais e assistindo à rápida apresentação do Peter Perfeto, a quem aplaudiu ao final.

Logo após a saída de Renato, começou a confusão gerada pela retirada da iluminação e que culminou com a não realização dos shows previstos.

Terminada a apresentação do Peter Perfeto – que mesmo no escuro, a partir da segunda música, continuou tocando –, instalou-se um clima de revolta que envolveu todos os músicos presentes. Inclusive os do Pânico, todos se sentiram desrespeitados pela produção do filme. Por que, ao término das gravações, foi retirada a iluminação que, até então, permitia a realização dos shows sob o foco de poderosos refletores?

Ninguém escapou à fúria dos roqueiros. Nem o astro da noite, Renato Russo, escapou das acusações.

É compreensível um certo nível de revolta em episódios que têm seus desfechos como este. Mas os roqueiros brasilienses, que detêm as glórias momentâneas do público local, não podem se esquecer que antes deles vieram outros para abrir-lhes o caminho. Renato Russo não deve ser culpado por estar em uma posição privilegiada no cenário da atual música popular brasileira. Ao contrário, ele deve ser lembrado como um conquistador de espaços para o rock local. Foi ele, ao lado do Capital Inicial, da Plebe Rude e de outros grupos que já não existem mais, que abriu as portas das rádios e dos jornais para o rock de Brasília.



MARIO PAZCHECO

POLO DE CULTURA

O brilho da Cássia, o fiasco da Legião

18 de junho de 1988 – Poucas produções tiveram o poder de apequenar a cidade. O show da Legião Urbana no Mané Garrincha já tinha erguido seu lugar na História.

Nas quadras, nas escolas, nas academias o assunto era um só: o show. Meninos e meninas – na maioria, estudantes entre 16-18 anos – torciam para o sábado chegar logo; era a primeira vez que eles curtiriam o fenômeno do rock Brasília no auge. O show (que se transformaria em batalha campal) também era aguardado com ansiedade pelo cantor e poeta Renato Russo, muito provavelmente sem imaginar que a data do evento seria tomada no futuro como fatídica, como sinistra evocação à bestialidade até então escondida em algum beco inconsciente de gente de mansidão irretorquível, gente que ordinariamente vai à quitanda comprar alface pra mãe e beija a testa do vovô antes de ir pra escola.

Os conflitos adquiriram proporções lendárias, estendendo-se até as paradas de ônibus, onde telhas de amianto foram quebradas como arsenal para o transe da juventude em fúria: “Olha o ônibus do Guarã!” E enormes cacos de telha voavam contra a vidraça do coletivo.

A noite, antes de promissora expectativa, convertera-se numa longa jornada de traumas e fraturas, ocupando alas da ortopedia dos pronto-socorros. Pelo aumento do fluxo de atendimento, os atendentes registraram gente pisoteada por cavalos, gente que quebrou um braço, uma perna, uma clavícula; gente esmagada contra a tela de proteção do palco afoita por fugir da histeria coletiva, dos açoitamentos delirantes da população ensandecida, como em manifestações antecedentes, marcadas pela violência das gangues das satélites e da polícia. Por milagre, nenhum cadáver foi registrado.

A banda contra 50 mil fãs – mais cavalos, cassetetes e PMs. O público provocou um badernaço de proporções homéricas no Mané Garrincha, uma pândega que marcaria a cidade e seria a última apresentação da Legião em Brasília.

As pessoas relataram que seus sapatos ficaram para trás, e que a cavalaria avançou e você tinha que ter preparo de atleta de alto rendimento para correr e rastejar para fora do cerco.

No dia seguinte, na tevê, imagens de um fã no palco dando uma gravata no Renato Russo, o fã estaria ligadaço – lança perfume lança loucura. Fãs (que muitas vezes têm comportamento semelhante à obstinação dos piolhos)

acamparam na 303 Sul querendo falar com Renato – alguns chegaram a se esconder na garagem do bloco onde a família do cantor morava. Preocupado, o produtor Fernando Artigas recorreu a um amigo comum, Murilo Cavalcante, o Murilão (o mais forte da turma), para acompanhar Renato até o aeroporto.

CÁSSIA ELLER NO ESCURINHO DA FUNARTE

17 de setembro – Para essa apresentação, ela apoiou o repertório no compositor brasileiro Márcio Faraco, de quem cantou “Lullaby” e “Labirinto”, mais canções de João Bosco e Aldir Blanc, Arrigo Barnabé, Ermelindo Neder (“Pô! Amar é Importante”), Paulinho da Viola, Beatles, Nina Simone, The Police, Belchior, Itamar Assumpção, Boca, Márcio Manga, e algumas surpresas recicladas, sempre novidades no repertório, e ainda novos recursos cênicos. Acompanhada por Dunga, contrabaixo; Tom Capone, guitarra; Mac William, bateria. Assim Cássia Eller botou o pé no palco da Funarte, com vontade de botar o pé na estrada.

Acho que a Cássia Eller gostava do humor do Grupo Rumo, ou do Premeditando o Breque. Gostava mais pela malandragem, brasilidade, humor e temas como o da música “Rubens”.

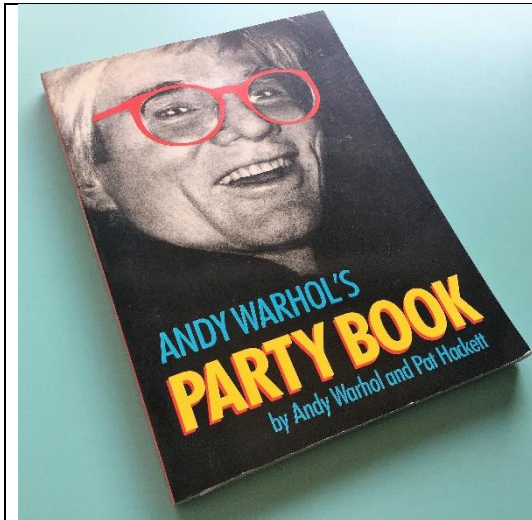
Eu odiei a sua apresentação na Funarte. O lugar era exíguo e escuro, e não havia ameaça de “apagão”. No palco, os integrantes se esbarravam uns nos outros, e se desculpavam, na maior educação, sorrindo entredentes. Enfim, desajeitados, desajustados e apertados, sem nenhum impacto cênico. Pode ser que fosse por ser Domingo, pode ser que fosse pelo cansaço.

Mac Williams talvez estivesse à frente de seu tempo, pois tirava um timbre mecânico-tecnológico sussurrante, meio sem vida, coisa meio industrial, um som plastificado.

Talvez o volume dos instrumentos estivessem no talo. O garoto da guitarra era alto e bem-vestido sua guitarra era daquelas de pintura metálica. Talvez Tom Capone tenha recomposto tudo!

Abominei a versão de “Oh! Darling”. O show foi incrivelmente heavy! A apoteose do sinistro ocorreu na lullaby de Lennon & McCartney – simplesmente um solo metaleiro rápido em “Oh! Darling!” Fui nocauteado pela minha insatisfação. E para esvaziar mais ainda a minha bola, Irlam Rocha Lima, no Correio Brasileiro, o listou como um dos melhores shows da temporada daquele ano.

1988
AGOSTO



17 OUTUBRO

São Paulo, na galeria Millan, a exposição 63/66 – A FIGURA E O OBJETO, que tem como curador o crítico Casemiro Xavier de Mendonça. A mostra reúne 34 artistas, entre eles Antonio Dias, Vergara, Waldemar Cordeiro e Gerchman.

Foto de 1966, publicada em O Cruzeiro com participantes da 63-66

O grupo REX é formado por Wesley Duke Lee (prêmio na BIENAL DE TÓQUIO EM 65), Geraldo de Barros, Nelson Leirner, José Rezende, Frederico Nasser e Carlos Alberto Fajardo. Eles fazem um trabalho de equipe acreditando que só assim podem realizar algo de realmente produtivo. O regulamento dos REX, feito com intuito declaradamente



satírico, possui 18 itens, entre eles o seguinte: "Nós vemos tudo, ouvimos tudo, falamos tudo e eles não vêem nada, não ouvem nada, não dizem nada (a não ser o que todo mundo já sabe)".

- Rubens Gerchman exhibe coletivamente no The Bronx Museum of the Arts (Museu de Artes do Bronx).



22 NOVEMBRO

Em clima de colunas gregas, Franz Weissmann e Fernando Bicudo, com colar soy-loco-por-ti-Xingu, no lançamento do vídeo sobre Tomie Ohtake, no Gabinete de Arte.

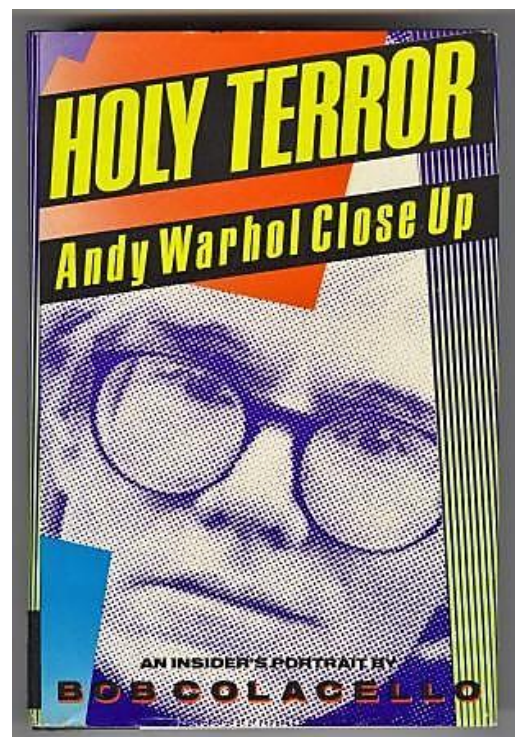
1989

FEVEREIRO

- A individual de Andy Warhol, com mais de 300 trabalhos espalhados por dois andares, num programa com o acompanhamento de filmes, se trata da mais ambiciosa exposição individual no Museu de Arte Moderna de Nova York (desde a retrospectiva de Picasso, em 1980). Diante dos quadros da cadeira elétrica, um aviso no assento pede silêncio – ao reconhecer a presença de um público ávido por este ritual de morte –, e impõe tão bem a calma necessária às vacas leiteiras de Warhol, impassivas e anônimas. Esta cena percorreu o mundo, passou por Nova York e Chicago, Inglaterra e Milão.

15 JUNHO

- Em Paris, numa retrospectiva da obra de Andy Warhol na era Factory, que aconteceu na Cartier Foundation, todos os integrantes do Velvet Underground colaboraram para a exibição com objetos pessoais e documentos. O planejado era só Lou Reed e John Cale tocarem cinco músicas de seu disco-homenagem, *Songs for Drella*. Mas logo depois de "The Style It Takes", Lou anunciou: "Temos uma surpresa para vocês..." Moe Tucker, de óculos escuros, sentou na bateria; um magricela de rayban e botas de caubói pegou na guitarra: Sterling Morrison. Juntos, os quatro tocaram uma única música, o clássico "Heroin".





Taylor Mead and Bob Colacello

Written by a former editor of Warhol's celebrity-celebrating Interview magazine and packed with names, this hard-hitting memoir presents an insider's look at the "Pope of Pop Art," Andy Warhol, whose eclectic oeuvre is comparable to Picasso's or Pollock's in its impact on modern art and culture. While examining Warhol's personality, struggles, and achievements, this book presents its subject with a clarity that is both unsparing and compassionate, disillusioned and inspired. *HOLY TERROR* invites readers to revisit the sex, drugs, parties, discos, and New York art scene that dominated the 1970s and 1980s. Colacello's memoir is an acutely perceived portrait of the artist who radicalized the ways in which society views art.



Georgette
Mosbacher

1990

ABRIL

• *Songs for Drella* (LP). Primeiro disco em conjunto de Lou Reed e John Cale em mais de vinte anos. Tributo a Drácula e Cinderella, o apelido Drella, pelo qual era conhecido Andy Warhol. O disco? Uma obra-prima.

**ANDY WARHOL: FOFOQUEIRO!
WARHOL REVELOU FOFOCAS
(F. S. PAULO*)**

As últimas fofocas que scandalizaram o mundo pop norte-americano foram reveladas no livro *O DIÁRIO DE ANDY WARHOL*, publicado em 1989, dois anos após a morte do artista. Warhol conta sobre pessoas com quem convivia, festas que a que ia e personagens que encontrava. Muita gente que se dizia amiga dele acabou vítima de seus comentários pouco afetuosos.





Numa passagem, ele diz que "a Bianca (Jagger) está se esforçando para casar com Calvin (Klein), porque está sem dinheiro". Numa festa em 76, Bianca tirou a sua calcinha e a passou para Warhol. "Fingi que a cheirava e usei como lencinho. Guardo até hoje", escreveu.

Segundo ele, Elisabeth Taylor confidenciou uma vez ao costureiro Halston que o marido dela, o senador John Warner, não comparecia, em matéria de cama, como ela desejava.



Outra vítima notória foi Liza Minelli. Warhol observa em seu diário que "sua vida está muito complicada atualmente". Segundo ele, o casamento de Liza com Jack Haley não ia bem, ela estava tendo um caso com o cineasta Martin Scorsese, que acusava de estar dormindo com o bailarino soviético Baryshnikov.

Sobre o casal de atores Ryan O'Neil e Farrah Fawcett, diz que "é uma família realmente estúpida". Ele lembra ainda um flerte entre O'Neil e Margaret Trudeau, mulher do ex-primeiro-ministro canadense Pierre Trudeau.



*** F. S. PAULO, SÁBADO, 5 MAI. /1990.**

DA SÉRIE: FARPAS EM ANDY WARHOL

“Aqueles que andavam com o Andy eram todos uns idiotas drogados”, diz o cineasta Paul Morrissey. “Fiz os filmes para mostrar como eram estúpidos.”

Curtis, Morrissey, Warhol, 'Woman in revolt' 71



Para aumentar a expectativa, já de si enorme, Bowie contraiu uma gripe que seria debelada a tempo para que, acompanhado dos Spiders, pudesse surgir no palco do Carnegie Hall como intérprete da peça "The Rise and Fall of Ziggy Stardust From Mars", representada de um modo muito semelhante à célebre apresentação de Aylesbury, agora aumentada com alguns temas de Hunky Dory. A reação do público nova iorquino foi excelente, tendo Bowie convencido os muitos céticos presentes e o próprio Warhol que, apesar de seu status, se viu impedido de contactar com a star rodeada de uma segurança para-militar organizada por Tony De Fries... David Bowie – Três décadas de metamorfoses, Álvaro Costa, Fernando Costa, Francisco Pacheco

•

Lawson-Johnston se recorda de que a reunião da família não foi só entre Peggy e Harry, mas envolveu vários outros parentes, inclusive a sua própria mãe. Enquanto esteve em Nova York, Peggy passou o tempo com os amigos – com Marius Bewley, por exemplo, que tinha uma mansão em Staten Island, onde ela conheceu Andy Warhol: "Andy... se sentou num sofá perto de Peggy e disse: 'Oh, estou tão honrado por estar na mesma festa que a senhora Guggenheim!'. Peggy se virou para mim e perguntou 'Quem é esse homem?' Ela nunca o havia visto". **(PEGGY GUGGENHEIM – A VIDA DE UMA VICIADA EM ARTE", ANTON GILL – EDITORA GLOBO – 2005).**

• Cenas da vida de Andy Warhol, *Amizades & Interseções*, de John Mekas. A vida e (pop) arte de Andy Warhol ganham, na escritura descontínua e esboçada de Mekas, nas imagens tremidas, fragmentadas e inapreensíveis de sua Super-8, uma estética (hoje apropriada pelo videoclipe) que lhe é propícia. Abrangendo um período que vai (e volta) de 1966 a 1981, traz o registro da primeira aparição pública da banda Velvet Underground, cobrindo algumas das exposições mais importantes de Warhol e algumas das festas mais badaladas da época, tudo a dezesseis quadros por segundo.

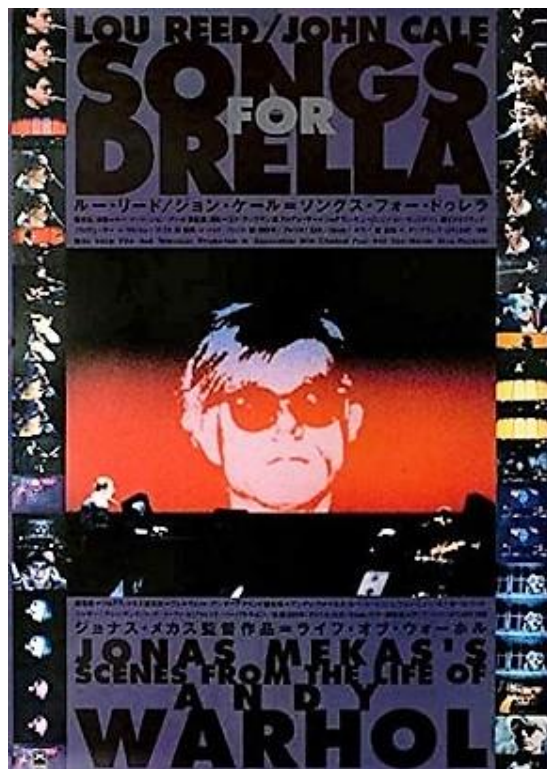
1990

JUNHO

Lou Reed incluiu duas entrevistas no livro *Between Thought and Expression* ("Entre Pensamento e Expressão"), editora Hyperion, publicado em 1991.

Na primeira entrevista feita em Praga com Václav Havel, o recém-eleito presidente da Tchecoslováquia comenta como a música do Velvet Underground foi considerada subversiva durante anos em seu país, e dá a Lou Reed uma antiga edição clandestina com 200 letras de suas canções traduzidas para o tcheco.

Na segunda entrevista, o escritor americano Hubert Selby (Last Exit to Brooklyn, que Lou Reed adora) tem sua inclusão justificada por uma única frase, Selby acaba dizendo que se sentiu como "um grito olhando para uma boca". É a melhor definição para as letras de Lou Reed publicadas sem acompanhamento.



15 DE JUNHO DE 1990

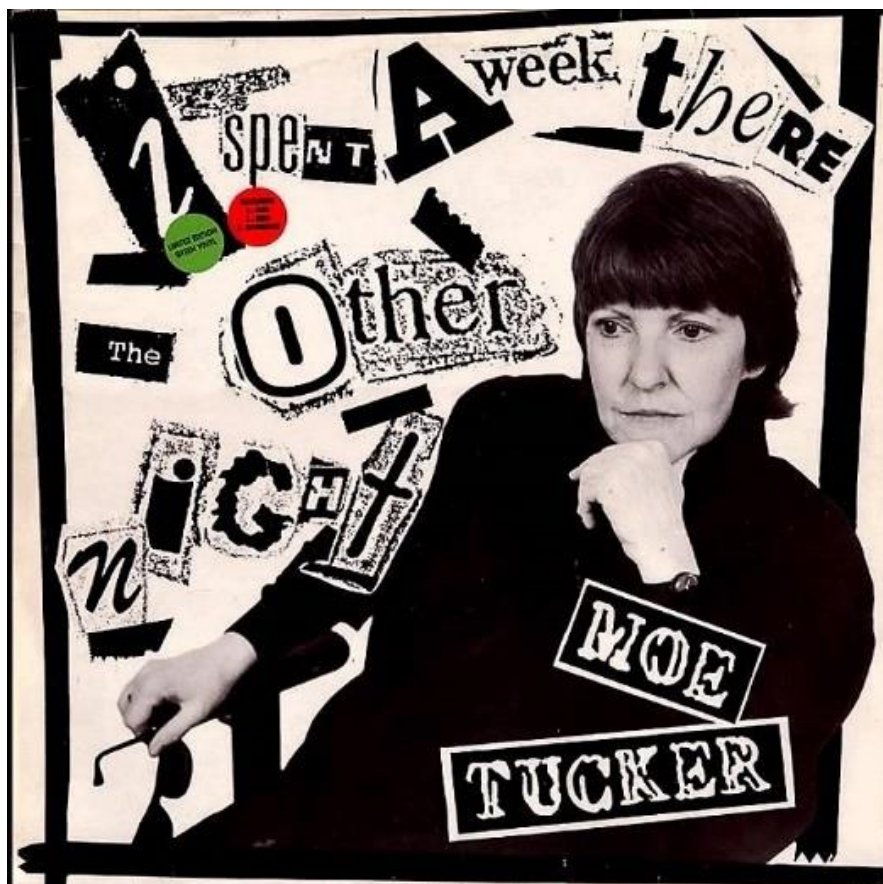
ANDY WARHOL SYSTEM: PUB-POP-ROCK. Paris. Para a ocasião, entre os vários convidados estavam Lou, John, Maureen Tucker e Sterling Morrison, a linha original do Velvet Underground. Sem nada planejado, eles tocaram juntos pela primeira vez desde 1968. Em Paris, numa retrospectiva da obra de Andy Warhol na era Factory, que aconteceu na Cartier Foundation. Todos os integrantes do Velvet Underground colaboraram para a exibição com objetos pessoais e documentos.

O planejado era só Lou Reed e John Cale tocarem cinco músicas de seu disco-homenagem *SONGS FOR DRELLA*. Mas logo depois de "The Style It Takes", Lou anunciou: "Temos uma surpresa para vocês...". Moe Tucker de óculos escuros sentou na bateria; um magricela de rayban e botas de caubói pegou na guitarra: Sterling Morrison. Juntos, os quatro tocaram uma única música, o clássico "Heroin".

No ano seguinte, Sterling Morrison, John Cale e Lou Reed se reagruparam para regravar seu clássico "Waiting For The Man", para o disco solo de Mo Tucker, *I SPENT A WEEK THERE LAST NIGHT*.

Sterling Morrison excursionou com Tucker, que era baterista do Velvet Underground.

Em 1993, vinte e cinco anos depois de sua estreia o Velvet Underground, estava esgotando entradas para sua turnê europeia, com shows na Inglaterra e França.



With Bono in Geneva, Switzerland. Photo: © 1993 Risé Cale

CODA

Sterling Morrison, guitarrista do Velvet Underground, morreu em 30 de agosto de 1995, aos 53 anos, na mesma época em que saía a caixa de 5 CDs do grupo, "Peel Slowly and See". Ao lado de Lou Reed, Moe Tucker e John Cale, Morrison



participou da rápida reunião do Velvet Underground em 1993.

A vida da cantora e compositora Christa Paffgen (Nico, Budapeste/Hungria, 15 MARÇO 1943) conhecida por seu trabalho com o Velvet Underground, virou filme. *NICO/ICON* é o primeiro filme da alemã Suzanne Oftenringer e levou vários prêmios Europa afora.

O multiinstrumentista John Cale, lançou nos Estados Unidos o seu primeiro disco pop em uma década. *Walking On Locusts*, com as presenças de David Byrne na faixa Crazy Egypt e da ex-baterista do Velvet Underground, Moe Tucker. John Cale também compôs as trilhas sonoras dos filmes *BASQUIAT* e *I SHOT ANDY WARHOL*.

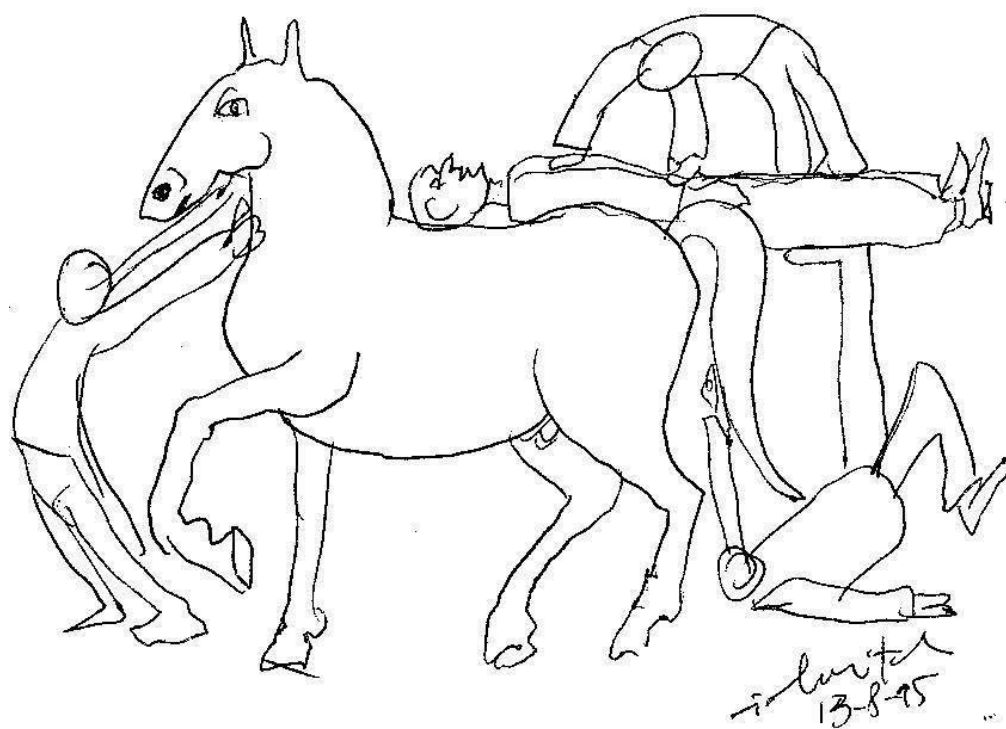


AGOSTO

Museu Nacional de Arte Moderna Centro George Pompidou Paris. Má acolhida em Londres com verdadeiro "malho" da crítica inglesa a exposição foi revitalizada pelos franceses.



1990 - 18 DE JUNHO - TELA DE RENATO MATOS - CROQUIS DE PAULO IOLOVITCH



20 years after Jim Morrison's death...



Rocker Jim Morrison's parents, who hated their son's wild lifestyle when he was alive, pay tribute to Jim's memory during a visit to his grave in Paris.

DOORS SINGER'S PARENTS FINALLY MAKE PEACE WITH THEIR REBEL SON

AFTER 20 years, rock legend Jim Morrison's parents have made their peace with the memory of their famous son.

Steve and Clara Morrison—who deplored Jim's sex, drugs and rock 'n' roll lifestyle as leader of the rock group, The Doors—recently paid a visit to his Paris gravesite.

Disgusted by graffiti and other litter near Jim's grave, they took steps to clean it up a few months before the anniversary of his death.

They've also installed a new bronze plaque on the grave's headstone with a Greek inscription that reads: "Faithful to his spirit."

It was a dramatic turnaround for the Morrisons—who stopped speaking to their son years before he died, and have never said a word about him publicly

since then. Jim used to tell people his parents died in a car crash. The lyrics in one of his famous songs, *The End*, includes the phrase: "Father, I want to kill you..." After hearing it, his dad Steve—an admiral in the U.S. Navy—was so outraged that he never referred to his son's music again.

Clara phoned Jim to invite him back home one Thanksgiving. If he would first cut his hair to please his father. "I don't want to ever talk to her again," Jim said after he hung up.

When his mother later attended one of The Doors' concerts, Jim refused to see her. And one report claims he was buried in Paris because his dad refused to pay to have the body brought back to the U.S.

When *The Doors* movie was filming, director Oliver Stone asked the Morrisons for help, but they refused to read the script or let Stone portray them in the film. They

later relented and offered Stone some of their son's unpublished poetry.

Jim was born in 1943, the oldest of three children. He left home to study film at college, but dropped out and formed The Doors. By the time the group was famous, Jim had lost touch with his family.

Morrison was found dead in his bathtub on July 3, 1971, by his girlfriend Pamela Courson. Cause of death was listed as heart failure, but some say it was a massive overdose of heroin. Pamela died of an overdose in Hollywood three years later and the truth disappeared with her.

Since then, the Pere Lachaise cemetery in Paris has been trashed by thousands of Morrison fans who guzzle beer and play tapes of The Doors music next to Jim's grave.

Even the bust of him that once sat on the headstone has been stolen.

They fly to Paris to clean up rock idol's trashed grave



Jim Morrison when he led The Doors.

1990 – 8 DE AGOSTO

RON GALELLA ARCHIVE – FILE PHOTOS



NEW YORK CITY – AUGUST 8: Publisher S.I. Newhouse Jr., author Bob Collacello, director Paul Morrissey and editor Tina Brown attending "Holy Terror-Andy Warhol Close Up" on **AUGUST 8, 1990** at the Factory in New York City, New York. (Photo by Ron Galella, Ltd./Ron Galella Collection via Getty Images)

1991 –
MAIO – 21 –
22 E 23

**PCB**
Partido Comunista Brasileiro

O Partido Comunista Brasileiro, tem a honra de convidar V. Sa. para participar do “Forum Socialista”, que fará realizar nos dias 21, 22 e 23 de maio de 1991.

FORUM SOCIALISTA
Teatro Dulcina - SDS - 19:00 horas**PCB**
Partido Comunista Brasileiro

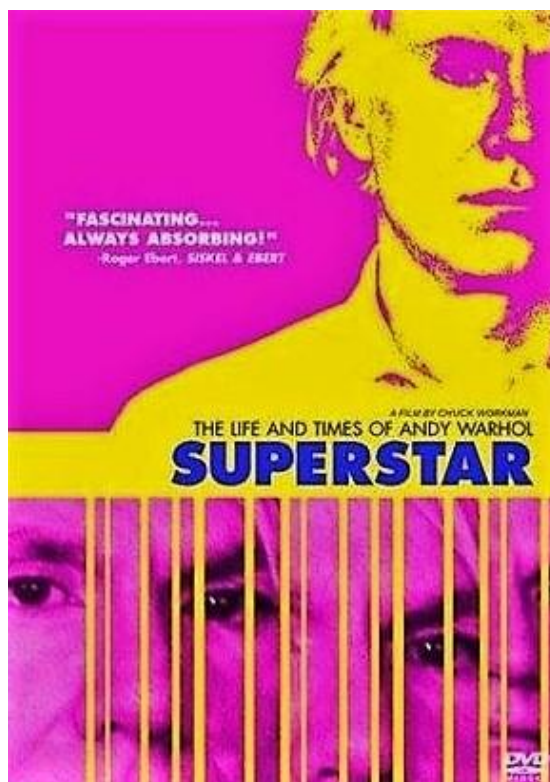
FILMES

• *SUPERTARS: THE LIFE AND TIMES OF ANDY WARHOL*, 1991
(documentário)
Film: Superstar: The Life and Times of Andy Warhol

Weaving together varied, and often enigmatic, interviews with the artist shot over three decades, Workman surveys Warhol's art and films along with interviews and appearances with such observers as Viva, Dennis Hopper, Roy Lichtenstein, Gerald Malanga, David Hockney, Taylor Mead and many more in the Warhol "family." Taking no overt stand towards Warhol other than to confirm his place as a true visionary, the complex interaction between Warhol's personal, artistic and celebrity lives and his profound impact on the culture emerge to illuminate one of the most creative minds of the 20th century.

• *O ESCORPIÃO ESCARLATE*. Direção: Ivan Cardoso.

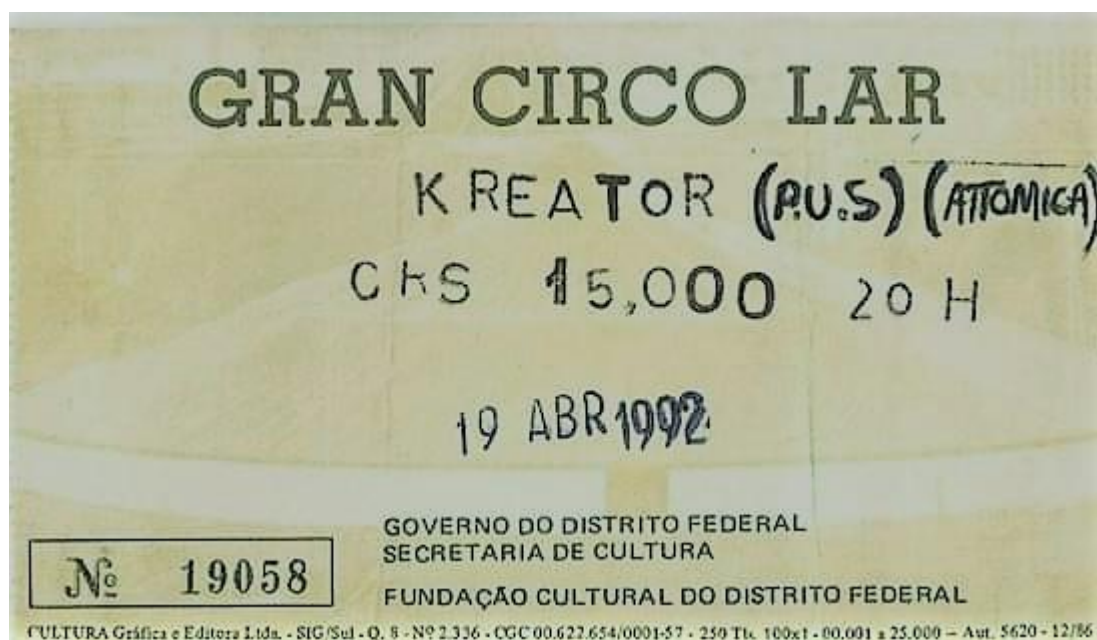
- Aos 77 anos, Hedy Lamarr é presa tentando roubar pequenas mercadorias numa loja da Flórida. Nos anos 60 e 70, ela já enfrentara o mesmo problema. Antes de virar cleptomaníaca, foi uma das maiores estrelas da tela nos anos 40.





David Hockney and Warhol

1992 – 19 DE ABRIL



“P.U.S. com Daniel (Ex-Deja-Vu) na guitarra solo.” (VLADIMIR SOARES)



BLUES DO CAIXEIRO VIAJANTE

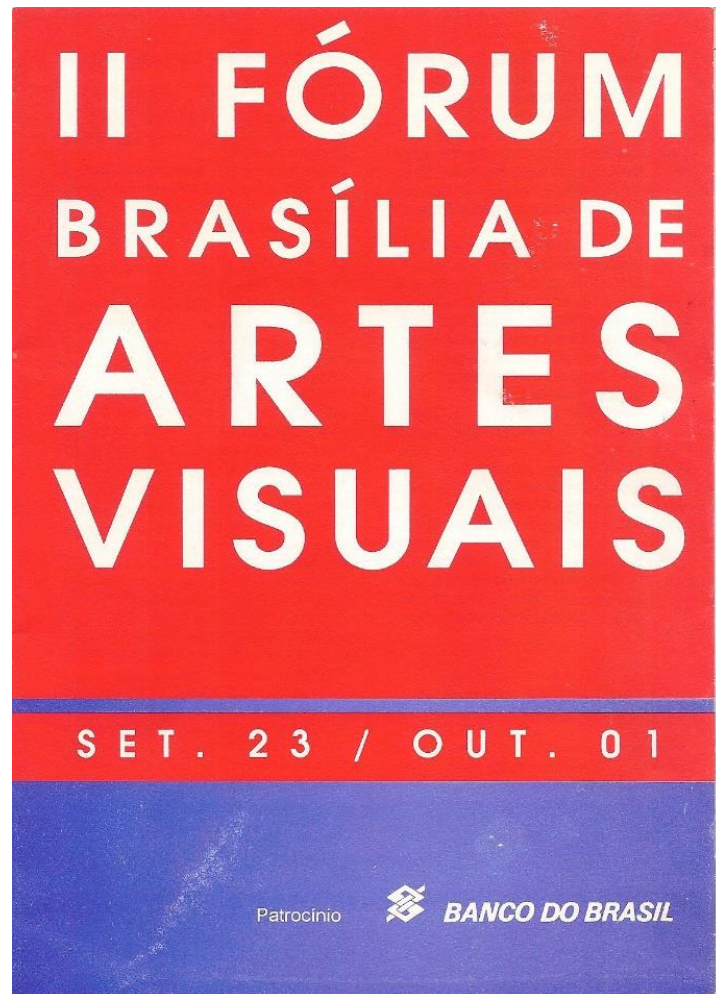
A vida toda tive problemas com correspondência, quando assumi o cargo, a correspondência na Vidraçaria perdeu o controle. Na chácara, eles atiravam no mato o involucrio da Globo Rural e carregavam a revista. Entre 1989-91, tivemos uma caixa postal no Correio Central de Brasília, sei quem me passou a chave, agora não sei quem foi titular que não renovou. Nessa caixa recebíamos zines e cartas de todo o Brasil, inclusive correspondência referente ao livro *Balada do Louco* que saiu a caixa impressa dentro dele e também em catálogos. Vencida a anuidade, sorrateiramente na hora do almoço, duas vezes por mês carregávamos o pacote com cartas. Não tínhamos devolvido a chave e naquele grau de costumeira paranoia pensávamos que estavam de olho em nós. Na última retirada da caixa, vieram cartas de mulheres que responderam aqueles anúncios de procura-se relacionamento. Sem querer intervimos e talvez azedamos relacionamentos que tinham tudo para dar certo. Pela estrada do rock'n'roll

1992 – OUTUBRO

"Na verdade minha história com o Mário começa em outubro de 1992...O moleque que gastou o primeiro salário na Head Collection do CONIC, descobriu que o autor do livro que lhe tirava o sono e o deliciava, era morador do mesmo bairro...Entrei de cabeça na aventura sem dublê, nos tantos mil dias de Rock, e nessa coisa de fã seguimos...Loucos embalados." **(TIAGO RABELO)**

Vendi livros aos maiores FDPs do planeta, um não me esqueço era da Med, o outro do sebo que distribuiu os livros de graça e não me pagou, não é de estranhar que estes caras estejam ricos e tenhas revistas próprias etc fiquei com dó dos empregados deles, depois no fim da vida, os divórcios acabaram com suas fortunas, e eu tinha que me meter com essa gente – depois eu aprendi mostrava o livro e perguntava quanto que você dá no vale em troca de livros da loja? Nunca mais me roubaram.

1993 – 23 DE SETEMBRO A 1
DE OUTUBRO



1993 – 24 DE
OUTUBRO –
CIRCO
VOADOR/RJ



BOOTLEGS

Gravações inéditas dos grandes ídolos

A proliferação dos equipamentos de última geração como os gravadores DAT (Digital Audio Tape) está possibilitando o surgimento de *bootlegs* (gravações que não fazem parte da discografia oficial dos artistas) com uma qualidade sonora incrível. A 2001 importou dezenas de títulos com os maiores artistas da atualidade.

Nos anos 70 os *bootlegs* tomaram o mundo trazendo gravações inéditas dos Beatles, Bob Dylan, Rolling Stones, The Who e outros. Só que não há termos de comparação com os lançamentos atuais, mesmo os que exploram velhas gravações, que são todas remasterizadas pelo sistema digital, suprimindo-se



Eric Clapton volta a investir no blues no bootlegs que segue a *From the Cradle*

grande parte dos ruídos.

Entre esses gigantes, a 2001 importou discos com gravações exclusivas dos Beatles, Neil Young, The Kinks e Led Zeppelin, entre outros. Mas a

maioria dos títulos é de artistas mais novos, alguns ainda pouco divulgados no Brasil, como Offspring e Grant Lee Buffalo, além de discos do Nirvana, Prince (ou daquele que foi co-

n esgotada

lo (sax tenor). disco o grupo lança o "ues", segundo eles uma le elementos, rag, jazz, ving, rock, cool, boogie, harmonias modernas com tempero latino. Ou na mistura de gêneros giram a partir do próprio

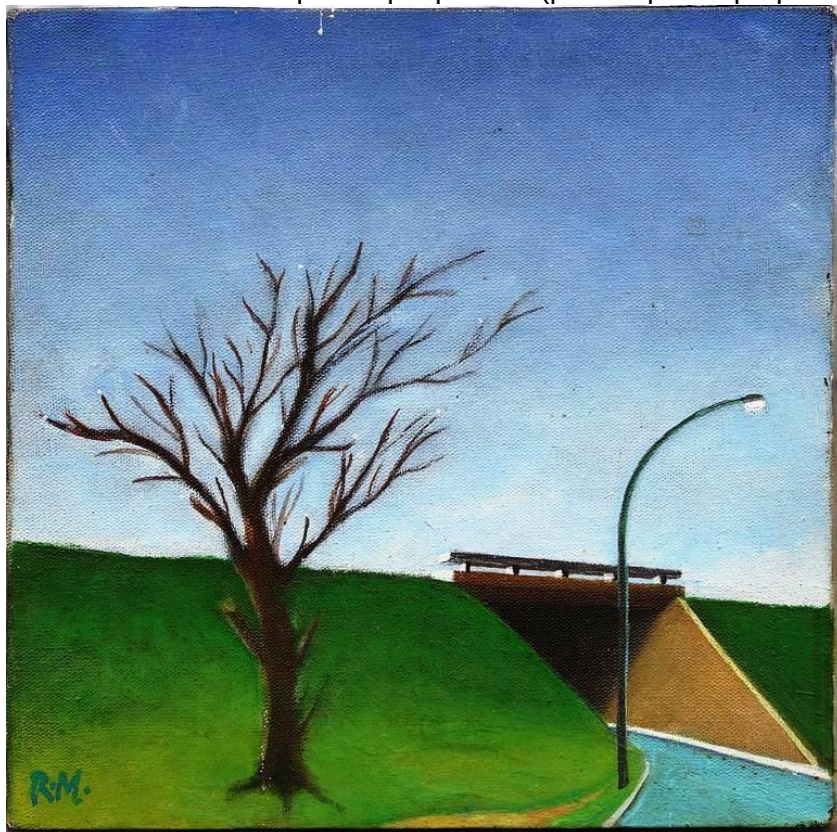
n "Up Blues" o Ofici- m salto em direção ao- Nail Young volta em gravação ao vivo

nhecido por esse nome e qu agora atende por um símbolo impronunciável) e Eric Clapton (uma primorosa continuação de seu último disco, "From the Cradle").

1995 – MAIO – COMO O ROCK DANÇOU E LEVANTOU A CASA Nos meus últimos dias de homem livre, Zanza não sabia do meu vício e a rede da Discoteca 2001, com toda a sua potência despejou centenas de CDs piratas dos maiores nomes do rock (The Who, Led e ícones dos anos 60), passado pouco tempo, recebi um telefonema do vendedor da loja da W 3 Sul, informando que os mesmos radicalmente caíram de preço, não sei o que aconteceu – corri e comprei o que podia – (penso que as próprias gravadoras que vendiam fiado à 2001, fizeram alguma ameaça para tirarem os piratas das prateleiras).

Pouco tempo depois comecei a construir a casa, e me desfiz de todos, não ficou um!

Em 2015, Zanza se assustou, quando eu tirei o primeiro cartão de crédito e nunca mais parei de comprar, todo mês, eu digo que vou parar, mas em setembro agora paro mesmo!



1995



30 AGOSTO

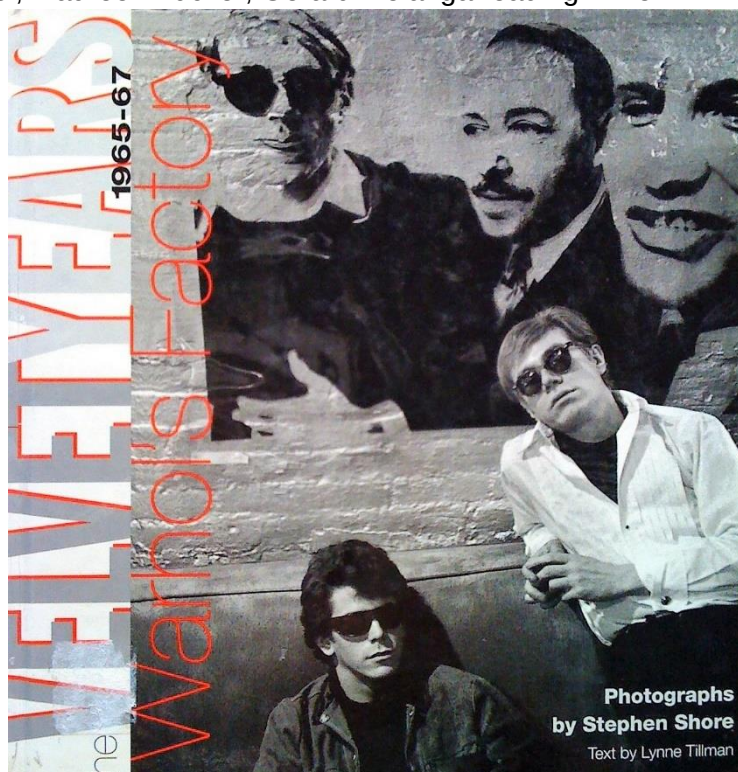
Sterling Morrison, guitarrista do Velvet Underground, morre aos 53 anos, na mesma época em que saía a caixa de 5 CDs do grupo, *PEEL SLOWLY AND SEE*. Ao lado de Lou Reed, Moe Tucker e John Cale, Morrison participou da rápida reunião do Velvet Underground em 1993.



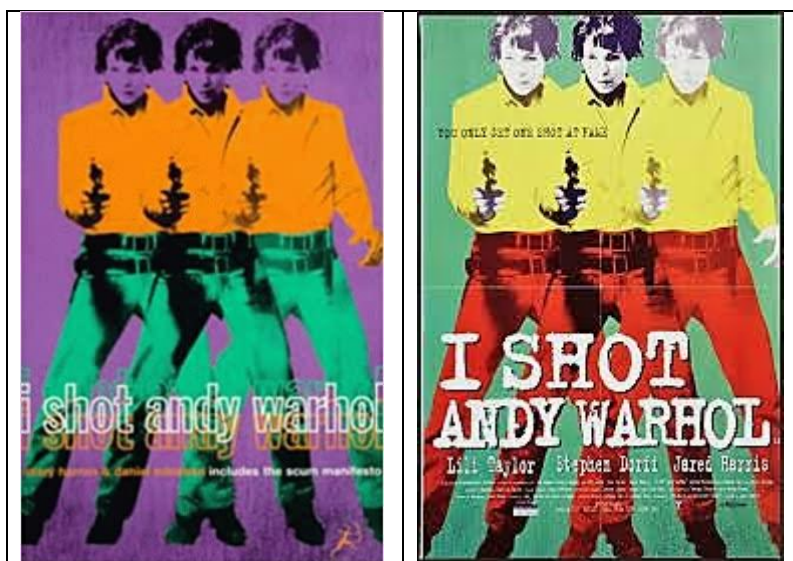
ANDY WARHOL READING TIME MAGAZINE

Sterling Morrison, Andy Warhol, Maureen Tucker, Gerard Melanga reading Time Magazine in airport. (Photo by Steve Schapiro/Corbis via Getty Images)

- **FACTORY: ANDY WARHOL**, now out from Phaidon (it is an expanded edition of Stephen Shore's out-of-print book *THE VELVET YEARS: WARHOL'S FACTORY 1965-67*, published in 1995).



1996



- *I SHOT ANDY WARHOL*, Estados Unidos, 1996 (longa de estreia de Mary Harron). Em 1968, Andy Warhol sobreviveu a um atentado praticado pela feminista Valerie Solanas, que lhe desferiu três tiros. Foi assim que ela, que mantinha uma tempestuosa relação de amizade com Warhol, paradoxalmente, garantiu seus quinze minutos de fama. Sua história virou o filme.

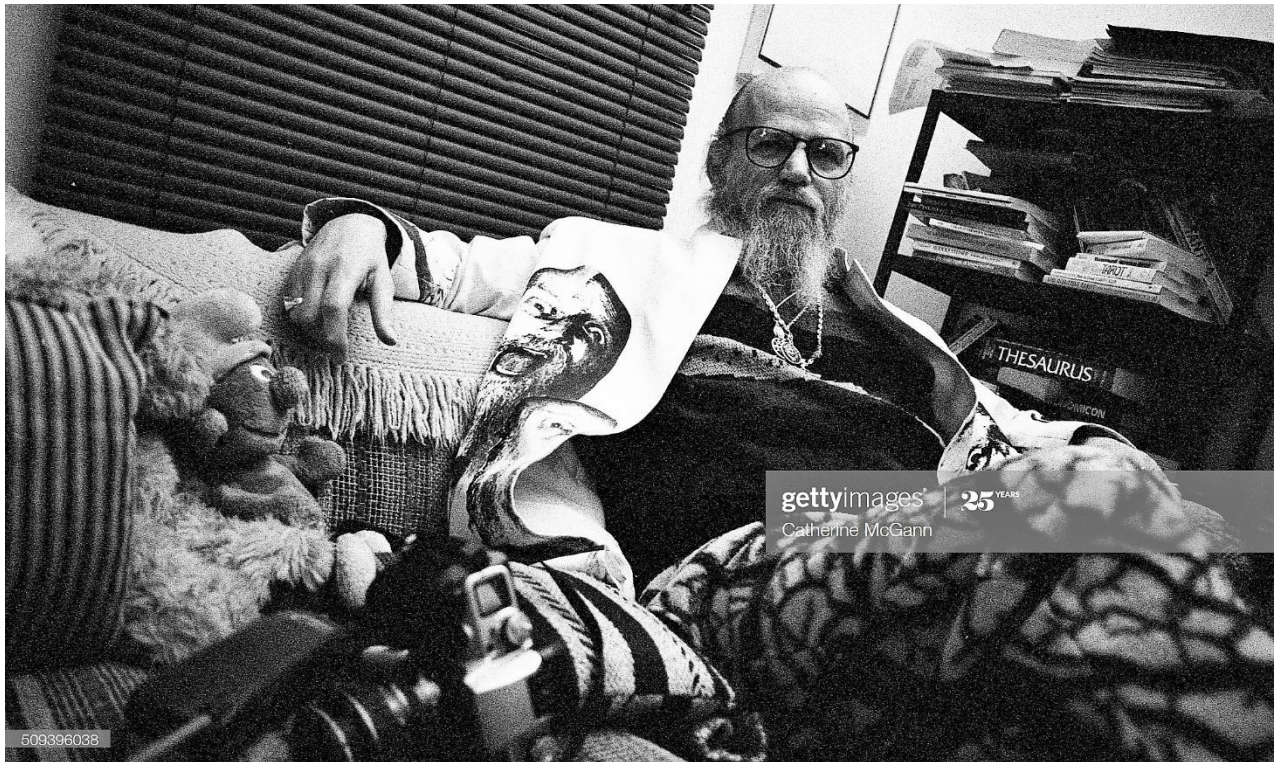
- O filme *BASQUIAT traços de uma vida*, do diretor Julian Schnabel, que retrata a vida do pintor e escultor pop Jean-Michel Basquiat, abre a 20.^a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Andy Warhol é interpretado por David Bowie, um dos pontos altos do filme. Apesar do longo sumiço dos sets, David Bowie, em plena metamorfose, encena um Warhol perfeitamente fresco, cheio de trejeitos, cínico.

Na metade da década de 1990, Bowie pôde atuar como um ser humano novamente. Dessa vez como alguém que ele conheceu pessoalmente -- o artista e um dos pioneiros da pop art, Andy Warhol -- no filme biográfico de Julian Schnabel sobre o artista Jean-Michel Basquiat. Bowie, inclusive, pegou a peruca, os óculos e a jaqueta de Warhol emprestadas pelo Museu Warhol para esse papel.

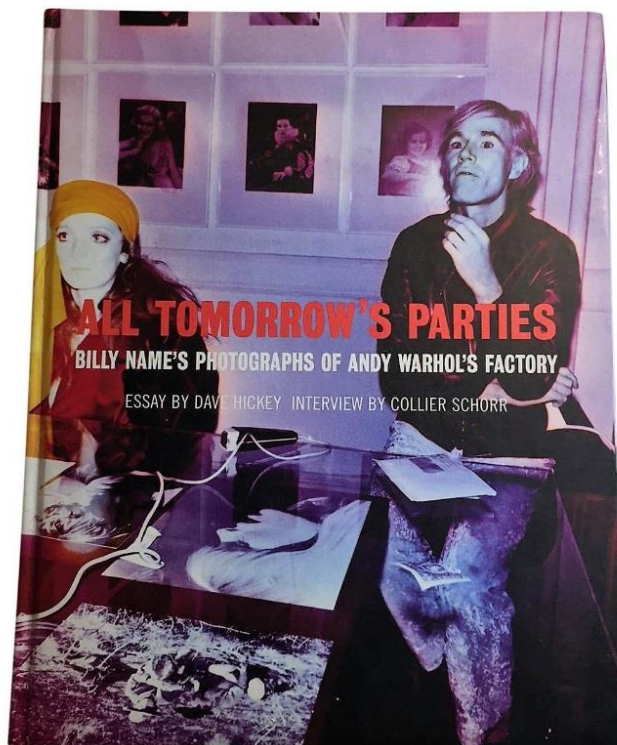
- Em setembro, dentro da turnê *THE HOOKYWOOKY TOUR*, de lançamento do álbum *SET THE TWILIGHT REELING*, Lou Reed, ao lado de sua banda – Mike Rathke, guitarra; Fernando Saunders, baixo e Tony Smith, bateria –, evocou o Velvet Underground, através do repertório de três músicas da banda, “Sweet Jane”, “Pale Blue Eyes” e “Walk On The Wild Side”, que encerrou os shows no Metropolitan, no Rio, e no Palace, em São Paulo.

1997

BILLY NAME AT HOME



POUGHKEEPSIE – JANUARY 1997: American photographer, filmmaker and lighting designer Billy Name (born William Linich) poses for a portrait at home in January 1997 in Poughkeepsie, New York. (Photo by Catherine McGann/Getty Images)





AS ESTRELAS DA FACTORY

INTERPRETADO POR JARED HARRIS

SÃO PAULO, SEXTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1997

ANDY WARHOL

O artista e cineasta Andy Warhol foi um dos maiores divulgadores da arte pop, movimento que utilizava como tema objetos de consumo e os meios de comunicação de massa. Realizou filmes experimentais em 16 mm e se tornou uma das figuras mais conhecidas do cinema underground ao utilizar figuras do submundo nova-iorquino, como travestis, drag-queens e garotos de programa

CANDY DARLING (STEPHEN DORFF)

Andy Warhol descobriu a drag-queen, cujo nome verdadeiro era Jimmy Slattery, em 1967. Darling atuou em *FLESH* e *WOMEN IN REVOLT*. Morreu de câncer em 1974, depois de vários tratamentos com hormônios.

JEREMIAH NEWTON (DANNY MORGENSTERN)

Era amigo íntimo de Candy Darling e foi executor de seu testamento. Fez um teste para a peça *UP YOUR ASS*, de Valerie Solanas. Hoje trabalha na universidade de Nova York



FRED HUGHES (CRAIG CHESTER 1943-2001)

Empresário que cuidou dos interesses de Warhol a partir de 1967, sendo responsável pelo contato com personalidades retratadas pelo artista. Foi executor do testamento de Warhol e viveu em Nova York

VIVA (TAHNEE WELCH)

Era uma das estrelas femininas de Warhol. Estreou no cinema em *THE LOVE OF ONDINE* (1967) e atuou em *BIKE BOY*, *LONESOME COWBOYS*, *BLUE MOVIE*, *TUBE GIRLS* e *NUDE RESTAURANTE*. Estava presente quando Solanas atirou em Warhol.

GERARD MALANGA (DONOVAN LEITCH)

Foi contratado para ser assistente de Warhol nos trabalhos com silkscreen e ficou com o artista de 1963 e 1970, com quem fundou a revista "Interview". Atuou em filmes como *THE CHELSEA GIRLS*, *VINYL* e *COUGH*. Hoje vive em Massachusetts

PAUL MORISSEY (REG ROGERS)

Começou sua carreira de cineasta do underground nova-iorquino como assistente de Warhol em *MY HUSTLER* (1965) e dirigiu os mais importantes filmes do artista, como *FLESH*, *TRASH*, *FRANKENSTEIN DE ANDY WARHOL*. Seguiu carreira solo e dirigiu, entre outros, *MIXED BLOOD*, com Marília Pera, que ele conheceu no filme *PIXOTE*.

BILLY NAME (JAMES LYONS)

Billy Linich, seu nome verdadeiro, foi o responsável pela decoração prateada da Factory e por seu gerenciamento. Depois da morte de Warhol, recebeu um baú com equipamentos de iluminação de sua propriedade, fotos e no fundo dele, a cópia perdida de *UP YOUR ASS*, a peça desaparecida de Solanas.

UP YOUR ASS foi finalmente encenda em 2000 em San Francisco.

SILVER TRUNK FEATURED IN WARHOL'S 1965 FILM VINYL, 1964

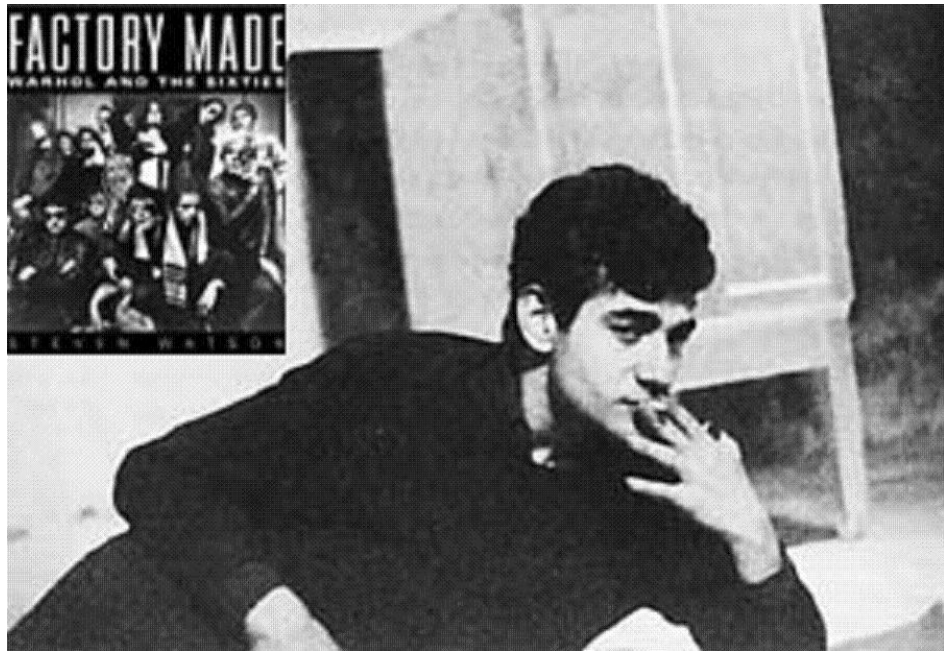
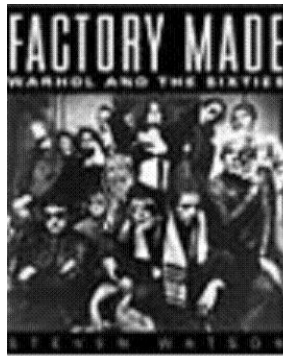
Painted by Billy Name, original maker unknown Metallic paint on canvas on wood with metal and leather details, ca. 1890

This silver-painted trunk was functional décor at Warhol's Factory. While directing the film *VINYL*, Warhol requested Edie Sedgwick perform while sitting on the trunk. It was the first of about a dozen Warhol films in which she appeared, almost all of them shot in 1965.

After Warhol's death in 1987, the trunk was rediscovered in his vast belongings. Inside were Billy Name's photographs and negatives, as well as the script for Valerie Solanas's play *UP YOUR ASS*, which she gave to Warhol years earlier. This misplaced script was, in part, the reason for her attempt on Warhol's life on **JUNE 3, 1968**. Solanas asked repeatedly for the script to be returned, but was told that he couldn't locate it. Sometime later, she arrived at the Factory with a .32 handgun, shot Warhol, and fled the scene, turning herself in to police within a few hours. Warhol narrowly survived the incident but was changed forever by the shooting.

**POPE
ONDINE
(MICHAEL
IMPERIOLI)**

Robert Olivo
era o nome
de Ondine.
Frequentou
a Factory



assiduamente entre 1964 e 1968. Sua oratória gay fez dele uma figura constante em filmes como *THE CHELSEA GIRLS* e *THE LOVES OF ONDINE*. Suas falas foram ainda usadas em romance de Warhol escrito em 1968. Morreu nos anos 80.

**BRIGID POLK (COCOC MCPHERSON,
ALSO KNOWN AS BRIGID BERLIN)**

Foi confidente de Warhol e apareceu em
THE CHELSEA GIRLS e *BAD*. Era amiga
de Billy Name e Ondine e tornou-se artista
plástica





Artist Ultra Violet, actress Marion Javits and artist Salvador Dalí

ULTRA VIOLET (MYRIAM CYR)

Isabelle Collin-Dufresne nasceu em uma rica família francesa. Se dizia colecionadora de "arte e amantes", mas Warhol dizia que ela colecionava mesmo "notícias em jornais"

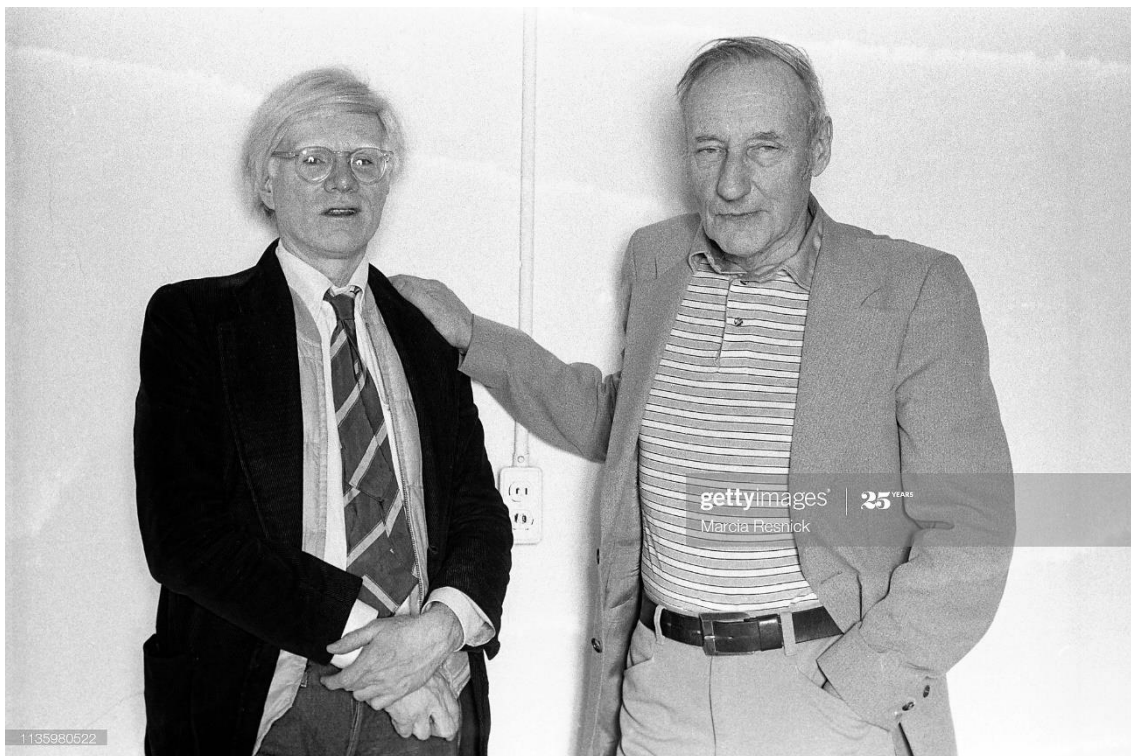
VELVET UNDERGROUND

O grupo de rock, que teve seu primeiro disco produzido por Warhol, é interpretado no filme pelo Yo la Tengo. John Cale, um de seus integrantes, escreveu uma música para o filme

2 DE AOSTO

Will Dennison em "The Town and the City", Will Hubbard em "Vanity of Duluoaz", Old Bull Lee em "On the Road", Frank Carmody em "The Subterraneans", Bull Hubbard em "Desolation Angels" e "Book of Dreams", William Burroughs participou em quase todos os livros de Jack Kerouac. **(MÁRIO PAZCHECO)**

WILLIAM BURROUGHS: O JUNKIE MAIS LIDO DO MUNDO



Depois, o Beat dos beats, “o poderoso chefe do underground americano”, líder intelectual da geração beat, padrinho dos punks e heavy-metal kids (termo extraído de “Nova Expressa”) autor de – The Ticket that Exploded, The Western Lands, Junkie, The Soft Machine, Naked Lunch – o último livro a ser banido por obscenidade nos Estados Unidos. Nasceu em Saint Louis, da melhor extração WASP (White Anglo-Saxon Protestant) neto do famoso Mr. Burroughs, que aperfeiçoou a máquina de calcular; por parte de mãe, descendente direto do General Lee. Apesar de todo esse pedigree, o sonho de Burroughs era ser pistoleiro. Acabou se tornando drogado, maluco e escritor. Ginsberg assumiu seu homossexualismo e tornou-se amante de Burroughs, que era bissexual. Joan Adams, uma amiga de Edie Barker, que se tornara a primeira mulher de Jack Kerouac, largou o marido e passou a viver com Burroughs. Em 1947, Jack Kerouac levou Neal Cassady até o México, onde Burroughs, depois de fracassar em heterodoxas experiências agrícolas no solo do Texas, tentava cultivar papoulas de ópio. Em 1951, “tive aquele acidente terrível com Joan Vollmer, minha mulher. Eu tinha um revólver que estava planejando vender a um amigo. Eu o estava examinando e ele disparou – matando-a. Começou um rumour de que eu estava tentando acertar num copo de champanhe na cabeça dela, no estilo de Guilherme Tell. Absurdo e falso”. Fugiu para Tanger, onde fundou uma filial dos beats.

Se nos anos 60 enfiado num quarto de hotel parisiense Burroughs passava meses sem pisar na rua, foi com surpresa que na última semana de março de 1990, William Burroughs esteve presente à inauguração do 10º Salão do Livro em Paris, o escritor

de bengala branca e chapéu adentrou o aristocrático Grand Palais ao lado do ministro da Cultura, Jack Lang. Ninguém sabe por que Burroughs, tão pouco afeito às formalidades, aceitou participar.

Burroughs se controlou como pôde, se comportou direitinho. Mas tudo tem limite. No meio da visita ao estande dedicado ao Leste europeu (Polônia, Hungria e Tchecoslováquia), o escritor resmungou qualquer coisa para seu secretário, James Grauerholz, vestiu seu casaco de couro preto, cumprimentou Lang no meio de uma frase e desembestou à procura da porta de saída, seguido por seu prestativo secretário e por um representante de seu editor francês Christian Bourgois.

Burroughs, atravessou os corredores formados pelos estantes, e empilhados de gente, como alguém com falta de ar correndo na direção de uma tenda de oxigênio. Grauerholz ia atrás, esbarrando em admiradores e chatos que insistiam em dar uma palavrinha com “o drogado mais velho do mundo”.

Seu culto na França, por exemplo, ultrapassa as vias da razão. Para boa parte dos franceses blanchés (ligados) ele é um dos últimos escritores mais visionários de uma literatura forte, da experiência. Culto reativado com sua aparição nas telas vivendo o pastor junky de "Drugstore Cowboy" (1989), de Gus Van Sant e com a adaptação de *NAKED LUNCH – MISTÉRIOS E PAIXÕES*, 1991 que o discípulo canadense David Cronenberg levou às telas. Relativamente marginalizado pela crítica, ele tem sido absorvido por poetas como John Ashbery e os escritores cyberpunks, músicos como Laurie Anderson, Frank Zappa e John Zorn, diretores de teatro como Elizabeth LeCompte e cineastas como Gus Van Sant. Também não é à toa que seja dele o libreto da ópera de Bob Wilson – *Black Rider* -, uma fábula do século 18 com música de Tom Waits, encenada em Hamburgo, na estreia o elenco teve que voltar 13 vezes para o palco e posteriormente chegou a Paris em setembro.

O mesmo espetáculo deveria ser apresentado em agosto em São Paulo, durante o festival Tucano Artes, mas a decretação do Plano Collor adiou a realização do evento. Uma história em que o diabo dá ao escriturário Wilhelm balas mágicas que sempre atingirão o alvo, mas aproveita para misturar entre elas três balas diabólicas, cujo alvo será determinado pelo próprio diabo. É uma delas que acaba atingindo Kathe, a noiva do homem no dia de seu casamento. Um Burroughs fortemente autobiográfico que não resiste à tentação de uma analogia contemporânea. As balas mágicas “levam diretamente à obra do demônio, exatamente como a marijuana (Burroughs: marywanna) leva à heroína”- essa é a deixa para um personagem invisível, a droga.

*(William Burroughs em entrevista a Conrad Knickerbocker). Tradução de Alberto Alexandre Martins para “Os escritores as históricas entrevistas da Paris Review”. Seleção Marcos Maffei. Companhia das Letras, 1988

PARA BURROUGHS O U2, ERA "ME TOO"

Longe das drogas desde o início dos anos 60, William Seward Burroughs, o Old Cowboy Bill (nome de uma música do Velvet Underground em sua homenagem), morreu aos 83 anos em 2 de agosto de 1997, após ter sofrido um ataque cardíaco.

Em **24 DE MAIO DE 1997**, o caos foi instaurado e de pneus para o ar ficou o trânsito. Enquanto a cidade americana de Kansas City assistia a Burroughs personificar uma força maligna que destruía a civilização ocidental condenada ao consumismo no vídeo de *Last Night on Earth*, do álbum do U2.

“Dia legal a Quarta-feira com a banda ‘Me Too’ em Kansas City. Gosto dessas apresentações públicas como injeções de boa vontade recíproca sincera”.

Foi assim que Burroughs registrou em seu diário, sua participação no vídeo da banda irlandesa, a qual chamava de Me Too (Eu também).

Antes da gravação para “Last Night on Earth”, os irlandeses do U2, procuraram Burroughs para dizer que clipes da excursão Zoo TV haviam sido influenciados pelos cut-ups, uma técnica muito utilizada pelo escritor que consistiria, nesse caso, em sobrepor textos, imagens e som em uma ordem aleatória.

William Burroughs em parceria com o também falecido Kurt Cobain lançou o CD *PRIEST THEY CALLED HIM*”.

THE ‘PRIEST’ THEY CALLED HIM

About recording the guitar part – “ I just masturbated for 20 mins ” – ? Kurt Cobain.

O que se pode esperar da reunião de William S. Burroughs e Kurt Cobain? No mínimo uma peça musical de arrepiar e é isso o que acontece em “The ‘Prist’ They Called Him”, uma novela radiofônica.

Enquanto Kurt Cobain funde o hino americano, “Star Spangled Banner” à cantiga de natal “Jingle Bells”, Burroughs narra a saga de uma mala velha de couro propositalmente largada na porta de entrada de um prédio. Nessa noite de natal única, todos estão presentes, os tuberculosos, velhos junkies, perdedores, devedores. Da escória à decadência, da podridão à metrópole. Nessa noite de neve, o padre chega com uma capa preta de frio e enquanto procura informações dentro do prédio; um outro sujeito que o observava carrega a mala num pinote até um local aberto onde ele possa abri-la. Enquanto corre ele ouve seu companheiro cobrando-o – Se não trouxer os três centavos, não volte! Ele a carrega pensando em conseguir uns trocados. Finalmente quando ele abre a mala, um par de pernas de cadáver salta pra fora e ele grita histericamente – Estou enrascado!

Adiante na narrativa, o padre visita um médico, de imediato interessado em três notas acima da sua mesa.

O padre fornece a senha: — Estou com problemas. Ao que o médico, abre a gaveta ruidosamente e pega o prontuário de receitas.

O médico, resmunga — Sou profissional e não tenho que me envolver com isso.

O pregador retruca: — Pode me emprestar cinco centavos? Irritado, o médico o manda cair fora.

No banheiro do quarto dezoito, o padre pega a droga e levanta a manga. No quarto vizinho ele ouve gemidos de criança.

— Chega de notícia ruim, não me meto com criança. Não posso me envolver, ligado com essa medicação, mesmo assim ele foi... Afinal é um padre.

Um menino de short, com os olhos negros sente câimbras e está sem remédios, O Pregador também não os têm, – nós de madeira sobem pelas pernas do menino.

Com as mãos levantadas O Pregador fez uma prece e enquanto isso o menino dormiu. Depois ele retornou ao seu quarto, sentou na cama e voltou-se a injetar. O grosso é isso, é daí que surgem as pernas na mala. Só que o tom enfatiado da voz

de Burroughs e a guitarra grunge de Cobain, tornam essa história mais terrível do qualquer cena de cinema.

TRECHO

1993. Durante esta primeira semana da excursão, Alex MacLeod levou Kurt de carro até Lawrence, Kansas para conhecer William S. Burroughs. No ano anterior, Kurt havia produzido um single com Burroughs intitulado *The Priest they called him* – Eles o chamavam de O Pregador, na T/K Records, mas eles haviam realizado a gravação simplesmente enviando e recebendo de volta as fitas. "Conhecer William foi um coisa sensacional para ele", lembra MacLeod. "Era algo que ele jamais imaginou que aconteceria". Eles conversaram durante várias horas, mas Burroughs depois afirmou que o assunto das drogas não foi aventado. Quando Kurt partiu no carro, Burroughs comentou com seu assistente: "Tem alguma coisa errada com aquele menino; ele fica emburrado sem motivo nenhum". **(MAIS PESADO QUE O CÉU – UMA BIOGRAFIA DE KURT COBAIN PÁG. 346 CHARLES R. CROSS/EDITORA GLOBO, 2002)**

"Dirigida contra aqueles que estão determinados, por estupidez ou por desígnio, a fazer explodir o planeta ou torná-lo inabitável. Como o pessoal da publicidade (...) estou interessado na precisa manipulação da palavra e da imagem para criar uma ação, não a de sair para comprar uma coca-cola, mas a de criar uma mudança na consciência do leitor". **WILLIAM BURROUGHS, SINTETIZANDO SUA OBRA.**

"Drogas, computadores, rock'n'roll, qualquer método de expansão da consciência é válido e crucial". **WILLIAM BURROUGHS PARA DAVID BOWIE.**

LEITURAS E AUDIÇÕES

Pode-se encontrar três CDs de Jack Kerouac, o primeiro, *Kerouac on the Beat generation* com leituras da Verve; o segundo, *Jack Kerouac Collection*, da Rhino e *Readings By Jack Kerouac*, da Polygram. A lista dos Cds de Burroughs é mais extensa, *Call me Burroughs*, da Rhino, *Break Through in Grey Room*, da Suro, 10 Percent, da Dei-ok, *Naked Lunch*, da Wave, *Scare Ass Annie & Other Tales*, Ida Isla e, *Dead City Radio*. Burroughs/Van Sant, *Elvis of Letters*, da Tim/Kerr Records e Burroughs/Cobain, *The "Priest" They Called Him*, da Tim/Kerr Records. De Allen Ginsberg, *Lion For Real*, da MOU e *Holy Soul Jelly Roll*, da Rhino Records.

Foram publicadas no Brasil várias traduções de autores beat, em meados dos anos 80. Todas fora de catálogo. Diretamente ligadas ao assunto desse capítulo, *PÉ NA ESTRADA* e *OS SUBTERRÂNEOS*, de Jack Kerouac, da Brasiliense, *O LIVRO DOS SONHOS*, da L & PM. A coletânea *UIVO, KADDISH E OUTROS POEMAS*, inclui um resumo histórico sobre a Beat e Ginsberg, preparado por Claudio Willer e Planet News, de Allen Ginsberg, pela L & PM. Da mesma editora, ainda sobre alucinógenos, *AS CARTAS DO IAGE*, de Burroughs e Ginsberg. *JUNKIE* (Circo das Letras) e *ALMOÇO NU* (Brasiliense) de William Burroughs. *DE REPENTE, ACIDENTES*, de Carl Solomon, traduzido pelo filósofo, José Thomaz Brum. *O PRIMEIRO TERÇO*, de Neal Cassady, tradução de Mauro Sá do Rego Costa. L & PM editores. *7 DIAS NA NICARÁGUA* (L & PM) e *PARQUE DE DIVERSÕES DA MENTE* (L & PM) de Lawrence Ferlinghetti. *ALMA BEAT*, coletânea da L & PM. No volume 130 da coleção Primeiros Passos, André Bueno e Fred Goes, assinam – *O QUE É GERAÇÃO BEAT*, da Brasiliense. No número 8, da revista Boom, é feita uma radiografia de 12 páginas sobre o revival iminente da Beat generation. As declarações de Ginsberg sobre a conexão jazz – Kerouac estão, entre outros lugares, em sua coletânea de depoimentos Allen Verbatim (editada pela McGraw-Hill) e no número da revista francesa Entretiens, de 1975, dedicado à beat. Para maiores informações sobre o

tema, a revista Beat Scene, (o endereço é 27 Court Leet, Binley Woods, New Coventry CV3 2JQ, Warwickshire, England) especialmente seu número 13, no artigo *THE BEAT GENERATION AND AFRO-AMERICAN CULTURE*, do poeta negro Ted Joans.

Recomendáveis são as biografias de Jack Kerouac, como a de Ann Charters, publicada aqui (Kerouac, pela Editora Best-Seller) e o alentado trabalho de Gerald Nicosia, *MEMORY BABE* (Penguin Books).

BIBLIOTECA DE NY COMPRA ARQUIVO DE WILLIAM BURROUGHS

FOLHA ONLINE, DA FRANCE PRESSE, EM NOVA YORK

1º MARÇO / 2006 – A Biblioteca Pública de Nova York anunciou nesta quarta-feira a aquisição dos arquivos do escritor Beat William Burroughs, incluindo esboços de seu romance mais importante, *NAKED LUNCH*.

O arquivo, que contém os manuscritos e a correspondência de Burroughs da parte mais rica de sua carreira de escritor, do início dos anos 50 ao início dos 70, teve dois proprietários particulares e nunca foi aberto ao público.

Ele será integrado à Coleção Berg da biblioteca, especializada em material beat, e que já incluiu o arquivo de Jack Kerouac.

"Burroughs não foi apenas um dos três pais do movimento Beat. Ele também pode ser lembrado como um dos maiores sátiros americanos do século 20, "ferozmente sinistro e corrosivo", disse Isaac Gewirtz, curador da Coleção Berg.

"O arquivo é particularmente interessante porque Burroughs claramente tinha a intenção, em função de sua organização e das ilustrações em suas pastas, de que fosse absorvido como um trabalho de arte em si mesmo", disse Gewirtz.

Burroughs morreu em 1997, no Kansas, após complicações cardíacas. Ele tinha 83 anos. A biblioteca não informou quanto pagou pelo arquivo.

29 SETEMBRO

Roy Lichtenstein morreu em 1997, de pneumonia, aos 73 anos. Um mês antes, ainda pintava.

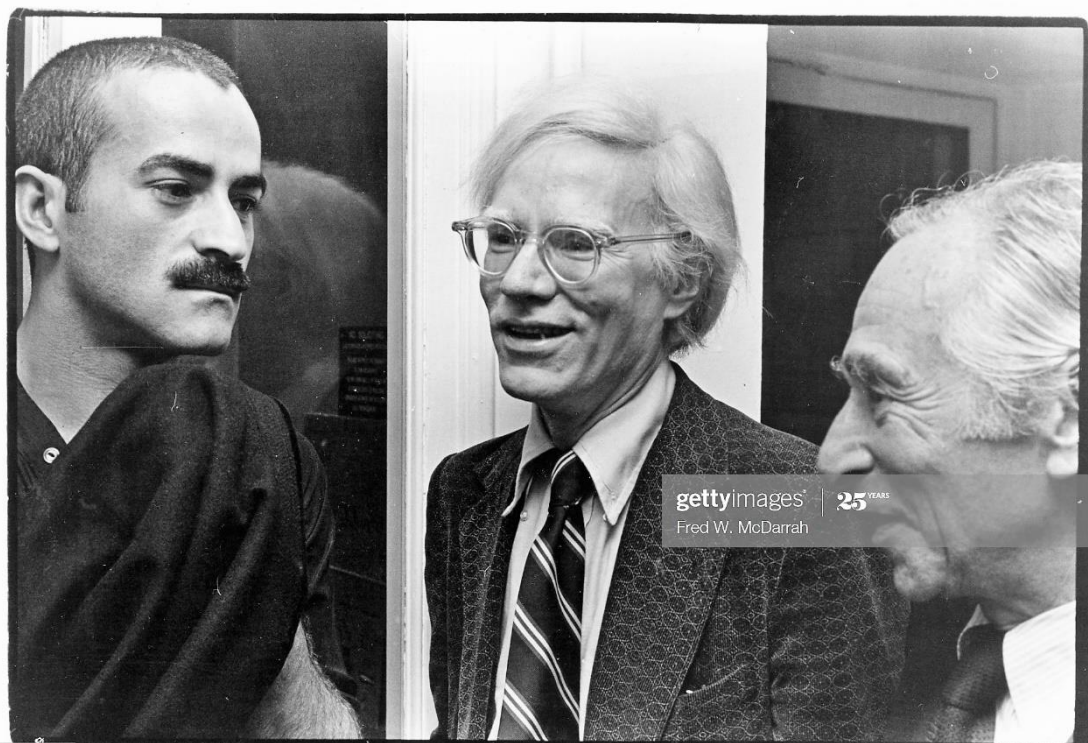
1999

"Andy Warhol não fez nada além do que fiz no Brasil. A diferença é que ele circulou no jet set internacional, e isto ajudou na difusão do trabalho dele." **(ROGÉRIO DUARTE)**

21 DE AGOSTO

LEO CASTELLI MARCHAND

Nova York – O marchand Leo Castelli, que promoveu ao reconhecimento internacional pintores norte-americanos como Jasper Johns e Robert Rauschenberg, morreu aos 91 anos, em Manhattan, Nova York. Castelli era um dos mais influentes marchands da segunda parte do século XX. Durante décadas, ajudou a promover a arte pop, que lançou conceitos como o minimalismo, o conceitualismo e o neo-expressionismo, organizando as primeiras exposições de Jasper Johns, Frank Stella e Roy Lichtenstein. Contribuiu também para a consagração de nomes como Andy Warhol, Cy Twombly, Ellsworth Kelly, Donald Judd, Dan Flavin e Joseph Kosuth. Castelli se recusava a trabalhar com artistas consagrados, como Picasso. Seu verdadeiro nome era Leo Krauss.



Hugo, Warhol, & Castelli At Gallery

From left, Venezuelan-born artist Victor Hugo (? - 1993), American Pop artist Andy Warhol (1928 - 1987), and American art dealer Leo Castelli (born Leo Krauss, 1907 - 1999) talk together at Castelli's gallery, New York, New York, November 10, 1975. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)

LIVRO/LANÇAMENTOS

O MUNDO ESTÁ EM 'GREENWICH VILLAGE 1963'
SÃO PAULO, SÁBADO, 02 DE OUTUBRO DE 1999

DAVID DREW ZINGG

COLUNISTA DA FOLHA

"Não fosse pelos judeus, os ciganos e os bichas, não haveria teatro."

MEL BROOKS

Sally Banes, autora de "Greenwich Village 1963 – Performance de Vanguarda e o Corpo Efervescente", deve ter um andar muito interessante.

Ela deve ter que forçar seus músculos ao máximo para carregar o peso quase insuportável centralizado no que os gringos chamam de "the belly button" -ou seja, Joãozinho, seu umbigo. Explico: Banes propõe a intrigante teoria segundo a qual quase tudo de importância nos anos 60 e depois aconteceu no Greenwich Village, em Nova York.

Para ser mais preciso, tudo isso teria acontecido numa ruazinha chamada MacDougal Street, e a maior parte bem perto do umbigo de Banes – em seu próprio e superpovoado apartamento.

Sally Banes, porém, também tem peso no departamento de credenciais.

Ela é professora titular da cadeira Marian Hannah Winter de estudos de teatro e dança na Universidade de Wisconsin – Madison, cujo programa de dança presidiu de 1992 a 1996.

Foi crítica de arte performática do "The Village Voice" e editora do "Dance Research Journal". Já escreveu sobre dança, teatro, cinema e arte performática para toda uma gama de publicações influentes.

Além de *GREENWICH VILLAGE*, escreveu *WRITING DANCE IN THE AGE OF POSTMODERNISM* (Escrevendo a Dança na Era do Pós-Modernismo), *TERPSICHORE IN SNEAKERS: POST-MODERN DANCE* (Terpsicore de Tênis -A Dança Pós-Moderna) e "Democracy's Body: Judson Dance Theatre 1962-1964" (O Corpo da Democracia -Judson Dance Theatre 1962-1964).

SUBVERSIVE EXPECTATIONS (Expectativas Subversivas), sua coletânea de resenhas de arte performática, foi publicada pela University of Michigan Press em 1998.

Estamos tratando de uma pessoa que foi participante ativa em muitas das transformações sociais explosivas que marcaram a década passageiramente revolucionária de 60.

Seu livro procura demonstrar que 1963 foi um ano crucial para a arte de vanguarda na Gringolândia. Fazendo uma reverência moderna a Foucault, Banes descreve Greenwich Village naquela década crítica como uma "heteropia". Para ela e seu guru francês, a palavra significa festivo, brincalhão, performático, esquerdista, exótico e, sobretudo, erótico.

O crítico Robert Brustein disse: "Como se pode deduzir do subtítulo do livro, "Performance de Vanguarda e o Corpo Efervescente", Banes é especialmente instigada pela natureza corpórea, quando não aerada, de seu tema.

"Meu dicionário", prossegue Brustein, "define "efervescente" como algo que "borbulha e chia levemente devido à emissão de gás".

"Não sou capaz de determinar se essa definição descreve melhor a tese ou o estilo de Banes", alfinetou o crítico.

Banes alega que as sementes da revolução sexual, da contracultura, do movimento pacifista, do movimento de orgulho gay, do pós-modernismo, da "comunidade e democracia, no trabalho e no lazer, do corpo, dos papéis femininos", e assim por diante etc., foram todas plantadas naquele fatídico ano de 1963.

Tudo aconteceu na MacDougal Street ou em suas redondezas, diz, diante dos aplausos retumbantes de jornalistas do "Village Voice".

Este livro descreve, em todos seus detalhes humanos minúsculos, uma revolução ocorrida na cidade de sua autora.

Fala de como um grupo de pessoas emocionalmente motivadas atacou tudo que fosse establishment, que já existia anteriormente, na tentativa de alçar-se a posições de poder artístico.

Sua leitura dá ao leitor a sensação de uma edição especial de "Caras" dedicada à explosão de novas ideias artísticas. Banes narra as histórias da evolução e do

desenvolvimento de um grupo de jovens novos no pedaço como Andy Warhol, Sam Shepard, John Cage e ... aaaargh! Yoko Ono.

Ela fala do Living Theater (sob a direção daquele casal temível que alcançou a fama em Minas Gerais, Judith Malina e Julian Beck), de Jonas Mekas (e seu movimento de cinema underground), dos "happenings", nos quais as pessoas passavam suas roupas, lavavam os cabelos e raspavam as pernas (ou se beijavam, faziam sexo oral ou dormiam por horas a fio, como nos filmes de Warhol), dramaticamente.

É fascinante ler os detalhes íntimos (leia-se: realmente íntimos) de como a turma do Village tentou (figurativamente) derrubar a estátua do czar, apenas para substituí-la pela de Lênin.

Os vanguardistas de Greenwich Village acreditavam que qualquer pessoa pode criar uma obra de arte. Essa premissa levou diretamente ao conhecido clichê segundo o qual qualquer pessoa pode ter 15 minutos de fama mundial.

Banes apresenta como sua mostra número um o movimento Fluxus. Esse grupo interessante (se você curte o escatológico) foi inventado por um artista gráfico chamado George Maciunas.

Sua estética era baseada no fluxo, descrito por Maciunas como "emissões fluidas dos intestinos ou outras partes".

"O Fluxus", escreveu Maciunas, "convida ... todo humano a vir trabalhar ou brincar" com a criação de arte.

Os artistas do Fluxus tinham alguns problemas com a escolha de seu meio preferido. Qual era o melhor, indagavam -xixi, cocô ou queijo podre?

"Greenwich Village 1963" é uma leitura ótima que narra os detalhes de uma batalha colorida e singular na guerra constante e sempre atual da busca pela perfeição artística.

Se o umbigo de Sally Banes foi ou não o centro do mundo conhecido é um ponto que vai permanecer em dúvida.

TRADUÇÃO DE CLARA ALLAIN

SOLANAS LOST AND FOUND

BY JUDITH COBURN /

<https://www.villagevoice.com>

JANUARY 11, 2000

So female she's subversive: Bongi Perez (Sara Moore) takes charge in *UP YOUR ASS*.

PHOTO: PETER DASILVA

SAN FRANCISCO—A gorgeous, henna-haired, six-foot-tall Cosmo girl in a miniskirt wanders onto the stage with a pair of chopsticks, which she uses to pick up, then reject, various pieces of street shit. "Say, Miss, did you, by any chance, see a turd anywhere around here?" she asks a girl panhandler in a beret and black raver pants. After much byplay about the color of the particular turd, where it might be, and the revelation that it's for dinner, the panhandler asks if she's serving the turd to her two male guests.



COSMO GIRL: You're impossible! I assure you I have no intention, whatsoever, of serving my guests a turd. The turd's for me. Everybody knows that men have much more respect for women who are good at lapping up shit. Saaay, would you like to join us for dinner?

PANHANDLER: I don't know—depends on what else is on the menu.

This is Valerie Solanas's play *UP YOUR ASS*. The play Andy Warhol lost, the artistic assault for which Solanas shot him. Written in **1965** (before her SCUM Manifesto) in Berkeley and New York, it's a hilarious, dirty-minded send-up of heterosexuality on the eve of the sexual revolution and the sex and gender wars to come. It stars Bongi Perez, a Solanas alter ego, wiseass hooker, lesbian, and panhandler par excellence who describes herself as "so female, I'm subversive." Bongi plies the streets Valerie knew so well, hustling tricks for meals but putting out as little as possible, hobnobbing with the local drag queens (Valerie was a close friend of Candy Darling), jousting with bourgeois wives and career gals who prostrate themselves before men ("When I get on my knees, I get paid"), and cruising any "lowdown, funky broads" that come her way.

On **JANUARY 12**, 32 years after it was lost, *UP YOUR ASS* is getting its world premiere in a San Francisco theater only blocks from the Tenderloin SRO where Solanas died alone in **1988**. The production, by George Coates Performance Works, features an all-woman cast—unknowns except for pioneering lesbian comedian Karen Ripley—playing male, female, and drag roles. And they're letting it rip. ("It's the horniest show in town," breathed one happy patron heavily after a recent preview.) Even before its opening, the show has picked up fans from the gender-bending scene, raves from drag kings and trannies, and beaucoup ink from the alternative press, and has inspired sweaty nervousness from the male-het arm of the avant-garde. The show has put a

whiff of the Barbary Coast back into a town all-too-spiffed-up recently for the dotcom crowd. Playing its role, The San Francisco Chronicle refused to run an ad for the show unless the double s in Ass was changed to something else. Director George Coates went with *UP YOUR ASS*.

Solanas is quite a departure for Coates, who is known for avant-garde operas driven by technological wizardry and abstruse texts. His pieces have been performed around the world from the Brooklyn Academy of Music to L.A., Tokyo, Berlin, Belgrade, and São Paulo. Coates is staging *UP YOUR ASS* word-for-word (“because it’s a world premiere”), but most of the text is sung karaoke-style to pop songs of the mid ’60s. After Coates had turned *UP YOUR ASS* into a musical, Valerie’s sister told assistant director Eddy Falconer that Solanas used to make up funny lyrics about her family to pop songs when she was eight.

It was Falconer, who calls herself a “failed” female-to-male (s/he adopts a male persona but has never taken hormones or had an operation), who hipped Coates to Solanas. Falconer had encountered SCUM through the punk subculture in Berlin. Although Solanas herself was a total loner, she’s been taken up by punks, anarchists, and surrealists—who hate Warhol—as well as young radical feminists, gender benders, and assorted fans of Kathy Acker and cartoonist Diane di Massa’s homicidal lesbian terrorist. A score of SCUM pirated editions circulate on paper and many more on Web sites.

Coates discovered *UP YOUR ASS* in a small Solanas show Pittsburgh’s Andy Warhol Museum had put up to mark the 30th anniversary of the shooting. Turns out the copy Warhol lost had been buried under lighting equipment in a silver trunk owned by photographer Billy Name, famous for covering the original Factory with aluminum foil.

Early on, Coates sent Eddy Falconer to talk with Valerie’s sister, Judith, who described the underpinnings of the rage Solanas turned into Lenny Bruce-style satire, including sexual abuse by her father as a small child; the birth of a son at age 15, fathered by a married man (the child was taken away, never to be seen again); her year in a mental hospital in Florida; her struggles, on and off medication, to write. Folk rumors that a super at the Hotel Bristol, where she died, had heard her typing sparked hopes that more Solanas writings might be unearthed. But Judith says that their mother burned all of Valerie’s belongings after her death.

“We’re breaking the taboo about Valerie with this production,” says Coates, “introducing her to a new, younger audience as a very funny satirist and not just as Warhol’s shooter.” But breaking taboos has meant all of Coates’s regular funders have deserted him. Coates, who’s gotten money regularly from the NEA, knew he couldn’t get it for *UP YOUR ASS*. Feeling censored, he decided to stage two plays with one all-female cast in repertory: *UP YOUR ASS* and Arthur Miller’s *The Archbishop’s Ceiling*, set in Eastern Europe during the Cold War, about how human identity is distorted by censorship. Miller’s play will open in February. Oddly, Miller and Solanas had converged once before, when Solanas thrust a SCUM leaflet into his hands in the lobby of the Chelsea Hotel sometime in the ’60s.

Using the same all-female cast for both productions gives Coates a way to update the plays by showing how gender is performative, and how censorship in America now centers on gender fluidity. Although *UP YOUR ASS* was written in the '60s, some of Solanas's lines sound very turn of the century. As Coates stages it, Solanas's two drag queens, Miss Collins and Scheherazade, are played by two actresses in male drag playing drag queens. Both sport Dolly Parton wigs, mustaches, and sideburns.

MISS COLLINS: I face reality, and reality is we're men.

SCHEHERAZADE: You are what you look like.

BONGI: You are very pretty for a boy.

SCHEHERAZADE: What do you mean for a boy? Look, not to brag, but I know what I've got.

MISS COLLINS: Do you know where you've got it? It's between your legs. . . . Shall I tell you a secret? I despise men! Oh, why do I have to be one of them? [Brightening] Do you know what I'd like to be more than anything in the world? A lesbian. Then I could be the cake and eat it, too.

Coates thinks that if Solanas could see this production of *UP YOUR ASS*, she might laugh. Of course, he adds, if Valerie were around, she'd insist on directing.



Justiça decide eleição na QE 32

Ex-presidente alega irregularidade na eleição. Vencedores garantem legalidade

A mais polêmica eleição de prefeitura de quadra no Guarú acabou na Justiça. E, pior, com a anulação da eleição realizada no final do ano passado. O juiz Rômulo de Araújo Mendes, da 9ª Vara Cível, tornou sem

efeito a assembleia convocada para escolha da diretoria e determinou a convocação de outra até o dia 1º de outubro.

A ação foi impetrada pelo ex-presidente Ivaldo Araújo de Aguiar, que reclama que a convocação para a assembleia teria sido arbitrada pela chapa oposicionista e sem respaldo legal, além de ter ocorrido fraude na votação. Ele pediu também que a diretoria que se considerou eleita preste contas do que fez com 17 aparelhos de TVs coloridas, 18 fornos de microondas e 17 bicicletas, ganhos pela quadra no concurso realizado pela Administração Regional no Natal de 98, e que deveriam ter sido sorteados aos



Ivaldo cobra os prêmios e questiona eleição

moradores.

"Esse grupo não pode continuar considerando-se o dono da quadra e sem prestar contas do que faz à comunidade", afirma Ivaldo, que alega ter sido perseguido pelos membros da chapa oposicionista desde quando era o prefeito. Ele acusa como seu principal perseguidor Klécio Oliveira, que estaria se vingando por Ivaldo ter tirado as reuniões da casa dele.



Helton diz que gasta com benfeitorias

"E apenas ciúme"

Para o atual presidente da AMO 32, Helton Lima da Silva, as acusações de Ivaldo não procedem e "são apenas ciúme do que estamos fazendo pela quadra", garante.

Segundo Helton, o processo da eleição teria atendido todas as exigências legais. "Quanto aos prêmios, temos como comprovar o destino de todos eles. Alguns foram vendidos, nos casos dos aparelhos de TV, e outros leiloados, no caso das bicicletas, e os recursos aplicados na própria quadra, com a aquisição de corpo de prova, cimento, tinta, plantas, etc" explica.

Ele informa também que a Associação está lançando o projeto *Legal na Praça*, um domingo de cada mês, com festival de música, torneios esportivos, feira de artesanato, etc.

Quanto à decisão da Justiça, ele alega que ainda não recebeu a notificação, porque Ivaldo teria, deliberadamente, informado o endereço de um ex-presidente



Atual diretoria tem feito obras na quadra e promoções esportivas na praça

que não mora mais na quadra. "Vamos provar que foi tudo legal", diz Helton.

Bala na agulha ou quando você viu esse filme antigo e cansou-se das reprises – um grupo era o velho e o novo grupo impulsionado por empresários – uma disputa entre empresários



A RUA DE CASA



Com o anúncio da regularização, preços dos lotes aumentaram

O mais incrível é que lutamos e pode-se afirmar que o cinturão foi preservado e que a nascente da Bica nasce no Parque Denner, eu atirava pedras no jornal e na TV e eram grossas, por isso tinha que ficar escondido.

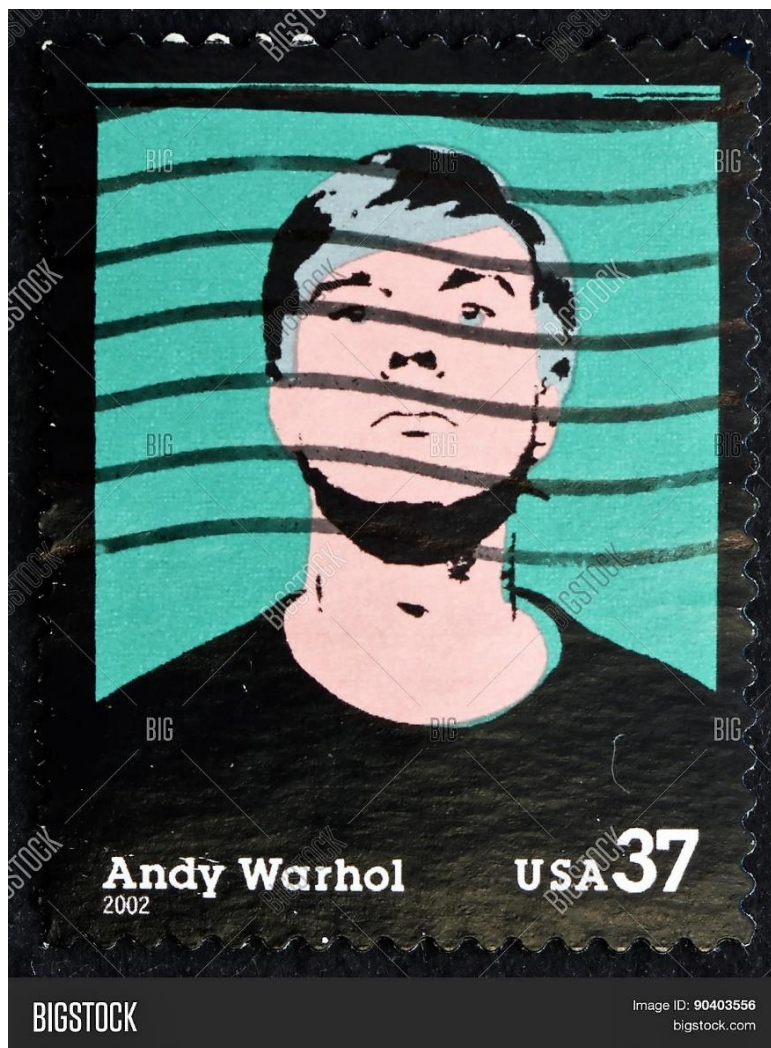
2000 – NOVEMBRO

A casa de leilões Sotheby's leiloa *Marilyn Monroe* de Andy Warhol; a pequena peça redonda de 1962 por US\$ 2,75 milhões, enquanto que a lata grande de sopa Campbell superou o valor estimado de US\$ 1 milhão, e é arrematado por US\$ 1,08 milhão.

2001

ARTES

O United States Postal Service (correios dos Estados Unidos) emitiu um selo comemorativo do artista com uma das fotografias de Andy Warhol feitas por Billy Name.



JANEIRO

Exposição ANDY WARHOL PHOTOGRAPHY no international Center of Photography, traz serigrafias e retratos de pessoas ricas e famosas e grande quantidade de materiais visuais, reunidos no baú do pintor.

FREDERICK HUGHES, COLLECTOR AND WARHOL'S MANAGER, 57

BY CAROL VOGEL

JANEIRO. 16, 2001 - Frederick W. Hughes, Andy Warhol's business manager for more than 25 years, died on Sunday at his home in Manhattan. He was 57.

The cause was complications of multiple sclerosis, a disease from which he had suffered for 18 years, said Mary-Beth Hansard, his sister.

The impeccably dressed Mr. Hughes was every bit as much of a personality as the pop artist he managed. Known for his acerbic humor, quick wit and inability to pass an antiques store without buying something, Mr. Hughes became the executor of Warhol's estate when the artist died in 1987 after gall bladder surgery. Warhol's will left nearly all his assets to charity, specifically to a foundation that his estate was to create "for the advancement of the visual arts."

Shortly after Warhol's death, Mr. Hughes founded the Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, a Manhattan organization. It became the center of a highly publicized legal battle in the early 1990's when Edward W. Hayes, the estate's lawyer, sued the foundation over the fees he said he was entitled to, based on the value of Warhol's art. Mr. Hayes was awarded \$7.2 million, which was reduced on appeal to \$3.5 million.

Mr. Hughes ran the foundation until 1990, when he appointed Archibald L. Gillies as its president. The men fought bitterly, and Mr. Hughes was forced out as chairman of the foundation in 1992.

Mr. Hughes was born on July 29, 1943, in Dallas. His father, Frederick W. Hughes, was a representative for several furniture companies. The family moved to Houston in 1947, and Mr. Hughes began taking art classes at the city's Museum of Fine Arts when he was 7. From 1961 to 1967 he attended the University of St. Thomas in Houston, where he majored in art history but did not graduate because he failed a theology course.

The art history department at St. Thomas was financed by Jean de Menil and his wife, Dominique, heirs to the Schlumberger oil fortune. The de Menils befriended Mr. Hughes, taking him on art-buying trips to New York and Europe and helping him get his first job, at the Alexander Iolas Gallery in Paris, which represented Magritte and Max Ernst.

Mr. Hughes met Warhol in 1967 at a benefit for Merce Cunningham given at Philip Johnson's Glass House in New Caanan, Conn. In an interview in *The New Yorker*, Mr. Hughes recalled the meeting: "I never questioned whether we'd get along or not. For one thing, he knew who I was, and he saw the pot of gold at the end of the rainbow, just like I did. I had a nickname, le Dauphin, because I was so well taken care of by the Baron Jean de Menil and his beautiful wife, Dominique. I would buy art for them, and I was a presence at Castelli at my young age."

Not only did Mr. Hughes run the Factory, Warhol's famous studio and hang-out, but he was also the publisher of *Interview*, the magazine Warhol founded. After Warhol's death, Mr. Hughes masterminded a 10-day auction at Sotheby's of Warhol's personal art and decorative objects. The sale drew crowds of curiosity-seekers who formed lines at Sotheby's York Avenue auction house. The sale brought \$25.3 million, with one buyer paying \$250,000 for a cookie jar.

Like Warhol, Mr. Hughes was a compulsive collector. He lived in an ivy-covered town house on the Upper East Side that he called the Hotel Anglomania for its many portraits of English kings and queens. Warhol had lived in the house for 15 years before renting it to Mr. Hughes in 1974. Mr. Hughes bought the house from the estate in 1988 for \$593,500.

Besides his sister, he is survived by his mother, Jennie Wilson Hughes, both of Austin, Tex., and a brother, Thomas, of Houston.

FEVEREIRO

A maior exposição europeia dedicado a Andy Warhol. Castelo Ursino de Catânia, na Sicília, Itália. São 130 quadros de diferentes formatos e técnicas, incluindo duas variações em rosa e preto da *Última Ceia* de Leonardo da Vinci, feitas por Warhol três meses antes de morrer. Há também uma dezena de exemplares em várias cores da famosa sopa Campbell, seis retratos de Mão-Tsé-Tung, quatro de Che Guevara e um auto-retrato do pintor pop.



O **11 DE SETEMBRO** americano, novamente trouxe a saga desenfreada e consumista de Andy Warhol que estava mais vivo do que nunca – você liga a tela da Rede Globo e os retratos serigrafados abrem a novela *Agora é que são elas*.

Brasília, expõe a sua *Polaroids* e não sabendo a quem contrariar não exibem um Andy Warhol não tão catalogado e exposto: seus retratos de "flagrantes sexuais" de gays e de travestis em pleno ato. Fotos estas que abrem sites gays ou são vendidas nos hard sites da Web.

FINAL

A gravura *Little Electric Chair* (Pequena Cadeira Elétrica) atingiu o preço recorde para o artista: US\$ 2,3 milhões em um leilão em Londres.

•

Escrevia ainda novo na imprensa fotocopiada, já que ninguém comentava ou mandava um sinal, eu escrevia um tópico ardido e a coisa inflamava, me mandavam cartas para que eu mesmo respondesse, eu achava graça do circo pegar fogo – é claro que perdi os postos. Os editores eram verdadeiros FDPs, fustigavam você por uma polêmica e quando você disparava um torpedo, tiravam da reta: "não faço política etc". Pelo menos fiquei livre desses infelizes aproveitadores. Alguns editores mudavam os títulos da matéria bem à convivência de continuar mamando no governo. Outros se diziam ser os donos da verdade, então eu mandava um recorte e a história mudava como aconteceu na história do Som Nosso de Cada Dia, pelo menos foi positivo, agora estão contando a origem correta da banda que saiu na Pop. Ligava nas estrelas do rock nacional e solicitavam um "advanced tape" nunca colou, nunca mandaram, você está louco? Alguns engasgavam, eu não ria, recolhia a pauta e escrevia em cima Desgraçado! Depois, eu saquei porque eu não fiquei conhecido. Até 2006, trilhei esta trilha íngreme e um dia, eu disse basta. É claro que estava satisfeito com mais um escândalo, mas não queria ferir a fonte, ainda houve outro escândalo em 2008, por fim descansei até 2014 quando eu voltarei a me expor só que com mais sapiência.

Ameaçado fui, pediram a minha cabeça, mas nunca tiveram coragem de levar o inverídico processo a frente, eles desconheciam que eu era um homem processado na vida real e que se mexessem comigo, eu mexeria os pauzinhos para que no mínimo pagassem os honorários advocatícios, no mínimo na casa de 10 paus!

JUNHO

Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles. Megaexposição lembrando os 15 anos da morte de Andy Warhol.

EDIE SEDWICK VOLTA À MODA

MUSA AMERICANA DOS ANOS 60 VOLTA À MODA EM NY (MARCELO BERNARDES*)

Edie Sedgwick, morta aos 28 anos em 1971, teve seu principal filme relançado nos EUA

NOVA YORK – Especula-se que Bob Dylan escreveu para ela a canção “Just like a woman”. Diana Vreeland, a mais famosa editora que uma revista de moda já conheceu, fisgou-a de Cambridge para as páginas da Vogue, criando um famoso estilo para a época: o youthquaker (o terremoto jovem). O amigo Tennessee Williams a apresentou a Andy Warhol, que rapidamente a co-optou e a transformou em musa de seus filmes underground. Na segunda metade dos anos 60, a jovem e bela herdeira Edie Sedgwick sintetizava, sozinha, uma convulsiva época para as artes americanas.

Combalida pelas drogas e pelo álcool, Edie morreu em 1971, aos 28 anos. Mas, três décadas depois, ela ainda continua a inspirar novas gerações. Personalidades como a ‘top model’ inglesa Kate Moss e o músico-dândi Rufus Wainwright são fãs de carteirinha. Angelina Jolie, dizem, não só se contentou em ter Edie como figura-modelo, como também passou a imitar a musa. Mike Nichols pretende filmar a vida dela também. Editoriais recentes de revistas de moda e videocliques (em especial o novo do inglês Will Young) se inspiram na imagem de Edie. Na rede, um incrível site – girlonfire.com -, sem estar vinculado a nenhum mecanismo de pesquisa, vem apresentando grande procura dos internautas. E o túmulo de Edie, no cemitério de Oak Hill, nas proximidades de Santa Bárbara, se tornou ponto de peregrinação de fãs, como o jazigo de Jim Morrison, no Pere Lachaise, de Paris.

Nada, porém, apresenta Edie de forma mais completa e convulsiva do que o filme *CIAO MANHATTAN*, de David Weisman e John Palmer, finalizado pela atriz apenas seis meses depois de sua morte, em **16 DE NOVEMBRO DE 1971**. Com raras exhibições nos últimos 15 anos, o que só aumentou sua aura de ‘cult movie’, *CIAO MANHATTAN* foi relançado este mês em um cinema de Nova York e, no mês que vem, será a vez de Los Angeles. Trata-se de uma estratégia para sua distribuição em DVD, prevista para outubro, e vai trazer vários out takes e cenas extras de Edie.

“Para mim, o fenômeno do culto a Edie é inexplicável”, diz o diretor e produtor David Weisman, de 60 anos, em entrevista ao Estado. “Mas, ao ter de analisá-lo, diria que Edie representa aos jovens de hoje o paraíso perdido”, continua. “Alguém que tenha 25 anos e um pouco de cérebro sabe que tudo no mundo pop hoje é hypado. Videoclipes, revistas de moda tentam vender um estilo cool pré-fabricado. O cinema atual, como Bob Evans (o famoso produtor de *CHINATOWN*) bem exemplificou, é marketing, marketing, marketing”, continua. “Com Edie tudo era natural: uma camiseta com uma gravura de um leopardo, que usava num dia, virava sensação no outro. Cada passo que ela dava era copiado”. E acrescenta: “Os jovens de hoje se sentem

ludibriados e privados de uma explosiva época. Eles sonham, nostálgicos, com a década de 60. Certamente, minha geração, quando jovem, nunca almejou voltar 25 anos no tempo”.

Weisman, que foi um dos melhores amigos de Edie, revela que cada pessoa que cruzou a vida da atriz, seja em Cambridge, nos salões nobres de Boston, nas discotecas exclusivas de Nova York, na Factory de Andy Warhol ou até por entre os Hell's Angels, turma que ela frequentava nos últimos anos de sua vida, tinham uma visão completamente diferente de Edie. “O único ponto em que havia concordância, não importando o desastre do momento na vida de Edie, era o fato de que todos queriam salva-la”, explica Weisman. “Mas mesmo drogada ou bêbada, Edie nunca perdia a pose: ela era uma verdadeira lady”.

INFÂNCIA CONTURBADA

Filha de uma das mais tradicionais famílias de Boston, um clã de sangues azuis com presença na política americana e que achavam os Kennedys um bando de nouveau riches cafonas, Edie teve uma infância conturbada num rancho em Santa Bárbara, o maior da Califórnia. Tranquilizantes, drogas e formação escolar em dois asilos (Silver Hill e Bloomingdale's) para pessoas riquíssimas com distúrbios emocionais. Em Cambridge, ela foi estudar escultura. Dois de seus irmãos, também Harvard boys, se suicidaram na época: um se enforcou e o outro jogou sua moto contra um ônibus na Lexington Avenue, de Nova York, Mesmo marcada pela tragédia familiar e por problemas emocionais, Edie era a alegria dos salões exclusivos de Boston. As pessoas gravitavam ao seu redor.

Ao se mudar para Nova York, em 1964, aos 21 anos, Edie se tornou a conversa da cidade. Lançava moda ao frequentar a boate Ondine e o espaço Max's Kansas City (um oásis para artistas) usando apenas meia-calça e blusa. O mundo fashion tomou nota, assim como Andy Warhol, que sucumbiu a seus encantos, principalmente depois de ela pintar seu cabelo cor de prata, como o artista. O ninho cativo de Edie passou a ser um loft com as paredes pintadas de prata, na Rua 47 com a Segunda Avenida, mundialmente conhecido como a Factory. “O lance entre Andy e Edie era muito mais que uma paixão platônica”, explica Weisman. “Na verdade, Andy queria ser Edie”. Na Factory de Warhol, Edie participou de várias produções underground como *POOR LITTLE RICH GIRL*, *BEAUTY 2* e *CHELSEA GIRLS*, ao lado da cativa fauna do artista, como Paul America, Viva, Brigid Berlin (Brigid Polk), entre outros.

Na época, ela também conheceria Bob Dylan, com quem, acredita-se, teria ido para a cama. Ao desmistificar o mundo de Warhol e convencer Edie de que a turma da Factory não passava de um “bando de bichas”, o bardo da música americana levou Edie para seu sítio, na cidade nova-iorquina de Woodstock. Em seu disco seminal de 1966, *BLONDE ON BLONDE*, Dylan compôs “Leopard-skin pill box hat” para Edie. Acredita-se que outra faixa do álbum – “Just like a woman” – e também “Like a Rolling Stone” tenham sido também feitas para sua musa.

Andy Warhol, naturalmente, não aceitou bem a deserção de Edie e se vingou em grande estilo. No famoso restaurante ‘Gingerman’, na região do complexo cultural do Lincoln Center, Edie comunicou a Warhol que sairia da Factory. Warhol, então, abriu-lhe uma cópia do dia do tablóide New York Post, deixando à mostra uma reportagem sobre o casamento de Dylan duas semanas antes. “Aquilo teve um efeito devastador em Edie”, explica Weisman. “E realmente foi o fim da amizade deles”.

Como a maioria dos artistas da época, Edie vivia uma existência turbinada. De anfetaminas a nebutal, passando por heroína e LSD, e até o tratamento de eletrochoque, não houve droga que ela não tenha experimentado. Suas tentativas de suicídio também são lendárias. Ela ateou fogo num quarto do famoso Chelsea Hotel, de Nova York (provocando incêndio em toda uma ala), e vivia ingerindo lenitivos. “Um dia, fui busca-la na rodoviária de Los Angeles”, reconta Weisman. “Ao descer do ônibus, Edie se esborrachou nos meus braços: na viagem de Santa Bárbara para L.A., ela havia consumido, em uma só dose, todas as cartelas de nebutal previstas para uma semana”.

Quando esse incidente aconteceu em 1970, Edie já estava de volta a Califórnia, depois de passar por várias instituições psiquiátricas. Numa delas, se apaixonou por outro paciente, o hippie Michael Post, que se tornou seu marido. Nessa época, Edie concluíra as filmagens de *Ciao Manhattan*. Foi Post quem ligou para Weisman em Nova York para avisá-lo da morte da esposa (por sufocamento agravado pelo uso de drogas e álcool). “Eram nove e meia da manhã, estava numa sala de montagem da Quinta Avenida editando *Ciao*”, quando recebi a notícia”, lembra Weisman. “Custei a acreditar, achei que era mais uma peça que Edie pregava”.

Ao relatar a morte de Edie a Warhol, Brigid Berlin (Brigid Polk) resolveu gravar o telefonema. “Andy começou perguntando se Edie tinha deixado grana para o marido”, explica Weisman. “Pouco a pouco, ele foi se desvencilhando da figura de Edie e chegou a dizer na ligação que pouco a conhecia. Ele lavou as mãos por completo”. Após executar a fita para o *demi monde* nova-iorquino, a transcrição da conversa foi parar nas páginas do New York Post. Algumas cenas de Edie em *Ciao Manhattan* precisaram ser dubladas mais tarde. A titular do trabalho foi Brigid Berlin (Brigit Polk). “Ela foi tão perfeita, que saiu telefonando para muita gente e se fazendo passar por Edie”, conta Weisman.

***ORIGINALMENTE PUBLICADO NO JORNAL ‘O ESTADO DE SÃO PAULO’ em 25 jul. / 2002.**

Sara married Bob Dylan at a quiet ceremony on **NOVEMBER 22, 1965**, and the couple had four children together.

**CIAO MANHATTAN: FILMAGEM DUROU 5 ANOS (2002)
(MARCELO BERNARDES*)**

Ciao Manhattan nasceu como resposta à saturação do underground de Warhol

NOVA YORK – CIAO MANHATTAN, último filme da atriz Edie Sedgwick, nasceu de um processo de ruptura.

"Estávamos cansados das experiências underground de Andy Warhol, filmes esses que muita gente acreditava nem existir, pois eles não eram exibidos fora da Factory. Como resposta a isso, decidimos criar um movimento chamado above ground-underground, com filmes rodados em 35mm", explica David Weisman, que



teve como inspiração para seu primeiro trabalho como diretor o longa *Performance*, de Nicolas Roeg.

Rodado em cinco anos e em duas etapas, *Ciao Manhattan* conta a história de Susan, alter ego de Edie, que vive numa tenda armada na piscina vazia da mansão de sua família na Califórnia e adornada por pôsteres, revistas e outros souvenirs do tempo em que havia conquistado o demi monde novaiorquino. Susan/Edie surge no filme andando de topless numa estrada à beira do Oceano Pacífico. Ela é resgatada por um surfista, para quem depois reconstitui sua história de sucesso.

A parte nova-iorquina de *CIAO MANHATTAN*, na qual Edie interpreta Edie e é vista ao lado de Warhol, no set de suas produções underground, posando para revistas de moda e na noite da cidade, foi rodada em preto-e-branco, em 1967. Já o bloco californiano, em cores, foi retomado em 71.

Para Weisman, as filmagens foram uma verdadeira odisséia, com inúmeras interrupções provocadas pelas crises emocionais e internamentos de Edie. Mas não foi só a atriz quem deu dor de cabeça ao diretor. O ator Paul America faria uma cena na frente do ex-edifício da Pan Am, no centro de Nova York, dirigindo seu Austin Healey Sprite. Só que Paul não saiu do carro até chegar a uma cidade do interior do Michigan. Ao descobrir o paradeiro de seu ator 17 meses depois, Weisman voltou a usar Paul America no filme, mas filmando do lugar onde ele se encontrava naquele momento: uma penitenciária (ele foi preso ilegalmente por estar doidão). "Toda vez que saíamos para filmar, a gente achava que terminaria a cena ou o filme, mas sempre surgia algum problema", conta o diretor.

No bloco californiano, Edie aparece constantemente com os seios de fora. "Não foi ideia minha, mas sim de Edie, que queria mostrar seu recente implante de silicone", diz Weisman. "Edie sempre foi magérrima e, mais tarde, quis quebrar essa imagem e ser a anti-Twiggy". Da cintura para baixo, Edie foi vestida pela designer Betsey Johnson.

Além de Edie e Paul America, *Ciao Manhattan* têm participações de Baby Jane Holzer, Brigid Berlin (Brigit Polk), Viva, Allen Ginsberg e Roger Vadim. A única atriz profissional da produção foi Isabel Jewell (que trabalhou em *...E o vento levou* e *Horizonte Perdido*), no papel da mãe de Edie.

Apesar de influentes, a família de Edie nunca se opôs ao filme. "Na verdade, o pai dela se deleitou porque a estávamos mantendo afastada da família e, assim, dos problemas que ela trazia a eles", relembra Weisman. "Quando o filme ficou pronto, o pai de Edie já havia morrido, mas a irmã mais velha da atriz, que hoje mora em Portugal, se emocionou e chorou muito ao assisti-lo".

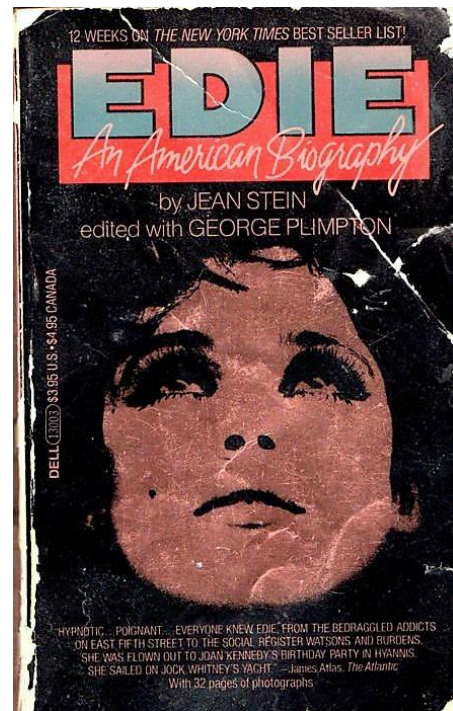
Em **JULHO DE 1972**, um mês depois do filme finalizado e na noite em que o hotel Watergate, em Washington, foi invadido, o que culminou na renúncia do presidente Nixon, *CIAO MANHATTAN* foi lançado em Amsterdã, onde fez grande sucesso e abriu uma prolífica carreira europeia. Distribuidores americanos foram mais temerosos e passaram o filme adiante. Apenas dez anos depois, no calor do sucesso do lançamento da biografia de Edie, escrita por Jean Stein (filha do criador do estúdio de Hollywood MCA) e o celebrado escritor George Plimpton (autor também da biografia de Truman Capote), foi que *Ciao* chegou aos cinemas de seu país de origem, com

grande sucesso de público. A crítica ficou dividida: uns acharam o filme incompreensível, outros o emblema de uma época.

Com o dinheiro arrecadado por *Ciao* nos Estados Unidos, Weisman pôde comprar, do escritor argentino Manuel Puig, *O BEIJO DA MULHER ARANHA*, além de pagar a Leonard Schrader para escrever o roteiro do filme, que teve quatro indicações para o Oscar. Weisman, que espertamente manteve seu filme fora de circulação por um bom tempo, acredita que *CIAO* voltou a ser valorizado e ganhou nova leva de fãs depois que o Canal Sundance comprou os direitos de exibição para a TV em 98 (o canal de Robert Redford recentemente exibiu o filme).

Apesar do sucesso na Europa e nos Estados Unidos, *CIAO* é desconhecido do circuito sul-americano. A versão em DVD do filme vai reparar essa ausência. A única exibição de *Ciao* no Brasil, se é que pode ser chamada assim, foi num laboratório cinematográfico do centro do Rio, durante o carnaval de 69. Na época, de férias na cidade, Weisman mostrou parte de um corte bruto para alguns amigos, incluindo o príncipe Johannes von Thurn und Taxis.

Há cerca de dois meses, o cineasta Mike Nichols manifestou intenção de transformar a vida de Edie numa produção de Hollywood. "Mike deu a ideia de George Plimpton e eu escrevermos o roteiro", explica Weisman. E quem seria uma atriz ideal para viver Edie? "Natalie Portman", responde Weisman.





SHE MARRIED A FELLOW PATIENT WHILE IN A PSYCHIATRIC INSTITUTION

While committed to the psychiatric ward of Cottage Hospital, the same hospital she was born in, Edie met fellow patient Michael Post. She fell in love with him. "I've really been to the depths, but now I want to start a new life," she said. After five months at the institution, she married Post in July 24, 1971.

SHE DIED AFTER BEING VERBALLY ABUSED AT A PARTY

The night of November 15, 1971, Edie attended a fashion show at the Santa Barbara Museum. She naturally attracted cameras and was included in a television program called *An American Family*. After the filming, she attended a party where a female guest yelled at her and accused her of being a heroin addict. She left and went back home with her husband. Post gave her medication, but the next morning, he woke up to find her dead next to him. An autopsy revealed she died from a barbiturate overdose.

JONAS MEKAS: CRONISTA DO UNDERGROUND DE NY

**CRONISTA DO
UNDERGROUND DE NY
EMERGE DE MOSTRA EM SP
(TIAGO MATA MACHADO*)**



“Pra mim Andy Warhol e a Factory nos anos 60 eram como Sigmund Freud. Andy era Freud. Ele era o analista, havia aquele imenso divã na Factory, e lá estava Andy, ele não dizia nada, você podia projetar qualquer coisa nele, pôr qualquer coisa, podia desabafar, jogar tudo em cima dele, e ele não ia te repelir. Andy era pai, mãe, irmão, tudo. Então é por isso que aquelas pessoas se sentiam tão bem perto dele – elas podiam estar naqueles filmes, podiam dizer e fazer qualquer coisa que quisessem porque não seriam reprovadas, aí estava a genialidade dele. Andy admirava todas as estrelas: portanto, pra agradar todas aquelas pobres almas desesperadas que apareciam na Factory, ele as chamava de superstars.” **(JONAS MEKAS)**

Se Maya Deren foi, para a história do cinema experimental americano, a mãe e musa inspiradora; se Kenneth Anger foi o mito; Andy Warhol, o papa; Jack Smith, o iconoclasta (demoníaco); Stan Brakhage, o arquiteto; Jonas Mekas coube o papel de polemista e agitador.

Mekas, autor dos dois filmes que abrem hoje a mostra de cinema e vídeo experimentais promovida pelo Itaú Cultural, era, na Nova York do final dos anos 40, um imigrante lituano foragido da guerra que começava a substituir pelo cinema de vanguarda o seu interesse pela poesia romântica.

Alguns anos mais tarde, depois de fundar com o irmão e parceiro Adolfas a revista "Film Culture" e se tornar um colunista influente do "Village Voice", Mekas já polemizava com a velha-guarda do cinema experimental americano, alfinetando tanto a geração abstracionista dos anos 50 quanto a vertente simbolista capitaneada por Maya Deren.

Impertinente, o jovem Mekas sugeria à velha-guarda que amadurecesse mais os seus temas em favor de uma abordagem mais profunda das questões contemporâneas. Animado pela aparição de obras inquietantes como "The Flaming Creatures" (Jack Smith) e "Blonde Cobra" (Bob Fleischer), o crítico defendia a inovação da cena

vanguardista por uma nova geração, vertente que denominou a do "cinema baudelairiano" e na qual presumivelmente se incluía.

Alguns anos mais tarde, porém, tanto a velha quanto a jovem guarda do cinema experimental tomavam as páginas da "Film Culture". Deren, que cogitara processar Mekas, era convidada pelo crítico a substituí-lo no "Village Voice", enquanto este se preparava para rodar o seu "Guns of the trees".

Figurinha fácil da cena underground nova-iorquina, criador de cooperativas de cineastas independentes e depois fundador de uma importante cinemateca, Mekas consagrou-se como agitador cultural, mas a sua obra de cineasta não fica devendo. Embora não constem entre os mais importantes (como "The Brig") e autorais (a exemplo do primoroso "Walden") trabalhos do cineasta, os filmes em exibição no Cine Vídeo Itaú apresentam Mekas, tanto o agitador cultural quanto o poeta, no ambiente que lhe é mais favorável, entre "amizades & interseções" na cena underground.

No primeiro filme, a vida e (pop) arte de Andy Warhol ganham, na escritura descontínua e esboçada de Mekas, nas imagens tremidas, fragmentadas e inapreensíveis de sua super-8, uma estética (hoje apropriada pelo videoclipe) que lhe é propícia.

CENAS DA VIDA DE ANDY WARHOL AMIZADES & INTERSEÇÕES, lançado em 1990, abrange um período que vai (e volta) de 1966 a 1981, traz o registro da primeira aparição pública da banda Velvet Underground, cobre algumas das exposições mais importantes de Warhol e algumas das festas mais badaladas da época, tudo a 16 quadros por segundo.

"Isto não é um documentário", ressalta Mekas num intertítulo (procedimento caro aos seus filmes-diários), "são apenas memórias", completa mais à frente. A proposição vale ainda mais para "Feliz Aniversário para John", (EUA, 1996) que registra alguns encontros com John Lennon, do concorrido aniversário do ex-beatle em 1972 à sua morte em dezembro de 1980, de "He's got the whole world in his hand", canção entoada na festa de aniversário, ao silêncio de luto do enterro.

Mekas, que ora filma Lennon tocando violão com o poeta Beat Allen Ginsberg, ora o flagra jogando basquete com Miles Davis, surge freqüentemente em cena, roubado de sua câmera, como mais um personagem típico do 'underground', surpreendido em sua pose discreta de cronista (ideal) da geração.

O resto da mostra, atração das quintas-feiras deste mês no Itaú Cultural, contempla desde a geração abstrata dos anos 50 até as performances videográficas do coreano Nam June Paik, duas delas concebidas na época do grupo Fluxus, do "cinema de corpo" de Shirley Clarke às formas moleculares de Jordan Belson. Destaque para a célebre série realizxada nos anos 60, em 8mm, por Satn Brakhage, "Songs".

***ORIGINALMENTE PUBLICADO NO JORNAL 'FOLHA DE S. PAULO' – 1 AGO. / 2002.**

8 NOVEMBRO

MOSTRA DE CINEMA ENFOCA O RADICALISMO DOS ANOS 70 EM SUPER 8

RODRIGO MOURA – DA FOLHA DE S.PAULO

Com distância cada vez maior, os anos 70 parecem ter sido o momento paradoxal de libertação do artista brasileiro. Quando havia de um lado o regime militar e de outro o

nascedouro da indústria cultural, os artistas tinham que lutar para manter íntegras suas características individuais.

Provas dessas lutas estão em alguns dos 122 filmes que a mostra Marginalia 70 exhibe a partir de hoje no Itaú Cultural. Com curadoria do professor de cinema da ECA Rubens Machado, a amostragem coleta o que houve de mais experimental na produção superoitista, reunindo artistas, poetas e anarco-realizadores.

Entre os autores que usaram o super 8 como suporte, estão Lygia Pape, Hélio Oiticica, Antonio Dias, Iole de Freitas, José Agrippino de Paula, Ivan Cardoso, Edgard Navarro, Geneton Moraes Neto e Marcelo Nitsche, numa lista que chega a 57 realizadores.

"Esses filmes têm uma ideia radical de confronto: um comportamento geral de negação no campo da linguagem e da temática, em contraposição à TV, que era a antípoda do super 8", diz o curador, que mapeou mais de 600 filmes da produção de época, dos quais todos os que são exibidos agora passaram por restauro.

Como referência para esses realizadores, as estéticas do cinema novo e do cinema marginal serviram como uma trilha para se radicalizar ainda mais, na busca por uma visão crítica dos modos de produção do cinema industrial e dos meios comunicação.

"Muita coisa boa ficou de fora, como algumas vertentes do experimentalismo que não tinham o mesmo engajamento político e comportamental ligado à contracultura. Fiz o recorte do recorte do recorte", diz Machado.

O pesquisador partiu de um levantamento sobre as relações entre as artes visuais brasileiras e a produção audiovisual, tema de seu pós-doutorado. "Quando o Itaú me convidou para fazer uma mostra de cinema experimental, me dispus a não mostrar o que todo mundo já conhece, e sim mapear a produção. Muitos desses filmes nunca foram vistos." Exemplo de avant-première 30 anos depois é Terror da Vermelha, exibido amanhã, faroeste caboclo do poeta tropicalista Torquato Neto, filmado em Teresina.

"Para os artistas plásticos, o super 8 surge no contexto de saída do suporte que Oiticica inaugura. Para alguns, como Artur Barrio, ele serve também como registro para performances e ações."

Nesse sentido, o cinema experimental propunha uma reflexão sobre todas as etapas do fenômeno, inclusive sobre as condições de recepção, com propostas como o cinema de salão de Raymond Chauvin, dirigido a poucos espectadores, e as instalações de Regina Vater e Antonio Dias. "Exibir esses filmes em um programa, ao lado de outros títulos, tira um pouco de seu caráter original", compara Machado.

Além da mostra, que ainda itenera em versão reduzida por Belo Horizonte, Penápolis (SP) e Campinas, trechos de filmes poderão ser vistos no site www.itaucultural.org.br, com textos sobre seus autores, como parte da primeira módulo do Panorama do Cinema Brasileiro, que pretende mapear a produção nacional.

MARGINÁLIA 70

Mostra com 122 filmes experimentais em super 8

Curadoria: Rubens Machado

Onde: Itaú Cultural (av. Paulista, 149, SP, tel. 0/xx/11/ 3268-1777)

Quando: abertura hoje, às 20h; de amanhã a 25 de novembro, com sessões às 16h e às 20h

Quanto: grátis, senhas disponíveis uma hora antes das sessões. Patrocinador: Itaú

**2003
MAIO**

Welcome to the monkey house (CD) dos Dandy Warhols, quarteto surgido nos Estados Unidos em meados da década de 90. Capa e ar sorumbático copiados do Velvet Underground!

**2004 - ESTADOS UNIDOS
PERDEM A POLÊMICA
SUSAN SONTAG**

**O ESTADO DE SÃO PAULO
/ ANTÔNIO GONÇALVES
FILHO**



29 DE DEZEMBRO / 2004 Conhecida por sua inteligência e seu ativismo político, a ensaísta americana tinha 71 anos e há 28 enfrentava o câncer

A biblioteca de 25 mil volumes já é propriedade da Universidade da Califórnia (UCLA) há três anos. Lá estão desde *Os Miseráveis*, o primeiro clássico que ela leu quando criança, até os 17 livros que escreveu, traduzidos em 32 línguas. Susan Sontag, a mais festejada ensaísta norte-americana, guardou todo esse tesouro por mais de seis décadas. Para a má sorte da América, acossada por uma assustadora onda antiintelectual, ela morreu ontem, aos 71 anos, de leucemia, no Memorial Sloan Kettering Cancer Center de Nova York. Resistiu 28 anos à doença, diagnosticada em 1976 (um câncer no seio e no sistema linfático). O mal venceu, mas, antes, Susan Sontag deixou uma mensagem para a América: não se deve transferir a responsabilidade da doença aos doentes. Doença é fato, não destino.

Essa talvez seja a mais importante contribuição da ensaísta para a compreensão do sentido político que a medicina acaba – involuntariamente – transferindo à doença, como se ela fosse uma punição. Num livro importante sobre o assunto, *AIDS E SUAS METÁFORAS* (1988), Susan Sontag trata justamente dessa exploração simbólica que acaba estigmatizando as vítimas, massacradas pelo argumento de que são culpadas pela própria doença. Quantas vezes o leitor já não ouviu que o câncer é uma doença provocada pelo próprio paciente, como se alguém estivesse louco para ser consumido por um sarcoma?

Esse pode ser um bom começo para uma discussão sobre a extensa obra de Susan Sontag, que abriga tanto um antológico ensaio sobre a história da fotografia como uma novela ambiciosa a respeito dos primórdios da colonização americana (Na América, de 1999, baseada na história real de uma atriz polonesa que imigrou para os EUA). Escrevendo sobre assuntos diversos – do teatro de bonecos japoneses ao atentado às torres gêmeas – Susan Sontag foi atacada por todos os lados, pela direita e pela esquerda, mantendo até o fim sua independência ideológica. Tanto é verdade que, sendo uma das primeiras intelectuais americanas a visitar Cuba pós-revolucionária, não hesitou mais tarde em protestar contra o regime comunista quando Fidel Castro

começou a perseguir homossexuais na ilha, confinando-os em campos de trabalho forçado.

Mesmo assim, autores contrários à militância política da escritora (Paul Hollander, entre eles) acusaram a autora de ser uma "peregrina política" contra o "pluralismo ocidental" – e, por consequência, a favor de revoluções estrangeiras. Não é verdade. Leitores interpretam como querem mensagens que, de tão claras, parecem enigmáticas. Em um ensaio publicado no Estado, Susan Sontag condenou a tortura de soldados iraquianos por americanos na prisão de Abu Ghraib, única atitude digna que se espera de um intelectual humanista. No entanto, não é o que pensam seus detratores, que identificaram a denúncia como simpatia por radicais fundamentalistas.

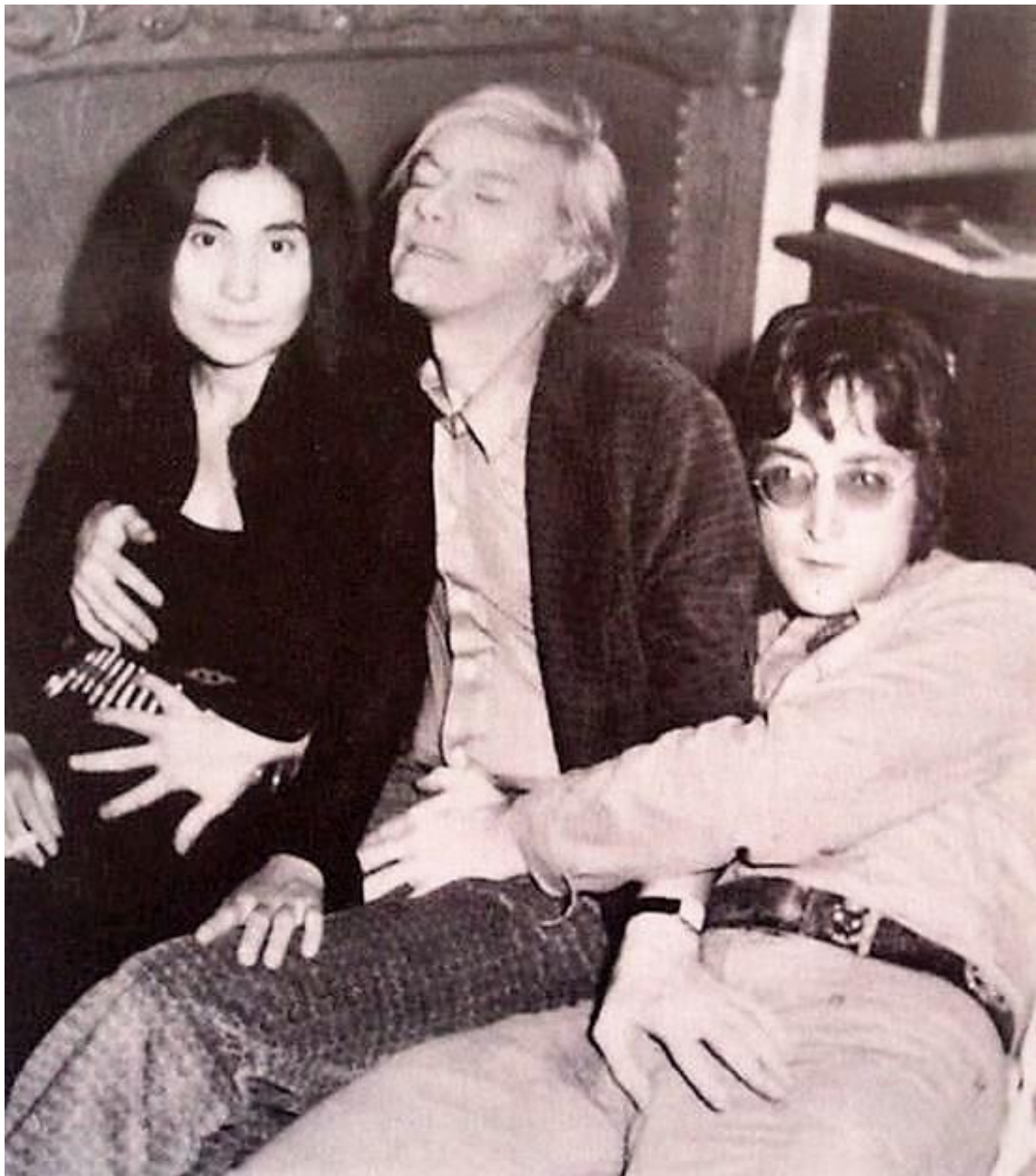
Sobre o terrorismo, ela se pronunciou num polêmico texto escrito para a revista New Yorker logo após os atentados do 11 de setembro, discordando de quem identificou na tragédia um ato de covardia contra a civilização e a liberdade. Desafiando o coro ocidental, disposto a confundir o Islã com terror, Susan Sontag interpretou o ataque às torres gêmeas como uma resposta às alianças americanas que pretendem tornar os EUA uma superpotência sem rivais. A ensaísta foi moralmente linchada pela internet e acusada de antiamericanismo, como nos piores tempos do Macartismo.

"Nós vivemos numa cultura em que a inteligência é defendida como instrumento de repressão e autoridade, quando a única inteligência válida é crítica, dialética, cética e não-simplificadora", resumiu a escritora, que visitou o Brasil pela última vez há dois anos. Filha de uma professora dependente de álcool e criada sem o pai, um comerciante de peles morto de tuberculose na China, Susan Sontag foi uma adolescente intelectual, que, aos 15 anos, comprou o primeiro número da Partisan Review, da qual passou a ser colaboradora nos anos 1960.

Seus ensaios sobre artistas revolucionários como o cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard ou o pintor norte-americano Jasper Johns ajudaram a sedimentar o mito de que seus textos são estratosféricos, incompreensíveis. Esse estigma perseguiu Susan Sontag desde o início de carreira, a ponto de seu primeiro personagem de ficção, o Hipólito de O Benfeitor (1963), só encontrar a paz quando decide rejeitar o mundo exterior e viver em silêncio, após ter seus sonhos mal interpretados pelos outros.

Não por outra razão, um dos ensaios mais marcantes de toda a carreira da escritora chama-se justamente *Contra a Interpretação* (1968), em que ela convida o leitor a uma relação mais orgânica com a obra de arte, evitando o equívoco da interpretação, provocado pela busca insana de um significado no trabalho artístico. Intuição, e não análise, pode ser mais útil para entender uma tela de Picasso do que todos os livros escritos sobre o cubismo. Interpretação, segundo ela, seria a "vingança do intelecto contra a arte". Não se confunda, entretanto, essa postura com antiintelectualismo. Susan Sontag queria "transparência". Era honesta o bastante para escrever um livro sobre os horrores da guerra (*Regarding the Pain of Others*, do ano passado) sem recorrer a fotos que mostram as atrocidades cometidas pelo espírito bélico dominante no mundo contemporâneo.

Participando da história, a ensaísta passou uma temporada de três anos em Sarajevo. Seu penúltimo livro de ensaios, *QUESTÃO DE ÊNFASE* (2001), sai em março pela Companhia das Letras. É obra de uma mulher de coragem. E, como tal, odiada por isso.



ANDY WARHOL: SE QUISERES SABER TUDO...

Antes de começar a pintar Andrew Warhoa (nascido em 1928, em Pensilvânia/Pittsburg e formado em desenho gráfico e publicidade), se dedicou à publicidade, atividade que exerceu com tanta perfeição que reformulou a linguagem das campanhas promocionais com sua proposta plástica e cinematográfica.

Andy Warhol chegou a Nova York em 1949 e, no início dos anos 50, já estabelecido como artista, realizou regularmente desenhos industriais e trabalhos publicitários. Com a conta bancária engordada começou a garimpar preciosidades e adquirir móveis antigos e pequenos trabalhos de Miró, Magritte e Toulouse-Lautrec.



Cy Twombley

EM 1952, É REALIZADA A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE ANDY WARHOL

Um dos mais influentes marchands da segunda parte do século XX, Leo Castelli (seu verdadeiro nome era Leo Krauss, 1908-99) recusava-se a trabalhar com artistas consagrados, como Picasso. Leo Castelli descobriu, investiu e promoveu ao reconhecimento internacional novos pintores americanos da década de 60, organizando as primeiras exposições de Andy Warhol, Jasper Johns, Robert Rauschenberg, Frank Stella e Roy Lichtenstein. E também contribuiu para a consagração de nomes como Cy Twombley, Ellsworth Kelly, Donald Judd, Dan Flavin e Joseph Kosuth.

Durante décadas promoveu a arte pop, que lançou conceitos como o minimalismo, conceitualismo e o neoexpressionismo.

A consagração de Andy Warhol aconteceria dez anos depois em 1962, quando ele realizou uma série de pinturas de notas de um dólar (uma das telas foi vendida em 1986 num leilão em Nova York por 385 mil dólares, o maior preço já alcançado por um de seus trabalhos em vida!).

Graciosamente e sem ideia sobre pintar “coisas”, Andy Warhol pediu sugestões a quinze pessoas e, uma amiga de meia-idade respondeu com uma nova pergunta: “do que você mais gosta na vida?” Assim ele começou a pintar notas de dólar.

Ainda em 1962, funda a revista "Interview", na qual apareciam as personalidades da vida noturna nova-iorquina.

Ao expor suas famosas embalagens das latas de sopa Campbell, Warhol confirmava então a nova arte fruto de um questionamento intenso entre o lugar da arte e a banalidade do mundo.

Mas com essa banalidade aparente e a colocação da arte nesse espaço Warhol consegue tanta fama que passa até a cobrar por suas aparições em público. Ele sente e percebe muito bem que vive no país e na época do capital, do consumismo, e que o povo norte-americano vê arte em qualquer tipo de coisa consumista, por mais frívolo e medíocre que fosse o objeto em questão os sucessivos avanços da ciência e da tecnologia, fatos e coisas portáteis invadindo as ruas e a imaginação de toda uma nação, a televisão, o cinema, os confrontos existenciais, tudo isso fora matéria a lapidar pelo olho e pela mão de Warhol, com conotações críticas, irônicas e sobretudo artísticas no sentido de filtrar bem um momento da história para ser parte dessa história com uma nova visão de arte.

Rico, famoso e excêntrico, por mais de 15 minutos, começa a afastar-se do mercado publicitário. Interessa-se especialmente por art déco e prataria, que passa a comprar em grande escala. O maior gênio mercadológico da pop-art, o homem que mais entendeu a mídia americana conseguiu: muito dinheiro e, para alguns, uma arte das mais importantes do século. Ganhou seguidas vezes seguidas o Art Director Club Award pela originalidade de seus trabalhos e sua contribuição ao mundo publicitário.

Segundo Warhol "um artista é alguém que produz coisas que ninguém precisa ter, mas que ele, por alguma razão, pensa que seria uma boa ideia oferecer às pessoas".

Sem conotações políticas, nem mesmo uma crítica à sociedade de consumo em seu trabalho, Warhol sempre gostou de meter os pincéis nas imagens simbólicas, sempre fiel ao seu estilo: um pintor mundano muito querido na sociedade.

Tímido e solteiro, Warhol vivia com a mãe em um luxuoso apartamento em Upper East Side, Nova York. Ele nunca deixou de ir à igreja e confessava-se admirador absoluto da liturgia.

Entrar na casa de Warhol era como passear por uma loja de doces, podendo escolher tudo o que sempre se desejou comprar, a casa abrigava um acervo de 10 mil objetos reunidos em imensa variedade de peças, pinturas, desenhos, mais de 120 pequenas jóias, entre broches, braceletes e pendentes, 300 relógios, dezenas de portraits, bustos, incluindo um de Degas, estatuetas – entre as quais uma de Renoir, brinquedos, os famosos copos de Ronald Mcdonald, que, ele previa, serem ícones de uma época e valorizados no futuro.

Objetos indígenas e africanos, mobiliário americano do século 19, dezenas de peças, do sofá chippendale ao par de clássicos espelhos antigos, dos candelabros estilo rococó-americano à escrivaninha George II ou as pinturas acadêmicas de grande mestres do século 19 e obras de artistas contemporâneos, como Jasper Johns, Roy Lichtenstein e Robert Ruschenberg, esculturas – é interminável a lista do acervo do artista todos os objetos têm um aspecto artesanal que parecia fascinar Warhol arrematados nos antiquários de Nova York e em constantes visitas aos 'marchés aux puces', de Paris, seus celeiros preferidos para comprar.

Nas peças ligadas à arte folclórica – como máscaras africanas e os 80 cobertores de tribos indígenas americanas – é possível rastrear os caminhos que, através dos séculos, conduziram à moderna arte pop americana.

Um homem de vanguarda, anticonformista por concepção, artista plástico, cineasta (perante o crítico "Andy Warhol, como cineasta, significa a manipulação do tempo, a ruptura da narrativa e a transgressão sob o signo do tédio já que ninguém tem saco de ver suas longas jornadas consideradas monótonas"), jornalista (sua tez pálida e clerical se estampava nas capas de jornais, revistas e cartazes arrasando ou abençoando), editor, gravador e fotógrafo (obsessivo) em boa parte dos seus 58 anos viveu cercado por milhares de objetos antigos e logotipos, fotos de jornais e de revistas colecionados compulsivamente.

Domingo: **22 DE FEVEREIRO DE 1987**. Hospital da Universidade de Nova York, Andy Warhol sofre uma parada respiratória fatal, tinha sido operado da vesícula e aparentemente sofreu um ataque cardiopulmonar enquanto dormia.

Morto! Vários aproveitadores tentaram imitar o seu estilo, mas não conseguiram chegar nem perto de sua genialidade – até seu irmão começou a pintar depois de sua morte.

Adepto do credo vanguardista duchampiano onde a provocação se torna o sine qua non do ato artístico implodiu as belas artes aproximando-se das artes pop – cinema, rock'n'roll, iê-iê-iê, televisão e mídia e multimídia em geral. Warhol foi um ícone na arte norte-americana que friamente retratou outras personalidades globais produtos de consumo com a indiferença de uma máquina; afirmou, inclusive, que gostaria de ser máquina – muita gente – artistas da Factory, críticos – consideravam sua obra medíocre, destacando apenas sua atuação na área de marketing.

A publicidade, segundo estudiosos de Warhol, o levou a fazer uma arte desprovida de estilos ou emoção, forma e conteúdo. Traduzindo o ritmo de vida norte-americano, a automaticidade do cotidiano, a geração do descartável e das garrafas de coca-cola, latas de sopa Campbell's, caixas de detergentes Brillo e o esfuziante mundo dos out-doors e do néon, uma requintada



dosagem de non-sense em seus quadros e serigrafias totalmente vinculada à idade tecnológica e marcada pela máquina nos Estados Unidos.

Sua plataforma de ação: retratar ícones da atualidade com o ritual do show business, pintava por encomenda – cobrava 25 mil dólares por retrato.

Warhol não estava interessado em ideias mas em objetos: dinheiro, telefones, caça-níqueis, garrafas, latas, e ídolos em objetos. Ele transformou todos os segmentos das personalidades norte-americanas, chegando a confundi-las com embalagens de produtos tão comuns quanto elas. "Rostos famosos por serem famosos": Marilyn Monroe (sua morte em 1962 inspira os retratos, ícones e lábios) Dick Tracy, Natalie Wood, Liz Taylor, Jackie Kennedy, Marlon Brando, Mao Tsé Tung, Elvis Presley e Pelé.



Transportava para suas telas situações sociais "depressivas" batidas de automóveis, cenas de suicídio, cadeiras elétricas. Para a confecção da série de pinturas "Death in America", Warhol passou dias na biblioteca pública de Nova York para encontrar a imagem da cadeira elétrica – objeto de grande carga ideológica, usada para executar o casal Julius e Ethel Rosenberg – 1951), conflitos com policiais, explosões de bombas de hidrogênio etc...

INFLUÊNCIAS

Dentro da Factory, ateliê cuja fantasia era a criação coletiva, quando precisava esvaziar a mente para pintar Andy Warhol ouvia discos de rock no último volume, ligava o rádio para ouvir ópera e deixava a tevê ligada sem som tudo ao mesmo tempo -; eu ainda descascaria uma banana!

Pré-punk, cabelo roxo e lábios verdes eram comuns aos astros do cinema underground de Andy Warhol, a elite da contracultura girava em torno das festas e de sua efígie.

Andy Warhol foi a eminência parda do 'glitter do rock teatral' e fundador do punk nova-iorquino e co-autor do punk britânico já que Malcolm McLaren era um de seus asseclas.

– Poucos artistas estrangeiros exilados na Grande Maçã em meados das décadas de 60 e 70 absteram-se de conhecer ou mostrar suas criações a Andy Warhol.

Apesar de se considerar homossexual, abdicou do sexo porque, segundo ele, tirava-lhe tempo tornou-se um 'voyeur' através de uma câmera de cinema ou fotográfica e partiu para os temas mais "alucinados" — Posso fotografá-lo nu?



Ricardo Amaral e Andy Warhol

AUTO-PROMOÇÃO

Se queres saber tudo sobre Andy Warhol, simplesmente olhes para a superfície das minhas pinturas e filmes e para mim e aí estou. Não há nada por trás disso. (**ANDY WARHOL**)

Andy Warhol não fez nada além do que fiz no Brasil. A diferença é que ele circulou no jet-set internacional e isto ajudou na difusão do trabalho dele. (**ROGÉRIO DUARTE**).

“Espero que de alguma maneira, de algum modo você goste deste pequeno show / Sei que chegou tarde, mas esta é a única maneira que conheço / Olá, sou eu – boa noite! Andy... Adeus, Andy.” (**LOU REED/JOHN CALE**)

ANDY WARHOL ENTREVISTADOR

Ao entrevistar Truman Capote que também era um assíduo dos rituais do Studio 54 deixava o entrevistado falar ininterruptamente, enquanto o gravador nada registrava do que Warhol dizia, pois falava baixo e furtava-se a qualquer malabarismo da oralidade a primeira. A primeira exposição individual de Andy Warhol em 1952, trazia desenhos baseados nas histórias de Truman Capote. Nas colunas sociais do jet-set da capital do planeta capitalista: Debby Harry e Chris Stein os líderes do Blondie aparecem fotografados juntos a Andy Warhol e Truman Capote.



VISITORS LOOK OVER "LUTE" (FLIGHT) BY RU

Chicago, UNITED STATES: Visitors look over "Lute" (Flight) by Rubens Gerchman during the preview for "Tropicalia: A Revolution in Brazilian Culture, at the Museum of Contemporary Art in Chicago, Illinois **21 OCTOBER, 2005**. The first major exhibition devoted to Tropicalia, is considered one of the most significant cultural movements to emerge from South America in the last fifty years. The exhibition runs from 22 October 2005 through 08 January 2006. AFP PHOTO/JEFF HAYNES (Photo credit should read JEFF HAYNES/AFP via Getty Images

VIDA E MORTE DE ANDY WARHOL

Um imperdível DVD francês de 2005.

80 minutos mostrando como Warhol via o mundo, o homem e as artes. (Lançamento nacional em catálogo).

"FERNANDO CARPANEDA EXPERIMENTA 15 MINUTOS DE FAMA"

Billy Name e Fernando Carpaneda – Foto: Armando Coelho

22 NOV. / 2005 – 15 Minutos de Fama foi o nome da exposição do escultor brasileiro Fernando Carpaneda. A exposição mostrou as novas esculturas produzidas pelo artista plástico e também uma série de fotografias dos famosos artistas que trabalhavam e frequentavam o atelier The Factory de Andy Warhol que também lançou o Velvet



Underground, a banda de rock produzida por ele nos anos 60.

Carpaneda que há alguns anos vem se destacando no cenário internacional de arte, em 2005 participou de três grandes mostras internacionais em Nova Iorque.

As exposições foram realizadas pela The Tom Of Finland Foundation, The Leslie Lohman Gay Art Foundation, fundações que existem nos Estados Unidos a mais de 50 anos e que promovem e preservam a arte erótica no mundo.

Além dessas exposições o artista foi convidado para participar da exposição *BACK TO THE BOWERY*, coletiva que reuniu os artistas do famoso atelier The Factory de Andy Warhol em Nova Iorque.

A exposição foi realizada pela CB's 313 Gallery que fez parte do mundialmente conhecido CBGB, onde surgiram bandas como The Ramones, Talking Heads e Blondie.

Ao final de 2005, a Galeria Garvey Park Hotel expôs em Brasília as fotos tiradas durante a exposição Back to the Bowery que mostrava os artistas da The Factory como estavam 20 anos após a morte de Andy Warhol e a nova série de esculturas em miniaturas produzidas pelo escultor.

As esculturas foram feitas em argila e mostram cenas eróticas do modelo americano Matthew Hinson



Matthew Hinson e Fernando Carpaneda – Foto: Armando Coelho

Carpaneda retrata a cultura urbana e a cena underground há mais de vinte anos e tem como tema principal de seus trabalhos a nudez masculina. O artista se inspira em personagens marginais e pessoas do submundo das grandes cidades para compor suas obras.

Agora as esculturas de Fernando Carpaneda estão protegidas e preservadas pela fundação Leslie Lohman que têm em seu acervo permanente obras de artistas consagrados como; Keith Hering, Robert Mapplethorpe e Andy Warhol.

Entre os artistas participantes da exposição *Back to the Bowery* estavam os famosos Billy Name (fotógrafo oficial de Andy Warhol e ator de vários filmes produzidos por Andy; *HAIR CUT* (1963), *COUCH* (1964), *LUPE* (1965), etc. Walter Steding

(empresário de Andy Warhol, e assistente de pintura do mestre da Pop-Art), Roberta Bayley (fotógrafa pioneira dos ídolos do movimento punk dos anos 60 e 70), Godlis, (fotógrafo das ruas de Nova York), Mick Rock, (o maior fotógrafo do rock'n roll, e que teve uma retrospectiva em 2003 realizada pelo museu Metropolitano de Tóquio), Josh Wertheimer, (fotógrafo do CBGB), Anton Perich (fotógrafo do famoso clube Studio 54 e dono da revista Night Magazine), Elaine Mayers (fotógrafa premiada pelo museu Guggenheim e professora da New York University), Sharon Smith (fotógrafa que registrou as celebridades nas noites dos anos 80 em Nova Iorque e que é representada pela agência Ovo Works fundada por Andy Warhol), Mark Sweeney (fotógrafo da revista Rolling Stone), John Santanello (fotógrafo da The Factory e fotógrafo oficial de Billy Name).

REENCONTRO DO VELVET UNDERGROUND SERÁ LANÇADO EM DVD

Portal Terra – Música

The reformed Velvets in concert



Left to right: John Cale, Maureen Tucker, Lou Reed and Sterling Morrison

23 dez. / 2005 – O selo Rhino Records já marcou a data de 24 de janeiro para o lançamento em DVD de Live MCMXCIII, do Velvet Underground, que mostra a lendária turnê de reencontro do grupo em 1993.

Anteriormente disponível apenas em VHS, Live foi gravado entre os dias 15 e 17 de junho de 1993 no Olympia de Paris, e apresenta clássicos como "Venus in Furs", "Femme Fatale", "Rock'n'Roll", "Sweet Jane", "I'm Waiting for the Man", "Heroin" e "Pale Blue Eyes".

Live mostra as últimas apresentações do guitarrista Sterling Morrison, tocando ao lado dos colegas da banda Lou Reed, John Cale e Maureen Tucker. Morrison morreu de câncer em 1995, pouco antes de o grupo entrar para o Rock and Roll Hall of Fame. O DVD foi remixado em 5.1 Surround Sound.

E por falar em Lou Reed, o músico está se preparando para sair com sua banda em uma turnê européia, que deve começar em **23 DE FEVEREIRO** com um show na Olimpíada de Inverno, em Turim, na Itália. Dois shows pré-turnê já estão marcados para 11 de fevereiro em Poughkeepsie e 13 de fevereiro em Nova York.

2006

15 FEVEREIRO

A Amostra *Tropicália* em Londres reúne obras de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape e Antônio Dias.

23 DE JUNHO

PERUCA DE ANDY WARHOL É VENDIDA A US\$ 10.800 EM LEILÃO

O ESTADO DE S. PAULO – EFE – AP



Acessórios de Marilyn Monroe também foram a leilão. Um vestido preto usado pela diva no filme *The Misfits* (1961) alcançou o valor de US\$ 66 mil

NOVA YORK, Estados Unidos – Uma peruca usada pelo ícone da arte pop, Andy Warhol, foi vendida na última quinta-feira por US\$ 10.800 durante um leilão de objetos relacionados a famosos realizado na sede nova-iorquina da Christie's.

Os analistas da empresa tinham catalogado esta peça, usada para Warhol por volta de 1980, entre um mínimo de US\$ 4.000 e um máximo de US\$ 6.000, por isso o resultado superou as expectativas.

Warhol começou a usar uma peruca prateada nos anos 60, aparentemente com a intenção de esconder uma calvície que estava aumentando, mas, com o passar dos anos, a peça se transformaria em um acessório de seu singular estilo, como é explicado no catálogo.

A peruca era um dos 283 lotes oferecidos ao melhor licitante, dos quais 231 encontraram um comprador e totalizaram vendas no valor de US\$ 839.670.

A atriz Marilyn Monroe foi mais uma vez a "estrela" em um leilão de lembranças de famosos, e reflete a poderosa atração que qualquer objeto relacionado a ela exerce sobre colecionadores e fãs.

Um vestido preto usado por Marilyn no filme *The Misfits* (1961) foi vendido por US\$ 66 mil, o dobro do que foi pedido inicialmente, US\$ 30 mil.

Um sobretudo branco usado pela atriz em 1957 também superou as expectativas, sendo vendido a US\$ 50.400. A previsão inicial era de entre US\$ 15 mil e US\$ 25 mil.

O terceiro lote mais valorizado foi uma agenda pessoal de endereços e telefones usada por Marilyn entre 1960 e 1962, e que inclui cerca de 160 anotações de amigos, restaurantes, estúdios cinematográficos e profissionais da moda e a estética. A agenda foi comprada por US\$ 31.200, o dobro do que se previa.

SETEMBRO

RENATO RUSSO: O FILHO DA REVOLUÇÃO (RENATO RIELLA)

"O futuro não é mais como era antigamente". Eis uma frase para reflexão, feita há 20 anos pelo genial Renato Russo. Pense nisso!

Renato Riella – jornalista e escritor – TRAÇA Arte Cultura e Informação

Todas as faixas etárias, todas as faixas sociais e todas as regiões do Brasil conhecem o autor dessa frase genial (exceto os intelectuais, que vivem às vezes um mundo muito restrito).

Renato Russo, o maior valor cultural produzido em Brasília, tinha a mesma idade da cidade. Isto é: se estivesse vivo, completaria 46 anos no próximo dia 11 de outubro, quando estaremos registrando exatos dez anos da sua morte.

Mas ninguém pode reconhecer como morto um mito que só faz crescer. As gravações do conjunto brasiliense Legião urbana estão sempre as mais tocadas, em todo tipo de rádio (inclusive nas rádios dos intelectuais).

O fenômeno Renato Russo explica-se pela riqueza musical das composições, aliada a um estilo musical das composições, aliada a um estilo próprio de cantar aceito pelos velhos e pelos jovens, num rock reflexivo e maduro. Para valorizar toda a sua obra, destacam-se produções que surpreendem pela irreverência e pela provocação política permanente.

Renato Russo era gênio em tudo. Antes de fazer sucesso como músico, entrou na história ao encostar na parede, na década de 80, o recém-empossado ministro da Agricultura, Delfim Netto, que nunca tinha convivido com a área rural. O jovem repórter de rádio Renato surpreendeu a mídia nacional perguntando a Delfim, numa entrevista coletiva, se ele já tinha visto ao vivo um pé de chuchu. O ministro, sábio, reconheceu que não, dando notoriedade ao jornalista.

Essa face desconcertante é mostrada nas músicas, onde Renato define a sua geração como "os filhos da Revolução, burgueses sem religião", o que explica os desencontros vividos por ele e seus contemporâneos.

É importante chamar a atenção dos brasilienses para a riqueza cultural da obra de Renato Russo, que poderia estar classificado entre os maiores poetas jovens brasileiros, se não estivesse instalado entre os grandes nomes de sucesso da MPB (os intelectuais não aceitam a música como literatura!).

HOMENAGEM

"É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã"

Renato Russo e seu patrimônio musical serão o tema central do Capital Fashion Week este ano, focalizados na decoração do Centro de Convenções, em algumas trilhas sonoras, em lounges e publicações do evento.

É bastante simbólico, pois no dia 11 de outubro deste ano completam-se dez anos de sua morte, sem que o prestígio desse artista falecido aos 36 anos tenha decaído. Pelo contrário, podemos dizer que ele é hoje o mito musical mais valorizado do país, tocando em todas as regiões, todas as faixas etárias, todas as faixas sociais, como se estivesse cada vez mais vivo.

A ligação de Renato Russo com Brasília é muito grande. Embora nascido no Rio e

tendo morado algum tempo nos Estados Unidos, foi aqui que um alto funcionário do Banco do Brasil, Renato Manfredini, se instalou junto com a mulher, a professora de Inglês Maria do Carmo, possibilitando que Renato Manfredini Júnior convivesse com jovens músicos que depois formariam bandas como Capital Inicial, Paralamas do Sucesso e Plebe Rude.

Todos sabem que ele começou tocando numa banda chamada Aborto Elétrico, em 1978, tendo formado a Legião Urbana somente em 1982. Além de compósitor de altíssimo nível, era vocal e baixo na sua banda.

Há muito detalhes interessantes na vida do mito. Seu nome artístico veio de um pseudônimo que criou, chamado de Eric Russel, tirado de três grandes ídolos: o filósofo Jean-Jaques Rosseau, o pintor naif Henry Rosseau e o filósofo Bertrams Russell.

Às vezes, parece que o resto do Brasil valoriza mais Renato Russo do que Brasília. Pode ser mera impressão, mas devemos lutar para que a sua marca seja a cada momento mais forte na cidade onde mora o seu único filho, Giuliano, de 17 anos, já em início de carreira musical própria.

TODAS AS GERAÇÕES – O CONTO BRASILIENSE CONTEMPORÂNEO não pretende ser delimitador de uma fisonomia literária, com DNA, carteira de identidade e outras conformações oficiais e estanques. É, antes de tudo, reprodução da tessitura de várias gerações. Inclui autores que chegaram ainda nos primórdios da construção, outros que vieram durante o processo de consolidação da Capital e uma nova geração, esta representada por aqueles nascidos na cidade, cujas obras já se utilizam do imaginário local. Revela, ainda, diversas experiências estéticas, na pluralidade de linguagens e estilos, que constroem a polifonia literária da cidade.

Todas as Gerações – o conto brasiliense contemporâneo é mais uma picada aberta na tentativa de se perceber, registrar e fixar historicamente a memória da produção literária local, dialogando com diversas tendências e faixas etárias. É a voz dos escritores que escolheram a cidade (e foram acolhidos por ela) para viver e criar realizando uma arte multifária, que oscila entre os grilhões da tradição e do cânone e o terreno ousado das vanguardas, rupturas e experimentações. Esse painel de veteranos e novatos, de premiados ou não, a mostrar a sua cara, simboliza o Brasil e sua diversidade, pois concentra várias estruturas narrativas e explicita a versatilidade temática e formal, na linha do espírito heterogêneo e renovador inaugurado com a Nova Capital; também objetiva comunicar o amplo espaço da imaginação numa cidade em permanente transformação, convidando o leitor a conhecer nossa literatura e, quem sabe, estimular o seu consumo e criar um mercado para os autores locais.

ANDY WARHOL VOLTA A SER CENTRO DAS ATENÇÕES EM LEILÕES DOS EUA

EFE

14 DE NOVEMBRO / 2006 - NOVA YORK - O artista norte-americano Andy Warhol volta a comandar os leilões de arte contemporânea realizadas esta semana em Nova York, nos quais centenas de obras serão postas a venda por um valor de até US\$ 300 milhões.

As casas Sotheby's e a Christie's oferecerão cerca de 70 obras do chamado "rei da pop art", entre as quais se destaca um retrato do líder comunista chinês Mao Tsé Tung, sua pintura mais importante e simbólica que vai a leilão depois de uma década.

Posta à venda na Christie's pela prestigiosa Coleção Daros da Suíça, *MAO* (1972) é uma obra-prima cujo valor está estimado em US\$ 12 milhões.

"A pintura tem uma procedência prestigiosa, uma assombrosa presença e é, literalmente, um ícone do século XX", disse a jornalista Brett Gorvy, vice-presidente e co-diretor internacional do departamento de Arte Contemporâneo da Christie's.

Com ironia, Warhol combina a imagem de um "deus comunista", tal como foi divulgado pelo aparelho propagandístico controlado pelo Governo chinês, com a estética e decadência da cultura de massas dos EUA que tanto marcou sua obra.

Segundo Gorvy, "qual melhor símbolo que esta pintura para nossos tempos, quando a China está se tornando uma das maiores superpotências do cenário capitalista mundial".

Warhol foi um visionário. Estava convencido de que o rosto alheio e ameaçante do comunismo teria, com o tempo, um atrativo inevitável e perverso para o colecionador capitalista.

De maneira profética, o artista chegou a proclamar que "já que a moda é arte e o chinês está na moda, eu poderia ganhar muito dinheiro".

Segundo os especialistas da Christie's, "a aparição desta obra no mercado é notavelmente oportuna, dada a crescente atividade do mercado da arte asiático e a intensa concorrência, além das expectativas, entre os colecionadores em adquirir obras aclamadas dos artistas contemporâneos mais notáveis".

Warhol estava tão fascinado pela mundialmente reconhecida imagem de Mao como estava pelas estrelas e celebridades mais famosas do hemisfério ocidental, como Elvis Presley, Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe. Um dos seus retratos da atriz loira, *MARILYN LARANJA* (1962), também será leilado na Christie's por um valor estimado de até US\$ 15 milhões.

A pintura mostra o rosto de Monroe em um rosa intenso e sobre um fundo laranja - daí seu título -, e foi realizada imediatamente após sua trágica morte, em 1962, como uma representação da diva como produto pré-fabricado da cultura midiática.

A Sotheby's também porá à venda outras obras de Warhol, entre elas um auto-retrato de 1964 que ilustra a fachada de seu catálogo para o leilão de arte contemporânea e do pós-guerra a ser realizada em hoje.

Com um valor estimado entre US\$ 3,5 milhões e US\$ 4,5 milhões, a peça representa um momento-chave na obra de Warhol, isto é, quando o artista descobre a si mesmo como sujeito de suas pinturas. Em conjunto, a Sotheby's e a Christie's leiloarão cerca de 70 obras do rei da pop art por um valor próximo aos US\$ 80 milhões.

Entre 2003 e 2005, os preços das obras de Warhol em leilão duplicaram. No ano passado, seu conjunto de obras em leilão alcançou um preço de venda de US\$ 87,5 milhões, de acordo com artprice.com.

Sua onipresença no cenário artístico de Nova York inclui, além disso, as recentes exposições *MAO*, na galeria L&M Arts, *SKULL AND "HAMMER SICKLE SERIES*, na galeria Perry Rubenstein, e uma retrospectiva na Gagosian Gallery até 22 de dezembro.

(ALEJANDRA VILLASMIL)

POP & ARTE / EFE

MOSTRA REVELA RETRATOS DE ASTROS PINTADOS POR ANDY WARHOL

Exposição "Popstars" exhibe 60 desenhos e colagens do rei da pop art em Viena; metade deles nunca foi vista

23 DE NOVEMBRO / 2006 - Os Beatles, Mick Jagger, Michael Jackson e um jovem Miguel Bosé são algumas das estrelas da cultura pop retratados pelo lápis do artista plástico americano Andy Warhol, que aparecem em uma exposição inaugurada nesta quinta (23) em Viena.

A exposição, intitulada *Popstars*, exhibe no Museu Albertina 60 desenhos e colagens do pai da pop-art, sendo que a metade dos trabalhos é mostrada pela primeira vez ao público.

As obras expostas por Warhol foram elaboradas entre 1975 e 1986, e a exposição pôde ser organizada graças à colaboração da "Andy Warhol Foundation for the Visual Arts", de Nova York.

Com estes retratos se "encena a celebridade" e se parte em "busca de modelos" da sociedade de consumo, na qual a imagem se torna mais um produto, disse hoje o diretor do Museu Albertina, Klaus Albrecht Schroder.

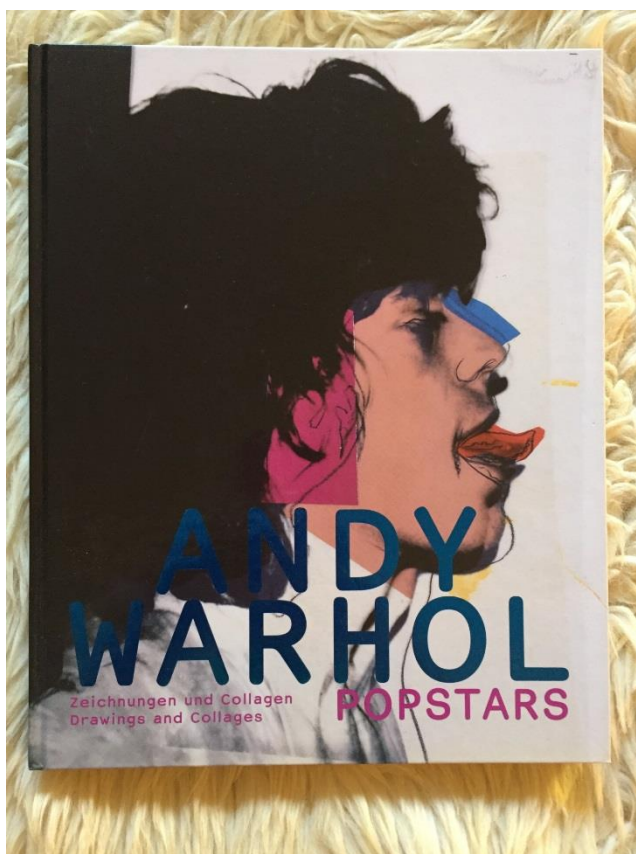
Warhol utiliza seus retratos como um bisturi para revelar a "personalidade do retratado" e se transforma assim no "observador do interior da superficialidade", acrescenta Schroder.

Na exposição também é apresentado o método de trabalho do artista nova-iorquino: ele tirava uma foto instantânea e, com um projetor, capturava a silhueta e os principais traços do fotografado com um lápis.

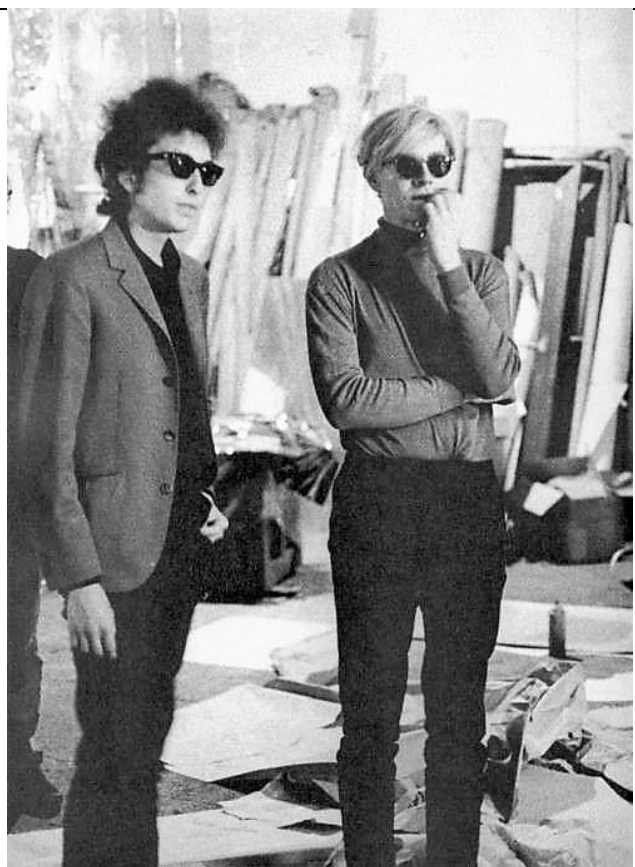
Uma declaração do filósofo alemão Friedrich Nietzsche posicionada no início da exposição resume bem o trabalho de Warhol: "Só o superficial tem profundidade".

Traços simples e colagens coloridas retratam artistas como Liza Minelli, Charles Aznavour, Aretha Franklin, Keith Richards e Gérard Depardieu.

Além disso, se expõe uma ilustração que mais tarde virou a capa do disco *LOVE YOU LIVE*, dos Rolling Stones.







BOB DYLAN QUER IMPEDIR FILME SOBRE EX-ATRIZ DE ANDY WARHOL UOL- (COM INFORMAÇÕES DA AGÊNCIA ANSA)

14 DEZ./ 2006. Bob Dylan pediu aos seus advogados para impedir o lançamento de um filme sobre uma das atrizes de Andy Warhol que, na sua opinião, o difama.

O filme *FACTORY GIRL* conta a história trágica de Edie Sedgwick, uma das modelos preferidas de Warhol. Nos anos 60, Sedgwick estrelou alguns dos filmes do artista norte-americano, como *KITCHEN* e *BEAUTY Nº 2*. Depois de um breve momento de fama, a atriz se viciou em heroína e morreu em 1971 de overdose.

Factory era o nome do estúdio permanente em Nova York onde Andy Warhol produzia suas obras, entre elas pinturas e curta-metragens.

No filme, com Sienna Miller no papel principal, é dado um amplo destaque à história de amor entre Bob Dylan e a moça que, segundo o roteiro, é deixada pelo cantor e mergulha em uma profunda depressão.

No filme o personagem de Dylan é chamado pelo nome de Danny Quinn, mas qualquer um que o assista não tem dúvidas sobre a identidade do cínico amante da modelo. O cantor sempre negou qualquer envolvimento amoroso com a atriz, entretanto, acredita-se que algumas de suas músicas dos anos 60, como "Just Like a Woman", sejam inspiradas em Sedgwick.

Os advogados de Dylan pediram que o filme não seja exibido por ser "difamatório". *FACTORY GIRL* deveria sair nas telas norte-americanas em 27 de dezembro deste ano.

Mais de 30 anos após sua morte, Edie Sedgwick segue como influência para diferentes gerações de artistas pop, especialmente músicos. A banda The Cult gravou no disco *Sonic Temple*, de 1989, a faixa "Edie (Ciao Baby)", sobre a atriz, e o novo grupo inglês The Long Blondes cita o nome de Sedgwick em uma de suas canções, "Lust in The Movies".

SIENNA MILLER NEGA QUE FILME DIFAME IMAGEM DE BOB DYLAN

Cantor teria tentado impedir lançamento do filme.

Produção retrata musa de Andy Warhol que se suicidou aos 28 anos



SIENNA MILLER IN NEW YORK CITY

NEW YORK – NOVEMBER 20: (ITALY OUT, NY DAILY NEWS OUT, NY NEWSDAY OUT) Actress Sienna Miller on location in front of the The Metropolitan Museum of Art while filming *FACTORY GIRL* on November 20, 2006 in New York City. (Photo by Arnaldo Magnani/Getty Images)

DO G1, COM AGÊNCIAS

Sienna Miller em cena de *FACTORY GIRL*

1º JAN. / 2007 – A atriz Sienna Miller negou em entrevista ao jornal britânico *The Observer* que seu novo filme, *FACTORY GIRL*, difame a imagem de Bob Dylan. O cantor teria tentado impedir o



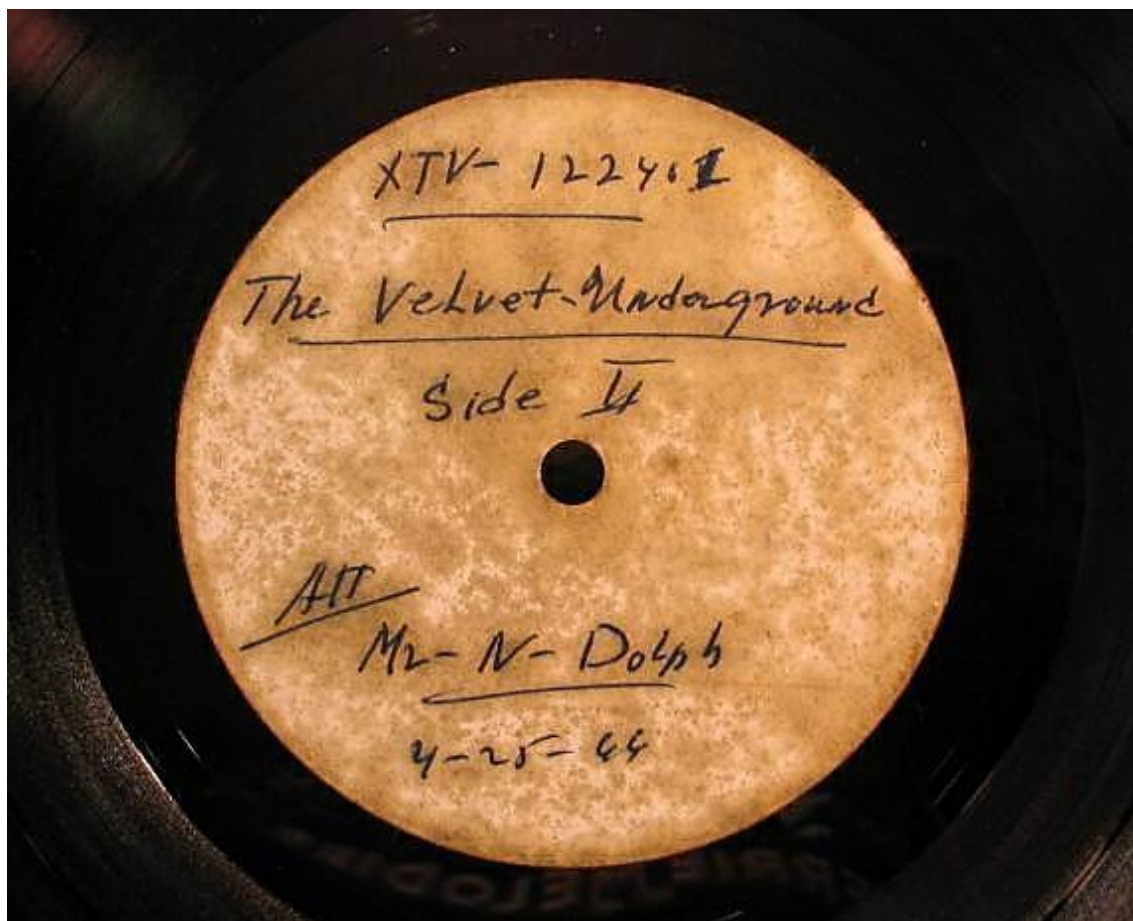
lançamento da produção, que acaba de estreiar nos cinemas norte-americanos em tempo para se qualificar para a disputa do Oscar.

FACTORY GIRL retrata a vida da atriz Edie Sedgwick, musa do artista Andy Warhol nos anos 60 e que teria servido de inspiração para algumas composições de Dylan. Ela se suicidou aos 28 anos.

"Eu sou a maior fã de Bob Dylan. Estou horrorizada por ele ter se enfurecido", disse Sienna Miller ao *Observer*. "Ela [Edie Sedgwick] precisava de ajuda e ninguém a ajudou. Não foi Dylan que a levou ao vício de heroína".

O nome de Bob Dylan não é citado no filme – e sim o do personagem fictício Billy Quinn – mas Hayden Christensen (*Star wars*) apresenta todos os trejeitos do cantor na composição do papel.

O advogado de Bob Dylan enviou uma carta aos produtores de *FACTORY GIRL* afirmando que o personagem é "difamatório".



ACETATO RARO DO VELVET UNDERGROUND ESTÁ NA INTERNET

6 FEV. / 2007 – A história é quase inacreditável: em 2002 (ou 2004, dependendo da fonte), um colecionador de discos canadense chamado Warren Hill procurava raridades num "família vende tudo" em Chelsea, Nova York, quando deparou-se com um LP em acetato no qual que se lia Velvet Underground... 4/25/66... N. Dolph. Sem saber o que tinha em mãos, comprou a peça por 75 centavos de dólar.

Após checar a peça com um amigo dono de uma loja de discos em Portland, Hill percebeu que se tratava de uma raridade e tanto: era a gravação da primeiríssima demo do Velvet Underground, tida como perdida há mais de 20 anos, que o executivo da Columbia Norman Dolph topou produzir em troca de uma obra de Andy Warhol. À época, como é sabido, o Velvet era a banda residente da Factory, a casa-ateliê-balada-porralouquice de Andy. A demo, com algumas músicas a mais, viria a se tornar o seminal álbum *THE VELVET UNDERGROUND & NICO*.

Animado, Warren Hill recusou diversas propostas antes de colocar o disco à venda no site de leilões eBay.com, no fim de 2006. Em poucas semanas alcançou a astronômica marca de US\$ 155 mil – astronômica mesmo, considerando que mais caro que isso só o disco da primeira banda de John Lennon, o Quarrymen, e a última cópia de *Double Fantasy* que ele assinou na vida (a página do leilão ainda está online, clique para ver). Infelizmente (para Hill), o lance era uma brincadeira de um internauta, e o disco teve que ser revendido num leilão secreto em janeiro deste ano, atingindo a marca de US\$ 25 mil. Nada mal para 75 centavos de investimento, de qualquer forma.

Pouco tempo depois, o disco foi parar neste site, para alegria de todos os que querem ouvi-lo mas não tem 25 mil sobrando. As versões de "Heroin", "European Son",

"Venus In Furs" e "I'm Waiting For The Man" são diferentes das lançadas depois, e as outras músicas têm mixagens diferentes. A qualidade, como era de se esperar, não é das melhores, mas como documento da historiografia do rock, vale o quanto pagaram.



ILUSTRADOR DE "SANDMAN" ASSINA A ARTE DO NOVO DISCO DE JOHN CALE DO G1, EM SÃO PAULO

Ex-Velvet Underground lança *CIRCUS LIVE*

Álbum estará disponível em CD/DVD e vinil triplo.

6 FEV. / 2007 - John Cale – conhecido principalmente pela atuação no Velvet Underground, onde tocava baixo e teclado, ao lado de Lou Reed – vai lançar seu novo disco, *CIRCUS LIVE*, no dia 19 de fevereiro. A novidade estará disponível tanto em vinil triplo quanto em CD e DVD com direito a livreto de 48 páginas.

A ilustração da capa do LP – que vem com um pôster – leva a assinatura do renomado ilustrador Dave McKean, responsável pela arte da história em quadrinhos adulta Sandman, de Neil Gaiman. McKean já trabalhou com outros músicos, como Tori Amos e Alice Cooper.

O DVD que acompanha o álbum traz as faixas "Jumbo in tha modernworld" e "GravelDrive (Blathamix)", além de uma nova versão de "Big white cloud" e de sessões de ensaio em Los Angeles contendo faixas acústicas. Os extras reúnem uma entrevista e um vídeo de "Jumbo in tha modernworld".

**JOHN CALE CIRCUS LIVE
RELEASED FEBRUARY 19
AVAILABLE ON DOUBLE CD ALBUM**



WITH BONUS DVD AND 48 PAGE COLOUR BOOKLET, & 3LP VINYL IN GATEFOLD SLEEVE WITH GIANT POSTER AND FREE COLLECTORS 7" WIN CIRCUS LIVE ARTWORK SIGNED BY JOHN CALE

To celebrate the forthcoming release of the 3 disc album *CIRCUS LIVE*, we're giving you the chance to win signed, framed artwork, in association with Amazon. The artwork is a limited edition print of a special collage created by cult Artist Dave McKean which features as a centrepiece to the stunning *CIRCUS LIVE* artwork. For your chance to win this fantastic art piece, framed and signed by John Cale click here. To explore the artwork, with it's many references to John's career, just click on the image below.

CALE AT THE MOVIES...

Did you know that the new Ray Liotta/Ben Affleck film, *Smokin' Aces*, features John's classic track Big White Cloud, from the 1970 album *Vintage Violence*? John has recorded a brand new 2007 version of Big White Cloud which is featured on the bonus DVD that forms part of the *CIRCUS LIVE* CD package.

UK AND EUROPEAN TOUR UPDATE

Several shows have been added and rescheduled in recent weeks, so here is a definitive list of the remaining dates on John's UK and European tour.

For all the latest news and updates www.john-cale.com

19 DE FEVEREIRO – ULTRA VIOLET



RUBENS GERCHMAN

NO CORAÇÃO DO TROPICALISMO

DIÁRIO DO NORDESTE – FORTALEZA/CEARÁ

Rubens Gerchman, inaugura hoje na Multiarte a exposição *PINTURAS E OBJETOS*

13 MARÇO / 2007 – A arte ao encontro do cotidiano. Concursos de miss, a sinalização das cidades, trânsito, elevadores, operários da construção, desempregados, jogadores de futebol, uma ou outra personagem da crônica policial como uma fetichizada

‘Virgem dos Lábios de Mel’. Elementos trabalhados na série Caixa de Morar e em outras tantas da obra de Rubens Gerchman, um artista plástico que participou ativamente dos principais momentos do movimento tropicalista, ao lado de nomes como Hélio Oiticica, Antonio Dias, Rogério Duarte, Lygia Clark, Lygia Pape, Carlos Vergara, Agripino de Paula, quase todos eles ‘injustiçados’ como Ivan Serpa e Wesley Duke Lee.

Também famosa, além da personagem de José de Alencar, a capa do ‘Tropicália ou Panis et circensis’ e a ‘Bela Lindonéia’, verdadeiros marcos do Tropicalismo. Ou a série de palavras em fórmica sobre madeira, alguns deles presentes nesta exposição na Multiarte. Pinturas em acrílica e óleo sobre técnica que ainda tentavam adaptar-se ao formato mais tradicional das exposições, mesmo em uma mais transgressora como a ‘Opinião 65’, transformada em mais um happening pelo ‘anárquico’ Hélio Oiticica. ‘Ele não pôde entrar porque a Carmem Coutinho disse que preto não entrava no MAM’. Vinte e nove anos depois, conforme conta Waly Salomão no *HÉLIO OITICICA – QUAL É PARANGOLÉ E OUTROS ESCRITOS*, seria a vez do curador holandês Win Beeren espantar a ‘negrada’ aos gritos de ‘sua’ Bienal.

Para Gerchman, ‘apesar de ser um movimento que não tenha resolvido nada’, o Tropicalismo retoma ideias de Osvald de Andrade e dos modernistas de 22, sendo caracterizado também por uma tomada de posição política. ‘Dentro do engajamento possível, ele tinha uma pitada anarquista também’, diz, alegando a necessidade de ampliar o leque de referências quando se fala no movimento. Contemporâneos de rupturas como o Maio de 68, o Cinema Novo, a música de Gil, Caetano, Tom Zé, Mutantes, os boicotes a bienais, os painéis como ‘Loucura e Cultura’, eles assistiram Gerchman também criar e dirigir a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. ‘Artes visuais, não só plástica’, ressalta, entre muitas outras considerações em nome do futuro. ‘A escola não teve continuidade, apesar de formarmos muitos novos artistas, amalgamando muitos outros. Então, o legado do Tropicalismo são essas utopias, essa inquietação’.

SERVIÇO:

Abertura da exposição ‘Rubens Gerchman: pinturas e objetos’ – Hoje, para convidados, a partir de 20h, na Galeria Multiarte (Rua Barbosa de Freitas, 1727, Aldeota). Visitação aberta de amanhã a 7 de maio, de terça a sexta-feira, das 14 às 20h. Amanhã, a partir de 19h, Rubens Gerchman conversará com os artistas locais. Agendamento de visitas escolares: 3261-7724.

FIQUE POR DENTRO

QUEM É RUBENS GERCHMAN

Ter convivido com os nomes de peso das décadas de 60, 70 poderia ser suficiente para satisfazer qualquer interessado em artes plásticas. Foram poucos, no entanto, que fizeram a escolha de integrar, como artista, esse grupo diversificado. Um dos corajosos foi o pintor Rubens Gerchman, que apresenta a exposição Rubens Gerchman: Pinturas e Objetos, na Galeria Multiarte.

Carioca de 1942, Gerchman começou, ainda menino, pelas mãos do pai desenhista, a pensar por imagens. Frequentou a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro entre os anos de 1959-1961, quando aproximou-se do ateliê de gravuras de Adir Botelho. Cinco anos depois estava dirigindo uma exposição de Hélio Oiticica na Galeria G-4, em São Paulo. Chegou também a integrar, entre outras, as mostras Tropicália e Nova

Objetividade Brasileira – quando expôs Lindonéia, obra síntese do tropicalismo dos anos 1960.

Gerchman não chegou a sofrer, diretamente, as consequências do AI-5, pois estava no Estados Unidos. Lá, intensificaram-se as relações do pintor com outras linguagens: ele criou a capa do disco *Panis et circensis* e o pôster do filme *Copacabana*, me engana, de Antônio Carlos Fontoura. A partir da metade de 70, Gerchman volta ao Brasil e assume a direção do antigo Instituto de Belas Artes, transformando-o em Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A mente inquieta se volta para o cinema, e produz, nesse mesmo ano, o filme *Mira*, o imigrante, em homenagem ao pai.

Depois de algumas viagens mais extensas, o pintor se depara com o convite de Lina Bo Bardi para criar um mural de azulejos para o Sesc Pompéia em São Paulo. E no final da década de 80 lança o primeiro livro sobre seu trabalho, com textos do crítico de arte Wilson Coutinho. Depois dessa produção editorial, vieram mais duas: *Double Identity*, em 1993 e *Caixa de Fumaça*, em 2002. Sobre ele, Fábio Magalhães lançou, ano passado, o *Rubens Gerchman*, pela Lazuli Editora em parceria com a Companhia Editora Nacional.

O pintor hoje se divide entre Rio e São Paulo, pois mantém, em cada cidade, um ateliê.

ENTREVISTA – RUBENS GERCHMAN

A ARTE AO ENCONTRO DO COTIDIANO

"Evidentemente que a arte se limitou, os espaços ficaram muito mais restritos. E tem agora a geração digital, muito mais rápida" (Foto: **NEYSLA ROCHA**)

Um dos principais representantes da arte visual tropicalista, Rubens Gerchman, 65, expõe pela primeira vez em Fortaleza. 'Até vim para a exposição de esculturas efêmeras organizada pelo Sérvulo Esmeraldo, há uns 15 anos, mas minha obra acabou sem ser montada', comenta. Hoje, 16 pinturas atuais (2005/6) e a histórica 'Lou', de 1975, além de cinco objetos (dois deles representativos do neoconcretismo brasileiro: 'Lute' e 'Ar'), recebem convidados da galeria Multiarte para minimizar essa inacreditável defasagem. Cuidadosamente montados pelos amigos Max Perlingeiro e Maria Beatriz Castelo Crispino, os trabalhos podem ser vistos entre vídeos sobre a obra do artista carioca, um dos mais importantes em atividade no País. Uma estrutura que o surpreendeu e incluindo até uma belíssima plotagem fotográfica de um de seus ateliês, servindo de moldura para a projeção dos filmes e para cenário do bate-papo de Gerchman (nome de ascendência judia ucraniana),



amanhã, com a classe artística da cidade. A seguir, ele faz algumas outras considerações sobre sua arte, óleos e acrílicas de grande intensidade criativa, com texturas e cores vibrantes e que não perde seu vínculo com o cotidiano, entre beijos, carros, bicicletas e outras figurações anônimas, abençoadas por duas tropicalíssimas iemanjás.

Hoje, a sua intenção de comunicação, esse contato com o público que era uma busca daquela geração, esse direcionamento ainda é o mesmo?

Não, eu seria mentiroso... Não é o mesmo, mas eu mantenho esse canal aberto. Quer dizer, uma vertente do meu trabalho continua querendo que a obra seja conhecida não só por algumas pessoas. Mas, infelizmente, estabeleceu-se uma outra coisa. A nova geração é muito mais pragmática do que a gente, os colecionadores são caras exclusivos, querem ter obras únicas, mas sempre que eu posso, faço uma pequena tiragem do meu trabalho, ou via obra gráfica ou via objetos que eu tiro até oito cópias e tal. Agora, evidentemente que a arte se limitou, os espaços ficaram muito mais restritos. E tem agora a geração digital, que é muito mais rápida, então eles estão pelo mundo inteiro, viajando para tudo que é exposição. Então, é uma geração que cultua a personalidade, mas também quer ser conhecida. E eles estão muito mais conhecidos que a gente.

E essa realidade muda a sua produção?

Não, os jovens sabem que houve alguma coisa estranha nos anos 60, mas eles ainda não conhecem totalmente. Conhecem pelos livros, com linguagens simples. Eu acho que a formação continua, agora como espaço que a gente ocupa, eu acho que têm outras pessoas que até ocupam mais. A intenção sofre as mudanças da época, devido ao mercado, antes não se vendia tanto. Mas minha forma de lidar com isso continua a mesma, no sentido de não pegar ícones importantes, sempre preferindo a realidade dos anônimos, antes de um país meio rural, e hoje mais urbano. Meus heróis eram anônimos do cotidiano.

Hoje o que mais lhe intriga na linguagem da arte como um todo?

Eu acho que uma coisa belíssima da nossa época, que me interessa muito, primeiro, o barateamento das fontes de comunicação, você tem livros sobre qualquer assunto de arte hoje, muito bem impressos, com preços mais baixos. A gente estuda em reproduções em preto-e-branco... Hoje há uma democratização da cultura. Eu acho que é a primeira vez que os artistas podem viajar pelos séculos. Porque eu sou artista do final do século, e estou de observador na janela, mas vejo que maravilha é poder viajar através dos séculos, nesta viagem mais compreensiva por qualquer artista, em livros, DVD, internet. Ninguém pode dizer que é ingenuidade, a pessoa não conhece só porque não quis se informar.

E a arte brasileira vai ocupando seu espaço, ainda por vocês?

Também, muito suavemente, mas é mais pela outra geração. Eu acho que tenho uma cotação internacional acho que muito aquém... Tudo bem, faz parte. Mas tem gente jovem caríssima.

Como você sente isso?

Eu aceito, acho legal. Estou torcendo que seja cada vez mais, eu acho que isso tudo depois caminha como um todo. Mas tende a aparecer também uma geração nova de

negociadores de arte, que viajaram muito, foram para feiras de arte, outro grande fator de divulgação, muito mais do que as bienais.

Mas se a gente citar como exemplo um Romero Brito, um cara que nos últimos 20 anos apareceu com muito estardalhaço, mas que a gente nota que não existe uma história...

Eu acho que ele está em outro mercado, ele é um artista gráfico, um publicitário, ele não tem essa atuação que a gente tem, nem pretende, eu acho. Ou talvez ele almeje fazer parte desta plêiade de artista, mas ele, infelizmente, não tem história. Nem no Brasil, nem fora. Eu sei que ele coloca obras porque ele tem muita inclinação econômica.

Ainda tem lugar para se construir essa história hoje no mundo, podem acontecer ainda movimentos?

Eu acho que não, serão sempre esforços de mercado. Você vê um cara como o Romero Brito que é um cara até mais bem sucedido do que outros que estão inseridos em um contexto, fazendo parte de um movimento, possivelmente de renovação... Ou de uma determinada região que durante muito tempo estava reprimida e de repente apareceu um grupo de artistas...

Você encara isso naturalmente?

Não, eu acho que não é nada natural, é o poder econômico. O Romero Brito é um produto. Uma coisa Disney, da publicidade...

Falta uma alma, que a gente vê na força desses trabalhos...

É, e isso eu faço um a um, o Romero Brito pinta dez por dia, e ele agora tá também combinando com técnicas de multiplicação. Outro fenômeno mais interessante é a fotografia. A foto está substituindo a pintura. Uma ampliação fotográfica pega vinte mil dólares. Quando é que você podia pensar que o Thomas Farkas, o Roberto Maia ou o Walter Firmo, o Walter Carvalho, aqueles pioneiros da fotografia no Brasil, com seus pequenos 30x40, 18x24, poderiam ser vendidos por vinte mil dólares. O Man Ray vendeu por cento e cinquenta mil dólares, mas Man Ray é um ícone maravilhoso da arte.

Por falar em ícones, quem eram os seus? Nas artes e na literatura, na palavra, na filosofia?

São muitos, lá atrás Caravaggio e tal... Depois, Goya, Velásquez. Aí chega nos impressionistas, que a grande figura do Monet, Cézanne, Van Gogh, tudo isso é importante, é história. Picasso, Matisse, que é uma coisa muito especial. Depois chega Brancusi, em tanta gente... Depois, me apaixonei pelo construtivismo latino-americano do Torres-García, mais do que Mondrian, resultando no neoconcretismo carioca e na série 'Caixa de Fumaça', que expus há alguns anos... Também o foi para Ligia Clark, Amílcar de Castro, outras influências maravilhosas na minha vida. Na filosofia, a gente era encucado com Sartre, e fui ler recentemente e acho que ficou muito datado. Mas sempre fui muito ligado à poesia dos modernistas brasileiros e franceses. Agora, filosofia, só para pegar um que faleceu agora, o Baudrillard, que pensou o hoje, fez uma reflexão sobre a realidade, o modelo, a réplica, esse mundo digital todo que está aí. E os frankfurtianos, Eco, tudo isso foi muito importante pra nós. Na palavra, também fui muito marcado pela poesia do Armando Freitas Filho, de quem fiz as capas de seus livros. Ele praticamente me ensinou o que era literatura.

Mas Baudrillard é meio complicado (risos). Ele fala que no final a realidade desaparece, então é bom o artista continuar no seu canto, é uma atividade anacrônica, meio jurássica. Quem resolver pintar hoje, tem que dizer que ele vai pegar uma vida toda de trabalho e não espere grande coisa... Faça seu trabalho, agora, até descobrir uma linguagem, tem muita água passando debaixo... E o pessoal não tem tempo, eles querem uma coisa imediata. Eu acho que as facilidades do mundo digital são uma tentação. Eu acho que poderão ter coisas híbridas... Agora, uma coisa que eu acho que está muito esquecida é o desenho. Eu acho que nesse caldo todo, quem tiver uma ligação com o desenho, vai ter uma ferramenta a mais. E eu tenho trabalhado muito com fotografia digital, gostaria de trabalhar com cinema, mas depois para fazer a parafernália eletrônica exige uma pequena equipe. Mas também fui marcado pelo cinema, via muitos filmes de vanguarda na Cinemateca do Rio.

A sua primeira coleção de jóias, como a série 'Caixa de Fumaça', também reflete muito intimismo mnemônico. Como foi envolver-se com esta técnica?

Eu tive um prazer estético muito grande porque eu descobri a cor das pedras brasileiras. Eu não sou um grande desenhista de jóias, mas eu gostei de misturar, descobrir... Dependendo sempre de um ourives porque montar jóia é uma complicação danada. Mas eu gostei muito de pegar pedras brasileiras brutas. Eu estava na Bahia, e de repente botavam umas 500 pedras na mesa e eu ficava brincando com aquilo, acabei fazendo bocas, brincos... Mas não eram pedras lapidadas no último estágio, tinham um lado meio bruto. Talvez por causa dessa vontade de botar junto, fazer uma assemblage, o artista é um brincoleur, pega pedacinhos de coisas e tal... **HENRIQUE NUNES – REPÓRTER**

2007 – 10 DE ABRIL



TELA DE ANDY WARHOL É VENDIDA POR R\$ 135 MILHÕES EM NOVA YORK

DA FRANCE PRESSE, EM NOVA YORK

17 MAIO / 2007 - O quadro de Andy Warhol "Green Car Crash (Green Burning Car 1)" foi arrematado ontem (16) em Nova York por cerca de R\$ 135 milhões, valor que se aproximou do recorde de obra contemporânea mais cara vendida em leilão, conseguido ontem por uma tela de Rothko.

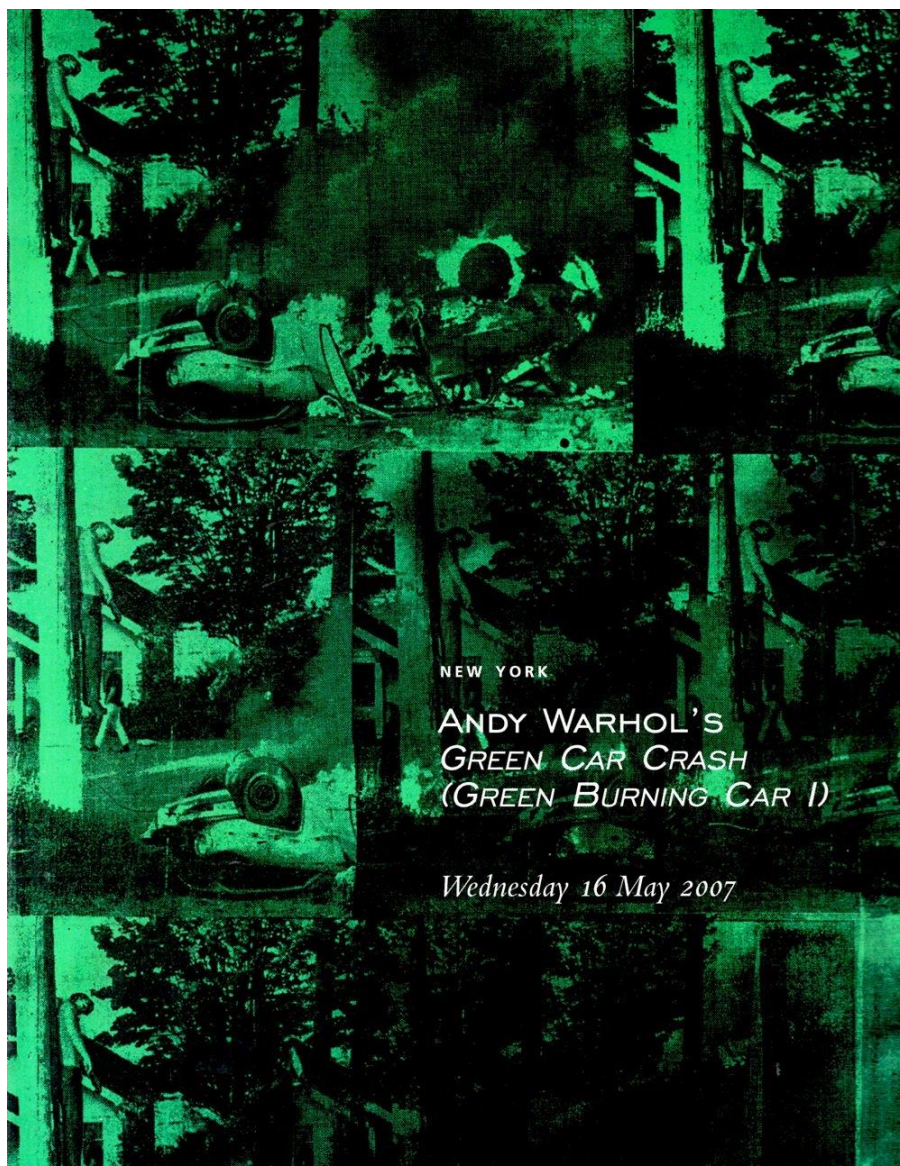
A obra é o registro de um terrível acidente, com um carro em chamas. O corpo do motorista, que foi projetado devido ao impacto, aparece em primeiro plano, cravado num poste, mas ainda vivo.

O que torna a imagem ainda mais mórbida é a figura de um homem que passa pela cena, com as mãos nos bolsos, aparentemente sem perceber o horror do outro lado da calçada.

Há 30 anos com os mesmos proprietários, a obra de 1963 rompe a marca anterior de Warhol, que era de R\$ 33 milhões com "Mao". Na época, o comprador foi um milionário de Hong Kong.

Na terça-feira, a tela *WHITE CENTER (YELLOW, PINK AND LAVENDER ON ROSE)*, de Mark Rothko, foi vendida por cerca de R\$ 138 milhões, na Sotheby's, em Nova York, um pouco menos do que o valor pago hoje pelo trabalho de Warhol

Quadro de Andy Warhol GREEN CAR CRASH (Green Burning Car 1)" foi arrematado em NY



FILME EXPÕE INTRIGAS DA FACTORY

FOLHA DE S. PAULO – SILAS MARTÍ (COLABORAÇÃO PARA A FOLHA)



DOCUMENTÁRIO SOBRE AMANTE DE ANDY WARHOL RELEMBRA A ROTINA CONTURBADA DO ESTÚDIO DO ARTISTA

Vencedor do Teddy mostra fortes críticas de integrantes da Factory a Warhol



O Cineasta Danny Williams na Factory

16 NOV. / 2007 – Num filme sobre a vida de seu tio, a cineasta norte-americana Esther Robinson expõe as entranhas da Factory, célebre estúdio de Andy Warhol, e revela um mundo em que as pessoas se destruíam para sobreviver. Os protagonistas estão ausentes: Warhol morreu em 1987, e Danny Williams, tio da diretora e amante do artista, desapareceu em 1966.

Telefonemas entrecortados, 'barulhos de fundo e imagens desfocadas são o fio condutor de uma trama que dá voz aos coadjuvantes do glamour.

Mais do que um documentário sobre o desaparecimento e a filmografia obscura de um dos tantos habitantes da Factory, *DESAPARECIDO: DANNY WILLIAMS NA FACTORY DE WARHOL* estreia de Robinson na direção, vencedor do Teddy de documentário neste ano (2007) em Berlim e em cartaz em SP no Festival Mix Brasil – dá contornos humanos a contos desbotados do underground de Nova York.

O grupo dos "glitterati", que ardeu sob a ditadura de anfetaminas e purpurina de Warhol, hoje lembra com amargura de ter vivido sempre à sombra de quem, a julgar pelos relatos do filme, nunca foi tão genial quanto pareceu.

"Imagine que tudo o que você fez virou Andy Warhol. Pense que, pelo resto da sua vida, só queiram falar com você sobre Andy Warhol. Ninguém quer saber de você, querem saber dele", disse a diretora à Folha, por telefone, de Nova York.

Ela conta que tentou iluminar por outro ângulo a história apagada pelo sensacionalismo de livros e revistas sobre a época, que anularam a identidade própria desses personagens.

Eles ficaram à margem da personalidade magnética de Warhol, suas crises e peculiaridades, junto do poder de sua arte, Paul Morrissey, Edie Sedgwick, Billy Name, Brigid Berlin (Brigit Polk), Nico e o Velvet Underground são alguns deles. Agora, todos querem um pouco da sua individualidade de volta.

"O Andy era muito limitado. Não foi autor de nada. Era inseguro demais, aceitava qualquer sugestão", disse Paul Morrissey, produtor dos filmes de Warhol, à Folha "Ele era vazio. Era psicologicamente incapaz de fazer qualquer coisa."

No documentário, Morrissey aparece falando sobre sua relação com Williams, com quem disputou o poder no estúdio.

HIERARQUIA NA FACTORY

"Era um duelo de forças", lembra John Cale, guitarrista do Velvet Underground, que testemunhou uma briga física entre Morrissey e Williams nos bastidores de um show em Chicago. "No fundo, eram todas pessoas incompletas, que encontravam na Factory um papel que não encontravam na sociedade, mas era tudo drama. A vida era uma performance."

Brigid Berlin (Brigit Polk), que aparece em *CHELSEA GIRLS* injetando anfetaminas, diz que o modo de Warhol demonstrar amor era perguntar se o amante da noite anterior "tinha pau grande".

A briga pelo poder e atenção dentro da: Factory revela esse lado sombrio de Warhol. "Todo mundo amava Andy e ele manipulava todo mundo para amá-lo", lembra Danny Fields, produtor musical, em seu depoimento. "Mas era óbvio que ele transava com Danny, porque ele nunca precisava dar explicações, justificar nada."

O tio da cineasta foi amante de Warhol no auge de sua carreira. Ganhou uma câmera de presente e foi viver na casa do artista, despertando o ciúme de outros integrantes da Factory. Entre 1965 e 1966, Williams fez 20 filmes que jamais saíram de lá e agora aparecem em trechos do documentário de Robinson.

VAZIO

Com versões dissonantes da mesma história e verdades colocadas em dúvida, Robinson diz fazer um filme sobre a "não lembrança", um relato sobre a última atitude do tio, que escapou da Factory para desaparecer para sempre.

O filme começa e termina com uma vista do mar e a paisagem vazia do precipício onde foi encontrado o carro de Williams. Em seus diários, Warhol refere-se a ele apenas como o "eletricista de Harvard".

DIRETORA FAZ ACERTO DE CONTAS TARDIO CÁSSIO STARLING CARLOS – CRÍTICO DA FOLHA

Homenagem sincera ou ressentimento vingativo? A ambiguidade domina o projeto de Esther Robinson em *DESAPARECIDO: DANNY WILLIAMS NA FACTORY DE WARHOL*, que tira do limbo o personagem-título, tio da diretora.

Não é apenas uma operação nostálgica familiar, Danny Williams foi amante de Warhol e registrou, em pequenos filmes, imagens do grupo reunido em torno do ícone da pop arte, com destaque para as primeiras apresentações do Velvet Underground.

Só o fato de restaurar e apresentar este material já agregaria valor ao trabalho de Robinson. Além disso, a diretora indaga vários sobreviventes do grupo, operação que traz à tona a personalidade agressiva e manipuladora de Warhol.

Em certo sentido, trata-se de uma estratégia de culpabilização pela morte e esquecimento de um familiar, marcada por um sentimento questionável e movida pela intenção de abalar um mito.

Neste acerto de contas tardio, a diretora devolve ao tio um lugar público importante e recoloca em circulação uma memória afetiva e estética plena de significados. (CSC).

MORRE O ARTISTA PLÁSTICO RUBENS GERCHMAN

J.F. DIÓRIO/AE – ESTADO DE S. PAULO

ARTISTA FALECEU EM DECORRÊNCIA DE TIPO RARO DE CÂNCER.

29 JANEIRO / 2008 – SÃO PAULO – O artista plástico Rubens Gerchman faleceu às 6 horas desta terça-feira, 29, no Hospital Einstein, em São Paulo, em decorrência de um tipo raro de câncer. O velório será realizado no Einstein e o corpo será cremado ainda nesta terça no Cemitério de Vila Alpina.

Rubens Gerchman nasceu em 10 de janeiro de 1942 no Rio de Janeiro e vivia em São Paulo desde meados de 2003. Ligado a tendências vanguardistas como a pop art e o happening, conquistou em 1967 o prêmio de viagem ao estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna, que o levou a viver até 1972 em Nova York.

O artista foi co-fundador e diretor da revista de vanguarda *Malasartes* (1975-1976) e dirigiu com sucesso a Escola de Artes Visuais – INEART do Parque Lage, no Rio (1975-1979). Entre 1979 e 1980, incentivado pela bolsa da Fundação Guggenheim e premiado na *BIENAL IBERO-AMERICANA*, trabalhou nos Estados Unidos e México, onde deu aulas na Universidade Nacional.

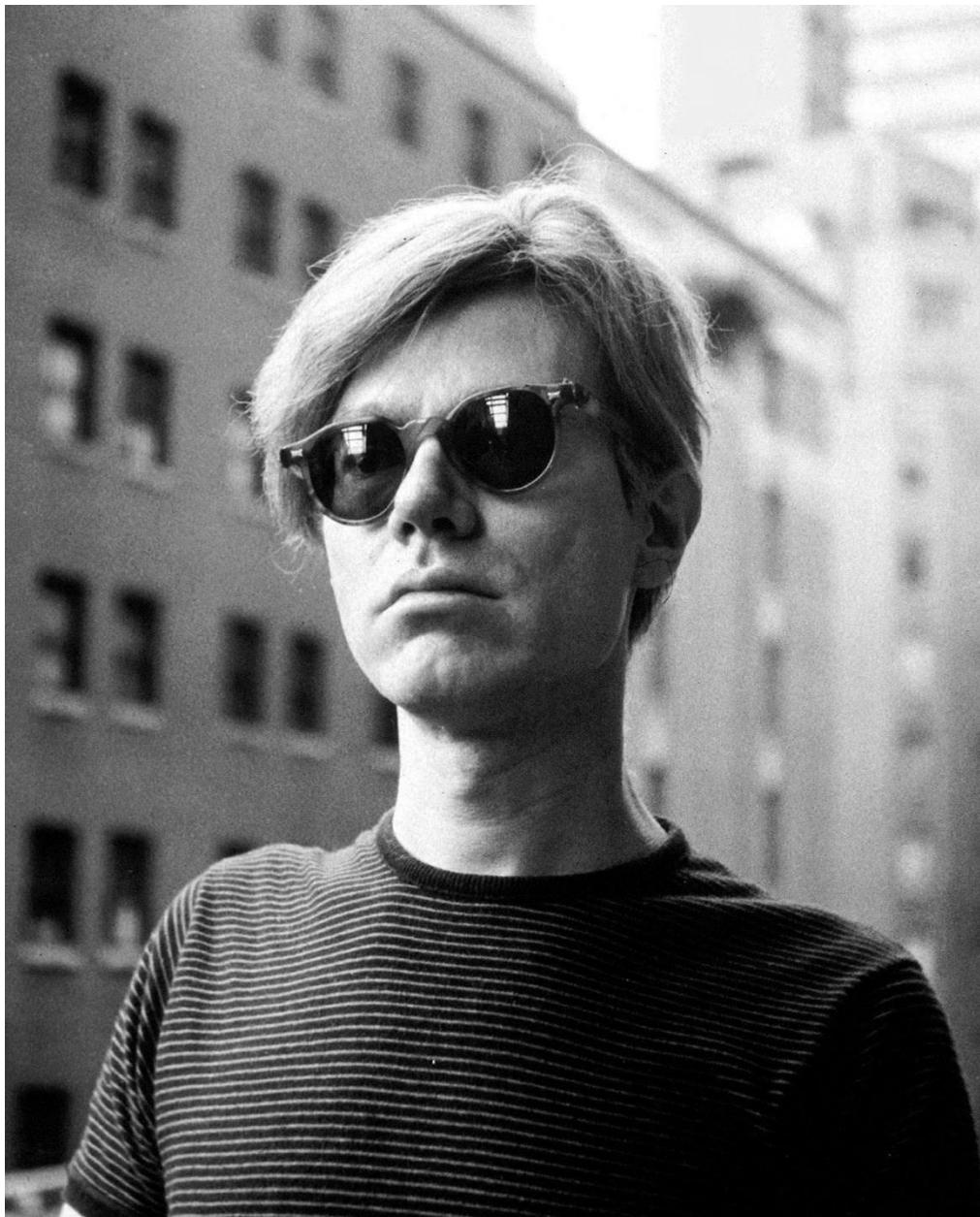
Premiado em Bienais no Brasil e no exterior, tinha participado de inúmeras exposições individuais e coletivas, e possui obras em coleções e museus do mundo.

LEAVE WARHOL ALONE

He was as famous for his colourful life as he was for his art. So why are films about Andy Warhol always so bad? Jonathan Jones on wigs, myths and freaks

JONATHAN JONES – THE GUARDIAN – THU 14 AUG 2008

The talking heads are remembering speed and heroin, Rotten Rita and Ondine. It wasn't Danny's lighting that made the *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE* unforgettable, says one of them, it was my coloured projections. Someone else recalls fighting over cables. Over the reminiscences, silvery monochrome footage shows a pale wraith in an immaculate wig in a loft papered with aluminium foil. There's a soundtrack that sounds a bit like the Velvet Underground, but isn't (that, presumably, would be too expensive). Even the feedback seems half-hearted.



It feels like a terrible waste of time to have sat through two new documentaries about Andy Warhol's Factory, and I say that as a dedicated Warhol fan. I have, in my time, read much of his book *A, a Novel* – no more than a transcript of taped chatter by

Factory inhabitant Ondine – and I do not regret it. I've been moved by his paintings of plane crashes and nose jobs, and I don't take back a single tear. I think Warhol was a great artist. But at this point I'd rather gaze at the Empire State building for eight hours than see another biopic or documentary that claims to recreate the strange and mysterious world of his New York studio.

There is a startling amount of Andy Warhol in recent cinema, and too much entirely about the people who surrounded him. It's not surprising, of course, and Warhol only has himself to blame. He would go and be interesting. Most artists live adventurous lives – being an artist is itself an adventure – and yet few have created as much drama around themselves as Warhol did. The son of poor Slovakian immigrants who barely spoke English, he was physically ugly, gay in a straight age, and drew with competence but nothing you would call genius. But Warhol turned himself into a prophet of modern life, who presided over a beautiful and grotesque alternative community, the Factory, that simultaneously parodied and invented the 1960s.

He turned from painting to cinema and from cinema to homespun philosophising, and, when he died suddenly in 1987, he left behind a perhaps insoluble mystery about who he really was: the cold manipulator of "superstars", or the devout churchgoer who secretly helped out in New York soup kitchens? The bland observer of celebrity, or the tragic painter of death? There is, I still think, a great film to be made about this consciously strange individual. Unfortunately, none of the endless production line of Factory films even comes close to, or dreams of, overturning the stupidest, most discredited myths about Warhol and his New York.

Was he cold, remote, cruel? Some books say not, but who cares? Not the screenwriter or the documentary maker trying to interest backers and producers. In recent years, art historians have uncovered several unexpected Warhols in the copious archives he kept. There is Warhol the friend of poets, whose early associates in the New York avant garde were all serious writers; there is Warhol the religious artist, whose apparently sincere and deep Christianity was only revealed after his death by his friend John Richardson. But these alternative Warhols don't cut it with film-makers convinced that audiences like their avant garde as inhuman as possible, to reassure them that in the end it's better to be a suburbanite than one of those weird artists.

It started just four years after Warhol's death, with Oliver Stone's 1991 film *The Doors*. Admittedly that film didn't do as much harm to Warhol as it did to its hero Jim Morrison, who – it's hard to remember now – was actually quite cool, until Stone turned him into a clunking American monument. Anyway, Jim meets Andy in New York and the pop guru gives him a telephone. Someone gave it to him to talk to God, the bland Warhol explains, but he can't think of anything to say. The Lizard King can, the film implies.

It wasn't much of an appearance but it did set a tableau religiously adhered to by film-makers ever since: put your actor in a wig, cover his face with white powder, give him something inane to say, and then contrast him with more manly and hearty representatives of the counterculture. That's exactly how Warhol is played by Guy Pearce, in the recent Edie Sedgwick biopic *FACTORY GIRL*. Here his rock antithesis is Bob Dylan, who actually did loathe Warhol, and was his rival in 1960s Manhattan.

At least Dylan is an interesting character – or should be – to set against Warhol. Increasingly, in the Warhol cinema factory, the artist is just a shadowy figure behind the foreground comings and goings of the misfits and wannabes who were drawn to his studio. This tendency began with Mary Harron's 1996 work *I Shot Andy Warhol*, a

biopic of Valerie Solanas, author of the Scum Manifesto (Scum being the acronym for Society for Cutting Up Men), and attempted Warhol assassin. Unless you think artists deserve to be shot, it's hard to see why Solanas deserved this degree of attention – although Harron's is one film that does try to be realistic about 60s New York, instead of just morbid. Since it was made, however, an army of also-rans in the Warhol story have come out of hiding (in some cases literally). Watch these films and you soon get to know Chuck Wein, Billy Name, Brigid Berlin ((Brigit Polk)) and a host of lesser hangers-on. It can't be long before "I was a mouse under the Factory floorboards" gets greenlighted.

Warhol's Factory was a rolling tableau of bohemians and freaks whose casualty rate was high, but not high enough to save filmgoers from a new wave of reminiscence-mongers. Wein, who in *FACTORY GIRL* is portrayed as a stylish young Harvard graduate, appears in Esther Robinson's forthcoming documentary *A Walk Into the Sea* – a greyed hippy talking about his own screenplay – working title, *Edie, Andy and Chuck*.

In another new documentary, *Face Addict*, the fashion photographer Edo Bertoglio revisits Manhattan from the small Italian town where he now lives, to remember and reconnect with the people he knew there as a participant in the new wave scene in the late 1970s and early 80s. These were the years when, after a period of conservatism and caution following his shooting by Solanas, Warhol once again played a central part in avant-garde New York, befriending young artists such as Jean-Michel Basquiat, and musicians like Debbie Harry.

Warhol hovers in the background of *Face Addict* like a hidden god; the sensationalism of *FACTORY GIRL* is replaced by a reverence so deep that Walter Steding, a punk violinist whom Warhol once managed, is filmed with an adoring respect for every detail of his existence. All the people in the film, with the exception of a brief appearance by Debbie Harry, are bit players in the story of Andy Warhol's New York.

On the other hand, *A Walk Into the Sea* tells the story of the director's uncle, Danny Williams, a boyfriend of Warhol and resident of the Factory who vanished in 1966, apparently drowning himself off the New England coast. What really happened to Danny? The evidence that Danny Williams was damaged by the poisonous atmosphere at the Factory is comprehensive. The people Warhol attracted, says John Cale in the documentary, were not so much damaged as "incomplete".

And that's how the film feels, how all these films feel. They delve into the details of New York's cultural past yet none of them can tell us why we should be interested. There is one question every film-maker needs to ask him or herself before embarking on a Warhol project: do you admire him as an artist? Does his work mean anything to you personally? Because if you don't see more in Warhol than his fame, why waste your time and ours?

The trouble with all these films is their assumption that art happens elsewhere, long ago, to bizarre characters. Art, if it matters, is about your life and mine. One day someone will make a film that actually tries to imagine being Andy Warhol, or Danny Williams. Until that leap is made, the Factory will remain about as worthwhile on screen as an encounter with some old drunk in the East Village who claims to have seen Warhol, once, across a crowded room.

A WALK INTO THE SEA is released on August 17. *FACE ADDICT* is released on August 22.

MORRE MERCE CUNNINGHAM, O REINVENTOR DA DANÇA CONTEMPORÂNEA DA FRANCE PRESSE, EM NOVA YORK

27 JULHO / 2009 – Segunda-feira. O coreógrafo Merce Cunningham, considerado um dos grandes nomes da dança contemporânea, morreu em Nova York aos 90 anos.

"É com grande pesar que informamos o falecimento de Merce Cunningham, que morreu serenamente em sua casa durante a noite por causas naturais", declarou a Fundação Cunningham Dance Foundation e a Merce Cunningham Dance Company em seu comunicado conjunto.

Na nota oficial, as duas instituições elogiam a contribuição artística de Cunningham, afirmando que ele "revolucionou as artes visuais e do palco, não por ser meramente iconoclasta, como também para alcançar a beleza e o assombro de explorar novas possibilidades".

Em sua cadeira de rodas, o lendário coreógrafo continuou dirigindo até seus últimos dias no West Village sua própria companhia, fundada em 1953 como um laboratório do movimento aberto à inovação e experimentação.

Apelidado de "Einstein da dança", Cunningham dinamizou a partir dos anos 50 os passos do balé: o dançarino não se deslocava mais em função do centro da cena, ele próprio era o centro.

"Ao contrário do dançarino clássico, considero todos os movimentos possíveis e não componho me baseando no centro da cena", explicava.

Cunningham libertou a dança da música, do cenário, da narração, criando peças onde "a dança se apoia apenas nela mesmo, sem a dominação de uma arte sobre a outra. A relação entre estes elementos é totalmente livre".

A inesgotável coragem imaginativa do coreógrafo, que enfrentou durante muito tempo vaias e incompreensão do público, se expressou através do conceito dos *Eventos*. Ele apresentava todo ou parte do espetáculo com a ordem, a duração das sequências, o número e o papel dos dançarinos distribuídos ao azar.

"Eu adoro o estresse do acaso. As propostas que ele traz te obriga a descobrir o que você não conseguia", dizia.

Nascido em 1919 em Centralia, no Estado de Washington, Cunningham estudou balé em Seattle antes de ser solista na companhia da pioneira da dança moderna norte-americana Martha Graham, entre 1939 e 1945.

Em 1944 aconteceu o encontro que marcaria sua vida pessoal e artística, ao realizar um primeiro espetáculo individual com música do compositor John Cage, que viria a ser seu parceiro até a morte deste último quase meio século depois, em 1992.

A Merce Cunningham Dance Company, que ele fundou em 1953 no Black Mountain College, uma comunidade de artistas na Carolina do Norte, possibilitou que realizasse um trabalho com pintores prestigiosos: Robert Rauschenberg assinou o cenário de *Summerspace* (1958), Jasper Johns o de *WALKAROUND TIME* (1968). Além deles, trabalhou com Andy Warhol em *RAINFOREST* (1968).

Cunningham se apresentou diversas vezes na França, país que o condecorou Oficial da Legião de Honra em 2004. Ele continuou dirigindo sua tropa até sua morte, de sua

cadeira de rodas, e anunciou em junho o lançamento de uma turnê mundial de dois anos.

Contínuo inovador, Cunningham introduziu nos anos 70 novas tecnologias em suas criações, colaborando com videomakers como Charles Atlas e Eliott Kaplan.

Nos anos 90, o patriarcal rompeu outra barreira, utilizando um artifício digital de simulações de movimentos, "Lifeforms", para compor suas coreografias como "Biped" em 1999.

SEPTET (1953), *RAINFOREST* (1968), *UN JOUR OU DEUX* (1973), *DUETS* (1980) estão entre as 200 coreografias deste artista que amava também desenhar e fazer teatro.

"EL PAIS" — Você trabalhou durante muito tempo com os músicos John Cage e David Tudor. Como acontece o trabalho entre músicos e bailarinos?

MERCE CUNNINGHAM — Os dois são excelentes compositores e escreveram muitas músicas para a companhia. O trabalho se realiza de forma independente. Isto é, eles fazem a música e os bailarinos executam a coreografia. Mas ocupamos a mesma duração de tempo. A música não serve de suporte para a dança. A música tem suas sequências e os bailarinos as suas, de modo que o compositor não segue os bailarinos. Uma coisa não é suporte da outra, mas as duas atividades acontecem ao mesmo tempo.

*** FOLHA DE S. PAULO, 7 AGO. / 1990.**

2009 – 15 DE AGOSTO



7 DE SETEMBRO

MUSEU EXIBE MATERIAL GUARDADO POR ANDY WARHOL EM 610 CAIXAS

SILAS MARTÍ DA FOLHA DE S.PAULO

No verão de 1974, Andy Warhol decidiu mudar seu estúdio para um prédio no outro lado da rua, da Union Square West para uma esquina da Broadway. Queria juntar no mesmo piso as obras e objetos que já ocupavam três andares do ateliê que deixava para trás – o mesmo onde levou tiros calibre 32 no baço, estômago, fígado, esôfago e nos pulmões disparados pela atriz Valerie Solanas, num atentado em 1968.

Sobreviveu e, seis anos depois, quis abrir uma nova Factory, nome que dava a seus estúdios. Não queria estranhos mexendo nas coisas e determinou que seus assistentes pessoais teriam de carregar tudo para o novo endereço. Então um deles, Vincent Fremont, desceu à rua e voltou com centenas de caixas modelo 42 F da A & A Carton Company.

"Disse que as caixas poderiam ser como cápsulas do tempo, e o Andy gostou muito disso", lembra Fremont, que dirigiu a Factory por 20 anos. "Ele passou a ter sempre uma caixa perto da mesa dele e jogava tudo dentro. Fez isso até morrer."

Caixa com itens dos anos 60 e 70, que inclui jornal com manchete da morte do presidente John Kennedy, catálogos e convites



De 1974 a 1987, quando Warhol não sobreviveu a uma cirurgia na vesícula, conseguiu encher 610 caixas com tudo que passou na sua vida: desenhos, anotações, convites, fotografias, até restos de comida.

Agora o Museu Andy Warhol, em Pittsburgh, contratou quatro arquivistas para catalogar tudo que foi encaixotado pelo maior nome da pop art e pretende lançar neste mês um blog para destacar, semana a semana, os tesouros de Warhol.

Tem um pôster autografado de Jackie Kennedy nua, cópias assinadas de livros de Tennessee Williams, Truman Capote e Allen Ginsberg. Um pedaço embolorado de um bolo de casamento, pão mofado, pastilhas de menta. Cartas de Elizabeth Taylor e Arnold Schwarzenegger, convites para a festa de inauguração do Studio 54.

"Andy guardava tudo e todos os tipos de coisas, de envelopes vazios ou nunca usados a grandes cartas de celebridades", conta Matt Wróbian, arquivista do museu. Ele deve passar os próximos seis anos mergulhado nas pilhas de caixas, tempo que deve levar para inventariar o que sobrou da vida de Warhol.

É como se o artista que fez do escrutínio da condição de celebridade o mote central de sua obra agora virasse vítima da própria lógica, uma estrela fetichizada um tanto em vida e cada vez mais depois da morte.

Nos inventários dos itens de algumas caixas, obtidos pela Folha, estão instruções detalhadas para preservar até mesmo um pedaço de pão num embrulho plástico, já invadido por insetos que devoraram parte das sobras. Também foram contadas as balas Altoids esquecidas em várias embalagens – estão nas caixas 171 e 227.

Esse cuidado obsessivo se sustenta na visão de parte do entourage do artista, que vê o conjunto de suas cápsulas do tempo como obra. Ele mesmo considerava, como escreveu em seus diários, que essas caixas poderiam ser trabalhos em si. Pensou até em vender algumas delas, mas não conseguia se desfazer de quase nada.

"Encaramos mesmo isso como obra de arte, um trabalho em série, com 600 partes", diz Wrbican. "No diário, ele falava em vender isso tudo, só que às cegas, já que o comprador não poderia olhar o que estava na caixa antes de levar para casa."

OBSESSÃO PELO COMUM

Warhol nunca foi em frente com a ideia porque gostava de acumular tudo, num colecionismo voraz de fragmentos do tempo, índices banais da época. "Ele não conseguia jogar nada fora", lembra Wrbican. "Andy gostava de tudo em grandes quantidades, não comprava um de nada, eram sempre dez, adorava ter muitos múltiplos de múltiplos", completa Fremont.

Mesmo das coisas sem valor. Warhol tinha obsessão pelo comum, a coisa qualquer, e gostava mais ainda se fosse algo que não era vendido. Roubaa talheres de trens e aviões, fazia estoques de caixinhas de fósforo quando ainda eram distribuídas nos voos da Air France.

"Era um processo de documentar o seu tempo, a cultura em que ele vivia, as pessoas que conhecia", descreve Fremont. "É um momento congelado no tempo, um pedaço dos anos 70 e dos anos 80 que vai durar enquanto houver essas caixas, como num mapa do passado."

Fremont também acredita que os índices reais da vida ardida de Warhol possam esclarecer algumas questões e desmontar mitos que surgiram em torno da Factory e os excessos de purpurina e anfetaminas.

Se essa mitologia apagou parte do discurso, também ressalta uma contradição. "Ser fascinado pelo que já foi é diferente de ser fascinado por algo que existe agora", diz Christopher Makos, fotógrafo que trabalhou com Warhol e registrava suas viagens pelo mundo. "Andy era conhecido por ser do momento, queria ver o último filme, ouvir o último disco. Nem ele entenderia esse fascínio de agora por seu próprio passado."

E o passado de Warhol ofusca o presente dos que sobreviveram à Factory. Makos deve sua carreira fotográfica aos registros que fez do artista e até hoje é chamado para expor retratos e trabalhos daquela época.

Já Paul Morrissey, que produziu os filmes de Warhol, se ressentia de ter sido sempre relegado a um segundo plano nos créditos. Ele vê na história das caixas uma metáfora triste da personalidade de Warhol. "Ele era uma caixa vazia e usava seu nome para apresentar o trabalho dos outros", diz Morrissey.

Mas não importa para a história e seus fetiches. "Só existe um Andy", diz Peter Wise, outro assistente do artista. "Da mesma forma que só existe um Elvis ou um Deus."



Christopher Makos

ANDY WARHOL, INSIDE THE LIFE OF AN ICONIC POP ARTIST AND HOARDER

BY ALL THAT'S INTERESTING

MAY 28, 2014 - Long before YouTube, Facebook or even MTV's genre-spawning "Real World," when Andy Warhol coined his now-prescient phrase "fifteen minutes of fame," he believed that technology and culture would merge to deliver everyone a moment of personal superstardom. But he couldn't have known that some people would earn their notoriety by exposing the misery and sickness of living in chaotic clutter.

Nevertheless, it's doubtful Andy would have been shocked by a TV show like today's "Hoarders." In his own life, Warhol also seemed to blur the line between collecting and compulsive squirreling away. The man who multiplied Marylins, Judys and English Monarchs for public consumption through New York Factory-made silkscreens, amassed a mountain of what he simply called "stuff" in his own four-story East Side townhouse and nearby storage.

In stark contrast to the chaotic atmosphere in Warhol's famed Factory, where he often created artwork while members of his drug-addled entourage of drag queens, drifters and other hangers-on watched, the front parlors of Andy's home were comparatively tidy and tastefully decorated. But behind those walls, other rooms were packed to capacity.

The public learned the extent of Warhol's hoarding habits after he died in 1987, leaving behind urban digs that were a world unto themselves, filled with disparate collections of airplane menus, unpaid invoices, pizza dough, pornographic pulp novels, grocery store fliers and stamps. Warhol had 600 boxes filled with used plane tickets, souvenirs, newspapers and other ephemera that he had been collecting since 1973.

Warhol called them cardboard “Time Capsules”, seeing the boxes more as an artistic pursuit than he did signs of potential illness. The boxes are now housed at the Andy Warhol Museum in the artist’s hometown, Pittsburgh, where their contents are periodically put on display.



Andy Warhol Hoarder - Source: Blogspot



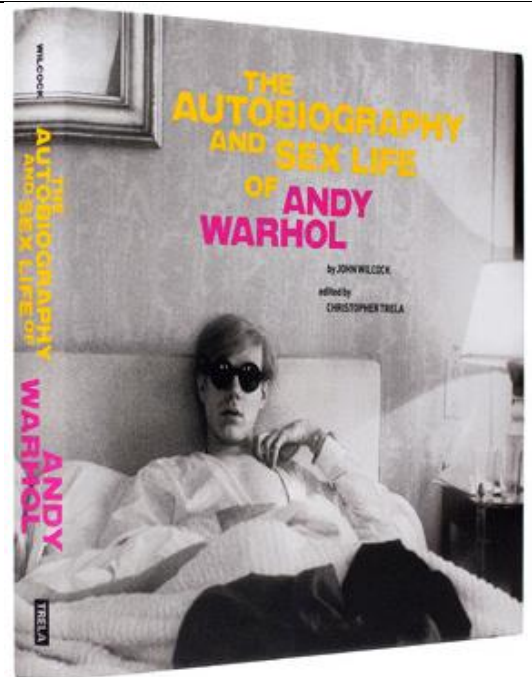
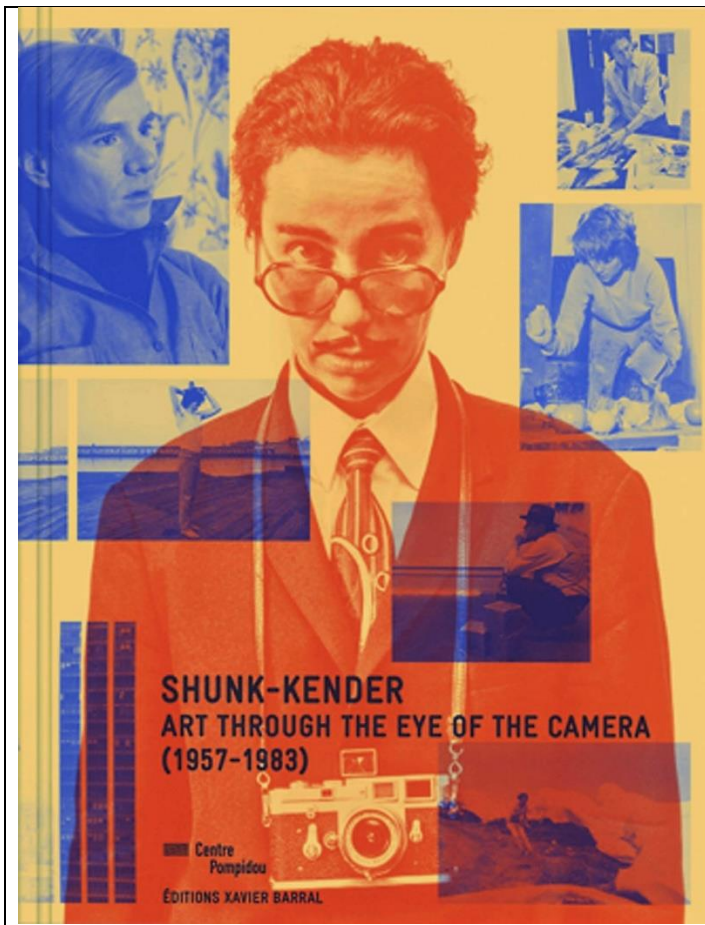
Andy Warhol Hoarder Cataloging Time Capsules - Source: Boston Globe

But Warhol, probably best remembered for turning a Campbell's soup can into art, left behind instructions for other flotsam and jetsam to be sold and raise money for the Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, which would serve as the pop artist's estate and funding source for emerging artists.

Incredibly, it took a year for Sotheby's auction house in New York to research and catalog everything—artwork, clothing, precious gems, decor, even Warhol's 1974 Rolls-Royce Silver Shadow and a mummified human foot from Ancient Egypt that he might have found at a flea market.

With obvious appeal to other collectors (or hoarders, as the case may be), the auctioned items also included high-end examples of Federal-era furnishings, Art Deco furniture and silver, important postwar art and American Indian artifacts in what was billed "one of the largest and most diversified holdings ever auctioned at Sotheby's."



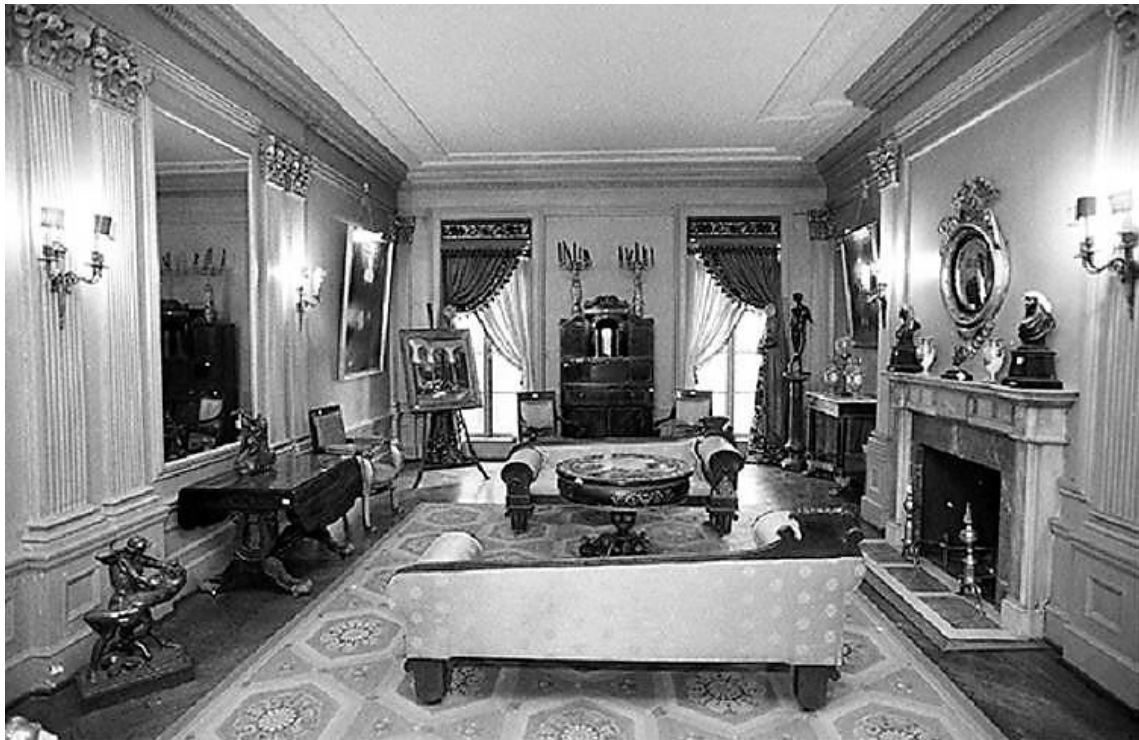


ANDY WARHOL, INSIDE THE LIFE OF AN ICONIC POP ARTIST AND HOARDER

BY ALL THAT'S INTERESTING

PUBLISHED MAY 28, 2014

By the numbers: items included 313 watches, 57 Navajo blankets, 210 Bakelite bracelets, 1,659 pieces of Russel Wright pottery and 170 chairs. But the pièce de résistance focused on by the press was a collection of 175 kitschy cookie jars in the shape of dogs, pigs, houses and pandas. They alone sold for nearly a quarter-million dollars, mostly to one bidder. A particularly coveted grouping fetched \$23,100, breaking the record at the time for a lot of cookie jars sold at auction.



Andy Warhol Uncluttered Room

Andy Warhol's townhouse. Source: Sotheby's

More than 10,000 items in 2,526 lots went on display to the curious public before the auction, causing people to line up to see and perhaps acquire a little piece of Andy. According to Sotheby's website, the auction house hoped to hit \$15 million in proceeds; the sale raised \$25 million.

The Andy Warhol Museum was able to reunite about 300 of the items for an exhibition in 2002 and the world may continue to see signs of Andy's hoarding for years to come. Last year, The New York Times published a lugubrious story about another New York artist, photographer Harry Shunk, whose work created with his partner János Kender, is part of the Metropolitan Museum's permanent collection.



Andy Warhol Shunk Kender Photo

Source: The Metropolitan Museum of Art

After splitting with Kender in the 1970s, Shunk became a recluse and spent the rest of his life in his West Village apartment that he stuffed with various objects for many decades. When he died in 2006, more than a week had elapsed before his decomposing body was discovered upside down and trapped by stacks of his possessions.

Salvage efforts were hampered by the sheer mass accumulated inside. Workers had to remove the door in order to get inside, and anything deemed valuable was taken to be sold. A cleanup guy named Darryl Kelly was hired to get the rest of the apartment back in shape. Most of it went into a dumpster.





Darryl Kelly with one of his discoveries. Source: Gall Art

Kelly told the Times that items were “piled to within a foot of the ceiling. I had to send a skinny man in there to climb up over it to the window.”

After finishing their work, Kelly and his brother-in-law Gregory Marsh made a last-minute decision to grab a few things out of the trash when they saw other people going through it. What he pulled out of the detritus languished in a SoHo storage locker for several years before Kelly got curious about what he might have.

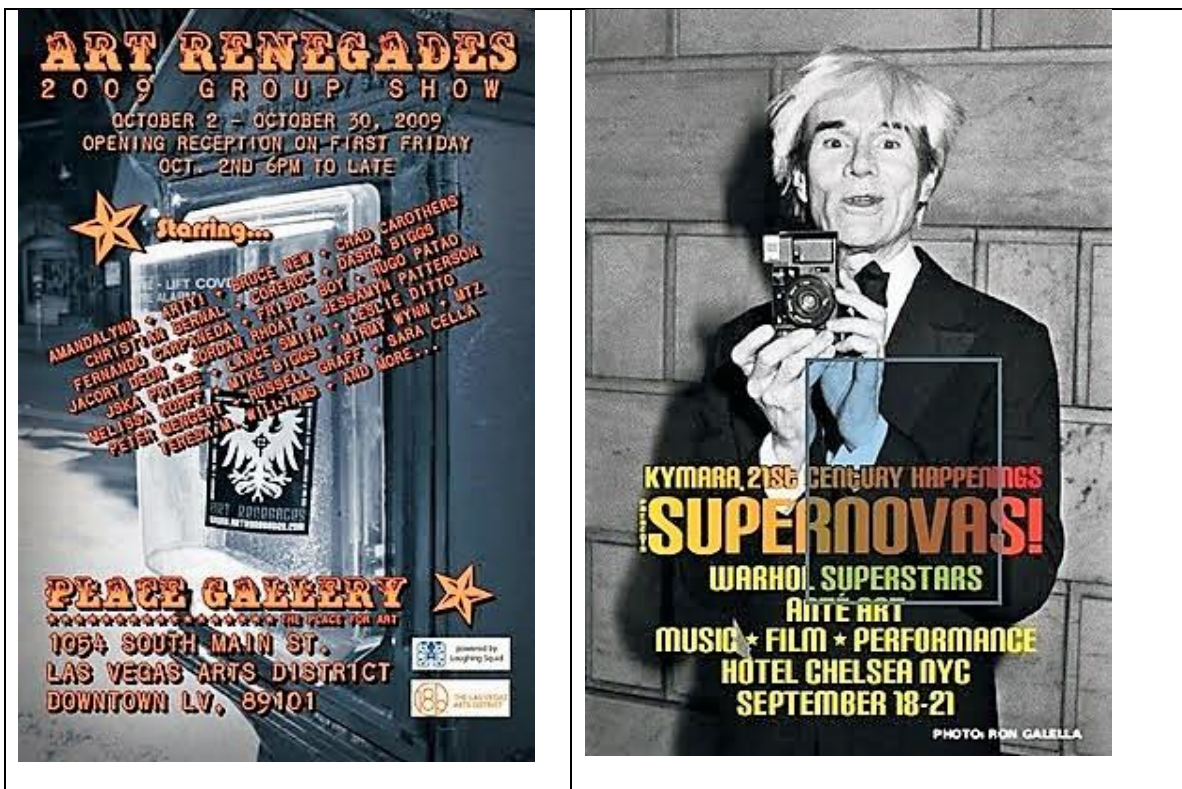
When Kelly finally had the items examined by an art professional in 2012, the former rubbish was deemed to be worth a small fortune. Among three-dimensional maquettes by Christo, photographs of artist Yves Klein and prints by Paul Jenkins were some pieces by Andy Warhol, including a lithograph of Marilyn Monroe in hot fuchsia.

Today, Warhol’s images are among the most expensive artworks ever sold, with one commanding \$105 million last year. The cleanup man is now set for life, all because he hoarded his collection for years, not knowing what sort of treasure trove he had.

OUTUBRO EXPOSIÇÃO ANDY WARHOL "SUPERNOVAS" E ART RENEGADES

Trabalhos de Fernando Carpaneda
e HOOP na Exposição Supernovas
Os Superstars de Andy Warhol





Fernando Carpaneda estará expondo em Las Vegas com o seu grupo Art Renegades (Renegados da Arte) na Place Gallery que fica localizada no Las Vegas Arts Distric em downtown. A exposição acontecerá de 2 a 30 de Outubro.

Ele envia também um video da exposição *Supernovas* com os artistas da The Factory do Andy Warhol. "Supernovas" teve a proposta de reunir artistas consagrados historicamente e alguns artistas emergentes (The Ante Art Movement!) selecionados pela curadoria.

Fernando Carpaneda foi o único artista brasileiro selecionado para o evento.

Entre os artistas que participaram do evento estavam: Ultra Violet, Billy Name, Lee Black Childers, Jayne County, Bibbe Hansen, Allan Midgett, Louis Waldon, Justin Drew, Robert Munn, Sara Cook e vários atores dos filmes de Andy Warhol.

O evento fez parte da serie *Modern Masters: Andy Warhol* realizado pela BBC.

21ST CENTURY HAPPENINGS PRESENTS SUPERNOVAS! WARHOL SUPERSTARS & THE ANTE` ART MOVEMENT

Billy Name, Kymara Lecchi-Lonergan, Milo Rock, Robert Munn, Sara Cook, and Miestorm Pierre Q. Serpent Invite you to join us.

... As we magically transform the Art Space at The Historic Chelsea Hotel, 222 West 23 RD Street, NYC...into a Silverized Celebration of The Warhol Superstars and The Ante` Art Movement!!!!

Food and Drink by Cafe Bocca and Hudson Valley's Finest Food and Beverae Producers!

Music! Whores's Mascara (Billy Name won't let them escape!) Introducing. The Historic Ixion Burlesque... Albert Garzon's Fabulous Cabaret Show!!!! Featuring Ixion

burlesquers Cici James (a/k/a Sophia Berlin), Mademoiselle Lena (a/k/a Venus Velour) and of course Albert Garzon.

*****We are pleased to welcome the BBC who will be filming for their series, *Modern Masters: Andy Warhol* and filming *Screen Tests!******

Art Film! Performance!

Featuring The Warhol Superstars

Billy Name (godfather of Ante` Art) Ultra Violet, Mary Woronov, Allan Midgette, Robert Heide, Bibbe Hansen, Louis Waldson, Ivy Nicholson, Walter Steding, Penny Arcade... The list keeps growing!!!!

also featuring...Our wonderful friend David Dalton!!!!

NEW WORKS BY ANTE` ARTISTS...

ROBERT MUNN AND SARA COOK

THE INCOMPARABLE JAYNE COUNTY

RICK LONGO-BURROWS

CHRISTOPHE von HOHENBERG

COCO DALTON

PHILIPPE LAURENT

JOHN SCRIBNER

ROBERT THE

FERNANDO CARPANEDA

and more!!!!!!

We are also very excited to welcome The Fashion Design and Work os Justin Drew!!!!!!" Special Film Screening of *ANDY WARHOL'S FACTORY PEOPLE!*

DVDS of this documentary will also be available...

WE ARE PLEASED TO HAVE PLANET GROUP ENTERTAINMENT AS A SPONSOR FOR THIS EVENT !"

TIME WAITS FOR NO ONE

"Conheci todos os artistas vivos da The Factory semana passada inclusive a



Ultra Violet que não apareceu na abertura, mas por conta do destino me encontrei com ela no último dia do lado de fora da galeria por conta de um atraso da organizadora e, conversamos. Algumas atrizes não aceitam tirar fotos - www.fernandocarpaneda.com

2010

AN INTIMATE DOCUMENTARY ABOUT THE FABULOUS CANDY DARLING

Documentary about Candy Darling the Beautiful Transgender enigma that was a staple at Andy Warhol's factory which had three different locations between 1962 and 1984. The original Factory was on the fifth floor at 231 East 47th Street, in Midtown Manhattan. Candy also starred in many of Andy's films and was in "SMALL CRAFT WARNINGS" a play by Tennessee Williams.

Lou Reed even wrote "Take a Walk On The Wild Side" about Candy and Holly Woodlawn"

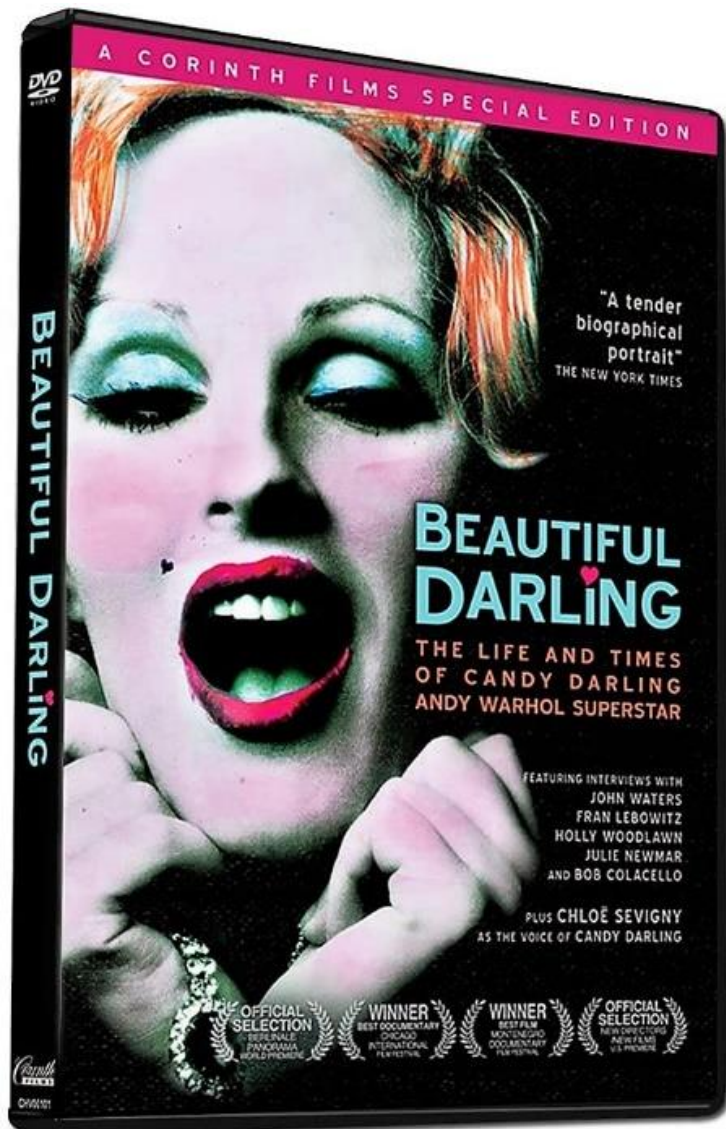
It's a very intimate look inside the life of Candy who was worshiped and adored by the avant garde crown in NYC during the late 60's and early 70's up until her untimely death an age 29 in 1974.

Rare interviews, Pictures commentary from the people who knew her best and more. it's quite tragic but at the same time she really 'Lived" and didn't waste a second of what time she did have.

Always conflicted about her body and who and what she was. Also who and what other people would think she was, although she made no attempt to hide the fact that she was indeed a pre op Transsexual, that was her meal ticket, that's what set her apart from all the other beautiful women in New York, she was fabulous and all eyes were on her. She loved and craved the spotlight but at the same time she wanted to have a husband and a family like any other woman.

Most wanted to gawk at her. She was so beautiful and so feminine that people especially men became so infatuated with her but she never knew if they really liked/loved her or the "novelty" that was Candy Darling.

A feeling I knew all too well.



"I will not cease to be myself for foolish people. For foolish people make harsh judgments on me. You must always be yourself, no matter what the price. It is the highest form of morality."



30 DE MARÇO – NOVA IORQUE: BILLY NAME ANTE ART SUPERSTARS

FERNANDO CARPANEDA

Nova Iorque – As obras do grupo Billy Name Ante Art Superstars e os famosos Andy Warhol Superstars vão estar em exibição na mostra Jáyne County's Mád Teá Párty, Sex! Art! Music!, a ser realizada na EP" 7 Extra Place, antiga galeria do famoso CBGB, na Bowery Street em Nova Iorque, entre os dias 9 e 11 de abril, num happening de três dias.

Numa sessão de fotos históricas, filmada por Anton Perich no Chelsea Hotel em Nova Iorque, Billy Name (+) anunciou os nomes dos artistas selecionados oficialmente para fazerem parte do grupo Billy Name Ante Art Superstars.

Cada artista foi escolhido por sua reconhecida contribuição para a cena underground e importância na contracultura.

Billy Name, cujas fotografias seminais refletiram a cultura e o estilo Andy Warhol Silver Factory, nos 60s, está se tornando rapidamente reconhecido como o padrinho e mentor de uma geração de artistas visuais e músicos, que são influenciados pelos avant-garde dos 60s. Billy Name criou o design da The Factory.

Os artistas que fazem parte do grupo Billy Name Ante Art Superstars são Milo Rock, Fernando

Carpaneda, Miestorm Pierre Q. Serpent, Kymara Lonergan, Ruby Lynn Reyner, Jayne County, Anton Perich, Ian Couch, Prairie Prince e Billy Name.

Artistas convidados para o evento: Mary Woronov, Christopher Makos, Mick Rock, Christopher Lynch, Gazelle, Louis Waldon, Walter Steding, Gorman Bechard, Eric Danville, The Floydian Device, Dave Street and CO, Amanda Burns e Mark La Falce.

ALGUNS DOS ARTISTAS QUE FAZEM PARTE DA EXPOSIÇÃO

Miestorm é o famoso bartender da Studio 54, mais conhecido como “Lenny 54”. Confirmam o filme Studio 54, sobre a vida do bartender. Miestorm é ator e artista plástico. Mais informações no site oficial Andy Warhol Superstars.

Recentemente Mick Rock trabalhou com as estrelas Kate Moss, Michael Stipe, Johnny Marr, The Yeah Yeahs e The Chemical Brothers. Em 2003, aconteceu uma retrospectiva no Tokyo Metropolitan Museum of Photography. Segue link do vídeo do David Bowie com colaboração de Mick Rock, que esteve na exposição Looking at video, no MoMA! –

moma.org/interactives/exhibitions/2008/lookingatmusic/bowie.html.

A pintora Mary Woronov é atriz e participou de filmes e seriados, que incluem *AS PANTERAS*, *DEATHRACE 2000 – 1975*, *ROCK’N’ROLL HIGH SCHOOL – 1979*, *EATING RAOUL – 1982*, *SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN BEVER...LY HILLS – 1989*, *THE NEW WOMEN – 2001*, dentre outros.

warholstars.org/indfoto/maryworonov.html

Ruby Lynn Reyner teve um documentário realizado pela HBO ano passado. O documentário *Finishing Heaven* será exibido durante o evento. Ruby é atriz e vocalista da banda punk Ruby and The Rednecks. Ela fez vários shows com Patti Smith nos 70s. Segue link da revista Live com fotos do lançamento do filme.

life.com/image/91032691



1986 – with fan Catherine Guinness and Christopher Makos photographer

Christopher Makos é um dos artistas que participam da exposição. Makos esteve recentemente da Exposição *Pop Life*, na Tate Modern.

flavorwire.com/44847/pop-life-at-tate-modern

Louis Waldon, ator de vários filmes de Andy Warhol, participa da exposição. Seu filme mais famoso é

LONESOME COWBOYS (1968), que mostra a famosa cena de estupro de Viva. Ela diz que foi realmente estuprada pelos dois atores, e Andy Warhol foi investigado pelo FBI por isso causa disso. Waldon além de ator é artista plástico.

warholstars.org/indfoto/ilouis.html

Anton Perich é um dos pioneiros na arte digital. Entre 1977/78, ele projetou e construiu uma máquina de pintura elétrica – precursora da impressora jato de tinta / scanner. Em 1979, fez sua primeira exposição *electric paintings* na Shafrazi Tony Gallery, em Nova Iorque. Anton foi fotógrafo da revista *Interview* de Andy Warhol.

Os seus trabalhos fazem parte da coleção do Andy Warhol Museum, em Pittsburgh, da Andy Warhol Foundation e da Robert Mapplethorpe Foundation, em Nova Iorque. Em 1978, ele fundou a Revista *Night*, que circula até hoje, e mostra pinturas, fotografias, poesias, ficção, ensaios, entrevistas etc.

SEIS MESES DEPOIS A TELEVISÃO POP DE ANDY WARHOL CHEGOU AO BRASIL



A TELEVISÃO POP DE ANDY WARHOL

POR EURICO DE BARROS

26 DE JULHO / 2010 - Lisboa. Inaugura-se hoje às 19.30, no Museu Coleção Berardo, *WARHOL TV*, sobre a faceta menos vista e divulgada da obra de Andy Warhol: a sua produção televisiva, entre 1979 e 1987.

Andy Warhol adorava televisão, consumia-a abundantemente, a toda a hora. E gostava de televisão popular, a do prime time e das grandes audiências, listando séries como *THE BRADY BUNCH*, *DINASTIA* ou *I LOVE LUCY* entre as suas favoritas. Em 1985, até se interpretou a si próprio num episódio de *O BARCO DO AMOR*.

Mas um artista como Warhol não se podia limitar apenas a ver televisão. Também a queria fazer. A valer. Entre 1979 e 1987, ano da sua morte, e apoiado numa pequena equipa liderada pelo seu amigo, colaborador e produtor Vincent Fremont, Andy Warhol fez vários programas de televisão, parte deles exibidos em tempo de antena comprado ao canal de cabo novaiorquino Manhattan Cable TV Channel 10.

É uma selecção destes programas, *FASHION* (10 episódios, 1979-80), *ANDY WARHOL'S TV*, 18 episódios, 1980-82) e *ANDY WARHOL'S FIFTEEN MINUTES* (cinco episódios na MTV, 1985-87), que podemos descobrir na exposição Warhol TV, comissariada por Judith Benhamou-Huet (ver entrevista) que abre esta tarde (19.30), no Museu Colecção Berardo, em Lisboa, onde ficará até 14 de Novembro.

São imagens muito pouco vistas, por pertencerem ao Museu Andy Warhol, de Pittsburgh, que raramente as cede. A estas, juntam-se documentos como os anúncios protagonizados por Warhol, as sequências que fez sobre ele próprio para o Saturday Night Live, a sua participação em *O BARCO DO AMOR*, o vídeo do serviço fúnebre do artista, na Catedral de São Patrício, e o clip que realizou para os Cars, Hello Again (que fecha a mostra). E ainda imagens da sua telenovela "experimental" a preto e branco, *SOAP OPERA* ou *THE LESTER PERSKY STORY*, a abrir a exposição, que é tutelada pela figura de Marcel Duchamp. Andy Warhol conheceu-o e quis filmá-lo ao longo de 24 horas, um projecto que se gorou por falta de dinheiro, e pela morte de Duchamp.

A televisão de Warhol reflecte quer o seu fascínio pelo carácter popular e onnipresente deste meio de massas, quer a sua obsessão pela juventude, pela beleza, pelas celebridades e pelos outros criadores, estilistas e artistas, que entrevistou nos seus programas, de David Hockney a Steven Spielberg, de Diana Vreeland a Bianca Jagger ou Marc Jacobs. "Ele conhecia as celebridades e os famosos e tinha acesso fácil a elas, o que era um grande trunfo", como explicou a curadora da exposição ao DN.

WARHOL TV estende-se por várias salas, organizada por temas como a fixação pela beleza (entrevistas a modelos), as celebridades e o social, a publicidade ou Warhol filmando-se a si mesmo, desmaquilhando-se, "decompondo-se" com efeitos especiais ou falando de futilidades ao telefone. Pop, pop, é a televisão de Andy Warhol.

WARHOL TV

"Warhol não queria só fazer televisão, queria fazer televisão a sério"

ENTREVISTA COM JUDITH BENHAMOU-HUET, CURADORA DA EXPOSIÇÃO 'WARHOL TV'

Porque é que a televisão feita por Andy Warhol é tão pouco vista e conhecida?

Os programas estão guardados no Museu Andy Warhol, em Pittsburgh. São considerados obras de arte e nem sequer na Internet são mostrados. Mesmo para os ver num museu, são precisas autorizações especiais. Tive que assinar uma montanha de documentos para conseguir mostrá-los.

Como teve a ideia desta exposição?

Este aspecto da obra de Warhol era totalmente desconhecido. Descobri estes programas há uns 7 anos. O cinema dele é muito conhecido e exibido, mas a televisão não. E se não foi mostrada antes, é porque não há implicações financeiras em relação a ela. Todas as imagens pertencem ao museu e os seus responsáveis não têm, por agora, qualquer intenção de as divulgar ou editar em DVD.

Ao contrário de outros artistas, que têm um discurso crítico da televisão, ou mesmo hostil, Andy Warhol adorava-a.

Sim. Ele não só queria fazer televisão, como também fazer a televisão a sério. E a sua televisão é especial, muito pessoal. Ele aparece a fazer ginástica, flexões, facécias. É uma televisão fantasista. Mas também faz entrevistas, fala com pessoas. É televisão a sério.

Andy Warhol é um precursor da televisão contemporânea?

Sem dúvida. Penso que ao ir falar com as pessoas, deixá-las discorrer e filmá-las nos seus ambientes, ele é um dos precursores da televisão de hoje, e mesmo da reality TV. E em grande parte dos programas encontramos a sua fascinação pelas pessoas conhecidas, muitas das quais não participariam muito facilmente num programa de televisão normal.

E ele gostava da televisão popular, das séries de grandes audiências...

O interesse dele pela televisão é uma expressão do seu interesse por tudo o que é popular. Warhol era o papa da pop art, e pop quer dizer isso mesmo: popular. O produtor de O Barco do Amor era o mesmo de Dinastia e contou-me que, cada vez que encontrava Warhol, ele perguntava-lhe o que se ia passar no episódio seguinte. E ele nunca lhe dizia, porque toda Nova Iorque ficaria a saber. O Warhol reagia como um espectador normal.

Andy Warhol fazia televisão pop?

Exactamente. E a televisão é pop por definição.

NOVEMBRO

CHELSEA HOTEL: O NINHO DE AMOR E DROGAS DE MUITOS ARTISTAS ESTÁ À VENDA (2010)

A história de amor de Leonard Cohen e Janis Joplin teve como cenário o Hotel Chelsea, em Nova Iorque, que agora se encontra à venda e corre o risco de fechar portas, segundo anúncio publicado esta semana no jornal The Wall Street Journal.

Este é um hotel que encerra muitas memórias. Estávamos em pleno período explosivo da Beat generation e no Hotel Chelsea cruzavam-se músicos, actores, artistas e boémios que hoje são referências culturais incontornáveis. Lembra-se da música «Chelsea Hotel #2»? Tal como Leonard Cohen, que assina aqui um poema de amor à sua amante Janis, não faltam referências nos trabalhos e na vida de outros artistas.

Quando recuamos no tempo, não cessam as referências a este hotel surgido em 1811 e que até 1884 foi o edifício mais alto de Nova Iorque. Recuamos até ao tempo de Mark Twain, que viveu num dos quartos



de Chelsea durante anos. O mesmo fizeram mais tarde outros escritores como Thomas Wolfe (ele escreveu lá o romance «You Can't Go Home») e Arthur Miller, que ali se inspirou durante seis anos no seu quarto com vista para um mundo novo. Miller descreveu-o assim: «Este hotel não pertence à América. Não existem aspiradores, regras ou vergonha... é o ponto mais elevado do surrealismo».

Bob Dylan chegou a viver em várias suítes durante os anos 60. Mas também Jim Morrison, Nico e, mais recentemente, Patti Smith passaram por lá. Foi também neste hotel que Jon Bon Jovi se inspirou para a música e videoclip de «Chelsea At Midnight». Também Sid Vicious, Robert Mapplethorpe e outros nomes ligados a Andy Warhol conheceram bem os seus corredores.

O Chelsea Hotel era uma espécie de íman para mentes sobredotadas que se manifestavam nas artes, mas que durante algum tempo também não dispensavam as drug parties que ali organizavam.

Actualmente o hotel tem sinais de «Proibido Fumar», mas coleciona toda a história do seu passado. A necessidade de obras profundas de modernização levou os seus proprietários, as três famílias húngaras que o detêm desde 1946, à publicação do anúncio de venda. Quem não viveu nos Chelsea ainda vai a tempo.

TELAS DE ANDY WARHOL SAO LEILOADAS

EFE

9 DE NOVEMBRO / 2010 – Um retrato da atriz Elizabeth Taylor feito por Andy Warhol foi vendido por mais de 63 milhões de dólares, informou nesta terça-feira, 9, a casa de leilões Phillips de Pury & Company. De acordo com a companhia é o segundo preço mais alto jamais alcançado por uma obra do ícone da arte pop.

A casa de leilões nova-iorquina informou que hoje vendeu *MEN IN HER LIFE* (1962), uma composição de branco e preto a partir de retratos da atriz com alguns dos homens de sua vida como Mike Todd ou Eddie Fisher, por 63,3 milhões de dólares.

Das obras do artista pop, é o segundo quadro mais caro vendido, depois de *GREEN CAR CRASH* (Green Burning Car I) (1963), que custou 71,7 milhões de dólares há três anos.

Phillips de Pury & Company, que havia estimado essa peça de Warhol entre 40 e 50 milhões de dólares, vendeu durante esse leilão de arte contemporânea obras por mais de 137 milhões de dólares, já que encontrou compradores para quase a totalidade dos 59 lotes da venda.

Entre as outras peças milionárias está a venda de *TWO FIGURES, INDIAN* (1979), do também artista pop norte-americano Roy Lichtenstein (1923-1997) que foi arrematada por 3,8 milhões de dólares.

Por 6,8 milhões de dólares foi vendido *MISS KO2*, uma escultura do artista contemporâneo japonês Takashi Murakami.

No leilão outros nove artistas tiveram suas obras leiloadas por preços recordes. Um deles foi o cubano Félix González-Torres (1957-1996) com *UNTITLED* (Portrait of Marcel Brient) (1992), vendido por 4,5 milhões de dólares.

Por esse mesmo preço foi leiloado em autorretrato do artista norte-americano de origem africana Jean-Michel Basquiat (1960-1988), com uma peça representativa de sua arte expressionista.

No leilão, composto das peças de Carte Blanche e da primeira parte da venda de arte contemporânea de Phillips de Pury & Company, se alcançou também um preço recorde para uma obra da fotógrafa norte-americana Cindy Sherman com *UNTITLED 153*, vendida por 2,7 milhões de dólares.

Também chegaram a outros recordes as obras dos artistas conceituais Daniel Buren (1938), Lee Lorano (1930-1999) e Martin Creed (1968), o escultor Robert Morris (1931), o pintor Rudolf Stingel (1956) e os artistas contemporâneos Thomas Schütte (1954) e Wade Guyton (1972).

A venda de arte moderna e contemporânea continua hoje na Christie's, onde essa firma tem boas expectativas depositadas em dois dos grandes nomes do Pop Art: Andy Warhol e Roy Lichtenstein.

De Warhol, a casa de leilões oferece esta noite *BIG CAMPBELL SOUP CAN WITH CAN OPENER (Vegetable)* (1962) que, segundo afirmou a vice-presidente de arte contemporânea dessa empresa, Laura Paulson, se trata de "um ícone cultural e uma imagem fundamental que mudou a história da arte".

Essa peça do Warhol aumentou seu valor de mercado entre 30 e 50 milhões de dólares, enquanto que *OHHH ALRIGHT*, pintado por Lichtenstein em 1964 foi estimada em 40 milhões de dólares.

ARTES & ESPECTÁCULOS

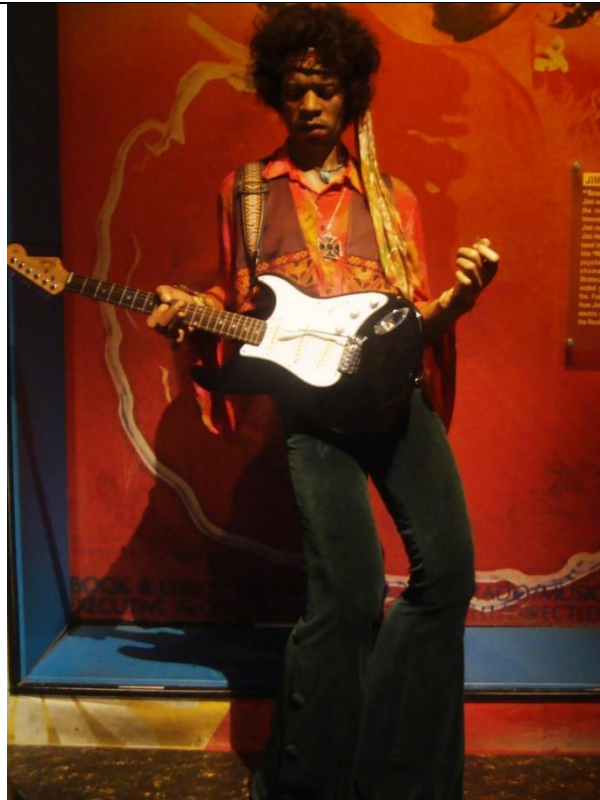
QUADRO DE ANDY WARHOL LEILOADO POR 25 MILHÕES DE EUROS EM NOVA IORQUE

11 NOVEBRO / 2010 – O quadro *LARGE COCA-COLA*, de Andy Warhol, foi vendido em Nova Iorque por 25 milhões de euros. A imagem icônica do artista pop norte-americano foi a estrela da noite no leilão da arte na Sotheby's. O valor da tela, a preto-e-branco, superou todas as expectativas e elevou para 160 milhões de euros o valor total de vendas feitas ontem à noite na leiloeira nova-iorquina. Na rival Christie's também foi o último leilão de arte da temporada. As obras de Andy Warhol foram das mais procuradas e atingiram valores astronômicos.

Tela de Andy Warhol é vendida por mais de US\$ 63 milhões



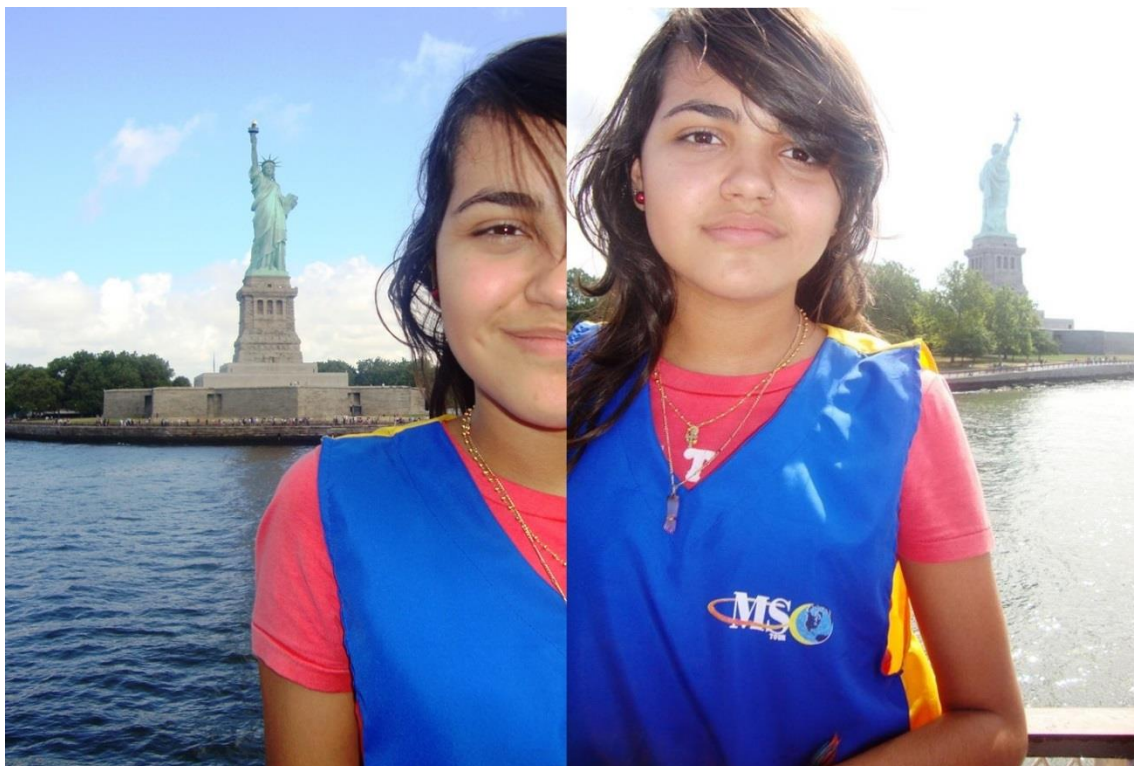
MEN IN HER LIFE é a segunda obra mais cara do ícone da arte pop, segundo a Phillips de Pury & Company



2010 – 7 DE DEZEMBRO



Dakota Apartments, 30 anos depois...







2011 – 8 DE JANEIRO



Sophia, a primeira sobrinha, jamais esqueceremos (2010, DEZEMBRO)



Somos iguais, nesse dia, Ivan, meu pai não estava muito a fim de fotos



O demônio das fotos ou não passamos muito tempo juntos para fotos – 2011, ano dele vir morar conosco ou quando o rock rola

DENNIS HOPPER. DUAS MARCAS DE BALA E OUTRAS OBRAS DE ARTE A LEILÃO

POR JOANA STICHINI VILELA



A colecção privada do actor vai ser leiloadada esta semana. O chamariz é uma peça de Warhol co-assinada por Hopper

Cena 1

INTERIOR. MANSÃO DE DENNIS HOPPER EM LOS ANGELES. NOITE.

10 DE JANEIRO / 2011 – Sozinho em casa, na penumbra, o protagonista de *EASY RIDER* vislumbra pelo canto do olho o retrato de Mao Tsé-tung assinado pelo amigo Andy Warhol. Assusta-se. De tal forma que se levanta de um salto e dispara dois tiros. Um acerta no fundo azul-turquesa, outro no olho do líder comunista.

Cena baseada em factos reais ou ficção? Pura realidade. Nota: era o início dos anos 70 e Hopper um actor movido a álcool e drogas. O que se seguiu é ainda mais hollywoodesco. Warhol vê o quadro e adora o resultado. Chama ao primeiro furo, "tiro de aviso", e ao segundo, "buraco de bala". Daí em diante, nos créditos da gravura passa a ler-se, "Andy Warhol em colaboração com Dennis Hopper".

MAO: ONE PLATE é uma das cerca de 300 obras de arte da colecção privada do actor que vão a leilão entre amanhã e depois, na Christie's, em Nova Iorque. Estima-se que as licitações ultrapassem os 20 mil euros. Em conjunto com *PICNIC ON THE GRASS*, de Bruce Conner, é a peça mais valiosa.

Famoso por filmes como *EASY RIDER*, *APOCALIPSE NOW* e *BLUE VELVET*, Dennis Hopper, que morreu o ano passado, era também um auto-intitulado "vagabundo de galerias". Foi o actor Vincent Price que o influenciou nos anos 50, explicando-lhe que a arte era um bom investimento. O ícone da contra-cultura dedicou-se a coleccionar arte do pós-guerra com a mesma intensidade que dedicou à carreira no cinema.

No final da década de 50 já frequentava a cena artística da costa Oeste, também como pintor e fotógrafo. Em 1962, pouco depois da primeira exposição individual de Warhol, pagou apenas 75 dólares por uma das icónicas telas com as latas de sopa Campbell's. Tinha olho, dizem os especialistas. No ano seguinte tornar-se-ia amigo do artista pop, que o imortalizou em várias peças, incluindo uma polaroid, que também vai a leilão.

Ao longo dos anos, Hopper foi acumulando trabalhos de Julian Schnabel, Roy Lichtenstein, Basquiat, Keith Haring. Estava quase tudo na casa de Venice Beach, na Califórnia, recheada "literalmente do chão ao tecto com arte", de acordo as declarações à Associated Press de um amigo da família e representante do património Alex Hitz.

Agora, vão a leilão obras de Schnabel, Cindy Sherman, Man Ray, um retrato de Hopper assinado por Annie Leibowitz, outro da autoria de Helmut Newton, e muito mais. Os quatro filhos estão a desfazer-se dos bens do pai por vontade dele, asseguram. "Como é que se divide um Warhol e todas essas peças maravilhosas em quatro?", acrescentou Hitz.

Do espólio fazem ainda parte uma série de objectos pessoais, desde porcelanas chinesas e outras antiguidades, a posters de filmes e um guião anotado de *EASY RIDER*, que escreveu, realizou e protagonizou.

Ao todo, a Christie's estima realizar entre 696 mil e um milhão de euros. Em Novembro, a venda da primeira parte da colecção rendeu quase 10 milhões de euros. A obra mais cara foi uma tela de Basquiat arrematada por quase 4,5 milhões de euros.



AUTORRETRATO DE WARHOL É LEILOADO POR US\$ 17,3 MILHÕES (AFP)

16 DE FEVEREIRO / 2011 – LONDRES — Um autorretrato gigante do líder da pop art, Andy Warhol, foi vendido em um leilão realizado nesta quarta-feira em Londres por 10,8 milhões de libras (17,3 milhões de dólares; 12,8 milhões de euros), o dobro do previsto pela casa de leilões Christie's.

A obra, descoberta recentemente, foi pintada em 1967 e mede cerca de 2 metros quadrados. Qualificada como "uma das mais representativas e míticas imagens do artista", a obra mostra Warhol com uma mão na boca.

O quadro é um dos 11 autorretratos gigantes pintados em 1967, época em que o artista se impôs como a mais importante figura do movimento Pop Art.

Oito destas obras figuram em uma retrospectiva do Museu de Arte Moderna de Nova York consagrada ao pintor em 1989, dois anos após sua morte.

O HOTEL DAS ESTRELAS CADENTES

POR ALEXANDRE BORGES, PUBLICADO EM

<http://www.ionline.pt/>



Ethan Hawke é uma das presenças nos corredores do Chelsea Hotel na visita de Abel Ferrara

10 DE MARÇO / 2011 – Construído em 1883 e transformado em hotel em 1905, o Chelsea Hotel tem uma história que, na verdade, começa apenas em 1957, quando um cavalheiro chamado Stanley Brad assume a gerência. É graças à política liberal do discreto Stanley, uma espécie de mecenas do século XX que gostava de albergar artistas extravagantes mesmo que estes nem sempre tivessem dinheiro para lhe pagar, que o 222 da Rua 23, na Baixa de Manhattan, se iria tornar um número mágico.

Toda a gente que era alguma coisa na cultura pop das décadas seguintes passou por lá. Das artes plásticas vieram Andy Warhol, Julian Schnabel, Frida Kahlo e Diego Rivera, Robert Mapplethorpe, Cartier-Bresson. Do cinema, Milos Forman, Stanley Kubrick, Dennis Hopper ou Jane Fonda. Das letras, Dylan Thomas, Arthur C. Clarke, Mark Twain, William S. Burroughs, Arthur Miller, Gore Vidal, Tennessee Williams, Tom Wolfe, Charles Bukowsky, Jack Kerouac, Sartre e sua Simone de Beauvoir. Da música, a lista é infindável: Sid Vicious, Iggy Pop, Bob Dylan, Tom Waits, Patti Smith, Janis Joplin,

Leonard Cohen, Jimi Hendrix, John Cale, etc. E se Keith Richards não consta dos livros da casa é porque deve ter entrado disfarçado de dragão ou enrolado numa mortalha.

Ok. Vamos concentrar-nos nestes nomes: Vicious, Hendrix, Joplin, Iggy. Exatamente. O Chelsea Hotel era o último sítio onde queríamos ver os nossos filhos. E o sítio onde eles mais gostariam de ir.

No fundo, cada tempo tem a terra prometida que merece. E o louco século XX, que chutou para canto metafísicas e religiões, cheio de fé nas capacidades dos homens e das coisas deste mundo, foi desembocar à Rua 23, adorar um lugar sagrado onde não havia estátuas de santos, é certo, mas que estava pejadinho de gente a fazer por ficar pedrada para todo o sempre.



Com o beneplácito do bondoso Stanley, os sensíveis artistas não se limitavam a ocupar os quartos por algumas noites; eles viviam lá a tempo inteiro, criando, dando festas, vegetando. Depois, vieram os mitos. Artur C. Clarke terá lá escrito *2001: ODISSEIA NO ESPAÇO* ou rabiscou apenas as primeiras linhas? Terá sido no sossego dos seus aposentos que Kerouac escreveu "Pela Estrada Fora" ou foi, como parece sugerir o título, pela estrada fora?

Entre overdoses que resultaram em hemorragias cerebrais, orgias mais ou menos mitológicas, incêndios acidentais e afins, o Chelsea tornou-se tão célebre que, obviamente, a partir de dado momento, passou a atrair, mais do que gente famosa, anónimos convencidos de que, para pertencer àquele panteão, bastava pagar a renda. E como Dylan Thomas ou Nancy Spungen, a namorada de Sid Vicious, morreram lá, não tardou a vir gente, simplesmente, para subir as escadas e cometer suicídio.

Nos anos mais recentes, o número de estrelas baixou consideravelmente. Do cinema, havia Ethan Hawke em vez de Hopper; da música, Pete Doherty em vez de Hendrix. E isso diz mais ou menos tudo.

É neste ponto decadente que Abel Ferrara vai filmar o Chelsea. O ponto em que a gerência foi entregue a outra gente, gente sem o fascínio que Stanley Brad tinha pelos criadores pop. Muita gente foi expulsa, acabou-se o regime do quarto por tempo indeterminado e acabou-se, obviamente, a magia. O Chelsea ainda está de pé, no número 222, mas é como se o tivessem demolido.

É esta história que Ferrara nos conta num documentário pouco sentimental, que ele não é homem disso, de entrevista em entrevista, recordação em recordação, algumas imagens de arquivo e uma ou outra recriação sem brilho. Não é muito, mas vale por quem tem lá dentro. Exactamente como o Chelsea Hotel.

RETRATO DE LIZ TAYLOR FEITO POR WARHOL VAI À VENDA POR US\$ 20 MILHÕES (2011)

AGENCIA EFE

Quadro feito em 1963 tem preço estimado de até US\$ 30 milhões.

Obra da atriz, que morreu aos 79 anos, será leiloadada em Nova York.

24 DE MARÇO / 2011 – Um retrato da atriz Elizabeth Taylor feito por Andy Warhol em 1963 será colocado à venda em maio por um preço estimado entre US\$ 20 e 30 milhões, informou nesta quinta-feira (24) a casa de leilões nova-iorquina Phillips de Pury & Company.

O retrato da atriz, que morreu nesta quarta-feira (23) em Los Angeles aos 79 anos vítima de uma insuficiência cardíaca, irá a leilão no dia 12 de maio em Nova York.

"A tela é uma joia. É Warhol em seu melhor momento", indicou o diretor de arte contemporânea da Philips, Michael McGinnis, que ressaltou o azul-turquesa do fundo e classificou a obra como "um clássico" que reflete Liz "tal como era ela quando Warhol a pintou há quase 50 anos".

A pintura, disse, tem "tudo" o que qualquer grande colecionador de arte dos séculos XX e XXI gostaria. "Estamos entusiasmados por oferecer esta rara oportunidade".

McGinnis afirmou que o glamouroso retrato da atriz de olhos violeta "é uma mostra dos aspectos mais importantes que Warhol abordou ao longo de sua obra, incluindo a celebridade, o bem-estar, os escândalos, o sexo, a morte e Hollywood".

"É o epítome do velho glamour do estilo de Hollywood. Liz Taylor foi uma das mais famosas inspirações de Warhol, assim como Marilyn Monroe e Jackie Kennedy", acrescentou o especialista.

O ícone da pop art se sentiu atraído pela atriz britânica por seus inúmeros romances e pelas tragédias que viveu. Ela "foi uma formidável influência ao longo de toda sua carreira", disse McGinnis.

O retrato, disse o diretor da casa de leilões, "captura a pele luminosa, os assombrosos olhos violeta e seus lábios vermelhos. O poder de sua atração nunca foi tão evidente como nesta pintura de Warhol, que é um deslumbrante tributo a Elizabeth Taylor".

Andy Monument

ANDY WARHOL TEM UMA ESTÁTUA EM NEW YORK

No local onde Andy Warhol passou grande parte do tempo nos anos 1970 e 1980, na Union Square, em Nova Iorque, sítio onde teve o seu famoso estúdio Factory, foi erguida uma estátua com a sua figura.

Estátua foi revelada ao público na quarta-feira

30 ABRIL / 2011. New York – A estátua, intitulada, *ANDY MONUMENT*, feita pelo artista Rob Pruitt, tem três metros de altura e pretende prestar homenagem a Warhol e lembrar os nova-iorquinos que naquela rua muitas das suas obras mais famosas foram feitas.

“O Andy Warhol teve uma relação muito próxima com o bairro, ele passou muito tempo aqui e muitas das suas grandes obras nasceram nesta rua”, disse Rob Pruitt à CBS. “Warhol é a razão porque eu me mudei para New York, tudo o que ele representa e fez faz parte da história desta cidade e isso merece ser lembrado”, acrescentou.

A estátua mostra Warhol com uma máquina fotográfica ao pescoço e um saco numa mão, para a fazer Pruitt teve que recorrer a um colecionador com uma estatura semelhante à de Warhol, de forma a ser o mais fiel possível à figura.



“A estátua é quase como se fosse o fantasma de Warhol sobre a cidade”, disse o artista, explicando que a obra é cromada para poder reflectir o ambiente à sua volta e assim transmitir a ideia de fantasma.

A obra estará exposta ao público na Union Square até Outubro, não se sabendo depois o seu paradeiro final.

BATERISTA DO VELVET UNDEGROUND GANHA EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA EM NOVA YORK (2011)

Cultura

Baterista do Velvet Underground ganha exposição retrospectiva em Nova York

Trabalhos pessoais do músico e artista serve para retrospectiva com conteúdo todo disponível na internet

9 DE MAIO – Em 1980, Angus MacLise, o compositor, poeta, calígrafo e também baterista da banda Velvet Underground, deixou uma mala cheia dos seus mais diversos trabalhos com o músico La Monte Young. 31 anos depois, os curadores Johan Kugelberg e Will Swofford Cameron tiveram acesso ao conteúdo da bagagem e decidiram com ele montar uma grande retrospectiva desse ícone da contracultura americana.



Foto de Angus MacLise com companheira (Divulgação)

DREAMWEAPON abre nessa terça-feira (10/5) na galeria Boo-Horay em Nova York, com todo seu conteúdo também disponível on-line. São poemas manuscritos, livros com obras dos mais variados artistas, caligrafias, desenhos, pinturas, cartas e fotografias, revelando todo o bastidores de rica cena cultural dos EUA entre as décadas de 60 e 80.

Warlocks
/Falling
Spikes/

Velvet
Underground
1965





The Primitives :
Photo: © John
Giuffre

On tour with The
Primitives, 1965.

Left to right: Tony
Conrad, Lou Reed,
John Giuffre (a
Pickwick studio
musician), Walter
de Maria, John
Cale.



FIM DO MISTÉRIO: METALLICA FINALIZA ÁLBUM COM LOU REED



METALLICA LANÇARÁ ÁLBUM COM LOU REED

16 DE JUNHO / 2011 – A banda Metallica confirmou na noite dessa quarta-feira (15), em seu site oficial, que finalizou o álbum feito em parceria com o ex-vocalista do Velvet Underground, Lou Reed. A informação foi divulgada pelo site NME.

Os integrantes da banda haviam dito, anteriormente, que estavam trabalhando em um projeto de gravação que não era "um projeto 100% Metallica".

"Estamos mais que orgulhosos em anunciar que finalizamos a gravação de um disco em colaboração com ninguém menos que o lendário Lou Reed. Desde que tivemos o prazer de tocar com o Lou no Madison Square Garden, em outubro de 2009, vínhamos pensando na ideia de fazer um álbum juntos, o que aconteceu nos últimos meses", escreveram.

Segundo a banda, o disco terá dez faixas. O título e a data de lançamento ainda não foram divulgados.

PINTOR AMERICANO CY TWOMBLY MORREU AOS 83 ANOS

POR LUÍS MIGUEL QUEIRÓS

O pintor norte-americano Cy Twombly, um dos mais singulares continuadores do expressionismo abstracto, morreu ontem (5 de julho) em Roma, aos 83 anos.

5 DE JULHO / 2011 – Muito influenciado, tal como outros artistas da sua geração, pelos grandes nomes do expressionismo abstracto, como Jackson Pollock, Arshille Gorky ou Willem de Kooning, Twombly, que vivia em Itália desde os anos 50, foi-se contendo distanciando daquele movimento, tal como fizeram os seus amigos Robert Rauschenberg e Jasper Johns, criadores da pop art.

Embora acolhesse nas suas obras muitos elementos da cultura popular, Twombly seguiu outros caminhos e é um pintor mais difícil de catalogar. Atraído pela cultura e literatura europeias, desde o classicismo grego e latino até ao modernismo, a sua obra

está cheia de alusões literárias e referências mitológicas, de Virgílio a Mallarmé ou Rilke.

Numa entrevista a Nicholas Serrota, director da Tate Modern – que exibiu uma grande retrospectiva de Twombly em 2008 –, o pintor afirma que “se pudesse escolher, gostaria de ter sido [Nicolas] Poussin”. Esta sua assumida afinidade com o pintor francês do século XVII serviu mesmo de pretexto a uma exposição inaugurada há dias na galeria Dulwich, em Londres, que associa obras de Poussin e Twombly, mostrando os laços que unem dois artistas separados por mais de três séculos.



*Cy Twombly foi um
continuador do
expressionismo abstracto
(DR)*

**5 DE OUTUBRO
"WARHOL:
HEADLINES"
EXHIBITION OPENING**

John Waters and Vincent
Fremont pose for a photo
during the *Warhol:
Headlines* exhibition
opening in the East
Building at the National
Gallery of Art on
OCTOBER 5, 2011 in
Washington, DC.



2011 – 18 DE NOVEMBRO

Ringo Starr saí do Hotel Meliá para o show em Brasília

A Produção da And His All Starr Band solicitou pizzas artesanais, depois de entrega-las, João Vicente pediu um autógrafo do Ringo, pedido que foi atendido, porém o autógrafo sumiu e jamais pudemos conferir se era original ou alguém que simulou o autógrafo



RINGO STARR
And His All Starr Band
www.RINGOSTARR.com

RICK DERRINGER RICHARD PAGE WALLY PALMAR EDGAR WINTER GARY WRIGHT GREGG BISSETTE

18 DE NOVEMBRO
Centro de Convenções Ulysses Guimarães
APRESENTADO POR
NEXTEL

INGRESSOS LIMITADOS A VENDA

ISENÇÃO DA TAXA DE ENTREGA*
EXCLUSIVO: CARTÃO CREDENCIADO, CIBERBANK E BOMMEI

VENDAS
ticketsforfun.com.br
4003-0888
SUJEITO A TAXA DE CONSERVAÇÃO

Meio de Pagamento Preferencial
CREDICARD

Central de Ingressos
BRASILIA SHOPPING

Realização
T4f
TIME FOR FUN
www.t4f.com.br / Twitter: @t4f

Classificação etária: Não será permitido o acesso de menores de 12 anos. 12 a 18 anos, permitida a entrada acompanhados de pais ou responsáveis. 18 anos, desacompanhados. * Não é para compra realizada com até 72 horas de antecedência ao show.





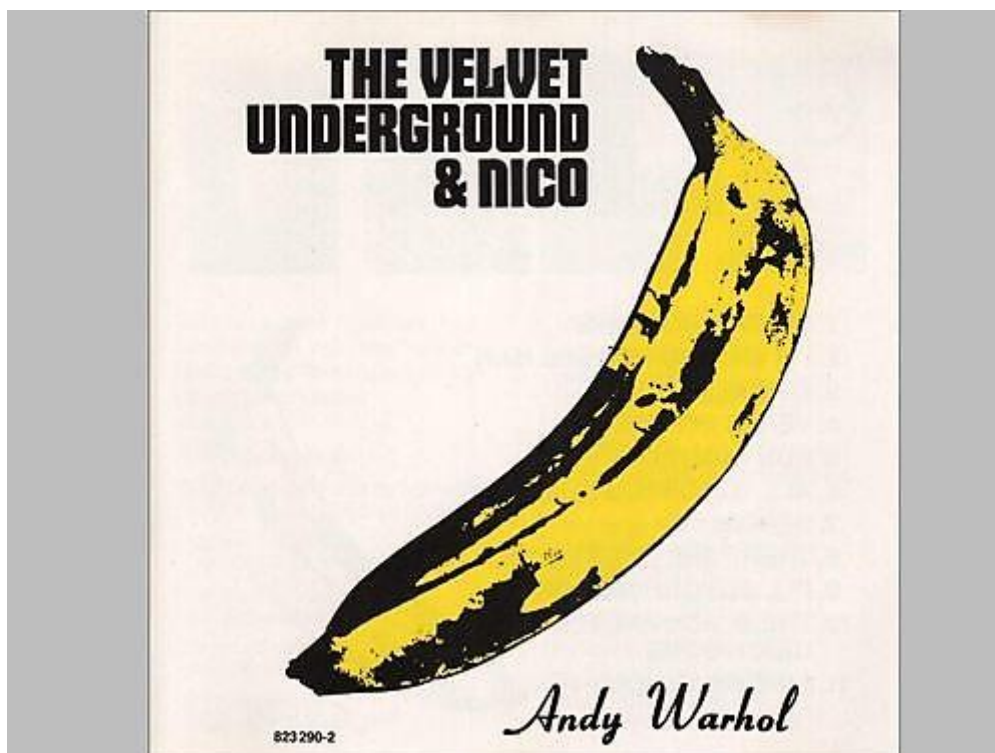


2012

11 DE JANEIRO

VELVET UNDERGROUND PROCESSA FUNDAÇÃO ANDY WARHOL

<http://oglobo.globo.com/>



Banda critica licenciamento de logo da banana para capas de iPhone e iPad

RIO – A lendária banda de rock Velvet Underground abriu um processo contra a Fundação Andy Warhol nesta quarta-feira, alegando que o logo da banana, criado por Warhol e estampado na capa do álbum de 1967 do grupo, não deveria ser usado ou vendido para terceiros. A ação aberta na corte de Manhattan alega que a Fundação se equivocou ao permitir o uso em capas, estojos e bolsas para iPhone e iPad e ignorou inúmeras solicitações para cessar o licenciamento da imagem.

Para membros da banda, que contava com Lou Reed e John Cale na formação, o licenciamento da imagem pode “causar confusão ou erros quanto a associação do Velvet Underground com os produtos vendidos”.

O processo cita o sucesso do primeiro álbum da banda, afirmando que ele se tornou o “disco da banana” por conta da capa e desde então é um símbolo do Velvet Underground. Pede ainda que o juiz declare que a Fundação não tem direito autoral sobre o desenho, que estaria em domínio público por nunca ter sido registrado, e que a banda receba quaisquer lucros advindos do negócios.

De acordo com o processo, Warhol participou da produção do álbum *THE VELVET UNDERGROUND AND NICO*, ao sugerir que Christa Paffgen, a Nico, cantasse três das músicas do disco. Além disso, o grupo teria dividido o adiantamento de US\$ 3 mil pelo álbum com Warhol, em troca da ilustração da capa.



19 DE AGOSTO



“Meu amigo Billy Name vai expor no Metropolitan Museum em setembro. Segue link com matéria na revista NEW YORKER – 2012. Billy Name é fotógrafo, cineasta, e lighting designer. Ele foi o arquivista da The Factory de Andy Warhol, entre 1964 a 1970. Seu breve romance e amizade com Andy Warhol teve uma substancial colaboração no trabalho de Warhol, incluindo seus filmes, pinturas e esculturas. Billy Linich se tornou Billy Name quando se tornou Andy Warhol Superstar. Billy foi o responsável pela criação do design da The Factory, onde viveu até 1970. Suas fotografias da cena The Factory e do próprio Warhol são documentos importantes da era pop art. Em 2001, o United States Postal Service (correios dos Estados Unidos) emitiu um selo comemorativo do artista com uma das fotografias de Andy Warhol feitas por Billy Name.

NEW YORKER MAGAZINE – 2012. *BILLY NAME’S FACTORY PHOTOGRAPHS* at Metropolitan Museum in september.

9 DE OUTUBRO



“Segue agora foto inteira da litogravura original que comprei assinada e numerada por Andy Warhol em 1986. Edição limitada de 5000 gravuras. Na foto dá para vocês verem o número da edição. Essa ‘lito’ é a de número 1823. Tenho comprovante de autenticidade do Museum of Art, Carnegie Institute de Pittsburgh, com o carimbo do museu na parte de trás do trabalho. Andy Warhol nasceu em Pittsburgh, Pennsylvania onde fica o Carnegie Institute de Pittsburgh. Ui!” **(FERNANDO CARPANEDA)**

TELA DE ROY LICHTENSTEIN FURTADA É DEVOLVIDA À DONA APÓS 42 ANOS

Tela de Roy Lichtenstein furtada é devolvida à dona após 42 anos

Quadro avaliado em US\$ 4 milhões foi comprado na década de 1960 por US\$ 750

BRENDAN MCDERMID / REUTERS

Barbara Castelli ao lado da tela de Roy Lichtenstein

17 DE OUTUBRO / 2012 – NOVA YORK – Uma tela de Roy Lichtenstein que foi furtada, passou 42 anos desaparecida e está atualmente avaliada em US\$ 4 milhões foi devolvida nesta terça-feira à viúva de um marchand que havia adquirido a obra por US\$ 750 na década de 1960.

A pintura desapareceu depois que o marchand Leo Castelli, de Nova York, a mandou para uma limpeza, em 1971, disse a viúva dele, Barbara, em entrevista coletiva nesta terça-feira, num evento no qual promotores federais e agentes do FBI lhe entregaram a tela.

"Ele se lembrava dela e não sabia aonde tinha ido parar", afirmou a mulher, que agora pretende pendurar a pintura em sua casa.

Leo Castelli promoveu a primeira exposição individual de Lichtenstein, em 1962, segundo a



galeria dele, e mais tarde o marchand adquiriu a obra *ELECTRIC CORD*, que mostra um fio elétrico preto, enrolado, sobre um fundo branco.

Autoridades federais dizem que Castelli enviou a obra para o restaurador Daniel Goldreyer em **JANEIRO DE 1971**, e que um empregado aparentemente guardou a pintura em seu armário, onde ela permaneceu até 2009, quando Goldreyer morreu, disse o procurador dos Estados Unidos, Preet Bharara.

A viúva de Goldreyer, Sally, disse a investigadores que o empregado lhe pediu para vender a obra em nome dele. Sem saber que era furtada, ela aceitou vendê-la para uma galeria da Colômbia.

Em junho, um comprador contatou a Fundação Roy Lichtenstein para obter ajuda na autenticação da obra, que segundo esse comprador estava guardada em um depósito

de Nova York. A fundação entrou em contato com Castelli, que chamou as autoridades.

Barbara não quis comentar sua negociação com Goldreyer, mas disse que seu escritório estava preparado para "tomar uma ação real" contra ela.

A diretora interina da divisão criminal do FBI em Nova York, Belle Chen, disse que "mesmo quando não há nenhum crime sendo apontado, a experiência do FBI pode ser valiosa em assegurar que obras de arte terminem com seus donos legítimos".

O FBI tem uma equipe dedicada a obras de arte roubadas, inclusive com uma lista dos "dez mais", semelhante às listas de bandidos mais procurados.

Crimes atualmente sob investigação nessa lista incluem um roubo de 2002 no Museu Van Gogh, em Amsterdã, avaliado em 30 milhões de dólares, e o furto de uma obra do francês Pierre Auguste Renoir, levada de uma casa de Houston em 2011.

8 DE MARÇO



2013 – 11 DE MARÇO



2013 – 4 DE MAIO – MINEIRÃO



MOVIES

TAYLOR MEAD, BOHEMIAN AND ACTOR, DIES AT 88



Taylor Mead last month at a gathering of friends on the day he moved out of his apartment after a battle with a real estate developer – Credit Mario Tama/Getty Images

BY DOUGLAS MARTIN / <http://www.nytimes.com/2013/05/10/movies/taylor-mead-bohemian-and-actor-dies-at-88.html>

9 MAIO. / 2013 – Taylor Mead, a poet, actor and exuberant bohemian who collaborated with Andy Warhol in the 1960s to nurture a new approach to making movies — sometimes spontaneously, always inexpensively (hand-held 16-millimeter cameras sufficed) and brashly experimental (one film consisted of an hourlong shot of Mr. Mead's bare posterior) — died on Wednesday in Colorado. He was 88.

Rachel Churner, an owner of Churner and Churner, a Chelsea gallery that has exhibited Mr. Mead's paintings, confirmed the death, saying she had no further details. Some Web sites said that he had died in Denver of a stroke.

Mr. Mead was the quintessential Downtown figure. He read his poems in a Bowery bar, walked as many as 80 blocks a day and fed stray cats in a cemetery, usually after midnight. His last years were consumed by a classic Gotham battle against a landlord, which ended in his agreeing to leave his tenement apartment in return for money. At his death, he had been intending to return to New York after visiting a niece in Colorado.

It was as an actor in what was called the New American Cinema in the 1960s that he made his biggest mark. Warhol recruited him as one of his first "superstars," and from 1963 to 1968 he made 11 films with Mr. Mead. In all, Mr. Mead figured that he had made about 130 movies, many of them so spontaneous that they involved only one take.

The film critic J. Hoberman called Mr. Mead “the first underground movie star.” The film historian P. Adams Sitney called one of Mr. Mead’s earliest films, “The Flower Thief” (1960), “the purest expression of the Beat sensibility in cinema.”

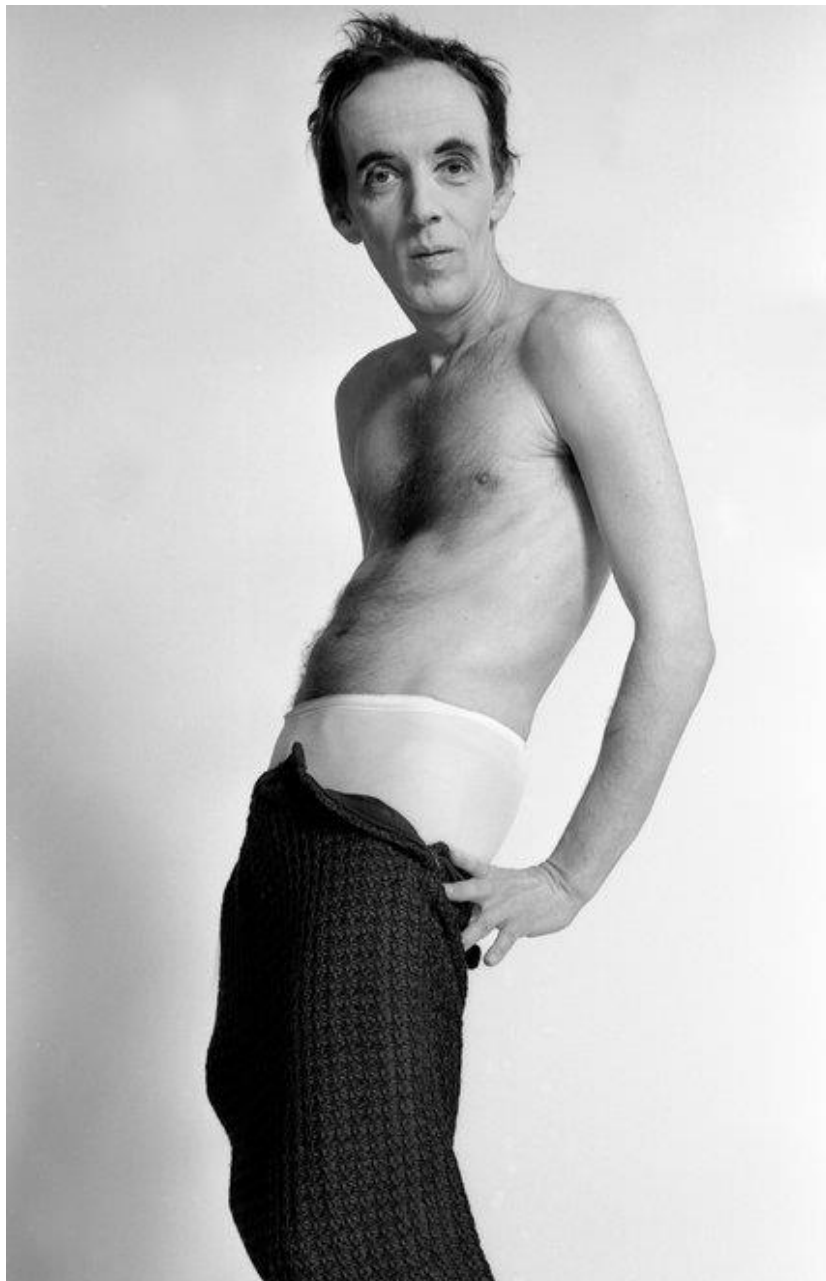
The Flower Thief, directed by Ron Rice, stars Mr. Mead as a bedraggled mystic wandering the North Beach neighborhood of San Francisco with open-mouthed wonder. He carries with him his three prized possessions: a stolen gardenia, an American flag and a teddy bear.

It goes almost without saying that Mr. Mead was playing himself, as Susan Sontag observed in Partisan Review. “The source of his art is the deepest and purest of all: he just gives himself, wholly and without reserve, to some bizarre autistic fantasy,” she wrote. “Nothing is more attractive in a person, but it is extremely rare after the age of 4.”

Mr. Mead figured he had made about 130 movies in all, many of them so spontaneous that they involved one take. Credit Raeanne Rubenstein

Warhol explained how The Flower Thief” which he had nothing to do with, had happened. “Taylor was in San Francisco in ’56 when the Beat poetry scene got going,” he said. “One day he stood up on a bar and, over the noise all the drunks were making, started screaming some poems he’d written. Ron Rice saw that scene and began following him around, filming him with black-and-white war surplus film stock.”

Warhol became aware of Mr. Mead from his poetry readings in New York in the late 1950s, and they met in the early



1960s. In September 1963, Mr. Mead accompanied Warhol on a cross-country trip to Los Angeles. The entourage filmed scenes for what would become, in 1964, Mr. Mead's first film for Warhol, *Tarzan and Jane Regained ... Sort Of*.

Mr. Mead played Tarzan, edited the film and handled the sound. On screen, his sarong kept falling off while climbing trees, prompting a critic to say that he really did not want to see any more two-hour films of Mr. Mead's *derrière*.

Mr. Mead wrote a letter to *The Village Voice* saying that after searching "the Archives of the Warhol colossus," he and Warhol could find no two-hour film of Mr. Mead's behind. "We are rectifying this oversight," he said, and Warhol soon made what would become a little-seen cult classic, the title describing in three words precisely what the critic did not want to see (though the coarser Anglo-Saxon term was used instead of the French).

A film critic called Mr. Mead 'the first underground movie star.' Credit
Raeanne
Rubenstein

Taylor Mead was born in Grosse Pointe, Mich., on Dec. 31, 1924, to wealthy parents. In junior high school, his nickname was Star. After attending a private high school, Grosse Point Academy — "brainwashing for the bourgeoisie," he termed the experience — he wandered around the country and held a variety of jobs, including broker at Merrill Lynch. He studied acting at the Pasadena Playhouse in California and the Herbert Berghof Studio.



He came to New York, he said, because he thought it would be easier to be anonymous. He found his way to the thriving poetry scene and was soon being asked to appear in plays. He won an Obie Award in 1963 for his performance in "The General Returns From One Place to Another," by the poet Frank O'Hara. He began to keep journals of poems and thoughts, which he mimeographed and distributed. He made paintings and other visual art to accompany his poetry.



Foto: Dennis Hopper. Andy Warhol, Henry Geldzahler, David Hockney e Jeff Goodman

Henry Geldzahler. *TAYLOR MEAD'S ASS*, 90 Minutos, Silencioso (O Curador de Arte nova-iorquino fuma um interminável charuto).

TAYLOR MEAD! PRESIDENTE DOS USA!

Taylor Mead parece com um cruzamento entre um boneco cupido e Fred Astaire mal acabado. É uma caricatura natural que desempenha mal, apaticamente, quando se apresenta como homossexual.

Ron Rice e Vernon Zimmerman o conheceram em uma sessão de leitura poética em San Francisco, e ambos o puseram em seus filmes iniciais. Em *THE FLOWER THIEF*, de Rice, Mead desempenha um beatnick passivo, a roubar flores, rodando em um vagão por uma colina abaixo e aparecendo em melodramas caricatos. Em *LEMON HEARTS* (1960-61), de Zimmerman, ele faz todos os papéis, onze personagens diferentes, até mesmo propondo casamento a si mesmo em uma cena. Zimmerman mais tarde utilizou-o em uma sátira sobre Hollywood chamada *TO L.A. ... WITH LUST* (1961-62), e Mead teve o papel principal em o jamais terminado *QUEEN OF SHEBA MEETS ATOM MAN*. (Rice died before the editing was complete, so Mead finished the project in 1981.)

Mead também apareceu, enquanto estava em San Francisco, em dois filmes 8 mm de Bob Chatterton, *THE HOBO AND THE CIRCUS* e *PASSION IN A SEASIDE SLUM*.

Quando Andy Warhol foi para o oeste com Naomi Levine em 1963, Mead reingressou na produção como o Tarzan do primeiro longa-metragem de Warhol, *TARZAN AND*

JANE REGAINED... SORT OF. Em Nova York apareceu em *TAYLOR MEAD DANCES* (1963), de lata marradas às pernas. Apareceu então em dois filmes semicomerciais, *OPEN THE DOOR AND SEE ALL THE PEOPLE* (1964), e o filme de Robert Downey, *BABO 73* (1964). No filme de Hill protagonizou o papel de lixeiro. No filme de Downey fez o papel do presidente dos Estados Unidos. Brendan Gil, em “The New Yorker”, notou que ele falava “como se tivesse a boca e a mente cheias de marshmallow”.

**RETIRADO DO LIVRO *UMA INTRODUÇÃO AO FILME UNDERGROUND* DE
SHELDON
RENAN**

**THE QUEEN
OF SHEBA
MEETS
ATOM MAN**

Ron Rice,
US,
1963/1981,
16mm-to-
35mm 108
min.



INTRODUCED BY HERB SHELLENBERGER

THE QUEEN OF SHEBA MEETS ATOM MAN was Ron Rice's magnum opus, a film unfinished when he tragically died in Mexico in December 1964. After Beat poet Taylor Mead's first starring role in Rice's *The Flower Thief* in 1960, he became an in-demand actor, performing in films by Vernon Zimmerman, Robert Chatterton, Adolfas Mekas and—directly following the two-hour premiere of the unfinished *Queen of Sheba* in May 1963—a number of films by Andy Warhol.

THE QUEEN OF SHEBA MEETS ATOM MAN follows the two titular characters: Winifred Bryan is the lounging, sloth-like Queen of Sheba and Taylor Mead is the Atom Man, a quasi-reprisal of his persona from *The Flower Thief* with added Chaplin inflection. While much of the action of the film can be boiled down to goofin' by the cast—mainly Bryan and Mead, but occasionally others like Jack Smith, Jonas Mekas, The Living Theatre's Julian Beck and Judith Malina, and The Fugs's Ed Sanders—the minimal action of the film becomes engrossing and affecting. The black and white silent footage was edited by Taylor Mead between 1979 and 82, working from the director's notes and memory. Mead's added score, plundered from cool jazz, honkytonk, ragtime and pop records, perfectly underlines the film's many changing moods and atmospheres.

Restored by Anthology Film Archives and The Film Foundation with funding provided by The George Lucas Family Foundation.



In 2003 Taylor Mead appeared in the Jim Jarmusch film *Coffee and Cigarettes*, a series of vignettes. Mr. Mead appears for only a few minutes in a scene with the artist and actor Bill Rice, but critics said it struck a poignant note. In the scene, the dreamy-eyed Mr. Mead asks the skeptical Mr. Rice to pretend that their greasy-spoon coffee is fine Champagne.

In 2005 Mr. Mead, who left no immediate survivors, was the subject of a documentary, *Excavating Taylor Mead*, directed by William A. Kirkley. The same year he published a book of poems, *A Simple Country Girl*. One poem declares: "I am a national treasure/If there were such a thing."

Correction: May 18, 2013

An obituary on May 10 about the poet, artist and underground film actor Taylor Mead misidentified the author of a letter published in *The Village Voice* in 1964. The letter was written by Mr. Mead, not by Andy Warhol, and it referred to "the archives of the Warhol colossus," not "the vast Warhol archives."



2013 – 24 DE MAIO – ISTO É COISA DE COMPARSAS

Me perdoe, se a minha memória doer e eu dilatar o que penso – se não me engano: o baterista trouxe um carinho que estava no regime de saidão. 2. Estávamos fazendo um ensaio e o vocalista empombou com o meu retrato na parede pintado pela minha mãe, onde ao invés de um ditador, estou mesmo é com cara de rebelde. 3. durante o ensaio interrompido de forma abrupta e digamos deselegante para cima do pobre baixista. 4. Depois veio gente aqui em casa para ver como é que o povo se comprimia dentro de casa. 5. E agora saber que existe um vídeo de "Come Together" com Os Merah e a Maverick Sete Nove é a confirmação da lenda. Assim como deve existir algum vídeo da Patrulha do Espaço lá em casa em 2013. Espero que as pessoas saibam o que tem em mãos e não venham com aquela de eu apaguei, já sofri muito com isso. E fazem décadas que não gravo e não filmo ninguém para não criar valor em cima de tais situações. E, cada vez mais, tenho certeza de que estou certo quanto a isso. Eles filmam em celular de última geração e jamais recebemos uma cópia. Volta e meia a TV vem aqui e pergunta se temos alguma imagem de arquivo. Não temos, nunca sobrou grana para pagar por nenhuma filmagem e olhe que foram vários oferecimentos. Me resta o glamour fantástico de conhecer gente que vem tocar aqui em casa de graça pelo prazer de me apoiar. É com esses no raiar de 2020 que eu e você andaremos.

Amigos jamais se cobram – na janela, eu doido curtindo o rock, então tava bom pra cacete e ao meu lado mano Dudu, o genial e cortês baixista da Dog Savannah, banda que sempre acompanhou o lance, as pessoas que mais participaram e prestigiaram essas produções ao lado da Jihan e quem trouxe a Dog Savannah para se apresentar aqui em casa foi Sueli Saraiva. Com essa pessoas e com o calibre dessas pessoas, nós estaremos juntos em 2020.

O garoto perto da pilastra veio junto com a galera do Red Zones, banda que conheci lá na Ceilândia, no Red Pub, da Patrícia Buraco da Tatoo. Esse garoto foi o cara que mais agitou e ajudou e assim como surgiu desapareceu, mas seu não esqueço aqueles com energia de dínamo para iluminar a cidade.



2013 – 25 DE MAIO



LIFESTYLE

MOSTRA DE FOTOS DE BILLY NAME INAUGURA NOVO ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES EM SP

1 min de leitura

1 JULY 2013 – BILLY NAME: THE SILVER ERA AT THE FACTORY

Houssein Jarouche, da Micasa, abre em São Paulo na próxima quarta-feira (03.07) a PLATAFORMA, espaço dedicado à exposições de arte, com a mostra *BILLY NAME: THE SILVER ERA AT THE FACTORY*, que traz o trabalho do fotógrafo (e amigo próximo de Andy Warhol) pela primeira vez à América do Sul. A exposição inaugural terá 30 imagens tiradas por Billy Name na Factory, o famosos estúdio novaiorquino de Warhol, entre os anos de 1964 e 1967.

Localizada em um casarão de 1911 no bairro paulistano da Bela Vista, a PLATAFORMA foi idealizada para também funcionar como ateliê de serigrafia, editora, estúdio de design e até gravadora. Veja mais do espaço no teaser abaixo!



2013 – 13 DE JULHO

MUSEU TRANSMITE
ANIVERSÁRIO DE ANDY
WARHOL DE CEMITÉRIO

6 AGOSTO 2013

Um dos principais expoentes da pop art, Andy Warhol morreu em 1987

Um museu dedicado ao artista americano Andy Warhol, morto em 1987, iniciou uma transmissão ao vivo por webcam do túmulo onde ele está enterrado em Pittsburg, nos Estados Unidos.

A iniciativa faz parte das comemorações pelo aniversário de Warhol, que completaria 85 anos nesta terça-feira.

O projeto foi intitulado *FIGMENT* ('ficção', em tradução livre), em alusão à palavra que o artista pediu para ser gravada em sua lápide, informou o Museu Warhol, também em Pittsburgh.

O desejo, entretanto, nunca se concretizou. A lápide de Warhol, localizada em um cemitério no subúrbio da cidade, possui apenas o sobrenome original do artista, Warhola, as datas de seu nascimento e morte e uma cruz.

Ele tornou-se famoso por sintetizar o movimento conhecido como pop art, que criticava a massificação da cultura popular capitalista.

O vídeo começou a ser transmitido à meia-noite da segunda-feira.

O diretor do museu, Eric Shiner, afirmou que o museu decidiu chamar o projeto de *FIGMEN* por causa de uma famosa frase de Warhol: "Eu sempre pensei que gostaria que a minha própria lápide estivesse em branco. Sem epitáfio ou nome. Bem, na verdade, eu gostaria que nela constasse a palavra *FIGMENT*".

TRANSMISSÃO AO VIVO

Shiner afirmou que o museu decidiu que a webcam instalada na lápide "seria uma forma realmente fantástica de colocar Andy no ar 24 horas por dia durante sete dias por semana para uma audiência global".

"Nós acreditamos que isso daria a Warhol o prazer de saber que ele ainda está conectado e ligado 25 anos após a sua morte."

A empresa EarthCam, que está por trás do projeto da webcam em parceria com o museu, informou que também haverá uma transmissão de vídeo ao vivo da igreja onde Warhol foi batizado. As pessoas poderão enviar flores e observar enquanto elas são colocadas sobre o túmulo.

Warhol, que está enterrado perto de seus pais no Cemitério Católico Bizantino São João Batista, era católico fervoroso. Ele ia à missa todos os dias para rezar, afirmou Shiner.

Seu túmulo é visitado por centenas de pessoas todos os anos. Muitas depositam ali objetos que caracterizaram suas obras de arte, como a lata de sopas Campbell e garrafas de Coca-Cola.

Warhol, que também era cineasta, afirmou, em certa ocasião, preferir os filmes às pinturas porque considerava fazer cinema "mais fácil".

Um de seus filmes, com oito horas de duração, que retratava o cair da noite no edifício do Empire State, em Nova York, consistiu em uma única tomada do cartão-postal da cidade.

O local onde o artista está enterrado também é objeto de outro projeto em andamento, da artista Madelyn Roehrig, chamado 'Figments: Conversations with Andy Warhol' (Conversas com Andy Warhol, em tradução livre).

Roehrig está filmando as pessoas que visitam o túmulo de Warhol e fotografando os objetos que seus fãs deixam no lugar.



2013 – 25 DE AGOSTO

2013 – 7 DE SETEMBRO



MARIO MONTEZ, A WARHOL GLAMOUR AVATAR, DIES AT 78

BY DOUGLAS MARTIN / THE NEW YORK TIMES

OCTOBER. 3, 2013 – Mario Montez, whose glamour and poise as a drag performer elevated him to the heights of avant-garde theater and cinema in the 1960s and made him a fixture in films by Andy Warhol, died on Sept. 26 in Key West, Fla.

The cause was complications of a stroke, said Claire K. Henry, senior curatorial assistant of the Andy Warhol Film Project at the Whitney Museum of American Art. He was 78.

Mr. Montez has been the subject of seminars and screenings at Columbia University, the Museum of Modern Art and the Museum of the Moving Image in New York.

The filmmaker John Waters, who has drawn heavily from the cinematic experimentation of the 1960s, once said that Mr. Montez “forever holds the highest position of royalty in the world of underground cinema.”

In 2012, the Berlin International Film Festival presented him with a lifetime achievement award in “queer film,” calling him “the great drag superstar.”

“Whether he is playing The Wife, The Mother, The Whore or The Virgin, Montez captures the ineffable essence of femininity,” Charles Ludlam, founder of the Ridiculous Theatrical Company, wrote in the book “Ridiculous Theater: Scourge of Human Folly.” Mr. Montez, he wrote, “has dignity.”

Mr. Montez was a regular with the Ridiculous troupe, which strove to shock with surreal settings, cross-gender casting and wild improvisation. Mr. Montez managed to stand

out, even in this exuberant theatrical world. Sometimes the troupe rehearsed in Mr. Montez's SoHo loft.

"I never thought I would see a show in which Montez is the best actor — but here it is," Mel Gussow wrote in *The New York Times* in 1971 in his review of *VAIN VICTORY: THE VICISSITUDES OF THE DAMNED C.* 1971. He added, "He is, at least, the most convincing woman on stage."

Mr. Montez was considered Warhol's first drag "superstar." In a famous scene in *HARLOT* (1965), Warhol's first film with sound, Mr. Montez slowly, silently and seductively devoured banana after banana. In another Warhol role, playing Hedy Lamarr, the MGM "golden age" starlet celebrated for her darkly exotic beauty, he would burst into songs like "I Feel Pretty."

Still another performance was in Warhol's *SCREEN TEST #2* (1965) in which a director played by Ronald Tavel, a proud absurdist, gives the Montez character humiliating instructions, to recite the word "diarrhea" 20 times, for example, and to play a chicken-eating freak in a circus sideshow. With only slight hesitation, Mr. Montez does it all in the hope of being a star.



Mr. Montez also appeared in Warhol's *CAMP* (1965); *MORE MILK*, *YVETTE* (1965); and *THE CHELSEA GIRL* (1966).

Mario Montez on the set of *THE CHELSEA GIRLS* ; with Andy Warhol in 1967.

Mario Montez on the set of *THE CHELSEA GIRLS* with Andy Warhol in 1967. Credit...Santi Visalli Inc./Getty Images

In his book *POPISM: THE WARHOL SIXTIES*, written with Pat Hackett and published in 1980, Warhol said: "Mario had that classic comedy combination of seeming dumb but being able to say the right things with perfect timing; just when you thought you were laughing at him, he'd turn it all around."

Mr. Montez was sought out by other avant-garde directors as well, including Avery Willard and Jack Smith.

Mr. Montez was discovered by Mr. Smith — the circumstances are unclear — who had decided that a transvestite could best fulfill his dream of finding a "new" Maria Montez, according to "Ridiculous: The Theatrical Life and Times of Charles Ludlam," a 2005 biography by David Kaufman.

Mr. Smith and Mr. Montez found they shared a devotion to Hollywood glitz. Mr. Smith adored in particular the actress Maria Montez, who played the temptress in films like "Cobra Woman" (1944) and was known as the "Queen of Technicolor." Indeed, it was Mr. Smith who persuaded Mr. Montez to change his name from Rene Rivera in honor of the actress.

Mr. Montez soon appeared in Mr. Smith's "Flaming Creatures" (1963), a thrashing orgy of a movie that was widely banned, playing a seemingly female Spanish dancer with a rose between his teeth. That year, he also acted in Mr. Smith's unfinished "Normal Love" as a mermaid paying homage to Maria Montez at a candlelit shrine.

Rene Rivera was born in Ponce, Puerto Rico, on July 20, 1935. When he was 8 or 9 his family moved to New York and settled in East Harlem. He said he learned about acting by watching movies on television.

Mr. Montez said that during film production he often designed and made costumes for himself and other cast members, typically refashioning clothing he found in trash piles and at thrift shops. When not acting he supported himself with office jobs.

Mr. Montez was uncomfortable with his family knowing that he performed in drag, which he called "going into costume." He otherwise dressed conventionally. He was also a churchgoing Roman Catholic.

Warhol wrote, "The only spiritual comfort he allowed himself was the logic that even though God surely didn't like him for going into drag, that still, if he really hated him, he would have struck him dead."

In January 1977, while recovering from a bad cold, Mr. Montez moved to Florida, then largely lost touch with his old artistic crowd. He resurfaced in 2006, appearing in a documentary, "Jack Smith and the Destruction of Atlantis" by Mary Jordan. Soon he was making public appearances in New York and European cities.

Mr. Montez is survived by his partner, David Kratzner.

In later years Conrad Ventur, a filmmaker, went on to work with Mr. Montez in recreating performances from some of his Warhol movies.

"What Mario teaches is that you can build a creative life on a nothing budget from what inspires you," Mr. Ventur wrote in an e-mail. "You can build a persona from what the larger culture has discarded, misrepresented or ignored."

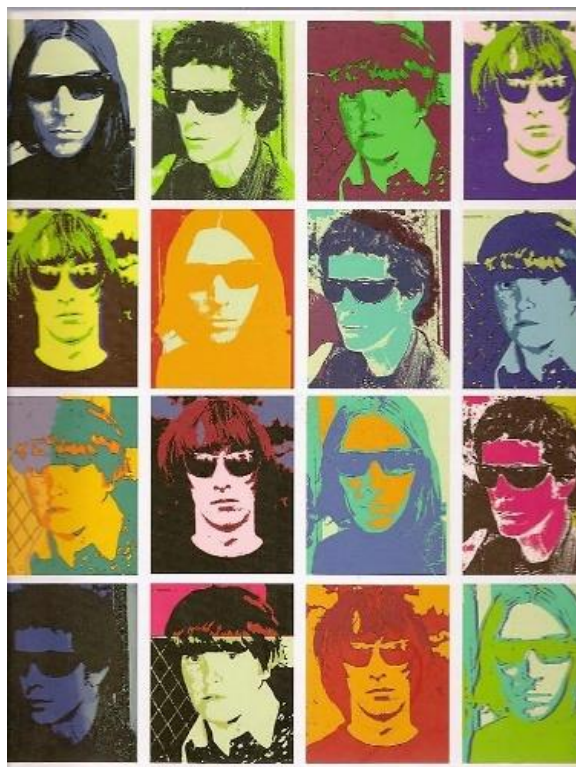


2013 – 17 DE OUTUBRO



28 DE OUTUBRO DE 2013 ·

Tenho a maior inveja da coleção do Fernando Carpaneda – memorabilia de New York, nunca foi barato aqui na terrinha. Pá! Tinha um monte de recortes e um excelente DVD, *VIDA E MORTE DE ANDY WARHOL*, mas nada de livros – eu via vários na Livraria Cultura e ainda têm muitos, mas eles são caros. Passei anos indo diariamente no Sebinho da 407N – quando num passe de mágica pintaram dois livros do Andy Warhol (sempre pela metade do preço) entre eles *ANDY WARHOL, MR. AMERICA* (em português – lançado pela Pinacoteca da *BIENAL DE SP*). Tudo para chegar aqui e registrar que comprei esse livro *VELVET UNDERGROUND* do Jim DeroGatis naquela situação de estudar bastantes dois livros para decidir qual? Esse ganhou pela reprodução de anúncios de jornais e fotografias exclusivas – ainda quero outros dois livros do Joy Division, só que me viciiei em levar para casa, somente o que estivesse em promoção – mais vale dois pássaros um negro e um albino na gaiola.





ÚLTIMA FOTO DE LOU REED É PUBLICADA

Agente prestou tributo ao músico com mensagem no site oficial

Facebook Lou Reed – <http://zerohora.clicrbs.com.br>

30 DE OUTUBRO – O agente de Lou Reed, Tom Sarig, uniu-se ao time de amigos e fãs que tem prestado homenagem ao cantor desde que ele faleceu, no domingo. Na tarde desta quarta-feira, Sarig publicou a última fotografia feita de Lou no site oficial do artista. A imagem, assinada pelo fotógrafo Jean Baptiste Mondino, está acompanhada de uma mensagem:

"Há apenas duas semanas, Lou realizou uma sessão de fotos que deveriam se tornar anúncios publicitários para a companhia de fones Parrot, do seu amigo Henri Seydoux. O renomado fotógrafo Jean Baptiste Mondino fez as fotografias e esta foi a última foto que ele tirou. Sempre uma torre de força", escreveu Tom Sarig.

Na terça-feira, a causa da morte de Lou foi confirmada pelo médico do músico como problemas no fígado.

Última fotografia feita de Lou Reed, pelo fotógrafo Jean Baptiste Mondino

LOU REED

'FELIZ E FAZENDO TAI CHI'

EM SEUS ÚLTIMOS DIAS

Laurie Anderson publicou nesta quinta carta em jornal de Nova York; leia.

Ela o descreve como 'lutador'; músico morreu aos 71 anos neste domingo.

DO G1, EM SÃO PAULO



1 DE NOVEMBRO / 2013 – A viúva de Lou Reed, Laurie Anderson, afirmou que o músico estava "observando as árvores e fazendo a famosa posição 21 do tai chi" ao morrer, no domingo passado (27), aos 71 anos de idade, em decorrência de um problema no fígado.

A artista publicou nesta quinta-feira (31) um texto no jornal "East Hampton Star", de East Hampton, no estado de Nova York. O casal tinha uma residência na cidade. De acordo com Laurie, foi lá que o cantor, guitarrista e compositor passou os últimos momentos. Leia abaixo a íntegra da nota escrita por Laurie Anderson.

"Na semana passada, eu prometi a Lou que o tiraria do hospital e que voltaríamos para casa em Springs. E conseguimos! Lou era um mestre de tai chi e passou aqui seus últimos dias", descreveu, referindo-se ao marido como "um príncipe e um lutador". Em maio, Reed havia passado por uma cirurgia de transplante de fígado. A viúva escreve ainda que Lou estava "feliz e arrebatado pela beleza, pela força e pela suavidade da natureza".

UMA ÚLTIMA SOBRE LOU

POR MÁRVIO DOS ANJOS – MEU DESTAK

Lou Reed, compositor, cantor e guitarrista, não foi um fabricante de sucessos. Apenas um hit em larga escala – "Walk On The Wild Side", turnês que jamais giraram estádios e pouca paciência para o jogo das celebridades.

Por que dar tanta atenção a ele na hora de sua morte?, perguntarão alguns. Porque nem tudo é quantitativo no que diz respeito às artes, mensurável pelas vendas e pelos públicos, e a obra de Reed foi crucial para a música, tanto na banda que uniu o rock às artes plásticas e criou o indie, o Velvet Underground, quanto nos trabalhos solos. Reed foi essencial para uma Nova York que vivia nas franjas da Nova York cantada por Sinatra. A Manhattan dos becos, dos inferninhos, dos drogados e dos que se lixam para o sonho americano merecia ter seus hinos. Abriu o caminho para muitos cronistas do enorme caldo de dissolução de humanidades que as metrópolis misturam e adensam.

Se quebrou os formatos ditados pelo rock de Elvis e dos Beatles em construções de grande força como "Sweet Jane" e "White Light/White Heat", também soube se aproximar deles quando quis e fazer canções absolutamente radiofônicas, como a delicada "Perfect Day" e a endiabrada "Hangin' Around". Muito pouco disso conheceu as rádios, mas apenas porque não quiseram. Reed sai de cena com 50 livros abertos – o tanto de biografias que se encontram sobre ele, que era o que eu queria dizer.

2013 – 16 DE NOVEMBRO









2014 – 25 DE JANEIRO



EXHIBIT GETS ON THE FACTORY FLOOR WITH WARHOL'S 'BABY JANE'

BY CHRISTINE DIMATTEI • FEB 3, 2014



Jane Holzer stands in front of her portrait by Warhol

WHAT EVER HAPPENED TO BABY JANE?

Not Bette Davis' Baby Jane, that horrifying child star turned cosmetically challenged psychopath, but the young model known throughout the 1960s as 'Baby Jane' Holzer. The Palm Beach native -- and her role as artist Andy Warhol's friend, confidante and collaborator -- is the focus of an exhibit now showing at the Norton Museum of Art in West Palm Beach.

TO JANE, LOVE ANDY: WARHOL'S FIRST SUPERSTAR explores Holzer's rise as one of the most famous faces of the '60s and a member of Warhol's famous Factory, the studio that attracted hipsters and artists of every kind.



Fashions from Holzer's career as a model are exhibited, as well as photographs by David Bailey, Nat Finkelstein, Billy Name, and Irving Penn, to name a few. Also on display are Warhol paintings, sculptures, prints and films featuring her as "Baby Jane."

Holzer was already an established model when she and the guy with the alarming shock of white-blond hair were first introduced by a mutual friend in 1963 New York City. Before long, Holzer was appearing in a number of Warhol's experimental films. They remained friends until Warhol's death in 1987.



Ron Galella

Andy Warhol and Baby Jane Holzer during Awards Dinner for AIDS Walk-A-Thon at Beverly Center in Beverly Hills, California, United States. (Photo by Ron Galella/Ron Galella Collection via Getty Images)

EXHIBITION-RELATED PROGRAMS INCLUDE:

Art 101 mini-course, "Warhol's '60s": This three-part course looks at the heyday of Warhol's Factory and other contemporary approaches to art that continue to resonate today; gallery discussions and power-point presentations led by museum staff, 1 to 3 p.m. on three consecutive Wednesdays: Feb. 26, March 5, and March 12. Registration is \$75 for members and \$100 for non-members. Call 561-832-5196 ex. 1113.

TO JANE, LOVE ANDY Curator's Conversation at 6:30 p.m. on Thursday, Feb. 27: Organizing curator for the exhibition, Cheryl Brutvan, leads a discussion of the exhibition during Art After Dark.

CINEMA OF THE '60S series, beginning 6:30 p.m. March 20: Film scholar, author, and former Palm Beach Post books editor Scott Eyman screens cutting-edge films by some of the most daring filmmakers working in New York during the '60s. Each screening will be followed by a discussion. The series opens during Art After Dark with D.A. Pennebaker's *DON'T LOOK BACK*, a documentary about Bob Dylan's 1965 U.K. concert tour, and closes on April 17 with films by Warhol.

TO JANE, LOVE ANDY: WARHOL'S FIRST SUPERSTAR, until May 25 at the Norton Museum of Art, 1451 South Olive Ave., West Palm Beach, 561-832-5196



2014 – 24 DE FEVEREIRO

“Neste exato momento, o amigo Mário Pazcheco acaba de sair do Ateliê Eco arte, onde tive o prazer de desfrutar um pouco da sua genialidade e generosidade em aceitar escambo de sua mais nova Obra >> *10.000 dias de rock*. São 424 páginas pensadas e elaboradas com a responsabilidade de quem se preocupar primeiramente em deixar um legado para as próximas gerações. Parabéns Amigão!! Ps: Aí...! kkkkkkkkk”. **(PAULO ATAÍDE CAVALCANTE)**

“O livro está sensacional. Passei horas da noite lendo e degustando cada palavra.”
(MARLENE FERREIRA)



Sapiens vence o Brasília Independente

Banda guaraense recebeu 40% dos votos no projeto da TV Globo Brasília e vai ganhar um video clipe gravado pela emissora (Página 6).

2014 – 8 DE MARÇO



10.000 Dias de Rock com Maria Helena e Tomaz André em 📍Guará, Distrit
8 de março de 2014 · 🌐 · 🌐



1.198 pessoas alcançadas



Mario Fernandes Fernandes, Sonia Maria e outras 13 pessoas

3 comentários

ULTRA VIOLET, WARHOL SUPERSTAR, DIES AT 78

BY ANITA GATES

Ultra Violet (Andy Warhol Superstars) morreu. Ela tinha 78 anos e estava com câncer. Conheci a Ultra em uma das exposições que participei com ela e com vários outros Superstars da The Factory. Meu nome e minha foto continuam online no site oficial Andy Warhol Superstars falando sobre as exposições e eventos que participei com eles. Triste." **(FERNANDO CARPANEDA)**



Left to Right: Ultra Violet; Andy Warhol, and Viva arrive at the Trans-Lux Theater for the premiere of "I Love You, Alice B. Toklas!" 10/7/1968 BPA 2# 4547

15 DE JUNHO / 2014 – Isabelle Collin Dufresne, the French-born artist, actress and author known as Ultra Violet, the beauty among the superstars of Andy Warhol's glory days at his studio, the Factory, died early Saturday morning at a Manhattan hospital. She was 78 and lived in Manhattan and in Nice, France.

The death was confirmed by William Butler, a family friend. A cousin, Carole Thouvard Revol, said the cause was cancer.

In 1973, Ultra Violet had a near-death experience, for which she blamed her habits of excess in the decade before. In the 1980s, she condemned the rampant drug use, orgiastic sex and unchecked egotism at the Factory, repented for her part in it and became a member of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints.

She worked as an artist until her death. A New York exhibition at the Dillon Gallery in Chelsea this spring, Ultra Violet: The Studio Recreated, featured a selection of her paintings, sculptures, prints, film and neon works. The show closed three weeks before she died.



Ultra Violet with Salvador Dalí at the Huntington Hartford Museum in New York in 1969.
Credit UltraVioletweb.com



BEATON PHOTOGRAPHS WARHOL & COMPANY

View over the shoulder of British fashion photographer Cecil Beaton (1904-1980) as he photographs American pop artist Andy Warhol (seated) and, standing from left, Ingrid Superstar, Candy Darling (1944-1974) (born James Lawrence Slattery), Ultra Violet (born Isabelle Dufresne), unidentified, Brigid Polk (also known as Brigid Berlin) at Warhol's studio, the Factory (near Union Square), **NEW YORK, NEW YORK, APRIL 24, 1969**. (Photo by Fred W. McDarrah/Getty Images)



Summing up her artistic abilities in a 2009 video interview, she said: “I have infinite imagination. Maybe I don’t have too much technique.” Much of her recent work had dealt with Sept. 11, using the Roman numerals IX and XI as a graphic palindrome, and with the iconography of Mickey Mouse, whom she often depicted wearing angel wings.

Ms. Collin Dufresne was in her late 20s when she met Warhol while having tea at the St. Regis Hotel with the artist Salvador Dalí, a lover and an earlier mentor. It was 1964, and Warhol immediately expressed interest in having her in his films. She made her screen debut the next year under her real name in Warhol’s *The Life of Juanita Castro*, an improvised black-and-white political comedy.

By the time she appeared in her second Warhol film, *I, A MAN* (1967), which also starred Nico and Valerie Solanas (who later shot and seriously injured Warhol), she had taken the name Ultra Violet. But when she was not in character, with some combination of purple hair, purple lipstick, trowel-heavy purple eye shadow and beet juice as cheek color, she looked like the prettiest girl at the prom — a soignée brunette with a shoulder-length bouffant, delicate features and maximum false eyelashes. And she had a French accent.

Isabelle Collin Dufresne was born on **SEPT. 6, 1935**, in La Tronche, France, near Grenoble, to an upper-middle-class family. She often said that when she had shown rebellious tendencies as a teenager, her parents had a Roman Catholic priest perform an exorcism. Apparently, the effects were delayed.

She was also sent to a reform school at one point and studied art in Grenoble before being “shipped off” to New York, as she always said, where it was hoped a new environment might tame her.

As Ultra Violet, Ms. Collin Dufresne appeared in some 17 films, not counting numerous documentaries made later about the period and the Factory regulars. Even those films that were not directed by Warhol or his acolyte Paul Morrissey tended to be Warholian, dealing with the counterculture, drugs or at least fantasy or horror, and her co-stars in those non-Warhol films often included other Factory superstars, as they were known. She was in a 1970 “Cleopatra,” for instance, in which Viva played the title role.



Ultra Violet in her studio. Dozens of her works were on view at the Dillon Gallery this spring. Credit

**LIZZY
SULLIVAN**

But Ultra Violet also appeared in “Midnight Cowboy” (1969), in a party scene with her fellow Factory habitués Viva, International Velvet and Mr. Morrissey; had a small part in Milos Forman’s



TAKING OFF (1971); and played a kinky party guest in Paul Mazursky’s *AN UNMARRIED WOMAN* (1978), with Jill Clayburgh. Ultra Violet’s final film acting job

was in "Blackout" (1994), directed by Paulita Sedgwick, a cousin of Edie Sedgwick, the heiress and Factory starlet who died in 1971 in her 20s.

IN FAMOUS FOR 15 MINUTES: MY YEARS WITH ANDY WARHOL, Ultra Violet's 1988 memoir, she wrote about her return to religion after a nervous and physical breakdown. She kissed and told, naming among her past lovers Rudolf Nureyev, the artist Ed Ruscha and Mr. Forman. And she denounced the person she had been during the Warhol years as an "unleashed exhibitionist chasing headlines."

"I survived by grace alone," she told a PBS interviewer in 2005.

Ms. Collin Dufresne, who never married, is survived by two sisters, Catherine Cara and Edwige Merceron-Vicat.

Interviewers often asked her about the decade in which she was at the center of celebrity culture. In a 2011 interview with USA Today, she said, "I mean, it was an exciting era in that there was a cultural revolution going on." She acknowledged that there was no comparable shake-up underway in the 2000s so far, but added, "I think we are constantly in some kind of a flux."

She could be a serious interview subject, as when in David Henry Gerson's 2011 documentary, "Ultra Violet for Sixteen Minutes," she announced, "As you come closer to your true nature, you are more fulfilled."

But she could also jab. At an arts festival in Bridgehampton, N.Y., in 2010, she and her longtime Factory friend Taylor Mead were confronted by a young interviewer who appeared to have no idea who they were and simply presented them with generic questions like "Whose work do you like?" and "Why are you here?"

Ultra Violet tossed off one answer, "I like my own work." And then, as if it were 1965 again, she said, "We are here because we are world-famous."

(Original Caption)
29/4/1971-
New York, NY- Andy Warhol and superstars (l) Candy Darling (transvestite) and (r) Ultra Violet (real girl) are shown at a



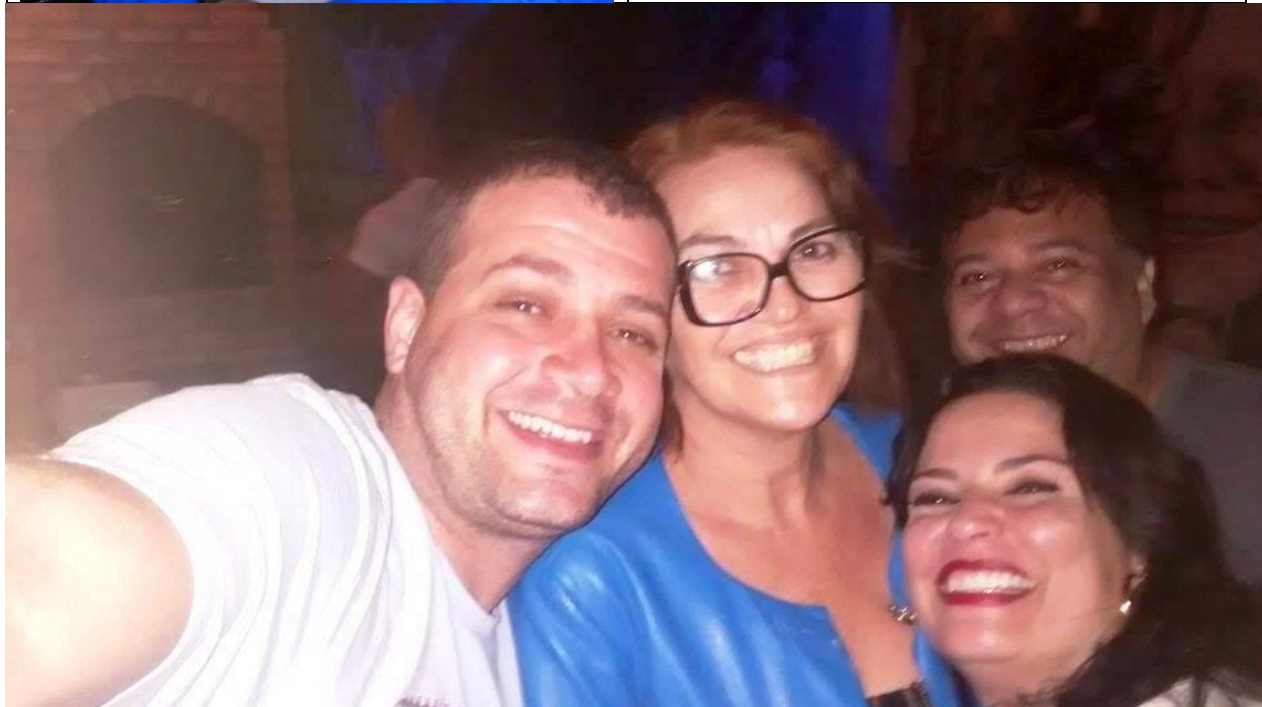
press conference. Andy is being interviewed in the Whitney Museum where an exhibit of his works is being shown. On the wall is his "cow" wallpaper and self-portraits.

**2014 – 23 DE NOVENBRO
– ESTÁDIO MANÉ
GARRINCHA**

"Oi, Brasília. Boa noite,
brasilienses!"



2015



2015 – 28 DE MARÇO



Nunca serei fotógrafo de celeridades – com Éz Macêdo e Rafael Sales.

2015 – 3 DE ABRIL



2015 – 4 DE JULHO



2015 – 10 DE AGOSTO – QUE TIRO NO PÉ LEGAL



Feitiço virou contra os feiticeiros! Vilipendiaram, estupraram e quase destruíram as geladeiras literárias no Guará 2. O pior é que não assumiram o atentado. Pois não é, que os meninos do Coletivo Mosca acabaram de sair em nível nacional no Jornal Nacional! Um grito! Urgente que eu pensei que fosse de socorro da Zanza Meneses, mas não era, era o Julimar dos Santos e o Lucas Rafael em plena prosa livre com a cultura das geladeiras literatas chegando ao metrô de Samambaia. Valeu! Galera! É nós, agora só falta ser internacional transcontinental Philco Hi-Fi odara-rasta: Deus escreve certo pelo grafite.

2015 – 5 DE SETEMBRO – CONSPIRAÇÃO UNDERGROUND





Alquimia Blues: Jean, Kelton e Zen





NOVE OBRAS DE ANDY WARHOL SÃO ROUBADAS E TROCADAS POR CÓPIAS

Ladrão nos EUA rouba nove obras de Andy Warhol e as troca por cópias

Bald Eagle

DA REUTERS

11 DE SETEMBRO / 2015 – Nove impressões originais de Andy Warhol foram discretamente levadas de uma empresa de cinema de Los Angeles e substituídas por falsificações, em um roubo que passou despercebido por anos, de acordo com a polícia e documentos judiciais.

As serigrafias, com valor estimado em US\$ 350 mil, são da série *ESPÉCIES EM PERIGO*, de 1983, e a obra *DEZ RETRATOS DE JUDEUS DO SÉCULO 20*, de 1980, de acordo com um relatório da polícia entregue ao Superior Tribunal de Justiça de Los Angeles, como parte de um mandado de busca divulgado na quinta-feira.

O furto foi relatado pela primeira vez no início desta semana pelo site de celebridades "TMZ". O detetive Don Hrycyk, de Los Angeles, não quis dar detalhes sobre o caso, dizendo que ainda estava sendo investigado.

No depoimento, a polícia disse que o furto das obras que estavam na empresa cinematográfica Moviola foi tão perfeito que só perceberam quando uma delas foi removida para ser feita uma nova moldura. Os funcionários da empresa de molduras notaram que a serigrafia estava um pouco turva e não dispunha de um número de impressão e assinatura.

Aparentemente, quem furtou as obras as substituiu por grandes cópias coloridas, disse em depoimento o detetive da polícia de Los Angeles Brent Johnson. *BALD EAGLE*, uma das serigrafias roubadas, foi vendida pela casa de leilões Bonhams em **25 DE OUTUBRO DE 2011**, de acordo com o depoimento.



Um juiz no mês passado emitiu um mandado de busca para o escritório da Bonhams em Los Angeles enquanto detetives investigam quem comprou as serigrafias e quem as colocou à venda, mostraram documentos judiciais.

A porta-voz da Bonhams Kristin Guiter disse que a polícia não procurou o escritório, mas no mês passado a empresa respondeu a um pedido de informações de investigadores e de documentação sobre a *BALD EAGLE*, vendida em 2011.

De acordo com um relatório da polícia de Los Angeles, as condições das falsificações indicam que o furto ocorreu nos últimos três anos, embora o leilão de *EAGLE* em 2011 sugira que possa ter sido antes disso.

'NU DEITADO', DE MODIGLIANI, É ARREMATADA POR US\$ 170 MILHÕES NOS EUA



NU DEITADO, de Modigliani, é arrematada por US\$ 170 milhões nos EUA

O último recorde do pintor italiano era de US\$ 71 milhões

9 DE NOVEMBRO / 2015 – A obra *Reclining NUDE* ("Nu Deitado"), do artista italiano Amedeo Modigliani, foi leiloadada nesta segunda-feira (9/11) na Casa Christie's, em Nova York, por US\$ 170,4 milhões de prêmio final e, com isso, superou com folga o último recorde do artista, que era de US\$ 71 milhões.

A obra, que ultrapassou as expectativas da Christie's de US\$ 100 milhões, é um dos últimos trabalhos da carreira tragicamente curta de Modigliani, o paradigma do pintor boêmio romântico em Paris.

O recorde para o artista italiano aconteceu na primeira grande noite de leilões de Christie's da temporada de outono no hemisfério norte, dedicada à "musa inspiradora" e que contou com 34 pinturas e esculturas de mestres como Paul Gauguin e Roy Lichtenstein, que também bateram seus próprios recordes.

A obra, que retrata uma mulher nua deitada sobre um sofá, provocou escândalo quando foi exibida pela primeira vez em Paris.

Superando *NU COUCHÉ*, apenas a pintura *MULHERES DE ARGEL*, de Pablo Picasso, que estabeleceu o recorde de maior valor já pago por uma obra de arte em leilão. A Christie's vendeu o quadro em maio por US\$ 179,4 milhões.

A escultura *THÉRESE*, de Gauguin, foi arrematada por US\$ 30,9 milhões de preço final, enquanto a pintura *NURSE* ("Enfermeira"), de Liechtenstein, que era estimada em US\$ 80 milhões, conseguiu chegar aos US\$ 95,3 milhões, o valor máximo que já foi pago por uma obra do artista pop até o momento (US\$ 56 milhões).

A famosa e colorida obra de Lichtenstein estava há décadas fora do mercado nas mãos de um colecionador privado.

2015 – 14 DE NOVEMBRO

Nesse sábado, Emmanuel fez a bombástica ação em quebrar o tensor da guitarra Gibson, não sei onde ele andava com a cabeça. No início de 2016, indiquei, Walter Muganga para assumir a guitarra na Dínamo Z. Bruno Z reapareceu no final desse ano, no show do Murilo Lima. Depois de uma postagem bombástica, onde eu me negava a pagar os 10% em bares, o amigo, Z, nunca mais tocou aqui.



(RE)DESCOBRIR ANDY WARHOL



23 DE NOVEMBRO / 2015 – Obras de Andy Warhol nunca antes expostas, provenientes de uma colecção privada, vão estar em exposição no Ashmolean Museum, em Oxford. Entre **4 DE FEVEREIRO E 15 DE MAIO DE 2016**, *ANDY WARHOL: WORKS FROM THE HALL COLLECTION* mostrará mais de cem obras do artista.

Alexander Sturgis, curador da exposição e director do Ashmolean, o Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de Oxford, disse à Press Association que esta exposição pretende destacar “obras desconhecidas e surpreendentes” – trabalhos desde a década de 1960 até à sua fase mais experimental, nos últimos anos de vida. As obras foram emprestadas por Andrew Hall, um coleccionador britânico que vive nos Estados Unidos.

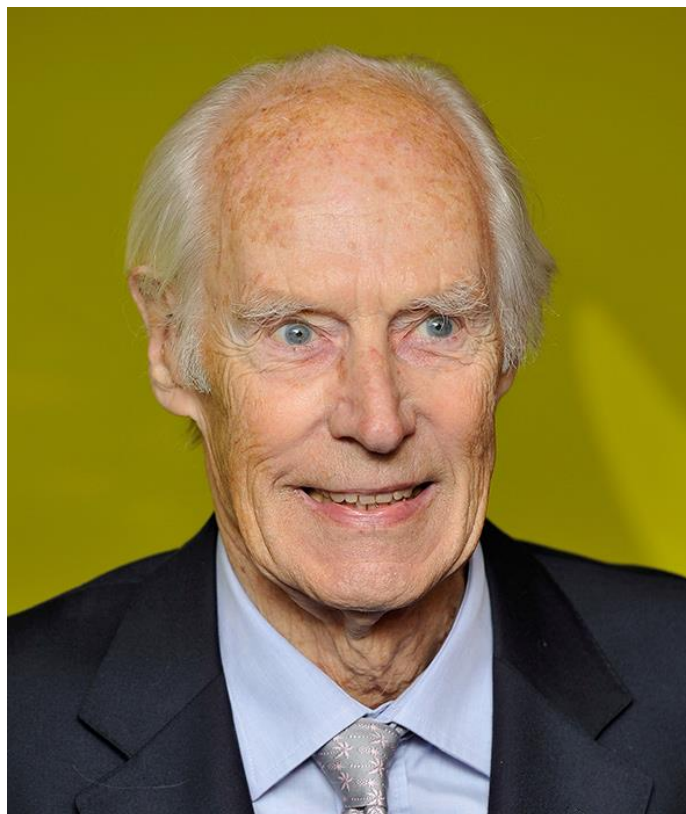
“A colecção Hall de obras de Warhol demonstra a produção extraordinariamente diversa do artista, que reage ao seu mundo com veracidade e inteligência penetrantes”, disse à Press Association Norman Rosenthal, também responsável pela curadoria da exposição. Entre as obras encontram-se retratos do artista Roy Lichtenstein, do cantor Paul Anka e do artista Joseph Beuys, bem como obras experimentais como a serigrafia *HEAVEN AND HELL ARE JUST ONE BREATH AWAY*. A exposição inclui também filmes provenientes do Warhol Museum, em Pittsburgh (EUA).

Conhecido por trazer a publicidade para a arte, Andy Warhol foi uma das principais caras do movimento Pop Art que floresceu nos Estados Unidos nos anos 1960. Entre as suas obras mais conhecidas encontram-se as célebres *LATAS DE SOPA CAMPBELL* (1962) e *MARILYN DIPTYCH* (1962).



2016 – 6 DE FEVEREIRO

2016 – 8 DE MARÇO



2016 – 16 DE JULHO – FOTOS DE EDSON SALAZAR



MORRE BILLY NAME, FOTÓGRAFO E EX-AMANTE DE ANDY WARHOL

Billy Name, fotógrafo que capturou cada momento da Factory, mítico ateliê de Andy Warhol em Nova York, morreu aos 76 anos

DO UOL, EM SÃO PAULO



Ronald Bowers/Getty Images

19 DE JULHO / 2016 – Nascido William Linich Jr., Name conheceu Warhol quando trabalhava como garçom no badalado restaurante Serendipity 3. Logo, os dois se tornaram amantes e, em seguida, Name começou a trabalhar como braço direito de Warhol.

Todos os ateliês de Warhol, que morreu aos 58 anos, em 1987, ficaram conhecidos como Factory, mas um especificamente, localizado na Quinta-Avenida, tinha as paredes forradas de papel-alumínio, uma ideia de Billy.

Em 2013, Billy expôs suas fotos em São Paulo e em entrevista à Folha na ocasião falou sobre o ex-amante. "Ele tinha uma aura especial mesmo", disse. "Sentia uma energia estranha só de estar do lado dele, pela forma como olhavam para a gente, pelo que escreviam nos jornais sobre ele. Eu vi Andy ficar famoso. Num momento, ele estava no topo do mundo. Era glorioso ter aquele tipo de poder, mas também muito doloroso."

IDEAFIXA

BILLY NAME, O HOMEM QUE ILUMINOU A FACTORY E SUA HISTÓRIA COM O BRASIL

IDEAFIXA

Billy Name, o homem que iluminou a Factory, morto na última segunda-feira, 18, aos 76 anos, e sua história com o Brasil.

Billy Name morreu na última segunda-feira, 18, aos 76 anos, no estado de Nova York, onde morava, enquanto dormia. Fotógrafo que capturou como ninguém cada momento da Factory, o mítico estúdio e ateliê de Andy Warhol, estreitou sua relação com o universo das artes brasileira no começo desta década, mais precisamente em 2013, quando entrevista e obras do artista foram publicadas na segunda edição do Manipresto, publicação independente criada pela Plataforma91 em parceria com o estúdio 20.87 que

dissemina ideias de artes plásticas, design, arquitetura, música e urbanismo. Esta edição do Manipresto, inclusive, circulou com uma serigrafia autorizada pelo artista.

A entrevista exclusiva foi concedida por Billy em sua casa em Poughkeepsie, no Estado de Nova York. A visita e a publicação da entrevista abriram caminho para a primeira exposição das obras de Billy no Brasil, em julho 2013, na Plataforma91.

A exposição *BILLY NAME: THE SILVER ERA AT THE FACTORY*, apresentou ao Brasil pela primeira vez 25 serigrafias manuais do artista, que retratam alguns dos maiores ícones da era do pop, como Nico, Bob Dylan, Edie Sedgwick, Candy Darling, Baby Jane Holzer, Joe Dallesandro e Gerard Malanga, entre outros.

A curadora da exposição, Duda Porto de Souza, relembra o primeiro encontro que teve com ele para seleção destas imagens: “sua voz suave, seu sorriso doce e sua capacidade de relatar os tempos áureos da Factory com toda a sua dimensão, sem nenhuma espécie de saudosismo, transparecem a magnitude de sua influência. Vale lembrarmos aqui o significado da palavra deslumbre: ofuscar, turvar a vista de alguém. Billy fazia o oposto, iluminando o cenário de sua época, sem nenhum tipo de deslumbramento”, conta.

Outra exposição com obras do artista aconteceria no Brasil, desta vez em **JUNHO DE 2015**, na Micasa, em São Paulo, desta vez com material produzido no Brasil, pela Plataforma91. “Tanto para a primeira exposição quanto para a segunda, o próprio Billy ajudou a selecionar as imagens que mais haviam marcado sua vida”, conta Abidiel Vicente, que assina o conteúdo e a edição de arte do Manipresto ao lado de Houssein Jarouche.

Na noite de sua morte, **18 DE JULHO DE 2016**, a revista Interview, fundada por Warhol em 1969, publicou as palavras de um bilhete deixado por Billy para Warhol: “Eu fui embora. E deixei um recado na porta deles. ‘Querido Andy, não estou mais aqui, mas estou bem realmente. Com amor, Billy’.

















SUSAN BOTTOMLY/INTERNATIONAL VELVET/ (1966)

NOTES ON INTERNATIONAL VELVET (SUSAN BOTTOMLY)

SUPERBOY / THE CHELSEA GIRLS /* OR FOUR STARS***

<https://warholstars.org/stars>

Susan Bottomly came from an old New England family, attending boarding school where she was thrown out four times. (VY107) Her father was a district attorney in Boston.

(POP175) In 1966, at the age of 16 she met Andy Warhol at a party in Boston – the same year that her modelling career took off with a front cover for Mademoiselle magazine.

Andy Warhol:

"There were other girls who were just as beautiful as Susan Bottomly was, but her way of moving made her extra beautiful. People constantly wanted to know, 'Who is she?' ... She also had one of the few bodies that could really bring out the ultimate look in a dress like, say, the ones Paco Rabanne made out of plastic disks or like the short black 'discotheque dress.' And with her long neck, she could wear the new big earrings the way nobody else could... Susan would "spend hours putting on the latest makeup, stroking on Fabulash over and over again, painting her eyes three different shades of brown... Watching someone like Susan Bottomly, who had such perfect, full, fine features, doing all this on her face was like watching a beautiful statue painting itself." (POP175-6)

Bottomly moved to New York in the summer of 1966 and went straight to the Factory. (VY107). She lived at the Chelsea Hotel where her rent was paid by her family who also sent her an allowance. Gerard Malanga lived with her in the Chelsea for the first couple of months, writing poems about her. (POP175-6)

With Warhol's relationship with Edie falling apart because of her drug use and alliance with the Dylan crowd,, Andy began hanging out at places with Susan. According to Victor Bockris in his Warhol biography, Andy was "playing her [Susan] off against the others while Susan, who had an allowance from her daddy, picked up the tabs at discotheques and introduced him [Andy] to potential backers." (L&D260-61)

During the summer of 1966, Warhol filmed *THE CHELSEA GIRLS* in which Susan appeared in the *HANOI HANNA (QUEEN OF CHINA)* segment (Room 116), *THE POPE ONDINE STORY* segment (Room 732) and *THE JOHN* segment (Room 632). (SG148)

The *HANOI HANNA* segment was filmed in Velvet's room at the Chelsea. According to Mary Woronov, who played the part of Hanoi, "Velvet was a slob." She "was a society girl from Boston hoping to follow in Edie Sedgwick's footsteps." Mary was "stoned to the gills" for the filming and, according to Mary, Velvet was drunk, slugging "out of her vodka bottle, a little too greedily for a girl of good breeding", and "Ingrid Superstar was on pills, but they had no effect, she was naturally nuts..." Mary watched Velvet applying her make-up and



whispered to her: "No matter how much you put on your face, it won't make your butt any smaller." (MW33-4)

During the filming of the scene, Velvet was expecting a phone call from a modeling agency and warned Andy that if the phone rang during the filming, she would have to answer it. But when the phone did ring, Mary pulled it out of her reach, not allowing her to answer it. Velvet asked Mary to let her answer the phone, saying "you promised" and "that's my call" but Mary replied: "You don't have a call. You have a fat ass." The end result was that Velvet ran out of the room in anger – although she did return to finish the scene. (MW41)

Ronald Tavel who wrote the script for the Hanoi Hanna segment was so pleased with Mary's performance that he offered her a part in an Off-Off Broadway play three days later.

Around the same time as *THE CHELSEA GIRLS*. was filmed, both Mary and International Velvet appeared in *Superboy* – a Warhol film that was never screened for the public. The starring role was performed by an unidentified boy surfer. Both Gerard Malanga and Billy Name remember that *Superboy* was shot slightly before *THE CHELSEA GIRLS*.. A photograph taken by Billy Name on the day of the shoot for *Superboy* was later used to publicize *THE CHELSEA GIRLS*. (BN70)

Susan Bottomly also remembers doing a film at some point where "I sit there and put on make-up and talk to my boyfriend, David Croland." (VY108)

By Autumn of 1966, Susan had broken up with Gerard and and started seeing David Croland who would later become well-known as a fashion illustrator. Susan met David at a party at Il Mio she attended with Andy. The party was arranged to promote big earrings that David had designed for Paraphernalia. When Susan saw David, she asked her Cambridge roommate who was also there, to get him. When David came over to them he picked out two crystal drops with the chains attached from the low chandeliers at Il Mio and made them into earrings which he gave to Susan.

After the Paraphernalia party, they all went to another party in an apartment on Fifth Avenue where Susan and David locked themselves into the bathroom. When the other party-goers asked them what they had been doing for so long in the bathroom, Susan replied "Fucking".

David thought the impromptu earrings made for Susan looked so good that he decided to include them in his line at Paraphernalia, which meant stealing more crystals. According to Andy, "after a couple of months, the chandeliers at Il Mio were looking pretty bleak." (POP176-8)

A few days after they met, David and Susan were amongst the Factory regulars who accompanied Andy to Provincetown where the Velvets were playing at the Chrysler Museum.

Andy Warhol: "David and Susan got lost from us at one point and decided to move to a hotel. 'Susan had the money and the checkbook,' he [David] told me a long time later, 'so we had to register as Mr. and Mrs. Bottomly, and that' he laughed, 'is how the whole problem got started.' When I asked him what he meant, he smiled and said, 'Oh, come on, you remember what a joke I was in those days, tagging along with Susan to all her modeling jobs, carrying her portfolio, hoping someone would point to me and say, 'Oh, why don't you get into this shot, too?' I wanted to be a model then, but what I didn't realize was that I was trying to be a female model.'" (POP179/180)

IN JANUARY OF 1967, Warhol shot some footage of Susan Bottomly for **** (FOUR STARS) – a 30 minute colour and sound segment referred to simply as International Velvet which also included Alan Midgette and Dickin. **** (FOUR STARS), was composed of footage shot between **AUGUST 1966 AND SEPTEMBER 1967**. It was only screened once at the New Cinema Playhouse in New York from 8:30 pm on December 15 to 9:30 pm on **DECEMBER 16, 1967**.

Debra Miller in Billy Name Stills from the Warhol Films: "Immediately following the unique initial showing, the twenty-five-hour movie [**** (FOUR STARS)] was replaced by a condensed two-hour version. Several of the episodes were relegated to storage (for example, Philadelphia Story); others were shortened and released in a more marketable form (such as Imitation of Christ...); and still others were integrated into different Warhol movies (for example, a reel featuring Waldo Diaz Balart in The Loves of Ondine...)." (BN86)

In addition to her Warhol films, Susan Bottomly was also one of the Factory regulars who appeared in the party scene of Midnight Cowboy which was filmed in late June 1968 while Andy was recuperating in hospital.

Susan and David Croland split up in 1968 after Warhol's group introduced Bottomly to French matinee idol Christian Marquand, who had gone on to direct films. He cast Susan in a small part in the film version of Terry Southern's Candy. In the film, she ran down a street shouting "Candy! You forgot the shoe!" After filming it in the USA, Christian flew Susan to Italy to do something with the Living Theatre and she ended up staying in Italy for months. (POP270)

She arrived back from Rome the day before Andy was shot. She went to David's house to tell him that she was leaving him permanently, and while she was there, Nico came over and told them that Warhol had been shot. Unable to get any information from the hospital and not knowing what to do, Nico suggested that they light candles and sit on the floor and wait. Hours later, after Nico left, they found out from the hospital that Warhol's condition had improved. A few hours after that, Susan left as well, ending her relationship with David. (POP283)

Susan Bottomly: "I wanted as much attention as I could possibly get... But I had no idea how to handle the attention. I was very clumsy. I would drink too much, often. I had no idea what I was doing... I remember having a few twangs about the fact that Viva was becoming more important than I was. On the other hand I knew it was time for me to move on..." (VY108)





**TAMA JANOWITZ ON ANDY WARHOL AND THE ROLLING STONES
THE WALL STREET JOURNAL**



The Rolling Stones performed at L'Olympia in Paris, April 11, 1967. PHOTO:
EUSTACHE CARDENAS/ASSOCIATED PRESS

The author of 'Slaves of New York' on 'Get Off of My Cloud'
Tama Janowitz

Tama Janowitz, 59, is the author of nine books, including *SLAVES OF NEW YORK* and her latest, *SCREAM: A MEMOIR OF GLAMOUR AND DYSFUNCTION* (Dey Street). She spoke with Marc Myers.

16 DE AGOSTO / 2016 – Soon after my first book, *AMERICAN DAD*, was published in 1981, I wound up in Andy Warhol's orbit. Manhattan was a magical place then. Today, I can't hear the Rolling Stones' 1967 hit "Get Off of My Cloud" without thinking of Andy.

By the time my first book came out, I had been a Vidal Sassoon model in the mid-1970s in London and New York and had won a string of fiction awards. Andy liked my writing, and we began having dinner several times a week.

Andy was kind and generous, at least to me. But for some reason, many people hated him. He was considered an aging, eccentric pop-art icon who spent days and evenings hopping from one social event to the next.

He didn't care. I loved walking into rooms with Andy and feeling the surge of attention. My book had been critically praised, and being a celebrity was new and exciting for me.

On New Year's Eve in '86, a wealthy financier asked Andy to dinner at the River Café on the Brooklyn waterfront. Andy invited Paige Powell, the associate publisher of Interview magazine, which Andy had co-founded, and me to join him.

After dinner, we had to leave. Andy was hosting a party at Caffè Roma on West 18th Street in Manhattan, and he had to get there as soon as possible. So our host, who had a vintage Rolls-Royce, had his driver take Andy, Paige and me.

Halfway over the Manhattan Bridge, fireworks went off, and "Get Off Of My Cloud" came on the radio. Charlie Watts's drums kick it off, followed by Keith Richards's and Brian Jones's guitars. Then Mick Jagger sings, snarling: "I live in an apartment on the 99th floor of my block / And I sit at home looking out the window / Imagining the world has stopped."

It was a perfect New York moment—we were in a Rolls quietly watching fireworks as the Stones played. Then the three of us looked at each other and started laughing. None of us had dates on New Year's Eve. We were going from one glamorous place to another, and yet there we were, alone and lonely.



Tama Janowitz and Andy Warhol at the Tama Janowitz dinner party, hosted by Alan Rish to celebrate the success of her book: *Slaves of New York* held at Petaluma

Tama Janowitz and Andy Warhol at the Tama Janowitz dinner party, hosted by Alan Rish to celebrate the success of her book: *Slaves of New York* held at Petaluma. August 19, 1986. (Photo by Patrick McMullan/Getty Images)

ANDY WARHOL: A FAMA COMO CULTO E IMPOSTURA

POR RONALD AUGUSTO – <http://www.sul21.com.br/>

22 DE AGOSTO / 2016 – Donald Kuspit abre o capítulo 5 (*FAME AS THE CURE-ALL: THE CHARISMA OF CYNICISM – ANDY WARHOL*) da obra *THE CULT OF THE AVANT-GARDE ARTIST* (1993), com três epígrafes, e em uma delas há um comentário do próprio Andy Warhol em que se lê a seguinte afirmação: “Nos dias atuais se você é um trapaceiro/impostor, ainda assim você estará por cima” ou, como prefiro ler, “Nos dias atuais se você é um impostor, por isso mesmo você estará por cima”. A epígrafe se mostra importante por colocar já de início a noção de cinismo ou de culto à trapaça na arte de Warhol. Ao longo de sua análise, Kuspit relaciona essa senha paratextual à arte perversa de Warhol que, de resto, opera uma manipulação da ânsia contemporânea pela fama como cura para tudo (panaceia).

Num primeiro momento de sua análise Donald Kuspit parece admitir que Warhol se relaciona com a fama de um modo fetichista, isto é, segundo o crítico, Warhol acreditaria supersticiosamente na fama, pois de algum modo, no entender do artista, ela poderia afastá-lo do sentimento do nada ou da sensação de ser nada que o angustiava. Talvez por isso mesmo, pondera Kuspit, a decisão pelo enfrentamento irônico da fama, passada a fase supersticiosa, fez com que Warhol se libertasse dela enquanto panaceia.

Warhol foi uma espécie de Midas negativo, pois se vingou do sentimento de ser nada pressuposto nas condições em que a fama se impõe, transformando tudo o que tocava em nada. Para Kuspit, Warhol usou a fama em sua arte e, inclusive, a sua própria como um mecanismo de desilusão. Ele manipulava os valores mercantis da magia do estrelato fazendo com que aqueles que dele se aproximassem, achassem que tal contato poderia libertá-los da miséria de sua existência multiplicada enquanto desejo icônico, mas Warhol ao atraí-los para a sua arte da trapaça, acaba menos traindo a eles do que eles a si próprios, já que se traem a si mesmos porque são crédulos em relação ao poder de cura da fama: promessa da estética ou da “marca” warholiana.



Warhol considera a fama como um espelhamento da banalidade tanto da sua como da nossa existência. Para Kuspit, Warhol investigou o glamour dos famosos e interrogou-o até o limite se sua desintegração; deste modo, mostrou que a fama é uma camuflagem rasa, e todo ambiente ao redor não é mais que um baile de máscaras.

A arte de Warhol, portanto, é um exercício prolongado e implacável na direção de desvelar os processos entrópicos contidos na banalização. Na verdade, para ele, mais do que para qualquer outro artista pop, o método é o mestre da arte. Warhol utiliza a serialidade (as coisas feitas em série) para reforçar a autorreferencialidade banal dos sujeitos da fama, independentemente da sua aparência. A fama, assim, se banaliza e se esvazia na mesma medida em que é multiplicada. Warhol, de acordo com Donald Kuspit, sugere que para ser famoso basta sucumbir a uma repetição *ad nauseam* tal como aquela de um disco arranhado. O que está em causa aqui é a noção de reificação.

Warhol compreende que os famosos estão dispostos a render-se à banalidade para sustentar sua fama, como se eles acreditassem que apenas quando a fama é completamente domesticada pela banalidade é que ela se torna convincente para eles mesmos. Mas a arte de Warhol reforça em tom cínico, isto é, dissimulando seu desejo pelo glamour que emana da fama, que o mundo pop da banalidade é incapaz de nos libertar do sentimento de nada, ou de ser nada.

Em certo sentido, toda a carreira de Warhol é uma demonstração perversa de que a fama, como última esperança terapêutica, não cura coisa nenhuma. Através de sua arte ele aborda e projeta seu sentimento de ser nada e o nada da fama que se deposita em produtos e marcas do mundo da mercadoria e nas pessoas reféns da cultura da celebridade.

A arte de Warhol sinaliza o fim da crença no poder terapêutico da arte. Ela existe para nos desiludir sobre a arte, e é uma arte da desilusão. Para Kuspit, a de Warhol é a primeira arte genuinamente pós-modernista. Acreditar no poder saneador da arte é um dos pilares do modernismo, isto é, os artistas modernistas acreditam que a transformação revolucionária na arte demonstra seu poder de também transformar para melhor a vida do indivíduo.

Esta é, aliás, a lógica final para a utopia modernista. Da mesma forma, a descrença no poder de cura da arte é a pedra angular do pós-modernismo, e a fonte a partir da qual vem seu historicismo regressivo e a semiotização de feição virtuosística da arte que se segue. Kuspit considera que o pós-modernismo ao reduzir a arte à sua própria história, formando um panorama fechado em si mesmo, sugere uma espécie de involução, exaustão e futilidade. O pós-modernismo envolve a reificação intelectual e fornece à vanguarda a categoria de desindividualização.

Donald Kuspit observa que em algum momento Warhol se descreve a si mesmo como uma máquina. Sua arte era na verdade uma máquina para extrair a fama dos seres humanos como se a celebridade decorrente fosse a alma ou a essência deles. Nesse processo Warhol como que os compactava. O destilado concentrado da fama foi um tipo de produto para ser bebido por Warhol como um elixir da juventude. É como se Warhol fosse um parasita; quanto maior e mais eficaz é a sua arte, menos humanos se tornam os sujeitos da fama banalizados e/ou esvaziados pela reificação serial das obras warholianas.

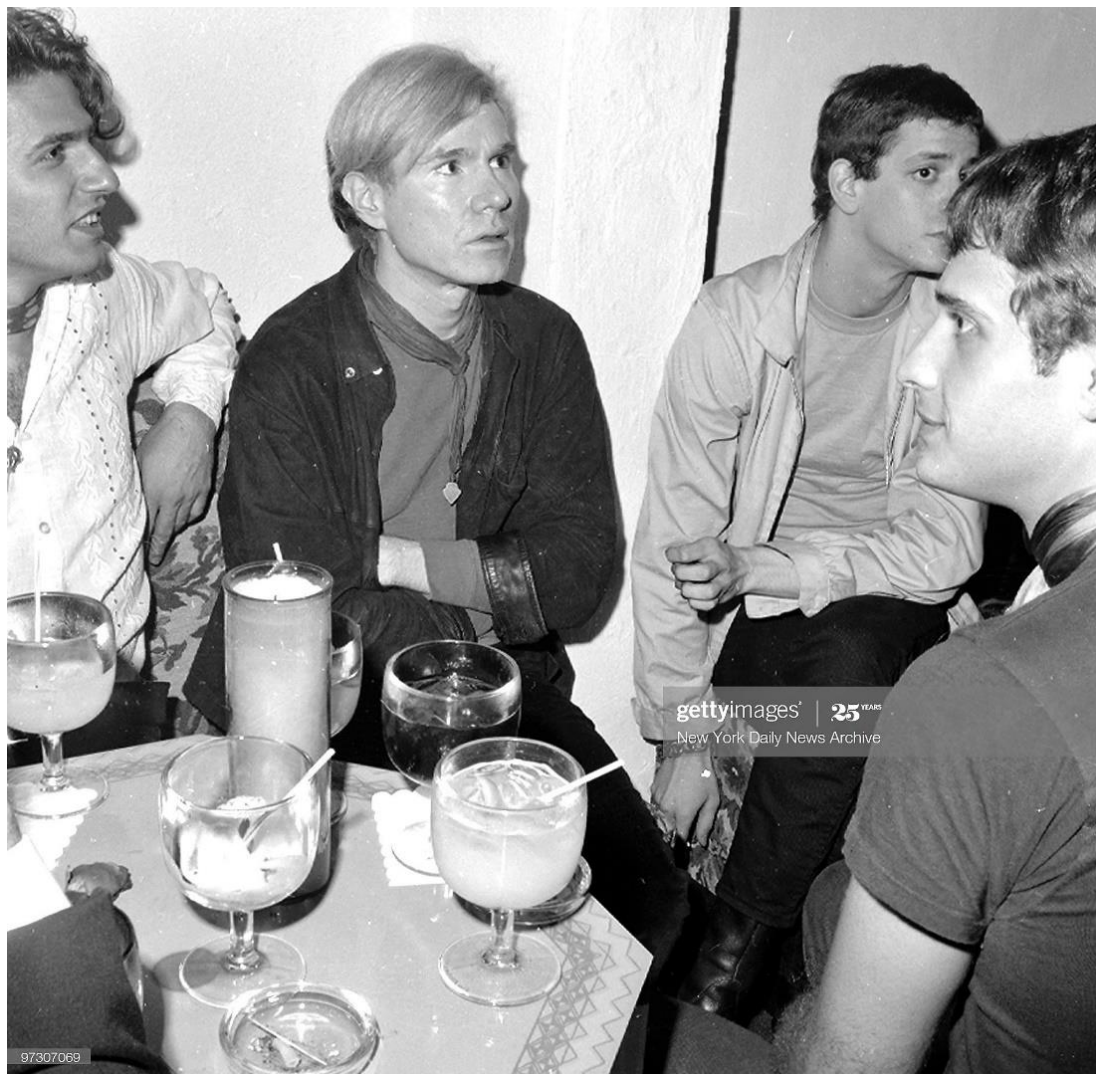
Entretanto, Kuspit não pensa que Warhol levasse a sério a metáfora autocrítica de que ele seria uma máquina. É claro que o artista foi inteiramente irônico. Na verdade, o artista usou dessa metáfora para afirmar implicitamente a existência de uma identidade

entra a máquina e Deus no mundo moderno. Warhol se definia como uma “máquina de influenciar”. Na era da fama e das celebridades esvaziadas, especular sobre os desejos e influenciar a recepção da audiência são estratégias fundamentais do trapaceiro pop.

Warhol simplesmente materializou através de sua arte a verdade de que a fama, glamourizada de forma cética e perversa pela estética pop, não é nada mais nada menos do que aparência, uma carência inexaurível de sentido. Através de uma alegre hostilidade, a trampa artística de Andy Warhol reduz o humano à rotina mais simples e banal, ao invés de enriquecer o nosso sentido acerca de suas possibilidades de complexidade e sutileza.

.oOo.

1 Ronald Augusto é poeta, músico, letrista e crítico de poesia. É autor de, entre outros, *CONFISSÕES APLICADAS* (2004), *CAIR DE COSTAS* (2012), *DECUPAGENS ASSIM* (2012) e *EMPRESTO DO VISITANTE* (2013). Dá expediente no blog



ANDY WARHOL WANTED LOU REED TO BE HIS 'MICKEY MOUSE'

BY LEGS MCNEIL & GILLIAN MCCAIN

AUGUST 28, 2016

FROM THE COLUMN 'PLEASE KILL ME'



Art by Brian Wallsby

Billy Name was a magical guy who had a profound affect on Andy Warhol, and therefore, the entire culture. Billy was the one who decorated Warhol's original Factory in silver. Billy was a fantastic photographer who captured those beautiful 60s moments seen on a US Post Office commemorative stamp of Andy Warhol, as well as the first two Velvet Underground album covers.

Billy was many things to many people, but everyone considered him a friend.

Billy was so much fun that when Gillian McCain and I went to interview him in Poughkeepsie, New York in the mid 1990s, we had to go to Friendly's to have an ice cream-eating contest. Billy and Gillian both gobbled down a "Reese's Peanut Butter & Cookie Dough Hot Fudge Sundae," of which the results of the contest are still being tallied.

What was even better was that Lou Reed and John Cale's magnificent album, Songs for Drella had just been released, and we listened to it on Billy's awesome stereo while he

provided hysterical commentary. Gillian and I both agree this was one of the best interviews we ever did.

Billy was a great interpreter of the insane, intelligent, drug-fueled, and fascinating world that was Andy Warhol's Factory. So much so, that Gillian and I included Billy in Please Kill Me: Voices from the Archives, our two-hour NPR radio documentary on the roots of punk rock that we produced to celebrate the 20th Anniversary of Please Kill Me. Voices from the Archive has been playing on NPR and college stations across the country all summer and fall, and Billy is one of the highlights of the show. He really was that special.

Billy Name (born William Linich Jr. on **FEBRUARY 22, 1940**) died on **JULY 18, 2016** of natural causes, and we thought it would be a fitting tribute to let Billy tell his story in his own words.... Enjoy, it's a great one!

Andy Warhol came to one of the hair-cutting parties at my apartment, and he said, 'I just got this new space, this loft on 47th Street. Would you decorate it like you did with this apartment?' And that's how the Factory started.

BILLY NAME: I met Andy Warhol when I was working as a waiter at Serendipity, the hip dessert restaurant on the Upper East Side. Serendipity was this real cool place; Kim Novak used to come in all the time because she was being kept by the young Aga Kahn in his apartment up the street, ha, ha, ha! And Andy Warhol used to come in all the time, so we were on a first name basis, you know, "Hi Andy, how're you doing?"

There was a waiter at Serendipity named Ron, who used to go down to the bar the San Remo in the West Village on Saturday night after we got off, and one night, he invited me to go along. Greenwich Village was still very bohemian then; it was filled with jazz clubs and jazz musicians who were really into heavy heroin, and there was really great grass around. It was this whole new world of magic, mystery, and intuitive intelligence—that went beyond explaining about things—you know, smoke some grass and immediately get turned on to the chromatic waves of the music!

So the Village was like being in a Middle Eastern country, like Turkey, and it was so cool to be out of that middle-class, America-Eisenhower, new-refrigerator scene, you know?

The San Remo wasn't the literary crowd like at the White Horse—or the painterly crowd like at the Cedar Bar—it was sort of this hybrid of the arts. More like some existential, hip, cool place, but where you're not really doing anything, ha, ha, ha!

See, I got hooked up with some people through the crowd hanging out there, and that's how I met Nick Cernovich, and he and I got to be very good friends. He taught me how to do theatrical lighting, so I ended up being the lighting designer for the Judson Dance Theater Company. And another thing I would do is have salon hair-cutting parties at my apartment, because we never went to barbers, since we never had the money in the first place, ha, ha, ha! So during the time I was working with the dance companies people were also coming over to my house to get their hair trimmed.

This is very important—I had also covered my new apartment on East 5th Street with tinfoil, painted everything silver, and installed theater lights. It was like walking into a diamond, this great gem of a place. So I would be trimming somebody's hair, and there would be like 125 people there—all the dancers, artists, and musicians. It was just a cool place to hang out. Andy Warhol came to one of the hair-cutting parties at my apartment, and he said, "I just got this new space, this loft on 47th street. Would you decorate it like you did with this apartment?"

And that's how the Factory started.

When Andy moved into the Factory, it was this huge loft space. It had been a hat factory, I think. It had three arching ceilings, with columns in between, and it was in a state of disrepair. There were electrical outlets in the ceilings, but there were no fixtures. When I first went up there, Andy was painting by the front windows because there were no lights. So being experienced with theater lighting, I knew about electricity, so I

went to a hardware store and bought all these fixtures and got the wiring down. I installed lights all the way down the rows of the arched ceilings with these long pull strings and then put spotlights in. Then I covered the whole place in tinfoil and painted everything silver.

In those days, in the avant-garde world, there was still the habit where older artists kept younger artists. The hetero artists always had a chick, and the gay guys always had a young guy with them. So when I first started being with Andy, it ended up that I was "his boy." He was keeping me, even to the point where I moved into the Factory. When he started to become famous, we were doing so much work and were so busy. I mean, we really loved each other, and we got along great, but I wasn't just this beautiful boy who wanted to be kept just for sex. So it only lasted until after I moved in. Then Andy got written up in Time, and all the attention that came with it just switched us over to a complete work relationship.

Andy would get to the Factory anywhere between 11 AM and 1 PM because he would first do things up at his house on Lexington Avenue. I had a whole setup at the Factory, with all these different areas—like the painting area, the filming area, and the music area. And then Andy hired Gerard Malanga to help him with his silkscreens, which Andy had been doing up at his house before we got the Factory. Gerard was a very cool guy and a with-it poet, but he was always this great social climber, you know?

Gerard knew who to be seen with, and when, and how, and he was pretending to be kept by Andy because it was chic. So I got really pissed at him. When Andy wanted Gerard to come to the Factory and help with the silkscreens, I wouldn't let him in! If Andy wanted Gerard to work with him, he had to do it at his house. I was definitely very jealous, and not only jealous, but offended that Gerard had the audacity to pretend to "be kept" by Andy. I mean, that could've been real, if he wanted it to be real, but that was real for me, you know? It was like somebody ripping off your reality. So there were times when I would put up a sign in front of the elevator door that read, "Gerard Malanga Not Allowed In!"



Eventually, though, Gerard and I became good friends.

We actually had an opening party after Andy's first one-man show at the Stable Gallery, where he did the *BRILLO BOXES*. Afterward, the woman who owned the gallery, Eleanor Ward, paid for a reception party at the Factory. We even had Pinkerton guards with a guest list—you had to be on the guest list to get in. And there were hundreds of people there. It was THE event. So everybody came, and the Factory became immediately famous because it was such a stunning place.

I had met [actor and Warhol collaborator] Ondine back in the days when I was still doing the lighting design for dance companies. Around that time, I had a car accident where I crushed a vertebra in my neck, so there were a lot of times where I had a very low-energy level. I would just collapse on my floor after doing one of my lighting shows, so one day Ondine said, "Hey, try some of this stuff..."

It was amphetamine-crystal stuff, and all of a sudden I had energy and could just get up and start working and do everything. From that point on, I just took it all the time.

So I brought Ondine and Brigid Berlin (Brigit Polk) and all the people who were on amphetamines into the Factory. A lot of people nudged one another and said, "Oh Billy was really the one who was the cause of Andy getting shot" because I introduced all those wild elements into the Factory. And it's true. I introduced the "danger factor" into the Factory because when you walked in—not only were you knocked out by the beauty of it and the fact that there were artists just working all over the place—but there was a feeling of danger. You felt like you may not get out alive, ha, ha, ha!

I was a dangerous person.

People have written about Andy as taking in these young people, using them up, and then dropping them or throwing them out... and then they kill themselves. But that is just wrong, you know?

I was dangerous in the sense that I would associate with people on the Lower East Side who were into the criminal element—like a woman named Dorothy Podber who was the one who shot Warhol's Marilyn Monroe paintings. Dorothy just walked in with her Great Dane, Yvonne, with her black gloves on and a black bag, and said, "Hi, Billy..."

Then she took her gloves off and opened her bag and took out the gun. There was a stack of ten Marilyn Monroe paintings leaning against the wall that we'd just finished. So she took the gun and shot Marilyn right through the forehead—and it went right through all them, ha, ha, ha!

And then she put the gun away in her bag and said, "Bye, Billy," and left.

It was like a performance piece.

After that, Andy asked me, "Please tell Dorothy not to come over anymore," because Andy knew that if he let people like Dorothy into the scene, then most of the people who were buying his work wouldn't come around anymore. They would've been traumatized, devastated, and wouldn't buy his artwork, ha, ha, ha!

The only amphetamine Andy took was Obetrols, which he got from a doctor's prescription. They were supposed to be like diet pills because they were mellow, and they didn't over-excite him or over-aggravate him. Andy would have to work and have a congenial way about it, so the Obetrols worked for him. But Edie [Sedgwick] got into the amphetamine-crystal stuff with me, Ondine, and Bridget.



Edie had come from Boston with Chuck Wein, who was her director, mentor, and producer, and he really cut her the wrong way. Edie was young and beautiful and ripe, and should have been cut by a classic diamond cutter who knows how to cut stone. Chuck knew how to cut a stone, but also how to destroy it as well.



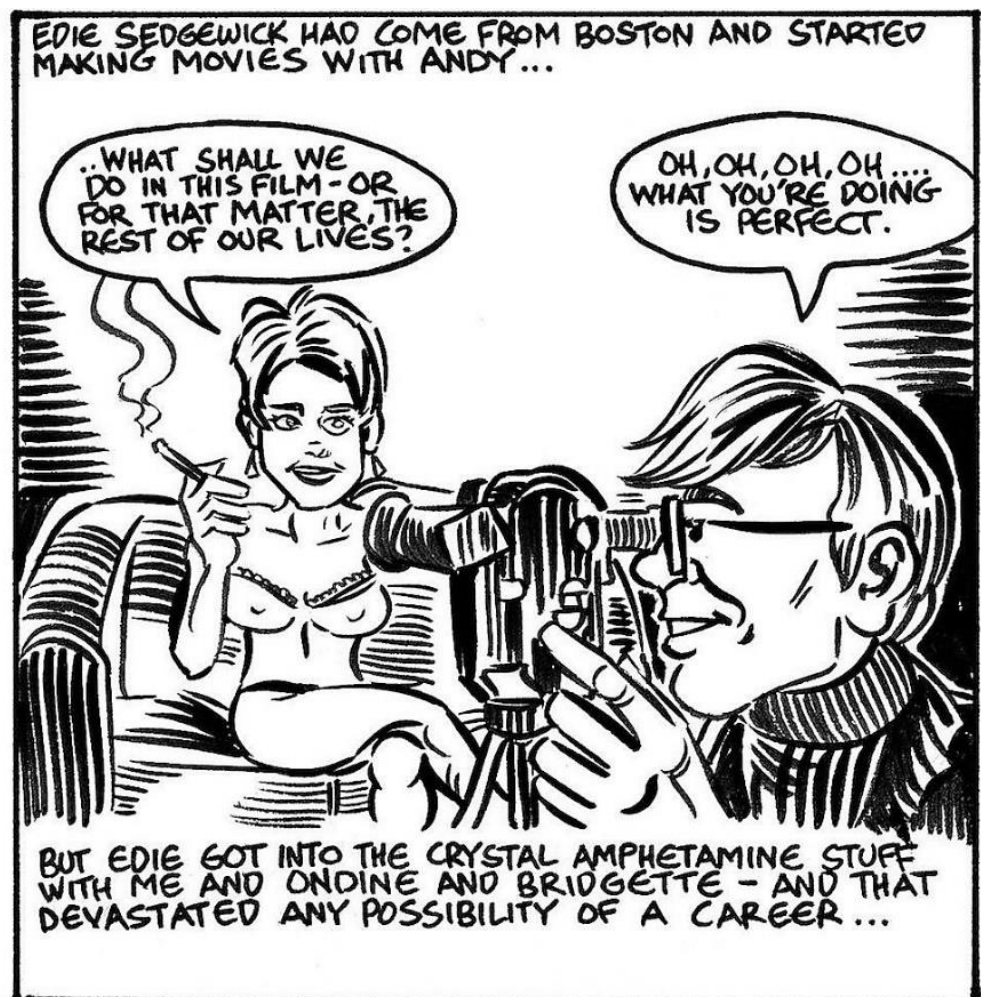
Chuck was very difficult because he had his hand in the pie all the time. He was attempting to be her mentor, but she didn't need a mentor; she needed someone building her and presenting her and promoting her. But Chuck would get very picky with her and say bitchy things like, "Well, I thought you were so brilliant, how come you can't answer that question?"

If you watch Andy's film, *Beauty No. 2*, Chuck is off screen making comments to provoke Edie. They're like cutting, jibing remarks that she's supposed to respond to with genius comebacks, but it really ended up more destructive than a creative. Edie throws an ashtray at Chuck at the end of the movie. Chuck wanted her to be competitive with him, with those witty remarks, but she really needed somebody who would foster her along and move her to the next stage and cut her the right way.

But then, *Ondine*, I believe, turned Edie on to speed, and that really devastated any possibility of a career, because she would stay in her place and get ready for six hours, ha, ha, ha! Edie really got into amphetamines—you know, you can live in a dream world, assuming that things are just going to happen, because they should happen, instead of somebody making them happen. Also, Andy was working on several projects simultaneously, so we weren't only [focusing on] Edie. We weren't like Edie's managers or producers or agents. Edie was in Andy's films. She was one of Andy's stars, and he didn't give single individual attention to any of them. I mean, he was still working on his paintings; he was still trying to get somebody to invest so we could buy really great equipment. He was still arranging things. And Edie had to take what she could get.

She wasn't the single center of focus.

Edie wasn't happy with the way her career was progressing with Andy. I mean, she was so nonchalant about money in the first place, you know? She came to the Factory with her Mercedes, and she'd just park any place she felt like. Eventually, her car got towed away because she had so many summonses on it. So



money wasn't the focus, she could still get money from her father, while Andy was scrambling to get money for our different projects. So Edie really dropped us. In the book, *Edie: American Girl* by Jean Stein and George Plimpton, they write sympathetic toward Edie and make Andy look like the villain, but it wasn't like that. People have written about Andy as taking in these young people, using them up, and then dropping them or throwing them out... and then they kill themselves. But that is just wrong, you know?

Edie dumped us. She walked out on us, and we didn't talk to her for a long time. We were really pissed when she went off with Bob Dylan and Albert Grossman, and just started working with other people. See, Dylan had come to the Factory because Andy was an artist who had gained international recognition, and it's always cool to meet other artists, you know, to see if it's somebody who's going to be a peer or a compatriot, who you can play with and hang around with or not. Andy was doing a series of screen tests for his films, and we wanted everybody to do one: Dylan, Nico, Dennis Hooper, Susan Sontag, Donovan—everyone famous that came up to the Factory. We'd just film 16mm black-and-white portraits of the person sitting there for a few minutes. So our purpose was to have Dylan come up and do a screen test, so he could be part of the series. That was enough for us. But Dylan didn't talk at all when we filmed him. I don't think he liked us, ha, ha, ha!



Supposedly Edie had an affair with Dylan, but it was really Dylan's pal, Bobby Neuwirth, that she fell for. Edie and Bobby Neuwirth were having this real torrid love affair, to the point that it ruined her career because they spent so much time in bed together! They couldn't disentangle themselves from each other because they were so hot for each other.

At that point, Edie was dissatisfied with what Andy was doing with her in his films and didn't like [Factory collaborator] Ron Tavel's scripts. So Andy said to her, "Well, you've

gained notoriety and recognition now, so maybe it's the time if you want to go on to a bigger career, where you get yourself a manager or an agent who knows how to handle this, and get you into the Hollywood thing..."

Which is what he told all the people who worked for him: "You know, you're not really gonna go beyond this, and if you want the next step, you'll have to find the person who's gonna do it for you..."

So Edie played around with having Albert Grossman and Dylan manage her, but I guess that didn't work out. Paul Morrissey became her agent, but nothing happened with that. She wanted to move to the next level, but that didn't occur either. But we didn't live or die by what Edie did. She was just one of the people in our stable, one of the projects we were working on that didn't work out, or rather, that came to an end. So she was gone.

It wasn't any less glamorous at the Factory after Edie left, because once she left the Velvet Underground came in. See, the idea for the multimedia thing happened because we were going to do an Andy Warhol Film Festival at Jonas Mekas's Cinemateque, and we decided we didn't wanna just show all of Andy's films; we wanted to have people who were in the films be on the stage... while their films were projected on them. And then we decided we should do more lighting things. After that, we said, "Hey, wouldn't it be great if we added music, too? And then everyone could dance in front of their movies?"

That's where the idea of getting a music group came from.

Lou Reed was like a guy who grew up on your block who played in a band in your garage. He was a real cool guy from down the street who was just like you.

Let me back track. When I was still working with Nick Cernovich at the Judson Church, we became very good friends with La Monte Young, the minimalist composer, who was also the best drug connection in New York City. La Monte had chemist friends, so he got these big acid pills that were actually two colors, green on one side and yellow on the other. It was knock-out stuff where you would get really spaced out with the greatest wackos in New York City, ha, ha, ha!

La Monte would do these whole tortoise performances that would go on for days where he'd have people droning, which is the art of holding a single tone for a long time. I would drone with La Monte's wife, Marian Zazeela, and people would be assigned to drone, and they would just come and go. John Cale was playing with La Monte then, plus Tony Conrad and Angus MacLise, who were the foundation of the original Velvet Underground. So I knew John, Angus, and Tony before the Factory scene, and before the Velvets were actually formed.

Rewind back to our idea to expand the multimedia thing to include music and dancing. That's when Gerard [Melanga] said he had seen this band that we should check out. I don't recall going to Cafe Bizarre to see the Velvets, but Andy and some others went. It turned out that we were going to do something with them. When the Velvets came up to the Factory, I recognized John Cale because I already knew him from La Monte Young's. So the Velvets fit right in because they were what Andy wanted—and it was like cementing the blocks right in place.

John Cale was cool. John is Mr. Cool. He's Mr. Welsh Ghost, who's into the mysticism of Wales—like coolness beyond life, beyond death. John's like the essence of coolness, so if you're a real cool person, you're automatically in tune with him. The most we would

say to each other was, "Yeah," or "Uh huh," because you really didn't need to converse with John because he got it.

Lou Reed was like a guy who grew up on your block who played in a band in your garage. He was a real cool guy from down the street who was just like you. So Lou and I really got along as guys who, like, grew up together. It was almost like he was my brother. Lou was just so neat and charming and friendly and adorable. In a sense, he had a lot of what Edie Sedgwick had—that magic personality that was always poised and always right. He also had a little genius that came with these great ideas. But Lou was even more natural and more playful than Edie. I knew guys like Lou when I was a little kid, growing up in Poughkeepsie, but I never thought I woulda met them again. But I did with Lou. It was just like having a buddy again, you know?

[Velvet Underground drummer] Mo Tucker was very quiet, very rigid, and straight in her ways. She was a no-nonsense girl, but very easy to laugh. If something funny was going on, Mo was always willing to give you a little wisecrack—"Hey, what the fuck are you doing?" Because she knew what you were doing. Mo wasn't personable like Lou, or cool like John, but she had a knack for being attentive to everything around her and was able to give a funny little nudge to make you laugh.

[Guitarist] Sterling Morrison was an intellectual who seemed to bridge the art scene of John Cale with the rock 'n' roll world of Lou Reed.

Nico was too much really, let me tell you, and we were just so taken with her. So anything that we could think of for her to play a role in our scene was what we were going to do.

Then one day we were all at the Factory. Andy was at his table painting, I was doing something, Ondine was there, and Gerard comes waltzing in and says, "Hi, everybody, I have this record from my friend Nico, who I just met in Europe, I wanna play it for you, she's coming to New York..."

And Gerard had a 45 RPM single in his hand and put it on the turntable.

We all listened to it, saying, "Oh yeah, that's cool, that's cool...."

Then Nico came over from Europe, and we were all very taken by her. She was just this fascinating creature, who was totally NOT flamboyant or pretentious, but absolutely, magnetically controlling—and this Nordic beauty, too. And she didn't wear all the hippie flowers, she just wore these black pantsuits or white pantsuits, you know? Nico was too much really, let me tell you, and we were just so taken with her. So anything that we could think of for her to play a role in our scene was what we were going to do.

We wanted Nico to have a starring role in what we were doing, and since she was a chanteuse, Andy or Paul thought it would be great to have her sing with the Velvets. Of course, that was the total wrong thing you could say to them at that point in their development, because they were new and fresh on the scene, too, and now they're supposed to work this other person into their musical arrangement and set up?

But it just squeezed together and worked out... and was magic.

I always felt that Andy wanted Lou Reed to be his Mickey Mouse. Andy's studio was like the old Renaissance studios, and all the art went out under the name of the master, Andy Warhol, just like the Walt Disney studio. Walt Disney didn't invent Donald Duck; the

people who worked for him created those Disney characters. And all this stuff we did at the Factory was under the aegis of Andy Warhol. So I always felt that Andy really wanted Lou to be his Mickey Mouse, this really big thing that everybody could latch on to because Lou was so adorable, and he was a rock star and a lead singer in a rock group. It would've been so right and so workable for Lou to have been Andy's Mickey Mouse, and do for Andy what Mickey did for Walt Disney.

But it didn't happen.

The single biggest factor that fucked up [The Velvet Underground and Nico] when it came out and started to climb the charts was that Eric Emerson sued Verve, the Velvet's record label, because his image was on part of the collage on the back of the album cover. Eric wanted money for that, and nobody was willing to give it to him. So Verve pulled the record from all the stores, and it fell off the charts because it was no longer available. And it couldn't be saved.

Eric was a really beautiful person who hung out at Max's Kansas City and was in the stable of Factory performers. He was like one of your kids, or one of your brothers, a really nice guy, but he sued Verve, which was the wrong thing to do. We got really pissed at him because he really fucked up the album. It was like when you're lighting a fire and you get your spark, and the fire starts to build, and then Eric just pissed on the fire. So the magic was gone. That's what happened to the Velvet's first album. So Andy started thinking about other projects.

If that album had continued to go up the charts and was allowed to go as it had started to go, it might've changed the whole picture completely. The Velvets might have had a hit album, and Lou might've become Andy Warhol's Mickey Mouse.



So it wasn't Lou's fault that it didn't continue to work—it was Eric Emerson's.

And then Nico went off on her own. She still did club dates in Manhattan and around; she had these other guys playing with her. And John Cale made a tape for her, so she had music behind her to play at nightclubs. But she couldn't always get the tape machine to work, ha, ha, ha!

So with the second album, *White Light/White Heat*, the Velvets did it on their own, not with Andy. But they were still around the Factory, and I went over to Lou's loft and listened to the first pressing, and Lou came to the Factory to go through my negative file to choose something for the album cover. So the Velvets were still around, and we went to Max's Kansas City to see them play.

It was the end of an era—and then, just to punctuate it—Andy got shot.

At that time, the Factory building on 47th Street got sold, so we had to move, and Paul Morrissey found this space in this building at 33 Union Square. He liked it because it had all this great woodwork inside, and the front of the building had this great terra cotta front. It wasn't huge, but it was big enough. So we took that place.

See, at the first Factory, I had always been like the manager or the foreman, like the guy who ran it. But when we moved to the second Factory, Paul now moved into the front position as the space operator, and people now had to go through him rather than me. I was still photographing and doing darkroom work stuff, but the second Factory wasn't the same. So I was in the back most of the time.

And then we heard that John Cale left the Velvets.

John was really stronger than Lou once he made a decision. John felt the Velvets were too restricting for him—that the band really wasn't letting him develop his full talents anymore. So he left the band. He had started in classical music and wanted to experience a broader range of experience, and the Velvet Underground was too limited and too tight for him. So it was really John's doing. The whole thing of "Lou firing John" or that "Lou fired Andy" was cute stuff for storytelling. In actuality, John felt too limited and restricted, and he was much too talented. He just needed more room to work out all the other stuff he wanted to do.

It was the end of an era—and then, just to punctuate it—Andy got shot.

I was in the dark room when I heard these bangs. I didn't know what the sound was. I was thinking, I can't figure out



what's making that sound, but I know Fred [Hughes] is up front and Paul's up front, so whatever it is, I'm sure they'll be able to take care of it, so I'll just finish this up, then go out and see what's going on...

So I opened that door and walked into the front part, and there was Andy on the floor, lying in a pool of blood.

I went right over to him. I was immediately down on my knees kneeling over him, I had my hand under him, I was just crying, and Andy said to me, "Don't, don't, don't make me laugh, it hurts too much..."

Then the ambulance came, and they put him in. I wasn't really paying attention to anybody else, so I didn't notice what Paul and Fred were doing.



We all went to the hospital and were all just traumatized. They were going to let Andy die, until Mario Amaya—a gallery owner who'd also been shot by Valerie Solanas, but he was just grazed—told the doctors that Andy was a famous person. Mario was in the emergency room with Andy and heard the doctors over Andy's body, saying, "Oh this bullet has gone through so many organs. We can't do anything about it. There's nothing we can do..."

Mario popped up and said, "You can't let him die. He's rich. He's gotta a lot of money, and he's a famous artist...."

So they operated on Andy for five hours and saved him. Actually Mario saved him by telling them Andy was a famous artist, because they were gonna let him die.

We had a contract with the Hudson Theatre to provide films for them, so when Andy was in the hospital, Paul took over as the director and started making all those Paul Morrissey movies, like *ANDY WARHOL'S FRANKENSTEIN* and *ANDY WARHOL'S DRACULA*. Paul had a very strongly developed personality that was almost antithetical to the avant-garde, conceptual art, and to cool, hip, funny pop art. So once Paul started to get control, they were no longer art films. The art went out the window. The art disappeared.

Everybody really hated him for being like that, but he was so good at it. Paul was a nice-looking guy, very charming, and he was really good at his cutting style. So everyone said, "Well, it's really like crazy having a guy like that here in our scene, but he's probably the best of his style that we could find...."

Paul also had a really good sense of Andy and where Andy wanted to go, so they immediately linked and set about achieving Andy's goals. But Paul liked to trash everything, including Andy. Paul was like a male Katherine Hepburn, with that type of voice—very witty and cutting. He just had the right remark for every occasion. I mean, he'd just tear people to shreds—like the hippies and the whole California movement. So he was totally antithetical to all the other personalities who were pro-art.

After Andy was shot, the Factory became more business-oriented. I wasn't really into it, and I was feeling that I had lived in the Factory long enough. I had to get out and see what was going on in the rest of the world, you know? And if Andy needed anything, Paul Morrissey and Fred Hughes were both there. Andy didn't really need me anymore, so I just left a note on the door. It read, "Dear Andy, I'm not here any more, but I'm fine. Love, Billy."

And I was gone.

**By Legs McNeil
& Gillian
McCain**

**Art by Brian
Wallsby**

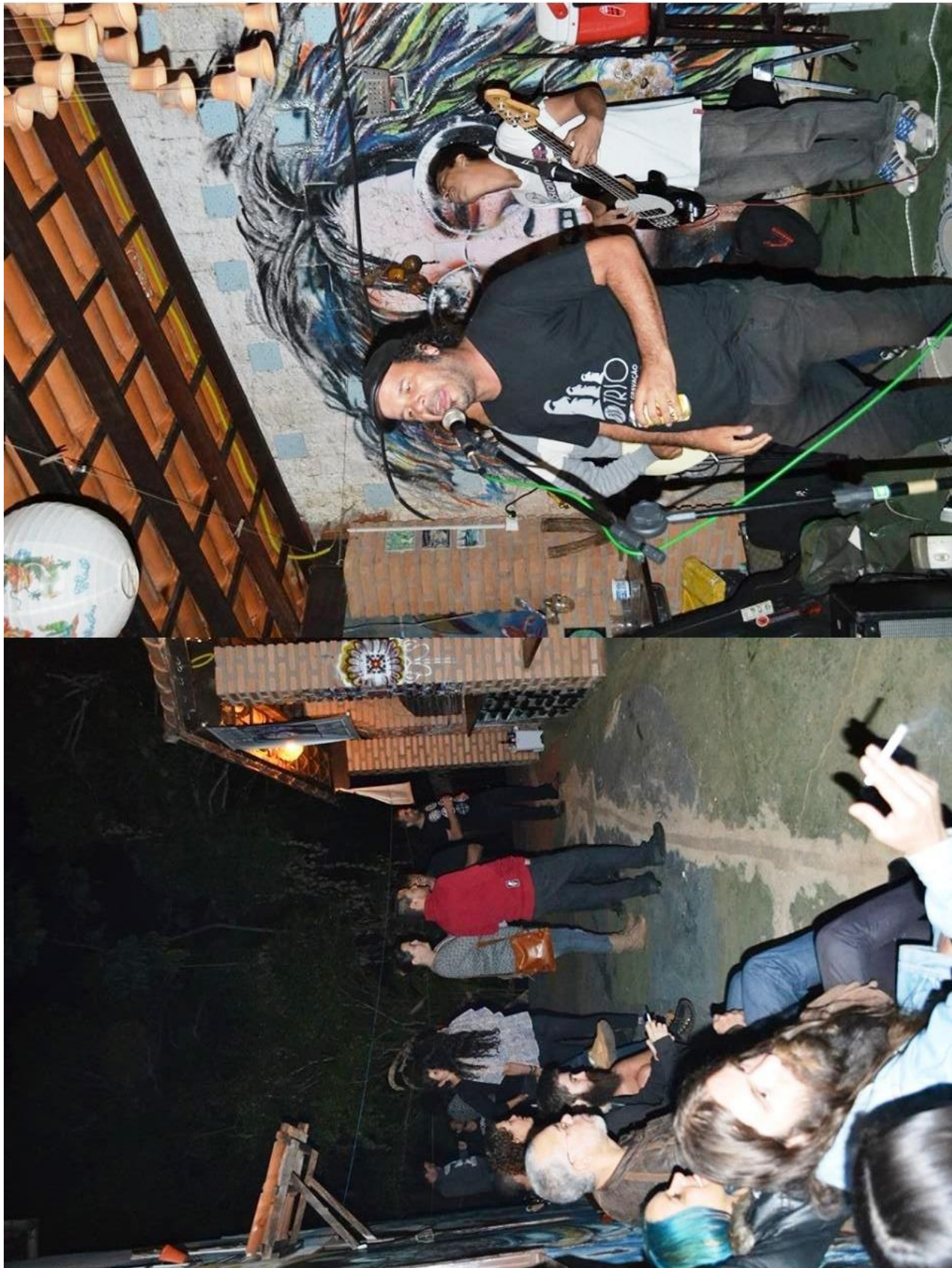




2016 – 3 DE SETEMBRO – LUA AQUI VOU, EU SOU UM RAI0

Carne de jabá no prato e pimenta de porco – Vocês notaram como eu estou com apetite de destruição para sexo drogas e roque'n'roll? Saravá carimbó e carimbo no selo – não sei se alguém virá na terça-feira (não importa) é muito difícil sonhar sem grana (sofreguidão) é imperfeição e voracidade então eu pego um disco do John Lennon e começo a manhã, sempre no meio das canções ele dá uma paradinha e emenda uma assertiva tipo I lost my mind ou I just had to let it go (não perca tempo falando mal de Renato Russo, cure a ressaca – não pense que sou guru em tempo integral – não pegue na minha mão que ela é sombra – eu sou um tanque esperando uma gota e 'as putas também amam' como se eu não soubesse (ninguém saberá dos seus segredos)).

2016 – 6 DE SETEMBRO – A PRODUÇÃO É O VÍCIO DO ROCK'N'ROLL



Nosso amigo-bruxo Andre Azenha desceu do disco voador para falar sobre Raulseixismo – vocês foram demais

2016 – 21 DE SETEMBRO





STEPHEN SHORE'S NEVER BEFORE SEEN PHOTOS OF ANDY WARHOL'S FACTORY

WSJ. MAGAZINE CULTURE

Stephen Shore dropped out of school in his teens and became one of the main photographers to document the scene at Warhol's factory. His new book includes previously unpublished images



EARLY PROMISE | Edie Sedgwick at Andy Warhol's Factory as captured by the teenage Stephen Shore in the mid-'60s. PHOTO: COURTESY OF STEPHEN SHORE/PHAIDON

By **MICHAEL
SLENSKE**

**28 DE SETEMBRO /
2016** – BY THE

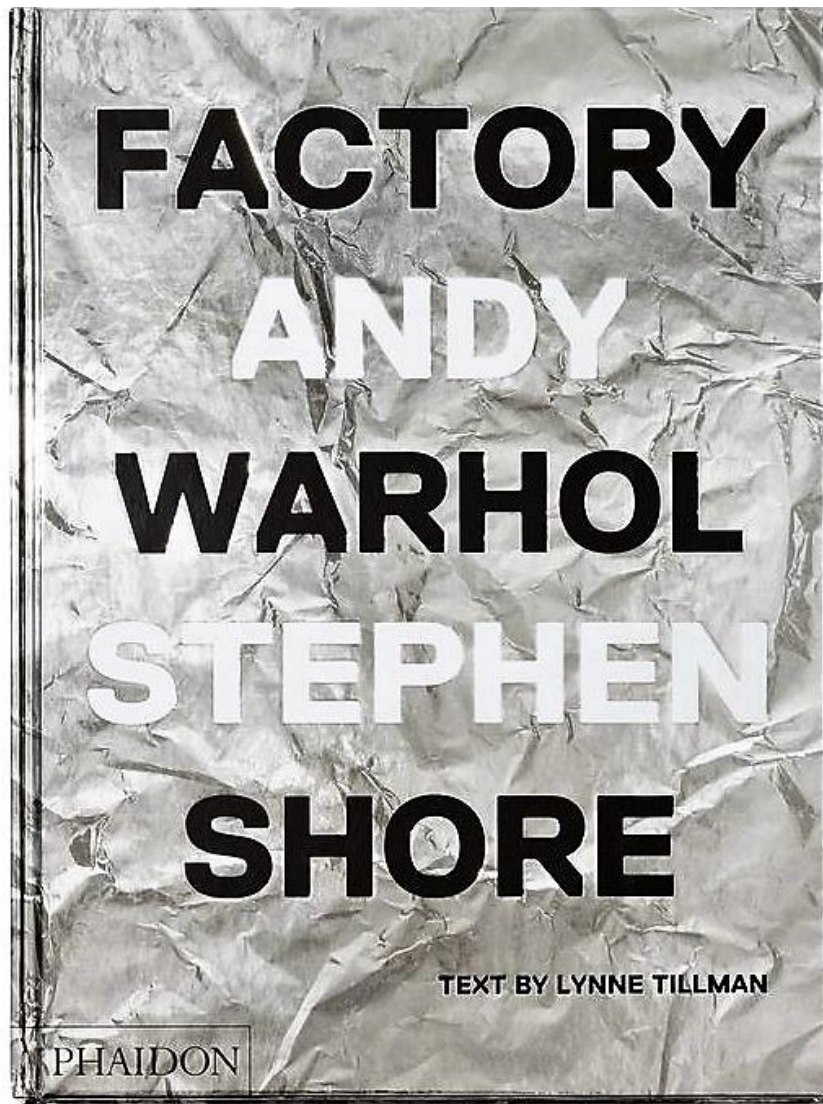
TIME Stephen Shore dropped out of Manhattan's Columbia Grammar and Preparatory School as a senior in 1965, he had already sold three of his photos to the Museum of Modern Art—at the age of 14 and via Edward Steichen, no less—and become one of the main photographers documenting Andy Warhol's first Factory on East 47th Street.

"I met Andy at Jonas Mekas's Film-Makers' Cinematheque the night [Warhol's 1965 movie] *The Life of Juanita Castro* was

shown alongside a film I made called *Elevator*," recalls Shore, who turns 69 this month. He ended up taking his first photos of the Factory scene about six weeks later during the filming of Warhol's *Restaurant*. "I don't remember specifically what I knew about the Factory back then," Shore says, "but within a couple of days of going there I understood I could just stay as long as I wanted."

Shore is publishing work from this period for the first time in two decades in a new book from Phaidon, out this month. PHOTO: F. MARTIN RAMIN/THE WALL STREET JOURNAL

For the next three years Shore did just that, capturing thousands of artfully framed moments—a laconic Lou Reed melting into a velvet sofa beneath the Factory's silver walls, a wispy Edie Sedgwick consumed by a call on the house pay phone. These images are now the subject of *Factory: Andy Warhol* (Phaidon), the photographer's first examination of the period in two decades, out this month. Expanding on Shore's long-out-of-print 1995 book, *THE VELVET YEARS: WARHOL'S FACTORY 1965–67*, the new edition features dozens of previously unseen images, including portraits of Allen Ginsberg, Yoko Ono and Marcel Duchamp. It also marks the first time Shore has published his contact sheets. Novelist and critic Lynne Tillman, who originally



encountered Shore in the mid-'60s when she was dating Velvet Underground icon John Cale, has updated the introduction she contributed to the original volume and reprised the old interviews she conducted with Factory habitués like Cale, the late resident photographer Billy Name and Ramones manager Danny Fields (the subject of the acclaimed new documentary *Danny Says*).

"I'm sure my parents had hopes and dreams for me that I would graduate high school and go to college, but I think it was clear that this was just so interesting," says Shore, who writes about the parties he threw at his parents' Sutton Place South apartment, where Warhol would hang with his father and Nico divulged her life story to his mother over matzohs. "I think they just gave up and gave in to it."



His portrait of Yoko Ono. PHOTO: COURTESY OF STEPHEN SHORE/PHAIDON

Shore did them proud: His photos are not merely an illuminating art historical journey about Warhol's process. The distinctive formal qualities of his Factory images—as opposed to Name's more stylized reportage—presage Shore's celebrated career, which included a solo debut at New York's Metropolitan Museum of Art when he was just 23.

Before Warhol, says Tillman, "photography was this sacred space, and the subject matter was supposed to be serious. But Warhol did this flip with American culture and what was possible to be looked at. Stephen really took that on. He learned to take seriously things that earlier photographers wouldn't have. He learned a lot from Warhol, but his eye is his own."

2016 – 11 DE OUTUBRO

Rock debaixo das barbas do poder – rock na encolha, rock sem escolha. Faça um donativo, traga um insumo e marque presença, serve cerveja de ouro, petisco. Agite um pincel, dance, flutue e faça qualquer coisa. No programa desta tarde, o violão experimental de Cleiber Mota; a segura apresentação de Weslei Lima e os temas de boteco da Banda Mais Lama. Apareça que a coisa-manifestação é simbólica e depende de você.

MODA

LIVRO DE FOTOS REÚNE FOTOS INÉDITAS DE ANDY WARHOL E SEU 'SQUAD'

Com apenas 17 anos na época, Stephen Shore frequentou o estúdio durante três anos e agora lança livro com fotos inéditas.

Por Da Redação / <http://elle.abril.com.br/>

8 DE NOVEMBRO / 2016 – Os anos 1960 foram muito importantes para a arte graças a artistas como Andy Warhol. Naquela época, Andy criou uma espécie de ponto de encontro para artistas, que também servia como ateliê pessoal. Batizado de Factory, o galpão prateado ganhou notoriedade por abrigar vários nomes que seriam muito conhecidos tempos depois: Nico (Velvet Underground), Eddie Sedgwick, Bob Dylan, Lou Reed, Gerard Malanga e muitos outros.

Hoje, 50 anos depois, Stephen Shore resolveu compartilhar algumas de suas fotos do período, entre 1965 e 1967, quando tinha apenas 18 anos, em um livro. Ele conta que tudo começou quando recebeu uma ligação de Andy dizendo que eles estavam em um restaurante filmando um novo filme e que, se ele quisesse, poderia tirar algumas fotos. Depois disso, o jovem se tornou um insider da Factory e começou a frequentar o lugar quase todos os dias para retratar algumas cenas.

Apesar do squad de Andy Warhol ser considerado uma dos mais cools de todos os tempos, os cliques de Stephen capturaram um lado mais quieto e entediante do lugar. Nas fotos, podemos ver um Lou Reed deitado em um sofá enquanto descansa e Nico tomando café da manhã na casa do jovem fotógrafo.

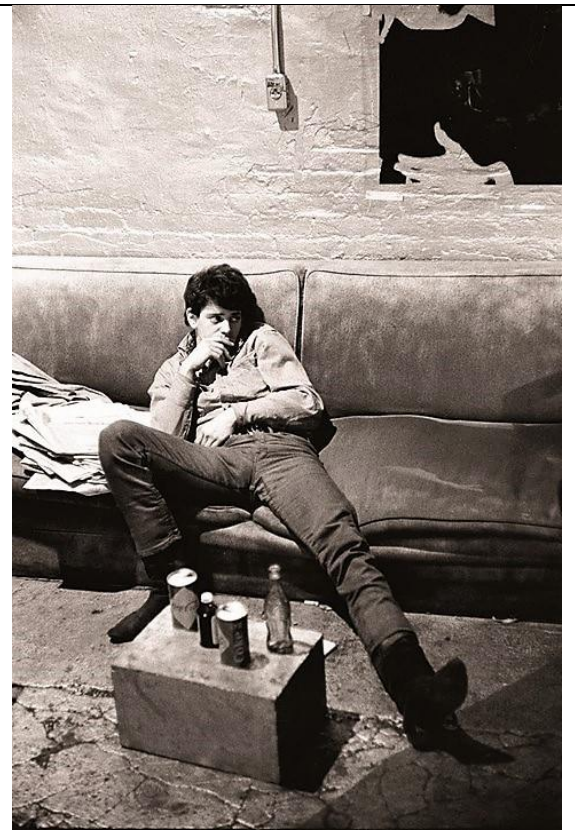
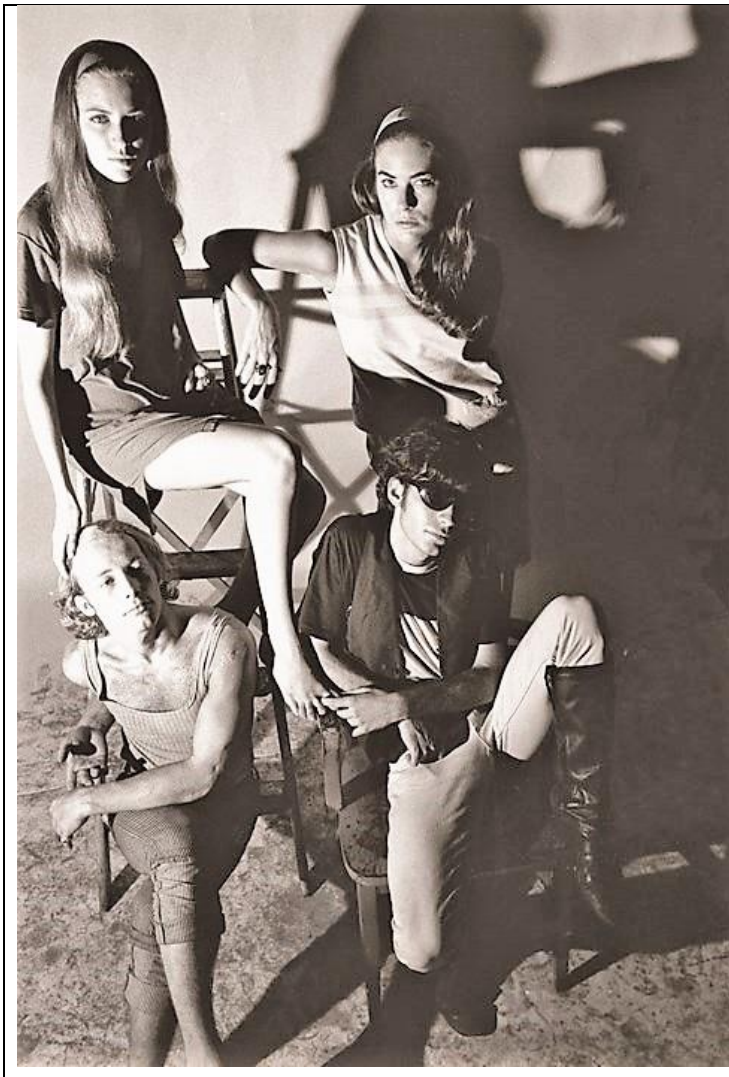
Stephen falou um pouco sobre o livro, que ainda não tem data de publicação prevista, e compartilhou algumas memórias da época em entrevista à Dazed and Confused. Confira alguns highlights:



“Nunca existiu nada parecido com aquele lugar. Nós sabíamos que Andy era um artista importante, mas eu não acho que ninguém imaginou como ele seria visto 50 anos depois, na segunda metade do século 20. Eu me sinto muito sortudo por ter sido capaz de descobrir isso”, comenta em entrevista.









MODA

CARTA DE YVES SAINT LAURENT PARA ANDY WARHOL É REVELADA

Nela, o couturier desmente os boatos de que ele não teria gostado do retrato dele feito pelo artista.



Yves Saint Laurent / (Reg Lancaster/Getty Images)

Por Lucas Guarnieri / <http://elle.abril.com.br/moda/carta-de-yves-saint-laurent-para-andy-warhol-e-revelada/>

16 DE NOVEMBRO / 2016 – Nem mesmo Andy Warhol foi capaz de escapar de fofocas maldosas durante a sua vida. Uma delas dizia que Yves Saint Laurent não tinha gostado do retrato dele que o pai da pop-art pintou. No entanto, a exposição *Cartas para Andy Warhol* – que estará na Cadillac House, em Nova York, de amanhã (17.11) até o dia **27 DE DEZEMBRO** – prova exatamente o contrário.

Em uma correspondência revelada pela mostra, Yves dizia: “Eu amei o retrato. Eu te admiro. Eu sou seu amigo. Com amor, Yves”, desmentindo todos os boatos.

Cartas de personagem icônicos da época como Mick Jagger também estarão por lá, vale a pena! E se você é um aficionado pelos trabalhos de Andy e ainda gosta de moda, uma boa pedida é assistir ao filme *FACTORY GIRL* que conta a história de Eddie Sedgwick – primeira modelo a ganhar o termo “it-girl”- também amiga do artista. Já viu?

ESTÚDIO USADO POR ANDY WARHOL FOI COMPRADO POR POLÊMICO EMPRESÁRIO FRANCÊS

POR ANDERSON ANTUNES – <http://glamurama.uol.com.br/estudio-usado-por-andy-warhol-foi-comprado-por-polemico-empresario-frances/>



O estúdio, Guy Wildenstein (no topo) e Andy Warhol || Créditos: Getty Images/Reprodução

21 DE NOVEMBRO / 2016 – Um imóvel no Upper East Side, em Nova York, e que serviu de estúdio para Andy Warhol, acaba de ser vendido por US\$ 10 milhões (R\$ 33,5 milhões). Com dois andares e pouco mais de 460 metros quadrados, a propriedade já serviu de estação do corpo de bombeiros de Manhattan antes de ser alugada por Warhol, entre 1962 e 1963, por US\$ 150 mensais (R\$ 503,10), algo em torno US\$ 1,2 mil (R\$ 4.025) em valores atualizados.

Foi lá que o artista americano criou algumas de suas obras mais famosas, inclusive a série *DEATH AND DISASTER*, que retrata etapas da vida dele, com a perda do pai, aos 12 anos, e o atentado que sofreu de uma atriz recusada para um de seus trabalhos.

O comprador foi o milionário francês Guy Wildenstein, que é acusado pelo governo da França de esconder mais de US\$ 600 milhões (R\$ 2,01 bilhões) em paraísos fiscais e atualmente responde a um processo de sonegação no país.

2016 – 30 DE NOVEMBRO



2016 – 4 DE DEZEMBRO

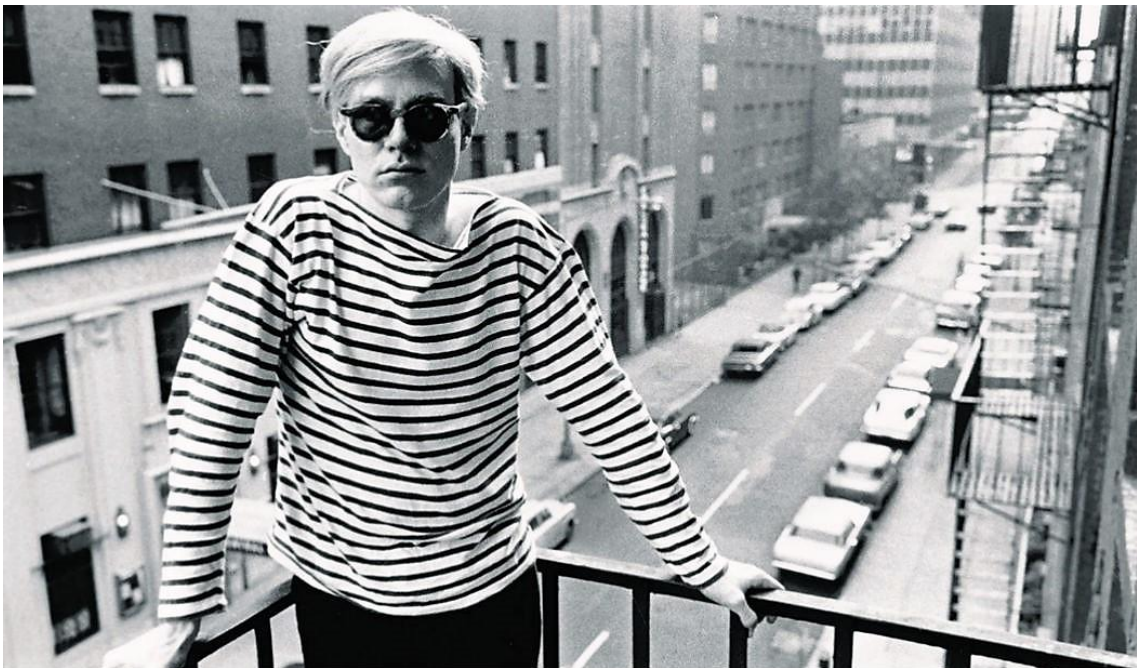


VISUAL ARTS / FEATURES / ARTICLE

REVIEW: STEPHEN SHORE'S 'FACTORY: ANDY WARHOL'

BY JAMES MILLER | blouinartinfo.com/news/story/1762335/review-stephen-shores-factory-andy-warhol

Review: Stephen Shore's 'Factory: Andy Warhol'



Andy Warhol on the fire escape of the Factory, photographed by Stephen Shore.

7 DE DEZEMBRO / 2016 – It was 1965 and Stephen Shore was 17 years old. The kid photographer (who had already sold prints to the Museum of Modern Art) had just screened a film called “Elevator” at a filmmakers co-op in New York; there, he met Andy Warhol. Wildly precocious, Shore asked if he could come by and shoot photographs at the Factory. “We’re going to Paris tomorrow,” came the breezy reply, “but we’ll call you when we get back.”

One month later, to Shore’s surprise, Warhol called: “We’re filming at a restaurant called L’Avventura. Do you want to come and take pictures?”

Over the next three years, Shore frequented Warhol’s studio and its constellations of people, emerging with a series of black-and-white photographs that informally documented the art and life there. The results—sympathetic, warm, and inquisitive—are featured in a handsome new book called *FACTORY: ANDY WARHOL*, now out from Phaidon (it is an expanded edition of Shore’s out-of-print book *THE VELVET YEARS: WARHOL’S FACTORY 1965–67*, published in 1995). Complemented by interviews with the people who were there, such as John Cale, Billy Name, and Susan Bottomly (a.k.a. “International Velvet”), the book tells a familiar story, but tells it intimately and vividly. Shore’s photographs illustrate the period before Valerie Solanas’s attempt on Warhol’s life, before the studio-loft’s tone radically changed.

Shore’s work reveals plenty about Warhol’s court—from the artist’s fabled work ethic, to the relatively tame nature of its goings on. Equally revealing is what it says about Shore’s later color photography and its way of using a serene formal logic to frame the most prosaic of sights, such as commercial parking lots or rooms at a Holiday Inn. It wasn’t until late into the photographer’s career that critics started to recognize these parallels between Shore and Warhol. In retrospect, his contact with the prince of Pop was clearly formative. “Shore’s emphasizing the commonplace, elevating the ordinary, seeing the extraordinary—art—in it, was a Warholian gesture, for sure,” explains author and critic Lynne Tillman, whose lively essay introduces the photographs. She observes elsewhere, “It’s fair to say that Shore apprenticed himself to Warhol.”

According to Shore, his very proximity to Warhol at that early stage had an irreversible effect: “By the end of my stay at the Factory, I found that just my contact with, and observation of, Andy led me to think differently about my function as an artist. I became more aware of what I was doing.”

Ironically, critics would later describe Shore’s color photographs as unusually “quiet.” Perhaps that, too, originated in these pictures of Warhol, who is characteristically detached and seldom ever seen talking or interacting. As Warhol’s former collaborator Gerard Malanga remarks here, “Andy was the eye of the storm; that’s where the calm was. He wasn’t in the whirlwind. He was an observer of the whirlwind.”

That could easily be said of Shore, too.



2016 – 9 DE DEZEMBRO



SEXTA, 23 DE DEZEMBRO DE 2016

O que a fotografia feita pela Joelma, me trouxe. Para mim, essa é a semana mais emblemática e problemática do ano, pois são necessários presentes e quase sempre eu estou no fundo do poço. Agora não chego mais ao fundo do poço porque virei uma rolha. Na quinta-feira, fui fazer espetinhos para levantar uma grana para Paulinho que ainda estava no hospital, internado. Vendi 200 reais e o mais legal é que o Ivaldo da Olho de Águia pegou um refletor e iluminou o churrasquinho fazendo dali um ponto. Na sexta, pela manhã cedo, como há 27 anos, fui trabalhar no GDF. Voltei, almocei pirão de galinha com feijoada e fui tirar o merecido cochilo. O motorista do Fiat perguntou ao pobre caseiro: – Mário está?

– Esta dormindo. De convencido pra cima do pobre caseiro que ainda tentou avisar que era uma péssima ideia. O motorista avançou e me acordou para o motivo mais fútil do mundo fumar um prosaico baseado nas barbas do Natal. Depois da saliva do coff coff, do pigarro, da cuspeira e da poeira assentar. Disse-lhe: – você está bom de encerrar a sua carreira. Não tem um instrumento e não sabe tocar uma música por completo. O último movimento do motorista foi arrancar o Fiat dali. Eu havia ferido os seus mais almejados sentimentos de glória. Subindo o condomínio, encontrou o caseiro e ofereceu-lhe uma carona: – Aqui nunca mais volto. O sacana do caseiro, um tal de Jaílson não teve coragem de emendar um: – Eu avisei!

CULTURA-ÍPSILON

A CABRA DE RAUSCHENBERG FOI EXAMINADA E DESCOBRIRAM-LHE ARSÉNIO E UMA PERNA PARTIDA

Monogram, uma das obras mais conhecidas do artista americano, foi sujeita a uma bateria de exames para avaliar a sua estabilidade antes de viajar para Londres, onde integra agora um retrospectiva dedicada a Robert Rauschenberg.



Monogram foi pela primeira vez exposta em 1959

CORTESIA: FUNDAÇÃO ROBERT RAUSCHENBERG

25 DE DEZEMBRO / 2016 – Fazer um raio X a uma pintura atribuída a um grande mestre do Renascimento para avaliar o seu estado de conservação ou analisar o desenho subjacente para daí tirar informações antes de a submeter a um cauteloso processo de restauro tornou-se comum. Fazer o mesmo a um animal empalhado numa obra de arte moderna ou contemporânea já é mais inusitado. Mas foi precisamente isso que aconteceu recentemente com *MONOGRAM* (1955-59), uma peça do norte-americano Robert Rauschenberg (1925-2008), que pertence ao Museu de Arte Moderna de Estocolmo.

A notícia está no jornal especializado *The Art Newspaper* e os pormenores da operação são dados a conhecer em pequenos textos publicados no site do museu sueco responsável pelo exame a esta obra composta por uma cabra angorá empalhada que o artista comprou num ferro-velho de Nova Iorque por 15 dólares (a crédito), em 1955, colocada em pé sobre uma pintura, com o focinho coberto de tinta e um pneu a envolvê-la.

O museu de Estocolmo, que se associou ao instituto do património sueco para conduzir os exames a *MONOGRAM* – recorreram a radiografias digitais e a fluorescências de raios X para avaliar a estabilidade da estrutura interna e descobrir de que materiais é afinal feita –, garante que a obra deste pintor e escultor americano, que por regra é associado ao expressionismo abstracto e às vésperas da pop art, não inspira grandes preocupações. Foi por isso mesmo que, apesar de sublinharem sempre que se trata de uma obra de grande fragilidade, os técnicos suecos

autorizaram a sua digressão que começou no início do mês de Dezembro na Tate Modern de Londres (a retrospectiva de Rauschenberg fica até 2 de Abril) e que segue depois para os museus de arte moderna de Nova Iorque e de S. Francisco, nos EUA.

A bateria de testes científicos não invasivos inclui ainda um estudo dos pigmentos usados e permitiu às conservadoras My Bundgaard e Thérèse Lilliegren concluir, por exemplo, que a cabra tem vestígios de arsénio – “algo que é comum encontrar nas colecções de história natural como medida preventiva contra insectos e outras pragas”, diz a primeira ao Art Newspaper –, e uma perna partida, permanecendo de pé graças a uma estrutura de ferro.

“A cabra está bastante bem, à parte de algum stress no sítio do pneu”, explicava no site do museu Thérèse Lilliegren, quando os exames estavam ainda em curso. “Também está ligeiramente inclinada para um dos lados e estamos a tentar perceber até que ponto porque não queremos que essa inclinação piore.”

MONOGRAM é uma das peças mais célebres de Rauschenberg e os pedidos de empréstimo que Estocolmo recebe de museus espalhados pelo mundo são muitos. Poucos recebem resposta positiva. A obra faz parte da série que ficaria conhecida como *combinados* (1954-1964), em que o artista associa à pintura a escultura, jornais e objectos vários, numa espécie de colagem que desafiava todos os discursos sobre a “pureza” das formas de expressão (ele chamava a este conjunto de trabalhos “pintura combinada”).

“Não é exagero dizer que Rauschenberg redefiniu a arte americana quando inventou os seus combinados. Com eles fez explodir as fronteiras entre a pintura e a escultura e trouxe a rua para dentro do estúdio”, pode ler-se no site do Museu de Arte Moderna de Estocolmo.

MONOGRAM foi exposta pela primeira vez em Nova Iorque, em 1959, e muitas são as histórias à sua volta. Uma delas garante que, quando comprou a cabra angorá no ferro-velho, Robert Rauschenberg passou horas a lavá-la com champô para cão, tentando remover décadas de pó acumulado.



Fotografía de Susan Sontag tomada por Hujar en 1975 – PETER HUJAR

PETER HUJAR, MEMORIA GRÁFICA DE LA CONTRACULTURA NEOYORQUINA

La Fundación Mapfre de Barcelona dedica la primera gran retrospectiva al fotógrafo estadounidense

DAVID MORÁN – DMORANB BARCELONA / http://www.abc.es/cultura/arte/abci-peter-hujar-memoria-grafica-contracultura-neoyorquina-201701270042_noticia.html

27 DE JANEIRO / 2017 – Su nombre no ha brillado con la misma intensidad que el de, pongamos, su admirado Richard Avedon o el de ese Robert Mapplethorpe del que siempre desconfió por ambicioso y arribista, pero su mirada supo filtrar como pocas todos los brillos y matices de la contracultura que se arremolinaba en los márgenes del Downtown neoyorquino en los años sesenta y los setenta.

Suya es, sin ir más lejos, la imagen de Candy Darling –sí, la de «Candy Says» de The Velvet Underground– en su lecho de muerte que ilustraba la cubierta del disco «I Am A Bird Now», de Antony & The Johnsons; y suyo es también el célebre retrato de Susan Sontag fingiendo meditar «sobre su propia mortalidad», uno de los muchos reclamos de «A la velocidad de la vida», completa retrospectiva que reúne en la Fundación Mapfre de Barcelona 160 instantáneas del fotógrafo estadounidense.



Candy Darling en su lecho de muerte – PETER HUJAR

Siguiendo los pasos de Diane Arbus y buscando la belleza en los primeros planos al natural, el retrato como espejo del alma y la carne magullada como reflejo de la propia vida, Peter Hujar, nacido en 1934 y fallecido en 1987 víctima del sida, empezó trabajando como fotógrafo de moda para revistas como «Harper's Bazaar» y «GQ»,

fue uno de los satélites volantes de la Factory de Andy Warhol y acabó transformando su fracaso profesional en uno de sus mayores logros. «La ausencia de éxito comercial le permitió explorar todas la caras de la fotografía», subraya Joel Smith, conservador de fotografía de la Morgan Library neoyorquina y comisario de una exposición que, tras su paso por Barcelona, viajará a La Haya y Nueva York.

Es por eso que, además de convertirse en el fotógrafo que «con mayor fidelidad retrató la escena neoyorquina», en palabras de Smith, Peter Hujar destacó por su capacidad de enfrentarse con idéntico entusiasmo y dedicación a todo aquello que se pusiese delante de su objetivo, ya fuese un perro embarrado, un puñado de escombros de una casa de Newark, desnudos anónimos o prominentes figuras culturales como William S. Burroughs, Isaac Hayes o Moondog, entre muchos otros. «Entendía que todo aquello que fotografiaba era único y original», apunta Smith, para quien una de las claves del Hujar retratista era la intimidad que era capaz de arrancar a cada uno de sus trabajos. «Podía utilizar diecinueve o veinte carretes para un único retrato buscando capturar la naturalidad», añade el comisario.



«Gary In Contortion», de 1979 – PETER HUIJAR

Escapando de los rigores del relato cronológico y reivindicándose como la mayor exposición que se la dedicado a Hujar no sólo en España, sino en todo el mundo, «A

la velocidad de la vida» explora también las escapadas del fotógrafo a Italia, donde estudió cine durante un año sin decírselo a nadie, así como sus conexiones con la escena gay y drag queen, sus aportaciones al Frente de Liberación Gay o sus inicios poco convencionales, ya que fue uno de los pocos fotógrafos de su generación que se formó como tal: estudió en la High School of Art & Design neoyorquina, donde una clase magistral de Richard Avedon alimentó aún más sus ganas de capturar la belleza entre los escombros.

EM TURNÊ PELOS EUA, MOSTRA DESTACA FASE NOVA-IORQUINA DE HÉLIO OITICICA

SILAS MARTÍ, DE SÃO PAULO

ilustrada: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1853309-em-turne-pelos-eua-mostra-destaca-fase-nova-iorquina-de-helio-oitica.shtml>

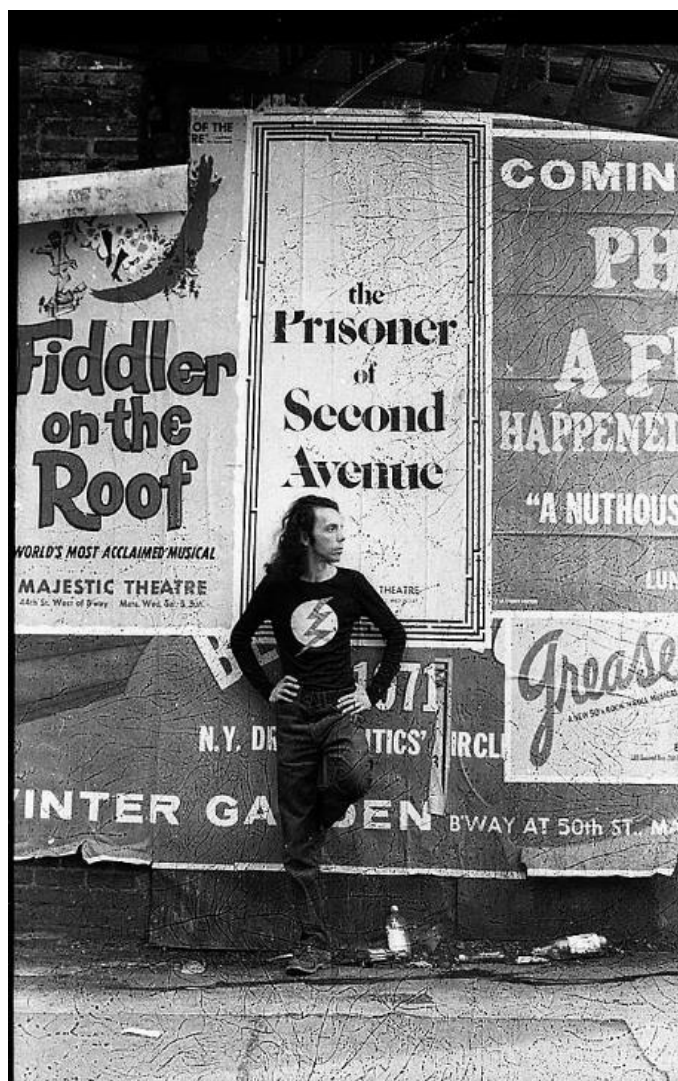
27 DE JANEIRO / 2017 – Quando esteve em Nova York pela primeira vez, ainda um menino de dez anos, Hélio Oiticica ficou maravilhado com o anúncio de "Bonita e Valente" na Times Square – o revólver da mocinha do musical saltava para fora da placa, flutuando sobre a praça mais iluminada do planeta.

Décadas depois, já morando num loft na Segunda Avenida, o artista dizia se sentir enrolado em dinamite e sentado num barril de pólvora. A metrópole americana era sua Babilônia, a barriga de Moby Dick, uma ilha infernal.

Em Manhattan, onde viveu entre 1969 e 1978, Oiticica experimentou os altos e baixos de um espetáculo violento. Foi da disciplina monástica dos primeiros anos, quando tentava criar uma versão de sua Tropicália para o Central Park, à esbórnia das boates gays do Village e das noites em claro embaladas por Jimi Hendrix e pelo efeito da cocaína.

Hélio Oiticica em Nova York, assunto de sua retrospectiva em turnê pelos EUA

Esses anos de delírio superlativo estão no centro da maior retrospectiva já dedicada ao neoconcretista em solo americano. Depois de passar por Pittsburgh, a mostra vai agora a Chicago e em junho encerra a turnê no Whitney, em Nova York, sua "volta para casa", nas palavras de Donna De Salvo, diretora do museu.



"Ele tinha a ideia utópica de juntar a América do Sul a Nova York, era fascinado pela cultura daqui, pela Yoko Ono, pelo John Lennon, pelo John Cage, pelas estrelas que rodeavam o Andy Warhol", ela conta. "Foi um tempo muito fértil. Ver essa exposição é como andar pelo cérebro dele."

Seus tempos nova-iorquinos, de fato, ficaram mais no plano das ideias. Oiticica, que se mudou para Nova York logo depois de participar da mostra Information, no MoMA, não tinha dinheiro para tirar seus projetos do papel ali.



'ÉDEN', instalação de Hélio Oiticica na Whitechapel, em Londres, agora remontada nos EUA

Ele passou anos escrevendo as *NEWYORKAISES*, um livro que nunca terminou, e chegou a inventar toda uma instalação a ser construída depois no Rio pelo artista Carlos Vergara, que recebeu seus desenhos pelo correio.

FILTRO, como lembra César Oiticica Filho, sobrinho do artista, era um labirinto colorido cheio de rádios sintonizados em estações diferentes, televisores e, no fundo, um copo de suco colorido, "como se você bebesse a cor".

Esse ambiente cacofônico lembra o caos orquestrado de seu apartamento em Nova York. O artista Miguel Rio Branco, que viveu oito meses com Oiticica no loft da Segunda Avenida, conta que eles dormiam em camas "parecidas com as dos hospitais indianos", embrulhadas em véus coloridos. Eram partes dos famosos Ninhos que o artista construiu no MoMA, uma espécie de escultura para morar.

"Ele tinha essa coisa de chegar, ligar a televisão e pôr um disco para tocar", lembra o cineasta Neville d'Almeida. "A gente trabalhava ouvindo blues, jazz, Jim Morrison, Jimi Hendrix, Jefferson Airplane, Bob Dylan, Led Zeppelin. Essas músicas eram a trilha sonora das nossas conversas."

Muitos desses músicos e bandas, aliás, Oiticica viu tocar ao vivo no Fillmore East, templo do rock'n'roll que ficava do lado de sua casa. Nas famosas fitas cassete que

gravava e mandava para amigos no Brasil, as Héliotapes, o artista conta como a experiência da música ali moldou seu jeito de pensar a performance.

Hélio Oiticica em seu apartamento em Nova York



GANGUES E TRAVESTIS

Isso também tem a ver com os bizarros rituais artísticos que testemunhou na casa do cineasta Jack Smith, autor de clássicos da filmografia queer, que ele conheceu com o escultor Walter De Maria.

Oiticica não chegou a entrar de fato para a cena artística da cidade, que julgava comercial demais, mas circulava por Manhattan com o artista minimalista e nomes centrais da performance, como Vito Acconci.

Também se aproximou de Mario Montez, drag queen estrela de seu curta *AGRIPPINA É ROMA-MANHATTAN*, e do gângster Carlos Suarez. Os marginais do Bronx e os travestis do Village, então vivendo a ressaca das revoltas de Stonewall, atraíam seu olhar, da mesma forma que no Rio ele havia deixado a burguesia da zona sul para mergulhar no morro da Mangueira.

Nesse ponto, a versão americana de sua *TROPICÁLIA*, instalação montada pela primeira vez no Rio há 50 anos, juntaria as pontas de sua obra no Brasil e nos Estados Unidos.

Nunca construída, essa que seria sua obra mais complexa, na visão de Lynn Zelevansky, uma das curadoras da mostra, foi pensada para o Central Park como uma estrutura de dois andares, com espaços para performances.

Levando esse pensamento às últimas consequências, Oiticica e Neville d'Almeida criaram o que talvez seja a obra-prima dessa fase nova-iorquina, a série das cinco *COSMOCOCAS*, instalações que só saíam do papel muito depois.

Esses ambientes iluminados por projeções com desenhos como o rosto de Marilyn Monroe traçados com fileiras de cocaína parecem extensões de sua casa. "É a sua obra mais nova-iorquina", diz Zelevansky. "Muitos pensam que essa época foi uma década perdida, mas ali surgiram alguns de seus grandes trabalhos."

Oiticica, que passou anos brigando com agentes da imigração para ficar nos Estados Unidos, deixou Manhattan dois anos antes de morrer, em 1980, vítima de um aneurisma. O desfecho de seu momento americano veio só depois da morte, quando enfim chegou a ordem de sua deportação.

2017

ANDY WARHOL E A POP ART (PARTE – 1)

<http://seculodiario.com.br/32678/17/andy-warhol-e-a-pop-art-parte-1>

POR GUSTAVO BASTOS / FILÓSOFO E ESCRITOR

Blog: <http://poesiaeconhecimento.blogspot.com>

(BASEADO NO LIVRO ANDY WARHOL DE KLAUS HONNEF, EDITORA TASCHEN)

ANDY WARHOL: A PRIMEIRA ESTRELA DA ARTE

5 DE FEVEREIRO / 2017 – Warhol é um dos artistas que tiveram o status de lenda ainda em vida. Raras vezes se escreveu e bisbilhotou tanto sobre alguém, como sobre ele. Se reuníssemos as páginas dos manuscritos dedicados à sua vida e obra, seria algo de uma extensão grandiosa. E quando Warhol aparecia em público, poderia dar a impressão de não ser deste mundo. É difícil estabelecer a verdade sobre a vida de Andy Warhol, como ele se chamou a si próprio, a partir do momento em que foi morar em Nova Iorque. Sua vida se tornou divulgada e obscura ao mesmo tempo, pois existia a contradição entre verdade e mentira, tudo isso numa dissimulação de fatos biográficos, como um tipo de método do que vem à luz e do que fica na sombra.

Warhol se formou como desenhista publicitário, mas desde o princípio se via como um artista, e seguindo tal mística criou uma persona e um método de arte inteiramente novos que irritou, abalou e transformou o mundo da Arte. No entanto, de certo modo, o seu método de fazer arte poderia ser comparado, guardadas as proporções e as características de época, como um tipo de gestão muito bem associada ao que se fazia no Renascimento e no Barroco. Por outro lado, Warhol era tido como uma pessoa muito reservada e mostrava-se particularmente lacônico para com os jornalistas. No entanto, nenhum artista da sua época deixou tantos testemunhos como ele: além de um grande número de entrevistas e aforismos, deixou dois livros autobiográficos. Porém ninguém sabe exatamente quem de fato escreveu os livros: se o próprio Warhol ou um dos seus inúmeros “ghostwriters”.

Apesar de não ter faltado praticamente a nenhum acontecimento público ao seu alcance, e raramente deixar passar uma “party”, gostava de se fazer representar por



**SEEKING
INFORMATION**

**STOLEN ANDY WARHOL
PRINTS**

Springfield Art Museum
Springfield, Missouri
April 7, 2016



DETAILS

The FBI is seeking information leading to the recovery of artwork stolen from the Springfield Art Museum in Springfield, Missouri. It is believed the theft occurred sometime during the early morning hours on April 7, 2016, at which time 7 of the 10 Andy Warhol prints on permanent display at the museum were taken. The collection, which has been owned by the Springfield Art Museum since 1985, is Set Number 31 of the Campbell's Soup I collection and is valued at approximately \$500,000. Each print in the screen print collection measures 37 inches high by 24.5 inches wide and are framed in white frames. Images of the stolen artwork are featured above.

Anyone with information that may lead to the location of this stolen artwork should contact the FBI Springfield Office directly at 417-862-3303 or the Springfield Police Department TIPS line at 417- 868-TIPS. Additionally, individuals may contact their local FBI office or the nearest American Embassy or Consulate.

Field Office: Kansas City

sósias. Um dia, precisamente quando Warhol festejava com *THE CHELSEA GIRLS*, os seus primeiros êxitos comerciais de cineasta, a fraude veio à luz do dia: depois de ter feito algumas conferências em diversos “colleges” americanos, Warhol, cansado deste trabalho, confiou-o a Allen Midgette, que se fez passar por ele. Warhol, então, escondia-se muitas vezes por detrás de óculos escuros e peruca branca, e mal tinha acabado de se instalar em Nova Iorque, pintara-a já os cabelos em tons de loiro-palha.

Andy Warhol tinha uma admiração forte pelas estrelas do cinema e dos meios literários americanos mais em voga. Porém, em sua época, esta era a qual as próprias “superstars”, agora ameaçadas pelas “megastars”, viriam para superar e eliminar as vedetes da época heroica do cinema americano, que gozavam de uma fama sem limites. “Ser célebre durante um quarto de hora”, eis o lema de Warhol, que concretiza bem a mentalidade de uma época, que privilegia o efêmero.

Andy Warhol encarnava, na perfeição, o novo tipo de estrela. Ele era criador e ao mesmo tempo realizador e ator, e legou ao mundo o artista-vedete que, no universo artístico, sucedeu ao gênio. Hábil nos negócios e patrão de uma oficina de 18 empregados (“the boys and the girls”), soube comercializar sua criatividade e sua própria pessoa. “Para Andy Warhol, que se intitulava a si próprio ‘business-artist’, com dinheiro é que a arte é bela!” (Eva Windmöller). E um amigo de longa data e também mecenas convicto, Henry Geldzahler, elogiava o fascinante “amalgama de negócios e de arte” por parte do artista.

Sem a estilização consciente da sua personalidade como estrela desligada da realidade, teria tido muito mais dificuldades nos negócios. Em todas as estrelas, de todos os estilos e proveniências, e como se brilhasse algo de divino, que é nada mais que o efeito da projeção dos admiradores. “No ser superior, mítico (a estrela), projeta-se toda uma série de necessidades e desejos que na vida não podem ser realizados”, escreve o sociólogo e cineasta Edgar Morin, que deste modo enuncia o pressuposto sociopsicológico mais importante para o culto das estrelas no século XX.

Ninguém melhor do que Andy Warhol, o artista, percebem este mecanismo do culto das estrelas, como bem o demonstra o comportamento característico que adotava em público. Simultaneamente presente e ausente, dava a impressão de uma aparição encarnada. Henry Geldzahler vê nesta forma de comportamento a razão determinante do êxito fabuloso de Warhol. “Graças ao seu aspecto de “dumb blond”, a opinião pública associou-o rapidamente ao movimento pop. Neste país e no nosso século, só muito raramente os artistas são reconhecidos pelo homem da rua: Pablo Picasso, Dalí, Jackson Pollock – a lista é pequena.” Também Marilyn Monroe, o modelo mais popular de Andy Warhol foi considerada “dumb blond”.

No entanto, e contrariamente ao seu retratista, Marilyn Monroe estava sempre mais presente, apesar de, na realidade, só muito poucas pessoas terem chegado a vê-la. A sua temporalidade materializava-se no écran e foi apenas através deste que a atriz Marilyn Monroe se tornou a deusa do sexo. Em contrapartida, a estrela Andy Warhol não precisava do écran de cinema; ela servia-se dos media “documentários”. O que o filme de ficção tinha sido para os deuses de Hollywood – a começar por Mary Pickford, a primeira estrela a merecer, de fato, este nome, até James Stewart, Ingrid Bergman, Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe, passando por Charles Chaplin, Greta Garbo, Marlene Dietrich, Mae West, Bette Davis, Clark Gable e Humphrey Bogart – era para Andy Warhol a imprensa popular, que trabalhava a partir da verdade aparente.

Warhol se aproveitava de um fenômeno de sua época e ainda vigente hoje da passagem do real ao fictício, facilitada e até mesmo organizada, nos anos 1960, pelo triunfo da televisão. Pois com a televisão se batiam as fronteiras entre o real e o imaginário. A “máquina de ficção” que era a televisão, aparentemente um instrumento para documentar, demonstrava, pela primeira vez, o seu poder, o de criar uma nova realidade, embora ficcional, paradoxal.

Andy Warhol elegeu Marilyn Monroe para modelo da sua arte, já depois de ela já ter morrido, e a morte tinha selado a sua existência supraterebre. Juntamente com Humphrey Bogart, Marilyn Monroe era sem dúvida a única estrela de cinema, cuja fama póstuma havia ultrapassado, de longe, a popularidade que tivera em vida. E Andy Warhol contribuiu, sem dúvida, para este fenômeno. É difícil dizer o que é que lhe despertou a atenção para a atriz mais “sexy” do cinema – naquela época, o trono da deusa do sexo estava ainda reservado a Rita Hayworth e só foi atribuído a Marilyn Monroe muito depois de sua morte.

AS ESCOLHAS ARTÍSTICAS DE ANDY WARHOL

Vista à luz dos nossos dias, a escolha a favor de Marilyn ilustra a perspicácia infalível de Warhol para os caprichos da moda do seu tempo. Certamente que o “sex appeal” excitante da atriz não foi fator determinante. Terá sido, porventura, a lenda que ela teceu à sua volta? O historiador de cinema, Enno Patalas, escreveu a propósito de Marilyn Monroe: “Ela talhou, por medida, uma lenda sobre a sua juventude, segunda a qual os pais lhe batiam com correias de couro, foi violada aos seis anos por um ‘amigo’ da família e, mais tarde, maltratada por pais adotivos sem coração – uma história que foi logo desmentida pela jornalista Ezra Goodman, mas que se ajustava tão bem à personagem, que, apesar de tudo, se gostava de acreditar nela.”

Elvis Presley e Elizabeth Taylor foram os outros ídolos a quem Andy Warhol dedicou inúmeras telas e séries de quadros, embora em menores proporções do que a Marilyn Monroe. Não obstante as diferenças, estas estrelas têm um ponto comum: personificam perfeitamente a história do sucesso à americana. Norma Jean Baker, aliás Marilyn Monroe, de criança explorada – a acreditar na sua lenda – a “sex symbol” adulado; Elvis Presley de camionista, que cantava por amorismo, ao ídolo histericamente idolatrado por toda uma geração, e Elizabeth Taylor de boneca do cinema a uma das estrelas mundiais mais bem pagas de Hollywood.

Depois, todas estas vedetas estão rodeadas de uma aura de tragédia – Marilyn tentou desesperadamente, mas em vão, escapar ao clichê de “sex symbol”; Presley entrava com frequência em depressões e Liz Taylor tinha constantemente problemas de saúde. Não seria de admirar que Andy Warhol se tivesse identificado, pelo menos em parte, com estas estrelas. O culto do sucesso é o laço que une o povo dos Estados Unidos da América. Andy Warhol pretendia ser um dos seus pontífices.

De início, trabalha como desenhador profissional de publicidade, cria anúncios para revistas de moda, tais como “Glamour”, “Vogue” e “Harper’s Bazaar” e abrevia o nome para Andy Warhol. Muda várias vezes de apartamento e de atelier e procura arranjar amigos. O sucesso veio relativamente depressa. O sonho americano de uma ascensão irresistível concretizou-se mais rapidamente do que esperava.

Evidentemente que a maneira como concretizou esta ascensão, deu lugar a imensas anedotas. O crítico de arte, Calvin Tomkins, conta que Tina Fredericks, então “art-director” da “Glamour”, contribuiu grandemente para isso. Ela teria ficado entusiasmada com os desenhos de Warhol, mas não fez qualquer utilização deles.

“Ela disse-lhe que os desenhos eram bons, mas que, naquele momento, a “Glamour” só precisava de desenhos de sapatos. No dia seguinte, Andy voltou com cinquenta desenhos de sapatos no seu saco de papel castanho (...) Jamais alguém tinha desenhado sapatos como Andy.”

Muitos veem nos desenhos dos sapatos um motivo que se repete nos seus trabalhos até o início dos anos 1960, o capítulo mais importante da fase comercial da sua obra, em certa medida, a época Warhol antes de Warhol. Tomkins elogia a sua sutileza, estilo Henri de Toulouse-Lautrec, e admira o seu rigor empírico. “Cada fivela estava no lugar certo.” A série dos Golden Shoes, criações livres, dedicadas a estrelas do cinema, como, por exemplo, Mae West, Judy Garland, Zsa Zsa Gabor, Julie Andrews, James Dean e Elvis Presley, ou a escritores, como Truman Capote e ao travesti Christine Jorgensen, e que, em certa medida, personificavam estas celebridades, teve grande êxito. Em 1956, uma exposição na Madison Avenue apresentava o álbum dos Golden Shoes, e que era um terreno fértil para os magos da psicologia.

O rastro do artista Andy Warhol, queixava-se Rainer Croner, perde-se num emaranhado de anedotas e de histórias. Conscientemente, os críticos de Arte tinham rodeado a vida e a obra de Warhol de uma ligeira mistificação, burilado a sua personalidade de artista ao jeito da sociedade de consumo, a fim de banalizar aquilo que a sua arte tem de único. Mas, em muitos casos, é o próprio Andy Warhol a origem das anedotas e histórias que gravitam em torno da sua pessoa. Havia boas razões para isto, pois só a bisbilhotice, versão profana dos mitos antigos, cria uma estrela. “Ele nunca perdeu de vista o seu verdadeiro objetivo: ser um artista e, embora nunca o tenha dito, uma estrela” – este, o resumo de Henry Geldzahler, o amigo de longa data.

Andy Warhol atingia grande estima nos meios da publicidade e do luxo, no entanto, ele aspirava a ser reconhecido como artista, como “verdadeiro” artista. Portanto, Warhol escondia os seus trabalhos comerciais, quando esperava a visita de colecionadores de arte no seu estúdio, pois, mesmo na Nova Iorque dos anos 50, a arte comercial era ainda tomada como algo de mau gosto. O artista Warhol já conhecia tais visões dominantes, mas teve, mesmo depois de seu reconhecimento artístico, além do atelier para a arte propriamente dita, um outro para o trabalho publicitário comercial. E se este estúdio comercial se ocupava apenas da comercialização dos seus próprios produtos, isto é uma prova da inteligência superior de Warhol, o que demonstrava também a sua sensibilidade para os critérios de valor do meio artístico.

Warhol era um artista empírico e das coisas visíveis, o que seria fonte de sua batalha para ter êxito nos Estados Unidos dos anos 1950, que ainda eram marcados pelo domínio ainda inquestionável do Expressionismo Abstrato. Tal que era o culto da interioridade e do idealismo desenfreado, e que eram expressos nos quadros de pintores expressionistas abstratos como Jackson Pollock, Franz Kline, Clyfford Still, Mark Rothko e Barnett Newman, como uma refutação artística definitiva, até então, de qualquer fonte empírica e material como expressão de arte.

Portanto, a luta de Warhol era a de que as influências artísticas, transmitidas pelos seus professores no College de Pittsburgh, e as que ele teve durante seus anos em Nova Iorque, a da arte dos Rubens e Courbets até à arte popular americana, passando pela caricatura, não tinham ainda dado a Warhol a sua concepção de arte. Por outro lado, os seus projetos para anúncios nas revistas em papel glacé do luxo e da moda alcançavam cada vez mais atenção e aceitação. Pois qualquer que fosse o objeto a ilustrar, seja shampoo, joias, baton ou perfume, Warhol tinha uma originalidade decorativa nos seus trabalhos.

Para os seus desenhos publicitários, por exemplo, Warhol tinha adotado uma técnica de reprodução direta: desenhava os projetos a lápis em papel hidrófugo, retocava os contornos a tinta-da-china e imprimia o conjunto, ainda úmido, sobre folhas de papel absorvente. Este processo, em princípio, baseado no processo do papel mata-borrão, era de fato tecnicamente primitivo, mas surtia efeito. As linhas que na imagem impressa não apareciam como traço contínuo, sendo por vezes interrompidas de forma mais esbatida, ou mais acentuada, tinham qualquer coisa de esboçado, de ligeiro, de flutuante. Graças a uma preparação minuciosa do modelo, a imagem obtida condensava-se num conjunto – embora ligeiramente deformado – de linhas e formas familiares, como que ligadas por pontos.

A seguir à impressão, Warhol, ou um dos assistentes que, bem cedo, se aglomeraram à sua volta, coloriam as superfícies interiores nas cores pastel, rosa pálido ou vivo, azul-claro, verde como gelado de pistácio, ou laranja, como a cor de um “parfait” de laranja. Warhol utilizou igualmente a técnica da “blotted line”, a linha manchada, para a produção de trabalhos “independentes”, como ilustrações de livros. E são tais folhas que o colocariam dentro dos círculos artísticos. James Fitzsimmons então escrevia na revista “Art Digest” que as impressões frágeis de Warhol lhe faziam lembrar Aubrey Beardsley, Henri de Toulouse-Lautrec, Charles Demuth, Balthus e Jean Cocteau; pois desprendia-se delas uma preciosidade e uma perversidade habilmente estudada que tinha uma espécie de expressão de arte que provocava sentimentos confusos e ambíguos.

A técnica da “blotted line” pode ser considerada como uma das fases essenciais da evolução artística de Andy Warhol. Pois, ao imprimir as linhas desenhadas a tinta-da-china, reproduzia o desenho original e desvalorizava a noção incontestada das vacas sagradas da História da Arte. Por outro lado, esta técnica invulgar e inusitada não está assim tão afastada dos processos de reprodução, geralmente aplicados na Arte, tais como temos na xilogravura, na gravura a talha-doce, e nas águas-fortes e litografia. No entanto, no contexto de arte no qual Andy Warhol ainda vivia, o postulado segundo o qual a unicidade é uma das condições necessárias (mas não a única) para que um trabalho seja considerado uma obra de arte, não foi abalado pelo processo do papel mata-borrão.

Warhol desferiu, por sua vez, um golpe mais subversivo no dogma do original, quando, apenas esporadicamente, interveio na elaboração das folhas referidas que, graças ao colorido e textos de acompanhamento, poderiam ser consideradas apenas quase-originais. Os desenhos, meio gravuras, meio originais, eram, afinal de contas, o produto de uma manufatura. E quando Andy Warhol tinha alguma reunião no “New York Times” ou em qualquer revista de moda, ele ia muitas vezes para casa carregado de sapatos, joias, frascos de perfume, roupas de malha e outras tralhas para fazer as respectivas ilustrações. Os desenhos eram depois decalcados noutro papel e, a seguir, passava-se à fase do “blotting”; obtinha-se então o desenho final de traço desigual, a característica linha interrompida (blotted line). Na Lexington Avenue, então, Warhol experimentou aquilo que mais tarde iria realizar, em grande estilo, na lendária Factory.

No entanto, nem o modo nem a técnica de trabalho eram extraordinários para um desenhador publicitário de sucesso. Os concorrentes que, como ele, lutavam por um lugar ao sol, procediam de igual modo. A transposição para a arte da divisão do trabalho da sociedade industrial e/ou pós-industrial, só poderia assustar mesmo os gurus de uma concepção idealista da Arte. O artista, promotor e adversário da indústria e da burocracia, que assume todas as fases da criação da sua obra, era

produto de uma concepção esotérica originada do espírito idealista alemão que, por muito tempo, animou a arte americana, desde as paisagens monumentais do emigrante alemão Albert Bierstadt às erupções cósmicas de Jackson Pollock.

No Renascimento, para que um contrato fosse executado com originalidade, os mestres tinham apenas que criar pelas suas próprias mãos as partes essenciais, o mestre concebia os esboços, definia os pormenores da obra pretendida e, quanto ao resto, dedicava-se aos seus negócios, tais como obtenção de encomendas lucrativas, ou viajava em missões políticas. O gênio pensativo que, na mais profunda solidão, luta com a sua arte, só séculos mais tarde marcou a imagem do artista.

Warhol era procurado pelos seus desenhos publicitários, mas não era ainda reconhecido como artista. O ano de 1956 iria ter uma importância decisiva para ele. Deu uma volta ao mundo que, entre outros países, o levou a Itália, a Florença, onde as obras de arte do Renascimento o impressionaram e lhe animaram as ambições artísticas. Neste mesmo ano, foi também distinguido com o “Thirty Fifth Annual Art Directors` Club Award” pela publicidade aos sapatos da elegante loja da conhecida firma Miller, tendo o Museum of Modern Art, centro de consagração da Arte Contemporânea, convidado Warhol a participar numa exposição dos “Desenhos mais recentes dos EUA”. Era-lhe, assim, facultado o acesso à arte “séria” e a “Life Magazine” publicou uma série das suas ilustrações. Foi também então que Warhol começou a interessar-se pelo cinema e suas estrelas.

Já nesta época pré-pop, Andy era uma espécie de celebridade, que conquistava prêmios, admirado por todos, e com um estilo próprio. E o texto de David Bourdon evoca um conceito: o de pop. Mas apenas na perspectiva dos contemporâneos que acreditavam no progresso e tinham tendência para considerar o passado como mero prelúdio do presente, é que os anos 1950 podiam ser considerados como o decênio da pré-pop. A realidade, na verdade, era muito diferente, pois a abstração dominava a Arte, com exceção de alguns “dissidentes” franceses e italianos. A cultura ocidental encontrava-se dominada por um valor de liberdade que se refletia numa abstração como para rivalizar com o realismo de inspiração socialista e comunista.

Com efeito, grupos de marginais da literatura, do teatro, do cinema e das artes plásticas declararam guerra a uma concepção tão unilateral de arte, e também Dada e a anti-arte de Marcel-Duchamp, mas ainda não se podia falar de pré-pop. A Pop Art, por sua vez, atingiria como um raio os meios artísticos estabelecidos, que reagiram assustados. No entanto, ainda alguns continuaram a depreciar o fenómeno indesejável, considerando-o simplesmente como um episódio da história das modas. Era preciso ser-se um espírito muito aberto, para se atribuir o mínimo valor artístico às pesadas “pinturas” de Robert Rauschenberg e aos quadros singulares de Jasper Johns. Ainda assim, eles não traíam inteiramente as convicções sagradas do Expressionismo Abstrato e, apesar da estranha integração de objetos cotidianos, de forma material ou pictórica, ainda se tratava de uma concepção subjetiva e individual de arte, a arte que continuava a prevalecer sobre a vulgar realidade. No entanto, a Pop Art propriamente dita surgiu como uma expressão nova e apenas uma pessoa, talvez inconscientemente, estava preparada para isso: Andy Warhol. Neste aspecto, ele é de fato o único representante da fase que antecede a Pop Art.

São muitos os que se vangloriam de ter inventado o termo “pop”. Ele aparece, pela primeira vez, numa colagem, que se perdeu, do artista britânico Richard Hamilton. Muitos consideraram-no abreviatura de “popular”, à semelhança da famosa palavra “Merz” inventada por Kurt Schwitters que, tendo fugido da Alemanha nazi, encontrou

um refúgio na Inglaterra. O crítico inglês, Lawrence Alloway, introduziu o termo na literatura sobre arte. Ele tentava descrever experiências artísticas que se debruçavam, de forma crítica, sobre os artigos do consumo de massas, as marcas de fabrico e as imagens-símbolos da indústria dos bens de consumo, os apelos formalistas da publicidade, as histórias esquemáticas da banda desenhada, os ídolos estereotipados do cinema e da música, os anúncios luminosos dos grandes centros urbanos que representavam um vocabulário trivial feito de símbolos e de imagens, destinados, como os produtos e as ideologias que eles representam, a um consumo imediato.

Andy Warhol trabalhava, de fato, na arte da publicidade comercial; fazia para artigos de prestígio e criava anúncios para revistas de qualidade, mas, na verdade, isto não era, de modo algum, o seu mundo. No início dos anos 60, mudou abrupta e radicalmente a sua temática. De repente, eles aí estavam; primeiro, os desenhos e, logo a seguir, os quadros das notas de dólares, das estrelas de cinema, das latas de sopa, das garrafas de Coca-Cola e dos frascos de ketchup, das bandas desenhadas de Dick Tracy, Popeye e Superman.

A consagração artística de Warhol era fatal, quando descobriu que os seus temas não tinham sido bem escolhidos. Eram adequados aos desenhos chiques, mas demasiado elaborados para impressionar os esnobes da cena cultural nova-iorquina. Apenas os sapatos transformados em fetiches exalavam um mau gosto ligeiramente trivial. Os motivos comercializados da arte tinham degenerado em elementos decorativos baratos; faltava-lhes força e poder de provocação. A partir do início dos anos 60, Warhol deixou de enriquecer a concepção publicitária através de formas e fórmulas da arte superior, para, ao contrário, trazer à arte os símbolos oticamente gritantes da publicidade de massas. Deixou as lojas elegantes da Fifth Avenue voltando-se para os supermercados de Queens, Bronx e Brooklyn e de outros subúrbios americanos. Andy Warhol escolhia os motivos pura e simplesmente noutros domínios “mais baixos”. Deste modo, lançava-se formalmente na esfera artística com bandas desenhadas, rótulos de garrafas e de latas de conservas, fotografias da imprensa popular e, mais tarde, as fotografias instantâneas, que fez de si próprio, e que se tornariam a base da sua atividade artística.

Warhol modificou também a sua “assinatura”: substituiu as linhas finas do grafismo comercial por traços coloridos pesados e alargados e guarneceu os objetos com sombras muito projetadas, como se pode ver nas fotografias de amadores ambiciosos. “Warhol”, escreve Werner Spies, “procura temas vulgares e uma maneira de pintar que, nos primeiros quadros que ele ainda pinta à mão, renuncia a tudo que caracteriza o seu traço. Para realizar as latas de sopas e as garrafas de Coca-Cola, escolheu um estilo de pintura que lhe era estranho. Não podemos dizer que se verifica nele uma “continuação” de temas populares e de uma pintura eficaz de cartazes. Trata-se, antes, de uma ruptura radical”. Se, até ali, tinha rodeado os produtos de luxo com o brilho do privilégio, a partir de agora Warhol se dedicava aos artigos de massas do consumo americano que, sem dúvida, simbolizaram o “American Way of Life” de uma maneira mais persuasiva e mais surpreendente do que os sapatos de personalidades ricas e célebres.

Datam de 1962 os desenhos que apresentam o inventário quase completo do “universo artístico” de Andy Warhol: latas de sopa Campbell, frascos de ketchup Heinz, notas e maços de dólares, cápsulas de garrafas de Coca-Cola, retratos de vedetas populares do cinema, como Joan Crawford, Ginger Rogers e Hedy Lamarr. O contorno dos objetos é formado por largos traços fluidos, o texto dos rótulos e dos letreiros cuidadosamente trabalhado, os fundos muitas vezes sombreados e os

contrastes acentuados a preto e branco. Em relação aos trabalhos dos anos 50, é visível nestas folhas uma tendência nitidamente antiestética. Isto é ainda mais notório, quando o desenho feito a lápis grosso é parcialmente colorido a aquarela. A linha tênue e elegante dos desenhos em “blotted line” do período anterior desaparecem, Warhol não estava mais interessado em prosseguir a tradição da linha elegante e decorativa, para a qual o teriam predestinado as suas aptidões de desenhador, nem em seguir uma via uniforme estilística no sentido acadêmico convencional.

Mas Andy Warhol não era o único artista à procura de uma resposta na Nova Iorque do início dos anos 60, pois quase ao mesmo tempo, Roy Lichtenstein descobria o que havia de intacto na linguagem das imagens das bandas desenhadas populares. Abaixo do limiar para a cultura da elite social, tinha-se desenvolvido esta cultura das imagens, específica, direta e fácil de assimilar. Os leitores de jornais diários não devoravam as notícias e comentários políticos, mas sim as páginas das bandas desenhadas. As personagens mais populares transformaram-se em heróis dos numerosos filmes de Hollywood e as histórias contadas em imagens eram muitas vezes superiores aos filmes pela sua expressividade e maior vivacidade visual.

Quando criança, naqueles sombrios dias em que esteve doente, as bandas desenhadas foram um lenitivo para Warhol. Muito naturalmente, elas faziam parte da vida cotidiana de qualquer adolescente americano, como depois aconteceu com a televisão. Quaisquer que fossem as histórias que contavam, as bandas desenhadas nunca perdiam o contato com o mundo cotidiano e, como explica Jürgen Trabant, elas recorriam a certas técnicas de comunicação: “A ilusão do real é obtida no desenho pelos meios convencionais existentes desde o Renascimento, da representação em perspectiva, da exatidão anatômica, do movimento e da imitação realista. Na sua forma, a concepção retoma os processos de representação cinematográfica: plano geral, grande plano, corte das imagens. Isto acontece também no interesse da verossimilhança, porque o filme e a fotografia são sobretudo entendidos como sinónimos de fidelidade empírica e a representação, padrão das bandas desenhadas, e reforçam assim seu realismo”.

Ao transformar recortes de bandas desenhadas com grande divulgação em motivos dos quadros, Andy Warhol aproximava-se do seu tema artístico central, se é que ele teve algum. Mas, logo que soube que tinha um concorrente na utilização inovadora da iconografia trivial, terminou abruptamente com tais experiências, embora estas estivessem orientadas numa direção inteiramente diferente da pintura estetizante de Lichtenstein. Os mecanismos do mercado tinham-se estendido com mais intensidade ao campo da Arte e todo o artista que não se distinguisse por um estilo original estava sujeito a que o suspeitassem de falta de consequência artística.

A SERIGRAFIA COMO MEIO ARTÍSTICO

Uma pintura que tem o tema da morte inaugura uma notável produção de quadros que marca um novo momento na História da Arte, tal trabalho que é inspirado numa catástrofe aérea em Nova Iorque, que era até então a mais grave na história da aviação. Contudo, para Andy Warhol o evento da queda do avião pura e simplesmente não foi o motivo do trabalho artístico, e sim o modo que tal evento apareceu na imprensa, mais exatamente a fotografia da carcaça, publicada, no dia 4 de Junho de 1962, no jornal de grande tiragem “New York Mirror”.

Warhol então projeta na tela a fotografia do jornal, onde, dominando todo o cenário, se ergue a empenagem do avião a jato que está caído, e a copia através de pintura. Neste trabalho Warhol retoma não somente a fotografia como também a manchete do

jornal popular que, de forma sensacionalista, começa em maiúsculas com as palavras “129 DIE” e continua, por baixo da fotografia, com “IN JET!”, e o nome do jornal, “New York Mirror”, que aparece no bordo superior do quadro, juntamente com a data de publicação e com o número da edição.

Warhol tem um de seus momentos chave quando se volta para a fotografia como matéria de seu trabalho, quando se fala de sua evolução artística, tal que é um meio de expressão que, mais do que o trabalho com as bandas desenhadas, as marcas dos artigos de consumo ou ainda as pinturas da arte “superior”, determina com muito mais precisão a realidade da percepção. A fotografia reproduz o que os olhos veem com mais veracidade do que todas as pinturas antes dela, e eterniza, em certa medida, a realidade visível. E o bom observador distante que era Warhol, deve ter notado logo muito cedo, por sua vez, a influência que tomava no mundo tanto a fotografia como também o cinema.

Warhol teve esta percepção pela fotografia, embora nos meios artísticos dos anos 50, a fotografia era ainda vista como algo menor e com mais desdém até mesmo em relação à linguagem em imagens da banda desenhada e da publicidade. A fotografia, portanto, tinha uma importância muito reduzida no mundo da Arte, mas, por isso mesmo, era o meio ideal para servir aos objetivos de Warhol. No quadro “129 DIE”, Andy Warhol não reproduz a realidade de forma direta, mas se utiliza de uma fotografia de jornal de um desastre, que de fato tinha acontecido, como um tipo de veículo de expressão que ligava a realidade ao espectador.

Então, na análise sobre a intenção de Warhol com este trabalho, temos que não é a realidade por si mesma o sentido de sua expressão, mas sim tal realidade no seu contexto de reprodução, representando, por fim, um fragmento desta realidade. Por fim, temos também que esta nova onda de reprodução gerava um tipo de realidade em segunda mão, tal que era a realidade na sua versão dos “mass media”, das revistas ilustradas e dos painéis publicitários, como também do cinema e da televisão, que, ao fim, triunfa sobre a realidade empírica.

O fato de Warhol explorar uma gama variada de temas, e isto antes de realizar as suas pinturas, era fruto de um artista extremamente atento, que tanto juntava sugestões de terceiros, assim como também colecionava revistas e jornais, para, no momento certo, os utilizar como modelos para seus trabalhos artísticos. Quando chegava esse momento, Warhol achava que uma imagem reproduzida em massa ou um artigo de uso cotidiano possuía traços pertinentes e que poderia servir como uma espécie de representação eficiente do que se chama de consciência coletiva, como modelos de relações, no qual se fundiam numerosas convicções comuns, reunindo isto numa imagem de fácil assimilação e de efeito duradouro.

Tal trabalho de Warhol com esta consciência coletiva pode ser verificada, por exemplo, nas marcas e embalagens da indústria alimentar, que eram as sopas e os legumes em latas, os molhos e bebidas em garrafas, que eram então a narrativa cotidiana dos nossos hábitos, muito mais presentes que quaisquer outros elementos em nossa civilização. E tal relação que Warhol estabelecia com tais produtos também era potencializada pelo fato deles estarem associados a determinados nomes de firmas e marcas, tais como as sopas Campbell, a limonada Pepsi, a Coca-Cola, os detergentes Brillo e o ketchup da Heinz, que representavam a tradução perfeita de um modo de vida cotidiano e comum. Por sua vez, quando Warhol escolhe para motivos de arte as latas de sopas Campbell, as garrafas de Coca-Cola e de ketchup Heinz e os

pacotes de Brillo, Warhol os coloca num patamar novo como ícones da civilização contemporânea.

Foi então, com este ato estético de Warhol, que era a decisão de elevar tais produtos à categoria de obras de arte, que transformou, por sua vez, estes rótulos e marcas rigorosamente idênticos em ícones secularizados. Tal ato estético que era quando Warhol transferia tais produtos para uma tela, os elevando artisticamente, representava concretamente o transporte de tais entes dos supermercados para as galerias de arte. E, ao contrário de Marcel Duchamp, que transplantou os objetos do mundo cotidiano, onde desempenhavam uma função bem concreta, para um espaço estético, para que, desprovidos de toda a funcionalidade se tornassem perceptíveis em si mesmos, Warhol submeteu os “ready mades” da produção industrial em massa a um processo de transformação estética e artística.

Como um ilusionista hábil da Arte Contemporânea, Warhol era objeto de uma certa confusão no que se relaciona a sua técnica, pois ele operou uma substituição da técnica artística tradicional, da qual se utilizara até então, por uma técnica que correspondia mais aos seus novos motivos, tal que era também mais familiar com o designer publicitário de sucesso que Warhol também era. Tal mudança fez com que Warhol tivesse agora as fotografias de imprensa e os rótulos e marcas como seus motivos artísticos preferidos. Warhol, então, neste processo criativo renovado, logo se volta para a impressão serigráfica de fotografias, passando a aproveitar as possibilidades desta para as suas “pinturas”.

A serigrafia, por sua vez, era a técnica fundamental de Warhol que o permitiu apagar dos quadros as características de cunho pessoal, eliminando definitivamente todos os momentos subjetivos e, assim, deixando Warhol completamente livre dos cânones dominantes do Expressionismo Abstrato. Esta técnica de produzir anonimamente uma imagem, isenta de subjetividade, que era o extremo oposto do Expressionismo Abstrato, e com a precisão de uma máquina, desde que alguém tivesse determinado a composição e as cores, estava em conformidade com o temperamento frio e observador de Andy Warhol. E nesta sua escolha, Warhol deve ter sido igualmente estimulado pelo fato da impressão serigráfica permitir a ele a criação de uma imagem estereotipada e propagar, assim, um reflexo da consciência coletiva.

Esta técnica inédita na esfera da Arte tornou supérfluos os complicados e dispendiosos desenhos de preparação das pinturas. Além disso, com a transferência fotoquímica imediata de um modelo fotográfico para um peneiro, Warhol conseguia quadros que interpelavam diretamente o espectador, como acontece com as imagens dos mass media, sem, todavia, expor os seus quadros ao esquecimento imediato, tal como ocorre com as imagens da imprensa de massas. Portanto, para evitar o aspecto efêmero de tais imagens, Warhol fez uma aplicação especial da técnica da serigrafia.

Modelo para Pintores Amadores (Flores), por exemplo, que é o título de um quadro que simboliza justamente a mudança de técnica na carreira do artista, representa os contornos de um desenho em formato mural, incompletamente colorido, que o artista amador pode pintar segundo indicações precisas, transformando-o numa verdadeira composição a cores. Por sua vez, o desenho preparatório do quadro floral é esquemático e as cores preconizadas correspondem às cores standardizadas da civilização industrial. No entanto, o modelo, que dá a impressão de um trabalho que requer uma grande capacidade manual, não passa de um exemplar entre milhares de exemplares idênticos, em que era necessário somente seguir as instruções do modelo.

Recorrendo às técnicas da fabricação em massa, Warhol aplica a seu modo uma técnica que cria séries de quadros que se distinguem uns dos outros, mesmo que apenas através de pequenas nuances, não deixando dúvidas quanto a um certo fenômeno de depreciação do conceito de original, atributo muito caro à Arte Contemporânea, sobretudo na sua faceta do Expressionismo Abstrato, mas que, contudo, não representa a negação do conceito. A estratégia de Warhol, no entanto, tem aspectos de subversão, pois destrói a ideia de prestígio do original. Sob tal perspectiva nova, a ideia de arte em Warhol tinha o caráter de simples produtos industriais, como artigos fabricados em série.

Warhol também travou conhecimento com Gerard Malanga, um jovem poeta que depois foi seu assistente. Malanga descreve o início do seu trabalho prático nas artes plásticas com estas palavras: “Começamos logo a fazer a serigrafia de um retrato de Liz Taylor sobre uma tela, que tínhamos preparado, pulverizando um fundo com tinta prateada. Este trabalho não era muito difícil, mas acabou por se tornar muito sujo, quando tínhamos que limpar o peneiro.” O que em Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe, em Elvis Presley e Marlon Brando pode ter encantado Warhol foi o fato de eles simbolizarem determinadas correntes que percorriam a consciência coletiva americana, pois personificavam concepções de beleza e de êxito.

Tal como anteriormente os retratos de Marilyn Monroe, os retratos dos homens com mandado de captura ligam a série sobre a morte à série imponente dos seus outros retratos. Mais do que qualquer outro gênero, Warhol cultivou o do retrato. Inúmeros retratos são devidos a encomendas particulares que o artista não se deu ao luxo de recusar. A maior parte dos retratos, que “pintou” sem serem encomendados, foram inspirados em acontecimentos particulares ou conjunturas específicas do momento. No entanto, é comum a todos eles o fato de representarem personalidades importantes: artistas, colecionadores, vedetas de cinema, políticos e criminosos. Numa sociedade mediatizada, a celebridade é quase um barômetro “natural” do êxito social.

DO CINEASTA “UNDERGROUND” AO ARTISTA MUNDANO

Em 1963, ainda antes de as suas *CAIXAS BRILLO* ser criticadas, e também antes de o seu painel mural *Thirteen Most Wanted Men* do New York State Pavillon ter provocado escândalo, Andy Warhol comprou uma máquina de filmar e um gravador e foi viver na 47ª Rua e, em Novembro de 1964, Leo Castelli, juntamente com Robert Rauschenberg, organizava então, a primeira grande exposição da sua obra, na qual Warhol tinha escolhido uma série de flores que já tinha apresentado em Paris em janeiro, no que Warhol disse: “Eu pensei que os franceses talvez gostassem de flores, por causa de Renoir e de outros.” “Warhol tinha descoberto a imagem num catálogo de Botânica”, refere Gerard Malanga. “Ele disse-me: Aqui tens, faz disto uma serigrafia.”

Warhol era um artista gregário, em torno dele se juntou um grupo de pessoas que, aos poucos, foi povoando o seu apartamento, e ali ele vivia temporariamente e se ocupava dos mais variados trabalhos, e na então Factory, se trabalhava muito, a produtividade era intensa. A Factory não se configurava como uma fábrica e nem como uma empresa industrial, mesmo com este nome, ela poderia sim ser comparada a um atelier de artistas como Verrochio, Leonardo da Vinci, Cranach, Ticiano, Rubens ou Rembrandt, e não saía nada dali que não tivesse a aprovação de Warhol, e seus trabalhadores lhe serviam como instrumentos do que ele veio a chamar de codificação de um conceito imperfeito de “espírito do tempo”, o que incluía, por exemplo, o grupo musical Velvet Underground, que começava a ensaiar numa parte do apartamento.

Por sua vez, os filmes de Warhol concentraram-se, de imediato, em desenvolvimentos e dados elementares: *SLEEP* (1963), o seu primeiro filme de seis horas, apresenta um homem adormecido e a câmara passa pelas várias partes do corpo. Na realidade, o filme tem apenas uma duração de 20 minutos, porque, tal como acontece em muitas das suas serigrafias, a primeira sequência repete-se. *EMPIRE*, cujo “cameraman” foi Jonas Mekas, apresenta durante oito horas o orgulho de Manhattan, o Empire State Building, visto do 44º andar do Time-Life-Building. Por fim, o retrato filmado de Henry Geldzahler apresenta durante 100 minutos o conhecedor de arte a fumar um charuto.

Tais filmes de Warhol colocavam ao avesso convenções do cinema hollywoodiano, pois quebrava o paradigma narrativo de tal cinema, no que se via, agora, sequências longas e maçantes, sem cortes, com planos e enquadramentos que pouco variavam, rodado com a câmara Auricon, a qual proporcionava o registro simultâneo da imagem e do som, resultando em diálogos sem nexos, frases anódinas retratando a vida cotidiana, com um trabalho de câmara precário, com um toque de amorismo.

Mas, a aparente inépcia destes filmes era um estilo, e que era calcado numa falta proposital de profissionalismo, numa subversão absoluta de cânones narrativos, resultando num produto espontâneo e vivo. No entanto, sem o cinema de Hollywood, não é possível conceber os filmes de Warhol que, aproveitando os mitos daquele, se singularizam pela sua oposição consciente à fatura especial hollywoodiana, e ao contrário deste cinema, cujo profissionalismo visava produzir uma realidade ainda mais real que a própria, o cinema underground americano queria documentar a realidade tangível com as suas contradições e imperfeições, e à medida que Warhol aprendia a dominar o ofício, os seus laços com o cinema de Hollywood estreitavam-se de forma paradoxal. Nos filmes, Andy Warhol retomava os princípios estéticos das suas serigrafias, com a repetição de imagens idênticas, cujo princípio norteador era a “imagem em movimento”.

Mais tarde, no dia 3 de Junho de 1968, Valerie Solanis, único membro da S.C.U.M. (Society for Cutting Up Men) perpetrava o funesto atentado à pistola contra o artista. Depois de se ter submetido a uma grave operação, teve que passar dois meses no hospital; as duas balas que o tinham atingido atravessaram os pulmões, o ventre, o fígado, a vesícula e ferido na coxa. “Sinto-me constantemente atormentado com a ideia de que, quando os loucos fazem qualquer coisa, eles irão fazê-la novamente alguns anos mais tarde, sem se lembrarem de já terem cometido esse ato, e julgarão, então, estar a fazer algo inteiramente novo. Em 1968, fui atingido a tiro; é um fato de 1968. Mas aflige-se a ideia: “Será que nos anos 70, alguém desejará repetir estes tiros? Eis uma outra maneira de ser fã” (Warhol).

Uma visão verdadeiramente confrangedora das estruturas do vedetismo, que revela os riscos a que está exposta uma estrela num mundo que tem necessidade dela para assumir a sua existência. As palavras de Marlene Dietrich ecoam ainda: “Fiquei para morrer com tantas fotografias.” Mais frequente do que a morte física, como no caso de John Lennon, a morte psíquica é uma consequência do vedetismo: não é a vedeta aquela aparição não material, feita de sombras e de luz, sem direito a uma existência própria, uma estrela no firmamento dos anseios humanos?

Enquanto Paul Morrissey se ocupava da produção cinematográfica da Factory, Warhol colaborava ativamente com o grupo de rock Velvet Underground, com o qual, em Abril de 1966, montou, na discoteca de Nova Iorque “DOM”, um espetáculo multimídia de música, dança, iluminação, projeção de dispositivos e filmes, em que participou a alemã Nico, cantora, atriz e boneca moderna. No mesmo ano, organizou na Leo

Castelli a sua última exposição de obras “tradicionais”. Forrou as paredes a papel pintado, cujo único motivo, ilimitadamente repetido, era uma cabeça e, como esculturas flutuantes, apresentou almofadas de balão prateadas – as Silver Pillows. Em 1967, prestou homenagem a Marilyn Monroe com uma série de serigrafias que reuniu em grupos de dez e, em Paris, na casa de Ileana Sonnabend, expôs a série completa dos *THIRTEEN MOST WANTED MEN*. Neste mesmo ano, foi viver para Union Square West, onde instalou também a Factory. Finalmente, na *EXPO`67* de Montreal, apresentou seis auto-retratos: mesmo no plano óptico, a pessoa do artista triunfava sobre a sua obra.

No ano seguinte, publicou um diário com Gerard Malanga, *THE ANDY WARHOL-GERARD MALANGA MONSTER ISSUE*, assim como o romance “A”, a reprodução exata de uma gravação de 24 horas dos barulhos e conversas na “Factory”. Em 1970, um cenário intitulado *CLOUDS* e destinado ao ballet *RAINFOREST* do coreógrafo Merce Cunningham veio completar o seu inacreditável espectro artístico. John Wilcock convenceu-o a editar uma nova revista e a *Inter/View* tornou-se o porta-voz mais popular do universo Warhol.

Mesmo após uma entrevista no fim dos anos 60 em que Warhol dizia que tinha abandonado o desenho, na realidade, ele interrompeu a sua atividade como pintor apenas durante algum tempo. Com retratos do comunista chinês Mao Tsé-Tung, iniciou no começo dos anos 70 um novo capítulo da sua criação pictórica, quer sob o ponto de vista de conteúdo, quer da forma. Warhol intensificou o aspecto manual do seu trabalho, acentuou o traço de pincel em detrimento da parte impressa, introduzindo parcialmente pintura a óleo nas suas serigrafias, e fez desaparecer a impressão de produção mecânica.

Mao tornou-se um símbolo, assim como Mick Jagger, o cantor do grupo de rock Rolling Stones, que entrou também na galeria de cabeças célebres de Warhol, ou Willy Brandt, e também Leo Castelli e Joseph Beuys e também os heróis “falecidos” Franz Kafka, Sigmund Freud, Golda Meir e George Gershwin que, com outros, foram reunidos, em 1980, na série *TEN PORTRAITS OF JEWS OF THE TWENTIETH CENTURY*. O mesmo acontecendo com Goethe, Alexandre, o Grande e Lenin, e com vista a eventuais retratos serigráficos, o artista fotografava com a Polaroid a maior parte das personalidades que encontrava.

Naturalmente, há muito tempo que também Warhol se tinha transformado numa superestrela dos media. Tendo em consideração este aspecto, executou nada mais nada menos que seis séries diferentes de autorretratos e, em 1981 alistou-se mesmo entre os mitos americanos como Mickey Mouse, Uncle Sam e Superman. Em contrapartida, Warhol, num trabalho em série, transformou o Martelo e a Foice, emblema do comunismo, numa marca de fábrica – muito antes de ser impresso em T-shirts.

E durante os trabalhos de restauração do quadro de Leonardo da Vinci *A ÚLTIMA CEIA*, Warhol propôs ao público reproduções de substituição, serigrafias em tela de formato grande e em versões diferentes. Com a série Carros, celebrou a prestigiosa marca alemã Daimler-Benz. A catedral de Colônia, os palácios do construtor real Luís II da Baviera, os espetáculos organizados pelo arquiteto favorito de Hitler, Albert Speer, por ocasião do congresso do Partido Nacional-Socialista em Nuremberg, faziam com que os motivos dos seus últimos quadros estivessem constantemente a mudar, não se manifestando aqui critérios claros de seleção.

A Factory, que ainda mudou de instalações várias vezes, produzia incessantemente; a revista Inter/View, cujas quotas Warhol tinha vendido, divulgava o seu universo semana após semana. A multiplicação pela repetição era uma parte de sua filosofia. E no começo dos anos 70, passava 24 horas por dia, como um possesso, a registrar tudo no gravador; e na maior parte das vezes, eram só ruídos. Guardava tudo o que lhe vinha parar às mãos. Queria esticar o tempo até ao infinito. A morte surpreendeu-o, quando era já um mito.

FINAL E PRESENTE

Andy Warhol era um artista do seu tempo; porém não era um revolucionário, mas conseguiu realizar importantes mudanças no mundo da Arte, e se tornou o único artista autenticamente pop, acompanhando os ventos de uma nova Arte Contemporânea, com iniciativas nem sempre dele, pois muitas vezes era levado de roldão por impulsos vários. Warhol era uma espécie de antena que captava como ninguém as aspirações da sociedade em que vivia, explorando a consciência coletiva e gravando nela suas criações, com uma arte familiar e não como algo desconhecido. Exceto a sua celebridade, Warhol de fato não inventou nada, recriando e traduzindo o espírito de sua época.

Warhol não era um visionário ou um gênio ou uma pessoa sofrida com a vida, mas sim um tipo de artista profissional, com tino de manager, se utilizando da mídia, e que não recuava diante de nenhuma adversidade, com aspectos pop e midiáticos que não deixava para trás o caráter de subversão de sua arte, e graças a sua contribuição no mundo da Arte, Warhol renovou o cenário, evitando os impasses e dilemas das vanguardas, e que terminou com o tempo da Arte burguesa, fazendo implodir este conceito dominante da Arte.

(BASEADO NO LIVRO ANDY WARHOL DE KLAUS HONNEF, EDITORA TASCHEN)

PESQUISA MUDA VERSÃO DA MORTE DE ANDY WARHOL, HÁ 30 ANOS

Médico refuta alegações de que artista teria morrido após uma cirurgia de rotina





Andy Warhol, clicado por Steve Woods em 1981 – Steve Woods

22 DE FEVEREIRO / 2017 – RIO — Quando o artista plástico e cineasta Andy Warhol morreu, há exatos 30 anos, a equipe médica responsável por seu tratamento — e, consequentemente, a imprensa — alegou que o americano não teria resistido a uma cirurgia de rotina na vesícula biliar. Agora, três décadas depois, o doutor John Ryan, um historiador médico e cirurgião aposentado, tenta provar que não foi exatamente isso que aconteceu.

Chefe emérito de cirurgia no Virginia Mason Hospital, em Seattle, Ryan passou os últimos quatro anos de sua aposentadoria cavando o histórico médico de Warhol, que morreu aos 58 anos. E garante, em entrevista recente ao "New York Times": "Foi uma cirurgia muito crucial — não de rotina — em uma pessoa realmente doente".

Para Ryan, a morte de Warhol não foi tão surpreendente assim. Em sua pesquisa, ele descobriu que o cirurgião responsável pela operação final do artista estava trabalhando em alguém que sofria com problemas na vesícula havia quase 15 anos e tinha um histórico familiar negativo, nesse sentido — o pai de Warhol removeu a vesícula em 1928, ano em que a figura maior da pop art nasceu.

Por pelo menos um mês antes de sua morte, Warhol esteve doente, mas tentou ao máximo manter as aparências (ou seja, sua rotina cansativa). Avesso a hospitais, ele evitou qualquer tratamento mais sério e, quando finalmente resolveu procurar o cirurgião Bjorn Thorbjarnarson, implorou para ser atendido em casa. Ao "NYT", o médico, hoje com 95 anos, disse que Warhol prometeu fazer dele "um homem rico" se ele encontrasse uma alternativa à cirurgia de retirada do órgão.

Dr. Thorbjarnarson se recusou a atender aos apelos de Warhol. Três dias depois, quando o artista estava na mesa de operação no New York Hospital, o cirurgião encontrou uma vesícula cheia de gangrena — o órgão simplesmente se desfez enquanto era removido.

Em sua pesquisa, Ryan descobriu que Warhol estava desidratado e também faminto, por praticamente não ter comido no mês anterior. Para piorar, o artista ainda padecia de consequências da tentativa de assassinato que sofreu de Valerie Solanas, que o baleou em 1968. Ele chegou a ser declarado morto na sala de emergência e teve nove órgãos danificados.

Warhol passou o resto da vida tentando, sem sucesso, curar-se das sequelas do tiro. Ele tinha problemas para comer e engolir, assim como um defeito nos músculos

abdominais que lhe deu uma grande hérnia. Com tudo isso, ao remover a vesícula do artista em 1987, Thorbjarnarson precisaria reconstruir a parede abdominal do paciente.

À primeira vista, a cirurgia funcionou, e Warhol rapidamente foi levado para o quarto, onde fazia ligações pessoais. Ele ainda aparentava estar bem quando sua enfermeira particular foi checar seu estado, às 4h da manhã. Mas, duas horas depois, ela o encontrou azulado e sem responder. Os processos de ressuscitação não funcionaram. Segundo a autópsia oficial, "fibrilação ventricular" foi a causa da morte — ou seja, o coração de Warhol passou por intensa palpitação e parou.

17 DE FEVEREIRO



2017 – 4 DE MARÇO

ARTE



RETRATO DE MAO TSE-TUNG POR ANDY WARHOL VENDIDO POR 12 MILHÕES

Fonte: <http://www.jn.pt/mundo/interior/retrato-de-mao-tse-tung-por-andy-warhol-vendido-por-12-milhoes-de-euros-5766486.html>



Um retrato clássico do líder chinês Mao Tse-Tung da autoria do artista norte-americano Andy Warhol foi vendido em Hong Kong por cerca de 12 milhões de euros, abaixo de estimativas que apontavam para mais de 14 milhões.

2 DE ABRIL / 2017 – O leilão atraiu muita atenção e o preço estimado foi o mais alto que a leiloeira Sotheby's já avançou num leilão de pintura na Ásia.

A obra de 1973 teve que ser leiloadada na Região Administrativa Especial de Hong Kong devido à sensibilidade com qualquer uso da imagem de Mao no continente chinês e a identidade do comprador não foi revelada.

A Sotheby's indicou que se tratou da primeira venda relevante de arte contemporânea ocidental em Hong Kong, que faz parte da República Popular da China desde 1997 e tem um estatuto de semi-autonomia em relação a Pequim.

Quando uma exposição de Andy Warhol passou em 2013 por cidades chinesas, as imagens do fundador da China moderna ficaram armazenadas e não foram expostas.

O legado de Mao e da China comunista que liderou são usadas pelo partido para se legitimar no poder e a sua imagem domina num retrato gigante a praça Tiananmen, além de figurar nas notas.

Mas do seu legado também fazem parte campanhas de assassinatos políticos e medidas económicas que provocaram fome em massa, pelo que a sua imagem é gerida de forma controlada pelo partido.

2017 – 7 DE ABRIL



2017 – 23 DE ABRIL



Jeff Sena, Joãozinho, eu, Tiago e Irmão Victor

2017 – 11 DE JULHO



2017 – 22 DE
JULHO

*Para lembramos
daquele sábado
que jantamos no
Beirute*

O Livro Negro do Rock

NESTE SÁBADO, 22 DE JULHO, DAS 13 ÀS 19HS.
CELSO BARBIERI ESTARÁ NO CONIC DIVULGANDO
SEU LIVRO!



Local: ALTERNATIVE DISCOS
SDS Ed. Miguel Badya - Loja 02 - CONIC
Brasília - (61) 8249-4909

2017 – 25 DE JULHO



ALICE COOPER ENCONTRA OBRA DE ANDY WARHOL EM DEPÓSITO PESSOAL

O roqueiro americano ganhou a serigrafia de presente de uma amiga nos anos 1970. Shep Gordon, representante do artista, considera 'incompreensível' o esquecimento por tanto tempo.

por france presse / <http://g1.globo.com/>

26 DE JULHO / 2017 – O famoso roqueiro Alice Cooper encontrou, nesta terça-feira, uma obra de Andy Warhol de sua fase *DEATH AND DISASTER* que estava enrolada e guardada em um depósito há décadas.

A serigrafia vermelha, que pode valer milhões de dólares, é uma adaptação de uma cadeira elétrica.

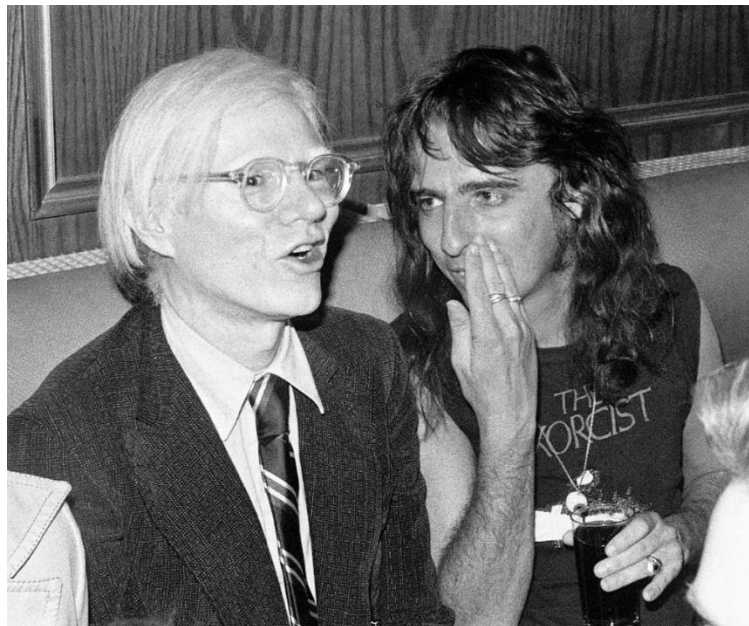
O roqueiro americano, que ficou amigo de Warhol quando morou em Nova York, recebeu a obra *LITTLE ELECTRIC CHAIR* como um presente de aniversário de sua amiga Cindy Lang – que trabalhou com a banda The Velvet Underground -, mas não a havia visto desde 1972 ou 1973, explicou à AFP o seu representante, Shep Gordon.

"Só o rock pode te fazer esquecer que tem um Warhol!", afirmou Gordon com uma gargalhada.

Embora Cooper bebesse muito nos anos 1970, Gordon considera que é incompreensível que tenha esquecido dela todo esse tempo.

"Eram outros tempos. Andy não estava morto, suas fotos não eram valiosas, Alice era a atração principal no Madison Square Garden e os ingressos custam US\$ 3,50", lembrou.

Gordou explicou que Cooper se lembrou da obra há alguns anos em um jantar com um amigo comerciante de arte, que comentou o alto preço conseguido em um Warhol, famoso artista pop dos anos 1960.



Por conta disto, procurou e encontrou *LITTLE ELECTRIC CHAIR*, ainda enrolado, em um depósito junto com antigos equipamentos. Ainda de acordo com sua representante, o roqueiro não decidiu o que irá fazer com a obra.

Warhol fez uma série de peças *LITTLE ELECTRIC CHAIR*, uma das quais foi vendida em 2014 pela casa de leilões britânica Christie's por mais de US\$ 10 milhões (cerca de R\$ 31,5 milhões).

As outras estão em coleções de arte da Tate Modern de Londres e no San Francisco Museum of Modern Art, na Califórnia.



2017 – 5 DE AGOSTO



2017 – 18 DE AGOSTO



2017 – 19 DE AGOSTO



“Reggae ‘n’ Blues” (NARDELLI GIFONI GOMES)

2017 – 25 DE AGOSTO – LITTLE ROCK



2017 – 6 DE SETEMBRO



**2017 – 22 DE OUTUBRO –
DISSONANTE**

Entro às 7 da manhã faço 6 horas diárias, volto às 13h30 todos os dias da semana, almoço e depois tiro um cochilo. Lá pelas 16 horas alimento o site e organizo os jornais, o acervo, as estantes e os expositores leio um gibi ou vejo Lúçifer na Netflix quando estou bem-humorado como é o caso de hoje ouço LPs *Drama* do Yes lado dois duas vezes e o ao vivo do Gentle Giant e faço scans dessas matérias que acho útil e posto aqui. Vou até as 21/22 horas. Um dia na hora do almoço da porta do meu quarto ouvi: "mas ele também dorme a tarde toda". No fim daquele dia pedi que não mais a traga pra almoçar, pois veio aqui um dia e já fala da minha vida





2017 – 4 DE NOVEMBRO

A foto explica o quadro de Marlus Alvarenga — com Mariana Camelo

OBJETOS INÉDITOS DE ANDY WARHOL SÃO ENTREGUES AO MUSEU DO ARTISTA

TIME KEEPERS - DE SÃO PAULO/SERAFINA

9 DE NOVEMBRO / 2017 – No aniversário de 30 anos da morte do pai da pop art, a marca de relógios Piaget homenageia Andy Warhol emprestando seu acervo de objetos do artista.

São mais de 600 caixas com fotografias, cartas e objetos de todos os estilos, que compõem a mostra em cartaz no Museu Andy Warhol, na Pensilvânia (EUA) – sua terra natal. Um bolo de aniversário de plástico assinado por Yoko Ono, um convite para a festa Thriller, de Michael Jackson, e estêncils originais de alguns de seus trabalhos são destaque.

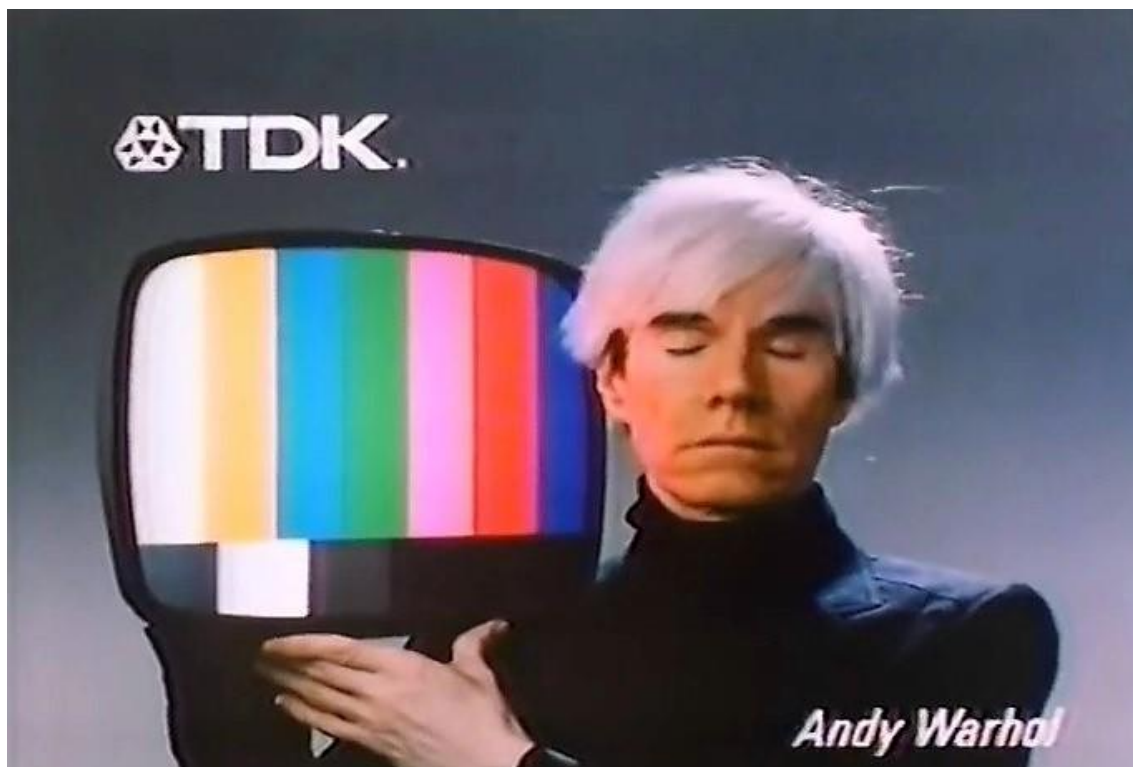
As peças cedidas para a exposição Time Keepers são fruto da amizade entre Warhol e o suíço Yves G. Piaget, conselheiro da marca e bisneto do fundador. Eles se conheceram em 1979 e, pouco depois, Piaget foi convidado a aparecer na Interview, revista criada pelo artista pop na década anterior.

Os dois trocavam fotografias e cartas contando curiosidades de suas vidas, expostas em seus envelopes originais. Amante do luxo, Warhol tinha uma coleção de relógios da marca, entre eles um Piaget secreto, escondido num lingote de ouro.

A exposição fica em cartaz por tempo indeterminado e ainda não tem planos de vir ao Brasil.

ANDY WARHOL: GAROTO-PROPAGANDA DA TDK EM 1983

POR RICARDO SCHOTT – popfantasma.com.br



Um artista comercial durante toda a vida

18 DE OUTUBRO / 2017 – Andy Warhol, de acordo com o livro *Popismo – Os anos 1960* segundo Andy Warhol, coletânea de diários do artista multimídia creditada a ele e a Pat Hackett, era bastante criticado e discriminado por artistas plásticos dos anos 1960. O criador da Factory não tinha dilema algum quanto a aceitar trabalhos comerciais e a fazer coisas exclusivamente para levantar uma grana. Isso o deixava extremamente mal visto nas altas rodas da época. Sem problemas para um cara que certa vez afirmou que havia começado como artista comercial e queria terminar como artista comercial. “Ser um bom negócio é o tipo de arte mais fascinante. Durante a era hippie, as pessoas derrubaram o conceito de negócios. Eles diziam que ‘o dinheiro é ruim’ e ‘o trabalho é ruim’. Mas ganhar dinheiro é arte e trabalhar é arte – e o bom negócio é a melhor arte”, afirmou.

E olha só que legal: em 1983 cinco anos antes de morrer, Andy – que sempre foi fascinado por televisão e, na época, estava trabalhando em projetos para a telinha – topou fazer comerciais para a TDK, exibidos no Japão e falados em japonês. Na época, a empresa divulgava sua linha de fitas VHS virgens e Warhol, que vinha investindo bastante em televisão, parecia o garoto-propaganda certo – dois anos depois disso, ele começaria até um programa na MTV, *Andy Warhol’s 15 minutes*, que durou até sua morte em fevereiro de 1987.

Por sinal, alguém fez (e está vendendo) uma camiseta com a icônica imagem de Warhol no comercial da TDK. Aceitamos de presente.

VIA BOING BOING

MULHER É PRESA APÓS DESTRUIR PINTURAS DE ANDY WARHOL DURANTE ENCONTRO

Polícia estima que danos excedem 1,5 milhão de dólares

NOTÍCIAS / CORREIO DO POVO – PORTO ALEGRE

Lindy Lou Layman é uma jornalista freelancer | Foto: Polícia de Dallas / Divulgação / CP

29 DE DEZEMBRO / 2017 – Um primeiro encontro às vezes pode ter surpresas, mas um advogado texano provavelmente não esperava que o seu com uma jornalista independente terminasse com a destruição de parte de sua coleção de arte, incluindo duas obras de Andy Warhol. Anthony Buzbee jantava em sua casa com Lindy Lou Layman até que a mulher de 29 anos teria ficado embriagado e ele teria resolvido colocá-la em um Uber para que ela fosse embora. Ela teria ficado revoltada e resolvido correr de volta para a residência, jogando vinho em três pinturas antes de rasgá-las e jogá-las em duas esculturas abstratas que se quebraram. De acordo com as autoridades de Dallas, os danos excedem 1,5 milhão de dólares.



FOI ACUSADA DE DANO CRIMINAL

2019 – In December 2017, a woman named Lindy Lou Layman was accused of ripping Buzbee's paintings off the wall and pouring liquid on them, among other things, according to court records.

The incident caused at least \$300,000 worth of damage to three original paintings and two abstract sculptures, records show.

Layman, of Dallas, was charged with criminal mischief.

MILLIONAIRE TEXAS LAWYER FIRES AT BURGLAR WHO STOLE ART, JEWELRY FROM HIS MANSION

NEWS TEXAS – BY TOM STEELE – dallasnews.com

Tony Buzbee, 50, posted on Facebook that he was awoken at 6 a.m. by someone who had broken into his house. His son and daughter were home at the time, he said.

FEB 4, 2019 – A prominent Houston lawyer and mayoral candidate says he fired his weapon as he chased a burglar out of his house Monday morning.

Tony Buzbee, 50, posted on Facebook that he was awoken at 6 a.m. by someone who had broken into his house. His son and daughter were home at the time, he said.

"Luckily, I was armed, and ran the subject out of my home," he wrote, noting that his gun misfired when he tried to shoot the burglar.

The thief made off with valuables worth millions of dollars, including art and jewelry, according to police. No one has been arrested in the case.

Buzbee wrote that he was relieved that his children were unharmed in the incident.

"I don't give a [expletive] about artwork or watches that are stolen," he wrote in a second Facebook post. "What I care about are my two kids who were in my home with me when I had to draw my weapon against a guy in my house at 6am."

Buzbee, who announced his mayoral bid in October, later took to Twitter and noted that a vehicle belonging to the wife of Houston police Chief Art Acevedo had recently been broken into.

"Murders, robberies, burglaries, etc. continue to rise," he wrote. "Crime knows no boundaries or zip codes. We have to address this crime wave, NOW."

The burglary was the second recent art-related crime at Buzbee's home, a mansion in Houston's ritzy River Oaks neighborhood. **IN DECEMBER 2017**, a Dallas woman was accused of tearing paintings off a wall and throwing sculptures in a drunken rage.

She also poured red wine on the paintings, including work by Andy Warhol, and caused \$300,000 of damage, police said.

A lawyer for Lindy Lou Layman denied the criminal-mischief charge. Layman has since entered a pretrial intervention program, court records show, which allows her to avoid prosecution if she adheres to terms set by a prosecutor.

Buzbee, a former Marine, has a long history of making headlines in Texas.

He led Rick Perry's legal team starting in 2014 when the then-governor was accused of abuse of power. (Those charges were eventually dismissed.)

He hosted Donald Trump at his home in 2016 and donated \$250,000 to his presidential campaign. Buzbee later disavowed Trump after the release of the Access Hollywood tape in which the millionaire developer bragged about groping women.

In late 2016, a Harris County lawyers group questioned whether Buzbee received special treatment in his own pretrial intervention program after a DWI case against him was dismissed earlier than is usual for similar first-time offenses.

And the River Oaks homeowners association got into a public spat with Buzbee in 2017 after he purchased a working World War II tank and parked it in front of his home. He later tweeted footage of the tank — which is visible in a Google street-view image of the house — crushing cars at his East Texas ranch and has since donated the vehicle to Texas A&M University, where he is on the board of regents.

2017 – 30 DE DEZEMBRO



2018 – 26 DE JANEIRO



2018 – FEVEREIRO – CHUPA MANGA ZINE N 9

Finalmente consegui um toca-discos, que era algo que eu queria por muito tempo. Então eu tenho escutado quase que incessantemente os únicos 4 discos que eu tenho em mãos. A saber: "Geraes", do Milton Nascimento; uma coletânea de sambas da velha guarda; uma coletânea do Georges Brassens e uma do Louis Armstrong.

PERGUNTA BÔNUS: HÁ RELATOS DE UMA APARIÇÃO SUA NO DISTRITO FEDERAL ANO PASSADO, COM DIREITO A JAM SESSION E TUDO. O QUE TU FOI FAZER POR LÁ (SE NÃO FOR MUITA INTROMISSÃO PERGUNTAR), E O QUE ACHOU?

Fui pra Brasília tocar guitarra e teclado pra um cara aqui de Florianópolis que tem um projeto chamado Frabin. Foi muito estranho porque acabei conhecendo algumas figuras que curtiam meu som. Foi assim: achei uma resenha sobre o "Passos Simples para Transformar Gelatina em um Monstro" num blog chamado *Do Próprio Bolso*. Fui atrás de quem escreveu no Facebook e para minha surpresa ele era lá do Distrito Federal mesmo, de forma que falei que estava na capital e ele me chamou pra dar um rolê. "Ele", no caso, é o Tiago Rabelo, que é um baterista monstruoso. Acabei parando no Guarã, na casa de um figura chamado

Mário Pazcheco, um puta colecionador, louco por música, escreveu uma biografia do Arnaldo Baptista no final dos anos 80 que hoje é bem rara. Um maluco de pedra. Os dois são enciclopédias musicais ambulantes. Me levaram pra conhecer a cidade: fomos ver um cover dos Beatles na Ceilândia. Aquilo tudo foi muito inesperado pra mim.

”

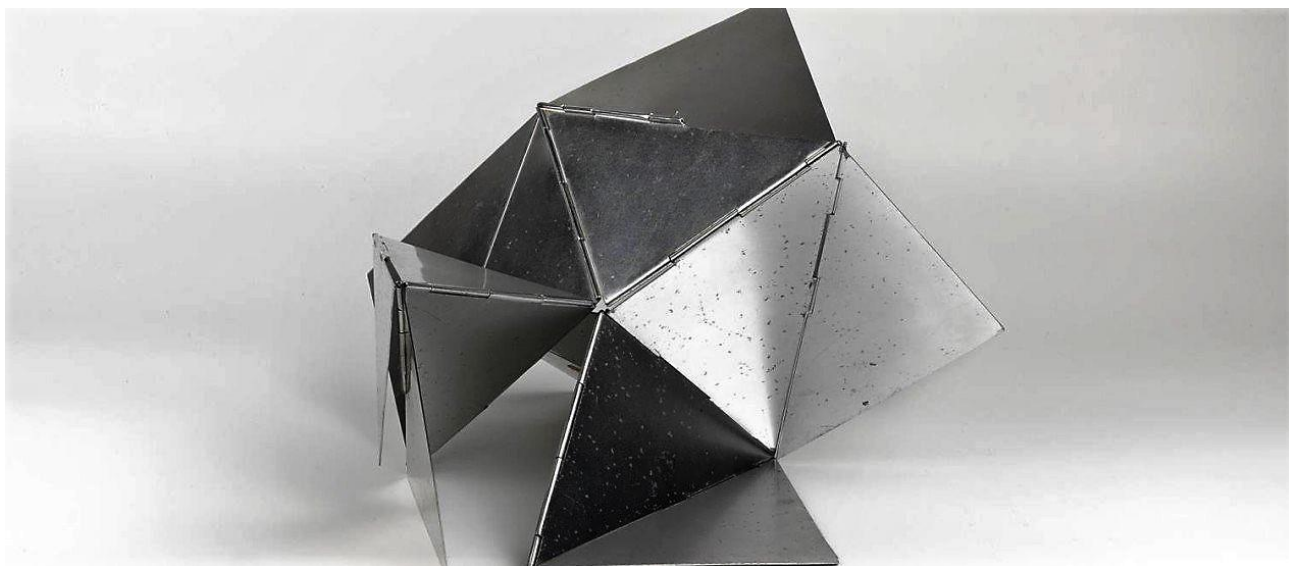
CHUPA.025
Imão Víctor
Cronópio?

OUÇA
chupamanga.bandcamp.com/album/cron-pio

2018 – 10 DE MARÇO



2018 – 14 DE ABRIL



Bichos' (1960), de Lygia Clark, pertencente à Coleção Chateaubriand: permuta suspensa Foto: Valentino Faldini/Divulgação

MAM DESISTE DE VENDER 'BICHO' DE LYGIA CLARK

POR NELSON GOBBI

16 DE ABRIL / 2018 – RIO — Após pressão de artistas, galeristas e curadores que assinaram um manifesto contra a venda da tela N° 16", de Jackson Pollock (1912-1956), o Museu de Arte Moderna se viu em meio a outra polêmica neste fim de

semana, quando foi noticiada uma permuta entre dois *BICHOS*, de Lygia Clark (1920-1988), entre as coleções do MAM e de Gilberto Chateaubriand para reverter fundos para a instituição.

Conforme noticiou o "Jornal do Brasil", a Coleção Chateaubriand (que está em comodato no museu desde a década de 1990) estaria estudando a doação de um Bicho (1960), em alumínio, para o acervo do museu. Outra obra de Lygia Clark, *BICHO RELÓGIO DE SOL* (1960-1963), de propriedade do MAM, seria repassada à coleção Chateaubriand para, posteriormente, ser colocada à venda. O valor seria revertido à instituição.

Mesmo com a possibilidade da doação, a proposta de negociação foi alvo de críticas no meio artístico. Um dos questionamentos abordava a teórica raridade do *BICHO RELÓGIO DE SOL* do MAM, que seria dourado e não prateado, como as obras mais conhecidas da artista. A informação é negada pelo departamento de museologia do MAM, que, por nota, confirma que a obra pertencente ao museu também é prateada e não dourada.

Neste contexto, Carlos Alberto Chateaubriand, presidente da instituição, decidiu não dar sequência à operação. De acordo com informações do MAM, todos os esforços serão concentrados na venda do Pollock neste momento e que, caso surja algum interesse de comprador, o "Bicho" a ser negociado será o da Coleção Chateaubriand. Segundo o museu, a permuta vinha sendo estudada desde o ano passado, antes da decisão da venda da tela do pintor americano, mas para isso foi necessário a certificação de "Bicho relógio de sol" junto à família de Lygia Clark, o que só ocorreu recentemente.

A instituição não fala em valores, mas um representante do mercado de artes, que preferiu não se identificar por não ter avaliado as duas obras pessoalmente, diz que, em valores de mercado, o Bicho e o Bicho relógio de sol valeriam, respectivamente, R\$ 3 milhões e R\$ 2 milhões.

EL PAÍS CULTURA

ADEUS À 'INTERVIEW', A REVISTA COM QUE ANDY WARHOL SONHOU

(E TODOS NÓS)

Publicação acaba depois de cinquenta anos e em meio a uma complicada situação legal, mas deixa um legado



incomensurável de capas históricas e entrevistas estranhas e brilhantes

por **GUILLERMO ALONSO**

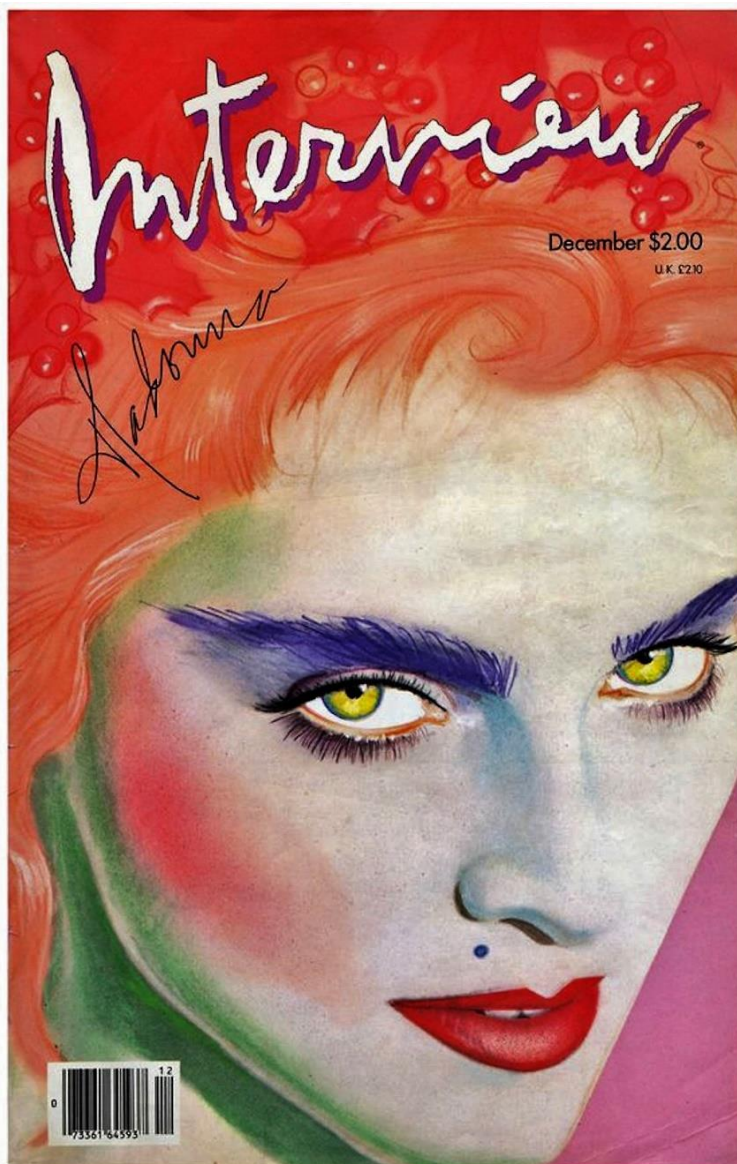
Leonardo DiCaprio fotografado por Bruce Weber para a capa de junho de 1994 BRUCE WEBER/INTERVIEW MAGAZINE

23 DE MAIO / 2018 – A revista Interview, fundada por Andy Warhol em 1969, deixará de ser publicada este ano, depois de quase cinquenta anos em circulação. Conhecida como “a bola de cristal do pop”, a publicação chega ao fim em meio a um complexo processo de acusações e dívidas (um de seus últimos diretores, Fabien Baron, reclama 600.000 dólares a Peter Brant, dono da revista desde 1989). Um final triste e confuso para uma revista que sempre teve como marca registrada exatamente o contrário: a alegria naif e multicolorida e uma abordagem, tanto gráfica e quanto editorial, surpreendentemente simples (que é, finalmente, o mais difícil de conseguir).

Existem duas coisas que chamam a atenção a respeito da Interview. A primeira, as capas de sua era dourada, nos anos setenta e oitenta, obra do falecido Richard Bernstein. Criador de uma espécie de proto-Photoshop, Bernstein trabalhava sobre fotografias originais das celebridades entrevistadas, destacava suas feições com lápis e pintava suas peles com cor pastel. Essas imagens – já glamorosas por si mesmas – se tornaram o cúmulo do kistch, numa espécie de aparição angelical que, uma vez na banca de jornal, não se parecia com nenhuma outra capa.

Madonna, capa de dezembro de 1985
INTERVIEW MAGAZINE

O outro elemento reconhecível da Interview eram suas entrevistas, sempre feitas por um famoso a outro, desenvolvidas (muito na linha definida pelo próprio Warhol e sua forma de entender o mundo) como uma conversa descontraída que se tentava plasmar em estado bruto na edição final. Assim, era comum que uma conversa telefônica começasse com o entrevistador perguntando



ao entrevistado onde ele estava e como estava o tempo e acabasse com uma despedida cordial. Às vezes, o famoso entrevistador era o próprio Warhol, claro. Devemos-lhe aquela que é provavelmente a entrevista canônica da revista: a de Diana Ross, em 1981, na qual, durante um almoço no restaurante do hotel Carlyle, em Nova York, a conversa derivou para o cardápio e a comida.

ROSS: Por que não pedimos? O que vai comer?

WARHOL: Eu não entendo os cardápios em francês.

ROSS: Você não passa tempo na Europa, Andy?

WARHOL: Eu costumava ir à Alemanha uma vez por mês.

ROSS: Eu pensava que você fosse a Paris uma vez por mês.

WARHOL: Paramos em Paris quando vamos para a Alemanha.

ROSS: Então, como é que você não fala francês? Você deveria entender o cardápio.

WARHOL: Tenho pessoas como Bob (Colacello) para

Diana Ross, capa da entrevista de outubro de 1981 INTERVIEW MAGAZINE

Depois acabaram pedindo um hambúrguer com batatas fritas para cada um. A tendência continuou ao longo do tempo. Preste atenção ao início da conversa entre Beyoncé (entrevistadora) e sua irmã Solange (entrevistada) para a edição de **JANEIRO DE 2017**.

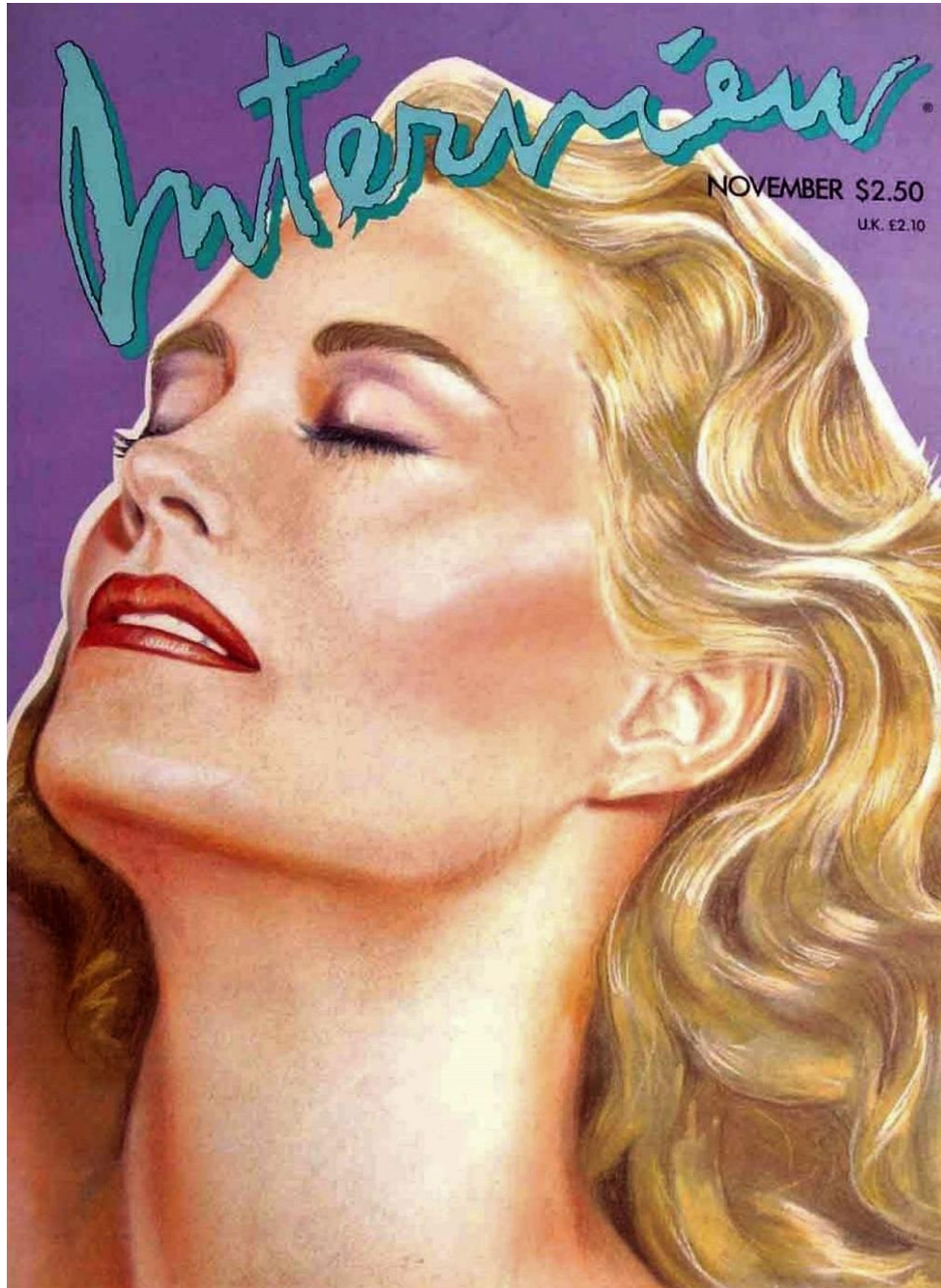
BEYONCÉ: Você está cansada? Eu sei que você teve uma reunião de pais na escola...



SOLANGE: Sim, tive de voar para a Filadélfia porque não havia voos para Nova York. E agora estou dirigindo da Filadélfia para Nova York. Bem, eu não estou dirigindo...

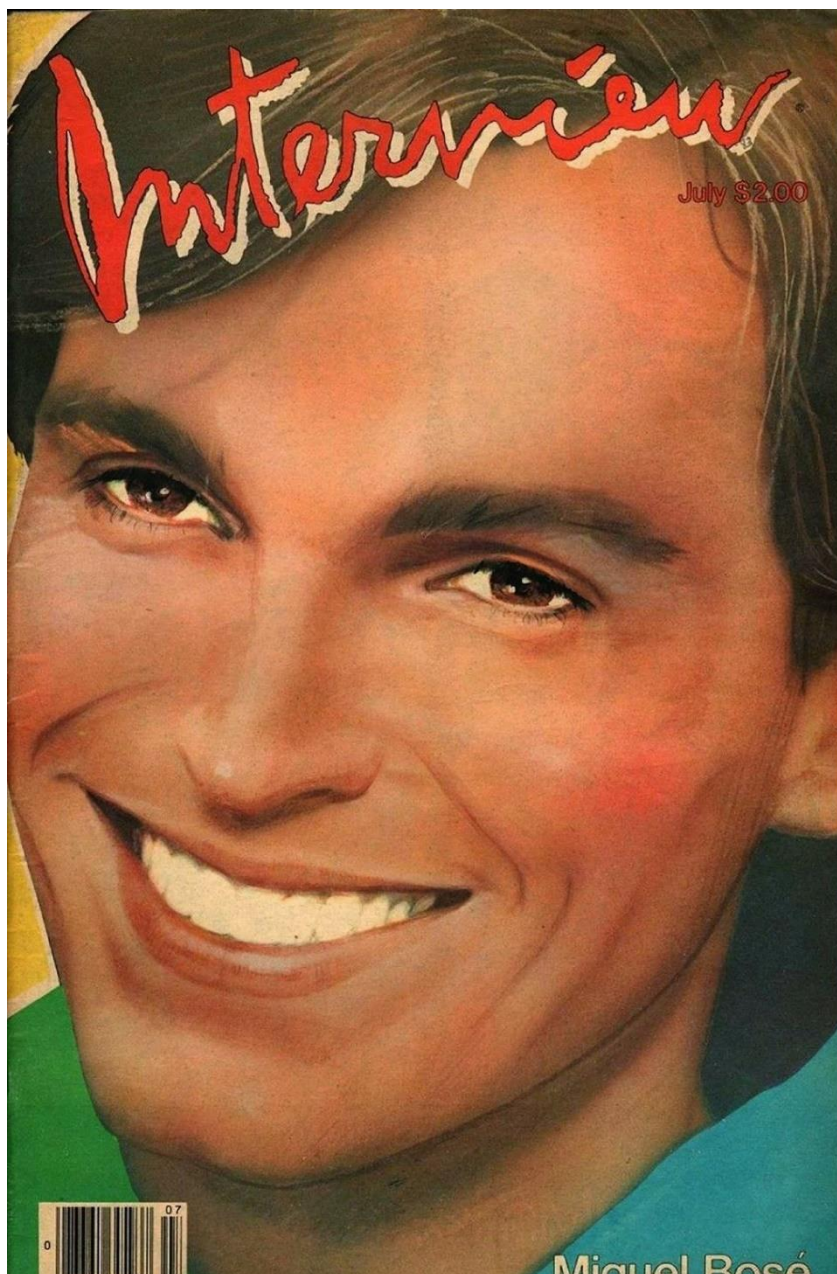
BEYONCÉ: Você tem de dirigir? Da Filadélfia?

SOLANGE: Sim, não é para tanto. É uma hora e quarenta minutos.



Cybill Shepherd, capa de novembro de 1986 INTERVIEW MAGAZINE

Na última fase da revista (que Fabien Baron implantou uma apresentação gráfica muito mais sombria), as perguntas continuavam sendo espontâneas, mas já com o filtro da contemporaneidade sobre elas. A escritora, apresentador e ativista transexual Janet Mock começou assim sua conversa por telefone com Kim Kardashian West há apenas dez meses: “Eu ia começar perguntando o que você faz, mas acabo de ver no Snapchat que você está com sua filha North e que acaba de dar outro nome ao seu cachorro”.



O cantor espanhol Miguel Bosé, capa da entrevista de julho de 1983 INTERVIEW MAGAZINE

A sensação que a Interview dava ao leitor era inaudita em qualquer outra publicação: era a da proximidade, a de sentir como um igual as estrelas de cinema, aristocratas e milionários que falavam sobre a vida cotidiana, e também a de sentir como um igual os próprios autores daquela revista, que faziam que seu trabalho (as entrevistas quase sem edição e publicadas em estado bruto, as fotos coloridas à mão, o projeto gráfico aparentemente simples e tosco) parecesse fácil. Que parecesse que nós mesmos podíamos fazer a mesma coisa. Isso, para quem quer trabalhar no jornalismo, não tem preço. E para isso, para nós que nos dedicamos a isso, a notícia do fim da revista é especialmente triste. Centenas de celebridades apareceram nas páginas da Interview, mas diante delas surgiram milhares de pessoas que sabiam que era exatamente isso o que queriam fazer. Porque parecia um trabalho digno e inspirador, mas, principalmente, parecia divertidíssimo.

ARTE



ANTONIO DIAS MORRE AOS 74 ANOS NO RIO DE JANEIRO

O artista plástico e pintor foi um dos grandes nomes da arte brasileira nos anos 1960

POR NATALIA MARUYAMA

2 DE AGOSTO / 2018 – A Galeria Nara Roesler lamenta a morte do grande artista e amigo Antonio Dias e convida para a cerimônia de despedida que acontecerá na quinta-feira, dia 2 de agosto, no Memorial do Carmo na Capela 7, das 14h às 16h.

O artista plástico paraibano Antonio Dias faleceu nesta quarta-feira (01/08), no Rio de Janeiro. O pintor já lutava contra um tumor cerebral há algum tempo, porém não resistiu às metástases.

A carreira artística de Antonio Dias começou em 1960, mas o que o lançou como pintor foi o fato de ter estudado no Atelier Livre de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes, em 1959. Suas obras continham forte caráter político que denunciava o arbítrio da ditadura militar instaurada no Brasil em 1964. Além disso, o artista desenvolveu junto dos modernistas, nos anos 1950, sua habilidade de desenhar.

Mas ele não se limitou à produzir apenas no Brasil. Ao mudar-se para Milão, em 1968, conheceu e se aproximou da arte povera e do conceitualismo europeu, incorporando esses conceitos às suas obras. Antes, seus trabalhos eram marcados por uma profusão visceral de imagens, mas após essa mudança, o preto e branco e as poucas palavras tomaram lugar. Em 1971, recebeu uma bolsa para estudar na Fundação Guggenheim, na França, onde acabou ficando e dando força à sua carreira internacional. Foi lá que realizou a série *THE ILLUSTRATION OF ART*, que terá algumas peças exibidas em uma exposição individual realizada na Galeria Nara Roesler, a partir do dia 25, com curadoria do crítico Paulo Sérgio Duarte. Na mostra também será exposta uma obra inédita, que estava no ateliê italiano de Dias.

POR G1 RIO

Artista paraibano fazia tratamento contra câncer e seus trabalhos tinham como suporte o papel artesanal.

1 DE AGOSTO / 2018 – O artista plástico Antonio Dias morreu na tarde desta quarta-feira (1º) no Rio, aos 74 anos. Ele nasceu em 1944 e fazia tratamento contra um câncer. Dias morava em Copacabana, na Zona Sul do Rio.

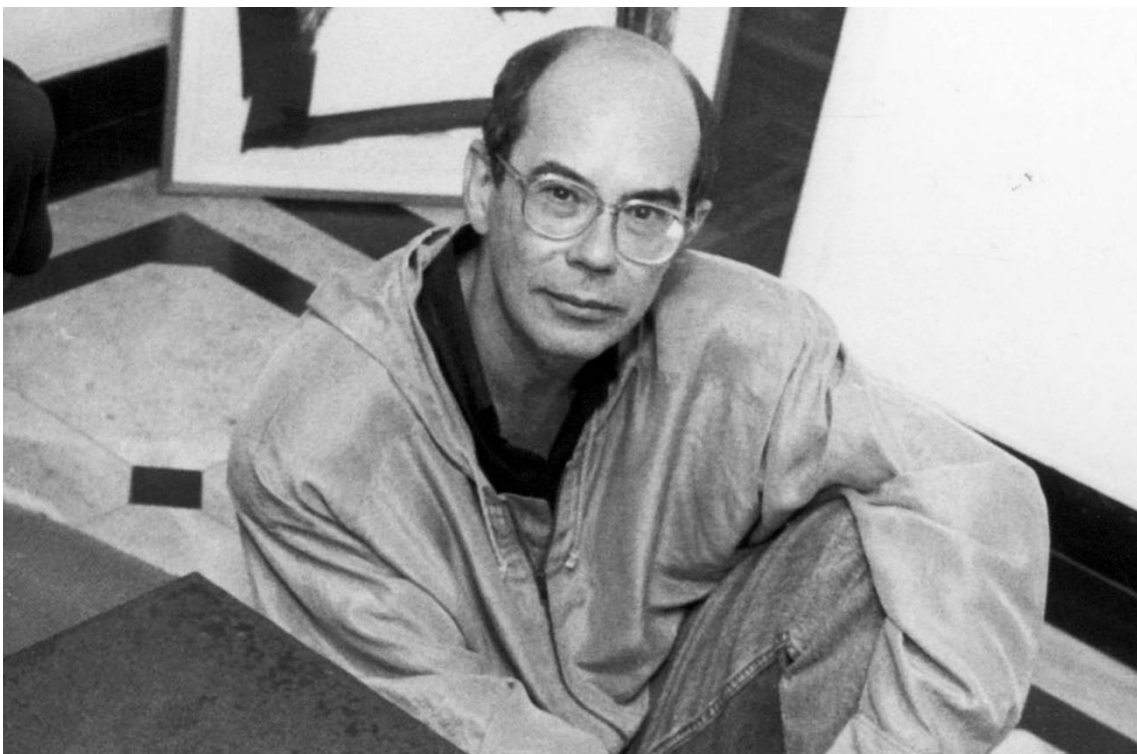
Antonio Manuel Lima Dias aprendeu com o avô as técnicas de desenho. No final da década de 1950, no Rio, trabalhou como desenhista de arquitetura e gráfico. Também estudou com Oswaldo Goeldi (1895-1961) no Atelier Livre de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes.

Na década de 1960, incorporou palavras ou frases as suas obras. Em 1965, recebeu bolsa do governo francês e residiu até 1968 em Paris. Depois, Antonio seguiu rumo a Milão.

Em 1972, ele recebeu bolsa da Simon Guggenheim Foundation para trabalhar em Nova York. Cinco anos depois, o artista viajou para a Índia e o Nepal, onde estudou técnicas de produção de papel.

Os trabalhos do artista tinham como suporte o papel artesanal. Em 1992, Antonio Dias se tornou professor da Sommerakademie für bildende Kunst, em Salzburgo, na Áustria. No ano seguinte, deu aula na Staatliche Akademie der bildenden Künste, em Karlsruhe, Alemanha.

O artista plástico Antonio Dias posa ao lado de obras em São Paulo, em foto de agosto de 1991 — Foto: Tatiana Constant/Estadão Conteúdo/Arquivo





CONVERSA COM ANTONIO DIAS – SERROTE 16

Na década de 1960, depois de receber o *PRÊMIO DE PINTURA DA BIENAL DE PARIS*, Antonio Dias desembarcou na capital francesa. Na bagagem, levava desenhos e recortes que seriam reunidos em um caderno comprado pelo caminho. Com um adesivo na capa escrito “Fragile”, o caderno foi o espaço que Antonio escolheu para experimentar e organizar suas anotações visuais. Múltiplo em suas formas, esse material – que incluía desenhos, pedaços de papel e colagens –, permaneceu inédito ao longo das cinco décadas seguintes, até ser publicado pela primeira vez no número 16 da revista serrote.

FRAGILE foi o assunto principal da conversa entre Antonio Dias e o crítico de arte Paulo Sergio Duarte na ocasião do lançamento da serrote 16, em **9 DE ABRIL DE 2014**, no IMS Rio. O bate-papo registrado no vídeo acima abordou a ditadura militar no Brasil e também o modo como críticos e artistas enxergavam a produção feita durante esse período.

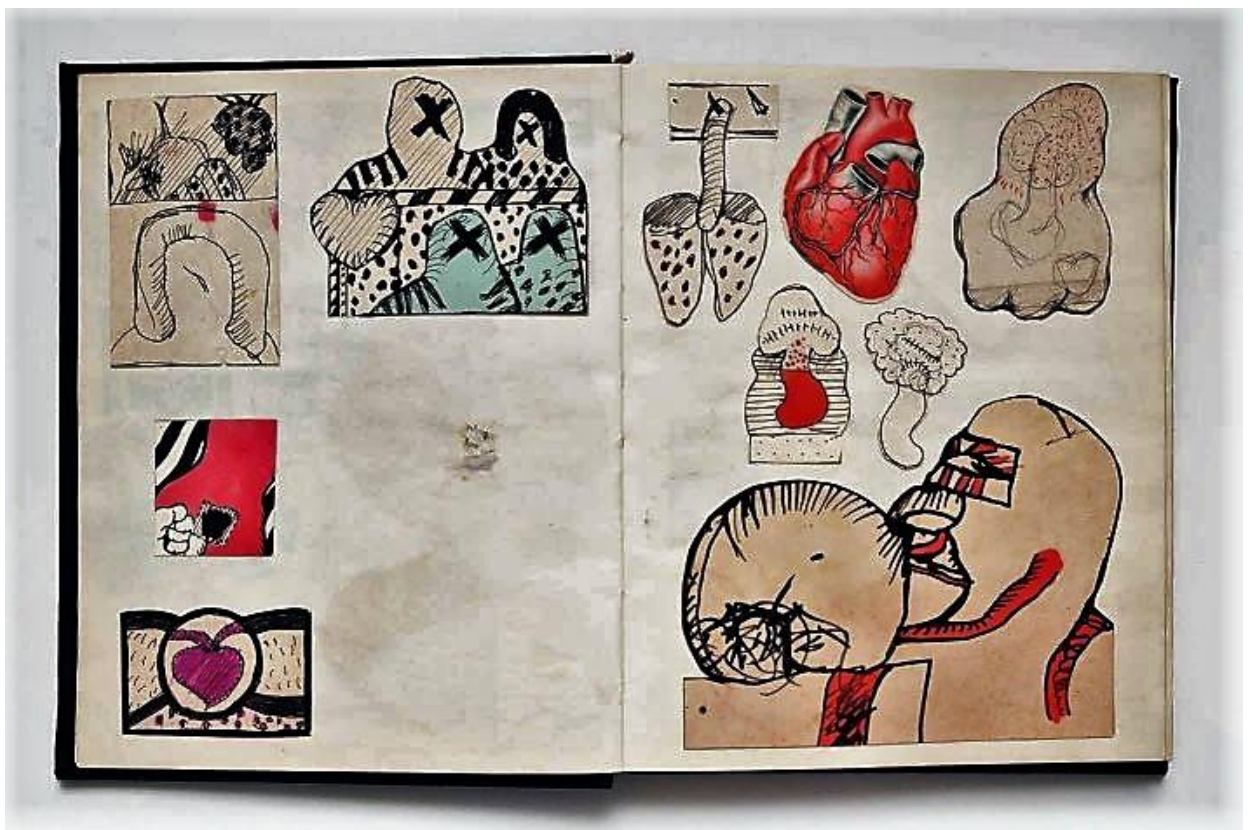
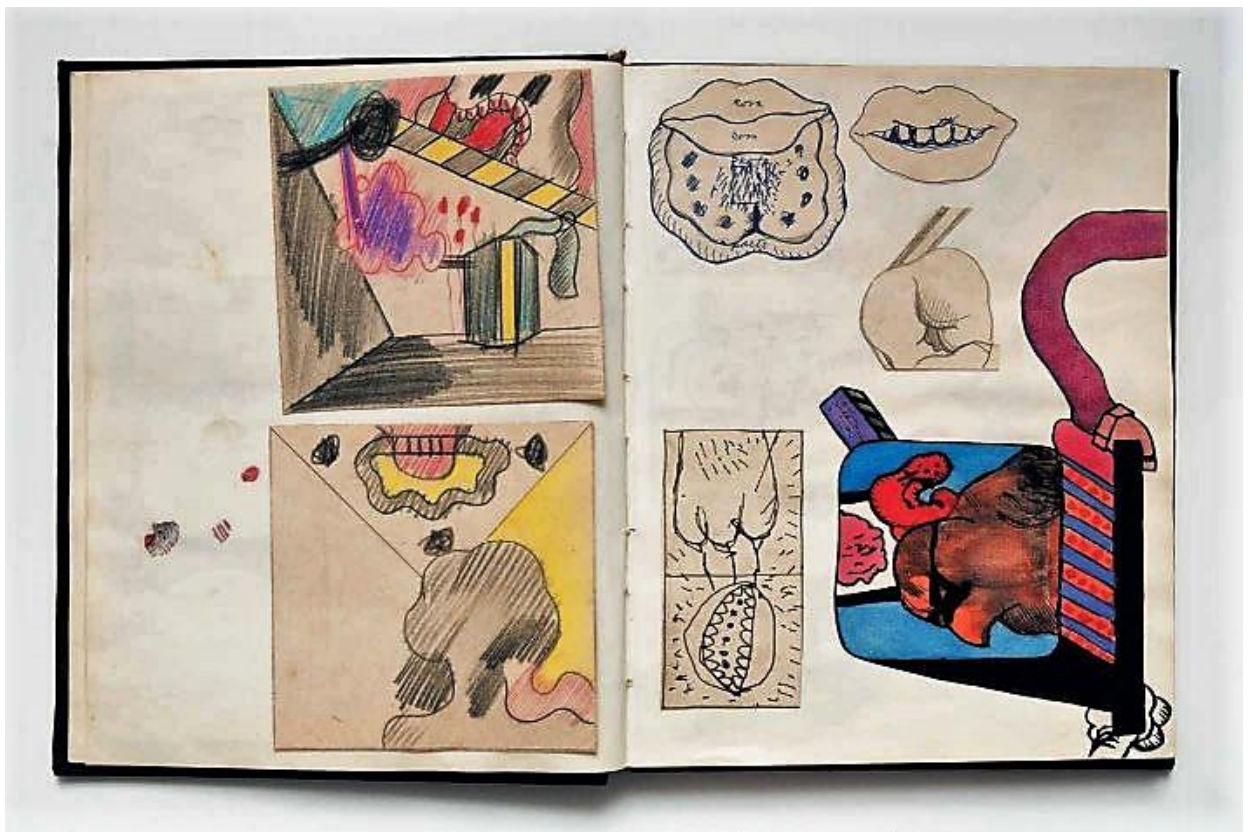
CONFIRA A APRESENTAÇÃO DE ANTONIO DIAS PARA O ENSAIO VISUAL E ALGUMAS DAS IMAGENS PUBLICADAS NA SERROTE 16

“No final de 1966, eu estava deixando o Brasil. A perspectiva que eu tinha era de receber algum dinheiro durante seis meses, em Paris, como resultado do *PRÊMIO DE PINTURA NA BIENAL DE PARIS 1965*. Nenhum projeto, além de desejar estar longe da ditadura.

Na bagagem, além de cinco ou seis desenhos mais elaborados, um envelope onde eu havia enfiado imagens recortadas de vários cadernos em que eu desenhava, ou pedaços de papel desenhados em qualquer lugar, em um bar, durante uma conversa.

Logo que cheguei a Paris, comprei um caderno e recolei tudo, e por algum tempo continuei anotando fragmentos de imagens. Aquele caderno resumia a minha vivência no Brasil, até o deslocamento. Em pouco mais de um ano, aquele tipo de anotação já não fazia mais sentido. O caderno morreu ali, e estas são algumas páginas.”

(ANTONIO DIAS)



ANDY WARHOL E SEU CÃO DINAMARQUÊS EMPALHADO (!)

É, o Cecil. Que hoje reside no museu dedicado ao artista

POR RICARDO SCHOTT – popfantasma.com.br



Andy Warhol e seu cão dinamarquês empalhado (!)

22 DE JUNHO / 2018 – De 1969 a 1987, um cão dinamarquês acompanhou Andy Warhol. O detalhe é que ele estava morto. Cecil (que ganhou esse nome porque contaram a Andy que o animal tinha pertencido ao cineasta Cecil B. de Mille enquanto estava vivo) era um cão EMPALHADO que enfeitava o estúdio de Warhol. E do qual ele se orgulhava a ponto de posar para fotos com ele.

O Museu Andy Warhol, em Nova York, chegou a abrigar, em 2008, uma exposição chamada *CANIS MAJOR: OS CÃES E GATOS DE WARHOL (E OUTROS ANIMAIS DE FESTA)*. Lá, apareceram fotos e gravuras que o artista fez de animais. Além do próprio Cecil em... bom, não dá para dizer que é em carne e osso. O animal foi adquirido por Warhol já empalhado por US\$ 300, e estava morto desde 1930.

O site MessyNessyChic fez uma lista de bizarrices e esquisitices de Warhol e publicou que o esteta pop não tinha só Cecil empalhado. Tinha também um pinguim, uma gaivota, um leão (!) e uma cabeça de alce, tudo cheio de palha dentro. Olha aí essa foto do Museu de Andy Warhol tirada direto do Trip Advisor, com o tal leão.



(This photo of Andy Warhol Museum is courtesy of TripAdvisor)

“Meu Deus, nunca soube dessa mania do Warhol por taxidermia!”, você pode estar pensando. Pois é, e essa paixão maluca dele levou o artista a dar de presente para Sean Lennon, no oitavo aniversário do filho de John Lennon e Yoko Ono, um GATO EMPALHADO. O animal morto assustou não apenas Sean e sua mãe, como os gatos da casa.

“Depois de um breve tempo em uma prateleira no meu quarto, decidiram que o gato de Andy deveria residir permanentemente na janela do escritório, no andar térreo. Ele ficou lá até que os vizinhos reclamaram e tivemos que retirá-lo”, contou Sean, cujo pai já estava morto na época. “A cada dia, a caminho da escola, eu andava pelo escritório e me perguntava por que Andy me deu aquele gato”.

COM INFORMAÇÕES DE COMPLEX, MESSYNESSYCHIC E PAGE SIX.

BEYOND EDIE SEDGWICK: 15 OF WARHOL'S FORGOTTEN SUPERSTARS

LANDON PEOPLES – refinery29.com

LAST UPDATED AUGUST 6, 2018, 2:30 PM



PHOTO: JACK MITCHELL/GETTY IMAGES.

For Andy Warhol, the prolific creator who coined the cultural observation we know today as one's '15 minutes of fame,' stardom was ephemeral.

And while his saying "In the future, everybody in the world will be famous for 15 minutes" may be true for some, nowadays, stars seem to be born just as frequently as they're made. But there was once a group of kids who ran in Warhol's circle who didn't need outside validation (see: social media, nepotism) because they had the ultimate arbiter of cool's seal of approval. Their fame may have been local, save for at least one muse, but popularity was an afterthought. Being cool wasn't just their brand (of which they were blissfully unaware of), but a state of mind: They were Warhol's superstars.

During the '60s and early '70s, Warhol's clique appeared in his work — throughout films and photographs — and accompanied his social life, suffusing any candid shots of the crew with downtown glamour, nudity, and killer style. Beyond the aforementioned Edie Sedgwick, there was Baby Jane Holzer, Ultra Violet, Richard Bernstein (who drew his magazine Interview's covers for 15 years), Ingrid Superstar, Candy Darling, Joe Dallesandro, and over a dozen more. It's these vagabond types that added to Warhol's status, serving as loyal muses whom he could use to experiment with his art; they also helped him cultivate the concept of celebrity that we know today. In many ways, they were the original cast of the reality show that is pop culture.

And that's why, during an era in which the concept of being famous has never seemed less appealing (at least to someone who's, for lack of better words, a nobody), we're revisiting the figures who epitomized the art of being relevant. Beyond the makeup, the hair, and the attitude, they were more than just cool kids — they were superstars.



INTERNATIONAL VELVET

Susan Bottomly, or International Velvet, met Warhol when she was 16. She'd then begin her modeling career with a Mademoiselle cover. Her father, a successful lawyer who prosecuted the Boston Strangler, paid her rent at the Chelsea Hotel and peaked the eye of Warhol as someone who could potentially finance some of his projects. It's said that, because of this (and her drug use and alliance with Bob Dylan's circle), Edie Sedgwick was replaced by Bottomly as one of Warhol's closest confidants.

JAYNE COUNTY

Jayne County is lauded as music's first transgender rock star. She's said to have inspired legends like Iggy Pop and The Ramones, but she's also legendary in her own right. County partook in the historic Stonewall Riots, starred in *LES GIRLS* by Warhol, and she's a galleried painter (her last exhibition, *PARANOIA PARADISE*, featured 80 of her paintings).

But the best part about County — which also rendered her practically invisible in terms of the early days of the punk movement — was that she was unapologetic about her gender; songs like "Fuck You" and "Are You Man Enough To Be A Woman" are especially relevant today.



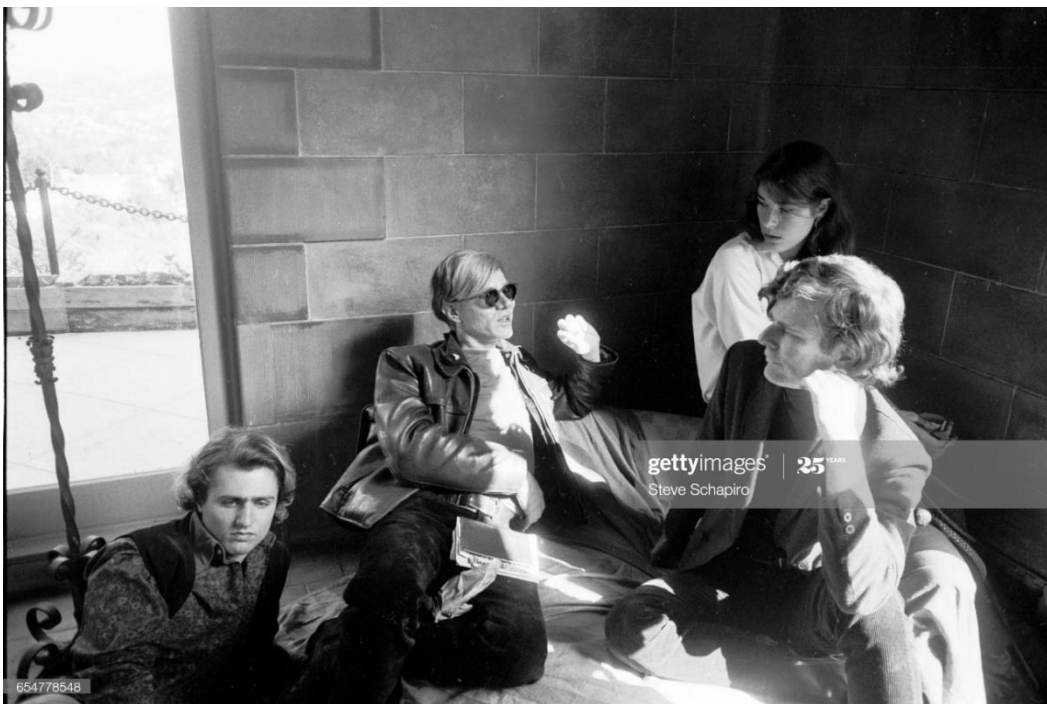
INGRID SUPERSTAR

Before she mysteriously disappeared, Ingrid Superstar lived quite a funny life. Warhol considered her poems to be "half poetry, half comedy," and her affinity for mod prints helped her stand out amidst Warhol's cohorts. But later, she struggled with a drug problem and eventually ending up settled in Kingston, New York, where she allegedly worked in a sweater factory. In December 1986, after leaving her apartment to buy cigarettes, she disappeared; local police announced there was a "clear possibility of foul play," but she was never found. She was 42 years old.





MARY WORONOV



You may remember Mary Woronov as Hanoi Hannah in *CHELSEA GIRLS*. But Woronov remembers herself as the young student who took a Cornell University field trip to The Factory and, essentially, never looked back. When Warhol asked her to sit on a stool and stare into a camera for Screen Tests, his collection of 15-minute clips in which randoms were asked to stare into the lens and say/do nothing, Woronov became one of Warhol's stars. She'd go on to star in dozens of films and become an accomplished author.

"Like a medieval inquisition, we proclaimed them tests of the soul and we rated everybody," she told *The Guardian* in 2001. "A lot of people failed. We could all see they didn't have any soul. But what appealed most of all to us — The Factory devotees, a group I quickly became a part of — was the game, the cruelty of trapping the ego in a little 15-minute cage for scrutiny. I saw Salvador Dali take too flamboyant a pose for his test, and when the arm holding his cane collapsed, the upper lip holding his mustache twitched and drooped. I liked him better that way."



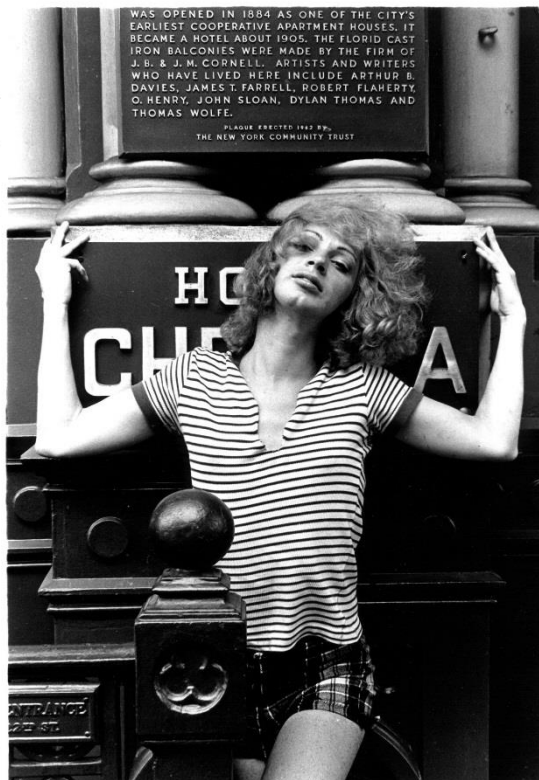
JACKIE CURTIS (1947-1985)

Singer, poet, star of Warhol flicks *WOMEN IN REVOLT* and *FLESH*, the nomadic Jackie Curtis had a signature style that couldn't be tamed. Of that look, which was believed to inspire David Bowie, Warhol once said, "Jackie Curtis is not a drag queen. Jackie is an artist. A pioneer without a frontier. "

HOLLY WOODLAWN

Ever heard the Lou Reed tune "Walk On The Wild Side"? Yeah, she was the Holly (her name taken from Holly Golightly of *Breakfast at Tiffany's*). After hitchhiking from Miami to New York at 16, the transgender Puerto Rican actress became one of Warhol's biggest stars.

The best way to sum up her time with Warhol is via a quote given to *The Guardian* in 2007: "I was very happy when I gradually became a Warhol superstar. I felt like Elizabeth Taylor! Little did I realize that not only would there be no money, but that your star would flicker for two seconds and that was it. But it was worth it, the drugs, the parties, it was fabulous. You live in a hovel, walk up five flights, scraping the rent. And then at night you go to Max's Kansas City where Mick Jagger and Fellini and everyone's there in the back room. And when you walked in that room, you were a star!"



NOT TOO BAD

19th July 1973: American pop artist Andy Warhol and American actor Sylvia Miles sit at a table looking at a Polaroid photograph he took during a Mother's Day party at the Four Seasons Hotel, New York City. (Photo by Tim Boxer/Hulton Archive/Getty Images)

SYLVIA MILES

Apart from her acting credits, which span from Warhol's drama-comedy *HEAT* to *SEX AND THE CITY*, perhaps the coolest thing about Sylvia Miles is, well, Sylvia Miles. Of her more 'bizarro' moments: the fact that she keeps an Andy Warhol doll in her bathroom opposite her toilet and that one time she allegedly dumped a plate of food on a critic at a New York restaurant for writing a negative review about her.



Warhol Superstar,
model and actress
Jane Forth
photographed
bicycling in New York
City with twins Jay
and Jed Johnson in
1970. (**PHOTO BY
JACK
MITCHELL/GETTY
IMAGES**)

Brothers Jay and Jed
Johnson
photographed in
1970. (Photo by Jack
Mitchell/Getty
Images)



JANE FORTH

The equivalent of Jane Forth today would be someone like Chloë Sevigny. If her face looks familiar, it's because you may have seen *Dallas Buyers Club*, in which the film's makeup artist drew from her signature look for Jared Leto's portrayal as a trans woman. Included in her legacy as one of New York's most notable renaissance women, Forth modeled Diane von Furstenberg's first line of wrap dresses in 1970 (the designer said some attributed her signature look to that of an "exotic bug") and featured regularly in *Vogue* and *Harper's Bazaar*.

Fun fact: Before starring in Warhol's films like *TRASH* and *L'AMOUR*, Forth worked as a receptionist at The Factory when she was a teenager.

CYRINDA FOXE

Most of Cyrinda Foxx's life is overshadowed by her relationships with rockstars. Her marriage to David Johansen of the New York Dolls was followed by a romance with Steven Tyler of Aerosmith, and she's the mother of Mia Tyler. Before becoming an actress and frequenting famous nightclubs in New York, she was an assistant to Greta Garbo. Warhol took a liking to Foxx when he met her in a nightclub; he admired her "farm girl clothes."





BENEDETTA BARZINI

If you recognize this It-girl, it's because she's been covering Vogue Italia and walking in runway shows for over 50 years. After being discovered by editor Consuelo Crespi, model Benedetta Barzini signed a contract with Ford models and moved to New York. After becoming a wallflower in The Factory and experiencing a lull in her modeling career (at age 25), Barzini contemplated moving back to Italy when Eileen Ford told her start attending her parties and to marry a wealthy American instead. "You can divorce him after a couple of years if it all goes to hell." But she didn't.

She moved back to Milan and became a Marxist and a radical feminist organizer within the Italian Communist Party. Barzini is now a mother of four and a professor of fashion anthropology at the Polytechnic Institute of Milan and the University of Urbino.

CANDY DARLING

Another icon mentioned in Lou Reed's hit (Candy came from out on the island/In the backroom she was everybody's darling), Candy Darling left an impression on Warhol as she performed in a play she'd written, directed, and co-starred in alongside a young Robert de Niro. The transgender actress was also a muse of The Velvet Underground.



ULTRA VIOLET

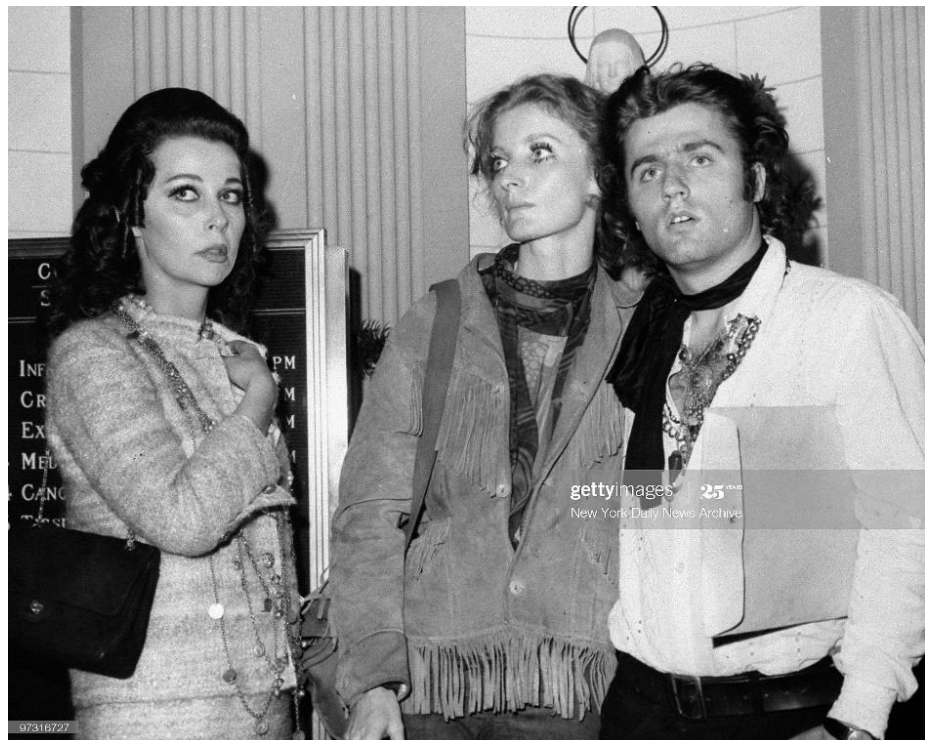
Née Isabelle Collin Dufresne, Ultra Violet met Warhol when she was having tea at the St. Regis hotel with Salvador Dalí. Her French-ish look — she was born in La Tronche, France — was replete with frizzy, purple hair, and purple eyeshadow, lipstick, and blush. And though she was her own artist, and a Factory regular, Violet went on to denounce her old self as an "unleashed exhibitionist chasing headlines". Before her death in 2014, she turned to religion and was a devout member of Church of Jesus Christ of Latter-day Saints.



VIVA

Ultra, Viva and Malanga

A frequent face at The Factory, Viva appeared in tons of his films. Her most controversial role, in *BLUE MOVIE*, saw her become one of the faces of the 'porno chic' movement. When Warhol was shot by Valerie Solanas in 1968 while he was on the phone, it was Viva who was on the other line.



PAT AST

After making her acting debut in Warhol's iconic *LONESOME COWBOY* (for which she got \$112), model and actress Pat Ast went on to become the unlikely muse for Halston. She was one of the first (and only) plus-size models of her time.

BABY JANE HOLZER

It's impossible to round up Warhol's Superstars without mentioning Baby Jane Holzer. "Do you want to be in the movies?" Warhol asked Holzer. "Well, it beats the shit out of shopping at Bloomingdales every day'," she replied. Holzer, a product of high-society London embraced the New York edge. She was the embodiment of Warhol's artistic sensibility, the product of turning high art upside down and roughing it up a little, which was wildly popular at the time.



In Holzer's screen test for Warhol, she brushed her teeth for three-and-a-half minutes; Warhol didn't want her to blink. She's now a real estate mogul and an avid art collector, namely of Warhol's early works.





Andy Warhol's
Factory People
Inside the 1960s Silver Factory A Feature Documentary

Contact Sheet Photography by Steve Schapiro

The "Andy Warhol's Factory People" REVISED 83 minute Feature Documentary updates the story of Warhol's famous 1960s Silver Factory as told by the friends, superstars, and foes who worked with, partied with, filmed with, and slept with Andy from 1964 to 1968 in the Factory...many of whom have passed away since the original three hour series was produced in 2008.

What sets this film apart from the many other books and films about Warhol, is that the producers also tracked down the forgotten Factory people, the remarkable and often bizarre assortment of people who were behind Warhol's unprecedented rise to spectacular success. These people often paid a price for linking their destinies to the gifted but frustrated graphic artist who decided in the early sixties to "start Pop art" because he "hated" Abstract Expressionism.

Copyright 2018
Planet Group Entertainment
Running Time: 83 Minutes

Andy Warhol's Factory People

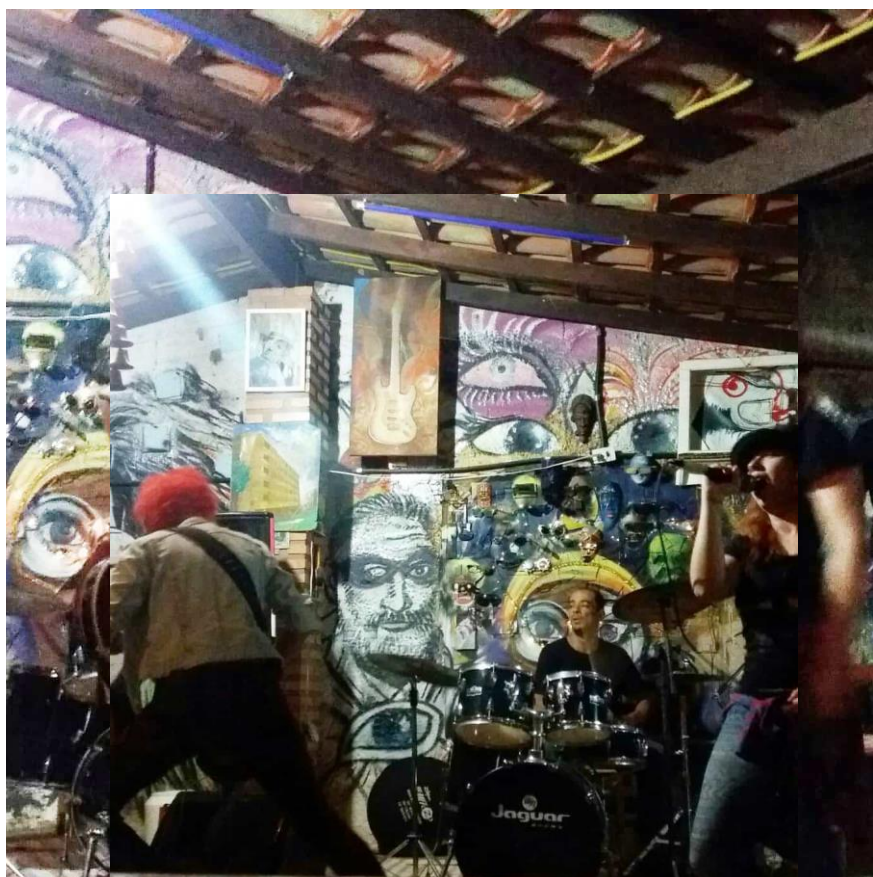
A FILM BY CATHERINE O'SULLIVAN SHORR and PATRICK NAGLE

2018 – 14 DE JULHO

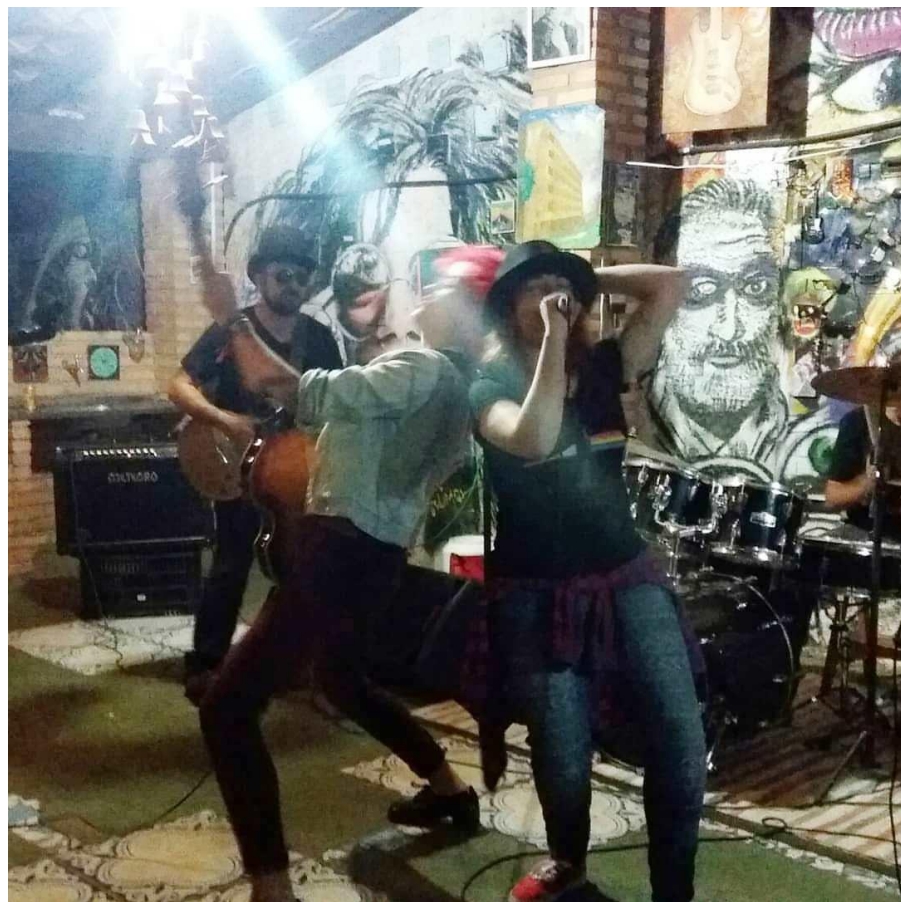


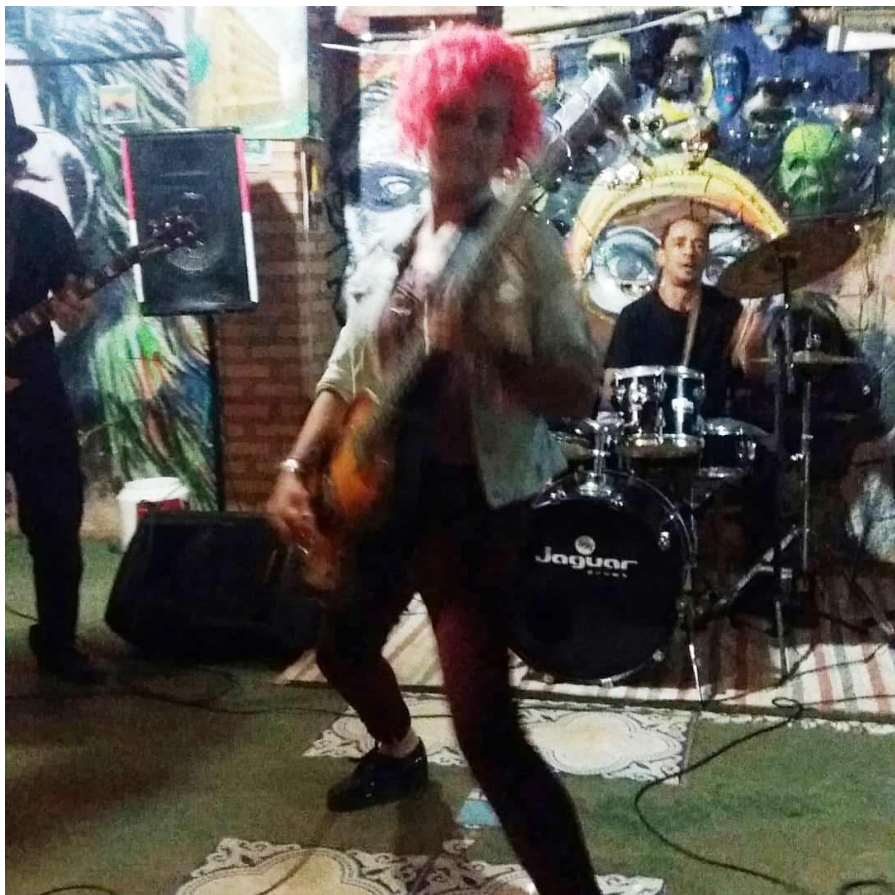
2018 – 7 DE SETEMBRO

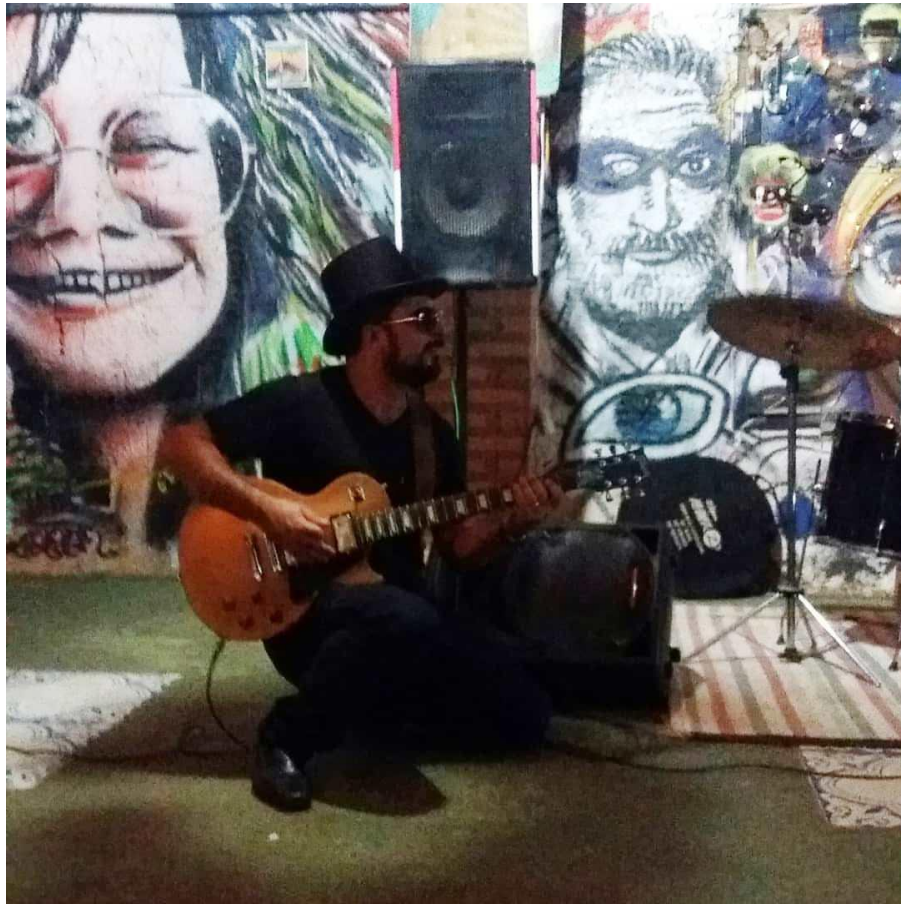
*É sempre doido
ser maluco e a
vontade em
trabalhar com
você novamente
também é
enorme*

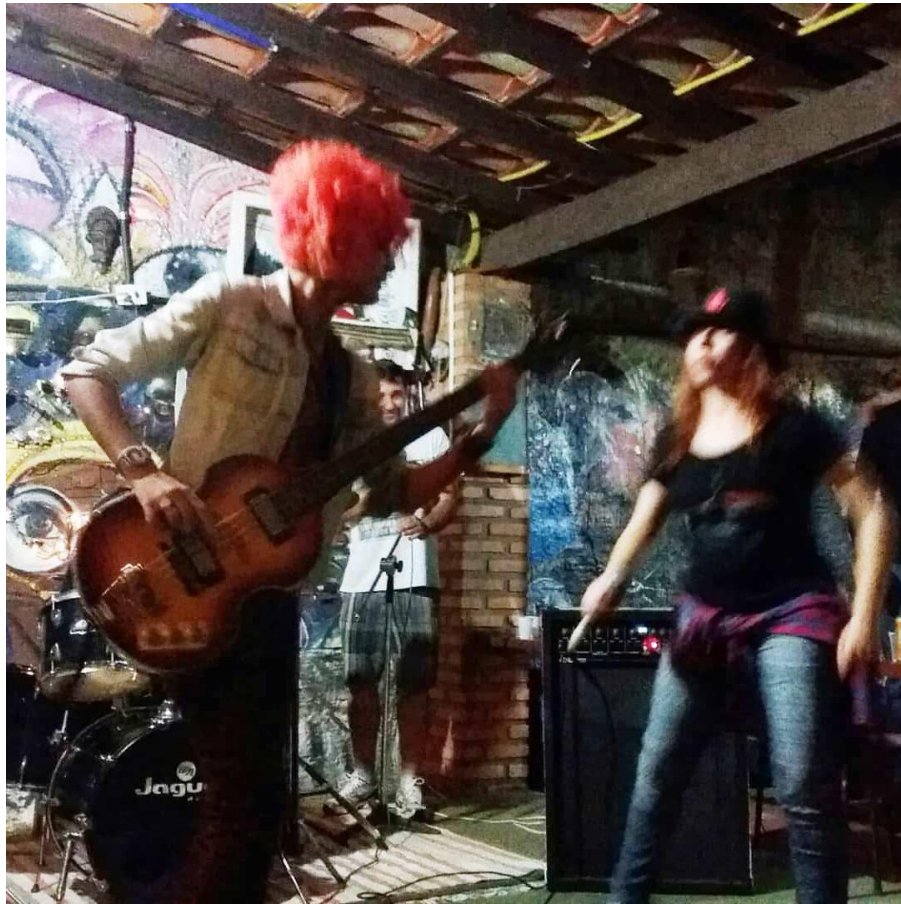














2018 – 23 DE SETEMBRO

Os burgueses veem na sua festa e não trazem nada. Eles sempre têm as caixas de som e nos seus comentários falam de microfones importados e de como a voz da cantora soaria melhor. É o que eu ouço e me divirto, mas aqui é na tora. Com esses caras não faço som, não dá progressão e tenho que ser educado: me faço de burro. Estou sonhando em montar duas caixas em parêlho, acoplar no efeito compressor e tirar o som limpo da garganta, sem pigarro. Farei isso e o som será hipnótico, magistral, mas não potente pelas caixas, mas dará caldo. Na foto, há um ano atrás quando começamos a canalizar as caixas de som.

Na mesinha de som, Thome de Souza



MOSTRA SOBRE VELVET UNDERGROUND É UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO ROCK

Uma mostra sem disciplina sobre uma banda indisciplinada

por **ANDRE R. CHOW, THE NEW YORK TIMES** /

24 DE OUTUBRO / 2018 | John Cale não passou muito tempo na Velvet Underground. Quatro anos depois de ter fundado o grupo com Lou Reed, em 1964, esse o pôs para fora da formação sem a menor cerimônia.

“Era uma arte sem disciplina”, ele disse enquanto supervisionava *THE VELVET UNDERGROUND EXPERIENCE*, a mostra sobre o influente grupo de rock de vanguarda, inaugurada este mês em Nova York. “Era uma banda cheia de energia, frívola e divertida”.



John Cale em uma mostra sobre a sua banda, The Velvet Underground. Foto: Rebecca Smeyne para The New York Times

A mostra, que se estende por 1.100 metros quadrados e dois andares, finalmente está na cidade natal da banda depois de ter estado em Paris, onde recebeu 65 mil visitantes. Assim como o grupo, a mostra tem a mesma falta de disciplina: trechos de shows tocando a todo volume, competindo pela atenção do público com vídeos pornográficos e pôsteres caleidoscópicos. Filmagens em preto e branco aparecem de relance nas telas; as vozes solenes dos narradores ficam praticamente sufocadas por áudios de concertos ao vivo pulsando entre imponentes homenagens visuais a realizadores, pintores e compositores de clássicos.

Embora grande parte da mostra se concentre em Nova York, ela começa com a infância problemática dos seus fundadores: Reed, que cresceu em Long Island, e Cale, que passou a primeira infância no País de Gales. Na galeria, Cale piscou para a imagem de uma versão adolescente dele mesmo de cabelos bem penteados, tocando piano em uma banda de jazz.

Fotos em preto e branco do fotógrafo do Village Voice, Fred McDarrah, cobrem uma parede, captando a fúria dos protestos contra a Guerra do Vietnã e o ousado experimentalismo de criativos espaços de vanguarda como La MaMa e a Cinemateca dos Realizadores. Foi neste espaço fértil que Cale e Reed se conheceram e começaram a tocar juntos, desenvolvendo canções dissonantes e cruas em suas letras, como “Heroin” e “I’m Waiting for the Man”.

Cale parou um pouco diante de uma foto de Marlon Brandon e James Baldwin apertando as mãos. “Os retratos na parede são retratos de uma espécie de revolução cultural”, afirmou.

A banda chamou a atenção de Andy Warhol, que se tornou seu agente e injetou o grupo e sua estética ameaçadora em seus acontecimentos multimídia baseados no confronto. “Falávamos para algo que era visceral e interno, que era a heroína e as drogas e as pessoas ferindo a si mesmas”, explicou Cale.

Em 1965, Warhol acrescentou a modelo e cantora alemã Nico ao grupo e a levou para uma série de espetáculos sem compromisso intitulado *The Exploding Plastic Inevitable*. Cale riu ao ver uma foto de Nico dirigindo um carrão esculhambado com a banda a bordo.

Cale deixou o grupo e começou uma frutífera carreira solo compondo suas músicas e produzindo; atualmente, está gravando um álbum que deverá ser lançado em 2019.

Ele afirma que a Nova York de hoje é uma sombra da que inspirou a música da Velvet Underground.

“É estranha; é como se eu estivesse olhando para uma réplica”, disse. Nos anos 1960, eu não ligava para a sujeira. Ela era inspiradora. Ela nos impulsionava em uma direção para que realizassem alguma coisa”.



ÚNICO QUADRO DE POLLOCK EXPOSTO NO BRASIL VAI A LEILÃO, MAS NÃO ATINGE LANCE MÍNIMO

<https://g1.globo.com>

15 DE NOVEMBRO / 2018 – O único quadro do pintor americano Jackson Pollock que podia ser visto pelo público no Brasil foi a leilão na noite desta quinta-feira (15), em Nova York. A expectativa era vender a obra – do Museu de Arte Moderna do Rio – por 18 milhões de dólares, cerca de 66 milhões de reais, mas o quadro acabou não sendo vendido porque não atingiu o lance.

O quadro é pequeno tem 56,7 cm de cada lado e foi criado no período mais valorizado do artista. Chama-se apenas número 16.

Pollock dava números em vez de nomes para deixar a interpretação do público tão livre quanto o próprio ato de criar.

O pintor criou o estilo conhecido como gotejamento: a tela ficava no chão, enquanto o artista respingava a tinta do alto.

A obra foi doada ao MAM pelo empresário americano Nelson Rockefeller em 1952, quando Pollock ainda não era muito conhecido.

Mas a tela já tinha se tornado uma das mais valiosas do museu em 1978 quando um incêndio destruiu 90% do acervo.

Cerca de 100 obras se salvaram. A maioria esculturas e pouquíssimas telas, entre elas a obra de Pollock. Desde então o MAM renasceu e ampliou o acervo. Agora, o museu pretende continuar existindo com o dinheiro do quadro que escapou do incêndio.

O conselho do museu informou que o valor da venda vai garantir o funcionamento do MAM pelos próximos 30 anos.

A nota diz ainda que vai ser criado um fundo depositado numa instituição financeira, com regras rígidas de uso e gerido por um comitê.

O MAM é uma instituição privada sem fins lucrativos que, para abrir as portas ao público, gasta 7 milhões de reais por ano. Entretanto, o museu vem tendo dificuldades para atingir esse valor.

Para uma parte da comunidade artística a venda do quadro de Pollock não é o melhor caminho.

Um manifesto com cerca de trezentas assinaturas condenando o leilão foi divulgado por artistas, curadores, críticos e colecionadores.

O MAM diz que optou por vender o quadro porque, embora tenha obras importantes, a coleção de pinturas estrangeiras não constitui um de seus carros-chefe.

“É a solução péssima, o museu vender aquilo que faz sentido pro museu. E não é uma obra que a gente poderia encontrar outra. Não vai mais se ter um Pollock. O Pollock vale uma fábula no mercado internacional, a chance de se conseguir outro é quase impossível”, argumenta o galerista Paulo Kuczynsky.

“É um importante movimento que o museu ta fazendo pra sem dúvida voltar a brilhar como já brilhou nos anos passados. Vejo como uma alternativa, não como a melhor, mas válida porque a gente vai ter museu conseguindo respirar e fazer exposições pelos próximos anos”, diz Fábio Szwarcwald, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV).



QUADRO DE DAVID HOCKNEY BATE RECORDE PARA ARTISTA VIVO EM LEILÃO EM NOVA YORK

**POP & ARTE – 16 DE NOVEMBRO / 2018
POR AGÊNCIA EFE / G1**

Quadro de David Hockney bate recorde para artista vivo em leilão em Nova York —
Foto: David Hockney/Courtesy of Christie's

Quadro 'Portrait of an Artist (Pool With Two Figures)' foi vendido por US\$ 90 milhões.

O quadro "Portrait of an Artist" (*Pool With Two Figures*), do pintor britânico David Hockney, alcançou um preço recorde para uma obra de um artista vivo ao ser vendido nesta quinta-feira (15) por mais de US\$ 90 milhões (R\$ 339,5 milhões), com taxas e impostos incluídos, em um leilão de Christie's em Nova York.

A peça superou facilmente o recorde anterior de US\$ 58,4 milhões (cerca de R\$ 220 milhões) que tinha sido pago por um dos Balloon Dog do americano Jeff Koons em 2013.

Portrait of an Artist (Pool With Two Figures) foi recebido na sala da Christie's com um murmúrio de entusiasmo dos presentes e, após iniciar-se o leilão, que partiu em US\$ 20 milhões (R\$ 75,4 milhões), alcançou os US\$ 60 milhões em menos de meio minuto e terminou em US\$ 80 milhões (R\$ 226 milhões) depois de uma longa e tensa "batalha".

Assim, ao somar as taxas e impostos que o comprador deverá pagar, a peça alcançou um preço de US\$ 90.312.500, com o que supera em mais de US\$ 30 milhões o número histórico de Koons e seus balões.

A obra de Hockney, de grandes dimensões e criada em 1972, é considerada uma das três peças mais importantes do artista britânico, de 81 anos, e nela ele combina dois

dos seus temas favoritos: uma piscina e um retrato duplo.

No mesmo leilão foi vendida outra obra de Hockney, *Sprungbrett mit Schatten* (Paper Pool 14), pintada em 1978, que tinha um valor estimado de US\$ 6 milhões a US\$ 8 milhões e acabou sendo adquirida por mais de US\$ 7,2 milhões (cerca de R\$ 27,1 milhões).

O pintor britânico, que começou a ficar conhecido no Reino Unido nos anos 60, se transformou em um dos artistas vivos mais populares, embora seu trabalho inicialmente não fosse levado a sério pelas cores vivas e figuras realistas demais que utiliza.

No entanto, atualmente Hockney vive um renascimento comercial e de reputação graças a três retrospectivas recentes, entre elas uma no Museu Metropolitano de Nova York e outra na Tate Britain que quebrou recordes de público.

Os especialistas apontam que o recorde de Hockney e outras vendas que foram realizadas nesta semana de leilões, a mais importante do ano, indicam que o mercado está inclinado por peças de artistas vivos em uma reação frente aos preços exagerados de obras clássicas.

Também se destacaram no leilão de hoje da Christie's *Untitled* (Rust, Blacks on Plum), de Mark Rothko, que foi pintado em 1962 e estava nas mãos do endinheirado e poderoso clã dos De Menil desde 1979.

A peça do mestre do expressionismo abstrato tinha sido avaliada pela Christie's em um mínimo de US\$ 35 milhões e um máximo de US\$ 45 milhões, mas só conseguiu superar por pouco a estimativa mais baixa ao alcançar US\$ 35,7 milhões.

Por sua vez, *STUDY OF HENRIETTA MORAES LAUGHING*, pintado por Francis Bacon em 1969, ultrapassou o preço estimado pelos especialistas da casa de leilões, de entre US\$ 14 milhões e US\$ 18 milhões, ao ser vendido por US\$ 21,6 milhões. Foi recebida também com entusiasmo uma escultura móvel de Alexander Calder, *21 Feuilles Blanches*, uma das suas peças mais representativas e que foi executada em 1953, à qual tinha sido concedido um valor estimado de entre US\$ 5 milhões e US\$ 8 milhões, mas que alcançou US\$ 17,9 milhões.

Com um perfil muito mais modesto chegou ao leilão da Christie's de hoje *Window*, um desenho em lápis de Philip Guston que tinha um valor estimado de entre US\$ 300 mil e US\$ 500 mil, e pelo qual alguém esteve disposto a pagar mais de US\$ 3 milhões, um montante seis vezes superior ao máximo estimado.

Outras estrelas do de hoje foram *DISCOGRAPHY TWO*, de Jean-Michel Basquiat, pelo qual pagaram US\$ 20,9 milhões, *Ocean Park#137*, de Richard Diebenkorn, que alcançou US\$ 22,5 milhões, e *"Untitled"*, de Christopher Wool, que foi vendido por US\$ 15,2 milhões.

A venda de arte contemporânea está em alta, como demonstra nesta semana de leilões milionários em Nova York os números oferecidos hoje pela casa Sotheby's, que calcula suas vendas deste tipo de arte em US\$ 1,6 bilhão neste ano, 22% a mais que em 2017.

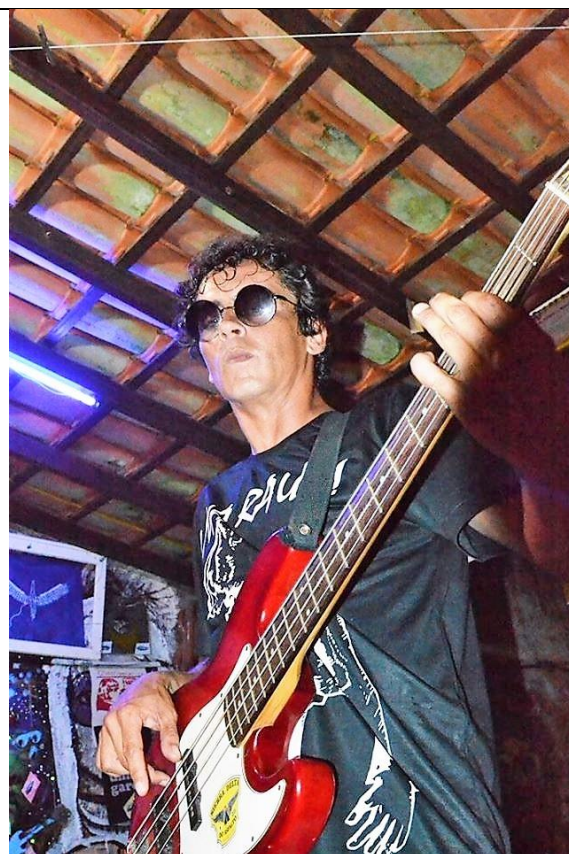
2018 – 8 DE DEZEMBRO



2019 – 9 DE JANEIRO



2019 – 9 DE MARÇO



2019 – 29 DE MARÇO



On View

BOB COLACELLO, ANDY WARHOL'S RIGHT-HAND MAN, HAD HIS CAMERA AT THE MOST EXCLUSIVE PARTIES OF THE 1970S. SEE HIS PHOTOGRAPHS HERE

More than 150 photographs by the writer are going on view at Vito Schnabel Projects in New York.

Caroline Goldstein / <https://news.artnet.com/>



Andy Warhol & Bob Colacello arrive at Times Square, New York, September 19, 1979.
(Photo by Allan Tannenbaum/Getty Images)



Bob Colacello, Andy at the Hotel Bristol, Bonn, 1976. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.

APRIL 16, 2019 –

A heady, drug-fueled night at Studio 54. A star-studded dinner at Mr. Chow's in Los Angeles. Jimmy Carter's presidential inauguration. What do these events have in common?

Bob Colacello, the longtime editor of *Interview* magazine and right-hand-man to Andy Warhol, attended all of them. And he captured them in photographs that only a man with friends in high places would have been able to take.



Colacello—who, for those born after 1990, is basically the Derek Blasberg of the '70s, capturing snapshots of high society well before Instagram—describes his foray into photography as an afterthought. (He happened to be in Andy Warhol's star-studded orbit, so why not?)

But what may have been a footnote is turning into a headline with a new show at the New York-based Vito Schnabel Projects. Titled *PICTURES FROM ANOTHER TIME: PHOTOGRAPHS BY BOB COLACELLO 1967–1982*, the exhibition, which opens May 3, features more than 150 rarely- or never-before-seen images that Colacello captured with his “spy camera,” a Minox 35 EL that was small enough to fit inside his jacket pocket.

Colacello got his start writing film reviews for *Interview* when he was still a college student, and spent the better part of the next two decades working closely with Warhol while running the magazine, a chapter cataloged in his frank 1990 memoir *Holy Terror: Andy Warhol Close Up*.

As a journalist, Colacello knew the importance of blending into the background, so you'd be forgiven for missing his face among the politicians, drag queens, and socialites that flocked to the so-called Pope of Pop.



Bob Colacello, John Paul Getty III, Los Angeles, 1977. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.

"What makes my photos different from Andy's is that mine are really more candid," Colacello told artnet News. "When people saw Andy, they'd tend to strike a pose. With me, they didn't even realize I was taking a picture."

One of his favorite images is of Henry Kissinger holding court in DC—you can only see about half the people in the frame because a huge pouf of hair obscures the view. "I like when hands are blocking people's faces," he says. "I always wanted it to feel like what a party actually felt like... people didn't stand two by two in perfect formation waiting to be photographed by paparazzi."

Bob Colacello, Henry Kissinger Holding Forth, Washington D.C., c. 1976. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.

The result is a visual diary of sorts, documenting trips to Valentino's chalet in Gstaad, where Colacello caught the "doyenne of Parisian society, Marie-Hélène de Rothschild, laughing uproariously as if she were Joan Rivers." There's also Cher kissing



Gregg Allman at the inauguration fête for Jimmy Carter and a close-up shot of John Paul Getty III (well after the kidnapping debacle) mid-bite at Mr. Chow's.

Bob Colacello, Gregg Allman and Cher, Carter Inauguration White House Reception, 1977.

© Bob Colacello;

Courtesy the

artist and Vito Schnabel Projects.



"I always joked that I never had to social climb," Colacello laughed. "I got dropped on Mount Olympus from Andy's helicopter!"

"Pictures From Another Time: Photographs by Bob Colacello 1967–1982" is on view May 3–June 21 at Vito Schnabel Projects, New York.



Bob Colacello, Liza Minnelli with Marisa Berenson on her wedding day, Beverly Hills, 1976. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.



Bob Colacello, Kevin Farley and Dorothy Lichtenstein, Washington D.C., 1977. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.



Bob Colacello, Half of Andy, Bianca Jagger, and Princess Diane de Beauvau-Craon, New York, c. 1980. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.



Bob Colacello, Gary Hart, President Carter's Inauguration, 1977. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.



Bob Colacello, Polly Bergen's Closet, Holmby Hills, Los Angeles, c. 1978

. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.

Bob Colacello, Fred
Hughes, Hotel
Excelsior, Naples,
1976. © Bob Colacello;
Courtesy the artist and
Vito Schnabel Projects





Bob Colacello, Dagny Corcoran and Wendy Stark, Los Angeles, 1977. © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.

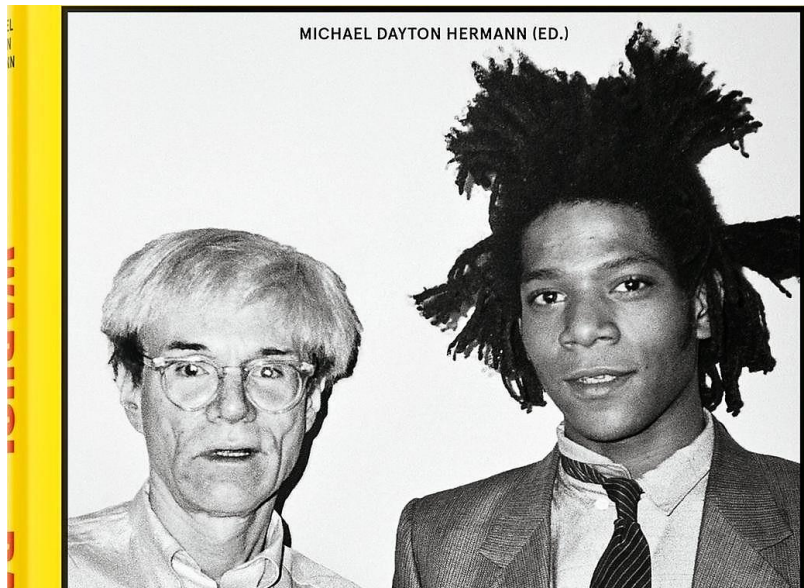


Bob Colacello, Mystery Woman, c. 1979 . © Bob Colacello; Courtesy the artist and Vito Schnabel Projects.

**FOTOS INÉDITAS
DETALHAM
RELAÇÃO
ARTÍSTICA E
PESSOAL DE
WARHOL E
BASQUIAT**

**LIVRO COM FOTOS
INÉDITAS DETALHA
RELAÇÃO
ARTÍSTICA E
PESSOAL DE ANDY
WARHOL E
BASQUIAT**

Mais de 400 fotografias
ilustram a amizade e parceria de trabalho dos artistas



CORREIO DO POVO



Os dois tornaram-se bons amigos e colaboradores constantes, criando obras de arte vibrantes e brilhantes | Foto: The Andy Warhol Foundation / Divulgação / CP

Porto Alegre – **20 mai. / 2019** – Mais de 32 anos após a morte de Andy Warhol, centenas de fotos tiradas pelo ícone da pop arte — até agora inéditas — revelam as minúcias de sua amizade com Jean-Michel Basquiat, capturando muitos momentos deles juntos. Um vislumbre “voyerístico” do mundo de dois dos maiores artistas do final do século 20 é revelado em um livro que traz à luz algumas das mais de 130 mil fotografias que Warhol fez para documentar todos os aspectos de sua vida. Ele as capturou através das lentes de sua câmera de 35mm, mas imprimiu apenas uma pequena parcela dos negativos.

A obra *WARHOL ON BASQUIAT. THE ICONIC RELATIONSHIP TOLD IN ANDY WARHOL'S WORDS AND PICTURES* ("Warhol sobre Basquiat. A relação icônica contada nas palavras e imagens de Andy Warhol", em tradução literal) foi produzida em colaboração com a The Andy Warhol Foundation e a propriedade de Basquiat. O livro explora a complexa relação pessoal e profissional dos artistas através de cerca

de 400 fotografias, trechos do lendário Andy Warhol Diaries, material de arquivo raramente visto e exemplos de suas obras colaborativas. Está à venda na Amazon por 40 libras.

De acordo com o texto de apresentação, o "complexo relacionamento de Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat cativou o mundo da arte naquela época e agora". "Numa época em que Warhol já era mundialmente famoso e o mais velho estadista de Nova Iorque, Basquiat era um talento do centro da cidade que subia rapidamente da cena do graffiti. Juntos, eles forjaram uma parceria pessoal e profissional eletrizante", diz a seção de abertura da publicação.

Os dois tornaram-se bons amigos e colaboradores constantes, criando obras de arte vibrantes e brilhantes. Durante a ascensão dos movimentos de hip-hop, punk e arte de rua do final dos anos 1970, Basquiat começou também sua escalada à fama. O florescente movimento artístico foi uma saída importante para ele, que faria de sua visão excêntrica uma marca indelével. Sua carreira decolou nos anos 1980, quando participou de inúmeras galerias. Durante este tempo, conheceu Warhol através do negociante de arte Bruno Bischofberger e os dois continuariam sua amizade até a morte de Warhol, em 1987.

Mesmo que alguns críticos não apreciassem o relacionamento — alguns alegam que Basquiat era um sanguessuga faminto por fama tentando superar a reputação de Warhol enquanto outros afirmavam que Warhol era um oportunista que estava usando o talento de Basquiat para seus próprios fins — a verdade parece mostrar que a amizade era genuína. Ronnie Cutrone (1948-2013), um amigo dos dois, foi citado em uma biografia de Andy Warhol dizendo: "Era como um casamento maluco no mundo da arte e eles eram o casal estranho. A relação era simbiótica. Jean-Michel achou que precisava da fama de Andy e Andy achou que ele precisava do sangue novo de Jean-Michel. Jean-Michel deu a Andy uma imagem rebelde".

RONNIE CUTRONE

Rumores de intimidade sexual entre os dois foram deixados de lado por amigos e familiares. Um notório ícone gay, Andy pode ser visto flertando com Basquiat em filmagens raras dos anos 80, e é claro que o par tinha uma conexão. "Andy, como muitas pessoas, foi muito seduzido e enamorado por Jean-Michel. Acho que ele provavelmente tinha uma queda por ele", conta a ex-namorada de Basquiat, Suzanne Mallouk.

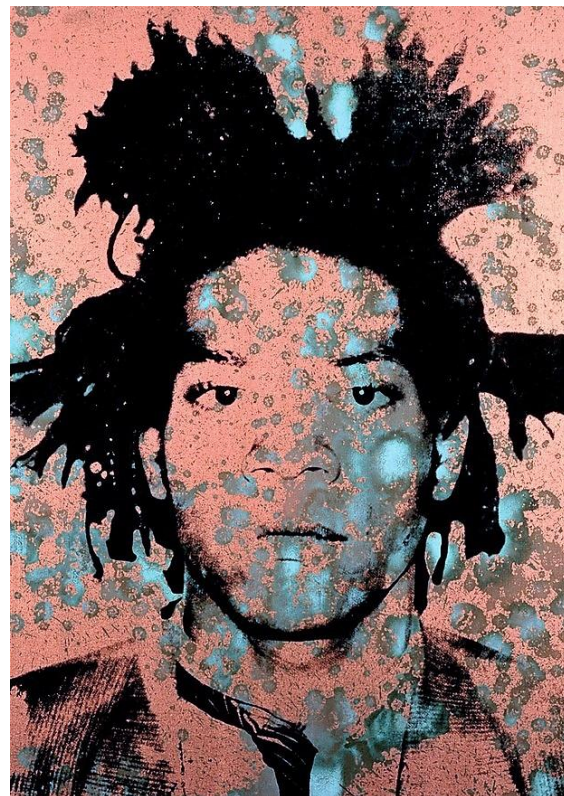
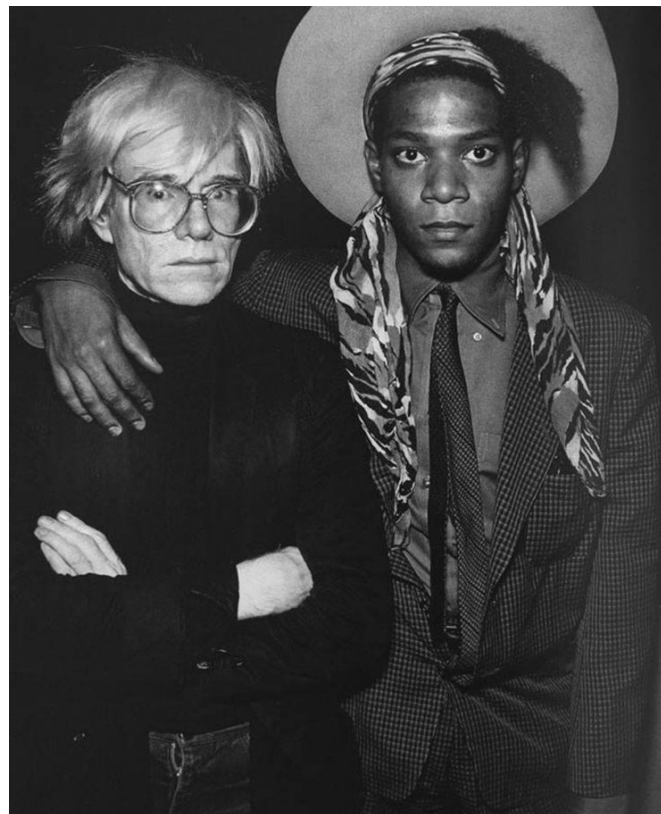
CULTURA VOGUE

Livro de Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat revisita os bastidores da intensa parceria da dupla de artistas



Expoentes máximos do pop, Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat protagonizaram uma das relações mais próximas da história da arte. Novo livro reúne registros nunca antes vistos

GISELA GUEIROS



Untitled (1984), de Jean-Michel Basquiat e Andy Warhol (Foto: Divulgação)

Retrato de
Basquiat
por Andy
Warhol em
1982 (Foto:
Divulgação)

**22 DE
JULHO /
2019** – São
notórias as
histórias de
amizades
entre
grandes
artistas. O
cubismo
teve Henri



Matisse e Pablo Picasso. O neoconcretismo brasileiro, Lygia Clark e Hélio Oiticica. Tais relacionamentos mudaram os rumos da arte de seus tempos e servem até hoje de matéria bruta para quem busca entender o que acontecia nos bastidores da produção artística desses nomes estelares. A mais nova dupla a ter sua relação investigada é a dos americanos Jean-Michel Basquiat e Andy Warhol, em *Warhol on Basquiat* (Taschen, 312 páginas, R\$ 270), que chega ao Brasil neste mês e ilustra o carinho e a profundidade da relação entre esses dois ícones da pop art, que marcaram os anos 80 e tudo o que foi feito depois.

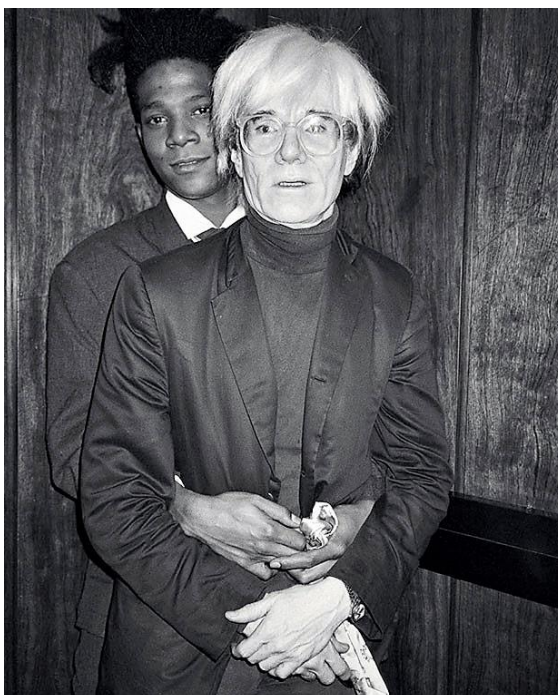
A publicação reúne obras de arte, bilhetes e mais de 400 fotos inéditas dos arquivos de Andy Warhol em que Basquiat aparece ou é assunto. Para dar mais vida ao material, Michael Dayton Hermann, diretor de licenciamento da Andy Warhol Foundation (e editor do livro), usou trechos extraídos dos diários de Warhol – publicados em 1989 nos Estados Unidos com o título *The Andy Warhol Diaries* –, colocando o pai da arte pop como narrador. “O maior desafio foi organizar as mais de mil páginas de diários e os 130 mil negativos antes de transformar o conteúdo em uma narrativa clara que descrevesse a relação dos dois na voz de Warhol”, conta Hermann.

Um dos artistas mais importantes do século 20, Warhol ganhou fama nos anos 60 com pinturas como as das 32 embalagens da sopa enlatada Campbell. Suas serigrafias de retratos de celebridades como Marilyn Monroe, Elvis Presley e Jacqueline Onassis também se tornaram ícones da arte americana. Dirigiu filmes, criou a revista *Interview* e trabalhou como ilustrador de moda no início de sua carreira.

Já Basquiat começou a fazer sucesso no fim dos anos 70 por conta de seus grafites caóticos nos metrô de Nova York. Vendia cartões-postais e camisetas com suas criações estampadas – misturando imagens e palavras. A partir dos anos 80, passou a ser representado pela galeria Gagosian e teve sua primeira participação na prestigiosa mostra *DOCUMENTA 7*, em Kassel, na Alemanha, em 1982. Foi nesse turning point de sua trajetória que conheceu Warhol: “Fui encontrar (o galerista) Bruno Bischofberger. Ele trouxe Jean-Michel Basquiat. Ele sentava nas calçadas do Greenwich Village e pintava camisetas. Era um desses garotos que me deixavam louco”, conta Warhol no livro.

Outro trecho fala sobre a preocupação da amiga Paige Powell com o vício de Basquiat em heroína. Em seguida, escreve que o *enfant terrible* foi até ele para contar que estava deprimido e queria se matar. “Ri e disse que era falta de sono”, revela o fundador da arte pop. Há também fotos dos dois na ginástica e comendo, além de imagens de Basquiat de cueca, deitado na cama sem camisa, e do artista se barbeando, dançando, fumando, pintando, passeando pelas ruas de Milão e atefazendo as unhas num salão de beleza.

Basquiat abraça Warhol (Foto: Divulgação)

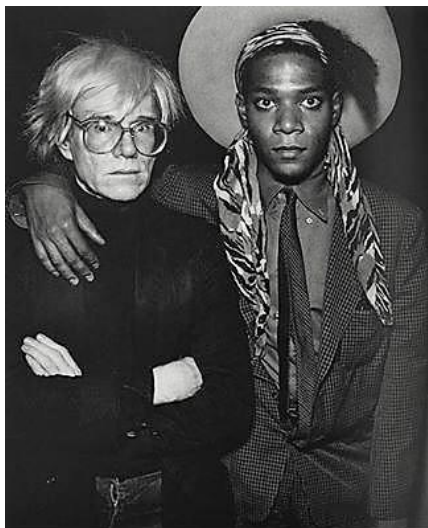
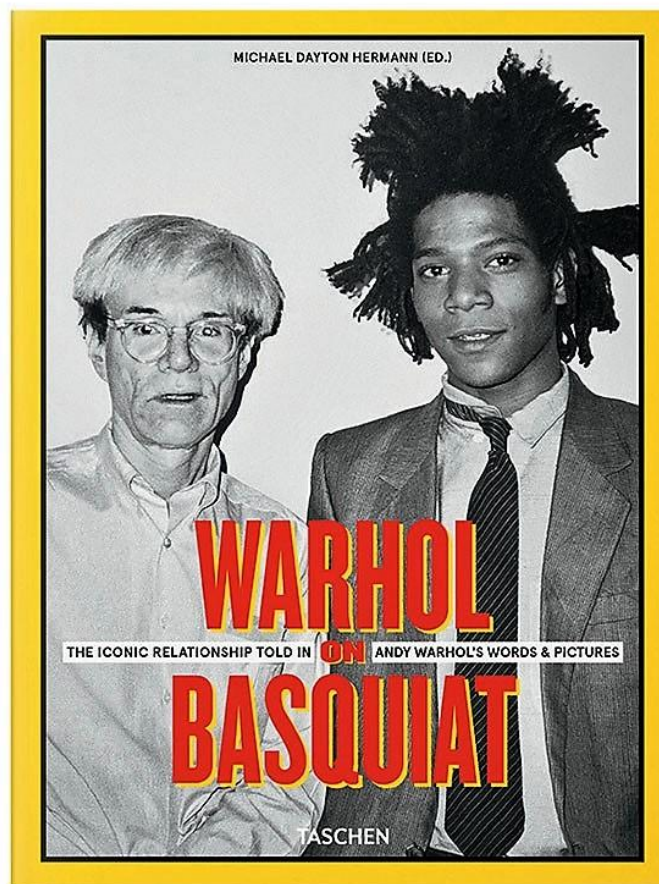


A turma da moda é presença frequente nas fotos ao lado de Warhol e Basquiat que estampam a publicação – os editores Anna Wintour e André Leon Talley aparecem numa vernissage do artista Julian Schnabel na lendária galeria Leo Castelli, em 84. Yoko Ono e Sean Lennon, Diane von Furstenberg, Wim Wenders, Whoopi Goldberg e Madonna também viram personagens desta Nova York dinâmica dos anos 80 que o livro retrata.



3 DE MAIO / 1984

Numa época em que não existiam redes sociais, Warhol foi precursor. “Ele registrava em áudio e foto tudo o que via e vivia, compulsivamente – andava com uma câmera pendurada no pescoço, tirando polaroides o tempo todo”, relembra o diretor da fundação. “Este livro reúne registros de um tempo em que momentos privados eram mesmo privados, e não serviam para arrecadar likes.”



DESCOBRIRAM UMA FITA COM DOZE MÚSICAS INÉDITAS DE LOU REED, ENVIADAS PARA ANDY WARHOL

"Vejo a mensagem da fita como sendo 'namoro e rompimento', em certo sentido", diz a professora Judith Peraino, que pesquisa Warhol e fez a descoberta.

POR RICARDO SCHOTT

12 DE NOVEMBRO / 2019 – Professora do departamento de música da Universidade de Cornell (em Ithaca, Nova York), Judith Peraino tem, em seu trabalho, pesquisas sobre música rock e construções de gênero e sexualidade, que incluem artigos a respeito de nomes como Blondie, David Bowie, PJ Harvey, Mick Jagger, e estilos musicais como o synthpop antigo. Fez também entrevistas ao vivo com nomes como Masha Alyokhina (Pussy Riot), John Doe e Exene Cervenka (X). Entre os projetos dela, estão um livro sobre identidades e comunidades do punk rock. E boa parte das pesquisas atuais de Judith estão voltadas para o universo de Andy Warhol, incluindo as trilhas de seus filmes e o envolvimento do esteta pop na música dos anos 1970. Ela também tem vídeos bem legais falando sobre punk, protopunk, Lou Reed, Velvet Underground e outros temas.

E, talvez você já tenha visto, olha só o que ela descobriu examinando algumas das 3.500 fitas do arquivo de Andy Warhol: um cassete que ninguém menos que Lou Reed gravou para ele em meados dos anos 1970. Em um artigo acadêmico, publicado no "Journal of Musicology", Judith revelou que no lado A da fita há gravações ao vivo que Lou Reed fez em suas turnês em 1975, com faixas de seus discos *SALLY CAN'T DANCE*, de 1974, e *CONEY ISLAND BABY*, de 1976. No lado B, há 12 músicas nunca lançadas e uma 13ª incompleta, gravadas em Nova York, com o músico acompanhando-se ao violão. "Parece que ele as gravou em seu apartamento com um microfone ao ar livre, apenas voz e violão", disse Judith Peraino. Nesta fita, Lou escreveu *PHILOSOPHY SONGS (FROM A TO B & BACK)*".

Em entrevista ao "New York Times", a professora disse que ficou "extasiada". "Senti pedaços da minha cabeça voando para todos os lados", declarou. Ela também explicou que uma das canções explora variações da expressão "so what" ("e daí", em tradução livre), uma das expressões favoritas de Warhol. Outras letras abordam temas comuns à vida do artista plástico, como sexo, fama, negócios artísticos e drag queens.

"Essa fita apresenta o melhor de Lou Reed", avaliou Judith. "Que era sua característica de criar e descobrir personagens, contar histórias brutalmente honestas."

Nas pesquisas da professora, ela não encontrou muitos materiais que falassem sobre esta gravação de Lou Reed de 1975. O único arquivo que citava a fita é uma entrevista do cantor publicada em 1977. Laurie Anderson, viúva de Lou Reed, doou os arquivos do ex-marido para a Biblioteca Pública de Nova York em 2017. Ela disse, em entrevista, que não conhecia nenhuma das canções presentes na fita.

"Ele me contou que fez algumas coisas para Andy", falou Laurie. "E reclamava muito que Andy o chamava de preguiçoso." A viúva do cantor imagina que seu ex-marido tenha escrito essas canções para Andy Warhol como uma espécie de "revanche". "Ele deve ter pensado: 'Se ele pode escrever um livro, eu farei canção sobre esse livro'".

O site Open Culture observa que as músicas (rotuladas como *THE PHILOSOPHY SONGS – FROM A TO B AND BACK*) são a resposta de Lou para um livro que Warhol lançara em 1975, *THE PHILOSOPHY OF ANDY WARHOL: FROM A TO B AND BACK*

AGAIN. Na época, Warhol, que mantinha um relacionamento bastante difícil com o líder do Velvet Underground, havia enviado as provas de galé do livro a ele. Judith supõe que a fita esteja relacionada a um musical que Warhol queria criar com Reed, baseado em seu livro. O site explica que dá para perceber que Reed usa umas passagens do livro nas letras – há uma música sobre “fama, sexo e negócios da arte” e duas sobre drag queens.

“Mas Reed usou outras músicas para criticar Warhol por sua aparente indiferença às mortes de astros da Factory, como Candy Darling e Eric Emerson, acrescentando que ele deveria ter morrido depois de ser baleado em 1968. Reed então pede desculpas a Warhol no final da música”, tá no site.

Judith diz no vídeo acima que a fita é um exemplo bacana de curadoria de Lou Reed, já que ele está montando um set list ideal para Warhol. “Vejo a mensagem da fita como sendo ‘namoro e rompimento’, em certo sentido. Há um lado que diz: ‘Olhe para mim, veja o que eu pude fazer neste ano... e agora olhe pra você’”, conta ela.

O destino das canções presentes na fita é incerto, uma vez que a Fundação Andy Warhol controla a propriedade intelectual dos arquivos presentes no museu do artista. Há de se esperar que a família de Lou Reed, ou sua antiga gravadora, reivindiquem o material para publicação.





O quadro 'The Splash', de David Hockney, é admirado por funcionária antes do leilão na Sotheby's de London — Foto: Toby Melville/Reuters

QUADRO 'THE SPLASH', DE DAVID HOCKNEY, É VENDIDO POR R\$ 129,6 MILHÕES EM LEILÃO EM LONDRES

Obra de 1966 é pintura quadrada em tinta acrílica mostrando o momento em que a água espirra para cima após mergulho de um banhista.

POR REUTERS / <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/>

11 FEVEREIRO / 2020 – O quadro The Splash, do artista britânico David Hockney, que retrata uma piscina de Los Angeles, levantou 23,1 milhões de libras (cerca de R\$ 129,6 milhões) em um leilão em Londres nesta terça-feira (11), informou a casa de leilões Sotheby's. A estimativa era de 20 a 30 milhões de libras.

A obra de 1966 é uma pintura quadrada em tinta acrílica mostrando o momento em que a água espirra para cima após um mergulho de um banhista.

O artista de 82 anos a produziu enquanto morava em Los Angeles, onde seu longo interesse em pintar piscinas começou.

A composição de The Splash, que inclui um trampolim angular, foi inspirada por uma fotografia que Hockney viu em uma revista de Hollywood sobre como construir piscinas.

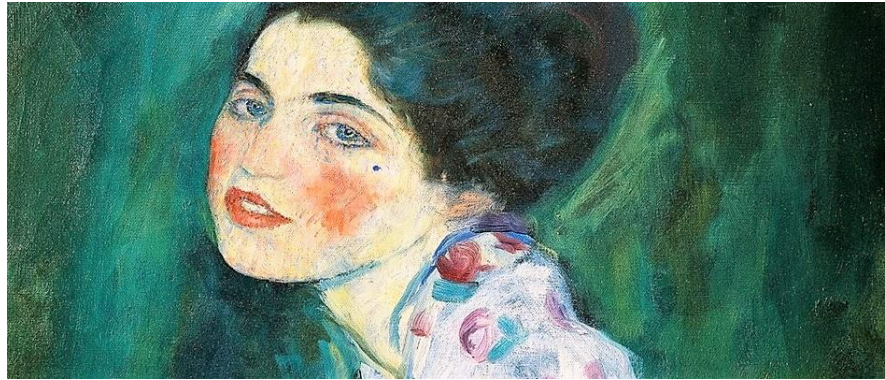
"Eu amei a ideia de pintar essa coisa que dura dois segundos; me levou duas semanas para pintar esse evento que dura dois segundos", disse o pintor em 1976 em um livro.

É a segunda de uma série de três pinturas sobre mergulhos. A Little Splash está em uma coleção particular e A Bigger Splash está na galeria Tate Britain, em Londres.

Da última vez que a pintura foi vendida em um leilão, ela foi arrematada por 2,9 milhões de libras.

*O quadro que
desapareceu... e
voltou*

**ARTE
ROUBADA HÁ
23 ANOS
RESSURGE EM
GALERIA DE
ONDE FOI
RETIRADA**



POR ANDRÉ LUIS DIAS CUSTODIO /

<https://m.megacurioso.com.br/amp/misterios/113414-arte-roubada-ha-23-anos-ressurge-em-galeria-de-onde-foi-retirada.htm>

11 FEV. / 2020 – A obra *Portrait of a Lady* ("Retrato de uma Senhora", em tradução livre), do artista austríaco Gustav Klimt, foi roubada há 23 anos, retirada da galeria Ricci Oddi em Piacenza, norte da Itália. A pintura, avaliada, na época, em um valor estimado na casa dos 60 milhões de euros (R\$ 270 milhões, aproximadamente), foi supostamente retirada por ladrões que estavam usando uma linha de pesca, retirando-a pela fresta de uma claraboia, segundo autoridades. Porém, após décadas de desistência em reaver a arte, a história ganha novos contornos e, possivelmente, uma solução para o mistério.

O novo capítulo da incrível aventura dessa obra roubada foi registrado pelo jardineiro da galeria que, enquanto lidava com suas atividades diárias retirando ervas daninhas da proteção externa da edificação. Foi assim que, após notar uma construção suspeita no muro, o funcionário encontrou um saco plástico escondido em um alçapão, guardando a pintura que estava desaparecida até então.

A pintura, desaparecida desde 22 de fevereiro de 1997, chamou a atenção por seu estado de conservação, apesar de não haver certeza sobre o tempo em que ela estava escondida por trás da portinhola de ferro. Sem a moldura, já que ela havia sido abandonada no topo do prédio durante a ação do roubo, a obra de arte aparenta ser autêntica já que, segundo Massimo Ferrari, diretor da galeria, os selos e o lacre originais da obra ainda estão marcados em seu verso.

Porém, apesar das evidências de que a pintura pode ser a original pintada entre 1916 e 1917 por Klimt, é necessário aguardar sua autenticação que, segundo informado via BBC, ainda está em processo de avaliação. Apesar da situação duvidosa e, no mínimo, estranha, os diretores da Ricci Oddi sentem-se otimistas e acreditam que a obra seja a verdadeira. "Recuperar o Retrato, uma obra intensa e realista, é o melhor presente", afirmou o crítico Vittorio Sgarbi, em entrevista para o *Corriere della Sera*.

A obra era uma homenagem a uma jovem mulher de Viena, próxima ao autor. Inicialmente conhecida por *Portrait of a Young Lady* ("Retrato de uma Jovem Mulher"), a pintura teve seu nome alterado após a morte súbita da modelo, passando a ser conhecida por *Portrait of a Lady*, além de ganhar um novo acabamento por cima da imagem original.

CALIFORNIA MAN PLEADS GUILTY TO SELLING FAKE BASQUIAT & WARHOL ARTWORKS

Could face up to 25 years in prison.



Fabrice Coffrini/Getty Images

Arts/ Mar 11, 2020/ By Keith Estiler

This Tuesday, a Los Angeles federal court charged a 43-year-old man by the name of Philip Righter for selling fake works by Jean-Michel Basquiat, Andy Warhol, Roy Lichtenstein and more. Righter plead guilty to wire and tax fraud alongside identity theft over his attempts to sell the pieces he claimed were originally made by the late legendary artists. He's currently facing up to 25 years in prison alongside art fraud charges in a Florida federal court for executing bogus operations with a local gallery.

Righter falsified documents detailing the provenance of the works and also used fake stamps on those pieces which he sold to unassuming buyers, as per ARTnews. Not to mention, he made fake gallery labels for particular Basquiat works to make them seem that they have been legitimately purchased from New York's Annina Nosei Gallery — a gallery that supported Basquiat throughout the 1980s.

From 2016 to 2018, Righter cheated victims for well over \$6 million USD as per the plea agreement reported by Courthouse News. He used those fake works to attain loans of diverse amounts while also manipulating tax information across numerous documents.

"Hopefully this will send a message from the FBI's Art Crime Team and the United States Attorney's Office that these types of cases will be fully prosecuted," said Erik Silber, a prosecutor from the U.S. Attorney's Office in LA, in a statement to Courthouse News.

AS A MAJOR EXHIBITION OF THE POP ARTIST OPENS IN LONDON, WHERE TO FOLLOW HIS BRUSHSTROKES IN... WARHOL'S WORLD

By ROB CROSSAN FOR THE DAILY MAIL

13 March 2020 | UPDATED: 22:05 GMT, 13 March 2020

. Here's our guide to the best places to dig deeper into the life of Andy Warhol

. The Tate Modern's new blockbuster exhibition of his work opened this week Warhol's long legacy takes in numerous U.S. cities and stretches to Slovakia

Before Andy Warhol's funeral in 1987, many of those gathered in New York to pay tribute genuinely believed that Andy himself might make an appearance at the service.

Such was the strength of belief that the master craftsman of pop culture had decided to invent his own death as yet another original piece of concept art.

But don't count on Warhol turning up at the Tate Modern's new blockbuster exhibition of his work which opened this week either — because if he were alive today, he'd be in his 90s.

There hasn't been a Warhol show at the Tate Modern for nearly two decades and as well as his classic images of Marilyn Monroe and Campbell's soup, there are also works from his Ladies and Gentleman series of Latin drag queens, as well as multi-media footage of his epic 1960s New York party events called *EXPLODING PLASTIC INEVITABLE*. Yet his long legacy goes well beyond Manhattan, taking in numerous U.S. cities and stretching all the way to Slovakia.

Here's our guide to the best places to dig deeper into the life of the man described by his latest biographer Blake Gopnik as the single most influential artist of the last century.



The Tate Modern's new blockbuster exhibition of Warhol's work opened this week. Pictured are the Debbie Harry images he created

PITTSBURGH

He may have hot-footed it to the shinier lights of New York City when he was just 21, but the hard-boiled, hard-working, hard-partying city of Pittsburgh is where Andrew Warhola (he dropped the latter 'a' when he moved to the Big Apple) was born in 1928.

The Andy Warhol Museum (warhol.org, £15.40), which opened a quarter of a century ago, is a quite astonishingly vast enterprise. Spread over seven floors are more than 12,000 of his works, including silk screens of Elvis Presley in full cowboy Western garb, an early love letter sent to him by his first boyfriend Carlton Willers and his primary colour drenched portraits of Mick Jagger and Joan Collins.

You can also see the contents of some of the numerous time capsules which he created throughout the 1970s and 1980s — each one is filled with newspapers, photos and magazines of the time.

Where to stay: The Renaissance Pittsburgh Hotel (mariott.com) has views directly looking out over the bright yellow Andy Warhol Bridge and has doubles from £164 room only.

Getting there: BA (ba.com) flies direct from London Heathrow to Pittsburgh from £281 return.



THE ANDY WARHOL MUSEUM OF MODERN ART IN MEDZILABORCE, SLOVAKIA

Closer to the Ukraine than the Slovakian capital of Bratislava, the minuscule eastern village of Mikova (population: 148) is where Warhol's parents, Andrej Varchola and Julia Zavacky-Varchola, lived before emigrating to America on the eve of World War I. The village church where the two married still stands and is painted bright yellow. Andy never visited Mikova but it's possible that his knowledge of its obscurity may have helped prompt him to famously once state: 'I am from nowhere.'

The nearby town of Medzilaborce has converted its Soviet era post office into an Andy Warhol Museum, which houses Europe's largest collection of Warhol pieces, including ten Campbell's Soup Can prints, a pair of his glasses and his rather garish looking snakeskin jacket.

Where to stay: Hotel Laborec (eurohotel.sk/cennik) is the most professionally run of the unsurprisingly tiny number of accommodation options in Medzilaborce. Doubles from £40.

Getting there: Wizz Air (wizzair.com) flies direct from London Luton to Kosice from where it's a two-hour drive to Medzilaborce.

LOS ANGELES

Down on Sunset Boulevard in West Hollywood, the Revolver Gallery (revolverwarholgallery.com) is where you can (should you have a few thousand dollars at the very least to spare) buy your own original Warhol print — just as Bruno Mars and Coldplay among others have from here since its launch in 2012.

Even if you're, understandably, just browsing, there's over 250 of his works here, all bought by owner Ron Rivlin.

Elsewhere, the Broad art museum on Grand Avenue displays his self-portraits from 1966, alongside some notable works by the avowedly pop-influenced artists who could never have existed without him such as Jeff Koons and Cindy Sherman.

Where to stay: The art deco Sunset Tower Hotel (sunsettowerhotel.com) is just a ten-minute walk from the Revolver Gallery and possesses exactly the kind of mid-20th century glamour Warhol adored — guests have included Clark Gable, Greta Garbo and John Wayne, who once kept a cow on his balcony so his visitors were guaranteed fresh milk. Doubles from £303 room only.

Getting there: British Airways (ba.com) flies from London Heathrow to Los Angeles from £313 return.



NEW YORK

WARHOL BEGAN HIS CAREER AS AN ALBUM SLEEVE DESIGNER IN NEW YORK

Being the city where he began as an album sleeve designer, founded his Factory studio, got shot by a crazed acolyte (and survived), dined, partied, created and died at the age of just 58, the Big Apple is the ultimate Warhol destination.

Start at the Museum of Modern Art (moma.org, £19), which contains more than 100 of his works including his portraits of Marilyn Monroe from 1962 and his iconic Campbell's Soup Can works from the same year.

Then head to the quirky Serendipity 3 diner (serendipity3.com), where a young Andy would regularly devour ice cream sundaes. Don't miss their highly oxymoronic 'frozen hot chocolate', too.

Finally, make a beeline for the Empire State Building (esbnyc.com, £32), the location for Warhol's longest and, many would say, most famously tedious work — his 1964 movie Empire which consisted of nothing but a single shot of the building for eight hours.

Where to stay: The Gramercy Park Hotel (gramercyparkhotel.com) has its own Warhol art collection with his portraits of Joan Collins, Willy Brandt and more currently on display. Doubles from £260 room only.

Getting there: BA (ba.com) flies direct from Heathrow, Gatwick and London City to New York JFK from £245 return.

Tate Modern's Andy Warhol show runs until September and entry is £22 for adults. More info at tate.org.uk

ANDY WARHOL: POP ART'S ULTIMATE ENTERTAINER

A rollercoaster of a show at Tate Modern gives us the man as well as the mythmaker

Jackie Wullschläger MARCH 12 2020 – FINANCIAL TIMES

"If you want to know all about Andy Warhol, just look at the surface of my paintings and films and me, and there I am."

The statement is so famous, banal, easy to dismiss as a Warhol feint of shallowness. Yet Tate Modern does the artist the favour of taking it seriously. The museum's new Warhol retrospective is the most autobiographical, personal and human-scale ever mounted in Europe.

Unfolding Warhol's work as the expression of anxieties about his family background, sexuality, hopes and fears connected to religion and death, Tate presents the man, not the mythmaker. It reveals, the curators say, "an artist who both succeeded and failed".

At its core, assembled in a central, dizzying gallery, are *GREEN COCA-COLA BOTTLES*, *PINK RACE RIOT*, *WHITE BRILLO BOXES*, fluorescent orange *FLOWERS*, a metallic gold *ROUND MARILYN*, *100 CAMPBELL'S SOUP CANS* glaring red, *ELVIS* in thrusting purple trousers, car crashes reiterated in *BLACK AND WHITE DISASTER #4*.

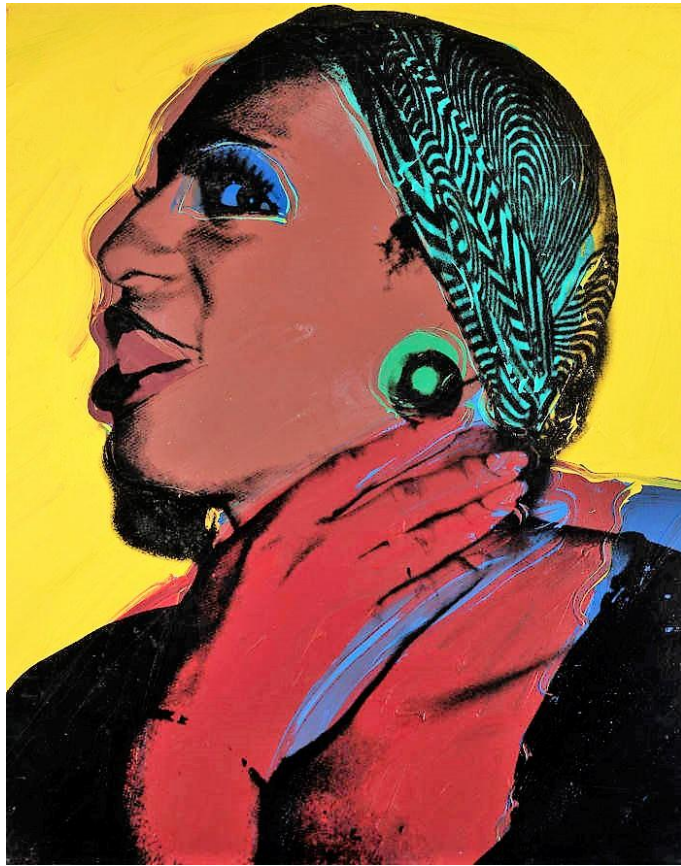
It is a rap on the eyeballs, pulsing shrill colour against grainy monochrome witnesses to tragedy — a spectacle of the thrill, dreams and violent underbelly of postwar America. Thus Warhol anatomised his country in a handful of images as defining and seductive as any made in the 20th century. A queer commercial illustrator nobody wanted became the religious and history painter America hardly knew it needed.



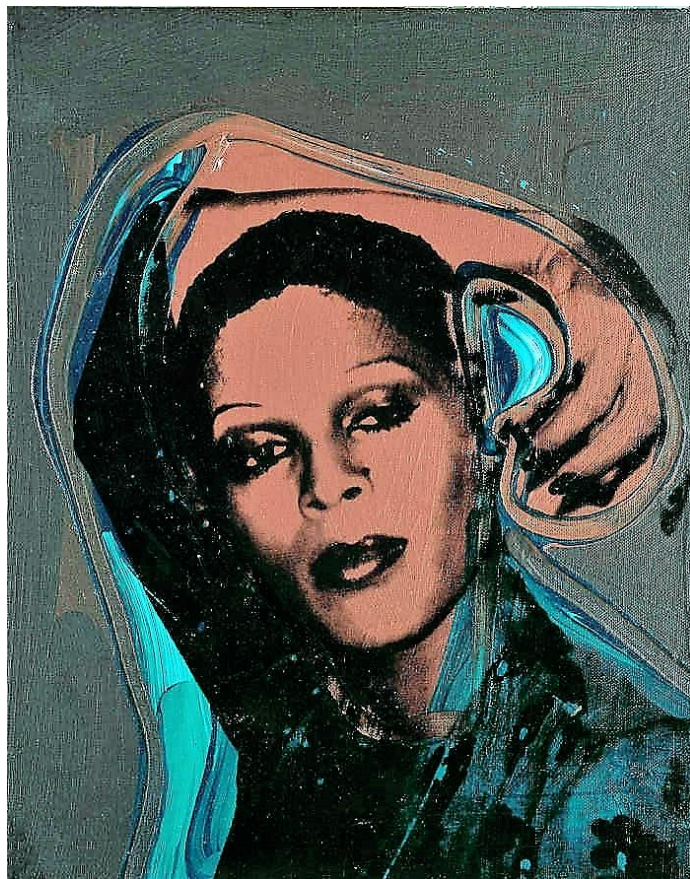
'Debbie Harry', 1980

Everything in the show — everything in Warhol's career, you could say — leads to or flows from such works, made between 1961 and 1966 and displayed together here at Tate Modern. Through photographs and relics, including the folkish series of works called "A Gold Book" on which the young artist collaborated with his Slovakian mother Julia, Tate emphasises his second-generation immigrant background. Perhaps it took an outsider/insider to see America straight.

The lucidity, precision and simplicity of image tied to new ideas about art-making in those brief rushed years still look brilliant, slightly breathless. You feel you are there — from flower-power close-ups of a hibiscus nonchalantly evoking Vietnam protests to glittery Marilyns and macho Elvises celebrating America's religion of celebrity.



'Ladies and Gentlemen (Wilhelmina Ross)', 1975



'Ladies and Gentlemen (Iris)', 1975

With his crisp, screen print/acrylic Coke bottles, Warhol hit a new vernacular of consumer desire in high art: “A Coke is a Coke and no amount of money can get you a better Coke than the one the bum on the corner is drinking. All the Cokes are the same and all the Cokes are good. Liz Taylor knows it, the President knows it, the bum knows it, and you know it.”

In car crashes and race riots in multiple hues, Warhol referenced historical events, appropriating newspaper photographs with a prophetic undertow: that repeated imagery banalised, brutalised. With the *BRILLO BOXES*, he was art’s philosopher: “Given two objects that look exactly alike, how far is it possible for one of them to be a work of art and the other just an ordinary object?”, as the critic Arthur Danto, his smartest apologist, put it.

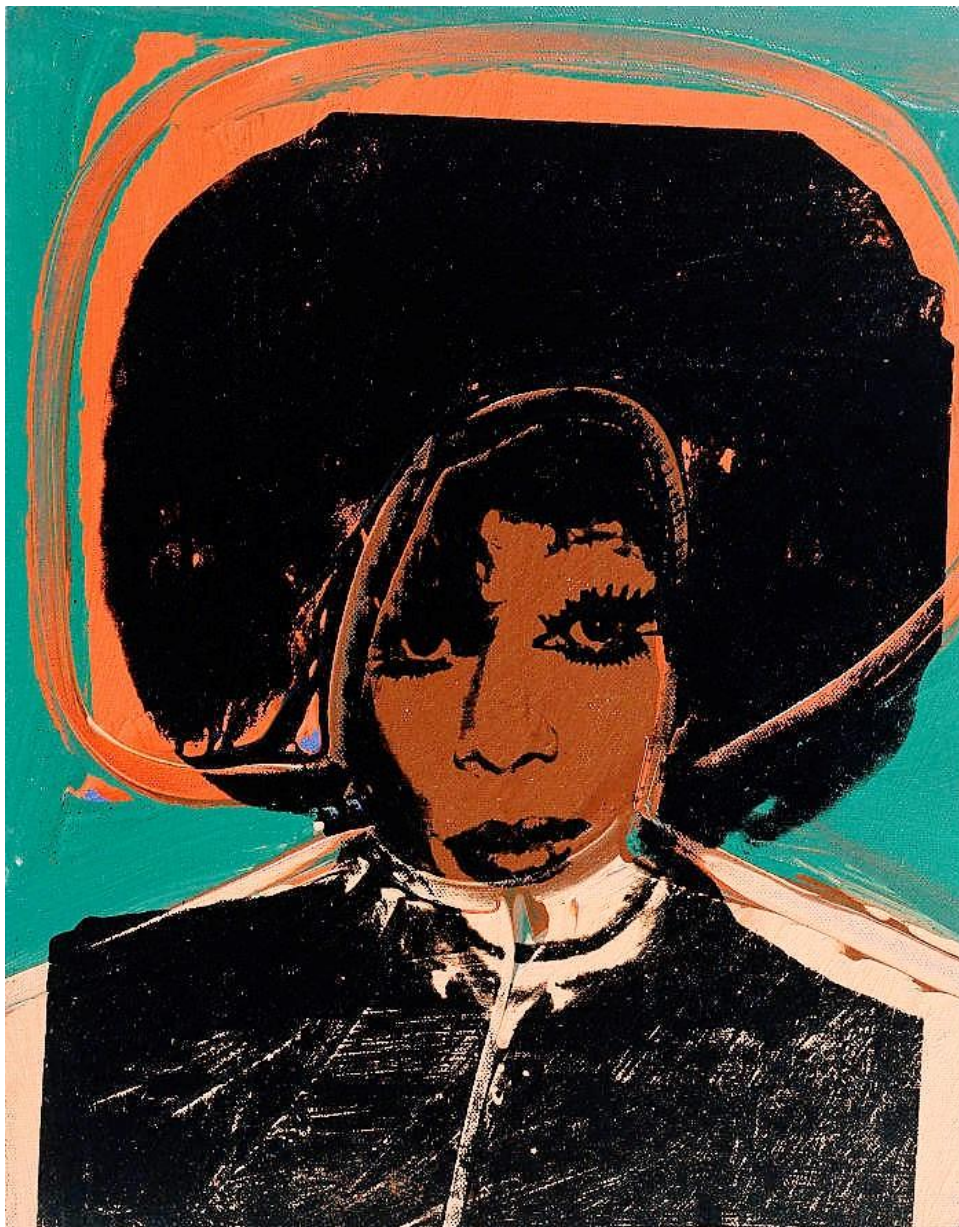


GREEN COCA-COLA BOTTLES, 1962

Conceptual art had never been so entertaining, perhaps because it had never been created by a working-class boy with perfect antennae for mass sensibility. Warhol is the link from intellectual Duchamp to demotic Damien Hirst, and from Byzantine iconography to YouTube.

The golden Marylins secularise icons that the pimply child Andy had gazed on in church; they metamorphose into the pathetic “Screen Tests” of self-indulgent, entitled Hollywood wannabes such as the anorexic heiress Edie Sedgwick. Tate places these alongside the immersive “Silver Clouds” gallery: giant metallic helium balloons, “paintings that float”, Warhol said.

A yearning wistfulness lies at the heart of Warhol’s work. It’s there from the start in *SLEEP*, a lingering nude film portrait of his former lover John Giorno, and rarely displayed 1950s homoerotic ballpoint pen drawings: *KNEELING MALE OVER MALE LOWER TORSO*, *BOY LICKING HIS LIPS*, *BOY WITH FLOWERS*. These open the show, declaring gay identity its key thread.



LADIES AND GENTLEMEN (Helen/Harry Morales), 1975

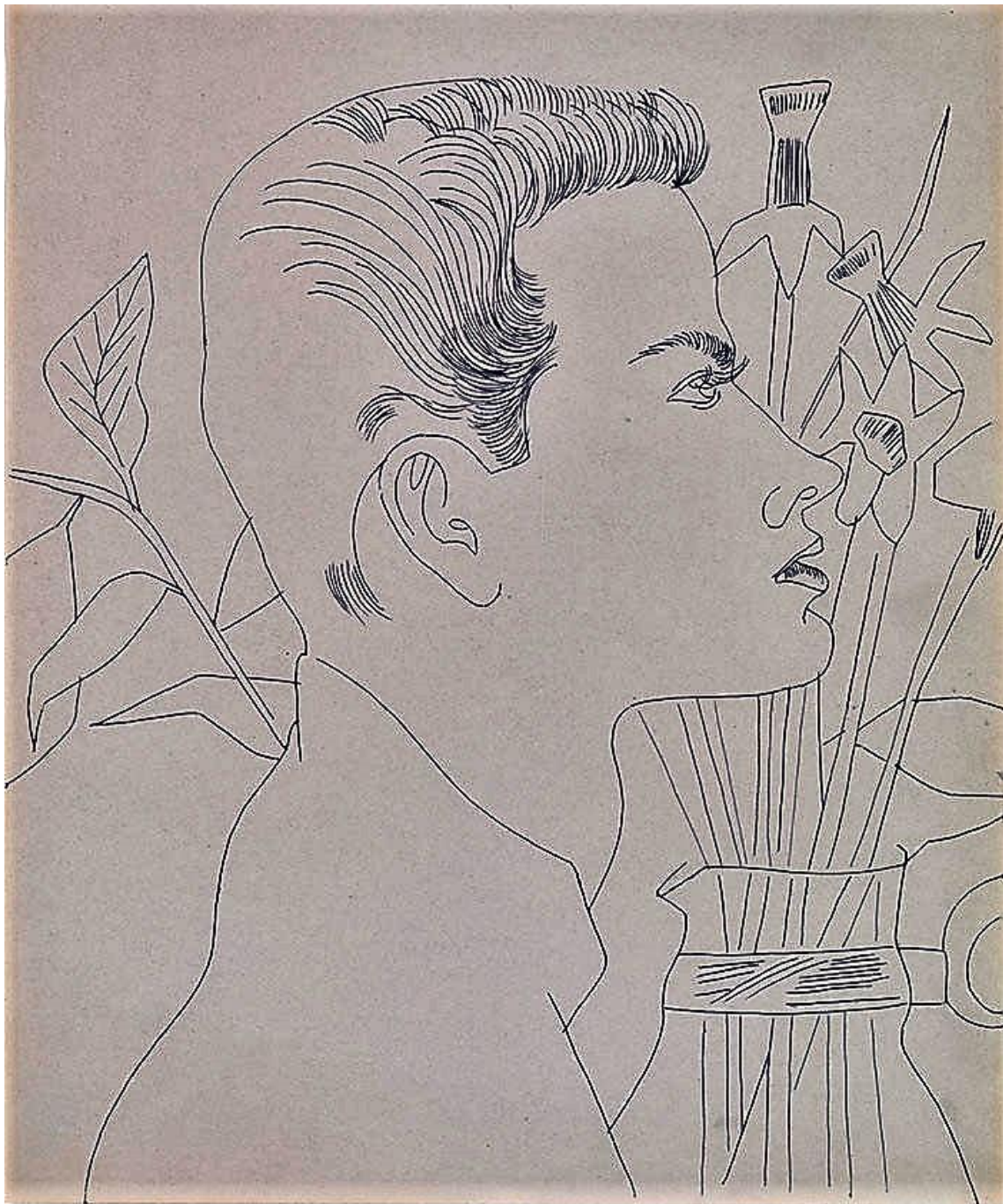


LADIES AND GENTLEMEN (Alphonso Panelli), 1975

Giorno argued that Warhol queered the art landscape, negotiating homophobia “by making the movie *SLEEP* into an abstract painting: the body of a man as a field of light and shadow”.

This formally subversive Warhol mostly gets lost in Tate’s gender-political one, making the show thinner than it could be. There are striking omissions: only one Liz, one Jackie.

And without the decisive Photomat silkscreens *ETHEL SCULL 36 TIMES*, which the Metropolitan Museum curator Henry Geldzahler called “the most successful portrait of the 1960s . . . a new kind of look . . . influenced by the cinema and television”, scant attention is paid to Warhol as technical innovator, seminally appropriating photography. Or to Warhol’s entrepreneurial streak — “making money is art . . . good business is the best art”. This side of his work, which has inestimably impacted artists such as Jeff Koons, is minimised; the show features no dollar bill paintings.



'Boy with Flowers', 1955-57

And Warhol was more ruthless than Tate's vulnerable sweetie pie. Craving fame and money, he folded those lusts into art-making. In the late 1950s he was, as Frederick Eberstadt remembered, "a skinny creep . . . this weird cooley little faggot with his impossible wig . . . sitting there [saying] that he wanted to be as famous as the Queen of England. It was embarrassing."

A few years later, aspiring to Hollywood, Warhol established the Factory in New York City. By 1965, he was boasting at an opening, "We weren't just at the art exhibit. We were the art exhibit." In 1968 Factory hanger-on Valerie Solanas shot Warhol because, she said, "he had too much control of my life".



HAMMER AND SICKLE, 1976



WHITE BRILLO BOXES, 1964

A detailed section contextualises that trauma within Warhol's obsession with mortality. His lament "I wasn't creative since I was shot" is true; intoxication with success also conditioned his faltering, unoriginal later work. Tate gives this excessive weight: the dreary urine/copper "Oxidation Painting", a literal piss-take of abstract expressionism, as well as silkscreen depictions, now strained and glib, such as "Dolly Parton".

We also see two dozen un-inspired "Ladies and Gentlemen" (1975) portraits of black and Hispanic drag queens and trans women. Warhol overlaid their photographs in thick, swirling paint to correlate with their heavy make-up and efforts to be, he said, "an imitation woman of what was only a fantasy woman in the first place".

Fantasy delivered in a cool, hard conceptual language — that was Warhol's 1960s masterstroke. Conceptual artists, from Duchamp to Hirst, tend not to burn long creatively, and Warhol's later repetitions are aesthetically numbing.

Yet Tate wins our sympathy for his personal demons. As the show concludes, pushing "Ladies and Gentlemen" garishness against increasing black/white monochromes — culminating in "Sixty Last Suppers" from 1986, a year before Warhol's death — one senses a coherence in his whole oeuvre, based on a collision of faith, celebrity, egalitarianism, his outsider status.

He conjured what Danto called "a dark world with radiant beings . . . into whose company Warhol sought to insinuate his own ungainly presence, and to make stars of us all."

'Pink Race Riot (Red Race Riot)',
1963

'Andy Warhol' is at Tate Modern,
to September 6; tate.org.uk
All images The Andy Warhol
Foundation for the Visual Arts
Inc/DACS

ANDY WARHOL REVIEW – HURRYING THROUGH THE MASTERWORKS

THE OBSERVER

Tate Modern, London

This big new show stints on Warhol's art, in all its variations, in favour of identity politics and the artist's celebrity-filled world

Laura Cumming

Sun 15 Mar 2020 09.00 GMT





Two versions of Andy Warhol's Debbie Harry, 1980. Photograph: Zachary Balber/© 2020 The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc. / Licensed by DACS, London

Andy Warhol would be 92 this summer, had he not died of post-operative complications in 1987. His soup cans are almost 60, their whites now fading to grey. Few enough people dine daily on Campbell's soup, as he did, for these paintings to sustain their significance as demotic homages any more. The common soup for the common man is recognisable these days mainly as blue chip Warhol.

Tate Modern, in considering how to present the artist for a new generation, has eliminated almost everything that lacks the split-second familiarity that mattered so much to Warhol. His output as a portraitist, for instance, is generously edited. Instead of the dubious sitters – from German industrialists to the Shah of Iran – whose faces he (or his assistants) depicted by production-line rote, we are given only the immortals – Elvis, Marilyn, Jackie – or those still-living stars whose fame survives in our time. Debbie Harry in violet and turquoise, lime and sulphur colour-ways; Mick Jagger in 1975, with the wrong-shaped head and hairdo, in tarry dun and Elastoplast pink, his youthful beauty squandered. There are, after all, good and bad Warhols.

There are also better and worse surveys, and this is decidedly the latter. Its drive is largely biographical, with a particular emphasis on sex. The curators want to quash the old myth of Andy as celibate voyeur, embarrassed by his pocked skin and sparse hair, and tell instead the evolutionary narrative of what's prissily described as his "queer identity". There are many images of the men Warhol fancied, and with whom he had affairs. The very first gallery has a side room in which his 1964 film *SLEEP* is showing. The poet John Giorno, Warhol's lover, is seen naked and sleeping in all his dark beauty, body foreshortened like that of some dead Renaissance Christ.



Mick Jagger, 1975. Photograph: © 2020 The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc. / Licensed by DACS, London

This opening room sets the worshipful tone with relics: family albums; childhood photographs; the passenger manifest recording his beloved mother Julia's arrival from Slovakia at Ellis Island in 1921. You see her again, later, talking in the East Slavic language Rusyn to her son in one of several videos taped in the Manhattan building they shared for years. Warhol did not attend her funeral, however; he was supposed to have become especially death-averse after being shot in 1968 by Valerie Solanas.

Confronted in this show by Richard Avedon's vast black-and-white photograph of Warhol's torso – stitched up, the artist said, like a Chanel dress – that argument feels more simplistic than ever. Warhol poses like a model, parting his leather jacket and pulling down his underwear to bare his body. The swank is as much due to Warhol as Avedon.

Death steals through this show, from the eerie shadows of his Electric Chair sequence, where the restraints lie slack on the ground after the corpse has been removed, to the shocking image of a suicide falling from a building, over and again, in Warhol's trademark repetitions. Here is Pink Race Riot, where you have to peer into the array of

news shots of Birmingham, Alabama, in 1963 to notice the trained dog in the maelstrom. One after the other, the images have become so degraded they are scarcely legible; the dog has more prominence than the victims.

“Everything I do is connected with death,” he said, and it is central to Warhol’s method, the silkscreen prints taking the original photograph to the verge of dissolution with their blurry overlays and fadings, as the ink runs out. This is especially true of widowed Jackie, silver Elvis, the horrifying car crashes and Marilyn, dwindling from colour to ashen grey. Warhol began making these paintings immediately after her death; they have the status of exequies.

But the power of these classics is appallingly undermined at Tate Modern. The curators have selected one painting from each series – as if they were mere tokens – and jammed them indiscriminately together in a single room like miscellaneous merchandise at the Affordable Art Fair. You cannot stand at any distance from them, noticing their qualities and distinctions, absorbing their unique combination of graphic magnificence and froideur, their weird force of personality. And the *BRILLO BOXES* are heaped like coal in a corner, behind a cordon, so you can’t walk round them appreciating their double life as both paintings and sculptures.

There is a sense of hurrying through the masterworks to get back to the story. And, sure enough, far more attention is given to mocking up the Factory in the next room. Here the silver walls reflect Steve Shore’s famous shots of Andy and Lou and emaciated Edie et al, hanging out among the original silver walls.



The Screen Tests – where everyone is forced to sit still, or not, before Warhol’s camera – are an evergreen fascination. Dylan licks his lips, Debbie breaks into a smile, William Burroughs drags on a surprisingly senatorial cigar. Each portrait starts out as a still but quickens into suspenseful drama.



Andy Warhol's Ladies and Gentlemen, 1974.

FacebookTwitterPinterest Andy Warhol's Ladies and Gentlemen, 1974. Photograph: © 2020 the Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc/Licensed by Dacs, London

But then it's back to old copies of Interview magazine, clips from home movies, photographs of Warhol on the Manhattan party scene, on television, as gossip column editor. Three of his wigs, white with creepy black under-hair, are laid out like dead creatures in a case. At times it feels as if the biography is taking over, the art an epiphenomenon to the overwhelming fame.

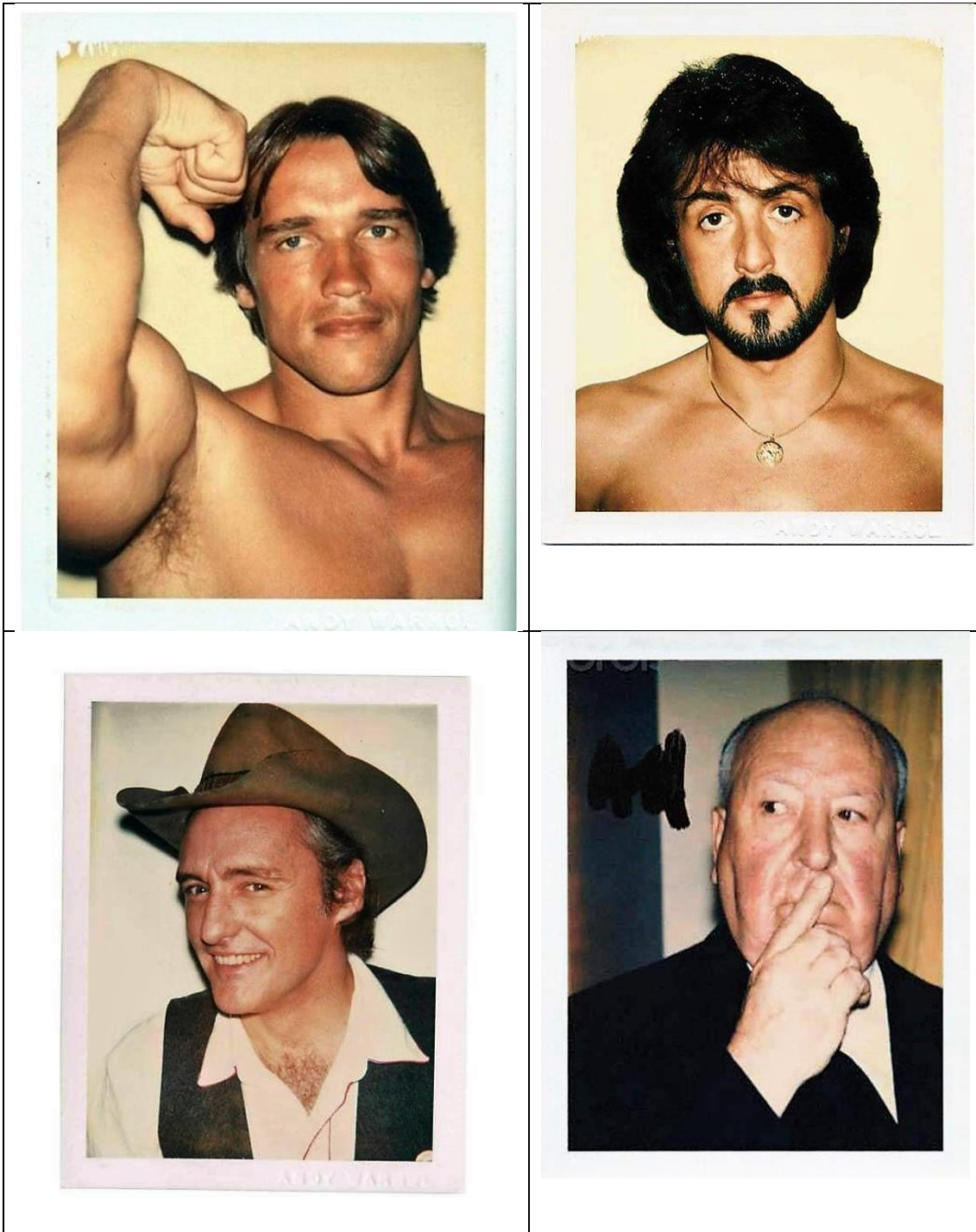
There are exceptions, specifically the gallery devoted to the 1975 series Ladies and Gentlemen. These portraits of drag performers from New York nightclubs are life-size, rapturous in their exuberant whorls and shifts of colour. One sitter, only known as Lurdes, is portrayed with such ecstatic sweeps that the features seem to melt; as if both subject and artist were getting out of their heads.

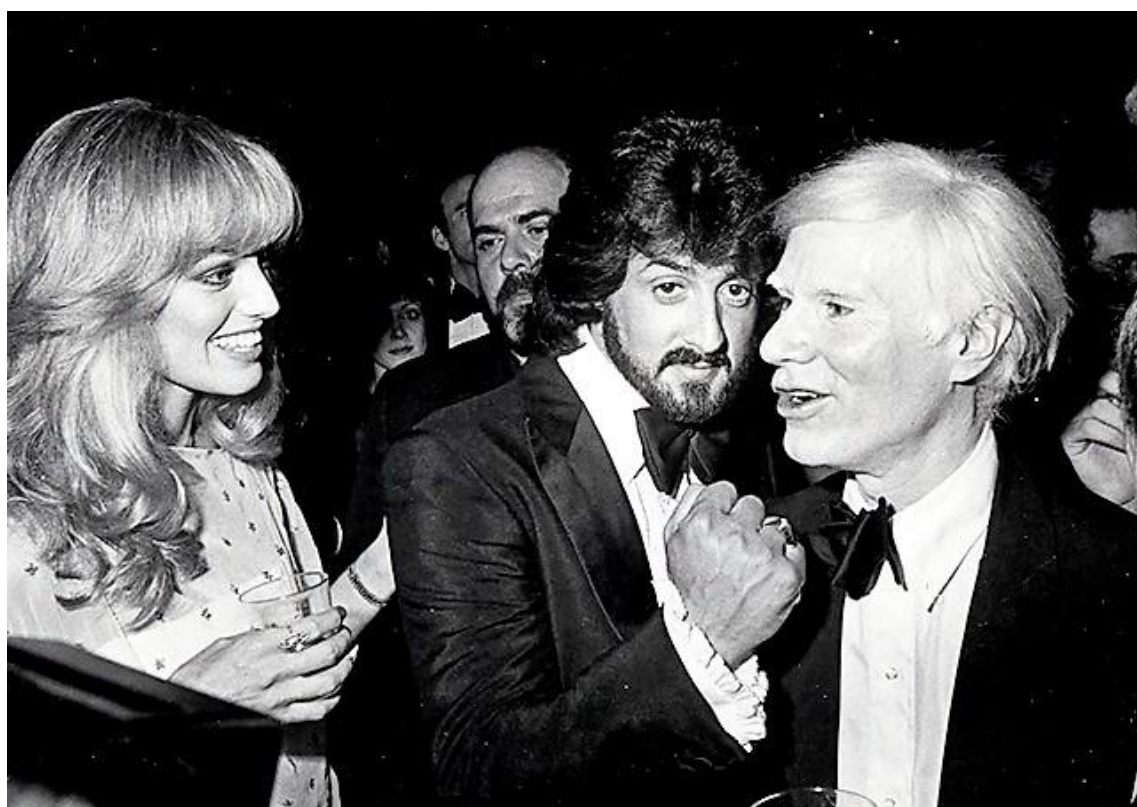
A wall text frets over the correct terminology – not knowing how Lurdes might have self-identified. But about Warhol himself there hardly seems much doubt. Blake Gopnik's newly published biography– necessarily monumental, given the prodigious scale of Warhol's social and professional life – makes his proclivities plain – plain as the art itself, with its lavish love of male beauty.

The curators appear slightly wistful that they cannot make a queer activist of Warhol. In the final gallery, 60 black-and-white prints of Leonardo's *The Last Supper* are presented in sombre but glamorous lighting – a memorial wall, or so runs the wishful caption, invoking those who have died of Aids-related illnesses. But the work was commissioned by a Milan gallery in response to the restoration of *The Last Supper*; a print of it hung in Julia's kitchen; and Warhol rarely missed mass. You can cut the deck another way.

SIXTY LAST SUPPERS is ultimately as affectless as Warhol so often wants to be. That it gets an entire gallery to itself exposes the flaws of this slight and ill-selected show. Stint on the art, in all its variations, in favour of identity politics and you get exactly the kind of zeitgeist pieties that would surely have bored Warhol himself.

- Andy Warhol is at Tate Modern, London, until 6 September

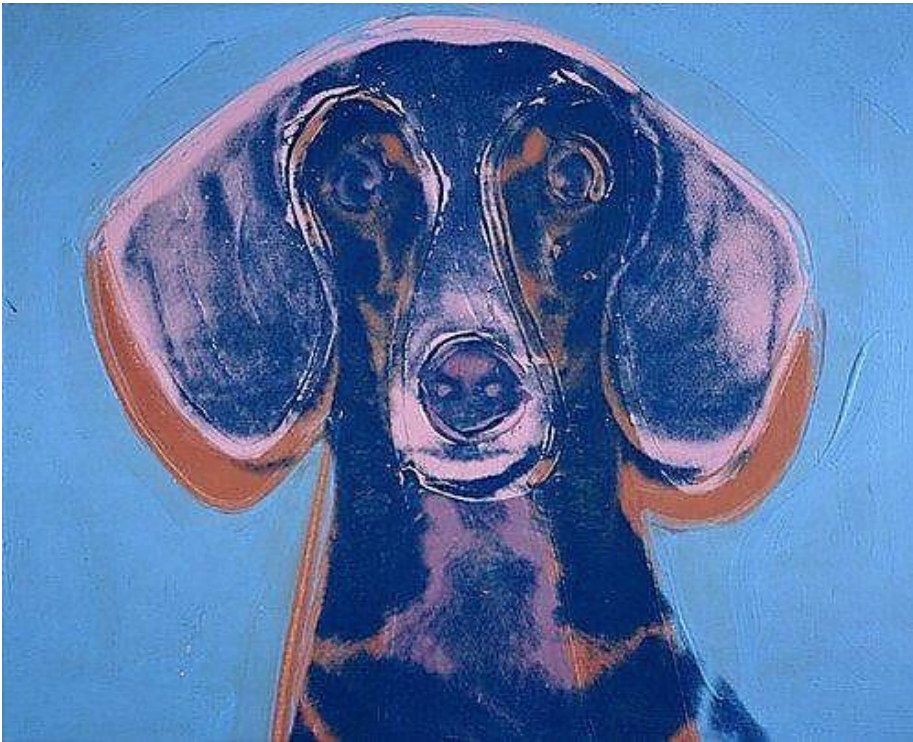




Andy Warhol



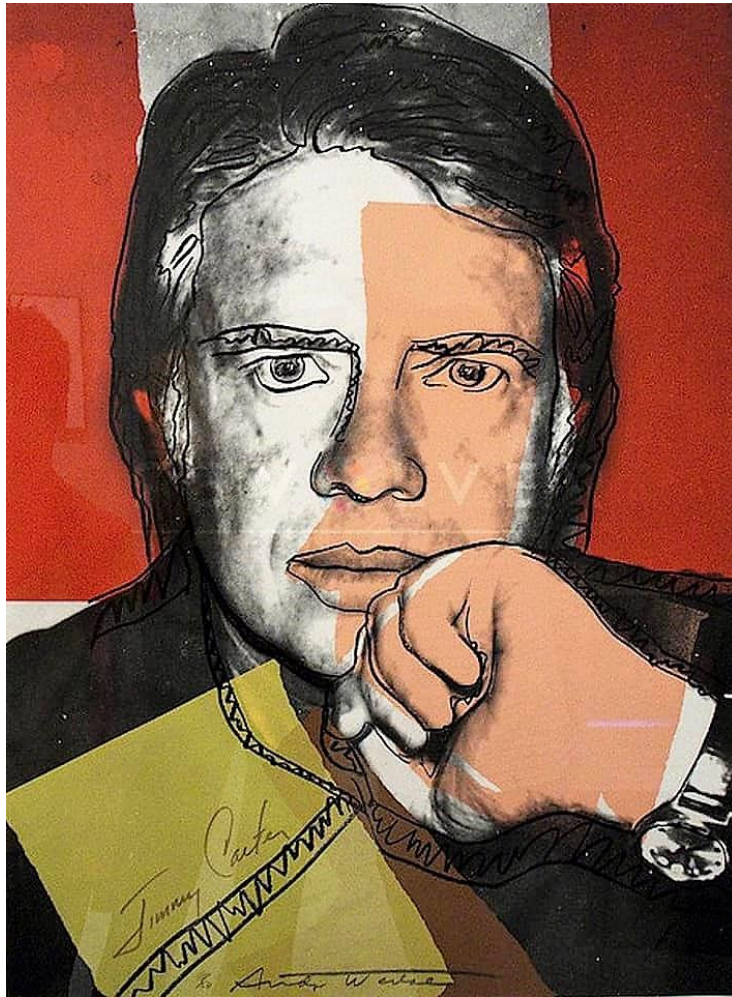




Andy Warhol – *PORTRAIT OF MAURICE*



GANDY WARRIOR



THE NUN,
Bergman, by Andy Warhol,
1983. Screen print on Lenox
Museum Board.

Ingrid



2020 – 5 DE MARÇO

Ainda não tenho livros suficientes de Andy Warhol para fazer um Museu, enquanto isso pinga na mão a edição americana original deste livro tipo "Todas as festas que rolaram" com papos da seminal *Crawdaddy!* e de gente tão esquisita como Lester Bangs. Ganhei trintão de desconto na Escambo e não resisti em provar dessa banana.

LONG-LOST FOOTAGE FROM ANDY WARHOL'S FACTORY SURFACES

By Carlos Greer March 17, 2020

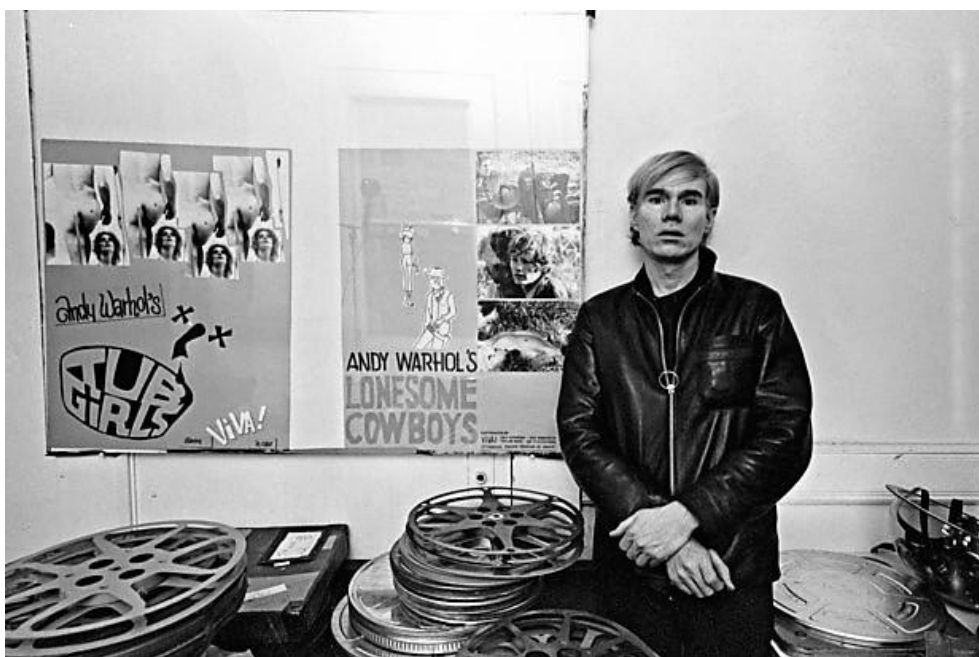
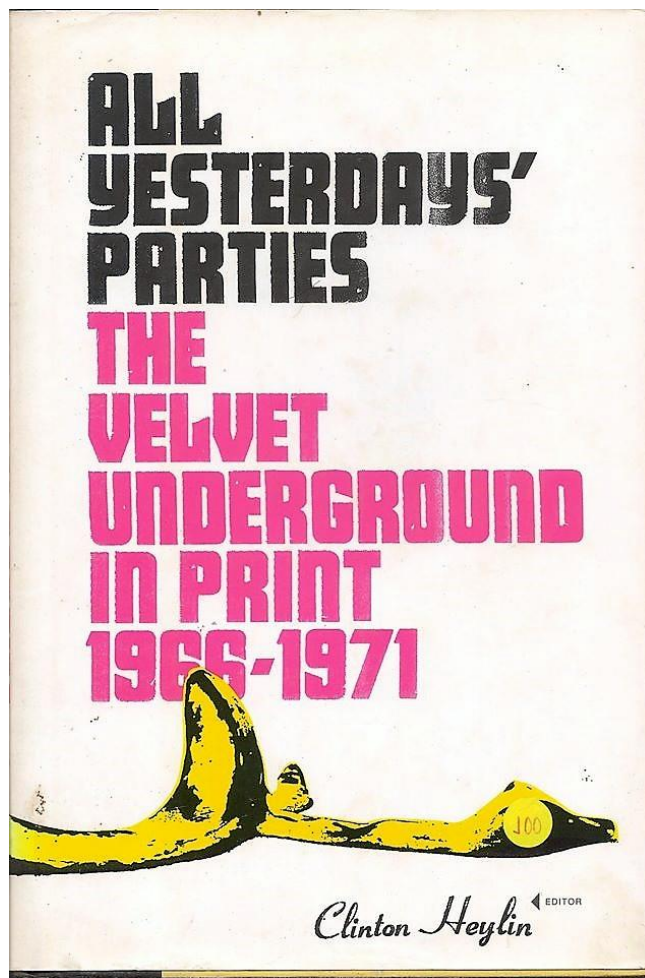
Long-lost footage from Andy Warhol's Factory — featuring Lou Reed, Diana Vreeland and Paloma Picasso — has finally seen the light of day.

The film was shot by Warhol assistant Ronnie Cutrone, who left it to photographer Roger Moenks in his will before he died in 2013. Moenks screened it Friday for a VIP panel for George Wayne's podcast, "Georgie Whirl."

The footage also includes John Waters, Mick Jagger and an X-rated scene of artist Victor Hugo.

"It's insane stuff. It's the Holy Grail of Warhol arcana!" Wayne said. "Not even the Warhol Museum bigwigs have ever seen this footage."

Andy Warhol at the Factory
Getty Images



Tiina Lagus e outras 13 pessoas reagiram à sua publicação no grupo **Andy Warhol's Factory**.

 8m



Robin Sutton e **Rosa Monde** curtiram sua publicação no grupo **Andy Warhol's Factory**.

 4m

Ntina Lentzou e outras 8 pessoas reagiram à sua publicação no grupo **Andy Warhol's Factory**.

 1 min

Robert Stack e outras 21 pessoas reagiram à sua publicação no grupo **Andy Warhol's...**

 3m



José Gurgel, Gabriel Roman e **Maurício Kozak** adicionaram aos próprios stories.

13m

Robin Sutton e outras 3 pessoas reagiram à sua publicação no grupo **Andy Warhol's Factory:...**

 13m



JC CC, Dean Allison e **Suzanne Morris** comentou na sua foto no **Andy Warhol's...**

 24m

